A

A BATALHA DE O ARMAGEDOM

ESTUDOS
NAS
ESCRITURAS

"O caminho dos justos é como a luz resplandecente, que brilha cada vez mais até o dia perfeito."

SÉRIE IV

A Batalha de O Armagedom

"E o sexto anjo derramou sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a água dele
secou, para que o caminho dos reis do Oriente fosse preparado. E vi três espíritos impuros... os espíritos de demônios, realizando milagres, indo até os reis da terra e de todo o mundo, para reuni-los para a batalha daquele grande dia de Deus Todo-Poderoso.
...E ele os reuniu em um lugar chamado, na língua hebraica, O Armagedom."
Apocalipses 16:12-16

[publicado originalmente em 1897]

Ao Rei dos Reis e Senhor dos Senhores

EM NOME

SEUS “SANTOS”

CONSAGRADOS, QUE

AGUARDAM A ADOÇÃO, –E DE–

“TODOS OS QUE, EM TODOS OS LUGARES,
INVOCAM O SENHOR”,

“A FAMÍLIA DA FÉ”, –E DE–

A CRIAÇÃO QUE GEME, EM DOR DE PARTO E
AGUARDANDO A

MANIFESTAÇÃO DOS FILHOS DE DEUS,

ESTA OBRA É DEDICADA.

“Para que todos vejam qual é a comunhão do mistério que, desde o princípio do mundo, esteve oculto em Deus.”
“No qual ele nos abençoou com toda a sabedoria e prudência. Tendo-nos dado a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o seu bom prazer, que ele propôs em si mesmo. Para que, na dispensação da plenitude dos tempos, ele reunisse todas as coisas em Cristo.”
Efésios 3:4, 5, 9; 1:8-10

Escrito em 1886 pelo Pastor Russell

PREFÁCIO DOS EDITORES

Estamos felizes em, em cooperação com os muitos amigos deste e de outros volumes de "Estudos nas Escrituras", disponibilizar novamente o Volume IV.

Em um momento em que as condições mundiais — em nível nacional, político e religioso — encontram-se em um estado tão caótico como o atual, parece apropriado que este livro, A BATALHA DO ARMAGEDOM, seja republicado. Embora se admita que as notícias, opiniões editoriais e estatísticas, etc., citadas estejam um tanto desatualizadas, elas ainda assim têm grande valor no contexto do esboço da verdade profética apresentado pelo autor. Elas ajudam o leitor a compreender de forma mais abrangente as tendências mundiais que, ao longo dos anos, gradualmente conduziram e culminaram na atual agitação mundial entre homens e nações.

Somente uma grande fé no cumprimento das profecias bíblicas e uma compreensão abrangente dessas profecias poderiam capacitar o autor a analisar com tanta ousadia e precisão o significado de eventos ocorridos há tantos anos e apontar seu desfecho como sendo as turbulências internacionais que o mundo tem testemunhado desde o memorável ano de 1914. Nós o divulgamos com a esperança e a oração de que ajude muitos a se apegar mais firmemente às verdades da Palavra de Deus e a serem guiados com maior precisão por suas profecias.

OS EDITORES

A Batalha do Armagedom

PREFÁCIO DO AUTOR

A PRIMEIRA EDIÇÃO deste volume foi publicada em 1897. Ela trata da época final da era evangélica, da sobreposição entre ela e a Nova Dispensação — um período que traz ao mundo bênçãos maravilhosas, as quais, por sua vez, devido à falta de preparação do coração, tornam-se cada vez mais causas de atrito, descontentamento e problemas. Se as bênçãos dos últimos 43 anos continuassem no ritmo atual de crescimento, o descontentamento da humanidade também aumentaria, e o próprio propósito de Deus ao estabelecer o Reino do Messias e abençoar a humanidade por meio dele seria frustrado.

Por essa razão, Deus permite que a Aurora milenar chegue ao mundo gradualmente. À medida que os homens despertam do torpor do passado, eles não consideram o Senhor nem reconhecem Sua graça em relação às bênçãos presentes e futuras. Estimamos que esses 43 anos trouxeram à humanidade mil vezes mais riqueza do que a criada durante os seis mil anos anteriores. A melhoria das condições de toda a humanidade nas terras civilizadas, a redução das horas de trabalho etc. são contrabalançadas por um maior conhecimento e pelo descontentamento que vem com ele. Isso está em harmonia com a declaração do Senhor a respeito deste tempo. Descrevendo nossos dias na profecia de Daniel, Ele diz: "Muitos correrão de um lado para outro, e o conhecimento aumentará." "Os sábios compreenderão", "E haverá um tempo de angústia como nunca houve desde que existe uma nação." Daniel 12:1-4, 10.

Em outras palavras, o aumento do conhecimento é responsável pelo aumento do descontentamento e do medo que estão trazendo o Armagedom, ou o Dia da Vingança de Deus, sobre o mundo inteiro. Na grande guerra atual, vemos que as grandes nações têm temido a prosperidade umas das outras.

Prefácio do autor

Embora todos tenham se tornado fabulosamente ricos, todos estão mais insatisfeitos do que nunca e mais temerosos de que algo aconteça para impedir seu enriquecimento e desviar os fluxos de riqueza para os portos dos concorrentes. O medo mútuo determinou que a guerra tivesse que acontecer, e o momento atual foi escolhido como a oportunidade mais propícia, antes que os mais fracos se tornassem fortes demais. O mesmo espírito se manifesta em toda parte – ingratidão pelo presente e pelo passado, medo do futuro e um egoísmo que dá pouca importância à Regra de Ouro. O conflito entre capital e trabalho segue essa linha, e devemos esperar que tais coisas piorem rapidamente.

Afirma-se com autoridade que as dívidas das nações beligerantes somam 55 bilhões de dólares – uma quantia que, é claro, nunca poderá ser paga em ouro; e todos sabem que não há ouro suficiente para pagar os *juros* das dívidas mundiais. Isso significa falência – assim que a guerra terminar e a emissão de títulos deixar de fornecer dinheiro para o pagamento dos juros de outros títulos. As nações estão, assim, caindo no abismo da falência, mas acontece com elas o mesmo que com um ser humano em queda: as sensações não são tão ruins até que a queda cesse em uma concussão desmoralizante. Evidentemente, a guerra não cessará por falta de homens para atirar e ser alvejado, mas sim por falta de alimentos ou por fraqueza financeira. A opinião do autor é que será a última hipótese.

Já os reis — políticos e financeiros — e seus conselheiros encontram-se em grande perplexidade quanto ao que deve ser feito após o fim da guerra para impedir uma revolução mundial dos descontentes. Vinte milhões de homens atualmente sob as armas precisarão de emprego. Suponha que um quarto deles seja mantido no exército; o que será feito com os três quartos restantes? Essa é a questão que está intrigando muitos dos sábios do mundo. O mundo está se virando sem eles agora e também produzindo vastas quantidades de material militar e munição. Evidentemente, ele poderia se virar sem esses vinte milhões de homens

por completo. Desprezando a vida humana, eles serão, em maior ou menor grau, uma ameaça em todas as nações. Os britânicos estão se preparando para incentivar seu excedente a se tornar agricultores no Canadá e na Austrália. Outras nações estão, sem dúvida, seguindo um caminho semelhante, na medida do possível. Mas todas elas percebem que terão muito trabalho para lidar com a situação.

A Bíblia aponta que, por volta dessa época, os sistemas da Igreja Nominal do mundo voltarão a ganhar grande destaque em conexão com os poderes civis. Podemos ver facilmente os motivos para isso. Todos os reinos, financeiramente enfraquecidos, perceberão a necessidade de manter um controle dominante sobre o público e impedir qualquer coisa semelhante ao socialismo e à anarquia. Naturalmente, elas recorrerão às grandes instituições religiosas chamadas Igrejas para que as apoiem, para ameaçar o povo com tormentos futuros e, em geral, para ajudar a impedir que o navio do Estado naufrague. As igrejas também estarão prontas e felizes com tal oportunidade. Elas já estão se unindo como um pergaminho — de um lado, a Igreja Católica; do outro, a Protestante, opostas e, ainda assim, conectadas — cada lado unido e federado da melhor maneira possível.

Mas a Bíblia declara que esse reinado "como rainha" será breve e que a queda de Babilônia será tremenda — como uma grande pedra de moinho lançada ao mar. Será durante o poder dessa chamada "rainha", por um pouco de tempo, que o mundo estará sob grande pressão no que diz respeito a qualquer apresentação da Verdade. E aqueles que se mostrarem leais a Deus e aos princípios, sem dúvida, sofrerão por isso.

No momento da queda de Babilônia, os poderosos da terra — príncipes e reis financeiros e políticos — permanecerão à distância, evitando uma afiliação muito próxima a ela, embora lamentem profundamente sua destruição, percebendo que isso prenuncia a sua própria ruína. Então, em breve, ocorrerá a derrubada e a destruição completas dos atuais governos gentios, simbolicamente representados na Bíblia como um

grande incêndio que consumirá toda a Terra — todas as instituições — religiosas, sociais, políticas e financeiras.

Considerando que este volume foi escrito há vinte anos, ninguém deve se surpreender ao constatar que algumas de suas afirmações, embora surpreendentemente contundentes, hoje ficam aquém da verdade plena. Por exemplo, a riqueza mundial multiplicou-se consideravelmente nesses vinte anos. Os conglomerados de capital aumentaram significativamente em capitalização, poder e influência. Estima-se que, nos últimos quatro anos, o capital dos Estados Unidos tenha crescido a uma taxa de dez bilhões por ano.

Neste volume, foi apontado que, embora os trustes, na época em que o texto foi escrito, fossem mais benéficos do que prejudiciais, esses gigantes — nascidos da avareza e construídos com base no interesse próprio — acabariam se tornando uma ameaça, um perigo para o povo e seus interesses. Chegamos a esse momento, e muitos estão percebendo que o perigo está sobre nós. Nada de mal pode ser feito enquanto a máquina estiver funcionando bem e sob controle; mas quando chegar o momento em que os interesses dos administradores e capitalistas estiverem em direção oposta aos interesses de seus funcionários e do público, então cuidado! Lembrem-se da Palavra inspirada — de que este será "um tempo de angústia como nunca houve desde que existe uma nação".

Como nos alegramos que a situação extrema do homem neste Tempo de Angústia seja a oportunidade do Senhor! Ele está esperando para ser misericordioso. Ele deseja derramar sobre a humanidade as bênçãos do Reino Milenar por mil anos, para que ela seja elevada das condições de pecado e morte de volta à imagem e semelhança de Deus. Ele prevê que eles devem primeiro aprender suas lições. Ele já demonstrou isso àqueles que têm olhos para ver, concedendo mais de quarenta anos do período da Aurora — que, no entanto, em vez de trazer bênçãos e felicidade ao mundo, trouxe cada vez mais descontentamento. O Senhor permitirá agora que a humanidade siga

até o fim na execução de seus próprios planos e esquemas. Ele permitirá que demonstrem a futilidade de todos esses esquemas e que nada, a não ser a intervenção divina, os salvará de destruir toda a estrutura da sociedade. De fato, Ele permitirá a ruína e, então, reorganizará a humanidade sob o Messias; pois Ele promete que Seu Reino será "o desejo de todas as nações". Ageu 2:7

Seu servo no Senhor, Charles T.
Russell

Brooklyn, N.Y., 1º de
outubro de 1916

PREFÁCIO

A BATALHA DO ARMAGEDOM

"E o sexto anjo derramou sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a água dele secou, para que fosse preparado o caminho dos reis do Oriente. E vi três espíritos impuros, semelhantes a rãs, saindo da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta. Pois são espíritos de demônios, que fazem milagres, e vão até os reis da terra e de todo o mundo, para reuni-los para a batalha daquele grande dia de Deus Todo-Poderoso. Eis que venho como um ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu e não se veja a sua vergonha. E ele os reuniu num lugar chamado, na língua hebraica, O Armagedom. −Apocalipses 16.12-16.

O Armagedom é uma palavra hebraica que significa a Colina de Megido, ou o Monte da Destruição. Megido ocupava uma posição muito marcante na borda sul da Planície de Esdraelon e dominava uma importante passagem para a região montanhosa. Essa localidade foi o grande campo de batalha da Palestina, onde foram travadas muitas das famosas batalhas da história do Antigo Testamento. Lá, Gideão e seu pequeno grupo alarmaram e derrotaram os midianitas, que se destruíram uns aos outros durante a fuga. (Juízes 7:19-23) Lá, o rei Saul foi derrotado pelos filisteus. (1 Samuel 31:1-6) Lá, o rei Josias foi morto por Faraó-Neco em um dos conflitos mais desastrosos da história de Israel. (2 Crôn. 35:22-25) Lá também viveram o rei Acabe e sua esposa Jezabel, na cidade de Jezreel, onde Jezabel mais tarde teve uma morte horrível. — 2º Reis 9:30-37.

Essas batalhas foram, de certa forma, típicas. A derrota dos midianitas libertou o povo de Israel da escravidão a Midiã. Assim, Gideão e seu grupo simbolizaram nosso Senhor e

a Igreja, que devem libertar a humanidade de sua escravidão ao pecado e à morte. A morte do rei Saul e a derrubada de seu reino pelos filisteus abriram o caminho para o reinado de Davi, que simbolizava o Messias. O rei Acabe simbolizava o governo civil, simbolicamente chamado de "Dragão" no Apocalipse. A rainha Jezabel simbolizava a grande prostituta, Babilônia, e, como tal, é mencionada pelo nome. "Tu permites que aquela mulher Jezabel, que se diz profetisa, ensine e seduza os meus servos." Apocalipses 2:20, 16:12-16.

Nas Escrituras, o Senhor evidentemente considerou oportuno associar o nome desse famoso campo de batalha, o Armagedom, à grande controvérsia entre a Verdade e o Erro, o certo e o errado, Deus e Mamom, com a qual a era evangélica chegará ao fim e a Era Messiânica será inaugurada. Ele usou propositalmente uma linguagem altamente simbólica no último livro da Bíblia, evidentemente com o objetivo de ocultar certas verdades importantes até o tempo devido para sua revelação. Mas mesmo no tempo devido, "Nenhum dos ímpios compreenderá; mas os sábios compreenderão" (Dn 12:10). Ninguém que não esteja
em harmonia de coração com Deus saberá; mas somente os sábios entre Seu povo — a classe das virgens sábias da parábola do mestre. — Mt 25:1-13.

Ao considerarmos nosso texto, portanto, não devemos esperar qualquer reunião literal do povo no Monte de Megido. Em vez disso, devemos buscar o que é simbolizado por essa montanha. Muitas coisas estão sendo chamadas de "A Batalha do Armagedom"; essa expressão está sendo usada de várias maneiras e sob diversos pontos de vista. Mas os cristãos compreendem que essa palavra O Armagedom pertence especialmente à Bíblia, onde é usada em sentido espiritual. Se, portanto, o presente é um momento oportuno para considerar a Batalha do Armagedom de um ponto de vista político, certamente é o momento adequado para considerar o termo a partir de seu verdadeiro ponto de vista religioso.

Todos sabemos que o livro do Apocalipse está repleto de símbolos. Deus parece ter colocado este livro em último lugar na

Bíblia com a intenção de ocultar verdades grandiosas e importantes. Que ele contenha verdades valiosas é opinião de todos os estudiosos da Bíblia. No entanto, Deus ocultou essas verdades com tanta habilidade que Seu povo, em tempos passados, não foi capaz de discerni-las plena e claramente. Os estudiosos da Bíblia acreditam que essa tem sido a intenção divina, não apenas porque essas verdades não deveriam ser compreendidas, mas porque Deus pretende manter certos aspectos de Sua Verdade ocultos do mundo. A humanidade sempre interpretou mal o Plano Divino; pois Deus, em Sua sabedoria, deseja que ela o interprete mal. As verdades registradas no Apocalipse não são para o mundo, nem para os cristãos nominais, mas para a Igreja — o Corpo de Cristo, os santos — "a Igreja dos primogênitos que estão inscritos nos céus". Para estes, o conhecimento se tornará "alimento na época certa". "Os sábios compreenderão."

As Escrituras estão repletas de alusões ao Armagedom. Nosso Senhor Jesus o chama de "grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá" (Mt 24,21). O profeta Daniel o descreve como "um tempo
de angústia, como nunca houve desde que existe uma nação, até aquele mesmo tempo" (Dn 12,1). Em estreita conexão com essa afirmação, Daniel declara que o Representante de Deus, "Micael, se levantará, o grande Príncipe que defende os filhos de Israel. A palavra "Micael" significa
"Aquele que é como Deus" — o Ser Divino. Ele se levantará pela salvação do povo de Deus, pela retificação do erro e da injustiça, pelo estabelecimento do bem e da verdade, para trazer ao mundo da humanidade o grande Reino de Deus, que vem sendo pregado desde os dias de Abraão.

O MOMENTO DO ESTABELECIMENTO DO REINO DO MESSIAS

O Apocalipse de São João, por ser um livro de símbolos, não será compreendido pelo mundo. O próprio Deus disse que somente em um determinado momento até mesmo a Igreja poderá esperar compreendê-lo. Quando o profeta Daniel perguntou sobre o significado de sua visão, o anjo respondeu: "Vá em paz,

Daniel: pois as palavras estão ocultas e seladas até o tempo do fim" – não o fim do mundo, mas o fim da Era – o fim desta Dispensação. "A terra permanece para sempre. −Ecl. 1:4.

São Pedro nos diz que esta Era terminará em uma grande conflagração – simbólica do Tempo de Angústia, no qual as instituições atuais serão engolidas. (2 Pedro 3:8-13) Em outras passagens das Escrituras, esse terrível Tempo de Angústia é simbolicamente representado como uma tempestade, como um redemoinho, como um fogo, para consumir tudo. Depois que a ordem atual tiver passado no grande Tempo de Angústia, o próprio Deus estabelecerá seu Reino – aquele pelo qual oramos: "Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu."

Se, então, há algo que indique que estamos vivendo no fim da era evangélica, algo que indique que as Virgens estão preparando suas lâmpadas, podemos ter certeza de que o tempo para as Virgens Sábias entrarem na glória está próximo. Que mensagem abençoada é esta para "todos os que amam a Sua vinda"!

Na mesma profecia que diz que o tempo do fim é o tempo em que os sábios diante de Deus compreenderão, nos é dito que esse tempo será marcado especialmente por duas características específicas: primeiro, "Muitos correrão de um lado para outro"; segundo, "O conhecimento aumentará" (Dn 12:4).
Hoje vemos essa profecia se cumprindo. Em todo o mundo, as pessoas correm de um lado para outro como nunca antes. Ferrovias, barcos a vapor, automóveis, carros elétricos — de superfície, metrô e vias elevadas — etc., transportam a humanidade para todos os lugares. O aumento geral do conhecimento caracteriza nossos dias maravilhosos. Toda criança de dez anos sabe ler. Em todo o mundo há livros, jornais e Bíblias em todos os lares — oportunidades de conhecimento como nunca se viu desde que o homem está na Terra.

O notável cumprimento dessa profecia marca nossa época como o tempo do fim, em que a atual Dispensação é

a ser concluída e a Nova Dispensação a ser inaugurada — o tempo em que o povo de Deus será capaz de compreender a situação e se preparar para a mudança.

PRINCÍPIOS, E NÃO INDIVÍDUOS, EM DISCUSSÃO

Todos os cristãos atribuem o livro dos Apocalipses ao nosso Senhor, assim como faz São João. (Ap. 1:1) Portanto, não somos responsáveis pelo simbolismo utilizado nesse livro. Há tantas maneiras pelas quais alguém pode ser mal interpretado, mesmo por bons cristãos, que naturalmente sentimos certa delicadeza ao expressar nossas opiniões. À medida que avançamos na exposição de nossa compreensão dos símbolos do Apocalipse, desejamos afirmar com a maior ênfase que não estamos dizendo absolutamente nada contra cristãos piedosos em lugar algum, em nenhum momento, seja dentro de qualquer igreja ou fora dela. Não temos nada a dizer a respeito de pessoas. Discutimos PRINCÍPIOS, DOUTRINAS, SEMPRE; indivíduos, NUNCA! Deus não nos encarregou de discutir *pessoas;* cabe a nós discutir *Sua Palavra.*

Ao apresentarmos nossas interpretações dos símbolos do Apocalipse, percebemos que a Palavra de Deus transmite uma acusação muito severa contra alguns dos grandes sistemas de nossos dias — alguns que há muito reverenciamos e estimamos, e que pensávamos conter muitas pessoas piedosas em palavras e em ações. Distinguamos, portanto, claramente entre *indivíduos* e *sistemas.* Não dizemos nada contra o *indivíduo piedoso,* mas, na interpretação da Palavra de Deus, o que temos a dizer refere-se meramente a esses *sistemas.* De fato, acreditamos que o povo santo de Deus está excluído desses símbolos, provavelmente porque os santos de Deus, em comparação com as centenas de milhões da humanidade, são apenas um pequeno grupo, como disse Jesus: "Não temais, pequeno rebanho".

Passando à interpretação dos símbolos de Apocalipse 16:13-16, descobrimos que há três agentes ligados à reunião das hostes para esta Batalha do Armagedom. Lemos que da boca da besta, da boca

do Falso Profeta e da boca do Dragão saíram três espíritos impuros semelhantes a rãs; e que esses três espíritos impuros, semelhantes a rãs, saíram por todo o mundo para reunir o mundo inteiro para esta Batalha do Armagedom.

É apropriado, então, que nos perguntemos a quais sistemas se referem essas palavras simbólicas — o Dragão, a Besta e o Falso Profeta. Depois de descobrirmos o que esses termos significam, perguntaremos o que simbolizam os sapos que saíram de suas bocas.

Em toda a Bíblia, a besta é o símbolo usado para representar um governo. Na profecia de Daniel, os grandes impérios universais da Terra são assim simbolizados. Babilônia era o Leão, a Medo-Pérsia, o Urso, a Grécia, o Leopardo, e Roma, o Dragão. (Dn 7:1-8) O Império Romano ainda persiste. A cristandade é parte desse grande Império Romano que teve início nos dias de César e que, segundo as Escrituras, ainda está no mundo.

Praticamente todos os exegetas bíblicos concordam que o Dragão do Apocalipse representa o poder puramente civil, onde quer que ele se encontre. Não entendemos que isso signifique que todos os poderes do mundo sejam malignos ou do Diabo, mas que o Dragão é o símbolo que o Senhor se agrada em usar para representar o poder civil.

A besta de Apocalipse 16:13 é a mesma mencionada em Apocalipse 13:2, onde é descrita como semelhante a um leopardo – com manchas. Os intérpretes protestantes do Apocalipse concordam que esse símbolo se refere ao sistema papal – não ao Papa, nem às congregações católicas, nem aos católicos individualmente, mas ao *sistema como um todo,* que existe há séculos.

Em Sua Palavra, Deus se agradou em reconhecer o papado como um sistema, como um governo. O papado afirma que o Reino de Deus, o Reino do Cristo, foi estabelecido em 799 d.C.; que durou mil anos, exatamente como a Bíblia declara que o Reino de Cristo durará; e que chegou ao fim em

1799 d.C. Eles afirmam também que, desde 1799, esse Reino de Cristo (ou seja, o sistema papal, representado no Apocalipse como a besta) vem sofrendo violência; e que, durante esse tempo, o Diabo foi solto, em cumprimento a Apocalipse 20:7.

A história registra que a era que se encerrou em 1799, marcada pela campanha egípcia de Napoleão, selou e definiu o limite do domínio papal sobre as nações. Napoleão chegou até a levar o Papa como prisioneiro para a França, onde ele morreu. Essa experiência humilhante, afirmam os católicos romanos, marca o momento da libertação de Satanás, em cumprimento a Apocalipse 20:7.

Não podemos concordar com a interpretação da profecia feita por nossos irmãos católicos. Nosso Senhor certamente estava certo quando declarou que "o príncipe deste mundo é Satanás" e que este é "o mundo mau presente" ou a era atual. A razão pela qual há tanta corrupção, falsa doutrina, engano, ignorância e superstição em todos os lugares é que Satanás é o grande ser que está enganando o mundo. De acordo com as Escrituras, Satanás será amarrado por mil anos, para que não engane mais as nações. (Apocalipse 20:3) Após o término dos mil anos, Satanás será solto por um pouco de tempo para testar a humanidade. Então, ele será destruído na Segunda Morte, juntamente com todos os que estão em harmonia com ele.

Os estudantes da Bíblia só agora estão abrindo os olhos para ver o comprimento, a largura, a altura e a profundidade do Amor de Deus — Sua maravilhosa provisão feita, em primeiro lugar, para a Igreja, que participará da glória do Reino; e, em segundo lugar, para a humanidade, que receberá a bênção de uma elevação à perfeição humana durante esses mil anos. Essa época gloriosa está se aproximando, em vez de pertencer ao passado. Tão gloriosa será a condição da humanidade no fim do Reino do Messias que nada jamais sonhado se comparará a ela. Mas a grande obra de Deus não será aperfeiçoada até que todo ser humano tenha alcançado a perfeição ou tenha sido destruído na Segunda Morte, por se recusar a entrar em harmonia com as leis de

justiça. Então, todas as criaturas no céu e na terra serão ouvidas dizendo: “Bendição, honra, glória e poder sejam dados àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, para todo o sempre. −Ap. 5:13.

O Dragão, portanto, simboliza o poder romano, representado pelo poder civil no mundo. A Besta é o sistema papal de governo. O terceiro símbolo, o Falso Profeta, ainda precisa ser interpretado. Acreditamos que este seja outro nome para o sistema chamado em outras passagens de “a imagem da besta”. (Ap.
13:14) De acordo com as Escrituras, essa Imagem é uma representação muito exata da Besta. Entendemos que o Falso Profeta, ou a imagem da besta, se refere à Federação Protestante de Igrejas.

A Imagem da Besta

Para compreender por que a Federação Protestante de Igrejas deve ser simbolizada como a imagem da besta e como o Falso Profeta, devemos examinar outras passagens simbólicas das Escrituras. Em Apocalipse 17:5, nossa atenção é chamada para um grande “mistério”. A palavra “prostituta”, no simbolismo bíblico, não significa uma pessoa imoral. Refere-se à Igreja, que deveria ser o Reino de Deus, mas que perdeu sua virgindade e se uniu a um marido terreno, em vez de ao seu Marido Celestial. A qual marido terreno a Igreja se uniu? Ao Império Romano. Na mente de Lutero e de outros reformadores, não havia dúvida de que existia uma união estreita entre a Igreja e o mundo. Por um tempo, a Igreja alegou estar esperando que Cristo estabelecesse seu Reino. Por fim, ela disse: “Não vou esperar até a Segunda Vinda de Cristo; vou me unir ao Império Romano”.

Todos conhecem o resultado. A Igreja Católica Romana foi exaltada e reinou como rainha por séculos. Essa união entre Igreja e Estado é representada em uma famosa pintura encontrada na Itália. Em um trono, o Papa e o Imperador estão sentados lado a lado. De um lado estão os cardeais, bispos, o clero inferior e os leigos, em ordem de hierarquia. Do outro lado estão os generais,

tenentes, soldados etc., até o povo comum. Assim, a união entre Igreja e Estado foi reconhecida.

Com base nessa união, todos os governos terrenos são chamados de cristãos, pois reivindicam a unidade como parte integrante da Igreja. A história nos diz que, durante séculos, a Igreja nomeava os reis terrenos. Quem quer que o Papa desejasse era coroado. Como prova da supremacia da Igreja, conta-se uma história a respeito do imperador Henrique IV da Alemanha, que havia incorrido no descontentamento papal e que, como punição, foi obrigado a permanecer por três dias diante dos portões do castelo de Canossa, descalço e vestido apenas com a camisa de crina de um penitente, exposto às intempéries do meio do inverno. Em seguida, foi forçado a rastejar de joelhos até a presença do Pontífice, cuja meia de seda foi retirada para que o imperador pudesse beijar o dedão do pé do Papa, em cumprimento ao Salmo 2:12: "Beijai o Filho", ó reis da terra.

A nosso ver, trata-se de uma aplicação equivocada das Escrituras. "O Filho" não é o Papa. O "monte santo" é o Reino de Deus. Sua agência é simbolizada como o santo Monte Sião. O grande Messias derrubará completamente todas as coisas do tempo presente e estabelecerá o Reino da Justiça e da Verdade, que elevará a humanidade para fora do pecado e da degradação.

Os católicos romanos acreditam que o Papa é o vice-regente de Cristo, reinando em seu lugar. Eles acreditam que o presente é o tempo em que Satanás está solto para enganar as nações; que, muito em breve, a Igreja voltará a ter pleno poder no mundo; e que, como resultado, todo aquele que não lhes obedecer será destruído. Essa interpretação nos remete aos capítulos 13 e 20 do Apocalipse. Os protestantes não veem a situação dessa forma. Sem dúvida, todas as pessoas que refletem já perceberam que as iniciativas de união vêm do protestantismo, mas nunca do catolicismo.

Surge agora a pergunta: por que as Escrituras retratariam o protestantismo como a imagem da besta? Quando e como isso aconteceu? Desde a época da Reforma, os protestantes vinham se esforçando individualmente para sair das trevas do passado e, assim, formularam muitos credos e organizaram muitas denominações. Mas, por volta de meados do século passado, os líderes começaram a perceber que, se todos continuassem a estudar a Bíblia individualmente, chegaria o momento em que cada um teria um credo próprio. Para evitar o que lhes parecia uma perda de poder, planejaram uma união dos protestantes em um sistema chamado Aliança Evangélica.

A Aliança Evangélica, uma organização das diferentes denominações protestantes, foi formada em 1846 com o objetivo específico de fazer, à sua maneira, o mesmo que o catolicismo faria à sua maneira. Vendo o grande poder que os católicos romanos exerceriam por meio de um sistema unido, os protestantes disseram: "Estamos divididos. Não temos poder. Vamos nos organizar". Naquele momento, de acordo com as Escrituras, eles criaram a imagem da besta.

A Bíblia diz, no entanto, que antes que a Imagem possa causar qualquer dano específico, ela deve receber vida da Besta de dois chifres. (Apocalipse 13:15) Essa Besta de dois chifres, com chifres como os de um cordeiro, mas voz como a de um dragão, acreditamos que represente a Igreja da Inglaterra, que não faz parte da Aliança Evangélica. A Igreja da Inglaterra faz a mesma afirmação que a Igreja de Roma: que ela é a verdadeira Igreja; que todas as outras estão erradas; que ela possui a sucessão apostólica original; e que ninguém está autorizado a pregar a menos que tenha recebido a imposição de mãos divina e apostólica. Essa tem sido a posição da Igreja da Inglaterra há séculos e constitui a diferença entre essa Igreja e todas as outras denominações protestantes.

Embora a Aliança Evangélica tenha sido fundada em 1846, ela não conseguiu cumprir seu propósito porque não sabia como funcionar. As denominações

na Aliança estavam unidas apenas no nome e, por isso, têm atuado umas contra as outras. As denominações fora da Aliança foram declaradas não autorizadas; e elas, por sua vez, desafiaram as Igrejas Evangélicas a mostrar de onde tiravam autoridade para pregar. Como resultado, a Imagem não tinha poder para agir; foi pisoteada; e, para obter vitalidade — vida —, precisaria da sucessão apostólica; ela deve ter algo como base para operar.

As Escrituras indicam que a Igreja da Inglaterra se aproximará da Aliança Evangélica e lhe concederá autoridade apostólica para pregar. Por causa dessa união, a Aliança poderá afirmar: "Temos autoridade apostólica para pregar. Que ninguém fale a menos que tenha nossa autorização". Essa ação da parte deles é descrita em Apocalipse 13:17. Ninguém terá permissão para comprar ou vender coisas espirituais no mercado espiritual, a menos que tenha a marca da besta ou a marca da imagem da besta.

Em Apocalipse 16:13, encontramos menção ao Falso Profeta, outra representação da Imagem — o produto vitalizado da Aliança Evangélica, que assumiu a forma de Federação de Igrejas e hoje possui grande vitalidade. Resta saber se podemos esperar que ela tenha ainda mais. As Escrituras indicam claramente que a imagem da besta obterá tanto poder que fará o mesmo que a Igreja Católica Romana fez no passado; e que os dois sistemas, o católico e o protestante, governarão o mundo civilizado com mão de ferro por meio do poder civil – o Dragão.

"Três espíritos imundos semelhantes a rãs"

As Escrituras nos dizem que esse resultado será provocado pelas declarações do poder combinado da Igreja e do Estado. "Três espíritos impuros, semelhantes a rãs, saíram da boca do Dragão, da boca da Besta e da boca do Falso Profeta." Nessa passagem, o espírito é uma doutrina – uma doutrina impura – uma doutrina falsa. Cada um desses sistemas proferirá as mesmas coisas, e essas

declarações terão o efeito de reunir os reinos da terra para a grande Batalha do Armagedom.

O simbolismo das Escrituras, quando corretamente compreendido, é muito contundente, e há sempre uma estreita semelhança entre o próprio símbolo e a coisa simbolizada. Quando o espírito santo usa um sapo para representar certas doutrinas ou ensinamentos, podemos ter certeza de que a aplicação se encaixará perfeitamente. Embora o sapo seja uma criatura pequena, ele se enche de ar até quase estourar com o esforço de parecer importante. Um sapo tem um ar muito sábio, embora não saiba muito. Além disso, um sapo coaxa sempre que emite algum som.

As três características mais proeminentes de um sapo, portanto, são a pomposidade, um ar de sabedoria e conhecimento superiores e um coaxar contínuo. Aplicando essas características à imagem apresentada na Palavra Divina, aprendemos que do poder civil, da Igreja Católica e da Federação das Igrejas Protestantes emanarão os mesmos ensinamentos. O espírito de todos será presunçoso; assumirão um ar de conhecimento e sabedoria superiores; todos preverão resultados desastrosos caso haja qualquer falha em obedecer aos seus conselhos. Por mais conflitantes que sejam os credos, as diferenças serão ignoradas na proposição geral de que nada do antigo deve ser perturbado, investigado ou repudiado.

A autoridade divina da Igreja e o direito divino dos reis, à margem da Igreja, não poderão entrar em conflito; pois ambos serão endossados. Quaisquer pessoas ou ensinamentos em conflito com essas afirmações presunçosas e contrárias às Escrituras serão rotulados como tudo o que há de vil, pela boca dos sapos, coaxando dos púlpitos e palanques, e por meio da imprensa religiosa e secular. Os sentimentos mais nobres de alguns serão sufocados pela filosofia do mesmo espírito maligno que falou por meio de Caifás, o sumo sacerdote, a respeito de nosso Senhor Jesus. Assim como Caifás declarou ser conveniente cometer um crime em violação à justiça, tanto humana quanto divina, para se livrar de Jesus e de Seus ensinamentos, assim também esse espírito semelhante a um sapo aprovará toda e qualquer violação de princípios necessária à autoproteção.

Todo cristão verdadeiro sente vergonha ao olhar para trás, para as páginas da história, e ver quais atos terríveis foram cometidos em nome de Deus e da justiça, e em nome de nosso Senhor Jesus. Não devemos pensar, nem por um momento, que esses espíritos de rã, ou doutrinas, sejam todos maus, mas sim que são doutrinas de grandiloquência e pomposidade, que se apresentam como muito sábias e grandiosas, e que contam com o respaldo de séculos. Da boca do Dragão sai a doutrina do direito divino dos reis: "Não olhem para trás, por trás da cortina da história, para ver de onde os reis tiraram esse direito. Aceitem a doutrina; pois, se não o fizerem, e se os homens investigarem o assunto, haverá uma revolução terrível e tudo desmoronará!"

A besta e o Falso Profeta têm discursos semelhantes. A Igreja Católica diz: "Não olhem para trás! Não questionem nada sobre a Igreja!" O protestantismo diz, também: "Somos grandes, somos sábios, sabemos muito. Fiquem calados! Assim, ninguém saberá que vocês não sabem nada." Todos dizem (com voz rouca): "Nós lhes dizemos que, se disserem alguma coisa contra os arranjos atuais, coisas terríveis acontecerão."

Os partidos políticos estão envolvidos nisso. Todos declaram: "Se alguma mudança ocorrer, isso significará um desastre terrível!" Alguns têm coragem e outros contam com o apoio do poder civil, mas, unidos, gritam para o povo que, se alguma mudança for feita, isso significará a ruína da ordem atual. Na linguagem dos nossos dias, "Fiquem como estão!" é a ordem na Igreja e no Estado; mas o povo está sendo movido pelo medo. É esse coaxar da Besta, do Dragão e do Falso Profeta que despertará os reis da terra e os reunirá para a Batalha do Armagedom e a destruição.

Os reis e príncipes eclesiásticos, com sua comitiva de clérigos e fiéis seguidores, se reunirão em uma falange sólida — protestantes e católicos. Os reis e príncipes políticos, senadores e todos os que ocupam altos cargos, com seus capangas e servos, seguirão em fila do mesmo lado. Os reis financeiros e príncipes mercadores, e todos

a quem puderem influenciar pelo poder mais gigantesco já exercido no mundo, se unirão ao mesmo lado, de acordo com essa profecia. Eles não percebem, porém, que estão indo para o O Armagedom; no entanto, por mais estranho que pareça, isso faz parte do próprio clamor deles: "Reúnam-se no O Armagedom!"

Falando sobre nossos dias, nosso Senhor declarou: "Os corações dos homens desfalecerão de medo e pela expectativa das coisas que estão por vir sobre a terra; pois os poderes dos céus serão abalados." (Lucas 21:26) Os reis da Europa sabem o que fazer. Todo o sectarismo está sendo abalado. Muitos do povo de Deus estão perplexos.

O coaxar dos espíritos-sapo, ou doutrinas, reunirá os reis e príncipes — financeiros, políticos, religiosos e industriais — em um grande exército. O espírito de medo, inspirado pelo coaxar, aterrorizará as paixões de homens que, de outra forma, seriam bons e sensatos, levando-os à fúria e ao desespero. Em seu seguimento cego desses espíritos malignos e dessas doutrinas malignas, eles estarão dispostos a sacrificar a vida e tudo o que possuem no que erroneamente supõem ser o altar da Justiça, da Verdade e da Retidão, sob um desígnio divino.

Muitas pessoas nobres nesse grande exército assumirão uma atitude totalmente contrária às suas preferências. Por um tempo, as engrenagens da liberdade e do progresso serão giradas para trás, e restrições medievais serão consideradas necessárias para a autopreservação — para a manutenção da ordem atual das coisas e para a prevenção da nova ordem que Deus decretou, cujo tempo está próximo. Mesmo aqueles que podem ser o povo de Deus não param para considerar se é Sua vontade que as coisas continuem como têm sido nos últimos seis mil anos. A Bíblia diz que tal não é a vontade de Deus, mas que haverá uma grande reviravolta, que uma nova ordem está chegando.

Por um breve período, conforme entendemos as Escrituras, essas forças combinadas do Armagedom triunfarão. A liberdade de expressão, a livre circulação de correspondência e outras liberdades que se tornaram o próprio fôlego das massas em nossos dias serão impiedosamente

suspensas sob o pretexto da *necessidade*, da glória de Deus, das ordens da Igreja, etc. A válvula de segurança será bloqueada e, assim, deixará de incomodar os reis da Terra com o som do vapor escapando; e tudo parecerá sereno — até que ocorra a grande explosão social descrita no Apocalipse como um *terremoto*. Em linguagem simbólica, um terremoto significa revolução social, e a declaração bíblica é de que nada semelhante jamais ocorreu antes. (Ap. 16:18, 19) Veja a referência de nosso Senhor a isso em Mt 24:21.

O Grande Exército do Senhor

Nesse momento, como mostram as Escrituras, o Poder Divino entrará em ação, e Deus reunirá as hostes mobilizadas no Armagedom — no Monte da Destruição. (Apocalipse 16:16) Justamente aquilo que eles procuraram evitar por meio de sua união, federação etc. será exatamente o que eles acabarão por acelerar. Outras passagens das Escrituras nos dizem que Deus será representado pelo Messias e que Ele estará do lado das massas. "Naquele tempo, Miguel [o Semelhante a Deus – o Messias] se levantará." (Dn 12,1) Ele assumirá a autoridade. Ele
tomar posse de Seu Reino de uma maneira pouco esperada por muitos daqueles que, erroneamente, vêm alegando ser Seu Reino e autorizados por Ele a reinar em Seu nome e em Seu lugar.

Nosso Senhor Jesus declarou: "Vós sois servos daquele a quem prestais serviço". Alguns podem estar prestando serviço a Satanás e ao erro, alegando estar prestando serviço a Deus e à justiça; e alguns podem servir por ignorância, como fez Saulo de Tarso, que "pensava sinceramente estar prestando serviço a Deus" ao perseguir a Igreja. O mesmo princípio se aplica inversamente. Assim como um rei terreno não se responsabiliza pelo caráter moral de cada soldado que luta em suas batalhas, assim também o Senhor não se responsabiliza pelo caráter moral de todos os que se alistam e lutam ao Seu lado em qualquer questão. Servos Dele são aqueles a quem prestam serviço, seja qual for o motivo ou o objetivo que os leve a isso.

A Batalha do Armagedom

O mesmo princípio se aplicará na futura Batalha do Armagedom. O lado de Deus nessa batalha será o lado do povo; e essa hoste tão heterogênea, o povo, será lançada à luta logo no início da batalha. Anarquistas, socialistas e radicais impetuosos de todas as correntes, razoáveis ou irracionais, estarão na vanguarda dessa batalha. Quem tem algum conhecimento da vida militar sabe que um grande exército é composto por todas as classes.

As massas ficarão inquietas sob as restrições impostas, mas estarão conscientes de sua fraqueza em comparação com os reis e príncipes — financeiros, sociais, religiosos e políticos — que então deterão o poder. A maioria dos pobres e da classe média prefere a paz a quase qualquer preço. As massas não têm simpatia pela anarquia. Elas percebem verdadeiramente que a pior forma de governo é melhor do que nenhuma. As massas buscarão alívio por meio do voto e do reajuste pacífico dos assuntos da Terra para a eliminação do mal, para que os monopólios, os serviços públicos e os recursos naturais sejam colocados nas mãos do povo em prol do bem comum. A crise será atingida quando aqueles que até então defendiam a lei se tornarem violadores da lei e resistentes à vontade da maioria, conforme expressa pelo voto. O medo do futuro levará as massas bem-intencionadas ao desespero, e a anarquia se instalará quando o socialismo fracassar.

Os santos do Senhor não devem participar dessa batalha de forma alguma. O povo consagrado a Deus, ansiando no coração pelo Reino do Messias e pelo glorioso Ano do Jubileu e da restauração que ele inaugurará, aguardará pacientemente o tempo do Senhor e esperará por ele sem murmurar. Com suas lâmpadas aparadas e acesas, eles não estarão nas trevas no que diz respeito aos eventos decisivos da batalha iminente; mas terão bom ânimo, conhecendo o desfecho descrito na "palavra mais segura da profecia", à qual fizeram bem em "prestar atenção, como a uma luz que brilha em lugar escuro, até que A Aurora venha". − 2 Pedro 1:19.

A Batalha do Armagedom

Surge agora a pergunta: Por que Deus não enviou seu Reino mais cedo? Por que o Armagedom é necessário? Respondemos que Deus tem seus próprios tempos e épocas, e que Ele designou o Grande Sétimo Dia de Mil Anos para o reinado de Cristo. A Sabedoria Divina reteve até os nossos dias o grande conhecimento e a habilidade que estão gerando, ao mesmo tempo, milionários e descontentes. Se Deus tivesse levantado o véu da ignorância mil anos antes, o mundo já estaria se preparando para o Armagedom mil anos antes. Deus não trouxe essas coisas antes do tempo presente porque Seu Plano tem várias partes, todas as quais estão convergindo ao mesmo tempo. Em bondade, Deus velou os olhos da humanidade até que a concentração para o Armagedom precedesse imediatamente o momento em que o Messias assumisse para Si mesmo Seu grande poder e iniciasse Seu reinado. — Ap. 11:17, 18.

A atitude do povo de Deus deve ser de grande gratidão ao Doador de todo bem. Eles devem se preparar para a grande tempestade que se aproxima e permanecer muito calmos, sem se interessar indevidamente pelo lado dos ricos ou dos pobres. Sabemos de antemão que o Senhor está do lado do povo. É Ele quem travará a Batalha do Armagedom, e Seu instrumento será aquele exército peculiar — todas as classes. Quando esse grande "terremoto" da revolução social chegar, não será apenas um punhado de anarquistas, mas uma revolta do povo para se livrar do grande poder que o está sufocando. O egoísmo está na raiz de toda a questão.

AINDA NÃO, MAS EM BREVE

Há quarenta anos as forças do Armagedom vêm se reunindo em ambos os lados do conflito. Greves, bloqueios e tumultos, grandes e pequenos, têm sido meras escaramuças incidentais à medida que os beligerantes se cruzam. Escândalos judiciais e militares na Europa, escândalos envolvendo seguradoras, conglomerados e tribunais nos Estados Unidos abalaram a confiança do público. Conspirações com dinamite, atribuídas ora aos empregados, ora aos empregadores, têm levado cada um a desconfiar do outro. Sentimentos amargos e de raiva de ambos os lados estão cada vez mais

manifestados. As linhas de batalha estão se tornando diariamente mais distintas. No entanto, o Armagedom ainda não pode ser travado.

Os Tempos dos Gentios têm apenas mais alguns anos pela frente. A imagem da besta ainda precisa receber poder vital. Ela deve ser transformada de um mero mecanismo em uma força viva. A Federação Protestante percebe que sua organização continuará sendo fútil, a menos que receba vitalização — a menos que seu clero seja reconhecido, direta ou indiretamente, como possuidor de ordenação apostólica e autoridade para ensinar. Isso, como indica a profecia, virá da Besta de dois chifres, que acreditamos representar simbolicamente a Igreja da Inglaterra. As atividades autoritárias do protestantismo e do catolicismo, que funcionam em conjunto para a supressão das liberdades humanas, aguardam essa vivificação da Imagem. Isso pode ocorrer em breve, mas o Armagedom não pode precedê-la, devendo seguir-se a ela – talvez um ano depois, de acordo com nossa interpretação da Palavra Profética.

Ainda há outro fator que intervém. Embora os judeus estejam gradualmente migrando para a Palestina, obtendo aos poucos o controle da terra de Canaã, e embora relatos indiquem que já há dezenove milionários lá, a profecia exige, no entanto, que um número evidentemente maior de Hebreus abastados esteja presente antes que a crise do O Armagedom seja atingida. De fato, entendemos que “a aflição de Jacó na Terra Santa
chegará bem no final do Armagedom. Então, o Reino do Messias começará a se manifestar. A partir daí, Israel, na Terra Prometida, ressurgirá gradualmente das cinzas do passado para a grandeza da profecia. Por meio de seus príncipes divinamente designados, o Reino do Messias, todo-poderoso, mas invisível, começará a afastar a maldição, a elevar a humanidade e a dar beleza em vez de cinzas.

A Batalha do Armagedom

Posso ver Seus julgamentos
vindouros, à medida que
circundam toda a Terra,

Os sinais e gemidos prometidos, que
precedem um segundo
nascimento;

Leio Sua sentença justa,
nos tronos da terra que se

desintegram; nosso Rei segue em

frente.

A sétima trombeta está soando, e
nosso Rei não conhece a derrota,

Ele peneirará os corações dos
homens diante de Seu tribunal.

Oh! Apresse-se, minha alma, para recebê-Lo;
alegrem-se, meus pés;

Nosso Rei segue em frente.

ÍNDICE

ESTUDO I

"O DIA DA VINGANÇA"

Menção profética a ele — O tempo está próximo — Objetivo deste volume — Observações gerais 11

ESTUDO II

"A RUÍNA DE BABILÔNIA" — "A CRISTANDADE"
"MENE, MENE, TEKEL, UPHARSIN"

Babilônia — A cristandade — A cidade — O império — A mãe — As filhas — A condenação de Babilônia — Seu terrível significado. 21

ESTUDO III

A NECESSIDADE E A JUSTIÇA DO DIA DA VINGANÇA

Sobre esta geração, o tipo e o antítipo — A Grande Tribulação como efeito legítimo de causas precedentes — As responsabilidades da "cristandade" e sua atitude em relação a elas — Das autoridades civis, dos líderes religiosos, das diversas camadas das massas humanas em terras civilizadas — A relação das nações pagãs com a cristandade e com a tribulação — O julgamento de Deus — "A vingança é minha: Eu retribuirei, diz o Senhor." 47

ESTUDO IV

BABILÔNIA JULGADA PERANTE O GRANDE TRIBUNAL

Os poderes civis, sociais e eclesiásticos de Babilônia, a cristandade, estão agora sendo pesados na balança — A acusação dos poderes civis — A acusação do atual sistema social — A acusação dos poderes eclesiásticos — Mesmo agora, em meio às suas festividades, a sentença de sua ruína está traçada e pode ser lida com clareza, embora o julgamento ainda não tenha sido concluído 75

ESTUDO V

A BABILÔNIA PERANTE O GRANDE
TRIBUNAL — SUA CONFUSÃO — NACIONAL

Os poderes civis em apuros, ao perceberem que o julgamento está se voltando contra eles — com medo e angústia, buscam aliar-se uns aos outros e esperam em vão que a Igreja recupere seu poder de outrora — aumentam seus exércitos e frotas — preparativos de guerra atuais — as forças de combate em terra e no mar — equipamentos de guerra aprimorados, novas descobertas e invenções. Explosivos, etc. — Despertem, homens poderosos: que os fracos digam: "Eu sou forte"; transformem arados em espadas e podadeiras em lanças, etc. — Os Estados Unidos da América, únicos em sua posição, mas ameaçados por males ainda maiores do que os do Velho Mundo — O clamor: "Paz! Paz!", quando não há paz 113

ESTUDO VI

BABILÔNIA PERANTE O GRANDE TRIBUNAL:
SUA CONFUSÃO — ECLESIÁSTICA

A verdadeira Igreja, conhecida pelo Senhor, não tem parte nos julgamentos de Babilônia — A situação religiosa da cristandade não apresenta nenhum contraste promissor em relação à situação política—A Grande Confusão—A Responsabilidade de Conduzir a Defesa Recai sobre o Clero—O Espírito da Grande Reforma Está Morto—Sacerdotes e Povo na Mesma Situação—As Acusações Formuladas—A Defesa—Uma Confederação Proposta—O Fim Almejado—Os Meios Adotados—O Espírito Geral de Compromisso—O Julgamento Desfavorável às Instituições Religiosas da Cristandade 157

ESTUDO VII

AS NAÇÕES REUNIDAS E A PREPARAÇÃO
DOS ELEMENTOS PARA O GRANDE FOGO
DA INDIGNAÇÃO DE DEUS

Como e por que as nações estão reunidas — Os elementos sociais se preparando para o fogo — O acúmulo de tesouros — O aumento da pobreza — O atrito social à beira da combustão — Uma palavra do presidente da Federação Americana do Trabalho — Os ricos

às vezes condenados com demasiada severidade — Egoísmo e liberdade em combinação — A independência vista pelos ricos e pelos pobres — Por que as condições atuais não podem continuar

— A maquinaria como fator importante na preparação para o grande fogo — A competição feminina — A visão dos trabalhadores sobre a situação: razoável e irracional —A Lei da Oferta e da Demanda, inexorável para todos — As perspectivas da concorrência industrial estrangeira são assustadoras — Os temores do Sr. Justin McCarthy em relação à Inglaterra — Kier Hardie, deputado, sobre as perspectivas trabalhistas na Inglaterra — As Chamberlain aos trabalhadores britânicos — A agressão nacional em relação aos interesses industriais — Herr Liebknecht sobre a guerra social e industrial na Alemanha — Resoluções do Congresso Internacional dos Sindicatos — Gigantes da atualidade — Lista de trustes e cartéis — Escravidão bárbara versus servidão civilizada — As massas entre as pedras de moinho de cima e de baixo — As condições são universais e estão além do poder humano de regulá-las..... 269

ESTUDO VIII
OS GRITOS DOS CEIFADORES

O elemento conservador da sociedade — Camponeses, agricultores — Novas condições na cristandade — Agitação agrária — Suas causas — Os padrões do ouro e da prata são fatores — O cumprimento da profecia bíblica — Essas coisas relacionadas à batalha do Grande Dia 385

ESTUDO IX
O CONFLITO IRREPRIMÍVEL
O TESTEMUNHO DOS SÁBIOS DO MUNDO

A inteligência geral como um novo fator em todas as avaliações — As opiniões do senador Ingall — As opiniões do reverendo Lyman Abbott — As opiniões do bispo Newman (M. E.)—Opiniões de um renomado jurista—Opiniões do coronel Robert Ingersoll—O ilustre J. L. Thomas sobre a legislação trabalhista—A opinião de Wendell Phillips—A previsão do historiador Macaulay—As esperanças do ilustre Chauncey Depew—Entrevista com o bispo Worthington (P. E.)—W. J. Bryan — Uma visão inglesa — Declaração de Edward Bellamy sobre a situação — Opinião do reverendo J. T. McGlynn — Perspectiva do professor Graham — Opiniões de um juiz da Suprema Corte — Uma visão francesa, uma “confusão social..... 413

ESTUDO X
SOLUÇÕES PROPOSTAS

— PROIBIÇÃO SOCIAL E
FINANCEIRA

— Proibição e sufrágio feminino — Prata livre e tarifa protetora — "Comunismo" — "Eles tinham tudo em comum" — "Anarquismo" — "Socialismo" ou "coletivismo" — Babbitt sobre a reconstrução social — Herbert Spencer sobre o socialismo — Exemplos de duas comunidades socialistas — "Nacionalismo" — Educação mecânica geral como solução — O "imposto único" — Resposta de Henry George ao Papa Leão XIII sobre o trabalho — O Dr. Lyman Abbott sobre a situação — Sugestão de um bispo da Igreja Metodista Episcopal — Outras esperanças e temores — A única esperança — "Aquela bendita esperança" — A atitude adequada para o povo de Deus que vê
Essas Coisas — No Mundo, mas Não do Mundo. 469

ESTUDO XI
A BATALHA DO ARMAGEDOM

A aflição que se aproxima, simbolizada de várias maneiras pelos profetas — tipificada na queda de Israel, em 70 d.C., e na Revolução Francesa — seu caráter geral e extensão — o grande exército do Senhor — "os piores dos pagãos" — "o tempo da aflição de Jacó — sua libertação A derrota de Gog
e Magog 527

ESTUDO XI
A GRANDE PROFECIA DE NOSSO SENHOR

MAT. 24; MARCOS 13; LUCAS 21:5-36; 17:20-37. A importância desta profecia — As condições e as três perguntas que a suscitaram — Cuidado com os falsos Cristos — Uma breve visão histórica de dezoito séculos — A tribulação no fim da Era Judaica e aquela que encerra a era evangélica, combinadas na linguagem de todos os evangelistas — A abominação da desolação — Fugam para a montanha
—As grávidas, etc.—Antes do inverno e do sábado — "Eis aqui! Eis ali!" Não acreditem neles — A tribulação daqueles dias — O escurecimento do sol e da lua como sinais
—A Queda das Estrelas — Cumprimento Simbólico Também — O Sinal do Filho do Homem — O que as tribos da Terra

Verão — A Figueira — “Esta Geração” — “Vigiem!” — “Como nos Dias de Noé, Eles Não Sabiam”----— Lembrem-se da Esposa de Ló — Um Levado e Outro Deixado — Os Escolhidos a Serem Reunidos à Verdade — A Família de Satanás a Ser Desfeita — Provisões para Alimentar a Família da Fé..... 563

ESTUDO XIII

O ESTABELECIMENTO DO REINO E COMO ELE SE MANIFESTARA

Andar pela fé — Quem constitui o Reino — O estabelecimento do Reino espiritual — O estabelecimento de “príncipes em toda a terra” — O desejo de todas as nações — A comunicação íntima entre o Reino e seus ministros ou “príncipes” — A escada de Jacó — O
— Grandes Mudanças Inauguradas — Haverá Perigo com Tanto Poder nas Mãos do Novo Potentado? — O Governo com Vara de Ferro: Por Quanto Tempo? — A Conversão do Mundo — Uma Nação Nascida em Um Dia — “Todos os que Estão nos Túmulos” — O Crescimento de Seu Reino — A Vice-regência Entregue — A Vontade de Deus Feita na Terra 615

ESTUDO XIV

O ESCADINHO DE JEOVÁ GLORIFICADO

O escabelo de Deus profanado e abandonado por causa do pecado — O renascimento prometido de sua glória — A posse resgatada a ser restaurada — Sua joia mais brilhante — O restabelecimento dos pés de Jeová “no Monte das Oliveiras” — As bênçãos resultantes — O escabelo finalmente glorioso de fato 647

"O DIA DA VINGANÇA" –

ESTUDO I

Menção profética a ele – O tempo está próximo – Objetivo deste volume – Observações gerais.

"O dia da vingança está em meu coração, e chegou o ano dos meus redimidos. "É o dia da vingança do Senhor, e
o ano das recompensas pela contenda de Sião." – Isaías 63:4; 34:8.

ASSIM, o profeta Isaías se refere àquele período que Daniel (12:1) descreve como "um tempo de angústia, como nunca houve desde que existe uma nação"; sobre o qual Malaquias (4:1) diz: "Eis que vem o dia, que arderá como uma fornalha; e todos os orgulhosos, sim, e todos os que praticam a iniquidade, serão como palha"; a respeito do qual o apóstolo Tiago (5:1-6) diz que os ricos chorarão e uivarão pelas misérias que virão sobre eles; o dia que Joel (2:2) descreve como um dia de nuvens e trevas densas; que Amós (5:20) diz ser "trevas e não luz, sim, trevas muito densas e sem brilho algum"----; e ao qual o Senhor se refere (Mt 24:21, 22) como um tempo de "grande tribulação, de caráter tão devastador
seu caráter que, se não fosse abreviado, nenhuma criatura sobreviveria à sua devastação.

Que o dia sombrio e tenebroso assim descrito pelos profetas é um dia de julgamento sobre a humanidade, tanto socialmente quanto nacionalmente — um dia de recompensas nacionais — fica claro em muitas passagens das Escrituras. Mas, ao observar isso, que o leitor

tenha em mente a diferença entre julgamento nacional e julgamento individual. Embora a nação seja composta de indivíduos, e os indivíduos sejam em grande parte responsáveis pelo rumo das nações, e devam sofrer — e de fato sofrem — grandemente nas calamidades que se abatem sobre elas; no entanto, o julgamento do mundo como indivíduos será distinto de seu julgamento como nações.

O dia do julgamento individual para o mundo será a Era Milenar, como já foi demonstrado.* Então, sob as condições favoráveis da Nova Aliança, e com o conhecimento claro da verdade, além de toda assistência e incentivo possíveis à retidão, todos os homens, individualmente — e não coletivamente como nações e outras organizações sociais —, serão julgados para a vida eterna. O julgamento das nações, agora instituído, é um julgamento dos homens em suas capacidades coletivas (religiosas e civis). As instituições civis do mundo tiveram um longo período de poder; e agora, à medida que os "Tempos dos Gentios" chegam ao fim, elas devem prestar contas. E o julgamento do Senhor, expresso de antemão pelos profetas, é que nenhuma delas será considerada digna de uma renovação desse período de poder ou de uma continuação de vida. O decreto é que o domínio lhes será tirado, e que aquele a quem cabe esse direito tomará o Reino, e as nações lhe serão dadas como herança. – Ez. 21:27; Dn. 7:27; Sl. 2:8; Ap. 2:26, 27.

Ouçam a palavra do Senhor às nações reunidas diante dele para julgamento: "Aproximem-se, ó nações, para ouvir; e prestem atenção, ó povos; que a terra ouça, e tudo o que nela há; o mundo, e todas as coisas que dele provêm. Pois a indignação do Senhor está sobre todas as nações, e sua fúria sobre todos os seus exércitos." "O Senhor é... um rei eterno: diante de sua ira a terra tremerá, e as nações não poderão suportar sua indignação."

*Vol. I, Capítulo 8.

"Um ruído chegará até os confins da terra; pois o Senhor tem uma contenda com as nações. Assim diz o
Senhor dos Exércitos: Eis que o mal se espalhará de nação em nação, e um grande turbilhão [angústia e agitação intensas e complexas] se levantará das extremidades da terra. E os mortos pelo Senhor estarão, naquele dia, de uma extremidade da terra até a outra." "Esperai por mim, diz o Senhor, até o dia em que eu me levantar para a presa; pois minha determinação é reunir as nações, para que eu possa reunir os reinos, a fim de derramar sobre eles minha indignação, sim, toda a minha ira feroz; pois toda a terra [a ordem social atual] será devorada pelo fogo do meu ciúme. Pois então [posteriormente] darei ao povo uma língua pura; para que todos invoquem o nome do Senhor, a fim de servi-lo com um só coração." – Isaías 34:1, 2; Jeremias 10:10; 25:31-33; Sofonias 3:8,
9; Lucas 21:25.

Já demonstramos* que o tempo está próximo e que os eventos do dia de Jeová já se aproximam rapidamente de nós. Mais alguns anos serão necessários para que amadureçam os elementos que agora atuam no sentido da tribulação predita; e, de acordo com a palavra segura da profecia, a geração atual testemunhará a terrível crise e passará pelo conflito decisivo.

Não é nosso propósito, ao chamar a atenção para este assunto, despertar mero sensacionalismo ou procurar satisfazer uma curiosidade ociosa. Tampouco podemos esperar produzir nos corações dos homens aquele arrependimento que provocaria uma mudança na atual ordem social, política e religiosa da sociedade e, assim, evitaria a calamidade iminente. A tribulação que se aproxima é inevitável: as causas poderosas estão todas em ação, e nenhum poder humano é capaz de deter sua operação e seu avanço em direção ao fim certo; os efeitos devem ocorrer conforme o Senhor previu e anunciou. Nenhuma mão, a não ser a mão de Deus

*Vol. II.

poderia deter o avanço da atual corrente de acontecimentos; e Sua mão não o fará até que as amargas experiências desse conflito tenham gravado sua lição nos corações dos homens.

O objetivo principal deste volume não é, portanto, esclarecer o mundo, que só sabe apreciar a lógica dos acontecimentos e não aceitará outra; mas sim alertar, preparar, consolar, encorajar e fortalecer "a família da fé", para que não se desanimem, mas estejam em plena harmonia e compreensão até mesmo com as medidas mais severas da disciplina divina no castigo do mundo, vendo pela fé o resultado glorioso nos preciosos frutos da justiça e da paz duradoura.

O dia da vingança está naturalmente relacionado ao objetivo benevolente de sua permissão divina, que é a derrubada de toda a ordem atual das coisas, como preparação para o estabelecimento permanente do Reino de Deus na Terra, sob Cristo, o Príncipe da Paz.

O profeta Isaías (63:1-6), posicionando-se no final da colheita da era evangélica, contempla um poderoso Conquistador, glorioso em suas vestes (revestido de autoridade e poder), avançando vitoriosamente sobre todos os seus inimigos, cujo sangue mancha todas as suas vestes. Ele pergunta quem é aquele estranho maravilhoso, dizendo: "Quem é este que vem de Edom, com vestes manchadas de Bozra? Este que é glorioso em suas vestes, avançando na grandeza de sua força?"

Edom, como se lembra, era o nome dado a Esaú, o irmão gêmeo de Jacó, depois que ele vendeu sua primogenitura. (Gênesis 25:30-34) O nome também foi posteriormente aplicado tanto ao povo descendente dele quanto ao país em que se estabeleceram. (Ver Gênesis 25:30; 36:1; Números 20:18, 20, 21; Jeremias 49:17.) Consequentemente, o nome Edom é um símbolo apropriado para uma classe que, neste

era, vendeu de maneira semelhante seu direito de primogenitura; e isso, além do mais, por uma contraprestação tão insignificante quanto o prato de lentilha que influenciou Esaú. O nome é frequentemente usado dessa forma pelos profetas em referência àquela grande multidão de cristãos professos que às vezes é chamada de "o Mundo Cristão" — e "Cristandade" — (ou seja, o Reino de Cristo), nomes que os mais ponderados deveriam prontamente reconhecer como termos impróprios, revelando uma grande falta de compreensão do verdadeiro objetivo e caráter do Reino de Cristo, bem como do tempo e da maneira determinados para seu estabelecimento. São simplesmente denominações presunçosas que deturpam a verdade. Será que o mundo já é, de fato, cristão? Ou será que ao menos aquela parte dele que reivindica esse nome o é? — as nações da Europa e da América? Ouça o estrondo dos canhões, o pisar das hostes em formação, o guincho das granadas explodindo, os gemidos dos oprimidos e os murmúrios das nações enfurecidas, que, com ênfase ensurdecedora, respondem: Não! Será que isso constitui o Reino de Cristo — uma verdadeira cristandade? Quem, de fato, assumirá o ônus de *provar* uma proposição tão monstruosa? A falácia dessa afirmação presunçosa é tão palpável que qualquer tentativa de prová-la dissolveria tão completamente a ilusão que ninguém que deseje perpetuá-la ousaria empreendê-la.

A adequação do nome simbólico "Edom" em sua aplicação à cristandade é muito marcante. As nações da chamada cristandade tiveram privilégios acima de todas as outras nações, na medida em que a elas, assim como aos israelitas da era anterior, foram confiados os oráculos de Deus. Como resultado das influências esclarecedoras da Palavra de Deus, tanto direta quanto indiretamente, chegaram a essas nações todas as bênçãos da civilização; e a presença em seu meio de alguns santos (um "pequeno rebanho"), desenvolvidos sob sua influência, tem sido como "o sal da terra", preservando-a, em certa medida, da corrupção moral total. E estes, por meio de seus exemplos piedosos e de sua energia

ao proclamar a Palavra da vida, têm sido "a luz do mundo", mostrando aos homens o caminho de volta a Deus e à justiça. Mas apenas alguns, em todas essas nações favorecidas, fizeram uso adequado de suas vantagens, que lhes foram concedidas como herança em virtude de terem nascido em terras tão abençoadas pelas influências da Palavra de Deus, diretas e indiretas.

Assim como Esaú, as massas da cristandade venderam seu direito de primogenitura, que lhes conferia vantagens especiais e singulares. Por "massas", entendemos não apenas a parcela agnóstica, mas também a grande maioria dos professos da religião de Cristo que são mundanos, os quais são cristãos apenas no nome, mas aos quais falta a vida de Cristo em seu interior. Esses preferiram as migalhas mesquinhas das vantagens terrenas presentes a todas as bênçãos da comunhão e da fraternidade com Deus e Cristo, e à gloriosa herança com Cristo prometida àqueles que seguem fielmente os passos de sacrifício. Esses, embora sejam *nominalmente* o povo de Deus — o Israel espiritual nominal da era evangélica, do qual "Israel segundo a carne" na era judaica era um tipo —, na verdade têm pouco ou nenhum respeito pelas promessas de Deus. Esses, embora sejam de fato uma hoste poderosa, levando o nome de Cristo e apresentando-se perante o mundo como a Igreja de Cristo; embora tenham construído grandes organizações representando vários cismas no corpo professo de Cristo; embora tenham escrito volumes enormes de "*teologia não* sistemática" e fundado inúmeras faculdades e seminários para o ensino dessas; e embora tenham realizado "muitas obras maravilhosas" em nome de Cristo, que, no entanto, muitas vezes eram contrárias aos ensinamentos de Sua Palavra; estes constituem a classe de Edom, que vendeu sua primogenitura. Essa classe inclui quase toda a "cristandade" — todos criados nas chamadas terras cristãs, que não se valeram dos privilégios e bênçãos do evangelho de Cristo e se conformaram

suas vidas a ele. Os demais são os poucos indivíduos justificados, consagrados e fiéis que estão unidos a Cristo por uma fé viva e que, como "ramos", permanecem em Cristo, a Videira Verdadeira. Estes constituem o verdadeiro Israel de Deus — israelitas de fato, nos quais não há engano.

O Edom simbólico da profecia de Isaías corresponde à Babilônia simbólica do Apocalipses e das profecias de Isaías, Jeremias e Ezequiel. Assim, o Senhor designa e descreve aquele grande sistema ao qual os homens atribuem o nome enganoso de "Cristandade" – o Reino de Cristo. Assim como toda a terra de Edom simboliza toda a "Cristandade", sua capital, Bozra, representava o Eclesiasticismo, a principal cidadela da Cristandade. O profeta retrata o Senhor como um guerreiro vitorioso que realiza uma grande matança em Edom, e especialmente em Bozra. O nome Bozra significa "curral de ovelhas". Bozra ainda hoje é conhecida por suas cabras, e diz-se que a matança neste dia de vingança será de "cordeiros e cabras" (Is 34,6). As
cabras corresponderiam ao "joio", enquanto os cordeiros representariam os santos da tribulação (Ap. 7:14; 1 Cor. 3:1) que negligenciaram as oportunidades que lhes foram concedidas e não correram de modo a obter o prêmio de seu alto chamado; e que, portanto, embora não tenham sido rejeitados pelo Senhor, não foram considerados dignos de escapar da tribulação como "ovelhas" maduras — chamadas, escolhidas e fiéis.

A resposta à pergunta do Profeta — "Quem é este que vem de Edom, com vestes tingidas de Bozra?" (Isaías 63:1) — é: "Eu, que falo com justiça, poderoso para salvar." É o mesmo Poderoso descrito pelo Revelador (Apocalipse 19:11-16), o "Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Ungido de Jeová, nosso abençoado redentor e
Senhor Jesus.

Para nosso esclarecimento, o Profeta indaga ainda mais, dizendo: "Por que estás com as vestes vermelhas e o

como aquele que pisa no lagar?" Ouça a resposta: "Eu pisei o lagar sozinho; e, dentre o povo, não havia ninguém comigo; pois eu os pisarei na minha ira e os esmagarei na minha fúria; e o sangue deles será espalhado sobre as minhas vestes e sobre todo o meu traje. Pois o dia da vingança está no meu coração, e o ano dos meus redimidos chegou. E olhei, e não havia ninguém para ajudar, e me maravilhei por não haver ninguém para me sustentar; e, por isso, meu próprio braço [poder] me ajudou; e minha fúria, foi ela que me sustentou. E pisotearei os povos na minha ira, [...] derrubando à terra a força vitoriosa deles." E o Apocalipses acrescenta: "Ele pisa o lagar da ferocidade e da ira do Deus Todo-Poderoso." – Apocalipse 19:15.

O pisar do lagar é a última etapa do trabalho da colheita. A colheita e a recolhida são feitas primeiro. Assim, esse pisar do lagar da ira de Deus, no qual "a vide da terra" — (a vide falsa que se apropriou indevidamente do nome cristão e do Reino de Cristo) é lançada quando seus cachos iníquos estiverem totalmente maduros (Ap. 14:18-20), representa a última obra desse período de "colheita" repleto de acontecimentos.* Isso ilustra em nossa mente os últimos aspectos do grande tempo de angústia que envolverá todas as nações e sobre o qual fomos tão abundantemente advertidos nas Escrituras.

O fato de o Rei dos reis ser representado pisando o lagar "sozinho" indica que o poder exercido para a derrubada das nações será poder divino, e não mera energia humana. Será o poder de Deus que punirá as nações e que, por fim, "trará o julgamento [justiça, retidão, verdade] à vitória". "Ele ferirá a terra com a vara da sua boca; e com o sopro dos seus lábios [força e o espírito da sua verdade] matará os ímpios."---- (Is. 11:4; Ap. 19:15; Sal. 98:1) A nenhuma liderança humana podem ser atribuídas as honras da vinda

*Vol. III, Capítulo 6.

vitória da verdade e da justiça. Violento será o conflito das nações enfurecidas, e mundial será o campo de batalha e a angústia das nações; e nenhum Alexandre, César ou Napoleão humano será encontrado para trazer ordem à terrível confusão. Mas, no fim, ficará claro que a grande vitória da justiça e da verdade, e a punição da iniquidade com o que ela merece, foram realizadas pelo poder poderoso do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Todas essas coisas devem ser cumpridas nos últimos dias da era evangélica, porque, como o Senhor afirma por meio do Profeta (Isaías 63:4; 34:8): "Chegou o ano dos meus redimidos", e "é o dia da vingança do Senhor, e
o ano das recompensas pela controvérsia de Sião". Ao longo da era evangélica, o Senhor tomou conhecimento da controvérsia, da luta e da contenda na Sião nominal. Ele observou como seus santos fiéis tiveram de lutar pela verdade e pela justiça, e até mesmo sofrer perseguição por causa da justiça nas mãos daqueles que se opunham a eles em nome do Senhor; e, por motivos sábios, o Senhor até então se absteve de interferir; mas agora chegou o dia das recompensas, e o Senhor tem uma contenda com eles, como está escrito: "Pois o Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra, porque não há verdade, nem misericórdia, nem conhecimento de Deus na terra. Ao jurar, mentir, matar, roubar e cometer adultério, eles se rebelam, e sangue se derrama sobre sangue. Por isso, a terra lamentará, e todos os que nela habitam definharão. (Os.
4:1-3) Essa profecia, tão verdadeira em seu cumprimento sobre o Israel carnal, é duplamente verdadeira em sua aplicação mais completa ao Israel espiritual nominal — a cristandade.

"Um clamor chegará até os confins da terra; pois o Senhor tem uma contenda com as nações; ele julgará toda a carne; entregará os ímpios a

à espada, diz o Senhor." "Ouçam agora o que o Senhor diz, . . . Ouçam, ó montanhas [reinos], a contenda do Senhor, e vocês, [até agora] alicerces firmes da terra [sociedade]; pois o Senhor tem uma contenda com o seu povo [professo]", "Ele entregará os ímpios à espada" – Jer. 25:31; Miqueias 6:1, 2.

Ouçam novamente o profeta Isaías a respeito dessa contenda: – "Aproximem-se, ó nações, para ouvir; e prestem atenção, ó povos; que a terra ouça, e tudo o que nela há: o mundo e todas as coisas que dele provêm [todas as coisas egoístas e más que provêm do espírito do mundo]. Pois a indignação do Senhor está sobre todas as nações, e sua fúria sobre todos os seus exércitos: ele os destruiu [do ponto de vista futuro] por completo, entregou-os ao massacre; [...] e sua terra ficará encharcada de sangue, e seu pó se tornará gordo de gordura. Pois é o dia da vingança do Senhor e o ano da retribuição pela contenda de Sião." – Isaías 34:1, 2, 7, 8.

Assim, o Senhor ferirá as nações e lhes fará conhecer o seu poder, e livrará o seu povo fiel, que não segue com as multidões pelo caminho do mal, mas que segue inteiramente ao Senhor, seu Deus, no meio de uma geração perversa e desviada. E mesmo esse terrível julgamento sobre o mundo, ao esmagar as nações como um vaso de oleiro, será uma lição valiosa para elas quando forem submetidas a um julgamento individual sob o reinado milenar de Cristo. Assim, em sua ira, o Senhor se lembrará da misericórdia.

ESTUDO II

"A CONDENÇÃO DE BABILÔNIA" – "A CRISTANDADE" "MENE, MENE, TEKEL, UPHARSIN"

Babilônia – A cristandade – A cidade – O império – A mãe – As filhas – A condenação de Babilônia – Seu terrível significado.

"A ruína de Babilônia que Isaías... viu — Levantai um estandarte no alto da montanha, elevai bem alto a vossa voz para eles, acenai com a mão para que entrem pelos portões dos príncipes.

"Eu ordenei aos meus santificados, e também convoquei os meus poderosos por causa da minha ira; sim, aqueles que se regozijam na minha majestade.

"Eles vêm de uma terra distante, do fim dos céus: o Senhor e as armas de sua indignação, para destruir toda a terra.

"Há um ruído de tumulto nas montanhas, como o de um grande povo; um ruído tumultuoso dos reinos das nações reunidos; o Senhor dos Exércitos reúne o exército para a batalha.

"Lamentai-vos, pois o Dia do Senhor está próximo: virá como uma destruição do Todo-Poderoso. Por isso, todas as mãos enfraquecerão, e o coração de todo mortal se derreterá; e eles terão medo; dores e angústias se apoderarão deles; terão contorções, como uma mulher em trabalho de parto; cada um se espantará com o seu próximo; seus rostos brilharão vermelhos como chamas.

"Eis que vem o Dia do Senhor, terrível em ira e furor ardente, para tornar a terra desolada; e ele destruirá dela os pecadores.

"Pois as estrelas do céu e suas constelações não darão sua luz; o sol se escurecerá ao nascer, e a lua não espalhará sua luz.

"E castigarei o mundo por sua maldade e aos ímpios por sua iniquidade; e farei cessar a arrogância dos orgulhosos, e humilharei a altivez dos tiranos. Tornarei o homem mais precioso do que o ouro fino; sim, o homem mais do que a cunha de ouro

de Ofir. Por isso, abalarei os céus, e a terra será removida de seu lugar, na ira do Senhor dos Exércitos, no dia de sua ira feroz. – Isaías 13:1-13. Compare com Apocalipse 16:14;
Hb 12:26-29.

"Também colocarei o juízo na corda e a justiça no prumo; e o granizo varrerá o refúgio das mentiras, e as águas transbordarão o esconderijo."----–Isaías 28:17.

AS VÁRIAS profecias de Isaías, Jeremias, Daniel e do Apocalipse a respeito da Babilônia estão todas em total concordância e se referem manifestamente à mesma grande cidade. E, visto que essas profecias tiveram um cumprimento muito limitado na antiga cidade literal, e que as do Apocalipse foram escritas séculos depois que a Babilônia literal foi reduzida a ruínas, fica claro que a referência *especial* de todos os profetas é a algo de que a antiga Babilônia literal era uma ilustração. É claro também que, na medida em que as profecias de Isaías e Jeremias relativas à sua queda se cumpriram na cidade literal, ela se tornou, tanto em sua queda quanto em seu caráter, uma ilustração da grande cidade à qual o Revelador aponta na linguagem simbólica do Apocalipse (capítulos 17 e 18), e à qual se referem principalmente os outros profetas.

Como já foi sugerido, o que hoje é conhecido como cristandade é o antítipo da antiga Babilônia; e, portanto, as solenes advertências e previsões dos profetas contra a Babilônia — a cristandade — são assuntos de profunda preocupação para a geração atual. Oxalá os homens fossem sábios o suficiente para levá-las em consideração! Embora vários outros nomes simbólicos, como Edom, Efraim, Ariel etc., sejam aplicados à cristandade nas Escrituras, esse termo, "Babilônia", é o mais frequentemente usado, e seu significado — confusão — é notavelmente apropriado. O apóstolo Paulo também destaca um Israel nominal e espiritual em contraposição a um Israel nominal e carnal (ver 1 Coríntios 10:18; Gálatas 6:16; Romanos 9:8); e

da mesma forma, há uma Sião nominal e espiritual e uma Sião nominal e carnal. (Ver Isaías 33:14; Amós 6:1.) Mas examinemos algumas das maravilhosas correspondências entre a cristandade e a Babilônia, seu tipo, incluindo o testemunho direto da Palavra de Deus sobre o assunto. Em seguida, observaremos a atitude atual da cristandade e os indícios atuais de sua condenação predita.

O Revelador deu a entender que não seria difícil descobrir essa grande cidade mística, pois seu nome está *em sua testa*; isto é, ela está claramente marcada, de modo que não podemos deixar de vê-la, a menos que fechemos os olhos e nos recusemos a olhar – "E *na sua testa* estava escrito um nome: Mistério, Babilônia, a Grande, a Mãe das Prostitutas e das abominações da terra." (Apocalipse 17:5) Mas antes de nos voltarmos
por essa Babilônia Mística, observemos primeiro a Babilônia típica e, então, com suas características marcantes em mente, procuremos o antítipo.

O nome Babilônia era aplicado não apenas à capital do Império Babilônico, mas também ao próprio império. Babilônia, a capital, era a cidade mais magnífica e, provavelmente, a maior do mundo antigo. Foi construída na forma de um quadrado em ambas as margens do rio Eufrates; e, para proteção contra invasores, era cercada por um fosso profundo cheio de água e delimitada por um vasto sistema de muralhas duplas, com espessura de trinta e dois a oitenta e cinco pés e altura de setenta e cinco a trezentos pés. No topo havia torres baixas — diz-se que eram duzentas e cinquenta —, dispostas ao longo das bordas externa e interna da muralha, torre de frente para torre; e nessas muralhas havia cem portões de bronze, vinte e cinco de cada lado, correspondendo ao número de ruas que se cruzavam em ângulos retos. A cidade era adornada com palácios e templos esplêndidos e com os espólios das conquistas.

Nabucodonosor foi o grande monarca do Império Babilônico, cujo longo reinado abrangeu quase metade do período de sua existência, e a ele se deviam principalmente sua grandeza e glória militar. A cidade era conhecida por sua riqueza e magnificência, o que trouxe uma correspondente degradação moral, precursora certa de seu declínio e queda. Estava totalmente entregue à idolatria e cheia de iniquidade. O povo adorava Baal, a quem oferecia sacrifícios humanos. A profunda degradação de sua idolatria pode ser compreendida a partir da repreensão de Deus aos israelitas quando estes se corromperam pelo contato com eles. – Ver Jer. 7:9; 19:5.

O nome teve origem na frustração do plano da grande torre, chamada Babel (confusão), porque ali Deus confundiu a língua humana; mas a etimologia nativa deu origem ao nome Babil, que, em vez de ser pejorativo e uma lembrança do descontentamento do Senhor, significava para eles – "a porta de Deus".

A cidade de Babilônia alcançou uma posição de destaque e riqueza como capital do grande império babilônico, e era chamada de "a cidade dourada", "a glória dos reinos e a beleza da excelência dos caldeus". – Isaías 13:19; 14:4.

Nabucodonosor foi sucedido no domínio por seu neto Belsazar, sob cujo reinado ocorreu o colapso que o orgulho, a fartura de pão e a abundância de ociosidade sempre garantem e aceleram. Enquanto o povo, totalmente inconsciente do perigo iminente, seguindo o exemplo de seu rei, se entregava a excessos demoralizantes, o exército persa, sob o comando de Ciro, infiltrou-se furtivamente pelo leito do Eufrates (de cujas águas haviam desviado), massacrou os foliões e capturou a cidade. Assim se cumpriu a profecia daquela estranha inscrição na parede – *"Mene, Mene, Tekel, Upharsin"* –, que Daniel havia interpretado apenas algumas horas

antes como significando: "Deus contou os dias do teu reino e o acabou. Foste pesado na balança e foste considerado insuficiente. Teu reino foi dividido e entregue aos medos e persas". E tão completa foi a destruição daquela grande cidade que até mesmo seu local foi esquecido e permaneceu incerto por muito tempo.

Tal era a cidade típica; e, como uma grande pedra de moinho lançada ao mar, ela afundou há séculos, para nunca mais ressurgir; até mesmo a memória dela se tornou um opróbrio e um ditado popular. Agora, busquemos seu antítipo, observando primeiro que as Escrituras o apontam claramente e, em seguida, notando a adequação do simbolismo.

Na profecia simbólica, uma "cidade" – significa um governo religioso apoiado por poder e influência. Assim, por exemplo, a "cidade santa, a nova Jerusalém", é o símbolo usado para representar o Reino de Deus estabelecido, os vencedores da Igreja do Evangelho exaltados e reinando em glória. A Igreja também é, e no mesmo contexto, representada como uma mulher, "a noiva, a esposa do Cordeiro, em poder e glória, e apoiada pelo poder e pela autoridade de Cristo, seu marido. "E veio a mim um dos sete anjos, dizendo: 'Vem cá, *eu te mostrarei a noiva, a* esposa *do Cordeiro*". E ele *me mostrou aquela grande cidade, a Jerusalém sagrada*." – Apocalipse 21:9, 10.

Esse mesmo método de interpretação se aplica à Babilônia mística, o grande reino eclesiástico, "aquela grande cidade"---- (Ap. 17:1-6), que é descrita como uma prostituta, uma mulher caída (uma igreja apóstata — pois a verdadeira Igreja é virgem), exaltada ao poder e ao domínio, e apoiada, em grau considerável, pelos reis da terra, os poderes civis, que estão todos, em maior ou menor grau, embriagados com o seu espírito e sua doutrina. A igreja apóstata perdeu sua pureza virginal. Em vez de esperar, como uma virgem prometida em casamento e casta, pela exaltação com o Noivo celestial, ela

associou-se aos reis da terra e prostituiu sua pureza virginal — tanto na doutrina quanto no caráter — para se adequar às ideias do mundo; e, em troca, recebeu, e agora, em certa medida, exerce, um domínio presente, em grande parte graças ao apoio deles, direto e indireto. Essa infidelidade ao Senhor, cujo nome ela reivindica, e ao seu alto privilégio de ser a "virgem casta" desposada a Cristo, é a razão da denominação simbólica "prostituta", enquanto sua influência como um
império sacerdotal, cheio de inconsistências e confusão, é simbolicamente representada sob o nome de Babilônia, que, em seu sentido mais amplo, simbolizada pelo império babilônico, reconhecemos prontamente como sendo a cristandade; enquanto que, em seu sentido mais restrito, simbolizada pela antiga cidade de Babilônia, reconhecemos como sendo a Igreja cristã *nominal*.

O fato de a cristandade não aceitar o termo bíblico "Babilônia" e seu significado — confusão — como aplicável a ela, não é prova de que não seja assim. A antiga Babilônia também não reivindicava o significado bíblico — confusão. A antiga Babilônia se considerava a própria "porta de Deus"; mas Deus a rotulou de Confusão (Gênesis 11:9); e assim é com sua antítipo hoje. Ela se autodenomina Cristandade, a porta de entrada para Deus e a vida eterna, enquanto Deus a chama de Babilônia — confusão.

Tem sido amplamente e corretamente afirmado pelos protestantes que o nome "Babilônia" e a descrição profética se aplicam ao papado, embora, recentemente, uma disposição mais conciliatória tenha se mostrado menos inclinada a aplicá-lo dessa forma. Pelo contrário, todos os esforços são agora envidados por parte das seitas do protestantismo para conciliar-se e imitar a Igreja de Roma, e para se afiliar e cooperar com ela. Ao fazer isso, tornam-se parte integrante dela, ao mesmo tempo em que justificam seu curso e completam a medida de suas iniquidades, tão certamente quanto os escribas e fariseus completaram a medida de seus pais que mataram os profetas. (Mateus

23:31, 32) É claro que nem os protestantes nem os papistas estão dispostos a admitir tudo isso, pois, ao fazê-lo, estariam se condenando a si mesmos. E esse fato é reconhecido pelo Revelador, que mostra que todos os que desejam ter uma visão verdadeira de Babilônia devem, no espírito, posicionar-se com o verdadeiro povo de Deus "no deserto" — na condição de separação do mundo, das ideias mundanas e das meras formas de piedade, e na condição de consagração total, fidelidade e dependência exclusivamente de Deus. "Então ele me levou no espírito *para o deserto*; e vi uma mulher, [...] Babilônia." – Apocalipse 17:1-5.

E como os reinos do mundo civilizado se submeteram a serem amplamente dominados pela influência dos grandes sistemas eclesiásticos, especialmente o papado, aceitando deles a denominação de "nações cristãs" e "cristandade", e aceitando, por sua autoridade, a doutrina do direito divino dos reis, etc., eles também se unem à grande Babilônia e se tornam parte dela, de modo que, assim como no tipo, o nome Babilônia se aplicava não apenas à cidade, mas também a todo o império, aqui também o termo simbólico "Babilônia" se aplica, não apenas às grandes organizações religiosas, papais e protestantes, mas também, em seu sentido mais amplo, a toda a cristandade.

Portanto, este dia de julgamento sobre a Babilônia mística é o dia de julgamento sobre todas as nações da cristandade; suas calamidades envolverão toda a estrutura — civil, social e religiosa; e os indivíduos serão afetados por ela na medida de seu interesse e dependência em relação às suas diversas organizações e arranjos.

As nações fora da cristandade também sentirão o peso da mão severa da retribuição, na medida em que também estão, em certa medida, ligadas às nações da cristandade por diversos interesses, comerciais e outros; e com justiça, aliás, pois também não souberam valorizar a luz que possuíam

visto e amaram as trevas em vez da luz, porque suas obras eram más. Assim, como declarou o Profeta: "Toda a terra [sociedade] será devorada pelo fogo do ciúme de Deus" (Sof. 3:8); mas contra Babilônia, a cristandade,
devido à sua maior responsabilidade e ao mau uso dos favores recebidos, arderá com a ferocidade de sua ira e indignação. (Jer. 51:49) "Ao ruído da tomada de Babilônia, a terra se abala, e o clamor é ouvido entre as nações." – Jer. 50:46.

BABILÔNIA – MÃE E FILHAS

Mas alguns cristãos sinceros, que ainda não perceberam o declínio do protestantismo e que não compreendem a relação das várias seitas com o papado, mas que percebem a inquietação e as convulsões doutrinárias em todos os sistemas religiosos, talvez ainda estejam perguntando ansiosamente: "Se toda a cristandade estiver envolvida na condenação de Babilônia, o que será do protestantismo, fruto da Grande Reforma?" Essa é uma questão importante; mas que o leitor considere que o protestantismo, tal como existe hoje, não é o resultado da Grande Reforma, mas de seu declínio; e agora compartilha, em grande medida, da disposição e do caráter da Igreja de Roma, da qual surgiram seus diversos ramos. As diversas seitas protestantes (e dizemos isso com toda a deferência devida às *relativamente* poucas almas devotas dentro delas, a quem o Senhor designa como "*trigo*", em contraposição ao número esmagador de "joio"...) são as verdadeiras filhas daquele sistema degenerado do cristianismo nominal, o papado, ao qual o Revelador faz referência ao aplicar-lhe o nome de "Mãe das prostitutas". (Apocalipse 17:5)
E não deixe de ser observado que tanto os romanistas quanto os protestantes agora reconhecem abertamente a relação de mãe e filhas, os primeiros continuamente se autodenominando a Santa Madre Igreja, e os segundos, com satisfação complacente, endossando a ideia, conforme demonstrado por muitas declarações públicas

de importantes clérigos e leigos protestantes. Assim, eles "se gloriam em sua vergonha", aparentemente alheios ao estigma que, dessa forma, aceitam da Palavra de Deus, que designa o papado como "a mãe das prostitutas". Nem o papado, ao reivindicar seu ofício de maternidade, parece jamais ter questionado seu direito a esse título, ou ter considerado sua incompatibilidade com sua profissão de ainda ser a única igreja verdadeira, que as Escrituras designam como *uma* "virgem" desposada a Cristo. Suas reivindicações reconhecidas de maternidade são motivo de vergonha eterna tanto para ela mesma quanto para sua descendência. A verdadeira Igreja, que Deus reconhece, mas que o mundo não conhece, ainda é virgem; e de seu estado puro e santo nunca surgiram sistemas filiais. Ela ainda é uma virgem casta, fiel a Cristo e querida por ele como a menina dos seus olhos. (Zac. 2:8; Sal. 17:6, 8) A verdadeira Igreja não pode ser apontada em lugar algum *como uma comunidade* da qual todo o joio tenha sido separado, mas consiste apenas no verdadeiro "trigo", e todos esses são conhecidos por Deus, quer o mundo os reconheça ou não.

Mas vejamos como os sistemas protestantes sustentam essa relação de filhas com o papado. Visto que o papado, a mãe, não é um único indivíduo, mas um grande sistema religioso, de acordo com o símbolo, deveríamos esperar ver outros sistemas religiosos correspondendo à ilustração de filhas de caráter semelhante — não, é claro, tão antigos, nem necessariamente tão depravados quanto o papado — mas, no entanto, "prostitutas" no mesmo sentido; ou seja, sistemas religiosos que afirmam ser a virgem prometida em casamento ou a noiva de Cristo, mas que, ainda assim, cortejam o favor e recebem o apoio do mundo, ao preço da deslealdade para com Cristo.

A essa descrição, as diversas organizações protestantes correspondem plenamente. Elas são os grandes sistemas-filhas.

Como já foi apontado*, o surgimento desses diversos sistemas-filhas ocorreu em conexão com as reformas da

*Vol. III, p. 112.

corrupções da Igreja-mãe. Os sistemas filiais separaram-se da mãe em circunstâncias de sofrimento e nasceram virgens. No entanto, eles abrigavam mais do que verdadeiros reformadores; abrigavam muitos que ainda possuíam o espírito da mãe e herdaram muitas de suas falsas doutrinas e teorias; e não demorou muito para que caíssem em muitas de suas más práticas e provassem que seu caráter correspondia ao estigma profético — "prostitutas".

Mas não se esqueça de que, embora os diversos movimentos de reforma tenham realizado um trabalho valioso na "purificação do santuário", apenas a classe do templo, a classe do santuário, sempre foi a verdadeira Igreja, aos olhos de Deus. Os grandes sistemas humanos chamados de igrejas nunca foram mais do que *nominalmente* a Igreja. Todos eles pertencem a um sistema falso que falsifica, deturpa e oculta do mundo a verdadeira Igreja, composta apenas de crentes plenamente consagrados e fiéis, que confiam no mérito do único grande sacrifício pelos pecados. Esses podem ser encontrados espalhados aqui e ali, dentro e fora desses sistemas humanos, mas sempre separados de seu espírito mundano. Eles são a "classe do trigo" da parábola de nosso Senhor, claramente distinguido por ele do 'joio'. Sem compreender o verdadeiro caráter desses sistemas, como indivíduos, eles têm caminhado humildemente com Deus, tomando Sua Palavra como seu conselheiro e o espírito como seu guia. Tampouco se sentiram jamais à vontade na Sião nominal, onde muitas vezes observaram com dor que o espírito do mundo, funcionando por meio do elemento "joio" não reconhecido, colocava em risco a prosperidade espiritual. São os abençoados que choram em Sião, a quem Deus concedeu "beleza em vez de cinzas, e óleo de alegria em vez de luto" (Mt 5:4; Is 61:3). É somente nesta tempo de "colheita" que se dá a separação dessa classe do "elemento do joio"; pois era o propósito do Senhor "deixar ambos crescerem juntos até a colheita [o tempo em que vivemos agora]". – Mateus 13:30

A Batalha do Armagedom

Surge agora a pergunta: Por que Deus não enviou seu Reino mais cedo? Por que o Armagedom é necessário? Respondemos que Deus tem seus próprios tempos e estações, e que Ele designou o Grande Sétimo Dia de Mil Anos para o reinado de Cristo. A Sabedoria Divina reteve até nossos dias o grande conhecimento e a habilidade que estão gerando, ao mesmo tempo, milionários e descontentes. Se Deus tivesse levantado o véu da ignorância mil anos antes, o mundo já estaria se preparando para o Armagedom mil anos antes. Deus não trouxe essas coisas antes do tempo presente porque Seu Plano tem várias partes, todas as quais estão convergindo ao mesmo tempo. Em bondade, Deus velou os olhos da humanidade até que a concentração para o Armagedom precedesse imediatamente o momento em que o Messias assumisse para Si mesmo Seu grande poder e iniciasse Seu reinado. — Ap. 11:17, 18.

A atitude do povo de Deus deve ser de grande gratidão ao Doador de todo bem. Eles devem se preparar para a grande tempestade que se aproxima e permanecer muito calmos, sem se interessar indevidamente pelo lado dos ricos ou dos pobres. Sabemos de antemão que o Senhor está do lado do povo. É Ele quem travará a Batalha do Armagedom, e Seu instrumento será aquele exército peculiar — todas as classes. Quando esse grande "terremoto" da revolução social vier, não será apenas um punhado de anarquistas, mas uma revolta do povo para se livrar do grande poder que o está sufocando. O egoísmo está na raiz de toda a questão.

AINDA NÃO, MAS EM BREVE

Há quarenta anos as forças do Armagedom vêm se reunindo em ambos os lados do conflito. Greves, bloqueios e tumultos, grandes e pequenos, têm sido meras escaramuças incidentais à medida que os beligerantes se cruzam. Escândalos judiciais e militares na Europa, escândalos envolvendo seguradoras, conglomerados e tribunais nos Estados Unidos abalaram a confiança do público. Conspirações com dinamite, atribuídas ora aos empregados, ora aos empregadores, têm levado cada um a desconfiar do outro. Sentimentos amargos e de raiva de ambos os lados estão cada vez mais

Esse caráter difuso, assumido desde o início pelos diversos movimentos reformistas e que gradualmente deu origem a organizações sectárias, persiste até os dias de hoje; e quanto mais essas organizações crescem em riqueza, número e influência, mais se afastam da virtude cristã e desenvolvem a arrogância de sua mãe. Alguns cristãos sinceros nas diversas seitas observam isso até certo ponto e, com vergonha e tristeza, confessam e lamentam tal situação. Eles percebem que todo esforço possível é feito pelas diversas organizações sectárias para agradar ao mundo, cortejar seu favor e garantir seu patrocínio. Edifícios religiosos elegantes e dispendiosos, torres imponentes, sinos que repicam, órgãos grandiosos, mobiliário requintado, corais artísticos, oradores refinados, feiras, festivais, concertos, peças teatrais, loterias e diversões e passatempos questionáveis são todos organizados com o objetivo de garantir a aprovação e o apoio do mundo. As grandiosas e salutares doutrinas de Cristo são relegadas a segundo plano, enquanto falsas doutrinas e temas sensacionalistas ocupam seu lugar no púlpito; a verdade é ignorada e esquecida, e o espírito dela se perde. Nesses aspectos, quão verdadeiramente as filhas se assemelham à organização-mãe!

Como uma entre as inúmeras evidências da liberdade e até mesmo do orgulho com que essa relação das seitas protestantes com o papado é reconhecida, apresentamos as seguintes reflexões de um clérigo presbiteriano, citadas de um de seus sermões, conforme publicado pela imprensa diária. O senhor disse:

"Por mais que você se contorça, precisa admitir que esta (a Igreja Católica) é a *Igreja Mãe.* Ela possui uma história ininterrupta que remonta ao tempo dos apóstolos. [Sim, foi ali que a apostasia começou. 2 Tess. 2:7, 8] *Por cada fragmento de verdade religiosa que valorizamos, somos gratos a ela como depositária.* Se ela não tem direito a ser considerada a verdadeira Igreja, então somos *bastardos e não filhos.*

"Falar em missionários para trabalhar entre os romanistas! Eu preferiria pensar em enviar missionários entre metodistas, episcopais, presbiterianos unidos e luteranos com o objetivo de convertê-los ao presbiterianismo."

Sim, quase todos os erros doutrinários tão tenazmente defendidos pelos protestantes foram trazidos por eles de Roma, embora, além dos erros graves do papado — como o sacrifício da missa, a adoração dos santos, da Virgem Maria e das imagens, a confissão auricular, a concessão de indulgências etc. —, cada um dos movimentos de reforma tenha alcançado um progresso considerável. Mas, ai de nós! Os protestantes de hoje não apenas estão dispostos, mas ansiosos por fazer praticamente qualquer concessão para garantir o favor e a ajuda da velha "mãe, de cuja tirania e vilania seus pais fugiram há três séculos. Até mesmo aqueles princípios da verdade que, a princípio, constituíram o fundamento do protesto estão sendo gradualmente esquecidos ou abertamente repudiados. A própria doutrina fundamental da "justificação pela fé" – em oposição ao "sacrifício contínuo" – está rapidamente cedendo lugar ao antigo dogma papal da justificação pelas obras e pelo sacrifício sacrílego da missa.* E muitos, tanto nos púlpitos quanto nos bancos da igreja, declaram agora abertamente que não têm fé na eficácia do precioso sangue de Cristo como preço de resgate pelos pecadores.

As alegações de sucessão apostólica e autoridade clerical são apresentadas de forma quase tão presunçosa por parte de alguns membros do clero protestante quanto pelo sacerdócio papal. E o direito ao julgamento privado individual — o próprio princípio fundamental do protesto contra o papado, que levou à Grande Reforma — é agora contestado quase tão veementemente pelos protestantes quanto pelos papistas. No entanto, os protestantes estão plenamente cientes de que foi no exercício do direito ao julgamento privado que a Reforma teve início e, por um curto período, seguiu adiante, embora, posteriormente, um domínio presunçoso de líderes reconhecidos tenha retardado as engrenagens do progresso e, desde então, as tenha mantido estritamente dentro da tradição

*Esta última, a missa, entre os episcopais – "Igreja Alta" – na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.

e impôs uma proibição a todos aqueles que, destemidamente, ultrapassam esses limites.

Visto dessa forma, o protestantismo não é mais um protesto contra a Igreja-Mãe, como no início. Como observou recentemente um colunista da imprensa – "O 'ismo' ainda está entre nós, mas o que aconteceu com o *protesto*?" Os protestantes parecem ter esquecido – pois, na verdade, ignoram – os próprios fundamentos do protesto original e, como sistemas, estão rapidamente voltando aos braços abertos da "Santa (?) Igreja-Mãe", onde são livremente convidados
e têm a garantia de uma recepção cordial.

"Estendamos a vocês nossa mão afetuosamente (diz
o Papa Leão aos protestantes em sua famosa* encíclica dirigida 'Aos Príncipes e Povos da Terra'", "e convidamos
vocês para a unidade que nunca falhou à Igreja Católica e que nunca poderá falhar. Há muito que nossa mãe comum os chama ao seu seio; há muito que todos os católicos do universo os aguardam com a ansiedade do amor fraterno. .
. . Nosso coração, mais ainda do que nossa voz, clama por vocês, queridos irmãos, que há três séculos estão em desacordo conosco na fé cristã."

Mais uma vez, em sua Encíclica à Igreja Romana na América, **o Papa Leão afirma: "Nossos pensamentos se voltam agora para aqueles que divergem de nós em questões de fé cristã. .
.Quão preocupados estamos com a salvação deles; com que ardor de alma desejamos que sejam finalmente restaurados ao seio da Igreja, a mãe comum de todos!
. .Certamente não devemos deixá-los à mercê de suas fantasias, mas, com mansidão e caridade, atraí-los para o nosso lado, utilizando todos os meios de persuasão para induzi-los a examinar minuciosamente cada parte da doutrina católica e a se libertarem de noções preconcebidas."

E em sua "Carta Apostólica ao Povo Inglês" (1895), ele expressa a seguinte oração: "Ó
*1894. **1895

Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa mais gentil Rainha e Mãe, olha com misericórdia para a Inglaterra. . . . Ó Mãe dolorosa, intercede por nossos irmãos separados, para que, conosco no único e verdadeiro rebanho, possam estar unidos ao Supremo Pastor, o Vigário de teu Filho" – ou seja, ele próprio, o Papa.

Para promover esse mesmo plano, foram iniciadas as "Missões para Protestantes" sob a responsabilidade dos chamados "Padres Paulistas". Essas reuniões têm sido e continuam sendo realizadas nas grandes cidades. Elas são conduzidas com base na conciliação e na explicação; perguntas por escrito dos protestantes são solicitadas e respondidas publicamente; e folhetos para protestantes são distribuídos gratuitamente. Os protestantes estão praticamente aceitando a posição romana e, na verdade, não têm resposta a dar; e qualquer um que possa e de fato responda, referindo-se a fatos, é denunciado como perturbador tanto pelos protestantes quanto pelos católicos.

Qualquer pessoa inteligente pode perceber com que facilidade o protestantismo está sendo enredado por essa astúcia dissimulada e como a corrente popular se inclina visivelmente para a Igreja de Roma, que, embora tenha mudado de voz e de poder, permanece inalterada no coração e ainda justifica a Inquisição e outros de *seus métodos da Idade das Trevas*, reivindicando seu *direito*, como governante da Terra, de punir hereges como bem entender.

É claro, portanto, que, embora muitas almas fiéis, ignorantes da verdadeira situação, tenham adorado a Deus com reverência e devoção dentro desses sistemas de Babilônia; no entanto, isso não altera o fato de que eles são, todos sem exceção, *sistemas* "prostitutos". A confusão reina em todos eles; e o nome Babilônia se encaixa perfeitamente em toda a família — mãe, filhas e cúmplices, as nações denominadas cristandade. – Ap. 18:7; 17:2-6, 18.

Tenha-se em mente, então, que na grande política-

eclesiásticos que os homens chamam de cristandade, mas que Deus chama de Babilônia, temos não apenas o alicerce, mas também a superestrutura e o ápice coroador da atual ordem social. Isso está implícito no termo geralmente aceito, "Cristandade", que ultimamente é aplicado não apenas às nações que apoiam as seitas cristãs por meio de legislação e tributação, mas também a todas as nações que demonstram tolerância ao cristianismo sem, de maneira alguma, favorecê-lo ou apoiá-lo; como, por exemplo, estes Estados Unidos.

A doutrina do "direito divino dos reis", ensinada ou apoiada por quase todas as seitas, é o alicerce do antigo sistema civil e há muito tempo confere autoridade, dignidade e estabilidade aos reinos da Europa; e a doutrina da designação e autoridade divinas do clero tem impedido os filhos de Deus de progredir nas coisas divinas e os tem acorrentado, por meio da superstição e da ignorância, à veneração e adoração de seres falíveis, bem como às suas doutrinas, tradições e interpretações da Palavra de Deus. É toda essa ordem de coisas que está prestes a ruir e desaparecer na batalha deste grande dia — a ordem de coisas que, durante séculos, manteve o povo submisso aos poderes dominantes, civis, sociais e religiosos. Tudo isso ocorreu com *a permissão* de Deus (não por sua designação e aprovação, como eles alegam). Mas, embora seja um mal em si mesmo, serviu a um propósito bom e *temporário* ao impedir a anarquia, que é incomensuravelmente pior, porque os homens não estavam preparados para fazer melhor por si mesmos e porque o tempo para o Reino Milenar de Cristo ainda não havia chegado. Por isso, Deus permitiu que as várias ilusões ganhassem credibilidade a fim de manter os homens sob controle até "o tempo do fim" – o fim dos "Tempos dos Gentios".

A Condenação de Babilônia

Nas páginas proféticas podemos ler claramente a ruína de Babilônia, a cristandade; e isso não é menos claramente expresso nos sinais dos tempos. Que sua destruição será repentina, violenta e completa é assim afirmado com veemência: "E um anjo poderoso pegou uma pedra semelhante a uma grande mó e a lançou no mar, dizendo: Assim, com violência, será derrubada aquela grande cidade, Babilônia, e nunca mais será encontrada. (Ap. 18:8, 21; Jer. 51:63, 64, 42, 24-26) E, no entanto, o fato de que ela passaria por um processo gradual de consumação é mostrado por Daniel (7:26) – "Mas o tribunal se reunirá, e tirarão o seu domínio, para consumi-lo e destruí-lo até o fim." O *domínio* papal (e grande parte da reverência abjeta do povo pelo eclesiasticismo em geral), como já demonstrado,* foi derrubado no início do tempo do fim – 1799; e embora o processo subsequente de consumação tenha sido lento, e tenha havido sinais ocasionais de aparente recuperação — que nunca pareceram mais lisonjeiros do que no presente —, a certeza da destruição final do papado é absoluta, e sua luta agonizante será violenta. Primeiro, porém, ele deve recuperar parte de seu prestígio de outrora, que será compartilhado com uma confederação de suas filhas. Juntos, eles serão exaltados, para que, juntos, possam ser violentamente derrubados.

É certo que o castigo de Babilônia será grande. Está escrito profeticamente que: "A grande Babilônia veio à memória diante de Deus, para que lhe fosse dado o cálice do vinho da ferocidade da sua ira."---- "E ele vingou o sangue de seus servos das mãos dela." "Seus pecados chegaram até o céu, e Deus se lembrou de suas iniquidades. Retribuam-lhe como ela lhes retribuiu, e paguem-lhe o dobro, de acordo com suas obras: na taça que ela encheu, encham-na para ela em dobro. Quanto ela tiver

*Vol. III, p. 40.

se glorificou e viveu em luxo, tanto tormento e tristeza dai-lhe; pois ela diz em seu coração: 'Sento-me como rainha, não sou viúva e não verei tristeza.' (Ap. 16:19; 19:2; 18:5-7) Embora a aplicação mais ampla dessa linguagem seja, é claro, ao papado, ela também envolve todos os que, em qualquer grau, estão em aliança ou solidariedade com ela. Todos esses serão participantes de suas pragas. (Ap. 18:4) Embora os reis da terra tenham odiado a prostituta e a tenham rejeitado (Ap. 17:16), ela ainda assim diz: "Eu estou sentada como rainha e não sou viúva", vangloria-se abertamente de seu direito de governar as nações e afirma que seu antigo poder será logo recuperado.

De suas fanfarronices e ameaças, o trecho a seguir, extraído de um jornal católico recente, é um bom exemplo:

"O papado recuperará sua soberania temporal, porque isso é útil e conveniente para a Igreja. Isso confere ao chefe executivo da Igreja uma liberdade mais plena e um domínio mais amplo. O papa não pode permanecer por muito tempo como súdito de nenhum rei. Não é compatível com o ofício divino que ele o seja. Isso o limita e restringe sua influência para o bem. A Europa reconheceu essa influência e será forçada a se curvar a ela em momentos de necessidade ainda maiores do que este. As convulsões sociais e a mão sangrenta da anarquia ainda coroarão Leão ou seu sucessor com a realidade do poder que o terceiro círculo simboliza e que outrora foi universalmente reconhecido."

Sim, à medida que o dia da angústia se aproxima, o clericalismo se empenhará em usar cada vez mais seu poder e influência para garantir seu próprio bem-estar político, por meio do controle dos elementos turbulentos da sociedade; mas, na crise do futuro próximo, o elemento sem lei rejeitará toda influência conservadora e romperá todas as restrições; a mão vermelha da Anarquia realizará sua obra terrível, e Babilônia — a cristandade, social, política e eclesiástica — cairá.

"Portanto", diz o escritor inspirado — isto é, porque ela lutará violentamente pela vida e pelo poder — "suas pragas virão *em um único dia* [repentinamente], e a morte, com fogo [fogo simbólico — calamidades destrutivas]: pois forte é o Senhor Deus que a julga." — Apocalipse 18:8.

"Assim diz o Senhor: Eis que levantarei contra Babilônia e contra aqueles que habitam no meio dos que se levantam contra mim [todos solidários com Babilônia] um vento destrutor; e enviarei a Babilônia ceifeiros, que a ceifarão e esvaziarão sua terra; pois, no dia da angústia, eles estarão contra ela por todos os lados, destruindo
completamente todo o seu exército." – Jer. 51:1-3.

"E retribuirei à Babilônia [especialmente ao Papado] e a todos os habitantes da Caldeia [ou Babilônia – a cristandade – a todas as nações do chamado mundo cristão] todo o mal que praticaram em Sião diante de vossos olhos, diz o Senhor." (Jer. 51:24) Ao relembrarmos a longa série de males com que a Babilônia oprimiu e desgastou os santos do Altíssimo (a verdadeira Sião), e como está escrito que Deus vingará os seus próprios escolhidos, e isso rapidamente; que, de acordo com suas obras, ele retribuirá aos seus inimigos; que ele retribuirá à Babilônia (Lucas 18:7, 8; Isaías 59:18; Jeremias 51:6), começamos a perceber que alguma calamidade terrível a aguarda. Os horríveis decretos do papado — cuja reprovação e punição o protestantismo também está incorrendo por sua atual associação comprometedora com ele — pela queima, massacre, banimento, prisão e tortura dos santos de todas as formas imagináveis, executados com crueldade diabólica nos dias de seu poder pelo braço do Estado, cujo poder ela exigiu e recebeu, aguardam a plena medida da justa retribuição; pois ela receberá "o dobro por todos os seus pecados". E as nações (da cristandade) que participaram de seus crimes e de sua culpa devem

beber com ela até o fundo aquele cálice amargo. “E castigarei Bel em Babilônia [o deus de Babilônia — o Papa], e tirarei de sua boca o que ele engoliu [Ele repudiará, em sua extrema angústia, as ‘grandes palavras pomposas’ e os títulos blasfemos que há muito se apropriou para si mesmo — de que é o vigário infalível, ‘vice-regente de Cristo’, “outro Deus na terra”, etc.], e as nações não mais se reunirão a ele; sim, a muralha de Babilônia [o poder civil que outrora a defendeu e que, em certa medida, ainda o faz] cairá. Assim diz o Senhor dos Exércitos: As amplas muralhas de
Babilônia serão totalmente derrubadas, e seus portões elevados serão queimados pelo fogo [serão destruídos]; e o povo se esforçará em vão, e a multidão no fogo [para sustentar e salvar as muralhas de Babilônia], e se cansarão. (Jer.
51:44, 58) Isso mostra a cegueira do povo e o domínio que a Babilônia exerce sobre ele, a ponto de se esforçarem para sustentá-la contra seus próprios interesses; mas, apesar de sua luta desesperada pela sobrevivência e para conservar seu prestígio e influência, como uma grande pedra de moinho lançada ao mar, a Babilônia afundará, para nunca mais se levantar; “pois forte é o Senhor Deus que a julga”. Só então o povo perceberá
sua maravilhosa libertação e que sua ruína foi pela mão de Deus. – Ap. 19:1, 2

Tal é o destino da Babilônia, a cristandade, que Isaías e outros profetas previram e anunciaram. E é tendo em vista o fato de que dentro de suas fronteiras se encontram muitos de seu próprio povo amado que o Senhor, por meio de seu profeta (Isaías 13:1, 2), ordena aos seus santificados, dizendo: “Levantai um *estandarte* [o estandarte do abençoado evangelho da verdade, despojado dos erros tradicionais que há muito o obscurecem] sobre o alto monte [entre aqueles que constituem o verdadeiro embrião do Reino de Deus], exaltai a voz para eles [proclamai com fervor e amplamente esta verdade às ovelhas confusas do rebanho do Senhor que ainda estão na Babilônia], acenai com a mão [que

que vejam o poder da verdade exemplificado, assim como ouçam sua proclamação], para que elas [as dispostas e obedientes, as verdadeiras ovelhas] possam entrar pelos portões dos nobres [para que possam desfrutar das bênçãos dos verdadeiramente consagrados e herdeiros do Reino celestial].”

Assim, a voz de advertência se dirige àquele “que tem ouvidos para ouvir”. Estamos no tempo do último estágio — ou estágio de Laodicéia — da grande igreja nominal do evangelho, composta de trigo e joio. (Apocalipse 3:14-22) Ela é repreendida por sua tibieza, orgulho, pobreza espiritual, cegueira e nudez, e aconselhada a abandonar rapidamente seus maus caminhos antes que seja tarde demais. Mas o Senhor sabia que apenas alguns dariam ouvidos à advertência e ao chamado; e assim a promessa de recompensa é dada, não a toda a multidão dos interpelados, mas aos poucos que ainda têm ouvidos para a verdade e que vencem a disposição geral e o espírito de *Babilônia – “Ao que vencer*, concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu também venci e me assentei com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos [uma disposição para ouvir e dar ouvidos à palavra do Senhor], ouça o que o espírito diz às igrejas.” Mas sobre aqueles que não têm ouvidos, nem disposição para ouvir, o Senhor derramará sua indignação.

Que, com poucas exceções individuais, a atitude de toda a cristandade é de orgulho, hipocrisia e autocomplacência, é evidente até mesmo para o observador mais casual. Ela ainda diz em seu coração: “Sento-me como rainha, não sou viúva e não verei tristeza”. Ela ainda se glorifica e vive deliciosamente. Ela diz: “Sou rica e me enriqui em bens, e não tenho necessidade de nada”, e não percebe que é “desgraçada, miserável, pobre, cega e nua”. Nem dá ouvidos ao conselho do Senhor de comprar dele (ao custo do auto-sacrifício) ouro provado no fogo (as verdadeiras riquezas, as riquezas celestiais, “a natureza divina”) e

vestes brancas (o manto da justiça imputada de Cristo, que tantos estão agora descartando, para comparecer perante Deus em sua própria injustiça) e ungir seus olhos com colírio (a consagração completa e a submissão à vontade divina, conforme expressa nas Escrituras), para que pudesse ver e ser curada. – Ap. 3:18.

O espírito do mundo tomou posse de tal forma dos poderes eclesiásticos da cristandade que a reforma desses sistemas é impossível; e os indivíduos só podem escapar de seu destino por meio de um afastamento imediato e oportuno deles. Chegou a hora do julgamento, e, neste exato momento, sobre suas muralhas, a mão admoestadora da providência divina está traçando as palavras misteriosas: "Mene, Mene, Tekel, Upharsin" – Dn 5:25. DEUS CONTOU O TEU REINO E O ENCERROU! FOSTES PESADO NA BALANÇA E FOSTES ENCONTRADO INSUFICIENTE! E o Profeta
(Isaías 47) agora fala, dizendo:

"Desce e senta-te no pó, ó filha virgem de Babilônia [dito em escárnio à sua pretensa pureza], senta-te no chão: não há trono, ó filha dos caldeus; pois não serás mais chamada de terna e delicada... Tua nudez será exposta, sim, tua vergonha será vista: eu me vingarei e não te tratarei como um homem
Fica em silêncio e entra nas trevas,
Ó filha dos caldeus, pois não serás mais chamada de 'A senhora dos reinos'. Tu disseste: 'Serei uma
senhora para sempre"; de modo que não levaste essas coisas a sério, nem te lembraste do desfecho disso.

"Portanto, ouve agora isto, tu que te entregas aos prazeres, que vives despreocupadamente, que dizes em teu coração: 'Eu sou, e não há ninguém além de mim'; não ficarei viúva, nem conhecerei a perda de filhos: Mas estas duas coisas te sobrevirão num instante, num único dia: a perda de filhos e a viuvez [compare Apocalipse 18:8]: elas

cairão sobre ti em toda a sua plenitude, por causa da multidão das tuas feitiçarias e da grande abundância dos teus encantamentos. Pois confiaste na tua maldade; disseste: 'Ninguém me vê'. A tua sabedoria [mundana] e o teu conhecimento te perverteram; e disseste em teu coração: 'Eu sou, e não há ninguém além de mim'. Portanto, o mal virá sobre ti; não saberás de onde surge; e o desastre cairá sobre ti; não serás capaz de evitá-lo; e a desolação virá sobre ti repentinamente, sem que tu o saibas [de antemão]." – Compare o versículo 9 com Apocalipse 18:7.

Sendo essas as solenes declarações contra Babilônia, bem será para todos os que derem ouvidos à voz de advertência e à instrução do Senhor ao seu povo que ainda se encontra dentro de suas fronteiras; pois "Assim diz o Senhor:". . . Fugam do meio de Babilônia e salvem cada um a sua alma; não sejam exterminados por causa da iniquidade dela; pois este é o tempo da vingança do Senhor; ele lhe dará o que ela merece. . . . Babilônia caiu e foi destruída repentinamente Gostaríamos de ter curado a Babilônia, mas ela não está curada: abandonem-na, ... pois seu julgamento chega até o céu e se eleva até os céus. Meu povo, saiam do meio dela e salvem cada um a própria alma da ira feroz do Senhor." – Jer. 51:1, 6, 8, 9, 45. Compare com Ap. 17:3-6; 18:1-5.

Para aqueles que desejam obedecer a esta ordem de sair de Babilônia, há apenas um lugar de refúgio; e esse lugar não está em uma nova seita ou servidão, mas no "lugar secreto do Altíssimo" – o lugar ou condição de consagração total, simbolizado pelo Santo dos Santos do Tabernáculo e do Templo. (Salmo 91) "Quem habita no lugar secreto do Altíssimo permanecerá à sombra do Todo-Poderoso." E tais pessoas poderão verdadeiramente dizer, em meio a todas as calamidades deste dia mau: "O Senhor é meu refúgio e minha fortaleza, meu

Deus: nele confiarei."

Sair de Babilônia não pode significar uma emigração física do meio das nações da cristandade; pois não apenas a cristandade, mas toda a terra será devorada pelo fogo [a aflição ardente] da ira do Senhor, embora o mais feroz de sua ira recaia sobre as nações esclarecidas da cristandade, que conheciam — ou, pelo menos, tiveram ampla oportunidade de conhecer — a vontade do Senhor. A ideia por trás dessa ordem é a separação de todos os jugos opressores da cristandade — não ter parte nem participação em suas organizações civis, sociais ou religiosas; e isso, tanto por princípio quanto por uma política sábia e divinamente orientada.

Por princípio, assim que a luz crescente da verdade da colheita iluminar nossas mentes e tornar manifestas as deformidades do erro, devemos ser leais à primeira e descartar o segundo, retirando toda a nossa influência e apoio dele. Isso implica a retirada das diversas organizações religiosas, cujas doutrinas deturpam e invalidam a Palavra de Deus; e nos coloca na postura de estrangeiros em relação a todos os poderes civis existentes; não estrangeiros opositores, porém, mas estrangeiros pacíficos e cumpridores da lei, que dão a César o que é de César e a Deus o que é de Deus; estrangeiros cuja cidadania está no céu, e não na terra; e cuja influência é sempre favorável à retidão, à justiça, à misericórdia e à paz.

O princípio, em alguns casos, e a política, em outros, nos separariam das diversas estruturas sociais entre os homens. Por princípio, isso libertaria qualquer um que estivesse enredado nos juramentos e obrigações das diversas sociedades secretas; pois vós, que estávais nas trevas, agora sois luz no Senhor e deveis andar como filhos da luz, não tendo comunhão com as obras infrutíferas das trevas, mas antes repreendendo-as. – Efésios 5:6-17.

Mas, à medida que nos aproximamos cada vez mais da grande crise desse "dia mau", ficará, sem dúvida, evidente para aqueles que analisam a situação do ponto de vista da "palavra segura da profecia" que, mesmo que haja casos em que o princípio não esteja envolvido, será sensato afastar-se das diversas formas de escravidão social e financeira que inevitavelmente sucumbirão às devastações da revolução e da anarquia mundiais. Nessa época (e, tenha em mente, isso provavelmente ocorrerá nos próximos anos), as instituições financeiras, incluindo seguradoras e sociedades de assistência mútua, entrarão em colapso; e os "tesouros" nelas contidos se revelarão totalmente sem valor. Essas cavernas e rochas das montanhas não proporcionarão a proteção desejada contra a ira desse "dia mau", quando as grandes ondas de descontentamento popular estiverem batendo e espumando contra as montanhas (reinos — Ap. 6:15-17; Sal. 46:3); e chegará o tempo em que os homens "lançarão sua prata nas ruas, e seu ouro será como se fosse impuro [margem]: sua prata e seu ouro não poderão salvá-los no dia da ira do Senhor; eles não [com sua riqueza] (serão capazes de) satisfazer suas almas, nem [de] saciar suas entranhas; porque isso foi a pedra de tropeço de sua iniquidade. (Ez. 7:19;
Compare também os versículos 12-18, 21, 25-27.) Assim, o Senhor tornará a *vida* do homem mais preciosa do que o ouro fino, até mesmo a barra de ouro de Ofir. – Isaías 13:12.

Mas aqueles que fizeram do Altíssimo seu refúgio não precisam temer a aproximação de tais tempos. Ele os cobrirá com suas penas, e sob suas asas eles confiarão; sim, ele lhes mostrará a sua salvação. À medida que a confusão mais intensa se aproxima, eles podem confortar seus corações com a abençoada certeza de que "Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia"; e dizer: "Por isso não temeremos, ainda que a terra seja abalada [ainda que a ordem social atual seja totalmente derrubada]; e ainda que

as montanhas [reinos] forem levadas para o meio do mar [submergidas na anarquia]; ainda que as águas dele rugam e se agitem; ainda que as montanhas tremam com o seu turbilhão". Deus estará no meio de seus santos fiéis, que fazem dele seu refúgio, e eles não serão abalados. Deus ajudará Sião logo na manhã milenar; ela será "considerada digna de escapar de todas essas coisas que hão de acontecer". Salmo 46; Lucas 21:36.

"AS TEMPESTADES DE DÚVIDA QUE SE ACUMULAM"

"Pai nosso, enquanto nossos corações
desaprendem Os credos que ofendem o
teu nome,
Que nossos altares sagrados
continuem a arder Com a chama
imortal da fé.

"Ajuda-nos a ler a vontade do mestre
Através de cada mancha que escurece
Que ainda obscurecem sua imagem
sagrada, E a vê-lo mais uma vez.

"O irmão, o amigo compassivo, Que
chora pelas aflições humanas,
cujas palavras suplicantes de perdão se
misturam aos gritos de inimigos
furiosos.

"Se, em meio às tempestades crescentes
da dúvida, Nossos corações
enfraquecerem e esfriarem,
A força sem a qual não podemos viver
Teu amor não nos negará.

"Aceita nossas orações; perdoa nossos
pecados; renova nosso zelo juvenil;
Molda para nós vidas mais santas
para viver, E obras mais nobres
para realizar."

Os versos originais acima foram lidos pelo Dr. Oliver Wendell Holmes perante a União Cristã de Jovens, em Boston, em 1º de junho de 1893. Eles indicam que ele percebia, de certa forma, a escuridão que pairava sobre Babilônia.

ESTUDO III

A NECESSIDADE E A JUSTIÇA DO DIA DA VINGANÇA

Sobre esta geração, tipo e antítipo – A Grande Tribulação como efeito legítimo de causas precedentes – As responsabilidades da "cristandade" e sua atitude em relação a elas – Das autoridades civis, dos líderes religiosos, dos diversos escalões das massas populares em terras civilizadas – A relação das nações pagãs com a cristandade e com a tribulação – O julgamento de Deus – "A vingança é minha: eu retribuirei, diz o Senhor."

"Em verdade vos digo que todas essas coisas recairão sobre esta geração." – Mateus 23:34-36; Lucas 11:50, 51.

PARA AQUELES que não estão acostumados a ponderar princípios do ponto de vista de uma filosofia moral exata, pode parecer estranho que uma geração subsequente da humanidade deva sofrer a pena pelos crimes acumulados de várias gerações anteriores; no entanto, visto que tal é o julgamento expresso de Deus, que não pode errar, devemos esperar que uma reflexão madura torne manifesta a justiça de sua decisão. Nas palavras acima, nosso Senhor declarou que assim seria com a geração do Israel carnal a quem ele se dirigiu no final da Era Judaica típica. Sobre eles recairia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o templo e o altar. – Mateus 23:35.

Essa foi uma profecia terrível, mas caiu sobre os indiferentes

e incrédulos; e, fiel à letra, teve seu cumprimento cerca de trinta e sete anos depois, quando conflitos civis e invasores hostis concretizaram a terrível retribuição. Sobre aquela época, lemos que os habitantes da Judéia estavam divididos por invejas em muitas facções beligerantes, e que a desconfiança mútua atingiu seu ápice. Amigos se afastaram, famílias se desintegraram, e cada homem suspeitava de seu irmão. Roubos, fraudes e assassinatos eram comuns, e a vida de ninguém estava a salvo. Nem mesmo o templo era um lugar seguro. O sumo sacerdote foi assassinado enquanto realizava o culto público. Então, levados ao desespero pelo massacre de seus irmãos em Cesareia e aparentemente destinados ao massacre em todos os outros lugares, toda a nação se uniu em revolta. A Judéia entrou assim em rebelião aberta contra Roma e em desafio contra todo o mundo civilizado.

Vespasiano e Tito foram enviados para puni-los, e terrível foi a derrota que sofreram. Uma após outra, suas cidades foram arrasadas, até que, por fim, Tito sitiou Jerusalém. Na primavera do ano 70 d.C., quando a cidade estava lotada com as multidões que haviam subido para a festa da Páscoa, ele posicionou suas legiões diante de suas muralhas, e os habitantes aprisionados logo se tornaram vítimas da fome, da espada dos invasores e da guerra civil. Quando algum conseguia escapar da cidade, era crucificado pelos Romanos; e tão terrível era a fome que pais matavam e comiam seus próprios filhos. O número de mortos, segundo Josefo, foi superior a um milhão, e a cidade e o templo foram reduzidos a cinzas.

Tais foram os fatos que cumpriram a profecia acima mencionada sobre o Israel carnal e rebelde, no fim de sua era de favor especial como povo escolhido de Deus. E agora, no fim desta era evangélica, de acordo com o significado mais amplo da profecia, está por vir o paralelo dessa tribulação

sobre o Israel espiritual nominal, que, em seu sentido mais amplo, é a cristandade — "um tempo de angústia como nunca houve desde que existe uma nação", e, portanto, em certo sentido, ainda mais terrível do que aquele que se abateu sobre a Judéia e Jerusalém. Dificilmente podemos imaginar uma tribulação mais severa do que a descrita acima, exceto no sentido de ser mais geral e generalizada, e mais destrutiva, como a maquinaria da guerra moderna sugere de forma notável. Em vez de se limitar a uma nação ou província, seu alcance se estenderá por todo o mundo, especialmente pelo mundo civilizado, a cristandade, a Babilônia.

Podemos, portanto, considerar essa visitação da ira sobre o Israel carnal como um prenúncio da indignação e da ira maiores que serão derramadas sobre a cristandade no fim desta era. Aqueles que, em sua pressa, tendem a ver essa conduta do Todo-Poderoso para com esta geração como injusta simplesmente não compreenderam aquela lei perfeita da retribuição, que certamente, embora muitas vezes lentamente, produz seus resultados inevitáveis. A justiça, sim, a necessidade e a filosofia disso, são muito evidentes para os reflexivos e reverentes, que, em vez de se inclinarem a acusar Deus de injustiça, dedicam seus corações à instrução de Sua Palavra.

A Grande Tribulação: um efeito legítimo decorrente de causas anteriores

Encontramo-nos hoje em um período que é o culminar de séculos de experiência que deveria ser, e é, em alguns aspectos, de grande proveito para o mundo; especialmente para aquela parte do mundo que foi favorecida, direta e indiretamente, com a luz da verdade divina — a cristandade, a Babilônia — cuja responsabilidade por essa administração de vantagens é, consequentemente, muito grande. Deus responsabiliza os homens não apenas pelo que sabem, mas pelo que poderiam saber se dedicassem seus corações à instrução — pelas lições que a experiência (a própria

e de outros) se destina a ensinar; e se os homens deixarem de dar ouvidos às lições da experiência, ou negligenciarem ou desprezarem deliberadamente seus preceitos, deverão sofrer as consequências.

Diante da chamada cristandade está a história aberta de todos os tempos passados, bem como a revelação divinamente inspirada. E que lições elas contêm! – lições de experiência, de sabedoria, de conhecimento, de graça e de advertência. Ao dar atenção às experiências das gerações anteriores nas diversas áreas da indústria humana, da economia política etc., o mundo fez um progresso muito louvável nas coisas materiais. Muitos dos confortos e conveniências de nossa civilização atual nos chegaram, em grande parte, pela aplicação das lições observadas nas experiências das gerações passadas. A arte da impressão colocou essas lições ao alcance de todos. A geração atual, somente nesse ponto, tem grande vantagem em todos os sentidos: toda a sabedoria e experiência acumuladas do passado se somam às suas próprias. Mas as grandes lições morais que os homens também deveriam ter estudado e aprendido têm sido, de modo geral, desconsideradas, mesmo quando foram enfaticamente impostas à atenção do público. A história está repleta dessas lições para mentes reflexivas inclinadas à retidão; e os homens da atualidade têm mais dessas lições do que qualquer geração anterior. Mentes reflexivas têm, de tempos em tempos, observado e chamado a atenção para esse fato. Assim, o professor Fisher, no prefácio de seu relato sobre a ascensão, o progresso e a queda dos impérios, afirma com razão: "Que existe um reinado da lei na sucessão dos acontecimentos humanos é uma convicção fundamentada em fatos observados. Os acontecimentos não surgem isolados dos antecedentes que a eles conduzem. Eles são percebidos como desdobramentos naturais dos tempos que os precederam. Os acontecimentos anteriores já os prenunciavam."

Isso é de fato verdade: a lei de causa e efeito não se manifesta em nenhum lugar de forma mais proeminente do que nas páginas da história. De acordo com essa lei, que é a lei de Deus, as sementes semeadas no passado devem, necessariamente, germinar, desenvolver-se e produzir frutos; e, portanto, uma colheita, em algum momento, é inevitável. No Vol. II, demonstramos que o tempo da colheita da era evangélica já chegou; que ela teve início em 1874, quando se esperava a presença do Senhor da colheita; e que, embora uma grande obra de colheita esteja em andamento desde essa data, estamos agora nos aproximando rapidamente do fim do período da colheita, quando ocorrerá a queima do joio e a colheita e o pisar dos cachos totalmente maduros da *"videira da terra* (os frutos maduros da falsa
videira – "Babilônia"----) está prestes a ocorrer. – Ap. 14:18-20.

AS RESPONSABILIDADES DA CRISTANDADE E SUA ATITUDE EM RELAÇÃO A ELAS

Babilônia, a cristandade, passou por um longo período de prova no poder e teve muitas oportunidades tanto para aprender quanto para praticar a justiça, bem como muitas advertências sobre um julgamento vindouro. Ao longo de toda a era evangélica, ela teve em seu meio os santos de Deus — homens e mulheres dedicados, abnegados e semelhantes a Cristo — "o sal da terra". Ela ouviu a mensagem de salvação de seus lábios, viu os princípios da verdade e da justiça exemplificados em suas vidas e ouviu-os falar sobre a justiça e o julgamento vindouro. Mas ela desconsiderou essas epístolas vivas de Deus; e não apenas isso, mas suas chamadas nações cristãs, em sua ganância por lucros, trouxeram opróbrio ao nome de Cristo entre os pagãos, acompanhando o missionário cristão com o maldito tráfico de rum e outros males "civilizados"; e em seu seio e por sua autoridade, o verdadeiro reino embrionário dos céus (composto apenas dos santos, cujos nomes estão escritos nos céus) tem

sofrido violência. Ela os odiou e os perseguiu até a morte, de modo que milhares deles, ao longo dos séculos, por meio de seus decretos, selaram seu testemunho com o próprio sangue. Assim como o mestre, foram odiados sem motivo; foram rejeitados como o refugo da terra por causa da justiça; e sua luz foi repetidamente extinta para que as trevas preferidas pudessem reinar com suas oportunidades de praticar a iniquidade. Oh, quão sombrio é esse histórico da cristandade! O sistema-mãe está "embriagado com o sangue dos santos e mártires de Jesus";--- e ela e suas filhas, ainda cegas, continuam prontas para perseguir e decapitar (Ap. 17:6; 20:4), embora de maneira mais refinada, todos os que são leais a Deus e à sua verdade, e que se aventuram, por mais gentilmente que seja, a apontar-lhes claramente a Palavra do Senhor que as repreende.

Os poderes civis da cristandade têm sido advertidos com frequência, à medida que, repetidamente, impérios e reinos caíram sob o peso de sua própria corrupção. E mesmo hoje, se os detentores do poder quisessem dar ouvidos, poderiam ouvir uma última advertência do profeta inspirado por Deus, dizendo: "Sede, pois, sábios agora, ó reis; aprendei, ó Juízes da terra. Servi ao Senhor com temor e alegrai-vos com tremor. Beijai o Filho, para que ele não se irrite e vós pereçais no caminho, quando sua ira se acender, ainda que um pouco. Por que as nações se enfurecem, e os povos concebem coisas vãs? Os reis da terra se levantam [em oposição], e os governantes se aconselham juntos contra o Senhor e contra o seu ungido, dizendo: 'Vamos romper as suas amarras e livrar-nos das suas cordas'." Mas a resistência deles não servirá de nada; pois: "Aquele que está sentado nos céus rirá; o Senhor zombará deles. Então [visto que persistem em desconsiderar suas advertências], ele lhes falará em sua ira e os atormentará em seu profundo desagrado." – Salmo 2:10-12, 1-5.

Mais uma vez, conforme representado pela simples e agora amplamente

conhecidos de sua santa lei: "Deus está na congregação dos poderosos [daqueles que detêm autoridade]; ele julga entre os deuses [os governantes, dizendo]: Até quando julgareis injustamente e fareis acepção de pessoas a favor dos ímpios? Defendei o pobre e o órfão; fazei justiça ao aflito e ao necessitado. Livrai o pobre e o necessitado; livrai-os das mãos dos ímpios."---- (Salmo 82:1-4) O fato de que a importância e a conveniência desse conselho estão, pelas exigências dos tempos atuais, sendo impostas à atenção daqueles que detêm autoridade, a imprensa diária é uma testemunha constante; e numerosas são as vozes de alerta de homens ponderados que percebem o perigo da negligência generalizada desse conselho. Até mesmo os homens do mundo, que analisam o futuro apenas do ponto de vista da conveniência, percebem a necessidade de seguir o caminho aconselhado pelos profetas.

O falecido imperador Guilherme da Alemanha percebeu isso, conforme indicado pelo seguinte trecho do correspondente em Berlim do **Observatore Romano** (1880):

"Quando o imperador Guilherme recebeu a notícia da última terrível tentativa contra a vida do czar, ficou muito sério e, após permanecer em silêncio por alguns minutos, disse, com tom melancólico, mas com certa energia: 'Se não mudarmos o rumo de nossa política, se não pensarmos seriamente em dar uma educação sólida à juventude, se não dermos prioridade à religião, se nos limitarmos a fingir que governamos com expedientes do dia a dia, nossos tronos serão derrubados e a sociedade se tornará presa dos acontecimentos mais terríveis. Não temos mais tempo a perder, e será uma grande desgraça se todos os governos não
chegarem a um acordo nessa obra salutar de repressão." "----

Em um livro amplamente difundido na Alemanha, intitulado *Reforma ou Revolução*, seu autor, o senhor von Massow — que não é nem socialista nem radical, mas conservador e presidente do Comitê Central para as Colônias de Trabalho —, acusa seus compatriotas de praticarem a "política da avestruz", de imitarem o hábito proverbial dessa ave de esconder a cabeça na areia, na crença de que se torna invisível quando não consegue enxergar. Von Massow escreve:

"Podemos ignorar os fatos, mas não podemos alterá-los. Não não há dúvida de que estamos às vésperas de uma revolução. Todos aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir devem admitir isso. Somente uma sociedade submersa no egoísmo, na auto-satisfação e na busca pelo prazer pode negá-lo; somente tal sociedade continuará a dançar sobre o vulcão, se recusará a ver o *Mene-Tekel* e continuará a acreditar no poder das baionetas.

"A grande maioria das pessoas instruídas não tem ideia da magnitude do ódio que está se formando entre as classes mais baixas. O Partido Social-Democrata é visto como qualquer outro partido político; no entanto, esse partido não se importa com direitos políticos, nem com reformas administrativas ou novas leis. Esse partido baseia-se no desejo das classes mais baixas de aproveitar a vida, um desejo de desfrutar de prazeres dos quais aqueles que nunca tiveram uma nota de cem marcos têm uma concepção totalmente distorcida.
... A ordem, é claro, logo será restaurada [após o regime socialista]; mas em que estado o país ficará! Haverá incontáveis aleijados, viúvas e órfãos; bancos públicos e privados terão sido saqueados; ferrovias, telégrafos, estradas, pontes, residências, fábricas, monumentos – tudo estará demolido, e nem a União, nem os Estados, nem as cidades e paróquias serão capazes de arcar com os milhões que custariam para reparar até mesmo uma fração do que for destruído. É quase inacreditável que nada seja feito para afastar o perigo. Não é de caridade que se precisa, mas de corações calorosos, dispostos a demonstrar alguma consideração pelas classes mais baixas. O amor, o amor que tudo abrange, vencerá grande parte do ódio que está se formando. Muitos podem estar perdidos a tal ponto que nada os trará de volta; mas há também milhões que ainda podem ser conquistados para a lei e a ordem, se for provado que é possível a eles obter um sustento digno de um ser humano; que não precisam, como é o caso atualmente, estar em situação pior do que os animais, que, pelo menos, têm abrigo e são alimentados."

O autor prossegue longamente para abrir os olhos do povo de Berlim para o perigo em que vivem. "Os berlinenses,"

diz ele, "imaginam-se seguros sob a proteção da Guarda, com cerca de 60 mil homens. Uma esperança vã! Durante o outono, quando os soldados cujo prazo de serviço expirou deixam seus regimentos e antes que os novos recrutas cheguem, a guarnição conta com apenas 7 mil homens. Uma insurreição liderada por algum ex-oficial insatisfeito poderia rapidamente reunir 100 mil e até 160 mil operários para participar. Todos esses homens serviram no exército, são tão bem treinados quanto seus oponentes e compreendem a necessidade da disciplina. Os fios do telégrafo e do telefone seriam cortados; as ferrovias, danificadas para impedir a chegada de reforços; os oficiais que se apressassem para seus postos seriam interceptados. Os revolucionários poderiam explodir os quartéis e abater o Imperador, os ministros, generais, funcionários — todos aqueles que usassem uniforme — antes que uma única tropa de cavalaria ou uma bateria de artilharia pudesse vir em seu auxílio."

Mas será que aqueles que detêm o poder dão ouvidos às advertências e às lições solenes deste momento? Não: como o Profeta predisse a respeito deles – "Eles não sabem, nem compreenderão; andam nas trevas: [até que] todos os fundamentos da terra [os fundamentos da sociedade – os princípios de lei e ordem até então estabelecidos] sejam abalados" – terrivelmente abalados – abalados a ponto de serem removidos. – Hb 12:27; Sl 82:5; Is 2:19.

O falecido imperador da Alemanha foi totalmente indiferente aos temores expressos por seu avô, que acabamos de citar. Anos atrás, ao presentear o príncipe Bismarck com uma magnífica espada embainhada em uma bainha dourada, o imperador disse:

"Diante dos olhos destas tropas, venho apresentar a Vossa Alteza Sereníssima o meu presente. Não encontrei presente melhor do que uma espada, a arma mais nobre dos alemães, um símbolo daquele instrumento que Vossa Alteza, a serviço de meu avô, ajudou a forjar, a afiar e também a empunhar — um símbolo daquela grande época de construção, durante a qual a argamassa foi sangue e ferro — um remédio que nunca falha e que, nas mãos de reis e príncipes, preservará, em caso de necessidade, também a unidade no interior da Pátria, assim como, quando aplicado fora do país, levou à união interna."

O London *Spectator,* ao comentar essa expressão diz:

"Essa é certamente uma declaração das mais alarmantes, bem como surpreendentes. Há duas explicações para ela em voga na Alemanha – uma de que se dirige contra a pretensão de qualquer Estado alemão de se separar do Império, e a outra, de que anuncia a decisão do Imperador e de seus aliados de lidar com socialistas e anarquistas, se necessário, por meio da força militar. Em ambos os casos, o anúncio foi desnecessário e indiscreto. Ninguém duvida de que o Império Alemão, que foi, de fato, construído pela espada em Langensalza, bem como na guerra contra a França, decretaria a ocupação militar de qualquer Estado separatista; mas ameaçar qualquer partido, mesmo os socialistas, com a lei marcial, enquanto este tenta vencer nas urnas, é, na verdade, suspender a Constituição em favor de um estado de sítio. Não supomos que o Imperador tivesse qualquer intenção desse tipo, mas parece claro que ele vem refletindo sobre a situação; que sente a resistência dos socialistas e que sua conclusão é: "Bem, bem, ainda tenho a espada, e esse é um remédio que nunca falha". Muitos reis chegaram a essa conclusão antes dele, mas poucos foram deixados tão à própria sorte a ponto de considerar sensato, sobre tal assunto, pensar em voz alta. É uma ameaça, por mais que tentemos explicá-la; e monarcas sábios não ameaçam até que chegue a hora de atacar, muito menos ameaçam com violência militar como remédio, mesmo para queixas internas. "A espada, um remédio" para males internos "que nunca falha!" É o mesmo que dizer que o bisturi do cirurgião é um remédio para a febre que nunca falha. O príncipe Schwartzenburg, um conservador entre os conservadores, com um exército irresistível a seu favor, experimentou esse remédio em circunstâncias mais favoráveis, e sua conclusão, após longa experiência, foi sintetizada na mais sábia de todas as máximas políticas, que o imperador alemão faria bem em considerar: "Você pode fazer qualquer coisa com baionetas — exceto sentar-se sobre elas."

"O que um imperador romano poderia ter dito que fosse mais forte do que 'a espada é o remédio que nunca falha'? Aí está a essência de

tirania em uma frase desse tipo; e se o imperador realmente a proferiu após reflexão, não é um líder que a Alemanha tem nele, mas um governante absoluto do tipo que toda a história moderna nos mostra estar ultrapassado. É claro que pode ser que o imperador tenha falado precipitadamente, sob a influência daquela emoção, meio poética, meio decorrente de um senso exagerado de sua própria personalidade, que ele já havia revelado com frequência anteriormente; mas se seu discurso for aceito à luz de um manifesto ao seu povo, tudo o que se pode dizer é: 'Que pena; que fonte de esperança se foi!' "----

A declaração do atual czar da Rússia, de que defenderia a autocracia com o mesmo ardor que seu pai, foi mais um indício de que ele não deu ouvidos às solenes advertências daquele momento auspicioso nem à Palavra de Deus. E observe como ela foi recebida pelo povo de seu domínio, apesar de toda a energia oficial empregada para amordaçar a liberdade de expressão. Um manifesto foi emitido pelo Partido dos Direitos do Povo da Rússia e circulou por todo o império.

O manifesto assumia a forma de uma carta ao czar e se destacava pela linguagem clara e contundente. Depois de censurá-lo por sua afirmação do absolutismo, declarava:

"Os zemstvos mais avançados pediam apenas a harmonia entre o czar e o povo, a liberdade de expressão e a supremacia da lei sobre a arbitrariedade do executivo. O senhor foi enganado e intimidado pelas representações de cortesãos e burocratas. A sociedade compreenderá perfeitamente que foi a burocracia, que zela zelosamente por sua própria onipotência, que falou por meio de Vossa Majestade. A burocracia, começando pelo Conselho de Ministros e terminando no mais humilde policial rural, odeia qualquer desenvolvimento, social ou individual, e impede ativamente o livre contato do monarca com os representantes de seu povo, a menos que estes se apresentem em trajes de gala, oferecendo felicitações, ícones e oferendas.

"Seu discurso provou que qualquer tentativa de se manifestar perante o trono, mesmo da forma mais leal, sobre as necessidades prementes do país, encontra apenas uma rejeição rude e abrupta. A sociedade esperava de você incentivo e ajuda, mas ouviu apenas

uma lembrança de sua onipotência, dando a impressão de total distanciamento do czar em relação ao povo. O próprio czar destruiu sua própria popularidade e afastou toda aquela parte da sociedade que luta pacificamente por avanços. Alguns indivíduos estão exultantes com seu discurso, mas o czar logo descobrirá a impotência deles.

"Em outro setor da sociedade, seu discurso causou um sentimento de ofensa e desânimo, que, no entanto, as melhores forças sociais logo vencerão, antes de prosseguirem para a luta pacífica, mas obstinada e deliberada, necessária à liberdade. Em outro setor, suas palavras estimularão a disposição de lutar contra o atual e odioso estado das coisas por qualquer meio. O senhor foi o primeiro a iniciar a luta. Em breve ela prosseguirá."

Assim, todas as nações da "Cristandade" tropeçam descuidadamente na escuridão há muito preferida. Mesmo esta bela terra da tão alardeada liberdade, em muitos aspectos tão ricamente favorecida acima de todas as outras nações, não é exceção; e ela, também, recebeu muitos avisos. Observe as palavras quase proféticas de seu presidente mártir, Abraham Lincoln, escritas pouco antes de seu assassinato, a um amigo em Illinois. Ele escreveu:

"Sim, todos podemos nos congratular pelo fato de que esta guerra cruel está chegando ao fim. Ela custou uma enorme quantidade de tesouros e sangue. O melhor da flor da juventude americana foi oferecido de bom grado no altar do nosso país para que a nação pudesse viver. Tem sido, de fato, um momento difícil para a República. Mas vejo, num futuro próximo, uma crise se aproximando que me deixa nervoso e me faz tremer pela segurança do meu país. Como resultado da guerra, as corporações foram entronizadas; seguirá-se uma era de corrupção nas altas esferas, e o poder financeiro do país se empenhará em prolongar seu reinado, explorando os preconceitos do povo até que toda a riqueza esteja concentrada nas mãos de poucos e a República seja destruída. Sinto, neste momento, mais ansiedade pela segurança do meu país do que jamais
antes, mesmo em meio à guerra."

E, novamente, no ano de 1896, o deputado Hatch, do Missouri, em um discurso perante o Congresso sobre questões financeiras e sociais, teria afirmado, segundo a imprensa:

"Prestem atenção ao que digo! Se a inexorável lei de causa e efeito não tiver sido eliminada do código do Todo-Poderoso, a menos que se imponha um freio a isso muito em breve, podem esperar ver os horrores da Revolução Francesa se repetirem no cenário americano, com todos os avanços modernos, e isso ainda na próxima década. E não sou o único. Aquele senhor, Astor, que foi para a Inglaterra há algum tempo, comprou uma propriedade na ilha e tornou-se súdito britânico, viu o que está por vir tão claramente quanto eu; por isso, aproveitou a oportunidade e partiu antes que houvesse tanta corrida por cabines quanto haverá daqui a pouco. Ele sabia muito bem que, se as coisas continuassem como você e eu temos visto há algum tempo, não estaria longe o momento em que haveria tanta multidão de pessoas de sua classe correndo para embarcar em todos os vapores que partissem, a ponto de ele ser empurrado
da prancha de embarque."

O Exmo. H. R. Herbert, Secretário da Marinha dos EUA, em um discurso em Cleveland, Ohio, em 30 de abril de 1896, utilizou as seguintes palavras em um discurso bastante moderado dirigido a empresários:

"Estamos entrando em uma era de grandes empreendimentos que ameaçam ocupar, excluindo todos os demais, todos os caminhos comuns do progresso humano. O otimista pode dizer que isso será para a melhoria das condições de vida humana, que as grandes empresas baratearão os produtos e o transporte. A loja gigantesca, na qual você pode conseguir tudo o que deseja e por um preço baixo, está surgindo em todos os lugares. Instalações industriais, respaldadas por milhões em capital, estão rapidamente tomando posse do campo antes ocupado por empresas menores do mesmo tipo.

"A inteligência humana parece incapaz de conceber, sem restringir perigosamente a liberdade natural do cidadão, qualquer plano para a prevenção desses monopólios, e o resultado é a acumulação de vasta riqueza por parte de poucos, a redução das oportunidades para muitos e o surgimento de descontentamento. Por isso, os conflitos entre trabalho e capital terão maior importância no futuro do que no passado.

"Há homens perspicazes que prevêem que, dos antagonismos entre capital e trabalho, surgirá um conflito que será fatal para o governo republicano entre nós, um

conflito que resultará, primeiro, em anarquia e derramamento de sangue e, depois, em monarquia sob o comando de algum líder ousado, capaz, por meio do poder militar, de trazer ordem ao caos.

"Às vezes, aponta-se para o socialismo como o desfecho lógico da situação atual. As primeiras experiências nesse sentido, diz-se, serão realizadas nas cidades, onde os empregadores, com meios ilimitados à sua disposição, e os empregados, com poucas oportunidades de ascensão, exceto por meio do voto, disputarão entre si, classe contra classe, pelo controle dos governos municipais. Esse é um dos perigos do futuro. Antigamente, supunha-se que o agricultor americano permaneceria para sempre como um baluarte inabalável, mas uma mudança se abateu sobre o espírito de muitos de nossos agricultores."

Os poderes eclesiásticos da cristandade também receberam linha sobre linha e preceito sobre preceito. Eles foram advertidos pelas ações providenciais de Deus com seu povo no passado e por reformadores ocasionais. No entanto, poucos, muito poucos, conseguem ler a escrita na parede, e são impotentes para vencer, ou mesmo conter, a corrente popular. O reverendo T. De Witt Talmage parecia ver e compreender até certo ponto; pois, em um discurso oportuno, ele disse:

"A menos que a Igreja de Jesus Cristo se levante e prove ser amiga do povo, assim como é amiga de Deus, e solidária com as grandes massas que, com suas famílias ao seu lado, estão travando essa batalha pelo pão, a igreja, tal como está organizada atualmente, se tornará uma instituição extinta, e Cristo descerá novamente à praia e convidará pescadores simples e honestos a ingressarem no apostolado da justiça — voltado para o homem e para Deus. Chegou o momento em que todas as classes sociais terão direitos iguais na grande luta pela subsistência."

E, no entanto, esse homem, dotado de talentos e influência que poucos possuem, não parecia ter pressa em seguir suas convicções expressas quanto aos deveres dos cristãos influentes na hora do perigo.

As advertências são lançadas, e as convicções de dever e privilégio se fixam em muitas mentes; mas, ai de mim! tudo isso é em vão; elas são ignoradas. Grande poder esteve, e em certa medida ainda está, nas mãos dos eclesiásticos; mas, em nome de Cristo e do evangelho, ele tem sido, e ainda é, usado e abusado de forma egoísta. "Honrai-vos uns aos outros", "lugares de destaque nas sinagogas" e "ser chamado de Rabi", Doutor, Reverendo etc., além da busca por ganhos, cada um "do seu próprio grupo [ou denominação]" (João 5:44;
Mateus 23:6-12; Isaías 56:11), e "o temor do homem, que traz uma armadilha — tudo isso impede até mesmo alguns dos verdadeiros servos de Deus de
fidelidade, enquanto, aparentemente, muitos dos subpastores nunca tiveram qualquer interesse no rebanho do Senhor, a não ser para garantir o velo de ouro.

Embora reconheçamos de bom grado que muitos cavalheiros instruídos, cultos, refinados e piedosos estão, e sempre estiveram, incluídos entre o clero em todas as diversas denominações da Igreja nominal — que, ao longo dos tempos, sempre incluiu tanto o trigo quanto o joio (Mateus 13:30) —, somos forçados a admitir que muitos que pertencem à classe do "joio" encontraram seu caminho tanto para os púlpitos quanto para os bancos da igreja. De fato, as tentações de orgulho e vaidade, e, em muitos casos, de conforto e riqueza, apresentadas a jovens talentosos que aspiram ao púlpito, têm sido tais que garantem que assim seja, e em grande medida. De todas as profissões, o ministério cristão tem proporcionado o caminho mais rápido e fácil para a fama, o conforto e a prosperidade temporal em geral, e muitas vezes para a riqueza. A profissão de advogado exige uma vida inteira de energia intelectual e esforço profissional, e traz consigo o peso de preocupações urgentes. O mesmo pode ser dito da profissão médica. E se os homens alcançam riqueza e distinção nessas profissões, não é meramente porque possuem inteligência ágil e eloquência, mas porque conquistaram honestamente essa distinção por meio de dedicação mental constante e esforço árduo. Por outro lado, na profissão clerical, um comportamento refinado e agradável, uma capacidade moderada de se dirigir a uma assembleia pública duas vezes por semana sobre algum

tema extraído da Bíblia, juntamente com uma educação moderada e bom caráter moral, garantem a qualquer jovem que ingressa na profissão o respeito e a reverência de sua comunidade, um salário confortável e uma vida tranquila, serena e sem perturbações.

Se ele tiver talento superior, as pessoas, que são admiradoras da oratória, logo o descobrem e, em pouco tempo, ele é chamado para um cargo mais lucrativo; e, quase sem perceber, torna-se famoso entre os homens, que raramente param para questionar se sua piedade — sua fé, humildade e devocionalidade — acompanhou em desenvolvimento seu progresso intelectual e oratório. De fato, se for esse o caso, ele é menos aceitável, especialmente para congregações abastadas, que, provavelmente com mais frequência do que as muito pobres, são compostas principalmente de "joio". Se sua piedade de fato resistir à pressão dessas circunstâncias, ele será, com demasiada frequência para o bem de sua reputação, obrigado a ir contra as disposições e os preconceitos de seus ouvintes, e logo se tornará impopular e indesejado. Essas circunstâncias trouxeram, assim, ao púlpito uma proporção muito grande daqueles que as Escrituras designam como "pastores mercenários". – Isaías 56:11; Ezequiel 34:2-16; João 10:11-14.

A responsabilidade daqueles que assumiram o ministério do evangelho em nome de Cristo é muito grande. Eles ocupam uma posição de destaque diante do povo como representantes de Cristo — como expoentes especiais do seu espírito e explicadores de sua verdade. E, como classe, eles tiveram vantagens em relação a outros homens para chegar ao conhecimento da verdade e declará-la livremente. Foram aliviados dos fardos do trabalho árduo e das preocupações em ganhar o sustento que acorrentam outros homens e, com suas necessidades materiais supridas, receberam tempo, lazer tranquilo, educação especial e inúmeras ajudas de associação, etc., exatamente para esse propósito.

Aqui, por um lado, estão essas grandes oportunidades

para o zelo piedoso e o abnegação dedicada à causa da verdade e da justiça; e, por outro, grande fama, riqueza ou poder. Ai de mim! A vasta maioria do clero evidentemente sucumbiu às tentações, em vez de abraçar e aproveitar as oportunidades de suas posições; e, como resultado, são hoje "guias cegos de cegos" e, juntos, eles e seus rebanhos estão tropeçando rapidamente na vala do ceticismo. Eles ocultaram a verdade (porque é impopular), promoveram o erro (porque é popular) e ensinaram como doutrina os preceitos dos homens (porque são pagos para isso). Eles têm, na prática — e às vezes de forma explícita — dito ao povo: "Acreditem no que lhes dizemos com base em nossa autoridade", em vez de orientá-los a "examinar tudo" por meio das palavras divinamente inspiradas dos apóstolos e profetas, e a "apegar-se" apenas "ao que é bom". Por longos séculos, o clero da Igreja de Roma manteve a Palavra de Deus enterrada em línguas mortas e não permitiu sua tradução para as línguas vernáculas, para que o povo não pudesse examinar as Escrituras e, assim, provar a vaidade de suas pretensões. Com o passar do tempo, alguns reformadores piedosos surgiram em meio à corrupção da Igreja, resgataram a Bíblia do esquecimento e a trouxeram ao povo; e o resultado foi um grande movimento protestante — que protestava contra as falsas doutrinas e as práticas malignas da Igreja de Roma.

Mas, em pouco tempo, o protestantismo também se corrompeu, e seu clero começou a formular credos que ensinaram ao povo a considerar como a síntese das doutrinas da Bíblia e de importância primordial. Eles os batizaram e catequizaram na infância, antes que aprendessem a pensar; depois, à medida que cresciam e chegavam à idade adulta, os adormeceram e lhes fizeram entender que o caminho seguro em questões religiosas era confiar todas as questões doutrinárias a eles e seguir suas instruções, dando a entender que somente eles possuíam a formação, etc., necessária para a compreensão da verdade divina e que, portanto,

devem ser considerados *autoridades* em todas essas questões, sem necessidade de recorrer à Palavra de Deus. E quando alguém ousava questionar essa autoridade presumida e pensar de maneira diferente, era considerado herege e cismático. Os mais eruditos e proeminentes entre eles escreveram volumosos tratados do que chamam de Teologia Sistemática, os quais, assim como o Talmude entre os judeus, têm como objetivo, em grande medida, anular a Palavra de Deus e ensinar como doutrina os preceitos dos homens (Mt 15,6; Isaías 29:13); e outros, entre os eruditos e proeminentes, aceitaram cargos de professores honrosos e lucrativos em seminários teológicos, estabelecidos, ostensivamente, para treinar jovens para o ministério cristão, mas, na verdade, para inculcar as ideias da chamada "Teologia Sistemática" de suas respectivas escolas — a fim de restringir o pensamento livre e a investigação honesta e reverente das Escrituras Sagradas, com vistas à fé simples em seus ensinamentos, independentemente das tradições humanas. Dessa forma, geração após geração do "clero" seguiu pela trilha batida do erro tradicional. E apenas ocasionalmente alguém se mostrou suficientemente desperto e leal à verdade para descobrir o erro e clamar por uma reforma. Tem sido muito mais fácil deixar-se levar pela corrente popular, especialmente quando grandes homens lideravam o caminho.

Assim, o poder e as vantagens superiores do clero como classe foram mal utilizados, embora em suas fileiras tenham existido (e ainda existam) algumas almas sinceras e devotas que verdadeiramente acreditavam estar prestando serviço a Deus ao defender os falsos sistemas para os quais haviam sido conduzidas e pelos erros dos quais também haviam sido, em grande medida, cegadas.

Embora essas reflexões sem dúvida pareçam ofensivas para muitos membros do clero, especialmente para os orgulhosos e egoístas, não tememos que sua apresentação sincera ofenda qualquer um dos mansos, que, se reconhecerem a verdade, serão abençoados por uma confissão humilde

da mesma e uma plena determinação de andar na luz de Deus, tal como ela brilha a partir de Sua Palavra, independentemente das tradições humanas. Regozijamo-nos em dizer que, até agora, durante o período da colheita, conhecemos alguns clérigos dessa classe que, quando a verdade da colheita lhes surgiu, abandonaram o erro e buscaram e serviram à verdade. Mas a maioria do clero, infelizmente, não pertence à classe dos mansos, e mais uma vez somos obrigados a compreender a força das palavras do mestre: "Quão difícil será para aqueles que possuem riquezas entrar no reino de Deus!", sejam essas riquezas de reputação, fama, erudição, dinheiro ou mesmo conforto material.

O povo comum não precisa, portanto, se surpreender que o clero da cristandade, como classe, esteja cego às verdades que se impõem neste tempo de colheita, assim como os mestres e líderes reconhecidos no final da era judaica típica estavam cegos e se opunham às verdades que se impunham naquela colheita. Sua cegueira é, de fato, uma recompensa por seus talentos e oportunidades mal utilizados e, portanto, não se pode esperar luz e verdade desse lado. No final da era judaica, os líderes religiosos sugeriram significativamente ao povo a pergunta: "Algum dos governantes ou dos fariseus creu nele?" – (João 7:48) e, ao aceitarem a sugestão deles e submeterem-se cegamente à sua orientação, alguns perderam seu privilégio e deixaram de entrar nas bênçãos da nova dispensação. Assim será com uma classe semelhante nestes últimos dias da dispensação do evangelho: aqueles que seguirem cegamente a orientação do clero cairão com eles na vala do ceticismo; e somente aqueles que caminham fielmente com Deus, participando do seu espírito e confiando humildemente em todos os testemunhos de sua preciosa Palavra, serão capazes de discernir e descartar o "joio" do erro que há muito se mistura com a verdade, e de permanecer firmemente, com ousadia, na fé do evangelho e na lealdade de coração a Deus, enquanto as massas se desviam

na corrente popular em direção à infidelidade em suas diversas formas — Evolução, Crítica Superior, Teosofia, Ciência Cristã, Espiritismo ou outras teorias que negam a necessidade e o mérito do grande sacrifício do Calvário. Mas aqueles que resistirem com sucesso neste "dia mau" (Ef 6,13) provarão, ao assim o fazendo, provar a qualidade de seu caráter cristão; pois tão forte será a corrente contra eles que somente a verdadeira devoção cristã a Deus, o zelo, a coragem e a fortaleza serão capazes de perseverar até o fim. Essas ondas iminentes de infidelidade certamente arrastarão todos os demais à sua frente. Está escrito: "Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita; mas a ti não se aproximará. Pois disseste: 'O Senhor é meu protetor, e no Altíssimo fizeste o teu refúgio'. Aquele que habita no lugar secreto [de consagração, comunhão e companheirismo] do Altíssimo permanecerá à sombra do Todo-Poderoso Ele te cobrirá com suas penas, e sob suas asas você encontrará refúgio; a sua verdade será o seu escudo e a sua proteção." – Salmo 91.

Os cristãos, individualmente, não podem se eximir de sua responsabilidade pessoal, transferindo-a para pastores e professores, nem para conselhos e credos. É pela Palavra do Senhor que somos julgados (João 12:48-50; Apocalipse 20:12), e não pelas opiniões ou precedentes de nossos semelhantes, seja qual for a sua função. Portanto, todos devem imitar os nobres bereanos que "examinavam as Escrituras diariamente" para verificar se as coisas que lhes eram ensinadas eram verdadeiras. (Atos 17:11) É nosso dever, como cristãos individualmente, provar todas as coisas que aceitamos e apegar-nos ao que é bom. "À lei e ao testemunho! Se não falarem de acordo com esta palavra, é porque não há luz neles." – Atos 17:11; 1 Tess. 5:21; Isaías 8:20.

O mesmo princípio se aplica tanto às coisas temporais quanto às espirituais. Enquanto os diversos navios do Estado estão à deriva rumo à destruição, aqueles que avistam as ondas quebrantes à frente,

embora não possam alterar o curso dos acontecimentos em geral, podem, pelo menos até certo ponto, aproveitar sabiamente as oportunidades presentes para regular sua própria conduta diante da catástrofe inevitável; podem preparar os botes salva-vidas e os coletes salva-vidas, para que, quando os navios do Estado naufragarem no mar agitado da anarquia, possam manter a cabeça acima das ondas e encontrar um refúgio além delas. Em outras palavras, a política sensata — sem falar dos princípios —, nestes dias, é tratar com justiça, generosidade e bondade nossos semelhantes em todas as classes e condições de vida; pois a grande perturbação surgirá da ira intensa das nações enfurecidas — da insatisfação e indignação das massas esclarecidas do povo contra as classes mais afortunadas, aristocráticas e dominantes. Os motivos de insatisfação estão atualmente sendo amplamente discutidos; e agora, antes que a tempestade de ira irrompa, é o momento de cada um dar a conhecer seus princípios, não apenas por meio de palavras, mas também por meio de sua conduta em todas as suas relações com o próximo. Agora é o momento de estudar e aplicar os princípios da regra de ouro; de aprender a amar o próximo como a nós mesmos e de agir de acordo com isso. Se os homens fossem sábios o suficiente para considerar qual, em um futuro muito próximo, será o desfecho do curso atual dos acontecimentos, eles fariam isso por uma questão de política, se não por princípio.

Nas tribulações que se aproximam, é razoável supor que, mesmo em meio à mais selvagem confusão, haverá distinções a favor daqueles que se mostraram justos, generosos e bondosos; e ira extrema contra aqueles que praticaram e defenderam a opressão. Assim foi em meio aos horrores da Revolução Francesa; e que assim será novamente é sugerido pelo conselho da Palavra do Senhor, que diz: “Buscai a justiça, buscai a mansidão; talvez sejais escondidos no dia da ira do Senhor. “Afastai-vos do mal e fazei o bem; buscai
a paz e busquem-na. Os olhos do Senhor estão sobre os

justos, e seus ouvidos estão atentos ao seu clamor. O rosto do Senhor está contra aqueles que praticam o mal, para exterminar a memória deles da terra. (Sof. 2:3; Sal. 34:14-16) Essas palavras de sabedoria e advertência são dirigidas ao mundo em geral. Quanto aos "santos", ao "pequeno rebanho" e aos "vencedores", lhes é prometido que serão considerados dignos de *escapar de* todas as coisas que virão sobre o mundo. – Lucas 21:36.

A Relação das Nações Pagãs com Cristandade e à Grande Tribulação

Embora a ira feroz do Senhor deva recair especialmente sobre as nações da cristandade, por terem pecado contra muita luz e privilégios, as Escrituras mostram claramente que as nações pagãs não estão isentas de responsabilidade e não ficarão impunes. Por muitas gerações e ao longo de muitos séculos, elas se deleitaram na injustiça. Seus antepassados, em épocas passadas, esqueceram-se de Deus, pois não gostavam de manter viva a memória de Sua autoridade justa: amaram as trevas em vez da luz e perseguiram deliberadamente a loucura de suas próprias imaginações; e seus descendentes têm seguido firmemente o mesmo caminho de decadência, até os dias de hoje.

Quanto à responsabilidade dessas nações, o apóstolo Paulo (Rm 1,18-32) nos diz muito claramente qual é a vontade do Senhor, afirmando: "A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens que, por meio da injustiça, suprimem a verdade; pois o conhecimento de Deus é evidente entre eles, pois Deus lhes revelou. Pois as suas coisas invisíveis, a saber, o seu poder eterno e a sua divindade, desde a criação do mundo são claramente vistas, sendo percebidas pelas coisas criadas; de modo que [tendo essa luz da natureza — isto é,

o testemunho da natureza quanto à existência, ao poder e à bondade de Deus, e da consciência, que indica o que é certo e o que é errado] eles não têm desculpa [por seguirem um caminho de vida perverso]; pois, embora conhecessem a Deus [pelo menos em certa medida], não o glorificaram nem lhe deram graças como a Deus, mas tornaram-se vãos em seus raciocínios, e seu coração perverso foi obscurecido [como resultado natural de tal conduta]. Presumindo ser sábios, tornaram-se tolos e transformaram a glória do Deus incorruptível em uma imagem semelhante à do homem corruptível, das aves, dos quadrúpedes e dos répteis. Por isso, Deus os entregou, por meio das concupiscências de seus corações, à impureza, para que desonrassem seus corpos entre si; pois trocaram a verdade a respeito de Deus por uma religião falsa e reverenciaram e serviram a criatura em vez do Criador, que é digno de louvor para sempre. Amém!

"Por essa razão, Deus os entregou a paixões infames [ou seja, Deus não lutou contra eles nem se esforçou para recuperá-los, mas os deixou à própria sorte para seguirem o caminho do mal que escolheram e aprenderem, por experiência própria, seus frutos amargos].
... E, como não quiseram reter o conhecimento de Deus, Deus os entregou a uma mente depravada, para praticarem coisas impróprias, abundando em toda sorte de iniquidade; em maldade, em cobiça, em malignidade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, maus hábitos; caluniadores secretos, injuriadores, inimigos de Deus, insolentes, orgulhosos, fanfarrões, inventores de coisas más, desobedientes aos pais, obstinados, que quebram alianças, desprovidos de afeto natural, sem piedade; os quais, embora conheçam a lei de Deus [de que aqueles que praticam tais coisas são dignos de morte], não apenas as praticam, mas até aprovam aqueles que as praticam."

Enquanto, como aqui demonstrado, as nações pagãs há muito tempo suprimiram a verdade que era conhecida nos primeiros tempos de

mundo a respeito de Deus e de sua justiça, e preferiram as trevas à luz porque suas obras eram más, e a partir de suas imaginações más e vãs inventaram religiões falsas que justificavam seus caminhos malignos; e embora as gerações seguintes tenham endossado e justificado o caminho perverso de seus antepassados, aderindo às suas doutrinas e seguindo seus passos, assumindo assim também o acúmulo de sua culpa e condenação — com base no mesmo princípio pelo qual as atuais nações da cristandade também assumem as obrigações de suas gerações anteriores —, as nações pagãs não ficaram totalmente alheias ao fato de que uma grande luz veio ao mundo por meio de Jesus Cristo. Mesmo antes da vinda de Cristo, o maravilhoso Deus de Israel já era conhecido entre muitas nações pagãs por meio de seu relacionamento com aquele povo; e, ao longo da era evangélica, os santos de Deus têm levado as boas novas ao mundo.

Aqui e ali, alguns indivíduos deram ouvidos à verdade, mas as nações, em geral, a desconsideraram e continuaram caminhando nas trevas. Portanto, "a indignação do Senhor está sobre todas as nações" (Isaías 34:2). As nações pagãs estão agora,
sem o evangelho e suas vantagens, julgadas indignas de continuar a exercer poder; enquanto as chamadas nações cristãs, com a luz do evangelho e os privilégios dos quais não têm se mostrado dignas, também são, segundo o padrão de verdade e justiça do evangelho, julgadas indignas de continuar a exercer poder.

Assim, toda boca é calada, e todo o mundo se encontra culpado diante de Deus. De todas as nações "não há quem compreenda, não há quem busque a Deus. Todos se desviaram, tornaram-se, em conjunto, inúteis; não há quem faça o bem; não, nem um sequer".

A justiça de Deus ao punir todas as nações é manifesta; e, enquanto as nações pagãs receberão a justa recompensa por suas ações, que a responsabilidade maior

da cristandade seja esquecida; pois se os judeus tinham "muitas vantagens em todos os aspectos sobre as nações gentias, principalmente no
que lhes foram confiados os oráculos de Deus (Rm 3,1-2), o que diremos das nações da cristandade, com suas vantagens ainda maiores tanto da Lei quanto do evangelho? No entanto, é verdade hoje para a cristandade, assim como era então para a nação judaica, que o nome de Deus é blasfemado entre os pagãos por causa delas. (Rm 2,24) Observe, por exemplo, a imposição do tráfico de bebidas alcoólicas e ópio às nações pagãs, devido à ganância das nações cristãs por ouro.

Uma testemunha confiável, que fala com base em conhecimento pessoal, escreveu, há algum tempo, ao jornal New York *Voice* o seguinte:

"De acordo com minhas próprias observações no Congo e na Costa Oeste [da África], bem como com o que afirmam muitos missionários e outras pessoas, a bebida está causando mais danos aos nativos do que o tráfico de escravos, tanto atualmente quanto no passado. Aquilo leva as pessoas embora, destrói aldeias; isso não apenas mata milhares, mas corrompe e arruína corpo e alma, tribos inteiras, e as deixa para se tornarem pais de criaturas degeneradas nascidas à sua própria imagem depravada. Todos os trabalhadores recebem
uma boa dose de rum todos os dias ao meio-dia e são forçados a consumir pelo menos duas garrafas de gim como pagamento pelo trabalho todos os sábados à noite; em muitas das fábricas, quando um contrato de um, dois ou três anos expira, eles são forçados a levar um barril de rum ou algumas caixas ou garrafões de gim para levar para casa. Os comerciantes nativos são obrigados a aceitar barris de bebida alcoólica em troca de produtos locais, mesmo quando protestam, e, não obtendo reparação, despejam a bebida no rio; os comerciantes dizem: "Os negros têm que aceitar rum, não conseguimos ganhar dinheiro suficiente para satisfazer a empresa na terra natal vendendo-lhes sal ou tecido". As cidades se transformam em verdadeiros pandemônios todos os domingos por causa da bebida. Há aldeias onde todos os homens, mulheres e crianças estão bêbados até não poder mais, e assim as antigas práticas religiosas

são interrompidos. Os chefes dizem tristemente aos missionários: 'Por que vocês, homens de Deus, não vieram antes que a bebida chegasse? A bebida corroeu as mentes do meu povo e endureceu seus corações: eles não conseguem entender, não se importam com nada de bom.'"---

Diz-se até que alguns dos pagãos estão exibindo a Bíblia dos cristãos diante deles e dizendo: "Suas práticas não correspondem aos ensinamentos do seu livro sagrado." Diz-se que um brâmane escreveu a um missionário: "Estamos descobrindo quem vocês são. Vocês não são tão bons quanto o seu Livro. Se o seu povo fosse tão bom quanto o seu Livro, vocês conquistariam a Índia em cinco anos. – Veja Ez. 22:4.

Na verdade, se os homens de Nínive e a rainha do sul se levantarem em julgamento contra a geração de Israel à qual o Senhor se dirigiu diretamente (Mateus 12:41, 42), então Israel e todas as gerações anteriores, bem como as nações pagãs, se levantarão contra esta geração da cristandade; pois a quem muito foi dado, muito será exigido. – Lucas 12:48

Mas, deixando de lado o aspecto moralmente retributivo da questão, vemos como, pela própria natureza do caso, as nações pagãs devem sofrer com a queda da cristandade, a Babilônia. Por meio das influências da Palavra de Deus, diretas e indiretas, as nações cristãs alcançaram grandes avanços na civilização e na prosperidade material em todas as áreas, de modo que, em riqueza, conforto, desenvolvimento intelectual, educação, governo civil, na ciência, arte, manufatura, comércio e todos os ramos da indústria humana, elas estão muito à frente das nações pagãs que não foram tão favorecidas pelas influências civilizadoras dos oráculos de Deus, mas que, ao contrário, passaram por um declínio constante, de modo que hoje exibem apenas os escombros de sua antiga prosperidade. Compare, por exemplo, a Grécia de hoje com a Grécia antiga, que outrora foi a sede de

conhecimento e riqueza. Observe também as ruínas atuais da glória do antigo Egito, outrora a principal nação de toda a Terra.

Em consequência do declínio das nações pagãs e da civilização e prosperidade das nações cristãs, as primeiras estão, em maior ou menor grau, em dívida com as últimas por muitas vantagens recebidas — pelos benefícios do comércio, da comunicação internacional e da consequente ampliação de horizontes, etc. Além disso, a marcha do progresso nos últimos anos uniu todas as nações em diversos interesses comuns, os quais, se forem seriamente abalados em uma ou mais nações, logo afetarão todas as demais. Portanto, quando Babilônia, a cristandade, cair repentinamente, os efeitos serão gravíssimos sobre todas as nações mais ou menos dependentes, as quais, na linguagem simbólica dos Apocalipses, são, por isso, representadas como lamentando profundamente a queda daquela grande cidade, Babilônia. – Ap. 18:9-19.

Mas não será apenas com a queda de Babilônia que as nações pagãs sofrerão; pois as ondas crescentes de agitação social e política se espalharão rapidamente, envolvendo e engolindo todas elas; e assim toda a terra será varrida pela vassoura da destruição, e a altivez do homem será humilhada; pois está escrito: “A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor. (Rom. 12:19; Dt. 32:35) E o julgamento do
Senhor, tanto sobre a cristandade quanto sobre o paganismo, seguirá os mais rigorosos princípios da equidade.

A Tempestade que se Aproxima

"Oh! Triste está meu coração pela tempestade que se aproxima; Como águias, as nuvens avançam do mar; A gaivota busca abrigo, os pinheiros suspiram, E tudo anuncia a tempestade que se aproxima.

"Um feitiço foi sussurrado de uma caverna ou do oceano, Os pastores estão dormindo, as sentinelas em silêncio, Os rebanhos estão todos espalhados pelas charnecas e montanhas, E ninguém acredita que o mestre tenha chegado.

"Ele chegou, mas a quem ele encontra mantendo a vigília? Oh! Onde — em sua presença — está a fé em todo o mundo?"
Os ricos, com todos os sentidos imersos no luxo suave; Os pobres, mal conseguindo afastar o lobo da porta.

"Ó homem e ó donzela, deixem de lado as futilidades e os prazeres!
Ó, escutem! Enquanto eu conto da dor que está por vir.

* * *

Tão bem poderia eu implorar no caminho daquela geleira, Ou gritar um aviso às ondas do mar!"

ESTUDO IV

A BABILÔNIA JULGADA PERANTE O GRANDE TRIBUNAL

Os poderes civis, sociais e eclesiásticos da Babilônia, a cristandade, estão agora sendo pesados na balança – A acusação dos poderes civis – A acusação do atual sistema social – A acusação dos poderes eclesiásticos – Mesmo agora, em meio às suas festividades, a sentença de sua ruína está traçada e pode ser lida com clareza, embora o julgamento ainda não tenha sido concluído.

"O Deus poderoso, o próprio Senhor, falou e convocou a terra, desde o nascer do sol até o seu pôr. Ele chamará os céus do alto [os poderes superiores ou governantes] e a terra [as massas do povo], para que julgue o seu povo [professo] [a cristandade].

"Ouve, ó meu povo, e eu falarei; ó Israel [Israel espiritual nominal – Babilônia, a cristandade], e testemunharei contra ti...
.Ao ímpio, Deus diz: 'O que tens a ver com proclamar meus estatutos, ou com colocar minha aliança em tua boca? Visto que odeias a instrução e jogas minhas palavras para trás de ti. Quando viste um ladrão, consentiste com ele e te tornaste cúmplice dos adúlteros. Tu dedicas tua boca ao mal, e tua língua tece engano. Tu te sentas e falas contra teu irmão [os verdadeiros santos, a classe do trigo]; difamas o filho de tua própria mãe. Essas coisas tu fizeste, e eu guardei silêncio; pensaste que eu fosse exatamente como tu; *mas eu te repreenderei e colocarei tudo isso diante dos teus olhos.*

"Agora, considerem isso, vocês que se esquecem de Deus, para que eu não os faça em pedaços, e não haja quem os livre." – Salmo 50:1, 4, 7, 16-22.

COMO consequência lógica do grande aumento de conhecimento sobre todos os assuntos, providencialmente concedido nesta

"dia de preparação" – para o reinado milenar de Cristo, os poderes civis e eclesiásticos da cristandade, a Babilônia, estão agora sendo pesados na balança da Justiça, à vista de todo o mundo. Tendo chegado a hora do julgamento, o Juiz está agora no tribunal; as testemunhas — o público em geral — estão presentes; e, nesta fase do julgamento, permite-se que as "autoridades existentes" ouçam as acusações e, em seguida, se defendam. Seus casos estão sendo julgados em audiência pública, e o mundo inteiro observa com intenso e febril interesse.

O objetivo deste julgamento não é convencer o grande Juiz da real condição desses poderes; pois já fomos previamente avisados de sua condenação por meio de sua "palavra profética segura"; e os homens já podem ler nas paredes de seus salões de banquete a inscrição da mão misteriosa, mas fatídica – "MENE, MENE, TEKEL, UPHARSIN!"
(Dn 5,25) O presente julgamento, que envolve a discussão sobre o que é certo e errado, sobre doutrinas, autoridades etc., tem como objetivo manifestar a todos os homens o verdadeiro caráter de Babilônia, para que, embora os homens tenham sido enganados por muito tempo por suas pretensões vãs, possam, por fim, por meio desse processo de julgamento, compreender plenamente a justiça de Deus em sua derrubada final. Nesse julgamento, suas alegações de santidade superior e de autoridade divina e designação para governar o mundo, bem como suas muitas alegações doutrinárias monstruosas e contraditórias, estão todas sendo postas em questão.

Com evidente vergonha e confusão diante de tal multidão de testemunhas, os poderes civis e eclesiásticos, por meio de seus representantes — os governantes e o clero —, esforçam-se por prestar contas. Nunca, em todos os anais da história, houve tal situação. Nunca antes eclesiásticos, estadistas e governantes civis foram interrogados, questionados e criticados como agora perante o tribunal do julgamento público, por meio do qual o espírito do Senhor, que sonda os corações, funciona sobre eles

eles, causando-lhes grande confusão. Apesar de sua determinação e esforço para evitar o interrogatório e o contra-interrogatório do espírito destes tempos, eles são obrigados a suportá-lo, e o julgamento prossegue.

Babilônia Pesada na Balança

Enquanto as massas de homens hoje desafiam ousadamente tanto os poderes civis quanto os eclesiásticos da cristandade a provar suas alegações de autoridade *divina* para governar, nem elas nem os governantes percebem que Deus concedeu, ou melhor, permitiu, um prazo de poder* a tais governantes que a humanidade em geral pudesse escolher ou tolerar, fossem eles bons ou maus, até que "os Tempos dos Gentios" expirassem; que, durante esse tempo, Deus tenha permitido que o mundo, em grande parte, administre seus próprios assuntos e siga seu próprio curso no autogoverno, com o objetivo de que, ao fazê-lo, todos os homens aprendam que, em sua condição decaída, são incapazes de se autogovernar e que não vale a pena tentar ser independente nem de Deus nem uns dos outros. – Rom. 13:1.

Os governantes e as classes dominantes do mundo, não percebendo isso, mas vislumbrando sua oportunidade e tirando proveito das massas menos afortunadas, pelas quais, seja por ignorância ou inteligência, têm sido sustentados no poder há muito tempo, têm se empenhado em impor às massas analfabetas a doutrina absurda da designação divina e do "direito divino dos reis" – civil e eclesiástico. E, com o objetivo de perpetuar essa doutrina, tão conveniente à sua política, a ignorância e a superstição têm sido fomentadas e incentivadas entre as massas há muitos séculos.

Somente em tempos muito recentes o conhecimento e a educação se tornaram generalizados. E isso ocorreu pela força de circunstâncias providenciais, e não por esforços

*Vol. II, p. 80.

dos reis e eclesiásticos. A imprensa e o transporte a vapor têm sido os principais agentes na promoção desse processo. Antes dessas intervenções divinas, as massas humanas, estando em grande parte isoladas umas das outras, eram incapazes de aprender muito além de suas próprias experiências. Mas esses agentes têm sido fundamentais para promover um aumento maravilhoso das viagens e das relações sociais e comerciais, de modo que todos os homens, independentemente de sua posição ou condição social, possam se beneficiar das experiências de outros em todo o mundo.

Agora, o grande público é o público leitor, o público viajante, o público pensante; e está se tornando rapidamente o público insatisfeito e clamoroso, com pouca reverência restante pelos reis e potentados que mantiveram unida a velha ordem das coisas, sob a qual agora se revoltam tão inquietamente. Faz apenas cerca de trezentos e cinquenta anos que uma lei do Parlamento inglês estabeleceu disposições para os analfabetos entre seus membros, nestas palavras: "qualquer Lorde e Lordes do Parlamento, e Pares do Reino que tenham assento ou voz no Parlamento, mediante seu pedido ou súplica, reivindicando o benefício deste ato, *mesmo que não saiba ler*". Dos vinte e seis barões que assinaram a Magna Carta, diz-se que apenas três escreveram seus nomes, enquanto vinte e três fizeram seus marcos.

Vendo que a tendência do esclarecimento geral das massas populares é no sentido de um julgamento dos poderes dominantes e não contribui para sua estabilidade, o Ministro do Interior russo propôs, como forma de conter o crescimento do niilismo, pôr fim ao ensino superior de quaisquer membros das classes mais pobres. Em 1887, ele emitiu uma ordem da qual segue um trecho: "Os ginásios, colégios e universidades passarão a recusar como alunos ou estudantes os filhos de empregados domésticos, camponeses, artesãos, pequenos lojistas, agricultores e outros

em situação semelhante, cujos descendentes não devem ser elevados acima do círculo ao qual pertencem, pois isso os levaria, como a longa experiência tem demonstrado, a ficarem insatisfeitos com sua
sorte e irritados contra as inevitáveis desigualdades das posições sociais existentes."

Mas já é tarde demais para que uma política como essa tenha sucesso, mesmo na Rússia. É a política que o papado seguiu nos dias de seu poder, mas que essa instituição astuta agora percebe que seria um fracasso e certamente teria repercussões sobre o poder que a tentasse implementar. A luz brilhou nas mentes das massas, e elas não podem ser relegadas à sua antiga escuridão. Com o aumento gradual do conhecimento, as instituições monárquicas foram, por necessidade, grandemente modificadas pela força de seu próprio exemplo e pelas demandas do povo.

À luz da Aurora do novo dia, os homens começam a perceber que, sob a proteção de falsas alegações — apoiadas pelo povo em sua antiga ignorância —, as classes dominantes têm, de forma egoísta, transformado em mercadoria os direitos naturais e os privilégios do restante da humanidade. E, ao observarem e ponderarem as alegações daqueles que detêm o poder, estão rapidamente chegando às suas próprias conclusões, apesar das fracas justificativas apresentadas. Mas, como elas mesmas não são movidas por princípios mais elevados de retidão e verdade do que as classes dominantes, o julgamento das massas está igualmente longe de ser correto no outro lado da questão, sendo que sua tendência crescente é ignorar precipitadamente toda a lei e ordem, em vez de considerar com serenidade e imparcialidade as reivindicações da justiça de todos os lados à luz da Palavra de Deus.

Enquanto Babilônia, a cristandade — a atual organização e ordem da sociedade, representada por seus estadistas e seu clero — está sendo pesada na balança da opinião pública, suas muitas alegações monstruosas revelam-se infundadas e absurdas, e as graves acusações contra ela — de egoísmo e de não conformidade com a regra de ouro de Cristo, cujo nome

e autoridade que ela reivindica — já fizeram pender a balança e elevaram o peso tão alto que, mesmo agora, o mundo tem pouca paciência para ouvir novas provas de seu caráter verdadeiramente anticristão.

Seus representantes exortam o mundo a observar a glória de seus reinos, os triunfos de suas armas, o esplendor de suas cidades e palácios, o valor e a força de suas instituições, políticas e religiosas. Eles se esforçam para despertar novamente o antigo espírito de patriotismo tribal e superstição, que outrora se curvava em reverência submissa e adoradora perante aqueles que detinham autoridade e poder; que gritava com entusiasmo: "Viva o rei!", e contemplava com reverência as pessoas que afirmavam ser os representantes de Deus.

Mas esses dias já passaram: os resquícios da antiga ignorância e superstição estão desaparecendo rapidamente e, com eles, os sentimentos de patriotismo tribal e reverência religiosa cega; e, em seu lugar, encontram-se independência, desconfiança e desafio, que prometem, em breve, levar a um conflito mundial — a anarquia. Os povos dos diversos navios do Estado falam com raiva e ameaças aos capitães e pilotos e, às vezes, chegam quase à revolta. Eles alegam que a política atual dos que estão no poder é atraí-los para os mercados de escravos do futuro, transformar todos os seus direitos naturais em mercadoria e reduzi-los à servidão de seus antepassados. E muitos insistem, com veemência crescente, em destituir os atuais capitães e pilotos e deixar os navios à deriva, enquanto disputam entre si o domínio. Mas, contra esse clamor selvagem e perigoso, os capitães e pilotos, os reis e estadistas, resistem e mantêm seus cargos de poder, gritando o tempo todo para o povo: "Tirem as mãos! Vocês vão levar o navio contra as rochas!" Então, os mestres religiosos se manifestam e aconselham a submissão

por parte do povo; e, buscando enfatizar que sua própria autoridade provém de Deus, eles conspiram com os poderes civis para manter o povo sob controle. Mas eles também começam a perceber que seu poder se esvaiu e estão buscando meios para reforçá-lo. Assim, falam de união e cooperação entre si, e os ouvimos discutindo com o Estado por mais assistência dessa fonte, prometendo, em troca, defender as instituições civis com seu poder (em declínio). Mas, ao mesmo tempo, uma tempestade se aproxima e, enquanto as massas populares, incapazes de compreender o perigo, continuam a clamar, os corações daqueles que estão ao leme dos navios vacilam de medo daquilo que agora veem que certamente está por vir.

Os poderes eclesiásticos, em particular, sentem que lhes cabe prestar contas a fim de apresentar a melhor imagem possível; assim, se possível, conter a corrente revolucionária do sentimento público contra eles. Mas, ao tentarem se desculpar pelos escassos resultados positivos dos últimos séculos de seu poder, apenas aumentam sua própria confusão e perplexidade e chamam a atenção dos demais para a verdadeira situação das coisas. Essas justificativas aparecem constantemente nas colunas da imprensa secular e religiosa. E, em nítido contraste com elas, estão as críticas destemidas vindas do mundo em geral, tanto aos poderes civis quanto aos eclesiásticos da cristandade. Dos trechos a seguir, extraídos de reportagens da imprensa, são exemplos disso.

A ACUSAÇÃO DO MUNDO CONTRA OS PODERES CIVIS

"Entre todas as crenças estranhas da humanidade, não há nenhuma mais estranha do que aquela que levou o Deus Todo-Poderoso a selecionar cuidadosamente alguns dos membros mais comuns da espécie, muitas vezes doentes, estúpidos e perversos, para reinar sobre grandes comunidades sob sua proteção especial, como seus

representantes na Terra." – *New York Evening Post*.

Outro jornal, há alguns anos, publicou o seguinte, sob o título – "Um Péssimo Lote de Reis":

"Afirma-se, com certa aparência de verdade, que o rei Milan da Sérvia é louco. O rei de Württemberg é parcialmente louco. O último rei da Baviera cometeu suicídio enquanto estava louco, e o atual governante daquele país é um idiota. O czar da Rússia ocupa esse cargo porque seu irmão, o herdeiro natural, foi considerado mentalmente incapaz; e o atual czar sofre de melancolia desde o momento de sua coroação, tendo recorrido à ajuda de especialistas em saúde mental da Alemanha e da França. O rei da Espanha é vítima de escrófula e provavelmente não chegará à idade adulta. O imperador da Alemanha tem um abcesso incurável no ouvido que acabará por afetar seu cérebro. O rei da Dinamarca legou sangue envenenado a meia dúzia de dinastias. O sultão da Turquia sofre de melancolia. Não há um trono na Europa onde os pecados dos pais não tenham se recaiu visivelmente sobre os filhos, e em mais uma ou duas gerações não haverá mais nenhum Bourbon, Habsburgo, Romanov nem Guelfo para atormentar e governar o mundo. Sangue azul desse tipo não será mais valorizado nos anos 1900. Ele está se retirando do problema do futuro."

Outro colunista da imprensa diária calculou o custo da realeza da seguinte forma:

"O acordo feito com a rainha Vitória em sua ascensão ao trono lhe garante 385.000 libras por ano, com o poder de conceder novas pensões no valor de 1.200 libras por ano, estimadas como equivalentes a uma anuidade de
19.871 libras. Isso totaliza 404.871 libras por ano apenas para a rainha, das quais 60.000 libras destinam-se ao seu fundo privado; ou seja, simplesmente dinheiro de bolso. O ducado de Lancaster, que ainda permanece sob a administração da coroa, também contribui com 50.000 libras por ano para o fundo privado. Assim, a rainha dispõe de 110.000 libras por ano para despesas pessoais; pois as demais despesas de sua casa são custeadas por outras rubricas da Lista Civil.

Quando é anunciada uma doação de 50 ou 100 libras para instituições de caridade por parte da rainha, não se deve supor que esse valor venha do fundo privado, pois há uma rubrica separada de 13.200 libras por ano destinada a generosidades, esmolas e caridade reais. Entre os cargos da casa real, 20 são classificados como políticos, com salários totais de 21.582 libras por ano; a regra é que um homem receba o salário e outro faça o trabalho. O departamento médico inclui 25 pessoas, desde médicos extraordinários até químicos e farmacêuticos, todos com a função de manter a saúde da realeza, enquanto 36 capelães ordinários e 9 padres ordinários cuidam da alma real. O departamento do Lorde Camareiro inclui uma lista exaustiva de cargos, entre os quais, todos misturados com o examinador de peças teatrais, o poeta laureado e o avaliador de quadros, estão o mestre de barcaças, o guardião dos cisnes e o guardião das joias na Torre. O cargo mais curioso sob a chefia da Caça Real é o de grande falcoeiro hereditário, ocupado pelo duque de St. Albans com um salário de 1.200 libras por ano. Provavelmente, o duque não sabe a diferença entre um falcão e um pinguim, e nunca pretende descobrir. Desde sua ascensão ao trono, a rainha Vitória aboliu muitos cargos inúteis, gerando assim uma economia considerável, que vai integralmente para seu generoso fundo privado.

"Tendo assim providenciado generosamente para a rainha, a nação britânica teve que dar algo ao marido dela. O príncipe Alberto recebia 30.000 libras por ano por votação especial, além de 6.000 libras por ano como marechal de campo, 2.933 libras por ano como coronel de dois regimentos, 1.120 libras por ano como governador do Castelo de Windsor e 1.500 libras como guarda florestal de Windsor e dos Parques Reais. No total, o marido da rainha custou à nação 790.000 libras durante seus 21 anos de vida conjugal e gerou uma família numerosa a ser sustentada pela nação. Em seguida vem a Imperatriz Augusta da Alemanha, que recebe 8.000 libras por ano, além de possuir um dote de 40.000 libras e 5.000 libras para os preparativos do casamento. Mas essa generosa mesada não é suficiente para pagar sua passagem para a Inglaterra a fim de visitar sua mãe, pois, em cada uma dessas ocasiões, são pagas 40 libras pela passagem. Quando o Príncipe de Gales atingiu a maioridade, recebeu a modesta quantia de 601.721 libras como presente de aniversário, valor que correspondia às receitas acumuladas do Ducado da Cornualha até aquele período. Desde então, ele tem recebido, em média, 61.232 libras por ano do Ducado. O Estado também gastou 44.651 libras em reformas na Marlborough House, a residência urbana do príncipe desde 1871; paga a ele 1.350 libras por ano como coronel do 10º Regimento de Hussardos; concedeu-lhe 23.450 libras para cobrir as despesas do casamento; concede à sua esposa 10.000 libras por ano e deu a ele 60.000 libras para despesas durante sua visita à Índia em 1875. Ao todo, ele recebeu 2.452.200 libras (mais de

US$ 12.000.000) do bolso de João até dez anos atrás e vem recebendo regularmente desde então.

"Agora, quanto aos filhos e filhas mais novos. A princesa Alice recebeu 30.000 libras em seu casamento, em 1862, e uma renda vitalícia de 6.000 libras até sua morte, em 1878. Ao atingir a maioridade, em 1866, o duque de Edimburgo recebeu 15.000 libras por ano, além de mais 10.000 libras por ano por ocasião de seu casamento, em 1874, além de
6.883 libras para despesas de casamento e reparos em sua casa. É isso que ele recebe por não fazer nada além de ser príncipe. Por seu trabalho como capitão e, mais recentemente, como almirante da Marinha, ele ganhou
15.000 libras. A princesa Helena, ao se casar com o príncipe Christian, de Schleswig-Holstein, em 1866, recebeu um dote de 30.000 libras e uma pensão vitalícia de 7.000 libras por ano, enquanto seu marido recebe 500 libras por ano como guarda florestal do Windsor Home Park. A princesa Louisa recebeu os mesmos benefícios que sua irmã Helena. O duque de Connaught começou sua vida em 1871 com 15.000 libras por ano do Estado, valor que foi aumentado para 25.000 libras após seu casamento, em 1879. Atualmente, ele exerce o comando do exército de Bombaim, com 6.600 libras por ano e valiosos benefícios adicionais. Ao duque de Albany foram concedidas 15.000 libras por ano em 1874, valor que foi aumentado para 25.000 libras quando se casou, em 1882, e sua viúva recebe 6.000 libras por ano. O infortunado duque era o gênio da família; e, se fosse um cidadão comum com oportunidades medianas, poderia ter ganhado a vida confortavelmente como advogado, pois era um orador talentoso. A princesa Beatrice, ao se casar, recebeu o dote habitual de
30.000 libras e uma renda vitalícia de 6.000 libras. Assim, a nação, desde a ascensão da rainha até o final de 1886, pagou 4.766.083 libras pelo luxo de um príncipe consorte, cinco princesas e quatro príncipes, sem levar em conta mesadas especiais, residências isentas de aluguel e isenção de impostos.

"Mas isso não é tudo. A nação não tem apenas que sustentar os descendentes da rainha, mas também seus primos, tios e tias. Vou apenas registrar os valores que esses pensionistas reais receberam desde 1837. Leopoldo I, rei dos belgas, simplesmente

simplesmente por ter se casado com a tia da rainha, recebeu 50.000 libras por ano até sua morte, em 1865, totalizando 1.400.000 libras durante o reinado atual. No entanto, ele tinha algum senso de decência, pois, quando se tornou rei dos belgas em 1834, transferiu o pagamento de sua pensão para curadores, estipulando apenas que fossem pagas rendas anuais a seus servos e que a manutenção da Claremont House fosse assegurada; e, quando faleceu, o valor total foi devolvido ao Tesouro Público. Não foi assim com o rei de Hanôver, tio da rainha. Ele ficou com tudo o que pôde, o que, de 1837 a 1851, totalizou 21.000 libras por ano, ou seja, 294.000 libras. A rainha Adelaide, viúva de Guilherme IV, recebeu 100.000 libras por ano durante 12 anos, ou
1.200.000 libras no total. A mãe da rainha, a duquesa de Kent, recebeu 30.000 libras por ano desde a ascensão da filha ao trono até sua morte, totalizando 720.000 libras. O duque de Sussex, outro tio, recebeu 18.000 libras por ano durante seis anos, totalizando 108.000 libras. O duque de Cambridge, tio nº 7, recebia 24.000 libras por ano, ou 312.000 libras no total, enquanto sua viúva, que ainda vive, recebe 6.000 libras por ano desde a morte dele, ou 222.000 libras no total. A princesa Augusta, outra tia, recebeu cerca de 18.000 libras no total. A landgravina de Hesse, tia nº 3, garantiu cerca de 35.000 libras. A duquesa de Gloucester, tia nº 4, recebeu 14.000 libras por ano durante 20 anos, ou 280.000 libras no total. A princesa Sofia, mais uma tia, recebeu 167.000 libras, e a última tia, a princesa Sofia de Gloucester, sobrinha de Jorge III, recebeu 7.000 libras por ano durante 7 anos, ou seja, 49.000 libras. Além disso, o duque de Mecklenburg-Strelitz, primo da rainha, recebeu 1.788 libras por ano durante 23 anos de seu reinado, ou seja, 42.124 libras.

"O duque de Cambridge, como comandante-chefe do exército britânico, com pensões, salário como comandante-chefe, cargos de coronel em vários regimentos e administração de vários parques — grande parte dos quais ele transformou em reservas de caça particulares —, recebeu 625.000 libras de dinheiro público. Sua irmã, a duquesa de Mecklenburg-Strelitz, recebeu
132.000 libras, e sua segunda irmã, "Fat Mary", duquesa de Teck, recebeu 153.000 libras. Isso totaliza 4.357.124 libras que a nação pagou para sustentar a

tios, tias e primos da rainha durante seu reinado.

"Além dos valores previstos na Lista Civil da rainha, o custo original e o custo de manutenção dos quatro iates reais estão incluídos nas estimativas da Marinha, embora façam parte, legitimamente, das despesas da realeza. O custo original foi de 275.528 libras, e o custo total de manutenção e salários, de subsídios e abastecimento da tripulação por dez anos foi de 346.560 libras, totalizando
£622.088 apenas para esse item.

"Resumindo, os inúmeros tios, tias e primos da Rainha custaram 4.357.124 libras; seu marido, seus filhos e suas filhas,
£4.766.083; ela própria e sua casa, £19.838.679; e seus iates, £622.088. Isso totaliza £29.583.974 [quase 150 milhões de dólares], que a nação britânica gastou com a monarquia durante o atual reinado. [Até o ano de 1888.] Será que o jogo vale a vela? Esse é um preço bastante alto a pagar pela estabilidade, pois significa que o povo é tributado até o limite de suas possibilidades para manter na ociosidade um número de pessoas que fariam mais bem ao país se estivessem ganhando a vida honestamente."

A espetacular coroação do czar da Rússia foi uma ilustração marcante da extravagância real, concebida, como todas as ostentações da realeza, para impressionar as massas populares com a ideia de que seus governantes estão tão acima delas em glória e dignidade a ponto de serem dignos de sua adoração como seres superiores e de sua obediência mais abjeta e servil. Diz-se que a grande exibição da realeza nessa ocasião custou 25 milhões de dólares.

Diante dessa extravagância, em tão forte contraste com as condições miseráveis de seus milhões de camponeses — cujas misérias o mundo inteiro conheceu tão bem durante a fome de 1893 —, extraímos dos comentários de um jornal inglês, **The Spectator**, o seguinte:

"É difícil ler os relatos sobre os preparativos para a coroação russa — que parecem ter sido escritos para serem impressos em ouro sobre seda púrpura — sem sentir repulsa, mais

especialmente se lermos, ao mesmo tempo, as descrições dos massacres de armênios que os russos se recusaram a proteger, embora tivessem o poder para fazê-lo. Podemos, com algum esforço, evocar a cena maravilhosa apresentada em Moscou, com sua arquitetura asiática e cúpulas reluzentes, suas ruas repletas de uniformes europeus deslumbrantes e trajes asiáticos ainda mais deslumbrantes, príncipes brancos vestidos de vermelho, príncipes amarelos vestidos de azul, príncipes morenos em tecidos dourados, os governantes de tribos do Extremo Oriente, o ditador da China e o general japonês moreno diante de quem esse ditador se prostrou, lado a lado com membros de todas as Casas Reais da Europa e representantes de todas as Igrejas conhecidas, exceto a mórmon, de todos os povos que obedecem ao czar — são, acreditamos, oitenta deles — e de todos os exércitos do Ocidente, todos se movendo em meio a regimentos de número e variedades de uniformes infinitos, e por entre milhões de pessoas humildes — metade asiáticas, metade europeias — cheias de entusiasmo e devoção ao seu senhor terreno. Podemos antecipar o rugido das multidões intermináveis, os coros dos inúmeros monges, as salvas de artilharia, que se repetem de estação em estação até que, por todo o norte do mundo, de Riga a Vladivostok, todos os homens ouçam, no mesmo instante, que o czar colocou a coroa sobre sua cabeça. O inglês analisa tudo isso como se estivesse analisando um poema de Moore e acha que é ao mesmo tempo deslumbrante e enjoativo. Não é isso grandioso demais para a grandeza? Não é mais próprio da ópera do que da vida? Não há algo como culpa, em um império como a Rússia, com seus milhões e milhões de pessoas sofrendo, nos gastos gigantescos que produzem esses efeitos pomposos? Cinco milhões de libras esterlinas para uma cerimônia! Existe algum princípio pelo qual um gasto como esse possa sequer ser plausivelmente justificado? Não é o desperdício de um Belsazar, a ostentação de um orgulho quase insano, um derramamento de tesouros como os reis orientais às vezes o fazem, apenas para despertar uma emoção de glória em uma mente saturada? Nada poderia induzir um inglês a aprovar tal soma para tal fim, e a Inglaterra poderia dispensar o dinheiro pelo menos dez vezes mais facilmente do que a Rússia.

"No entanto, é de se temer que aqueles que governam a Rússia sejam sábios em sua
geração, e que esse gasto imprudente de energia e recursos garante um resultado que, do ponto de vista deles, representa um retorno adequado. O objetivo é reforçar a impressão russa de que a posição do czar é, de alguma forma, supra-natural, que seus recursos são tão ilimitados quanto seu poder, que ele mantém uma relação especial com o Divino, que sua coroação é a consagração tão solene e com tal significado para a humanidade que nenhuma demonstração externa para torná-la visível pode ser excessiva, que a humanidade pode ser convocada a contemplar sem desrespeito, que o silêncio momentâneo de paz que foi tão cuidadosamente espalhado por todo o mundo do Norte não é causado por ordem, mas pela expectativa de um evento adequado. E os russos no poder acreditam que o resultado foi alcançado e que a impressão causada pela coroação equivale, em todo o Império, à impressão de uma vitória que custaria tanto em dinheiro e muito mais em lágrimas. Eles repetem a cerimônia a cada sucessão ao trono, com um esplendor e uma grandiosidade cada vez maiores, correspondentes ao fortalecimento da posição russa, marcado neste momento, como acreditam, pelo retrocesso taciturno do Japão, pela submissão da China e pela servilidade rastejante do governante de Constantinopla. Acreditam até que a coroação aumenta o prestígio do mestre na Europa, que a grandeza de seu Império, a multidão de seus soldados, sua posse de todos os recursos da civilização, bem como de todos os recursos de uma potência bárbara, são levadas mais profundamente à consciência coletiva do Ocidente e aumentam a aversão que ali existe em relação à grande potência do Norte. Em Berlim, pensam eles, há um estremecimento mais profundo diante da ideia de invasão; em Paris, mais exultação à medida que os homens se lembram da Aliança; em Londres, uma pausa mais longa enquanto seus estadistas meditam — como sempre meditam — sobre como, daqui para frente, a marcha da geleira poderá ser detida ou desviada. Alguém pode afirmar com confiança que eles estão totalmente errados, ou que, durante um ano, a diplomacia da Rússia não será mais ousada em consequência da festa nacional, e que a resistência daqueles que resistem não se tornará mais tímida por terem visto, pelo menos com os olhos da mente, uma cena que talvez, se buscássemos a concisão, pudesse ser melhor descrita como a revista de um Império realizada dentro das muralhas de sua capital, ou a parada da Europa do Norte e da Ásia em homenagem ao seu Comandante-em-Chefe?

"Pode ser enganoso, mas disso estamos certos: cenas como a apresentada nesta coroação constituem um dos riscos do mundo. Elas tendem a desmoralizar seus homens mais poderosos. Sobre o atual czar, ninguém sabe nada, exceto, diz

alguém que esteve em contato próximo com ele, que ele é 'um homem de profundos sentimentos'; mas ele deve ser mais do que a massa comum, se ele, um descendente de Alexandre I, que assinou o Tratado de Tilsit, consegue se sentir por dias o centro daquela cena de coroação, consegue, de fato, ser adorado como se reinasse em Nínive, sem sonhar sonhos; e os sonhos dos reis costumam ser de domínio. Existe uma embriaguez de posição, supomos, assim como uma embriaguez de poder, e o homem em quem todos os olhos estão fixos, e diante de quem todos os príncipes parecem pequenos, deve ter uma mente verdadeiramente equilibrada se, em certos momentos, não se encher da convicção de que é o primeiro entre a humanidade. Os governantes da Rússia ainda podem descobrir que, embora, ao elevar seus czares a tamanha altura, tenham fortalecido a lealdade e aprofundado a obediência, dissolveram o poder de autocontrole, que é a defesa necessária da mente."

Mas o fato de que esses governantes dos chamados reinos cristãos são, em sua maioria, desprovidos de verdadeiros sentimentos cristãos e carecem até mesmo de compaixão humana é amplamente comprovado pelo fato de que, enquanto a riqueza é esbanjada como água para sustentar a realeza e sua pompa e ostentação vãs, e enquanto milhões de soldados e marinheiros, além de um armamento militar extraordinário, estão à sua disposição, eles ouviram, impassíveis, os gritos dos pobres cristãos armênios, que os turcos torturavam e matavam às dezenas de milhares. Esses exércitos maravilhosos evidentemente não são organizados em prol da humanidade, mas para os fins meramente egoístas dos governantes políticos e financeiros do mundo; a saber: para conquistar territórios, proteger os interesses dos detentores de títulos e atacarem-se mutuamente, inflamados por ódio assassino, sempre que surge uma boa oportunidade de ampliar seus impérios ou aumentar sua riqueza.

Em nítido contraste com essa extravagância real que prevalece, em certa medida, em todos os países onde se mantém uma família real, está *O Enorme Endividamento dos Países Europeus.*

"A revista **L'Économiste Français** publicou um artigo detalhado,
de M. René Stourm, sobre a dívida pública da França. Estima-se que o valor mais comum do capital da dívida seja de
US$ 6.400.000.000. As estimativas mais moderadas o situam alguns milhões abaixo disso. O Sr. Paul Leroy-Beaulieu calcula-o em
US$ 6.343.573.630. O resultado do cálculo do Sr. Stourm é um total de US$ 5.900.800.000, com a ressalva, no entanto, de que ele omitiu US$ 432.000.000 em rendas vitalícias, que outros economistas consideraram parte do capital da dívida. O encargo anual com juros e fundo de amortização, sobre a dívida total, incluindo as rendas vitalícias, é de $258.167.083. Da dívida financiada, $2.900.000.000 correspondem a títulos perpétuos de 3%,
US$ 1.357.600.000 em títulos perpétuos a 4,5%, e
US$ 967.906.200 em títulos redimidos de diversas categorias. As anuidades pagas a diversas empresas e corporações, no valor de
US$ 477.400.000, além de US$ 200.000.000 em dívida flutuante, compõem o saldo do total calculado por M. Stourm. Esse é, de longe, o fardo mais pesado suportado por qualquer nação do mundo. A dívida que mais se aproxima disso é a da Rússia, estimada em $3.605.600.000. A Inglaterra vem em seguida, com $3.565.800.000, e a Itália, com $2.226.200.000. A dívida da Áustria é de 1.857.600.000 dólares, e da Hungria, de 635.600.000 dólares. A Espanha deve 1.208.400.000 dólares, e a Prússia, 962.800.000 dólares. Esses são os números apresentados pelo Sr. Stourm. Nenhuma dessas nações, com exceção da Inglaterra e da Prússia, arrecada receitas suficientes para garantir um equilíbrio permanente do orçamento, mas a França é a mais sobrecarregada de todas, e o aumento de sua dívida tem sido o mais rápido no passado recente e é o mais ameaçador para o futuro.

"Em conclusão, o Sr. Stourm afirma: 'Abstenhamo-nos de nos deter nas reflexões angustiantes que o resultado de nosso trabalho suscita. Sob qualquer aspecto que consideremos esses 29 bilhões e meio, seja em comparação com as dívidas de outros países, seja com nossa própria dívida de dez ou vinte anos atrás, eles parecem um cume de altura desconhecida, superando

o limite que qualquer povo do mundo, em qualquer época, tenha considerado alcançável. A Torre Eiffel será sua verdadeira contrapartida; dominamos nossos vizinhos e nossa história com a altura de nossa dívida, na presença da qual é hora de nosso país sentir um pavor patriótico." "---

O jornal londrino "The Telegraph" publicou certa vez o seguinte resumo das perspectivas financeiras nacionais:

"A falta de recursos paira como uma nuvem sombria e quase universal sobre as nações da Europa. Os tempos são muito ruins para todas as potências, mas piores ainda para as pequenas. Dificilmente há uma nação no continente cujo balanço do ano que passou não apresente uma perspectiva sombria; enquanto muitos deles são meras confissões de falência. Relatórios minuciosos sobre a situação financeira dos diversos Estados revelam uma luta nos vários tesouros públicos para fazer as contas baterem, luta essa que nunca foi tão generalizada. O quadro é, de fato, quase mundial; pois, se olharmos para fora do nosso próprio continente, os Estados Unidos, de um lado, e a Índia e o Japão, com seus vizinhos, do outro, sentiram o aperto generalizado. . . .

"A Grande República é vasta e cheia de recursos demais para morrer de suas doenças financeiras; embora até mesmo ela esteja muito doente. A Grã-Bretanha, também, tem um déficit a enfrentar no próximo Orçamento e sofreu perdas onerosas, talvez irreparáveis, devido à loucura da greve dos mineiros de carvão. A França, assim como nós e os Estados Unidos, é um dos países que dificilmente se pode imaginar insolvente, de tão rico que é seu solo e de tão trabalhador que é seu povo. Suas receitas, no entanto, apresentam déficits frequentes; sua dívida pública assumiu proporções astronômicas, e o fardo de seu Exército e de sua Marinha quase esmaga a indústria do país. A Alemanha também deve ser incluída na categoria das potências sólidas e fortes demais para sofrer mais do que um eclipse temporário. No entanto, calcula-se que, durante o ano passado, ela tenha perdido 25 milhões de libras esterlinas, o que representa cerca de metade da poupança nacional. Grande parte dessa perda deveu-se aos investimentos alemães em ações de Portugal, Grécia, América do Sul, México, Itália e Sérvia; ao mesmo tempo, a Alemanha também sentiu profundamente a turbulência no mercado da prata. O fardo de sua paz armada pesa sobre seu povo como uma carga esmagadora. Entre as potências que agrupamos como naturalmente solventes, é impressionante constatar que a Áustria-Hungria apresenta o balanço mais positivo e satisfatório. . . .

"Quando nos afastamos desse grande grupo e voltamos nossos olhar para a Itália, vemos um exemplo de uma 'Grande Potência' praticamente levada à miséria por sua própria grandeza. Ano após ano, sua receita cai e suas despesas aumentam. Seis anos atrás, o valor do comércio da Itália era de 2.600.000.000 de francos; agora caiu para 2.100.000.000. Ela precisa pagar 30.000.000 de libras esterlinas como juros sobre sua dívida pública, além de um prêmio pelo ouro necessário. Seus títulos são um fardo para o mercado; sua emissão prodigiosa de notas bancárias elevou os preços da prata e do ouro a níveis exorbitantes. Sua população está mergulhada em um estado de pobreza e desamparo quase inimaginável por aqui, e quando seus novos ministros criam novos impostos, eclodem tumultos sangrentos.

"Quanto à Rússia, suas demonstrações financeiras estão envoltas em tal mistério que ninguém pode falar sobre elas com segurança; mas há poucos motivos para duvidar de que apenas a grandiosidade do império do czar a impede de entrar em falência. A população tem sido espremida até que quase a última gota do sangue vital da indústria seja extraída. O ministro da Fazenda mais imprudente e impiedoso mal ousa dar mais meia volta na chave da tributação.

"Uma autoridade local moderada e precisa escreve sobre a situação na Rússia com as seguintes palavras:

" 'Cada copeque que o camponês consegue ganhar é gasto, não para colocar seus assuntos em ordem, mas para pagar impostos atrasados. O dinheiro pago pela população camponesa
"sob a forma de impostos, equivale a dois terços a três quartos da renda bruta da terra, incluindo o próprio trabalho extra que realizam como trabalhadores rurais". O aparente bom crédito do governo é sustentado por meios artificiais. Observadores atentos prevêem um colapso tanto nas estruturas sociais quanto nas financeiras do império. Também aqui o fardo colossal da paz armada da Europa contribui amplamente para paralisar o comércio e a agricultura. O exemplo de Portugal está fora do nosso âmbito; pois, embora o outrora famoso reino seja inadimplente, sua infeliz situação certamente não se deve à ambição militar nem a gastos desenfreados. Grécia,

no entanto, embora insignificante entre as potências com sua população de dois milhões, oferece um exemplo flagrante da ruína a que a extravagância financeira e os projetos inflacionados levam uma nação. A "grande ideia" tem sido a maldição da pequena Grécia, e vimos recentemente como ela foi levada a se esquivar do fardo de sua dívida pública por meio de um ato de desonestidade absoluta, suspenso apenas parcialmente diante dos protestos da Europa. O dinheiro desperdiçado em seu "Exército e Marinha" poderia muito bem ter sido jogado no mar. A política tornou-se, para ela, uma doença, contaminando seus melhores e mais capazes homens públicos. Com um povo comum instruído demais para trabalhar; estudantes universitários mais numerosos do que pedreiros; dívidas públicas e privadas que ninguém jamais pretende pagar; um exército e uma marinha de fachada, devorando recursos; a desonestidade erguida a princípio na política; e planos secretos que devem significar mais empréstimos ou um acordo corrupto e perigoso com a Rússia — essas coisas caracterizam a Grécia contemporânea.

"Olhando para todo o continente, portanto, não se pode negar que a situação no que diz respeito ao bem-estar do povo e aos balanços nacionais é extremamente insatisfatória. É claro que uma razão principal e óbvia para isso é aquela paz armada que pesa sobre a Europa como um pesadelo e transformou todo o continente em um acampamento permanente. Basta olhar para a Alemanha! Aquele império sério e sóbrio! O orçamento do exército lá aumentou de 17.500.000 libras esterlinas em 1880 para
28.500.000 libras esterlinas em 1893. O aumento previsto na nova Lei de Defesa do Exército acrescenta 3.000.000 de libras esterlinas por ano ao colossal aparato defensivo da Alemanha.

"A França esgotou suas forças até o ponto de colapso iminente para se equiparar ao seu poderoso rival. É desnecessário salientar o papel terrível que esses gastos com a guerra desempenham na atual angústia popular da Europa. Não apenas elas retiram dos lucros e rendimentos as vastas somas que compram pólvora e munição e constroem quartéis, mas também retiram das fileiras da indústria, no auge de sua força física, milhões de jovens trabalhadores, que também ficam ausentes, durante os mesmos períodos, das famílias e do reforço das populações.

O mundo ainda não inventou uma câmara de compensação melhor para os cheques internacionais do que o medonho e oneroso Templo da Guerra."

Mas, apesar do pesado endividamento e das dificuldades financeiras das nações, estima-se, segundo estatísticos competentes, que o custo real para a Europa dos diversos orçamentos do exército e da marinha, da manutenção das guarnições e da perda de mão de obra industrial pela retirada de homens da indústria produtiva, possa ser razoavelmente calculado em 1.500.000.000 de dólares por ano, sem falar na imensa perda de vidas, que, nos vinte e cinco anos do século passado (de 1855 a 1880) foi estimada em 2.188.000, em meio a horrores que desafiam qualquer descrição. O Sr. Charles Dickens observou com muita veracidade que:

"Falamos com exultação e com certo ardor de 'uma carga magnífica!', de 'uma carga esplêndida!', mas muito poucos pensam nos detalhes hediondos que essas duas palavras vazias representam. A 'carga esplêndida' é uma investida precipitada de homens montados em cavalos robustos, impulsionados à velocidade máxima, atropelando e esmagando uma massa adversária de homens a pé. A mente do leitor não vai além disso; contenta-se com a informação de que a linha inimiga foi 'rompida' e 'cedeu'. Ela não completa o quadro. Quando a 'esplêndida investida' tiver cumprido sua função e passado, encontrar-se-á uma cena muito semelhante à de um terrível acidente ferroviário. Haverá uma profusão de costas partidas ao meio, de braços totalmente arrancados, de homens empalados em suas próprias baionetas, de pernas esmagadas como pedaços de lenha, de cabeças cortadas ao meio como maçãs, de outras cabeças esmagadas até se tornarem gelatina mole pelos cascos de ferro dos cavalos, de rostos pisoteados até perderem toda semelhança com qualquer coisa humana. É isso que se esconde por trás de uma "esplêndida investida". É isso que se segue, naturalmente, quando "nossos rapazes cavalgaram contra eles com estilo" e "os massacraram de forma notável". "----

"Imaginem", diz outro escritor, "os milhões de trabalhadores em toda a Europa, saindo em massa dia após dia para o trabalho, trabalhando incessantemente desde o amanhecer até o entardecer orvalhado, no cultivo da terra, na produção de tecidos, na troca de mercadorias, em minas, fábricas, forjas, docas, oficinas, armazéns; em ferrovias, rios, lagos, oceanos; penetrando nas entranhas da terra, subjugando a teimosia da matéria bruta, dominando os elementos da natureza,

e tornando-os subservientes à conveniência e ao bem-estar humanos, e criando, com tudo isso, uma massa de riqueza que poderia levar abundância e conforto a cada um de seus lares. E então imagine a mão do poder intervindo e, a cada ano, varrendo cerca de seiscentos milhões do dinheiro tão laboriosamente ganho para o abismo dos gastos militares."

O trecho a seguir, do *Harrisburg Telegram,* também vai direto ao

ponto: "Custa às nações 'cristãs' da Europa um certo esforço ilustrar sua noção de 'paz na Terra e boa vontade para com os homens'.
Ou seja, custa-lhes algo manter-se todas prontas para se explodirem mutuamente em pequenos fragmentos. Estatísticas publicadas em Berlim mostram o montante dos gastos militares das grandes potências durante os três anos de 1888, 1889 e 1890. São apresentados os seguintes gastos em valores arredondados: França, US$ 1.270.000.000; Rússia, US$ 813.000.000; Grã-Bretanha, US$ 613.000.000; Alemanha, $607.000.000; Áustria-Hungria, $338.000.000; Itália, US$ 313.500.000. Essas seis potências gastaram, no total, US$ 3.954.500.000 para fins militares em três anos, ou a uma taxa de mais de US$ 1.318.100.000 por ano. O total desses três anos excede consideravelmente a dívida nacional da Grã-Bretanha e é quase suficiente para pagar três vezes a dívida com juros dos Estados Unidos. Os gastos correspondentes nos Estados Unidos foram de cerca de $145.000.000, sem contar as aposentadorias. Se somássemos essas, nossos gastos totais aumentariam para cerca de $390.000.000.

"De acordo com as estimativas de estatísticos franceses e alemães, pereceram nas guerras dos últimos trinta anos 2.500.000 de homens, enquanto foram gastos para conduzir essas guerras nada menos que US$ 13.000.000.000. O Dr. Engel, um estatístico alemão, apresenta os seguintes valores como o custo aproximado das principais guerras dos últimos trinta anos: Guerra da Crimeia, US$ 2.000.000.000; Guerra da Itália de 1859, US$ 300 milhões; Guerra Prussiano-Dinamarquesa de 1864, US$ 35 milhões; Guerra da Rebelião (Norte), US$ 5.1 bilhões; Sul, US$ 2.300.000.000; Guerra Prussiano-Austríaca de 1866, US$ 330.600.000; Guerra Franco-Alemã de 1870, US$ 2.600.000.000; Guerra Russo-Turca, US$ 125.000.000; Guerras da África do Sul, 8.770.000 dólares; Guerra da África, 13.250.000 dólares;

Guerra servo-búlgara, 176.000.000 dólares.

"Todas essas guerras foram extremamente sangrentas. A Guerra da Crimeia, na qual poucas batalhas foram travadas, custou 750.000 vidas, apenas 50.000 a menos do que o número de mortos ou falecidos em decorrência de ferimentos no Norte e no Sul durante a Guerra da Rebelião. As expedições ao México e à China custaram US$ 200.000.000 e 85.000 vidas. Houve 250.000 mortos e feridos mortalmente durante a Guerra Russo-Turca, e 45.000 em cada uma das guerras: a Guerra Italiana de 1859 e a guerra entre a Prússia e a Áustria."

Em uma carta ao deputado Passy, de Paris, o falecido Exmo. João Bright, membro do Parlamento inglês, afirmou:

"Atualmente, todos os recursos europeus são engolidos pelas exigências militares. Os interesses do povo são sacrificados às fantasias mais miseráveis e culpáveis da política externa. Os verdadeiros interesses das massas são pisoteados em deferência a falsas noções de glória e honra nacional. Não posso deixar de pensar que a Europa está caminhando para alguma grande catástrofe de peso esmagador. O sistema militar não pode ser suportado indefinidamente com paciência, e as populações, levadas ao desespero, talvez em breve varram os monarcas e os supostos estadistas que governam em seus nomes."

Assim, o julgamento dos poderes civis está se voltando contra eles. Não só a imprensa se manifesta abertamente, mas o povo, em todos os lugares, está falando em voz alta e clamando contra os detentores do poder. A inquietação é universal e está se tornando cada vez mais perigosa a cada ano.

A ACUSAÇÃO MUNDIAL CONTRA O ATUAL SISTEMA SOCIAL

O sistema social da cristandade também está sob escrutínio — suas regulamentações monetárias, seus esquemas e instituições financeiras e, decorrentes destes, sua política empresarial egoísta e suas distinções de classe baseadas principalmente na riqueza, com tudo o que isso

implica em injustiça e sofrimento para as massas populares — tudo isso é tratado com a mesma severidade no julgamento desta hora quanto as instituições civis. Veja-se as discussões intermináveis sobre a questão da prata e o padrão-ouro, bem como as disputas intermináveis entre trabalho e capital. Como ondas agitadas do mar sob um vento crescente, ressoam os murmúrios concertados de inúmeras vozes contra o atual sistema social, particularmente na medida em que ele é visto como inconsistente com o código moral contido na Bíblia, que a cristandade, de maneira geral, afirma reconhecer e seguir.

É, de fato, um fato notável que, no julgamento da cristandade — e até mesmo pelo mundo em geral —, o padrão de julgamento seja a *Palavra de Deus*. Os pagãos apontam para a Bíblia e declaram com ousadia: "Vocês não são tão bons quanto o seu livro". Eles apontam para o Cristo abençoado e dizem: "Vocês não seguem o seu modelo". E tanto os pagãos quanto as massas da cristandade tomam a regra de ouro e a lei do amor para avaliar as doutrinas, as instituições, a política e o rumo geral da cristandade; e todos, sem exceção, atestam a veracidade da estranha inscrição em suas paredes festivas: "Foste pesada na balança e encontrada em falta".

O testemunho do mundo contra o atual sistema social é ouvido em todos os lugares, em todas as terras. Todos os homens declaram que ele é um fracasso; a oposição está cada vez mais ativa e espalha o alarme por todo o mundo, "abalando terrivelmente toda a confiança nas
instituições existentes e, de tempos em tempos, paralisando a indústria com pânicos, greves etc. Não há uma nação na cristandade onde a oposição aos atuais arranjos sociais não seja pronunciada, obstinada e cada vez mais ameaçadora.

Diz o Sr. Carlyle: "A existência industrial britânica parece estar se transformando rapidamente em um enorme pântano-prisão de pestilência fétida, física e moral, um hediondo Gólgota vivo de almas e corpos enterrados vivos. Trinta mil costureiras trabalhando até a morte. Três milhões de indigentes apodrecendo na ociosidade forçada, contribuindo para a morte dessas costureiras. Esses são

apenas itens no triste livro-razão do desespero."

De outro jornal chamado **The Young Man**, extraímos o seguinte artigo, intitulado "O mundo está ficando melhor?". Ele diz:

"Homens fortes, ansiosos por um trabalho honesto, estão suportando as agonias da fome e da exposição às intempéries e, em muitos casos, a dor adicional de testemunhar o sofrimento de suas famílias. Por outro lado, a riqueza avassaladora costuma estar aliada à avareza e à imoralidade; e enquanto os pobres morrem de fome aos poucos, os ricos, em grande medida, ignoram as necessidades de seus irmãos e se preocupam apenas para que Lázaro não se torne inconvenientemente proeminente. Milhares de jovens são forçados a trabalhar como escravos em lojas abafadas e armazéns sombrios por setenta e oitenta horas por semana, sem nunca terem um intervalo para recreação física ou mental. No East End, as mulheres costuram camisas ou fabricam caixas de fósforos o dia inteiro por um salário insuficiente até mesmo para o aluguel de uma cama — sem falar em um quarto próprio — e são frequentemente obrigadas a escolher entre a fome e o vício. No West End, ruas inteiras estão nas mãos das sereias da sensualidade e do pecado, com rosto pintado e maquiado — cada uma delas uma repreensão constante à fraqueza e à maldade do homem. Quanto aos jovens, milhares estão se jogando na prisão por causa do jogo ou se matando de bebida; e, ainda assim, todos os jornais respeitáveis estão repletos de longas reportagens sobre corridas de cavalos, e o governo cristão (?) permite que um bar seja instalado na esquina de cada rua. O pecado é facilitado, o vício é barateado, a trapaça prevalece no comércio, a amargura na política e a apatia na religião."

O *Philadelphia Press* publicou há algum tempo o seguinte:

"Perigo à frente! Não há dúvida de que Nova York
está dividida em duas grandes classes: os muito ricos e os muito pobres. As classes médias, compostas por pessoas respeitáveis, trabalhadoras e de situação financeira razoável, estão gradualmente desaparecendo, subindo na escala da riqueza mundana ou caindo na pobreza e no constrangimento. Parece inquestionável que, entre essas classes, exista — e esteja crescendo rapidamente, sob o fomento intencional de homens mal-intencionados — um ódio distinto, pronunciado e maligno. Há aqui homens cujo patrimônio chega a 10 milhões e 20 milhões de dólares, dos quais vocês nada sabem. Conheço uma senhora que mora em uma magnífica

casa, cuja vida é tão tranquila quanto a de um pastor deve ser, que doou nada menos que US$ 3.000.000 em cinco anos, cujas doações antes de sua morte chegarão a nada menos que US$ 7.000.000, que possui em sua casa pinturas, estátuas, diamantes, pedras preciosas, exemplares requintados de ouro e prata, além de obras de arte valiosas de todos os tipos imagináveis, cuja estimativa interna é de US$ 1.500.000, e ela não é tão rica quanto muitos de seus vizinhos — faltam-lhe vários milhões de dólares. Há homens aqui que, há vinte anos, vendiam roupas na Chatham Street, que hoje vivem com uma despesa anual de US$ 100.000, que usam joias que custariam US$ 25.000 em lojas de preço razoável.

"Venha comigo em um bonde da Madison Avenue em qualquer dia, faça chuva ou faça sol, entre as dez horas da manhã e as 5 ou 6 da tarde, e eu lhe mostrarei um bonde após o outro lotado de senhoras cujas orelhas exibem diamantes que valem de US$ 500 a US$ 5.000 cada, e cujas mãos sem luvas, vermelhas e fofas, brilham com fortunas. Caminhe comigo da antiga loja do Stewart, na esquina da Nona Rua com a Broadway, até a Trigésima Rua com a Broadway, em qualquer dia. Não me refiro a domingos, feriados ou ocasiões especiais, mas a todos os momentos, e vou lhe mostrar, quarteirão após quarteirão, mulheres vestindo casacos circulares de pele de foca que vão até os calcanhares, no valor de US$ 500 a US$ 1.000 cada, com brincos de diamante e anéis de diamante, além de outras pedras preciosas, carregando nas mãos delicadas carteiras recheadas de dinheiro. Elas representam os novos ricos com os quais Nova York está se enchendo.

"Na mesma rua, na mesma hora, posso mostrar a você homens para quem um dólar seria uma fortuna, cujas calças, rasgadas e vergonhosas em seus farrapos, são presas em torno de suas cinturas magras por cordas, cordões ou alfinetes, cujos pés sem meias arrastam-se pelo pavimento em sapatos tão esfarrapados que não ousam levantá-los do chão, cujos rostos estão salpicados de sardas, cujas barbas são longas e desgrenhadas, assim como seus cabelos, enquanto suas mãos avermelhadas terminam nas unhas como garras. Quanto tempo levará para que essas garras se cravem nos recém-ricos? Não se engane: esse sentimento está crescendo e, mais cedo ou mais tarde, ele irá explodir.

"Ainda ontem à noite, passei pela Rua 14, onde restam poucas residências, e em frente a uma delas, indo da porta até o meio-fio, havia um toldo, sob o qual senhoras elegantemente vestidas, acompanhadas por seus cavalheiros, saíam de suas carruagens e se dirigiam à porta aberta, de onde jorravam torrentes de luz e sons de música. Fiquei parado com a multidão — uma grande multidão — por um momento, e surgiu essa ideia de uma explosão inevitável, a menos que algo fosse feito, e feito rapidamente, para acabar com o preconceito que não apenas existe, mas é intencionalmente alimentado pelos muito pobres contra os muito ricos. Você ficaria horrorizado ao ouvir a maneira como as mulheres falavam. Inveja, ciúme, ferocidade maligna — todos os elementos necessários estavam ali. Tudo o que falta é um líder."

O mundo contrasta as condições horríveis do "Sistema da Camiseta" — uma forma de escravidão humana — e as misérias do vasto exército de desempregados, além de outro vasto exército de trabalhadores mal remunerados, com o luxo e a extravagância da imensa riqueza, como fez um jornal londrino há algum tempo, da seguinte forma:

"A modesta residência de um milionário. Soubemos de Nova York que o Sr. Cornelius Vanderbilt, o milionário nova-iorquino e rei das ferrovias, acaba de inaugurar seu novo palácio com um grande baile. Essa modesta residência, que abrigará cerca de dez pessoas durante seis meses do ano e permanecerá fechada durante os outros seis, fica na esquina da 57ª Rua com a Quinta Avenida e custou ao proprietário 1.000.000 de libras. A fachada é em estilo espanhol, construída em pedra cinza, com acabamentos em vermelho, torres e ameias. Tem três andares e um sótão alto. O salão de baile é o maior salão privado de Nova York, medindo 75 pés de comprimento por 50 pés de largura, decorado em branco e dourado, no estilo Luís XIV. O teto custou uma fortuna e tem a forma de um cone duplo, coberto com ninfas e cupidos pintados. Ao redor da cornija há flores delicadamente esculpidas, cada uma com uma luz elétrica em seu centro, enquanto um imenso lustre de cristal pendura-se no meio. Na noite do baile de inauguração, as paredes estavam cobertas do chão ao teto com flores naturais, a um custo de 1.000 libras; e diz-se que a festa custou ao anfitrião 5.000 libras. Ao lado da mansão fica a mais cara

jardim do mundo em relação ao seu tamanho, pois, embora tenha apenas o tamanho de um lote urbano comum, foi paga por ele a quantia de 70.000 libras, e uma casa cuja construção havia custado 25.000 libras foi demolida para dar lugar a alguns canteiros de flores."----

Um jornal de São Francisco, Califórnia, chamado **Industry**, publicou o seguinte comentário sobre a extravagância de dois homens ricos deste país:

"O jantar de Wanamaker em Paris e o jantar de Vanderbilt em Newport, que juntos custaram pelo menos US$ 40.000, talvez muito mais, estão entre os sinais dos tempos. Tais coisas prenunciam uma mudança neste país. Isso, que é apenas típico de mais uma centena de casos de ostentação financeira semelhante, pode muito bem ser comparado a um banquete em Roma antes do fim e ao luxo na França que, há um século, foi o precursor de uma revolução. O dinheiro gasto anualmente pelos americanos no exterior, principalmente em luxo e coisas piores, é estimado em um terço da nossa receita nacional."

A seguinte informação muito interessante, citada na revista *National View*, é de Ward McAllister, que já foi um grande líder da alta sociedade de Nova York:

"As despesas médias anuais de uma família de respeitabilidade média, composta por marido, esposa e três filhos, totalizam US$ 146.945, detalhadas da seguinte forma: aluguel da casa na cidade, US$ 29.000; da casa no campo, US$ 14.000; despesas da casa no campo, US$ 6.000; salários dos empregados domésticos,
US$ 8.016; despesas domésticas, incluindo os salários dos empregados,
US$ 18.954; guarda-roupa da esposa, US$ 10.000; guarda-roupa do próprio,
US$ 2.000; roupas infantis e mesada, US$ 4.500; mensalidades escolares das três crianças, US$ 3.600; entretenimento com a organização de bailes e festas, US$ 7.000; jantares de entretenimento, US$ 6.600; camarote de ópera, US$ 4.500; teatro e jantares após o teatro,
US$ 1.200; jornais e revistas, US$ 100; conta corrente na joalheria, US$ 1.000; artigos de papelaria, US$ 300; livros, US$ 500; presentes de casamento e de festas, US$ 1.400; banco na igreja, US$ 300; mensalidades de clubes, US$ 425; conta do médico, US$ 800; conta do dentista, US$ 500; transporte da família para o campo e volta, US$ 250; viagem pela Europa, US$ 9.000; despesas com os estábulos, US$ 17.000."

Chauncey M. Depew teria dito:

"Cinquenta homens nos Estados Unidos têm, em virtude da riqueza que controlam, o poder de se reunir em vinte e quatro horas e chegar a um acordo pelo qual todas as engrenagens do transporte e do comércio possam ser paralisadas, todas as vias de comércio bloqueadas e todos os interruptores elétricos silenciados. Esses cinquenta podem controlar a circulação da moeda e criar pânico sempre que quiserem."

O JULGAMENTO DO MUNDO SOBRE OS PODERES ECLESIÁSTICOS

A crítica ao eclesiasticismo é tão severa quanto a dirigida à monarquia e à aristocracia; pois reconhece-se que elas têm interesses comuns. Dos sentimentos expressos, os exemplos a seguir servirão de ilustração.

A *revista *North American Review**, há alguns anos, publicou um breve artigo de João Edgerton Raymond sobre "O Declínio do Eclesiasticismo". Ao descrever as forças que se opõem à Igreja e que, eventualmente, levarão à sua derrubada, ele afirmou:

"A Igreja Cristã está no meio de um grande conflito. Nunca, desde a organização do cristianismo, tantas forças se alinharam contra ela. O que certos teólogos gostam de chamar de 'poder mundial' nunca foi tão forte quanto é hoje. A Igreja não enfrenta mais a oposição de raças bárbaras, de filósofos supersticiosos ou de sacerdotes de religiões míticas, mas sim da mais elevada cultura, do mais profundo conhecimento e da mais profunda sabedoria das nações iluminadas. Ao longo de toda a sua trajetória de progresso, ela encontra resistência do 'poder mundial', que representa as maiores conquistas e os melhores ideais da mente humana.

"Nem todos os seus oponentes se encontram fora de seus limites. Dentro de suas sombras solenes, vestidos com suas vestes, expressando suas ordens, representando-a perante o mundo, estão muitos que estão prontos para rejeitar sua autoridade e contestar sua supremacia. Multidões que ainda obedecem aos seus decretos estão começando a questionar; e a dúvida é o primeiro passo rumo à desobediência e à deserção. O mundo nunca saberá quantas almas honestas dentro da igreja gemem no espírito e estão angustiadas, mas mantêm um selo nos lábios e uma corrente na língua 'pois

consciência", para que não "levem seu irmão a pecar". Elas permanecem em silêncio, não por medo de repreensão, pois já passou o tempo em que falar livremente significava sofrer perseguição, e em que sugerir que a igreja poderia não ser infalível significava ser acusado de infidelidade."----

Ele diz que a exigência não é por um novo evangelho, mas por um evangelho antigo com um novo significado:

"Em toda parte clama-se por uma proclamação mais literal e fiel dos preceitos do fundador do cristianismo. 'O Sermão da Montanha' é, para muitos, o epítome da filosofia divina. 'Preguem-no! Preguem-no!', clamam reformadores de todas as correntes em todos os lugares; 'não apenas preguem-no, mas vivam-no!' 'Mostrem-nos', dizem eles, 'que suas práticas estão em conformidade com esses preceitos, e nós acreditaremos em vocês! Sigam Cristo, e nós os seguiremos!'

"Mas é justamente aí que reside a controvérsia. A igreja professa ensinar os preceitos de Cristo, pregar seu evangelho. O mundo ouve e responde: 'Vocês perverteram a verdade!' E eis o espetáculo de um mundo incrédulo ensinando a uma igreja crente os verdadeiros princípios de sua religião! Esse é um dos sinais mais marcantes e significativos da época. E é algo totalmente novo. O mundo está familiarizado, desde o início, com a réplica: 'Médico, cura-te a ti mesmo'. Mas somente nos tempos modernos os homens se atreveram a dizer: 'Médico, deixa-nos prescrever o remédio!'

"Quando os pobres e necessitados, os oprimidos e aflitos, a quem se ensina a buscar no céu a recompensa futura, viram santos sacerdotes e príncipes privilegiados vestidos de púrpura e linho fino e vivendo suntuosamente todos os dias; viram-nos acumulando tesouros na terra, desafiando a traça, a ferrugem e os ladrões; viram-nos, com a consciência tranquila, servindo a Deus e a Mamom, começaram a duvidar de sua sinceridade.

"E logo começaram a afirmar que nem toda a verdade habita sob a torre de uma igreja, que a igreja é impotente; que ela não pode impedir o infortúnio, não pode curar os doentes, não pode alimentar os famintos e vestir os nus, não pode ressuscitar os mortos, não pode

salvar a alma. Então passaram a dizer que uma igreja tão fraca, tão mundana, não poderia ser uma instituição divina. E logo começaram a abandonar seus altares. Diziam: 'Negar a infalibilidade da igreja, a eficácia de suas ordenanças ou a verdade de seus credos não é negar a eficácia da religião. Não estamos em guerra com o cristianismo, mas com a exposição que a igreja faz do cristianismo. A reverência pela verdade divina é compatível com o mais profundo desprezo pelo eclesiasticismo. Pela sublime Pessoa que pisou a terra, cujo toque era vida e cujo sorriso era salvação, temos apenas veneração e amor, mas não mais pela instituição que afirma representá-la.

"A Igreja denuncia seus acusadores como incrédulos e segue seu caminho acumulando tesouros, construindo templos e palácios, fazendo pactos com reis e alianças com homens poderosos, enquanto as forças que se opõem a ela aumentam em número e poder. Ela perdeu sua supremacia; sua autoridade já se foi. Ela não passa de um sinal, uma sombra. E é impossível para ela recuperar a ascendência perdida ou retornar ao seu trono. Os sonhos de seu domínio universal são uma ilusão. Seu cetro foi quebrado para sempre. Já estamos em um período de transição. O movimento revolucionário da época é universal e irresistível. Os tronos estão começando a vacilar. Um vulcão arde sob os palácios dos reis, e quando os tronos desmoronarem, os púlpitos cairão.

"Já houve renascimentos religiosos no passado, mais ou menos locais e temporários. Ainda está por vir um renascimento religioso que será mundial — uma restauração da fé em Deus e do amor ao próximo —, quando os sonhos mais brilhantes de fraternidade universal se tornarão realidade. Mas isso acontecerá apesar da Igreja, e não por meio dela. Acontecerá como uma reação contra a tirania eclesiástica; como um protesto contra meras formas e cerimônias."

Em um artigo publicado no *The Forum* de outubro de 1890, intitulado "Problemas Sociais e a Igreja", de autoria do bispo Huntington, encontramos o seguinte comentário dele sobre um fato muito notável e significativo:

"'Quando uma grande plateia diversificada em um dos salões públicos de

Nova York aplaudiu o nome de Jesus Cristo e vaiou o nome da igreja, isso não resolveu nenhuma questão, não solucionou nenhum problema, não provou nenhuma proposição, não expôs nenhuma passagem das Escrituras, mas foi tão significativo quanto metade dos sermões que são pregados.' Ele então se referiu ao fato de que havia um tempo em que as pessoas ouviam as palavras 'Cristo e a Igreja' com silêncio reverente, se não com devoção entusiástica, e então observou: 'Somente nestes últimos dias, em que os trabalhadores pensam, leem, raciocinam e refletem, é que uma multidão heterogênea, de forma rude — e não irreverente —, separa os dois, honrando um e desprezando o outro.'"----

Outras expressões significativas, veiculadas pela imprensa, do julgamento popular, são as seguintes:

"A *Catholic Review* e alguns outros jornais insistem que deve haver 'instrução religiosa nas prisões'. Isso mesmo. Nós vamos além disso. Deve haver instrução religiosa em outros lugares além das prisões — nos lares, por exemplo, e nas escolas dominicais. Sim, não ficaremos atrás em liberalidade: somos a favor da instrução religiosa em algumas igrejas. Não se pode ter demais de algo bom, se for consumido com moderação."

"O capelão de uma determinada penitenciária disse que, há vinte anos, apenas cerca de 5% dos presos haviam frequentado a escola dominical, mas que agora 75% dos criminosos reais e suspeitos já a frequentaram. Um certo pastor também relata o caso de um asilo para alcoólatras onde a porcentagem chega a oitenta, e outro de mulheres em situação de vulnerabilidade, onde todas já frequentaram escolas dominicais. O comentário da imprensa sobre esses fatos foi que o termo anteriormente aplicado à escola, 'o berçário da igreja', está se tornando uma sátira medonha. O que deve ser feito?"----

Nas discussões relativas à abertura da Exposição Mundial Colombiana em Chicago, aos domingos, foi levantado o seguinte:

"Ainda resta algum consolo. – Se o pior vier a acontecer e as feiras, assim como os teatros e bares, forem abertas aos domingos em Chicago, é muito reconfortante refletir que nem uma única

O cidadão americano é obrigado a ir. Ninguém está em situação pior nesse aspecto do que os apóstolos e os primeiros cristãos. Não lhes era permitido recorrer a um policial ou às legiões romanas com o objetivo de propagar suas opiniões e obrigar seus vizinhos a serem mais piedosos do que desejavam ser. E, no entanto, foi aquele cristianismo primitivo, sem qualquer ajuda do Estado — aliás, um cristianismo perseguido e sofredor — que realmente conquistou o mundo."

Em meio à comoção geral destes tempos, muitos na igreja, assim como no mundo, estão profundamente perplexos e desorientados pela grande confusão. Os sentimentos desses foram claramente expressos há algum tempo no *New York Sun*, que afirmou:

"A pergunta: 'Onde estamos?', 'Onde estamos?' está se tornando uma questão religiosa de grande peso. Professores ocupam as cadeiras dos seminários ensinando doutrinas tão distantes das originais que fariam os antigos benfeitores se revirarem em seus túmulos; clérigos assinam compromissos na ordenação nos quais provavelmente sabem que o próprio administrador não acredita; os padrões são, em muitos casos, apenas as bóias que mostram o quanto os navios das igrejas se afastaram dos canais traçados. É a era do 'faça o que quiser', do 'cada um por si' e tudo mais. Ninguém sabe onde tudo isso vai acabar, e aqueles que mais se interessam parecem ser os que menos se importam."

Não apenas a conduta e a influência das igrejas são assim severamente criticadas, mas também suas doutrinas mais proeminentes. Observe, por exemplo, como a doutrina blasfema do tormento eterno para a grande maioria de nossa raça, pela qual os homens há muito são mantidos sob controle por meio do medo, é igualmente difamada pelo público pensante. Sobre esse assunto, o clero começa a perceber uma necessidade muito urgente de enfatizá-lo, a fim de neutralizar os crescentes sentimentos de liberalismo.

O reverendo Dr. Henson, de Chicago, expôs há algum tempo suas opiniões sobre esse assunto; e, à medida que repórteres entrevistavam outros clérigos a respeito, percebia-se a maneira leviana, insensível e jocosa com que lidavam com um tema sobre o qual evidentemente nada sabem, mas que afirmam acreditar envolver a eterna

interesses de milhões de seus semelhantes, foi de fato digna do espírito perseguidor do catolicismo romano.

O reverendo Dr. Henson disse: "O Hades da Nova Versão é apenas o inferno disfarçado; a morte é morte, embora a chamemos de sono, e o inferno é inferno, embora o chamemos de Hades; o inferno é uma realidade e é infernalmente horrível. No inferno, teremos corpos. A ressurreição do corpo implica um lugar e implica tormento físico. Mas o sofrimento físico não é o pior. A dor mental, o remorso, a ansiedade — que fazem a alma se contorcer como o verme se contorce sobre brasas incandescentes —, é o pior; e isso os pecadores terão de sofrer. Sede sem água para saciar; fome sem comida para satisfazer; uma faca cravada no coração, mas para ser cravada ali novamente — sem fim, terrível. Esse é o inferno que temos de enfrentar. A morte oferece uma libertação da rotina exaustiva da vida, mas não há alívio no inferno."

Que impressão causou o "sermão do Doutor"? Talvez possa-se julgar pelas seguintes entrevistas com repórteres e ministros na manhã seguinte:

"'O que o senhor acha do inferno, e será que todos nós seremos batizados em um lago de enxofre derretido e ferro-gusa se não corrigirmos nossos caminhos?', perguntou um repórter ao Prof. Swing, um dos famosos pregadores de Chicago. Foi então que o Prof. Swing soltou uma gargalhada calorosa e estrondosa, até que suas bochechas rústicas ficaram tão rosadas quanto as de uma menina da escola. O eminente pregador bate ritmicamente na borda de uma mesa com incrustações, e o abajur de sua pequena lâmpada de estudo chacoalha e parece rir também. 'Em primeiro lugar', disse ele, 'suponho que você perceba que esse assunto do inferno e da punição futura é algo sobre o qual, na verdade, sabemos muito pouco. Ora, meu método para fazer tudo se harmonizar na Bíblia é espiritualizá-la. Minha ideia é que a punição será graduada de acordo com os pecados; mas, como o mundo vindouro será espiritual, também as recompensas e as punições devem ser espiritualizadas."

"O reverendo M. V. B. Van Ausdale riu ao ler uma reportagem sobre o sermão do Dr. Henson e disse: 'Ora, ele deve estar certo. Conheço o Dr. Henson há algum tempo e votaria nele de olhos fechados. Todos nós admitimos que existe um inferno ou um lugar de retribuição, e isso

reúne todas as características que o Dr. Henson lhe atribuiu."

"O Dr. Ray havia visto o sermão impresso e achou que o Dr. Henson expressava as mesmas opiniões que ele próprio teria sobre o assunto.

"Os ministros congregacionalistas, reunidos no Grand Pacific em sessão ordinária, com as portas fechadas e bem vigiadas, admitiram um repórter *do Evening News* que, após o término da reunião, fez a seguinte pergunta: 'Vocês leram ou ouviram falar do sermão do Dr. P. S. Henson sobre o inferno, pregado ontem à noite?'

"Um espectador interessado durante a reunião foi o Dr. H. D. Porter, de Pequim, na China. Ele acordou cedo esta manhã e leu nos jornais um resumo do sermão do Dr. Henson. Ele disse: 'Não conheço o Dr. Henson, mas acho que os sentimentos atribuídos a ele estão corretos. Na China, não pregarei sobre o enxofre e a tortura física real, nem direi que o inferno será um lugar onde todos os sofrimentos de natureza real darão lugar apenas a intenso sofrimento mental e angústia da mente; mas adotarei a visão intermediária, que retrata o inferno como um lugar de retribuição, combinando o sofrimento físico e mental e incorporando os princípios geralmente aceitos pelos ministros modernos."

"Outro visitante, o reverendo Spencer Bonnell, de Cleveland, Ohio, concordou com o Dr. Henson em todos os detalhes. 'Está chegando um tempo', disse ele, 'em que algumas ideias universais sobre o inferno deverão ser apresentadas, a fim de levar todas as mentes a um estado de equilíbrio.' O reverendo H. S. Wilson pouco teve a dizer, mas admitiu que concordava com o Dr. Henson. O reverendo W. A. Moore expressou os mesmos sentimentos.

"O reverendo W. H. Holmes escreveu: 'O Dr. Henson é um pregador brilhante que compreende bem suas próprias posições e é capaz de expressá-las de forma clara e incisiva. Este resumo indica que ele proferiu ao público, como de costume, um sermão muito interessante. Suas posições nele expostas foram, em geral, bem recebidas. Quanto ao corpo de carne, não sei...'

"'Você não sabe?'

"'Não. Um homem poderia morrer e descobrir com certeza.'

"Os pastores batistas consideram que o sermão ortodoxo do Dr. Henson sobre o inferno foi exatamente o que se esperava, e aqueles que o discutiram na reunião da manhã o elogiaram calorosamente. Um repórter *do Evening News* mostrou a reportagem sobre o sermão a uma dúzia de pastores, mas, embora todos tenham dito que concordavam com o sermão, apenas quatro se dispuseram a discuti-lo." O reverendo C. T. Everett, editor do *Sunday-School Herald,* disse que as opiniões expressas pelo Dr. Henson eram, em geral, compartilhadas pelos ministros batistas. 'Ensinamos o castigo eterno e futuro pelos pecados deste mundo', disse ele, mas, quanto ao verdadeiro inferno de fogo e enxofre, isso é algo de que não se fala muito. Acreditamos na punição e sabemos que ela é severa, mas muitos de nós percebemos que é impossível saber de que maneira ela é aplicada. Como diz o Dr. Henson, apenas homens brutais pensam que o inferno implica exclusivamente em punição física; a dor mental é a pior, e é isso que os pobres pecadores terão de sofrer. O Dr. Perrin disse, com grande ênfase, que era quase inútil negar que tudo o que o Dr. Henson pregava poderia ser encontrado na Bíblia e estava praticamente correto.

"O reverendo Ambrose, um pastor de longa data, ficou muito satisfeito com o sermão. Ele acreditava em cada palavra do que o Dr. Henson havia dito sobre o tormento futuro para os pobres pecadores. 'O inferno é aquilo em que a maioria dos pregadores batistas acredita', disse ele, 'e eles também pregam isso'.

"O reverendo Sr. Wolfenden disse que não havia visto a reportagem sobre o sermão, mas que, se houvesse nela alguma menção a um inferno de castigo futuro, ele concordava com o doutor e achava que a maioria dos ministros batistas compartilhava das mesmas opiniões, embora houvesse alguns que não acreditavam no inferno no sentido ortodoxo estrito.

"Pelo que o repórter apurou, é seguro afirmar que, caso a questão venha a ser discutida, os ministros batistas não hesitariam em apoiar todos os argumentos a favor do inferno real, tradicional e ortodoxo do Dr. Henson."---

O clero expressa, assim, suas opiniões, como se a tortura eterna

de seus semelhantes fosse uma questão de consequência meramente trivial, a ser discutida com brincadeiras levianas e risadas, e declarada como verdade sem um pingo de evidência ou investigação bíblica.* O mundo percebe essa arrogância presunçosa e tira suas próprias conclusões sobre o assunto.

*O jornal *The Globe Democrat** afirma: "Chegam boas notícias de Nova York: a American Tract Society propõe retirar o 'pabulum' que vem oferecendo nos últimos cinquenta anos e revisar completamente sua religião. O fato é que o mundo já superou os pratos apimentados e picantes que agradavam à geração anterior, e está muito além do poder de um punhado de senhores solenes produzir uma reação. As igrejas também estão caminhando tranquilamente junto com o resto do mundo, pregando tolerância, humanidade, perdão, caridade e misericórdia. Pode ser que tudo isso esteja errado, e que essas profecias de um tom sombrio sejam exatamente o que devemos continuar a acreditar e a ler, mas o povo não acredita nisso e não vai acreditar."---

Outro jornal afirma:

"O Dr. Rossiter W. Raymond, ao se opor ao envio de contribuições para a Junta Americana de Missões Estrangeiras, disse com bastante veemência: 'Estou farto e cansado de recorrer à Junta Americana, a contragosto, para ajudar a sustentar missionários que acreditam piamente na condenação de todos os pagãos e nessa heresia condenável de que Deus não ama os pagãos. Estou cansado de toda essa farsa miserável e não darei um centavo para divulgar a notícia da condenação. Não permitirei que essa doutrina seja disseminada com meu dinheiro. Que Deus é amor é uma boa notícia, mas ela se torna algo velho e sem graça nas mãos desses homens que arrastam um carro de Juggernaut sobre os pagãos e querem que alimentemos as bestas que o puxam. É meu dever cristão não doar para nenhuma causa que ensine aos pagãos que seus pais foram para o inferno."

Vemos, assim, a ordem atual das coisas tremendo na balança da opinião pública. Tendo chegado o tempo determinado para sua derrubada, o grande Juiz de toda a terra levanta a balança da razão humana, aponta para os pesos da verdade

*Veja o livreto "A Verdade sobre o Inferno". Cópias disponíveis na A Aurora, East Rutherford, N.J. 07073.

e da justiça e, acendendo a luz do conhecimento crescente, convida o mundo a testar e comprovar a retidão de sua decisão ao condenar à destruição a zombaria vazia das falsas pretensões da cristandade. Gradualmente, mas rapidamente, o mundo está fazendo o teste e, no fim, todos chegarão à mesma decisão; e, como uma grande pedra de moinho, Babilônia, a grande cidade da confusão, com todo o seu alardeado poder civil e eclesiástico, e com toda a sua suposta dignidade, sua riqueza, seus títulos, sua influência, suas honras e toda a sua vaidade, será lançada ao mar (o mar agitado de povos indomáveis) para nunca mais ressurgir. – Ap. 18:21; Jer. 51:61-64.

Sua destruição será plenamente consumada ao final dos "Tempos dos Gentios" designados – 1915. Os acontecimentos estão progredindo rapidamente em direção a tal crise e desfecho. Embora o julgamento ainda não tenha sido concluído, muitos já podem ler a sentença de sua ruína – "Foste pesada na balança e encontrada em falta!" – e, em breve, a terrível condenação de Babilônia, a cristandade, se concretizará. As antigas superstições que há muito a sustentavam estão sendo rapidamente removidas: antigos credos religiosos e códigos civis, até então reverenciados e endossados sem hesitação, são agora ousadamente questionados, suas inconsistências apontadas e seus erros evidentes ridicularizados. A tendência do pensamento entre as massas, no entanto, não é em direção à verdade bíblica e à lógica sólida, mas sim em direção à infidelidade. A infidelidade está generalizada, tanto dentro quanto fora da igreja nominal. Na professada Igreja de Cristo, a Palavra de Deus não é mais o padrão de fé e o guia de vida. Filosofias e teorias humanas estão tomando seu lugar, e até mesmo os caprichos pagãos estão começando a florescer em lugares antes fora de seu alcance.

Apenas alguns poucos na grande igreja nominal estão suficientemente despertos e sóbrios para perceber sua condição deplorável, exceto quando se considera sua força numérica e financeira; as massas, tanto nos bancos quanto nos púlpitos, estão demasiado intoxicadas e entorpecidas pelo espírito do mundo, tão livremente absorvido, a ponto de nem mesmo perceberem seu declínio espiritual. Mas numericamente e

financeiramente, sua condição de declínio é sentida profundamente; pois à perpetuidade de suas instituições estão ligados todos os interesses, perspectivas e prazeres da vida presente; e, para garantir isso, sente-se a necessidade de manter uma aparência razoável de cumprimento do que se acredita ser sua missão divina — converter o mundo. A medida de seu sucesso nesse esforço observaremos em um capítulo seguinte.

Enquanto vemos, assim, a Babilônia sendo chamada a responder por si mesma na presença de um mundo reunido, com que força nos vem à mente a profecia do salmista sobre esse evento, citada no início deste capítulo! Embora Deus tenha permanecido em silêncio durante todos os séculos em que o mal triunfou em seu nome e seus verdadeiros santos sofreram perseguição de múltiplas formas, ele não se esqueceu dessas coisas; e agora chegou o tempo de que ele falou por meio do profeta, dizendo: “Mas eu te repreenderei e colocarei tudo em ordem diante dos teus olhos”. Que todos os que desejam estar vigilantes e do lado certo nestes tempos de enorme importância prestem bem atenção a essas coisas e vejam como a profecia e o seu cumprimento correspondem perfeitamente.

ESTUDO V

A BABILÔNIA PERANTE O GRANDE TRIBUNAL: SUA CONFUSÃO – NACIONAL

Os poderes civis em apuros, vendo que o julgamento está se voltando contra eles – com medo e angústia, buscam alianças entre si e esperam em vão que a Igreja recupere seu poder de outrora – aumentam seus exércitos e frotas – preparativos de guerra atuais – as forças de combate em terra e no mar – instrumentos de guerra aprimorados, novas descobertas, invenções, explosivos, etc. – Despertem, homens poderosos: Que os fracos digam: "Eu sou forte"; transformem arados em espadas e podadeiras em lanças, etc.–Os Estados Unidos da América, únicos em sua posição, mas ameaçados por males ainda maiores do que os do Velho Mundo–O clamor: "Paz! Paz!", quando não há paz.

"Pois estes são os dias da vingança, para que tudo o que está escrito se cumpra. Sobre a terra, angústia das nações, com confusão; o mar e as ondas rugindo; os corações dos homens desfalecendo de medo e pela expectativa das coisas que estão por vir sobre a terra; pois os poderes dos céus serão abalados. E então verão o Filho do homem vindo numa nuvem com poder e grande glória."

"Ainda uma vez abalarei não somente a terra, mas também o céu. E esta palavra, 'Ainda uma vez', significa a remoção das coisas que são abaladas, como das coisas que são criadas, para que permaneçam as coisas que não podem ser abaladas. Pois o nosso Deus é um fogo ." — Lucas 21:22, 25-27; Hb 12:26-29.

É muito evidente que os poderes civis da cristandade percebem que o julgamento está se voltando contra eles e que a estabilidade de seu poder não está de forma alguma garantida. Disraeli, quando primeiro-ministro da Inglaterra, dirigiu-se ao Parlamento britânico em 2 de julho de 1874 (justamente no início deste período de colheita ou

dia do julgamento), dizendo: "A grande crise do mundo está mais próxima do que alguns supõem. Por que a cristandade está tão ameaçada? Temo que a civilização esteja prestes a entrar em colapso". Mais uma vez, ele disse: "Por mais que tentemos ignorar, há um sentimento de inquietação no ar, uma angústia entre as nações, e os corações dos homens desfalecem de medo Ninguém pode deixar de notar essas coisas. Ninguém que alguma vez abrir um jornal pode deixar de ver o aspecto tempestuoso do céu político que atualmente nos envolve. Alguma explosão gigantesca certamente está por vir. Todos os governos da Europa estão agitados. Todos os reis e governantes têm a mão no punho da espada; vivemos tempos de horror sem precedentes. Estamos nos aproximando do fim!"

Se tal era a perspectiva vista logo no início do julgamento, quão mais ameaçadores são os sinais dos tempos hoje!

De um artigo do jornal *londrino *Spectator**, intitulado "A inquietação da Europa", citamos o seguinte:

"A que devemos atribuir a inquietação predominante na Europa? Devemos dizer que, embora se deva em parte à situação da Itália, ela deve ser atribuída principalmente à onda de pessimismo que agora varre a Europa, causada em parte por dificuldades econômicas e em parte pelo surgimento repentino da anarquia como uma força no mundo. Este último fenômeno teve influência muito maior no continente do que na Inglaterra. Os estadistas no exterior estão sempre antecipando o perigo vindo de baixo — um perigo que os ataques com bombas lhes trazem para casa. Eles consideram os anarquistas, na verdade, apenas a vanguarda de um exército que avança contra a civilização e que, se não puder ser nem conciliado nem desafiado, pulverizará toda a ordem existente. Eles profetizam para si mesmos um futuro interno sombrio, pois acreditam que a tranquilidade atual repousa, em sua opinião, exclusivamente sobre as baionetas. Ao julgar a situação interna com tão pouca esperança, eles se inclinam naturalmente a ser pessimistas quanto à situação externa, a pensar que ela não pode durar e a considerar qualquer movimento como prova de que o fim se aproxima rapidamente. Em

, na verdade, eles sentem na política a tendência ao pessimismo que é tão marcante na literatura e na sociedade. Esse pessimismo está, no momento, profundamente intensificado pela onda de depressão econômica."

O trecho a seguir, de outra edição da mesma revista, também é pertinente:

"O VERDADEIRO PERIGO CONTINENTAL – M. Jules Roche"

nos deu a todos um aviso oportuno. Seu discurso de terça-feira, que foi recebido na Câmara Francesa com profunda atenção, mais uma vez lembrou à Europa a fragilidade da crosta que ainda encobre seus fogos vulcânicos. Sua tese era que a França, após todos os seus sacrifícios — sacrifícios que teriam esmagado qualquer potência menos rica —, ainda não estava preparada para a guerra; que ela precisava fazer mais e, acima de tudo, gastar mais, antes de poder ser considerada segura ou pronta. Durante todo o discurso, ele tratou a Alemanha como um inimigo terrível e iminente, contra cuja invasão a França deve estar sempre preparada, e que, neste momento, era muito mais forte do que a França. Com sua última Lei Militar, o imperador Guilherme II (disse o Sr. Roche) havia conseguido não apenas colocar todo o seu povo sob o domínio do serviço militar obrigatório, mas também aumentar o exército efetivamente pronto para marchar e lutar para quinhentos e cinquenta mil homens, com corpo de oficiais completo, totalmente equipado e cientificamente posicionado — em suma, pronto sempre que seus lábios proferissem a decisão fatal que seu avô resumiu nas duas palavras "Krieg-Mobil". A França, ao contrário, embora a rede de seu serviço militar obrigatório fosse igualmente ampla, contava com apenas quatrocentos mil homens prontos e, para economizar dinheiro, vinha reduzindo constantemente até mesmo essa proporção. No início da guerra, portanto — que geralmente decide seu desfecho —, a França, com inimigos em pelo menos duas fronteiras, teria um déficit de cento e cinquenta mil homens e poderia, antes que todos os seus recursos estivessem à disposição de seus generais, sofrer calamidades terríveis ou até fatais. Os deputados, embora longe de serem devotos ao Sr. Jules Roche, ouviram quase com reverência, e o Sr. Félix Faure

decidiu que, pela primeira vez em seis anos, exercerá uma prerrogativa esquecida concedida ao presidente da República e presidirá à reunião do Conselho Militar Supremo, a ser realizada em 20 de março. Ele evidentemente pretende, como um experiente homem de negócios, "fazer um balanço" da situação militar, para apurar claramente o que a França possui em termos de armas, cavalos e homens prontos para agir imediatamente em caso de alarme e, se considerar o estoque insuficiente para o grande mercado, insistir na compra de mais. Por mais rica que seja a empresa, ele pode considerar seu capital insuficiente para tal empreendimento, já que a aquisição de novos recursos é extremamente onerosa; mas, de qualquer forma, ele pretende saber a verdade exata.

"O Sr. Faure é um homem sensato; mas que luz reveladora sua ação, na sequência das palavras do Sr. Roche, lança sobre a situação na Europa! Supõe-se que a paz seja garantida pelo medo da guerra; e, no entanto, no momento em que a guerra é abertamente mencionada, percebe-se que os preparativos para ela são, agora tanto quanto em qualquer outro momento desde 1870, a principal preocupação dos estadistas. Sabemos quão pouca resistência o imperador alemão encontrou no ano passado para garantir as mudanças que tanto alarmaram o Sr. Jules Roche. O povo mal as aceitou, apesar do imenso incentivo que foi a redução do tempo de serviço, e não gostou de arcar com os custos; mas reconheceu a necessidade; submeteu-se; e a Alemanha está agora pronta para a guerra em 24 horas. A França também se submeterá, por mais desesperada que esteja, e veremos preparativos sendo feitos e verbas aprovadas que, não fosse por uma sensação avassaladora de perigo, seriam rejeitadas com repulsa. Os franceses, ainda mais do que os alemães, estão cansados de pagar, mas, apesar de tudo, pagarão, pois acreditam que a qualquer momento um exército mais forte que o seu próprio pode estar marchando sobre Paris ou Lyon. Os filósofos declaram que a "tensão" entre a França e a Alemanha diminuiu visivelmente; os diplomatas afirmam que tudo está em paz; os jornais registram com gratidão as cortesias do Kaiser; a França chega até a participar de uma cerimônia destinada a homenagear

Alemanha e sua marinha; mas, mesmo assim, a nação e seus líderes agem como se a guerra estivesse prestes a eclodir. Eles não poderiam estar mais sensíveis, mais alarmados ou mais dispostos a gastar sua riqueza, mesmo que esperassem a guerra como uma certeza dentro de um mês. Nada, vale lembrar, ocorreu para acentuar a desconfiança entre as duas nações. Não houve nenhum "incidente" na fronteira. O imperador não ameaçou ninguém. Não há sequer em Paris um partido clamando pela guerra. Na verdade, Paris parece ter desviado o olhar da Alemanha e estar lançando olhares, ao mesmo tempo inflamados de ódio e ganância, na direção da Grã-Bretanha. E, finalmente, não houve nenhum sinal ou indício na Rússia de que o novo czar deseje a guerra, ou tema a guerra, ou esteja se preparando especificamente para a guerra; e, no entanto, a menor alusão à guerra mostra a Alemanha preparada até o último detalhe, e a França alarmada, furiosa e perturbada, com medo de não estar preparada também. Não se trata de nenhuma "notícia" em particular; trata-se da situação permanente que, quase acidentalmente, está sendo discutida; e todos admitem de imediato que essa situação obriga a Alemanha e a França a estarem prontas para uma guerra de invasão com um prazo de aviso prévio de vinte e quatro horas. "Dupliquem o imposto sobre o tabaco, alemães", clama o príncipe Hohenlohe nesta semana, "pois precisamos dos homens". "Que se dane a economia", grita o Sr. Roche, "pois nos faltam 150 mil homens". E observe que, em nenhum dos dois países, essas exortações provocam pânico, "colapso" ou perturbação notável no comércio. O perigo é crônico demais, compreendido com demasiada clareza, aceito de forma tão completa como uma das condições da vida, para que algo desse tipo aconteça; ele está sempre presente; e só é esquecido porque as pessoas se cansam de ouvir um único e imutável tema de conversa. Esse é o fato mais melancólico de toda a questão. Não há pânico na Alemanha ou na França em relação à guerra, assim como não há pânico em Torre del Greco em relação ao Vesúvio; nada além de um reconhecimento apático de que o vulcão está lá, sempre esteve lá e permanecerá lá, inalterado, até que a erupção aconteça.

"Não supomos que algo vá acontecer imediatamente em consequência do discurso do Sr. Jules Roche, exceto mais impostos, e

possivelmente o surgimento de uma ou duas rugas na testa do presidente, pois ele não gostará de todos os resultados de seu balanço, e foi treinado para insistir que as necessidades de seus negócios sejam atendidas; mas é bom que a Europa seja lembrada ocasionalmente de que, para governantes e políticos, e até mesmo para as nações, não pode haver, no momento, um sono tranquilo; que os navios navegam em meio a icebergs e é preciso manter vigília sem cessar por um único momento. Uma hora de negligência, um choque, e um navio blindado pode naufragar. Parece uma situação difícil para a parcela civilizada da humanidade, ser eternamente solicitada a mais trabalho forçado, uma fatia maior dos salários, uma disposição maior para ficar ao ar livre com ossos quebrados; mas onde se encontra o remédio? Os povos estão ansiosos por encontrá-lo; os estadistas os ajudariam se pudessem, e os reis, pela primeira vez na história, encaram a guerra com repulsa, como se ela não tivesse "acontecimentos felizes" para compensar seus riscos incalculáveis; mas todos são impotentes para melhorar uma situação que, para todos eles, não traz nada além de mais trabalho, mais desconforto, mais responsabilidade. O único alívio para os povos é que não estão em situação muito pior do que seus irmãos na América, onde, sem alistamento obrigatório, sem medo da guerra, sem uma fronteira de fato, o Tesouro é esgotado como se fosse europeu, o povo é tão roubado pelas flutuações cambiais como se estivesse em guerra, e todos os homens estão tão atormentados pela preocupação como se pudessem ser convocados a qualquer momento para defender seus lares. Nunca houve nada semelhante à situação europeia na história, pelo menos desde que as guerras particulares cessaram, e, se não conhecêssemos a natureza da humanidade, nos surpreenderíamos por isso ter passado despercebido; por os povos se interessarem por trivialidades, ou por ser necessário um discurso como o do Sr. Jules Roche para fazer com que os homens abrissem os olhos. '"Temos dois milhões de soldados", diz o Sr. Jules Roche, "mas apenas quatrocentos mil deles estão ociosos nos quartéis, e isso representa um déficit de cento e cinquenta mil homens", e ninguém considera isso senão algo surpreendentemente sensato; e os representantes do povo parecem gravemente atentos, e o Chefe de Estado agarra uma arma esquecida para obrigar os chefes do exército a lhe dizer o que os franceses chamam de 'verdade verdadeira'." Não pertencemos à Sociedade da Paz, pois somos incapazes de acreditar em utopias; mas até mesmo nós somos levados a pensar, às vezes, que o mundo é desesperadamente tolo, e que qualquer coisa seria melhor — até mesmo a rendição da Alsácia-Lorena pela Alemanha ou pela França — do que essa hipoteca interminável e infrutífera do futuro, em obediência a um medo que todos aqueles que agem com base nele proclamam, em uníssono, ser quimérico. Não é quimérico, e eles só dizem isso por educação; mas não seria possível pôr fim a isso antes que a ruína chegue?"

O texto a seguir é um trecho de um discurso do Sr. Jas. Beck, da Ordem dos Advogados da Filadélfia, publicado no *jornal *The Christian Statesman**. O tema do discurso foi "O Sofrimento das Nações" – uma retrospectiva do século passado.

"Nosso próprio século, que começou com o estrondo dos canhões de Napoleão nas planícies de Marengo e se aproxima do fim com reverberações semelhantes tanto do Oriente quanto do Ocidente, não conheceu um único ano de paz. Desde 1800, a Inglaterra travou cinquenta e quatro guerras, a França quarenta e duas, a Rússia vinte e três, a Áustria quatorze e a Prússia nove – cento e quarenta e duas guerras envolvendo cinco nações, das quais pelo menos quatro têm o evangelho de Cristo como religião oficial.

"No alvorecer da era cristã, o exército permanente do Império Romano, segundo Gibbon, contava com cerca de quatrocentos mil homens e estava espalhado por uma vasta extensão de território, do Eufrates ao Tamisa. Hoje, os exércitos permanentes da Europa ultrapassam quatro milhões, enquanto as reservas — que serviram por dois ou mais anos nos quartéis e são soldados treinados — ultrapassam dezesseis milhões, um número cujas dimensões a mente não consegue nem apreciar nem imaginar. Com um décimo dos homens aptos para o serviço militar no continente sob as armas em tempos de paz, e um quinto de suas mulheres realizando o trabalho árduo — e, às vezes, repugnante — dos homens nas oficinas e nos campos, pode-se dizer, com tristeza, junto com Burke: 'A era da cavalaria chegou ao fim. A glória da Europa se
se ido." Nos últimos vinte anos, esses exércitos
quase duplicados, e a dívida nacional das nações europeias, contraída principalmente para fins bélicos e arrancada do suor do povo, atingiu o total inconcebível de vinte e três bilhões de dólares. Se for para medir os interesses do homem por suas despesas, então, certamente, a paixão suprema da Europa civilizada neste crepúsculo do século XIX é a guerra, pois um terço de todas as receitas extraídas do trabalho e do capital é dedicado apenas ao pagamento dos juros sobre o custo das guerras passadas, um terço aos preparativos para guerras futuras e o terço restante a todos os demais fins, quaisquer que sejam.

"A lança, a espada e o machado de batalha foram colocados

deixados de lado pelo homem moderno como brinquedos de sua infância. Em seu lugar, temos o fuzil do exército, que pode ser disparado dez vezes sem recarga e é capaz de matar a três milhas de distância, e cuja bala longa e niquelada pode destruir três homens em seu trajeto antes que sua ação destrutiva seja interrompida. Impulsionado como é por pólvora sem fumaça, ela aumentará os horrores do passado ao atingir um soldado como se fosse um raio invisível. Sua eficácia praticamente eliminou o uso da cavalaria em batalha. Os dias das "esplêndidas cargas", como a de Balaklava, já passaram, e os homens de Pickett, se tivessem que repetir hoje sua maravilhosa carga, seriam aniquilados antes mesmo de conseguirem atravessar a estrada de Emmitsburg. Os efeitos destrutivos do rifle moderno quase ultrapassam a imaginação. Experimentos demonstraram que ele reduz os músculos a uma polpa e tritura os ossos até transformá-los em pó. Um membro atingido por ele fica mutilado de forma irreparável, e um tiro na cabeça ou no peito é inevitavelmente fatal. A metralhadora de hoje pode disparar 1.860 tiros por minuto, ou trinta por segundo, uma rajada tão contínua que parece uma linha ininterrupta de chumbo, e cujo ruído horrível é como um canto satânico. Uma arma de titãs é o canhão moderno de doze polegadas, capaz de lançar um projétil a oito milhas e penetrar dezoito polegadas de aço, mesmo quando este último é "harveyizado" — um processo pelo qual a superfície dura do aço é carbonizada de modo que nem mesmo a broca mais fina consegue perfurá-la. Sobre as marinhas atuais, com seus chamados "contratorpedeiros comerciais", nada precisa ser dito. A construção de um único navio custa quatro milhões de dólares e, armado com placas de aço de dezoito polegadas de espessura, pode navegar com seus motores de onze mil cavalos-vapor a uma velocidade de vinte e quatro milhas por hora. Uma dessas embarcações poderia ter dispersado as frotas combinadas da Espanha, França e Inglaterra — somando mais de cem navios — em Trafalgar, como um bando de pombos, ou posto a Armada Espanhola em fuga como um gavião em um pombal; e, no entanto, na guerra incessante de armas e armamentos, esses leviatãs das profundezas foram destruídos instantaneamente, como por um raio, por um único torpedo de dinamite.

"Se esses preparativos para a guerra, que cobrem nossas águas e obscurecem nossas terras, significam alguma coisa, eles indicam que o homem civilizado está à beira de um vasto cataclismo, do qual ele aparentemente está tão inconsciente quanto o povo de Pompéia no último e fatal dia da vida de sua cidade, quando testemunhou com indiferença a fumaça sinistra subindo da boca da cratera. Nossa época semeou, como nenhuma outra, os dentes do dragão que são os exércitos permanentes, e o semente humano está

maduro para a colheita de sangue. Basta um incendiário como Napoleão para incendiar o mundo.

"Negar que essa seja a tendência evidente desses preparativos sem precedentes é acreditar que podemos semear cardos e colher figos, ou esperar sol perene onde semeamos o turbilhão. A guerra entre a China e o Japão, travada apenas em parte com armas modernas e com homens que compreendiam apenas imperfeitamente seu uso, de forma alguma ilustra as possibilidades do conflito futuro. O maior de todos os correspondentes de guerra, Archibald Forbes, afirmou recentemente: 'É praticamente impossível para qualquer pessoa ter imaginado com precisão, em toda a sua plenitude, a cena que a próxima grande batalha apresentará a um mundo perplexo e estremecido; conhecemos os elementos que constituirão seus horrores, mas os conhecemos apenas de forma, por assim dizer, acadêmica. Os homens ainda não foram tomados pelo espanto diante da estranheza da morte em massa, infligida por projéteis lançados por armas cuja localização não pode ser determinada devido à ausência de fumaça de pólvora." Ele conclui: "Uma morte incalculável poderá chover como se viesse dos próprios céus." Quando nos lembramos de que, em uma das batalhas nos arredores de Metz, o uso da mitrailleuse abateu 6.000 alemães em dez minutos, e que em Plevna, em 1877, Skobelleff perdeu, em uma rápida investida de poucas centenas de jardas, 3.000 homens, e lembrarmos que a mitrailleuse e a arma de agulha quintuplicaram, desde então, sua capacidade de destruição, a perspectiva é tal que deixa a mente horrorizada e o coração enjoado. Basta dizer que os grandes estrategistas da Europa acreditam que a mortalidade futura nas batalhas será tão grande que será impossível cuidar dos feridos ou enterrar os mortos, e muitos deles levarão, como parte necessária do equipamento militar, um crematório móvel para queimar aqueles que caíram em combate.

"Você pode sugerir que essa terrível calamidade passará ao lado da pacífica América, assim como o anjo que matou os primogênitos do Egito poupou as portas salpicadas de sangue dos israelitas. Que Deus permita que assim seja! De onde, porém, vem nossa certeza? De forma tão maravilhosa o vapor e a eletricidade uniram os homens em

uma comunidade de pensamento, interesse e propósito, que é possível que, caso surja uma grande guerra continental — na qual a Inglaterra se veria quase necessariamente envolvida —, antes que ela termine, o mundo civilizado possa ser envolvido por chamas universais. Além disso, no horizonte mundial já se vislumbra uma nuvem, atualmente não maior do que a mão de um homem, mas que algum dia poderá obscurecer os céus. No Oriente, há duas nações, a China e o Japão, cuja população combinada atinge o total impressionante de quinhentos milhões. Até então, esses formigueiros fervilhantes desconheciam a arte da guerra, pois é estranhamente verdade que os únicos dois países que, desde o nascimento de Cristo, experimentaram em seu isolamento uma relativa 'paz na terra' são essas nações outrora reclusas, sobre as quais a luz do cristianismo nunca havia brilhado. Mas, há trinta anos, um mero punhado de ingleses e franceses abriu caminho, à força das baionetas, até Pequim. Tudo isso mudou. A civilização ocidental trouxe ao Oriente Bíblias e balas, mitras e metralhadoras, piedade e metralhadoras Gatling, cruzes e canhões Krupp, São Pedro e salitre; e o Oriente poderá um dia dizer, com Shylock: "A vilania que me ensinam eu executarei, e será difícil, mas superarei a instrução". Eles já aprenderam a lição tão bem que conseguem tocar, com efeito mortal, o terrível diapasão da canhonada. Basta que a paixão pela guerra, que distingue o Ocidente, desperte o opulento Oriente de seu sono secular, e quem poderá dizer que outro Genghis Khan, com uma horda bárbara de milhões a seu serviço, não possa cair sobre a Europa com o peso esmagador de uma avalanche?

"Pode-se argumentar, no entanto, que esses preparativos não significam nada e são garantias de paz, em vez de provocadores de guerra, e que a própria eficácia das armas modernas torna a guerra improvável. Embora aparentemente haja fundamento nessa sugestão, na prática ela é contrariada pelos fatos, pois as nações que possuem os menores exércitos são as que têm mais

paz, e aquelas que possuem as maiores forças tremem à beira do abismo. Suíça, Holanda, Bélgica, Noruega, Suécia e os Estados Unidos vivem em amizade substancial com o mundo, enquanto França, Rússia, Alemanha, Áustria e Itália, armadas até os dentes e cambaleando sob seus equipamentos, estão sempre lançando olhares hostis umas às outras através de suas fronteiras. Nelas encontra-se a vasta revista do espírito marcial e do ódio internacional, cuja explosão requer apenas a faísca de algum incidente trivial. Assim, quando a Imperatriz Augusta visitou recentemente Paris a lazer, sua presença alarmou o mundo, fez com que os preços caíssem nas bolsas e mercados e precipitou uma consulta séria e tensa entre todos os gabinetes europeus. Um único insulto dirigido a ela pelo parisiense mais irresponsável teria levado seu filho, o jovem imperador alemão, a desembainhar a espada. Estava, assim, ao alcance do moleque de rua mais ocioso abalar o equilíbrio do mundo. Que comentário terrível sobre a civilização é o fato de que a prosperidade, e até mesmo a vida, de milhões de nossos semelhantes possam depender dos sentimentos pacíficos de um único homem!

"Nenhum fato pode ser mais claro do que o de que a humanidade está em uma encruzilhada. O máximo de preparação foi alcançado. Na Europa, os homens não podem mais se armar. A Itália já sucumbiu ao fardo da falência assim ocasionada e pode, a qualquer momento, ser mergulhada no turbilhão da revolução. Muitos publicistas ponderados acreditam que as nações europeias devem, portanto, ou lutar ou desarmar-se. Bem previu o mestre: 'Na terra, angústia das nações com perplexidade.
... Os corações dos homens desfalecerão de medo e pela expectativa das coisas que estão por vir sobre a terra'."----

O trecho a seguir, extraído do **The New York Tribune** de 5 de maio de 1895, mostra como alguns dos soberanos reinantes da Europa encaravam a situação:

"REIS QUE QUEREM SE RETIRAR PARA A VIDA PRIVADA.– A abdicação parece estar no ar. Em nenhum momento, desde os anos agitados de 1848-49, quando se pode dizer que toda a Europa esteve

em aberta insurreição contra as tendências autocráticas medievais de seus governantes, houve tantos soberanos reinantes que se declararam prestes a abandonar seus tronos. Em 1848, os monarcas eram, em sua maioria, príncipes nascidos no século anterior e criados sob a influência de suas tradições, totalmente incapazes, portanto, de compreender noções inovadoras como governo popular e constituições nacionais. Em vez de associarem seus nomes a tais ideias subversivas — que consideravam sinônimo da revolução sangrenta do tipo que levou Luís XVI e Maria Antonieta ao cadafalso —, preferiram abdicar; e foi durante aqueles dois anos agitados que os tronos da Áustria, da Sardenha, da Baviera, da França e da Holanda foram desocupados por seus ocupantes. Se hoje, meio século depois, seus sucessores desejam, por sua vez, abdicar, é porque também se convenceram firmemente de que a legislação popular é incompatível com o bom governo — isto é, do ponto de vista do trono — e de que é impossível conciliar, de agora em diante, duas instituições tão diametralmente opostas como a Coroa e o Parlamento. Nisso, talvez, eles não estejam muito errados; pois não há dúvida de que o desenvolvimento do governo popular na direção da democracia tende naturalmente a diminuir o poder e o prestígio do trono. Cada nova prerrogativa e direito conquistado pelo povo ou por seus representantes constitucionais é, na mesma medida, retirado do monarca; e, com o passar do tempo, torna-se cada vez mais evidente que, do ponto de vista popular, reis e imperadores são supérfluos, um anacronismo, meras figuras de proa onerosas cuja própria fraqueza e falta de poder os tornam objeto de ridículo em vez de reverência, ou que constituem sérios obstáculos ao desenvolvimento político, comercial e até mesmo intelectual. De fato, parece não restar mais lugar para eles no século que se aproxima, a não ser o de meros árbitros sociais, cujo poder se restringe a decretar as leis da moda e das convenções, e cuja autoridade é exercida não em virtude de qualquer lei escrita, mas meramente por meio do tato.

"Entre os soberanos que, segundo se diz, estão à beira da abdicação, temos, em primeiro lugar, o rei George dos Helenos, que se declara farto e cansado de seu trono incômodo e não hesita em afirmar que, como o próprio ambiente da Grécia deixou de ser-lhe agradável, está ansioso por entregar, o mais rápido possível, seu cetro a seu filho Constantino. Ele não mantém mais contato com seus súditos, não tem amigos em Atenas, a não ser visitantes do exterior, e está constantemente

forçado pela política um tanto questionável dos governos que se sucedem com tanta rapidez em seu reino a se colocar em uma posição delicada e embaraçosa em relação às cortes estrangeiras às quais está ligado por laços de estreita relação.

"O rei Oscar também está falando em ceder a coroa ao seu filho mais velho. No caso dele, não há um, mas sim dois parlamentos com os quais lidar; e como o de Estocolmo está sempre em oposição direta ao de Christiania, ele não pode satisfazer um sem ofender o outro, o que faz com que a Noruega e a Suécia estejam agora, segundo suas próprias afirmações, à beira de uma guerra civil. Ele está convencido de que o conflito entre os dois países está fadado a culminar em uma luta armada, situação que ele está determinado a evitar, e por isso decidiu abdicar. Ele declara que fez o possível, assim como o rei Jorge da Grécia, para cumprir os termos da Constituição em virtude da qual detém o cetro, mas que é absolutamente impossível continuar a fazê-lo, e que, para ele, a questão é ou violar seu juramento de coroação ou abdicar e abrir caminho para seu filho.

"Além disso, há o rei Cristião da Dinamarca, que, aos oitenta anos, encontra-se, como resultado das recentes eleições gerais, diante de uma Assembleia Legislativa Nacional na qual os ultra-radicais e socialistas, hostis ao trono, detêm uma maioria esmagadora, superando em número os liberais moderados e o minúsculo Partido Conservador juntos na proporção de três para um. Ele havia sido levado a acreditar que o conflito acirrado que vinha assolando a Dinamarca entre a Coroa e o Parlamento há quase vinte anos havia chegado ao fim no verão passado e que, depois de ter feito muitas concessões com o objetivo de resolver todas as divergências, tudo seria, dali em diante, um mar de paz. Em vez disso, ele agora se depara com uma maioria esmagadora no Parlamento, que já anunciou sua intenção de fazer valer o que considera direitos populares e de exigir que a Coroa cumpra sua interpretação dos termos da Constituição. Interrompido por

pela idade e pela enfermidade, abalado pela doença de sua esposa de temperamento forte, que tem sido seu principal apoio moral ao longo de todo o seu reinado, e privado, além disso, do poderoso apoio de seu genro, o falecido imperador Alexandre da Rússia, ele não se sente mais capaz de lidar com a situação e anuncia que está prestes a abrir caminho para seu filho.

"A esses três reis deve-se acrescentar o nome do rei Humbert da Itália, que é forçado a submeter-se a um primeiro-ministro que ele e a rainha pessoalmente detestam, e a emprestar seu nome a uma política da qual discorda no fundo, mas que está de acordo com as visões do Poder Legislativo. Não é segredo que toda a sua fortuna particular já está investida no exterior, em antecipação ao seu abandono do trono italiano, e que ele considera mais intolerável do que nunca uma situação que o obriga a cercar-se de pessoas com quem ele e sua consorte não se dão bem, e a manter uma postura em relação à Igreja que não só é diametralmente oposta aos sinceros sentimentos religiosos da rainha e dele próprio, mas também coloca a casa real da Itália em uma posição muito delicada e embaraçosa perante todas as outras cortes do Velho Mundo. O rei Humbert é um homem muito sensível e profundamente consciente das muitas afronta a que tem sido submetido por todas aquelas famílias reais estrangeiras que, ao virem a Roma, se abstiveram deliberadamente de visitar o Quirinal por medo de ofender o Vaticano.

"Se não fosse pela rainha Maria Amélia de Portugal, uma mulher de temperamento forte como sua mãe, a condessa de Paris, o rei Carlos já teria há muito cedido o trono a seu filho, com seu irmão mais novo como regente, enquanto o rei Carlos da Romênia e o príncipe regente da Baviera são considerados, cada um, à beira de abrir caminho para seus parentes mais próximos. Por fim, há o príncipe Fernando da Bulgária, que tem sido fortemente instado por seus amigos rusófilos a abdicar, comprometendo-se estes a fazê-lo escolhido sob a proteção moscovita. Mas ele, até o momento, tem se abstido de ceder às solicitações deles, ciente de que há muitos imprevistos entre a intenção e a realização e de que, se ele, uma vez, entregasse voluntariamente sua coroa, muitos fatores poderiam interferir para impedir que ele recuperasse a posse da mesma.

"Assim, considerando tudo isso, a causa do povo, do ponto de vista dele, provavelmente não será de forma alguma melhorada ou promovida pelas abdicações iminentes, que, pelo contrário, provavelmente implicarão uma retomada da luta de cinquenta anos atrás pelos direitos constitucionais e privilégios parlamentares."

Manifestações barulhentas do socialismo no Reichstag alemão, no Parlamento belga e na Câmara dos Deputados francesa não contribuíram de forma alguma para acalmar os temores das autoridades. Os deputados socialistas alemães recusaram-se a participar de uma saudação ao imperador a pedido do presidente, ou mesmo a levantar-se de seus assentos; os socialistas belgas, em resposta a uma proposta de aplausos ao rei — cujas simpatias eram consideradas a favor da aristocracia e do capital —, gritaram: "Viva o povo! Abaixo os capitalistas!", e os deputados franceses da Câmara dos Deputados, decepcionados com uma medida que tendia a favorecer a causa socialista, declararam que a revolução ainda alcançaria o que havia sido pacificamente solicitado, mas recusado.

É significativo, também, que um projeto de lei destinado a conter o crescimento do socialismo na Alemanha, apresentado no Reichstag, não tenha se tornado lei; as razões para a rejeição do projeto foram as seguintes, conforme relatado pela imprensa:

"A recente rejeição pelo Reichstag do 'projeto de lei antirrevolucionário', a mais recente medida elaborada pelo governo alemão para combater o socialismo, constitui um capítulo interessante na história de uma nação com a qual, apesar das diferenças de idioma e instituições, nós mesmos temos muito em comum.

"Já se passaram muitos anos desde que se começou a chamar atenção para o notável crescimento do partido socialista na Alemanha. Mas foi somente em 1878, ano em que ocorreram duas tentativas de atentado contra a vida do imperador, que o governo decidiu adotar medidas repressivas. A primeira lei contra os socialistas foi aprovada em 1878 por um período de dois anos e foi renovada em 1880, 1882, 1884 e 1886.

"Nessa época, considerou-se necessária uma legislação adicional,

e, em 1887, o chanceler Bismarck propôs ao Reichstag uma nova lei que conferia às autoridades o poder de confinar os líderes socialistas a uma determinada localidade, privá-los de seus direitos como cidadãos e expulsá-los do país. O Parlamento recusou-se a aceitar as propostas do chanceler; contentou-se em renovar a lei antiga.

"Havia agora a esperança, em alguns setores, de que a necessidade de nova legislação repressiva fosse desaparecer. Mas o crescimento contínuo do Partido Socialista, a ousadia cada vez maior de sua propaganda, juntamente com a ocorrência de atos de violência anarquista na Alemanha e em outras partes da Europa, impulsionaram o governo a uma nova intervenção. Em dezembro de 1894, o imperador deu a entender que havia sido decidido responder com nova legislação aos atos daqueles que se empenhavam em incitar a desordem interna.

"Antes do fim daquele ano, o projeto de lei antirrevolucionário foi apresentado à Assembleia Popular. Consistia em uma série de emendas ao direito penal comum do país e foi proposto como parte permanente do Código Penal. Nessas emendas, estavam previstas multas ou prisão para todos aqueles que, de maneira perigosa para a paz pública, atacassem publicamente a religião, a monarquia, o casamento, a família ou a propriedade, com expressões de injúria, ou que afirmassem ou disseminassem publicamente declarações, inventadas ou distorcidas, que soubessem, ou que, de acordo com as circunstâncias, devessem concluir que eram inventadas ou distorcidas, com o objetivo de tornar desprezíveis as instituições do Estado ou os decretos das autoridades.

"A nova lei também continha disposições de caráter semelhante voltadas contra a propaganda socialista no exército e na marinha.

"Se a oposição tivesse partido apenas dos socialistas, dentro e fora do Parlamento, o governo teria aprovado seu projeto de lei com sucesso. Mas a natureza dos delitos especificados, juntamente com a amplitude com que a interpretação da lei foi deixada a cargo dos Juízes de polícia, despertou a desconfiança, e até mesmo o alarme, de amplos setores da população, que viram em suas disposições uma ameaça à liberdade de expressão, à liberdade de ensino e à liberdade de reunião pública.

"Assim, quando o Reichstag passou a deliberar sobre a medida, teve início um movimento como raramente se vê na pátria. Petições de autores, editores, artistas, professores universitários, estudantes e cidadãos chegaram em grande número ao Parlamento até que, segundo se afirma, mais de um milhão e meio de assinaturas de protesto foram recebidas.

"Grandes jornais como o *Berliner Tageblatt* encaminharam ao Reichstag petições de seus leitores contendo de vinte mil a cem mil nomes. Enquanto isso, a oposição de quatrocentas e cinquenta universidades alemãs contra o projeto de lei foi registrada em uma reunião em massa de delegados realizada na capital.

"A rejeição de uma medida tão amplamente contestada era inevitável, e o Partido Socialista, sem dúvida, tirará o máximo proveito da derrota do governo. No entanto, o Reichstag rejeitou o projeto de lei, não porque ele visasse os socialistas, mas porque, ao combater tendências anárquicas, acreditava-se que a medida colocasse em risco os direitos do povo em geral."

Em Londres, diz-se que o socialismo está constantemente ganhando terreno, enquanto o anarquismo parece estar morto. O Partido Trabalhista Independente, que era a maior força do movimento sindical na Inglaterra, é agora declaradamente uma organização socialista. Ele espera que uma revolução sangrenta ocorra em breve, o que resultará no estabelecimento de uma república socialista sobre as ruínas da atual monarquia.

Tendo em conta esses fatos e tendências, não é de se admirar que vejamos reis e governantes tomando precauções extras para proteger a si mesmos e seus interesses contra os perigos ameaçadores da revolução e da anarquia mundial. Tomados pelo medo e pela angústia, eles buscam alianças entre si, embora a desconfiança mútua seja tão grande que tenham pouca esperança em qualquer aliança. A atitude de cada nação em relação às demais é de animosidade, inveja, vingança e ódio, e suas relações entre si baseiam-se apenas em princípios de interesse próprio. Por isso, só se pode confiar em suas alianças enquanto seus interesses egoístas

parecem seguir rumos paralelos. Não há amor nem benevolência nisso; e a imprensa diária é testemunha constante da incapacidade das nações de traçar qualquer linha de política que as levasse a uma cooperação harmoniosa. Vã é, portanto, a esperança que se possa depositar em qualquer coalizão das potências.

O Eclesiasticismo Não É Mais um Baluarte!

Percebendo isso, pelo menos em certa medida, vemos-os olhando ansiosamente para a igreja (não para os poucos santos fiéis conhecidos e reconhecidos por Deus como sua igreja, mas para a grande igreja nominal, que é a única reconhecida pelo mundo) para ver que tipo de persuasão moral ou autoridade eclesiástica pode ser exercida sobre as grandes questões em disputa entre os governantes e os povos. A igreja, também, está ansiosa por preencher essa lacuna e ajudaria de bom grado a restaurar relações amigáveis entre príncipes e povos; pois os interesses da aristocracia eclesiástica e da aristocracia civil estão interligados. Mas é em vão que se busca ajuda nessa fonte; pois as massas despertadas têm pouca reverência restante pelo clero ou pela política. No entanto, a conveniência de solicitar a ajuda da igreja está sendo posta à prova. O Reichstag alemão, por exemplo, que, por influência do príncipe Bismarck, baniu os jesuítas da Alemanha em 1870, considerando-os hostis ao bem-estar da Alemanha, posteriormente revogou a medida, na esperança de, assim, conciliar o partido católico e ganhar sua influência em apoio às medidas militares. Uma observação significativa foi feita por ocasião do debate sobre a questão, que, embora venha a se revelar extremamente verdadeira como profecia, na época serviu apenas para provocar gargalhadas na Câmara. A observação foi de que o retorno dos jesuítas não seria perigoso, já que o dilúvio (socialismo–anarquia) certamente viria em breve e os afogaria também.

Nas tentativas de reconciliação do rei e do governo da Itália com a Igreja de Roma, o motivo tem sido evidentemente o medo da propagação da anarquia e as perspectivas de

guerra social. A esse respeito, o primeiro-ministro Crispi, em um discurso notável que começou com uma revisão histórica da política italiana atual e terminou com uma declaração sobre os problemas sociais da época, especialmente o movimento revolucionário, disse:

"O sistema social está passando agora por uma crise decisiva. A situação tornou-se tão grave que parece absolutamente necessário que as autoridades civis e religiosas se unam e trabalhem harmoniosamente contra aquele bando infame cuja bandeira traz a inscrição: 'Sem Deus, sem rei!' Esse bando, disse ele, declarou guerra à sociedade. Que a sociedade aceite a declaração e responda com o grito de guerra: 'Por Deus, pelo rei e pela pátria!' "----

Esse mesmo pressentimento temeroso por parte dos poderes civis em todas as nações civilizadas é o que fundamenta a recente atitude conciliatória de todos os poderes civis da Europa em relação ao Papa de Roma, e que agora começa a parecer bastante favorável à sua esperança há muito acalentada de recuperar grande parte de seu poder temporal perdido. Essa atitude das nações ficou notavelmente ilustrada nos presentes valiosos oferecidos ao Papa, por ocasião do Jubileu Papal há alguns anos, pelos chefes de todos os governos da cristandade. Sentindo sua própria incompetência para lidar com o poderoso domínio do mundo em despertar, as autoridades civis, em puro desespero, evocam o antigo poder do papado, o tirano, que outrora mantinha toda a cristandade sob seu domínio; e, embora odeiem o tirano, estão dispostas a fazer grandes concessões, se por esse meio conseguirem manter sob controle os povos insatisfeitos.

Muitos reconhecem a alegação tão veementemente apresentada pela Igreja Católica Romana de que ela será o único baluarte confiável contra a maré crescente do socialismo e do anarquismo. Em relação a essa ilusão, um ex-membro da ordem dos jesuítas, o conde Paul von Hoensbrouck, agora convertido ao protestantismo, aponta para a Bélgica católica e o avanço da social-democracia naquele país para demonstrar a futilidade de qualquer

ajuda vinda desse lado. Em seu artigo publicado no **Preussische Jahrbuch**, Berlim, 1895, ele afirmou:

"A Bélgica tem sido, há séculos, católica e ultramontana até a medula. Este país tem uma população de mais de seis milhões, dos quais apenas quinze mil são protestantes e três mil judeus. Todos os demais são católicos. Eis a solidez confessional. A Igreja Católica tem sido o fator e a força predominantes na vida e na história da Bélgica, e foi aqui que ela celebrou seus maiores triunfos e se gabou deles repetidas vezes. Com algumas poucas exceções, ela controlou o sistema educacional do país, especialmente as escolas de ensino fundamental e públicas. . . .

"Ora, como se saiu a social-democracia na Bélgica católica? Isso as últimas eleições demonstraram. Quase um quinto de todos os votos expressos foi dado aos candidatos dos social-democratas, e devemos lembrar que, do lado dos candidatos não socialistas, encontram-se muito mais 'votos múltiplos' do que do lado dos social-democratas – sendo regra na Bélgica que os ricos e instruídos exerçam o direito de 'votos múltiplos', ou seja, seus votos são contados duas ou três vezes. Os ultramontanos, de fato, alegam que esse aumento no voto socialista deve ser atribuído ao crescimento do Partido Liberal. Até certo ponto, isso é verdade, mas as alegações dos clericais de que ele é o baluarte contra o socialismo, a irreligião e a degeneração moral tornam-se, com isso, não menos absurdas. De onde vieram esses liberais, se a Igreja Católica é o remédio para todos os males que o Estado e a sociedade herdam?

"O catolicismo pode salvar o povo tão pouco do 'liberalismo ateísta' quanto da social-democracia. No ano de 1886, foi enviada uma carta circular a homens representativos de todas as diferentes classes sociais com perguntas relativas à condição dos trabalhadores. Três quartos das respostas declararam que, do ponto de vista religioso, o povo 'se deteriorou', ou 'desapareceu completamente', ou 'o catolicismo estava perdendo cada vez mais sua influência'. Liège, com suas trinta e oito igrejas e

trinta e cinco conventos, deu uma resposta desanimadora; Bruxelas declarou que "nove décimos das crianças são ilegítimas, e a imoralidade é indescritível". E tudo isso é verdade, embora o social-democrata belga, na medida em que tenha frequentado alguma escola, tenha sido aluno das escolas públicas católicas ultramontanas, e em um país no qual, a cada ano, são proferidos mais de meio milhão de sermões católicos e palestras catequéticas. O país que, com razão e justiça, tem sido chamado de "terra dos conventos e do clero", tornou-se o Eldorado da Revolução Social."

Preparações extravagantes para a guerra

O medo de uma revolução iminente está levando todas as nações da "Cristandade" a preparativos extravagantes para a guerra. Um jornal da capital afirma: "Cinco das principais nações da Europa guardaram em tesouros especiais 6.525.000.000 de francos com o objetivo de destruir homens e bens na guerra. A Alemanha foi a primeira das nações a reunir um fundo de reserva para esse propósito mortal. Ela possui 1.500.000.000 de francos; a França, 2.000.000.000 de francos; a Rússia, apesar da devastação causada pela cólera e pela fome, 2.125.000.000 de francos; a Áustria, 750.000.000 de francos; a Itália, a mais pobre de todas, menos de 250.000.000 de francos. Essas imensas somas de dinheiro estão ociosas. Elas não podem ou não serão utilizadas, exceto em caso de guerra. O imperador Guilherme da Alemanha afirmou que preferiria que o nome da Alemanha fosse desonrado financeiramente a tocar em um único marco do fundo de guerra."

Já em 1895, os dados elaborados pelo Departamento de Guerra dos EUA mostravam o tamanho dos exércitos de países estrangeiros da seguinte forma: Áustria-Hungria, 1.794.175; Bélgica, 140.000;
Colômbia, 30.000; Inglaterra, 662.000; França, 3.200.000;
Alemanha, 3.700.000; Itália, 3.155.036; México, 162.000;
Rússia, 13.014.865; Espanha, 400.000; Suíça, 486.000. A manutenção dessas tropas custa US$ 631.226.825 por ano.

A força da milícia dos Estados Unidos, conforme relatado pelo

Secretário da Guerra à Câmara dos Deputados no mesmo ano, totaliza um contingente de 141.846 homens, enquanto sua força militar disponível, mas não organizada — ou o que, nos países europeus, é chamado de "estado de mobilização" do país —, o Secretário estima em 9.582.806 homens.

Disse um correspondente do *New York Herald*, recém-chegado de uma viagem pela Europa:

"A próxima guerra na Europa, quando quer que venha, será de uma violência destrutiva até hoje desconhecida. Todas as fontes de receita foram esgotadas, se não totalmente esvaziadas, em prol do esforço bélico. Seria inútil dizer que o mundo ainda não viu nada semelhante, pois nunca antes dispôs de meios bélicos tão destrutivos. A Europa é um grande acampamento militar. As principais potências estão armadas até os dentes. Trata-se de um esforço conjunto, e não para desfile ou diversão. Exércitos enormes, em perfeita disciplina e armados com perfeição, apoiados em seus mosquetes ou com as rédeas nas mãos, aguardam nos acampamentos e nos campos o sinal para marchar uns contra os outros. Uma guerra na Europa define apenas uma coisa com certeza: a necessidade de outra guerra."

"Diz-se que grandes exércitos permanentes são garantias de paz; isso pode ser verdade por um tempo, mas não a longo prazo: pois a inatividade armada em escala tão enorme envolve sacrifícios demais, e os pesados fardos inevitavelmente forçarão a ação."

INSTRUMENTOS MODERNOS DE GUERRA

Um correspondente do *Pittsburgh Dispatch* escreve de Washington, D.C.:

"Que loja de curiosidades medonha são os depósitos de armas, projéteis e modelos bélicos de todos os tipos espalhados por vários recantos dos Departamentos de Guerra e da Marinha! Eles estão dispersos e são escassos em comparação, é verdade, mas são suficientes para fazer até mesmo o mais distraído refletir sobre aonde estamos chegando e qual será o fim desse maravilhoso ímpeto

da inovação no sentido de armas para a destruição da humanidade. Tudo o que possuímos até o momento, neste nosso novo país, em termos de exemplos de tais invenções, dificilmente se compararia, em interesse ou volume, a uma única sala da vasta coleção da antiga Torre de Londres, mas é o suficiente para contar toda a história. Ao observar toda essa maquinaria assassina, seria de se pensar que os governantes do mundo estivessem empenhados no extermínio da raça humana, em vez de em seu aperfeiçoamento e preservação.

"Juntamente com as invenções modernas que permitem que um único homem mate mil em um piscar de olhos, estão as armas rudimentares daqueles tempos mais simples, quando os homens lutavam corpo a corpo nas batalhas. Mas não precisamos nos referir a elas para ilustrar o progresso na arte da guerra. Até mesmo as máquinas utilizadas na mais recente das grandes guerras já estão ultrapassadas. Se uma nova guerra civil começasse amanhã nos Estados Unidos, ou se nos envolvêssemos em uma guerra com um país estrangeiro, pensaríamos antes em ganhar asas e lutar no ar do que em combater com as armas de um quarto de século atrás. Algumas das armas e navios que entraram em voga nos últimos dias da guerra, remodelados e aprimorados a ponto de quase perderem sua forma original, poderiam ser empregados em certas condições, mas a grande maioria das máquinas mortíferas seria suplantada por invenções inteiramente novas, em comparação com as quais as melhores das antigas seriam fracas e totalmente impotentes. Nunca me lembrei tão intensamente desse progresso no domínio do horror como ontem, quando, em uma visita ao Departamento da Marinha, me mostraram a maquete e as plantas da nova metralhadora automática Maxim. Ela (e a metralhadora Maxim com outros nomes) é certamente a mais engenhosa e a mais perversa de todas as curiosas armas de guerra inventadas recentemente. A intenção é fabricá-las em tamanhos que cheguem a um canhão de seis polegadas, capaz de disparar automaticamente cerca de 600 tiros por minuto. Esse desempenho, é claro, já foi superado pela Gatling e por outras armas, que disparam projéteis muito pequenos; porém, em comparação com a Maxim, elas são complicadas de operar, exigem mais operadores, são muito mais pesadas e muito

menos precisas. Um homem pode operar a metralhadora Maxim, ou uma mulher, ou até mesmo uma criança, e, depois de colocá-la em funcionamento, o artilheiro pode sair para um almoço rápido enquanto sua arma está ocupada matando algumas centenas de pessoas. O artilheiro senta-se em um assento na parte traseira da metralhadora, atrás de seu escudo à prova de balas, caso deseje usá-lo. Quando quer dizimar um exército em poucos minutos, ele simplesmente espera até que o referido exército se coloque em uma posição favorável para seu trabalho. Em seguida, ele gira uma manivela que dispara o primeiro cartucho, e o trabalho da maquinaria automática começa. A explosão do primeiro cartucho causa um recuo que ejeta o invólucro vazio pela culatra, coloca outro cartucho no lugar e o dispara. O recuo dessa explosão faz o mesmo, e assim por diante, indefinidamente. É um assassinato em movimento perpétuo.

"Uma das invenções do Sr. Maxim é chamada de 'arma anti-motim', um aparelho leve que pode ser transportado nos braços com munição suficiente para expulsar qualquer multidão comum das ruas ou eliminá-la por completo. É curioso como todas as invenções mais recentes nessa área parecem antecipar a certeza de multidões revoltosas. Desde quando o inventor se tornou profeta? Bem, essa 'arma anti-motim' pode disparar a uma cadência de dez tiros mortais por segundo, com o atirador o tempo todo oculto e em perfeita segurança, mesmo diante de uma multidão armada com rifles ou até pistolas, desde que essa mesma multidão não decida avançar e capturar a arma e o atirador. Parece que inventores como o Sr. Maxim esperam que as multidões modernas fiquem paradas nas ruas para serem abatidas, sem agir nem defensivamente nem agressivamente, e que não se posicionem em esquinas seguras com bombas, nem explodam ou incendeiem uma cidade em seu frenesi. Seja como for, ele fez tudo o que podia no que diz respeito a uma arma para multidões. Essa pequena arma pode carregar munição suficiente para varrer uma rua com uma única rajada, em poucos segundos, e funciona de dentro de paredes ou janelas com a mesma facilidade que na rua aberta. Com um movimento do pulso, ela pode ser inclinada para cima ou para baixo na ponta de seu suporte e direcionada para matar diretamente acima ou abaixo do atirador, sem colocar em risco a vida ou
membros desse devoto da arte refinada do assassinato.

"Embora esta seja uma das mais recentes e destrutivas invenções, isso não significa, de forma alguma, que seja a última ou a mais eficaz que será criada. Aos poucos, vai se tornando claro

à mente de quem se depara com esse assunto que estamos apenas no início dessa jornada. Temos tentado acompanhar, no que diz respeito às defesas, o progresso dos meios de ataque eficazes, mas em vão. Nenhum navio capaz de flutuar pode ser construído de forma a resistir a uma explosão do torpedo moderno. Nenhuma nação é rica o suficiente para construir fortalezas que não possam ser destruídas em pouco tempo com a mais recente e perversa forma de projétil de dinamite. Os balões agora podem ser pilotados com quase a mesma facilidade que um navio na água e serão amplamente utilizados, nas guerras que logo ocorrerão, para a destruição de exércitos e fortalezas. As máquinas mortíferas estão se tornando tão simples e baratas que um único homem pode destruir um exército. Se os fortes estão mais bem equipados para destruir os fracos, por outro lado, os fracos podem facilmente se tornar fortes o suficiente para destruir os mais fortes. Para ambos os lados, a guerra significará aniquilação. Os exércitos terrestres, os monstros do mar e os cruzadores aéreos simplesmente se exterminarão mutuamente se chegarem a entrar em combate."

Mas há um avanço ainda mais recente. O *jornal *New York World** traz o seguinte relato sobre a arma e a pólvora:

"Maxim, o fabricante de armas, e o Dr. Schupphaus, especialista em pólvora, inventaram um novo tipo de pólvora para canhões e torpedos, que lançará uma enorme bala de canhão cheia de explosivos a dez milhas, e, onde atingir, reduzirá a lenha tudo o que estiver em um raio de centenas de pés.

"A descoberta é chamada de 'sistema Maxim-Schupphaus de lançamento de torpedos aéreos a partir de canhões por meio de uma pólvora especial, que impulsiona o projétil com baixa pressão e aumenta sua velocidade mantendo a pressão elevada ao longo de todo o comprimento do canhão'. Patentes do sistema foram registradas nos Estados Unidos e em países europeus.

"A pólvora especial empregada é algodão-pólvora quase puro, misturado com uma porcentagem tão pequena de nitroglicerina que

não apresente nenhuma das desvantagens dos pós de nitroglicerina e seja protegido contra a decomposição por meio de uma leve mistura de ureia. É perfeitamente seguro de manusear e pode ser golpeado com um martelo pesado sobre uma bigorna sem explodir. O segredo de seu notável poder reside em uma única verdade matemática na qual ninguém havia pensado anteriormente. Atualmente, o pólvora altamente explosiva é carregada nos canhões na forma de tiras, pequenos cubos ou hastes cilíndricas sólidas com diâmetro de meia a três quartos de polegada, vários pés de comprimento e aparência semelhante a um feixe de bastões de cera de abelha escura. Quando a pólvora é acionada, as extremidades e a circunferência de cada haste de pólvora inflamam-se instantaneamente e queimam em direção ao centro.

"O volume de gases gerados pela combustão diminui constantemente, pois a superfície de queima é menor; e, como é o volume de gás que dá velocidade ao projétil disparado pelo canhão, a perda de velocidade é o resultado inevitável. O projétil não vai tão longe quanto iria se a pressão dos gases tivesse aumentado ou, pelo menos, se tivesse sido mantida.

"Em cada peça das armas Maxim e Schupphaus, a pólvora contém muitos pequenos orifícios que percorrem todo o comprimento da haste. Quando a pólvora é acesa, a chama se espalha instantaneamente não apenas pela circunferência de cada haste, mas também por todas as perfurações. Esses pequenos orifícios são queimados com tal rapidez que a diferença no volume de gases explosivos gerados no início e no fim do cano da arma é de aproximadamente dezesseis para um.

"O projétil, portanto, sai do canhão com uma velocidade impressionante, e cada pequeno orifício nas varas de pólvora contribui para apressá-lo em sua missão de destruição a milhas de distância do local. Com um canhão de grande porte, a devastação causada por essa nova maravilha da artilharia moderna seria incalculável. Essa nova pólvora letal foi disparada em canhões de campanha e nos pesados canhões de defesa costeira em Sandy Hook, com resultados surpreendentes. De um canhão de dez polegadas carregado com 128 libras desse pólvora, um projétil pesando 571 libras foi lançado a oito milhas mar adentro. As pressões nas varetas de pólvora eram

mais uniformes do que quaisquer outras já registradas, o que é um ponto de suma importância na avaliação do valor de um pólvora altamente explosiva. Sem pressões uniformes, a precisão dos disparos é impossível.

"O canhão de grande porte que os senhores Maxim e Schupphaus propõem construir será um canhão de vinte polegadas, especialmente adaptado para a defesa costeira. Este canhão apresentará algumas peculiaridades. Ele não será montado, ou seja, composto de várias peças de aço unidas entre si, mas consistirá em um único tubo fino de aço com cerca de trinta pés de comprimento, com paredes de no máximo duas polegadas de espessura, em nítido contraste com os morteiros, cujas paredes têm de oito a dez polegadas de espessura para resistir à pressão da descarga. O recuo do canhão será compensado por amortecedores hidráulicos na parte inferior, contendo água e óleo. Um canhão de vinte polegadas desse tipo, utilizando a nova pólvora, poderia ser instalado na entrada do porto de Nova York, seja em Ft. Washington ou em Ft. Wadsworth, e controlar todo o mar em um raio de dez milhas. As pressões e velocidades obtidas são tão uniformes que é possível alcançar uma precisão de tiro extraordinária. Bastaria apontar o canhão para qualquer navio avistado pelo telêmetro dentro desse raio para garantir sua destruição total. A quantidade de explosivos lançada seria suficiente para afundar um navio de guerra se o projétil explodisse na água a menos de cinquenta pés de seu costado. A uma distância de cento e cinquenta pés, o impacto de um projétil de quinhentas libras seria grave o suficiente para causar vazamentos perigosos e incapacitar um navio."

O Dr. R.J. Gatling, inventor da maravilhosa metralhadora que leva seu nome, disse, referindo-se à nova invenção da pólvora sem fumaça:

"As pessoas ainda não estão preparadas para apreciar a enorme revolução na guerra do futuro causada pela invenção da pólvora sem fumaça. Ela já tornou obsoletos entre 3.000.000 e 4.000.000 de mosquetes na Europa, que foram fabricados para disparar pólvora negra, sem falar nos milhões de cartuchos, que os países que os possuem estariam dispostos a vender por uma ninharia. Trata-se de uma vasta soma de capital desperdiçado, mas é o resultado inevitável do progresso. Nosso exército

armas neste país logo estarão na categoria de obsoletas, pois, para acompanhar o resto do mundo, teremos que adotar a pólvora sem fumaça também. Uma arma carregada com ela lançará uma bala a uma distância duas vezes maior do que a pólvora negra. Mais uma vez, a nova invenção muda completamente as táticas militares, pois nas batalhas do futuro as tropas nunca mais se exibirão em massa diante do inimigo. O combate aberto, como tem sido costume ao longo de todas as épocas, é coisa do passado, pois significaria aniquilação total. Se a pólvora sem fumaça estivesse em uso durante a recente guerra civil, a guerra entre os Estados não teria durado noventa dias.

"'Qual é a diferença entre uma arma de disparo rápido e uma metralhadora?'

"Uma arma de disparo rápido não atira com a rapidez de uma metralhadora. A primeira geralmente tem um único cano e é carregada com cartuchos. É uma excelente arma para torpedeiros, mas quinze disparos por minuto já é um bom ritmo para uma delas. Uma metralhadora do tipo Gatling tem de seis a doze canos e, com três homens para operá-la, praticamente nunca para de disparar, com uma rajada sucedendo a outra a uma velocidade de 1.200 disparos por minuto. Esses três homens podem causar mais mortes do que uma brigada inteira armada com mosquetes antiquados."

Um colunista do *Cincinnati Enquirer* afirma:

"A fisionomia da próxima guerra, quando quer que ela aconteça, assumirá características inteiramente novas e tão horríveis a ponto de deixar para sempre a acusação de barbárie gravada na testa da civilização. As novas organizações militares que quadruplicaram os exércitos, a nova pólvora sem fumaça e terrível à qual nada pode resistir, a atual artilharia fulminante e os cartuchos de rifle que agora derrubarão os exércitos como um tornado sacode as maçãs de uma árvore, os balões-observatórios e as baterias de balões que lançarão grandes quantidades de pólvora sobre cidades e fortalezas, devastando-as em pouco tempo e de forma muito mais eficaz do que um bombardeio; as ferrovias móveis para a artilharia, a luz elétrica e o telefone, etc., revolucionaram todas as táticas de guerra. A próxima guerra será conduzida segundo um sistema inteiramente diferente, ainda não testado, e do qual surgirão grandes surpresas. "Nós nos armamos para a defesa e não para o ataque", afirma toda potência;

"nossa força é nossa salvaguarda: ela impõe a paz aos nossos vizinhos e inspira em todos o respeito que nos é devido."

"Mas todas as potências seguem a mesma política, o que equivale a dizer que toda essa exibição formidável e assassina tem como único objetivo proteger a paz das garras da guerra. Embora isso seja o cúmulo da ironia, acredito sinceramente nisso, porque é evidente, e penso que a paz está bem protegida contra a guerra pelos próprios instrumentos desta última, ou melhor, pelo temor causado por sua magnitude e feiura. Mas esses armamentos implacáveis são como um vórtice que tudo absorve, para o qual a fortuna pública está sendo arrastada, indo, por assim dizer, encher um vulcão insondável com uma substância explosiva. Por mais estranho que pareça, essa é a verdadeira situação. A Europa está deitada sobre um vasto vulcão que ela mesma escavou e que, laboriosamente, enche com o elemento mais perigoso. Mas, consciente do perigo, ela mantém diligentemente todas as brasas longe da cratera. Porém, sempre que sua cautela se relaxar e a explosão ocorrer, lembre-se disso: o mundo inteiro sentirá o choque e estremecerá. A barbárie exibirá tanta feiura que uma maldição universal se espalhará de uma nação para outra e levará os povos a conceber meios mais dignos de nossa época para resolver os assuntos internacionais, e a guerra será enterrada por suas próprias mãos sob as ruínas que ela mesma terá erguido."

Outra arma que impõe a paz

"Despertem, homens poderosos. Que todos os homens de guerra se aproximem. Reúnam-se no Vale de Josafá (o vale da morte). Que os fracos digam: 'Eu sou forte'. Transformem suas podadeiras em lanças e o aço de seus arados em espadas." – Joel 3:10.

O que significará, no futuro, ir à guerra pode ser intuído a partir da descrição da arma apresentada abaixo. Em relação a essa preparação para a guerra entre nações, não deixemos de notar o fato de que governos e generais estão começando a temer suas próprias tropas. Assim como a milícia se recusou a servir em Ohio durante os distúrbios causados pela greve, e assim como os fuzileiros navais se rebelaram contra o governo no Brasil e os soldados de Portugal contra seus generais, assim poderá acontecer em breve em todos os países do mundo.

A Alemanha, com seu grande exército, está ficando apreensiva porque o socialismo está gradualmente ganhando espaço entre os soldados.

E mesmo na Grã-Bretanha, recentemente se considerou necessário desarmar parte da milícia ou da cavalaria voluntária. O segredo de toda essa insubordinação é o conhecimento; e por trás do conhecimento está a educação; e por trás da educação, a imprensa e o maravilhoso poder iluminador de Deus, que levanta o véu da ignorância e prepara a humanidade para o grande dia do Messias, com seu prelúdio de tribulações.

Há algum tempo, nos perguntávamos como a insurreição, tal como as Escrituras parecem sugerir, poderia varrer toda a Terra; como a anarquia poderia se alastrar, apesar de todo o poder e influência combinados do capital e da civilização que se opõem a ela. Mas agora vemos que a educação (o conhecimento) está preparando o caminho para o grande desastre mundial, que as Escrituras parecem indicar que poderá ocorrer nos próximos anos. Agora podemos ver que justamente os homens que foram treinados para usar os aparelhos mais modernos para a destruição da vida humana podem ser encontrados entre aqueles que têm a responsabilidade e o cuidado com os arsenais e as munições de guerra. Segue-se o artigo mencionado:

"Esta arma, pesando menos de vinte libras e manuseada como uma espingarda comum de caça, dispara uma rajada de balas quando em ação a uma cadência de 400 tiros por minuto. A nova arma é chamada de Benet-Mercier e é de invenção francesa. Possui uma coronha que é encostada no ombro. Em ação, o soldado deita-se no chão, apoiando a arma em dois suportes. Isso oferece uma vantagem em termos de segurança em relação ao modelo de tiro rápido Hiram Maxim, já que o operador dessa arma é obrigado a ficar em pé para recarregá-la. Isso o coloca totalmente à vista do inimigo — ou melhor, coloca todos os três homens à vista, pois são necessários três para a manipulação dessa arma mais pesada."

A profecia de Joel (3:9-11) certamente está se cumprindo nos maravilhosos preparativos para a guerra que agora estão sendo feitos entre as nações. Profeticamente, ele expressou os sentimentos destes tempos, dizendo: "Anunciai isto entre as nações: Preparai a guerra, despertai os valentes, que todos os homens de guerra se reúnam

; que subam. Transformem seus arados em espadas e suas podadeiras em lanças; que o fraco diga: 'Sou forte'. Reúnam-se e venham, todas as nações, ajuntem-se ao redor." Não é esta a proclamação mundial do tempo presente? Não estão tanto os poderosos quanto os fracos se preparando para o conflito que se aproxima? A própria igreja professa de Cristo não está mobilizando os jovens e inspirando-os com o espírito de guerra? Os homens que, de outra forma, estariam trabalhando no arado e podando as árvores, não estão, em vez disso, forjando e manuseando as armas de guerra? E as nações não estão todas reunindo seus poderosos exércitos e esgotando seus recursos financeiros além do que podem suportar por muito tempo, a fim de se prepararem para as exigências da guerra — a grande tribulação que veem se aproximando rapidamente?

Os Estados Unidos: únicos em sua posição, mas ameaçados por males ainda maiores do que o Velho Mundo

A posição dos Estados Unidos da América entre as nações é única em quase todos os aspectos; e tanto é assim que alguns se inclinam a considerar este país como o filho especial da providência divina e a pensar que, no caso de uma revolução mundial, ele escapará. Mas tal segurança ilusória não é compatível com o bom senso, tendo em vista tanto os sinais dos tempos quanto as certas operações daquelas justas leis de retribuição pelas quais as nações, assim como os indivíduos, são julgadas.

Que as circunstâncias peculiares da descoberta deste continente e do estabelecimento desta nação em seu solo virgem, para respirar seu ar livre e desenvolver seus maravilhosos recursos, tenham sido um passo no curso da providência divina, disso não podem duvidar os que são ponderados e imparciais. O tempo e as circunstâncias apontam para isso. Emerson disse certa vez: "Toda a nossa história parece ser o último esforço da Providência Divina em favor da raça humana". Ele não teria dito isso, porém, se compreendesse o plano divino dos séculos, à luz do qual fica bem claro que não se trata de um "último esforço da

"providência divina", mas um elo bem definido na cadeia de circunstâncias providenciais para a realização do propósito divino. Aqui foi concedido um refúgio aos oprimidos de todas as terras contra a tirania do despotismo civil e eclesiástico. Aqui, separado dos antigos despotismos pelo vasto oceano selvagem, o espírito de liberdade encontrou um espaço para respirar, e a experiência do governo popular tornou-se realidade. Sob essas circunstâncias favoráveis, a grande obra da era evangélica — a seleção da verdadeira Igreja — foi grandemente facilitada; e aqui temos todos os motivos para acreditar que a maior colheita da era será colhida.

Em nenhum outro país a abençoada mensagem da colheita — o plano das eras, com seus tempos, estações e privilégios — poderia ter sido proclamada de forma tão livre e anunciada de maneira tão ampla e livre. E em nenhum outro lugar, exceto sob as instituições livres desta terra abençoada, tantas mentes estão suficientemente libertas dos grilhões da superstição e do dogmatismo religioso a ponto de serem capazes de receber a verdade que lhes é devida e, por sua vez, levar suas boas novas ao mundo. Acreditamos que foi exatamente para esse propósito que a providência de Deus esteve, em certa medida, sobre este país. Havia uma obra a ser realizada aqui para o seu povo que não poderia ser tão bem realizada em outro lugar; e, portanto, quando a mão da opressão procurou sufocar o espírito de liberdade, surgiu um Washington para conduzir os empobrecidos, mas ousados, amantes da liberdade rumo à independência nacional. E, novamente, quando a divisão ameaçava a nação e quando chegou a hora da libertação de quatro milhões de escravos, Deus suscitou outro espírito corajoso e nobre na pessoa de Abraham Lincoln, que quebrou os grilhões dos escravizados e preservou a unidade da nação.

No entanto, a nação, como nação, não tem — nem jamais teve — qualquer direito sobre a providência divina. A intervenção providencial em alguns de seus assuntos limitou-se apenas à

interesses do povo de Deus. A nação, como nação, está sem Deus e sem esperança de perpetuidade quando, por meio dela, Deus tiver cumprido seus próprios propósitos sábios para seu povo — quando tiver reunido "seus escolhidos". Então, os ventos da grande tribulação poderão soprar sobre ela, assim como sobre as outras nações, porque, como elas, ela é um dos "reinos deste mundo" que deve dar lugar ao Reino do amado Filho de Deus.

Embora as condições da grande maioria da população aqui sejam muito mais favoráveis do que as de qualquer outra terra, há aqui, entre as classes mais pobres, uma valorização do conforto e dos direitos e privilégios individuais que não existe na mesma medida em nenhuma outra terra. Neste país, das fileiras de seus cidadãos mais humildes, imbuídos do espírito de suas instituições — o espírito de liberdade, de ambição, de trabalho e de inteligência — surgiram muitos dos mais sábios e melhores estadistas: presidentes, legisladores, advogados, juristas e homens ilustres em todas as esferas da vida. Nenhuma aristocracia hereditária aqui desfrutou do monopólio de cargos de confiança ou lucrativos, mas o filho do mais humilde viajante pode aspirar e conquistar os prêmios da honra, da riqueza e da promoção. Que estudante americano não já ouviu falar das possibilidades de um dia se tornar presidente do país? De fato, todas as conquistas de grandes homens em todas as classes e posições têm sido vistas como possibilidades futuras para a juventude americana. Nada no espírito de suas instituições jamais impediu tal ambição; pelo contrário, ela sempre foi estimulada e incentivada. A influência dessas vias abertas para os cargos mais altos e para todas as posições intermediárias de honra e confiança na nação tem contribuído para a elevação de todo o povo, desde as camadas mais baixas para cima. Isso estimulou o desejo por educação e cultura, bem como todas as demandas por educação e cultura. O sistema escolar gratuito atendeu amplamente a essa demanda, proporcionando a todas as classes uma comunicação inteligente por meio da imprensa diária,

livros, periódicos etc., permitindo-lhes, assim, como indivíduos, trocar opiniões e julgar por si mesmos todas as questões de interesse e, consequentemente, exercer sua influência em assuntos nacionais por meio do voto.

Um povo soberano, assim dignificado e levado a valorizar os direitos da humanidade, é, portanto, naturalmente um dos primeiros a resistir, e da forma mais determinada, a quaisquer tendências aparentes de refrear sua ambição ou restringir suas ações. Mesmo agora, apesar do espírito liberal de suas instituições e das imensas vantagens que elas conferiram a todas as classes da nação, a inteligência das massas começa a discernir influências em ação que estão destinadas, em breve, a levá-las à servidão, a despojá-las de seus direitos como homens livres e a privá-las das bênçãos da natureza generosa.

O povo americano está sendo despertado para a percepção do perigo que ameaça suas liberdades e para a ação diante desse perigo, com a energia que tem sido sua característica marcante em todos os ramos da indústria e em todas as esferas do comércio, embora as causas reais desse perigo não sejam discernidas com clareza suficiente pelas massas para que possam direcionar suas energias com sabedoria. Eles apenas percebem que a concentração de riqueza está empobrecendo a maioria, influenciando a legislação de modo a acumular ainda mais riqueza e poder nas mãos de poucos e, assim, criando uma aristocracia da riqueza cujo poder, com o tempo, se revelará tão despótico e implacável quanto qualquer despotismo do Velho Mundo. Embora isso seja, infelizmente, mais do que verdade, não é o único perigo. Um despotismo religioso, cuja tirania odiosa pode ser melhor avaliada pelos registros dos dias passados de seu poder, também ameaça este país. Esse perigo é o catolicismo romano.* No entanto, esse perigo não é geralmente percebido, porque Roma está realizando suas conquistas aqui por meio de astúcia e lisonja vil. Ela professa grande admiração pelas instituições livres e pelo autogoverno dos Estados Unidos; ela corteja e lisonjeia os "hereges" protestantes que formam uma parcela tão grande

*Vol. II, Capítulo 10.

proporção da população instruída, e agora os chama de seus "irmãos separados", pelos quais nutre um "afeto eterno"; e, no entanto, ao mesmo tempo, ela impõe sua mão pegajosa sobre o sistema de ensino público, que está ansiosa por transformar em um agente para a propagação de suas doutrinas e a ampliação de sua influência. Ela está fazendo sua influência se fazer sentir tanto nos círculos políticos quanto nos religiosos, e a onda contínua de imigração para este país é composta, em grande parte, por seus súditos.

O perigo do catolicismo romano para este país foi previsto por Lafayette, que, embora ele próprio fosse católico romano, ajudou a conquistar — e admirava profundamente — a liberdade deste país. Ele disse: "Se as liberdades do povo americano vierem a ser destruídas, será pelas mãos do clero romano". Assim, da concentração de riqueza, do catolicismo romano e da imigração, vemos grandes perigos.

Mas, infelizmente! O remédio que as massas acabarão por aplicar será pior do que a doença. Quando a revolução social chegar aqui, virá com toda a turbulência e violência que a energia americana e o amor à liberdade puderem lhe conferir. Não é, portanto, de forma alguma razoável esperar que este país escape ao destino de todas as nações da cristandade. Como todas as outras, está condenado à desintegração, à derrubada e à anarquia. Ele também faz parte da Babilônia. O espírito de liberdade cultivado aqui por várias gerações já ameaça se descontrolar com uma veemência e velocidade inigualáveis no Velho Mundo, e sem restrições por parte das forças mais potentes dos governos monárquicos.

O fato de muitos homens ricos perceberem isso e, em certa medida, temerem que os problemas ameaçadores possam culminar aqui primeiro, fica evidente por meio de vários indícios, dos quais o seguinte, extraído do *jornal *The Sentinel**, de Washington, D.C., de alguns anos atrás, é um exemplo:

"EMIGRANDO DOS ESTADOS UNIDOS – O Sr. Tiago Gordon Bennett, proprietário do *New York Herald*, segundo o *National Watchman*, reside há tanto tempo na Europa que já é considerado um estrangeiro. O Sr. Pulitzer, proprietário do *New York World*, segundo se diz, estabeleceu residência permanente na França. Andrew Carnegie, o milionário "rei do ferro", comprou um castelo na Escócia e está transformando-o em sua residência. Henry Villard, o magnata da Northern Pacific Railroad, vendeu suas participações e partiu definitivamente para a Europa com cerca de US$ 8.000.000. W.
W. Astor mudou-se de Nova York para Londres, onde comprou uma magnífica residência e apresentou pedido para se tornar súdito britânico. O Sr. Van Alen, que recentemente garantiu o cargo de embaixador na Itália por meio de uma contribuição de 50.000 dólares ao fundo de campanha do Partido Democrata, é um estrangeiro para todos os efeitos e declara que este país não é adequado para um cavalheiro morar."

Mas em vão se buscará proteção e segurança em qualquer dos reinos deste mundo. Todos agora tremem de medo e pavor e percebem sua incapacidade de lidar com as poderosas forças reprimidas com as quais terão de enfrentar quando a terrível crise chegar. Então, de fato, "A altivez do homem será abatida, e a arrogância dos homens será humilhada Naquele dia [agora tão próximo – 'até
à porta'] o homem lançará seus ídolos de prata e seus ídolos de ouro aos toupeiras e aos morcegos; para se refugiar nas fendas das rochas e nos cumes das rochas irregulares, por temor do Senhor e pela glória de sua majestade, quando ele se levantar para sacudir terrivelmente a terra." – Isaías 2:17-21.

Então "todas as mãos ficarão trêmulas, e todos os joelhos ficarão fracos como água. Eles também se cingirão com cilício, e o horror os cobrirá; a vergonha estará em todos os rostos, e a calvície em todas as suas cabeças. Lançarão sua prata nas ruas, e seu ouro será removido; sua prata e seu ouro não poderão salvá-los no dia da ira do Senhor."– Ezequiel 7:17-19.

De pouco valer será a proteção que qualquer governo possa oferecer, quando os julgamentos do Senhor e os frutos de sua insensatez se abaterem sobre todos eles. Em seu orgulho de poder, eles "acumularam ira para o dia da ira":--- buscaram egoisticamente o engrandecimento de poucos e foram indiferentes aos clamores dos pobres e necessitados; e seus clamores chegaram aos ouvidos do Senhor dos Exércitos, e Ele abraçou a causa deles; e Ele declara: "Castigarei o mundo por sua maldade e os ímpios por sua iniquidade; e farei cessar a arrogância dos orgulhosos e abaterei a altivez dos terríveis. Tornarei o homem mais precioso do que o ouro fino; sim, o homem mais do que a barra de ouro de Ofir." – Isaías 13:11, 12.

Assim, temos a certeza de que a providência soberana do Senhor na catástrofe final trará libertação aos oprimidos. A vida de multidões não será então sacrificada, nem as desigualdades da sociedade que hoje existem serão perpetuadas.

Verdadeiramente, este é o tempo predito de angústia das nações, em perplexidade. A voz das massas descontentes é simbolizada com propriedade pelo rugido do mar, e os corações dos homens sensatos estão desfalecendo de medo da terrível calamidade que todos podem agora ver se aproximando rapidamente; pois os poderes do céu (os atuais poderes governantes) estão sendo terrivelmente abalados. De fato, alguns, instruídos por esses sinais e lembrando-se da passagem bíblica: "Eis que ele vem com as nuvens", já estão começando a sugerir a *presença* do Filho do homem, embora interpretem erroneamente o assunto e o remédio de Deus.

Disse o Prof. Herron em uma palestra proferida em São Francisco sobre "O Renascimento Cristão da Nação": *"Cristo está aqui! E o Juízo é hoje!* Nossa convicção social do pecado — a mão pesada de Deus sobre a consciência — mostra isso! Homens e instituições estão sendo julgados por seus ensinamentos!"---

Mas em meio a todo esse abalo da terra (a sociedade organizada) e dos céus (os poderes eclesiásticos), aqueles que nisso discernem a realização do plano divino

dos séculos se alegram com a certeza de que esse terrível abalo será o último que a terra jamais terá ou precisará; pois, como nos assegura o apóstolo Paulo, isso significa a *remoção* daquilo que é abalável – a derrubada de toda a ordem atual das coisas – para que aquilo que não pode ser abalado – o Reino de Deus, o Reino da luz e da paz – permaneça. Pois nosso Deus é um fogo consumidor. Em sua ira, ele consumirá todo sistema de maldade e opressão, e estabelecerá firmemente a verdade e a justiça na terra.

O Clamor de "Paz! Paz! Quando Não Há Paz"

Mas, apesar do julgamento manifesto de Deus sobre todas as nações, apesar do fato de que o volume de testemunhos de multidões de testemunhas pressiona com lógica irresistível contra toda a ordem atual das coisas, e de que o veredicto e a pena são antecipados com um temor quase universal, há aqueles que mal conseguem esconder seus medos com gritos de "Paz! Paz!", quando não há paz.

Tal proclamação, compartilhada por todas as nações da cristandade, foi a que saiu da grande exibição naval por ocasião da inauguração do Canal do Báltico. O canal foi projetado pelo avô do atual imperador alemão, e a obra foi iniciada por seu pai, em benefício do comércio da Alemanha, bem como de sua marinha. O atual imperador, cuja fé na espada como remédio infalível para as interrupções da paz, e cuja confiança nos canhões e na pólvora é igualmente inabalável, decidiu fazer da inauguração do canal concluído a ocasião para uma grande proclamação internacional de paz e uma grandiosa demonstração das potencialidades nas quais ela deve se basear. Assim, ele convidou todas as nações a enviar navios de guerra representativos (pacificadores) para o grande Desfile Naval pelo Canal do Báltico em 20 de junho de 1895.

Em resposta a esse convite, compareceram mais de cem fortalezas flutuantes de aço, incluindo vinte gigantescos "navios de guerra" — como são tecnicamente chamados —, todos totalmente armados e capazes de atingir uma velocidade de pelo menos dezessete milhas por hora. "É difícil", disse o London *Spectator*, "imaginar tal concentração de poder, que poderia, em poucas horas, varrer do mapa o maior porto marítimo ou arrastar as frotas comerciais concentradas do mundo para o fundo do oceano. Não há, de fato, nada no litoral mundial que pudesse sequer pretender resistir a tal força; e a Europa, considerada como uma entidade, pode muito bem declarar-se ao mesmo tempo inatacável no mar e irresistível A frota reunida em Kiel era provavelmente
a máxima expressão possível de poder de combate, desde que a batalha nunca dure mais do que suas reservas de explosivos."

O custo das embarcações e de seus armamentos ascendeu a centenas de milhões de dólares. Uma salva, disparada simultaneamente por 2.500 canhões, consumiu em um instante milhares de dólares em pólvora; e o entretenimento dos ilustres convidados custou ao povo alemão 2.000.000 de dólares. Os discursos do imperador alemão e dos representantes estrangeiros enfatizaram "a nova era de paz" inaugurada pela inauguração do grande canal e pela cooperação das nações na cerimônia. Mas os belos discursos e o poderoso estrondo dos canhões, com os quais os reis e imperadores proclamaram "Paz! Paz!", com ameaças de vingança a quem quer que a recusasse nos termos deles, não foram interpretados pelo povo como o cumprimento da mensagem profética de "Paz na terra e boa vontade para com os homens". Isso não teve efeito tranquilizador sobre o elemento socialista; não sugeriu nenhuma panaceia para a cura dos distúrbios sociais, para aliviar as preocupações ou reduzir os fardos das massas de pobres e desfavorecidos; nem deu qualquer garantia de boa vontade na Terra, nem indicou como a boa vontade poderia ser assegurada e

mantida, seja entre nação e nação, seja entre governos e povos. Foi, portanto, uma grande farsa, uma grande e ousada falsidade nacional; e foi assim considerada pelo povo.

O *jornal* londrino **The Spectator** expressou os sentimentos das pessoas pensantes a respeito daquela exibição no seguinte comentário sincero:

"A ironia da situação é muito pungente. Foi um grande festival de paz e indústria construtiva, mas sua maior glória foi a presença das frotas preparadas com grande sacrifício de recursos e energia exclusivamente para a guerra e a destruição. Um navio blindado não tem sentido, a menos que seja uma poderosa máquina de matança. Há apenas uma frase que descreve plenamente a grandiosidade daquela frota 'pacífica', e é que ela poderia, em um dia, destruir qualquer porto da Terra ou afundar as marinhas comerciais do mundo, se reunidas diante dela, até o fundo do mar. E que profundezas de ódio humano estavam ocultas sob toda aquela bela aparência de amizade humana! Uma esquadra era francesa, e seus oficiais ansiavam por vingar, contra aquele imperador exultante, o desmembramento de seu país. Outra era russa, e seus almirantes deviam estar cientes de que seu grande inimigo e rival era a potência que estavam honrando tão ostensivamente, e que, apenas no dia anterior, haviam violado as regras navais para homenagear o inimigo mais persistente e perigoso do imperador. Uma terceira era austríaca, cujo mestre havia sido expulso do domínio que construiu o canal e privado de sua meia-parte dos direitos sobre a província pela qual o canal serpenteia em toda a sua extensão. E havia navios da Dinamarca, de onde Holstein fora arrancada por seus atuais proprietários, e da Holanda, onde todos temem que, um dia ou outro, a Alemanha, por meio de outra conquista, adquira de uma só vez colônias, comércio e uma presença ultramarina. A

Imperador falava de paz, os almirantes esperavam pela paz, os jornais do mundo, em coro, declaravam que era paz, mas tudo naquele espetáculo falava de uma guerra recém-passada ou, em algum dia não muito distante, por vir. Nunca houve uma cerimônia tão grandiosa neste mundo, ou uma tão impregnada, de ponta a ponta, pelo odor da insinceridade."

O *New York *Evening Post** comentou da seguinte forma:

"No próprio encontro de navios de guerra manifesta-se o espírito diametralmente oposto ao amor pela paz. Cada nação envia seus maiores navios e seus canhões mais pesados, não apenas como um ato de cortesia, mas também como uma espécie de demonstração internacional de força. A Marinha britânica despacha dez de suas embarcações mais poderosas meramente como uma amostra do que tem em reserva, e com um ar de quem diz: 'Estejam avisadas a tempo, ó nações, e não provoquem a senhora dos mares'. As esquadras francesa e russa, da mesma forma, assumem sua expressão mais severa, para que o anfitrião Guilherme não se aproveite da festa para fazer avanços excessivamente amigáveis. Nossos próprios navios americanos se juntam à frota com o sentimento — que sem dúvida anima muitos oficiais e marinheiros a bordo — de que já é hora de os europeus arrogantes aprenderem que há uma potência naval em ascensão do outro lado do mar com a qual é melhor não brincarem.

"Um ar especial de *farsa* envolve a presença dos franceses e dos russos. Como defensores da paz internacional, especialmente como defensores da Alemanha, eles são verdadeiramente cômicos. A indignação com o assunto em algumas partes da França é enorme...

"Mas a insinceridade mais marcante de todas encontra-se na própria inauguração do Canal de Kiel. Ele é dedicado ao 'tráfego mundial'. Daí sua importância internacional, daí toda a alegria e glorificação. Mas o que a Alemanha, a França e as outras potências continentais realmente pensam sobre o tráfego mundial? Por que, neste exato momento, assim como nos últimos vinte anos, elas estão se esforçando ao máximo para restringir, impedir e reduzir, tanto quanto possível, o livre intercâmbio comercial entre as nações? Até que esse espírito proscritivo de
hostilidade e inveja comerciais não desaparecer, ou se esgotar por puro absurdo, você pode abrir quantos

canais interoceânicos quantos quiserem, mas não conseguirão convencer pessoas sensatas de que seu discurso sobre a importância deles para a boa harmonia internacional e o amor geral pela paz seja outra coisa senão um pouco de insinceridade transparente."

O Chicago Chronicle afirmou:

"É a mais pura barbárie, esse espetáculo em Kiel. Realizado em comemoração a uma obra de paz, assume a forma de uma apoteose da guerra. Inimigos mortais se reúnem ali, exibindo suas armas enquanto ocultam sua inimizade por trás de uma cordialidade forçada. Canhões projetados para a guerra são disparados por cortesia. O próprio imperador elogia a exibição de armamentos. ''O poderio de ferro reunido no porto de Kiel', disse ele, 'deve, ao mesmo tempo, servir como símbolo de paz e da cooperação de todos os povos europeus para o avanço e a manutenção da missão civilizadora da Europa.' A experiência contradiz essa teoria. Quem tem uma arma deseja dispará-la. A nação preparada para a guerra quer entrar em guerra. A única ameaça séria à paz europeia hoje é o fato de que todas as nações europeias estão preparadas para a guerra.

"A escavação do canal de Kiel foi um serviço notável à civilização; a forma como foi comemorada é um tributo à barbárie. Teoricamente, foi escavado para incentivar o comércio marítimo, e a maioria das embarcações reunidas para celebrar sua conclusão era do tipo conhecido como 'destruidores comerciais'."

Segundo o *jornal *The St. Paul Globe**, em Kiel estavam em evidência a realeza e os privilégios, e não a indústria. O jornal afirmava:

"Qual é o lugar de uma frota de navios blindados hoje no avanço da civilização? Que frotas piratas existem para serem varridas dos mares abertos? Que nação inferior e selvagem existe à qual possamos transmitir uma influência esclarecedora da civilização moderna, lançando sobre ela os holofotes de uma esquadra de navios de guerra? Há apenas um ataque, neste momento, no qual as nações poderiam unir suas forças de todo o coração

sob o pretexto de que estariam trabalhando em prol da civilização moderna. No entanto, nenhum dos governos representados em Kiel ousaria propor uma aliança armada com os demais com o objetivo de expulsar da Europa o hediondo e cruel turco.

"Será que um conflito entre os esplêndidos navios blindados, ou entre quaisquer duas das nações representadas em Kiel, ajudaria de alguma forma a causa da civilização? Não são esses armamentos, pelo contrário, as relíquias e testemunhas de uma barbárie que ainda persiste? As características mais selvagens de qualquer nação são suas munições de guerra. O objetivo da maioria das que a Europa fornece em tal profusão, por meio de impostos cobrados de um povo sobrecarregado, é manter esse próprio povo em humilde submissão às potências acima dele."

A "Pompa da Opressão" foi como *o jornal The Minneapolis Times* chamou o desfile naval de Kiel, sobre o qual comentou da seguinte forma:

"O fato de a inauguração dessa magnífica via navegável ser mais valorizada por suas vantagens militares do que comerciais, e de ter sido comemorada pelo estrondo de artilharia das frotas de guerra reunidas de todo o mundo, é uma acusação contra a civilização. Pois se as chamadas nações 'civilizadas' do mundo precisam de empreendimentos tão vastos para operações militares e de marinhas tão enormes como as que agora são mantidas às custas do povo, então a natureza humana da raça caucasiana não melhorou nem um pouco desde a época de Colombo ou com a grande descoberta que ele fez. Se tais marinhas são necessárias, então a liberdade é impossível e o despotismo é uma condição necessária para a raça humana."

Esse clamor alto e unânime das nações, por meio de seus representantes, de "Paz! Paz! quando não há paz", traz à mente com força a palavra do Senhor por meio do profeta Jeremias, que diz:

"Desde o menor deles até o maior, todos se entregam à cobiça; e desde o profeta até o sacerdote, todos praticam a falsidade. E curam a brecha da filha do meu povo com muita leviandade, dizendo:

Paz! Paz! quando não há paz. Eles deveriam ter se envergonhado por terem cometido uma abominação; mas não sentiram a menor vergonha, nem souberam corar: por isso cairão entre os que caem; no momento em que eu castigar o pecado deles, tropeçarão, diz o Senhor." – Jer. 6:13-15.

Essa grande proclamação internacional de paz, que traz em sua própria face o selo da insinceridade, é uma lembrança contundente das palavras de João G. Whittier, que descrevem de forma tão vívida as atuais condições de paz:

> "'Grande paz na Europa! A ordem reina
> das colinas do Tibre às planícies do
> Danúbio!' Assim dizem seus reis e
> sacerdotes; assim dizem os profetas
> mentirosos de nossos dias.
>
> "Deixem o ouvido atento ao chão;
> Ouça o trote das marchas ritmadas, O
> rolar da roda do canhão, O estrondo
> assassino do mosquete carregado, O
> alarme noturno, o chamado da
> sentinela, O espião de ouvido apurado
> na cabana e no salão, Do mar polar e do
> pântano tropical
> Os gemidos agonizantes dos exilados,
> A cela trancada, as correntes da galera,
> O cadafalso fumegante com suas
> manchas! Silêncio — o silêncio dos
> escravos angustiados!
> Paz – nas abóbadas das masmorras e nos
> túmulos! Falem, Príncipe e Kaiser, Sacerdote
> e Czar! Se isso é paz, por favor, o que é a
> guerra?
>
> "Austero arauto do Teu dia
> melhor, Para preparar o Teu
> caminho diante de Ti A sombra
> batista da Liberdade,–
> Cinzenta, marcada e vestida de peles, deve
> percorrer Com os pés sangrando o deserto!
> Ó, que sua voz possa penetrar nos
> ouvidos De sacerdotes e príncipes
> enquanto ouvem Um clamor como o do
> vidente hebreu:
> Arrependam-se! O Reino de Deus se aproxima."----

ESTUDO VI

BABILÔNIA PERANTE O GRANDE TRIBUNAL. SUA CONFUSÃO – ECLESIÁSTICA

A Verdadeira Igreja, conhecida pelo Senhor, não tem parte nos julgamentos de Babilônia – A situação religiosa da cristandade não apresenta nenhum contraste promissor em relação à situação política – A grande confusão– A responsabilidade de conduzir a defesa recai sobre o clero – O espírito da Grande Reforma está morto – Sacerdotes e povo na mesma situação – As acusações apresentadas – A defesa – Uma aliança proposta – O fim almejado – Os meios adotados – O espírito geral de compromisso – O julgamento contra as instituições religiosas da cristandade.

"E ele lhe disse: 'Pela tua própria boca te julgarei, servo mau.'" – Lucas 19:22.

ENQUANTO consideramos aqui o julgamento atual da grande igreja cristã nominal, não nos esqueçamos de que também existe uma verdadeira Igreja de Cristo, escolhida, preciosa; consagrada a Deus e à sua verdade em meio a uma geração perversa e desviada. Eles não são conhecidos pelo mundo como um corpo coeso; mas, como indivíduos, são conhecidos pelo Senhor, que não julga meramente pela visão dos olhos e pela audição dos ouvidos, mas que discerne e julga os pensamentos e as intenções do coração. E, por mais dispersos que estejam, quer estejam sozinhos como "trigo" em meio ao "joio", quer estejam em companhia de outros, o olho de Deus está sempre
sobre eles. Eles, habitando no lugar secreto do Altíssimo

Alto (santificado, inteiramente separado para Deus), permanecerão sob a sombra do Todo-Poderoso, enquanto os julgamentos do Senhor recairão sobre os grandes sistemas religiosos que levam o seu nome com infidelidade. (Salmo 91:1, 14-16) Estes não têm parte no julgamento da grande Babilônia, mas são previamente iluminados e chamados para fora dela. (Ap. 18:4) Essa classe é descrita e abençoadamente consolada nos Salmos 91 e 46. Em meio a muitas profissões de piedade meramente formais e falsas, o olho vigilante do Senhor discerne os verdadeiros, e Ele os conduz aos pastos verdes e às águas tranquilas, e faz seus corações se alegrarem em Sua verdade e em Seu amor. "O Senhor conhece os que são seus (2 Tim. 2:19); eles constituem a verdadeira Igreja em
Na sua opinião, a Sião que o Senhor escolheu (Salmo 132:13-16), e sobre a qual está escrito: "Sião ouviu e se alegrou; e as filhas de Judá se regozijaram por causa dos teus juízos, ó Senhor."---- (Salmo 97:8) O Senhor os conduzirá em segurança, assim como um pastor conduz suas ovelhas. Mas, embora tenhamos em mente que existe tal classe — uma verdadeira Igreja, cujos membros são todos conhecidos e queridos pelo Senhor, sejam eles conhecidos ou desconhecidos por nós —, esses devem ser ignorados aqui ao considerarmos o que professa ser, e o que o mundo reconhece como, a igreja, e aquilo a que os profetas se referem sob muitos nomes significativos que designam a grande igreja nominal que caiu em desgraça, e ao observarmos o julgamento de Deus sobre ela neste tempo de colheita da era evangélica.

Se os poderes civis da cristandade estão em perplexidade e a angústia das nações se manifesta por toda parte, a situação religiosa certamente não apresenta nenhum contraste promissor de paz e segurança; pois o eclesiasticismo moderno, assim como as nações, está preso na rede que ele mesmo teceu. Se as nações, tendo semeado ao vento as sementes da injustiça, estão prestes a colher uma safra abundante em um turbilhão de aflição, a grande igreja nominal, eclesiástica

cristandade, que participou da semeadura, também participará da colheita.

A grande igreja nominal há muito tempo ensina como doutrinas os preceitos dos homens; e, ignorando em grande medida a Palavra de Deus como única regra de fé e de vida piedosa, tem anunciado ousadamente muitas doutrinas conflitantes e que desonram a Deus, e tem sido infiel à medida da verdade que conservava. Ela falhou em cultivar e manifestar o espírito de Cristo e absorveu livremente o espírito do mundo. Ela abriu as portas do aprisco e deixou entrar as cabras, e chegou até a encorajar os lobos a entrar e realizar sua obra perversa. Ela se contentou em permitir que o diabo semeasse joio entre o trigo e agora se regozija com o fruto de sua semeadura — no campo florescente de joio. Das relativamente poucas espigas de "trigo" que ainda restam, há pouca valorização, e quase não há esforço para impedir que sejam sufocadas pelo "joio". O "trigo" perdeu seu valor nos mercados da cristandade, e o humilde e fiel filho de Deus se vê, assim como seu Senhor, desprezado e rejeitado pelos homens, e ferido na casa de seus supostos amigos. As formas de piedade tomam o lugar de seu poder, e rituais ostensivos suplantam em grande parte a adoração que vem do coração.

Há muito tempo, doutrinas conflitantes dividiram a igreja nominal em numerosas seitas antagônicas, cada uma alegando ser a única igreja verdadeira que o Senhor e os apóstolos fundaram; e, juntas, elas conseguiram apresentar ao mundo uma representação tão distorcida do caráter e do plano de nosso Pai Celestial que muitos homens inteligentes se afastam com repulsa, desprezam seu Criador e até tentam duvidar de sua existência.

A Igreja de Roma, com sua suposta infalibilidade, afirma ser o propósito divino atormentar eternamente no fogo e no enxofre todos os "hereges" que rejeitam suas doutrinas. E para outros, ela prevê um tormento limitado chamado Purgatório,

do qual a libertação pode ser obtida por meio de penitências, jejuns, orações, velas sagradas, incenso e "sacrifícios" da missa bem pagos. Assim, ela desconsidera a eficácia do sacrifício de expiação de Cristo e coloca o destino eterno do homem nas mãos de padres intrigantes, que, dessa forma, reivindicam o poder de abrir o céu ou fechá-lo para quem bem entenderem. Ela substitui o poder vital da piedade por formas de piedade e ergue imagens e retratos para a adoração de seus devotos, em vez de exaltar no coração o Deus invisível e seu amado Filho, nosso Senhor e Salvador. Ela exalta uma classe sacerdotal ordenada pelos homens ao domínio na igreja, em oposição ao ensinamento de nosso Senhor: "Não vos chameis de Rabi; pois um só é o vosso Mestre, a saber, Cristo; e todos vós sois irmãos. E não chameis a ninguém de pai na terra, pois um só é o vosso Pai, que está nos céus." (Mt 23,8-9) Na
verdade, o papado apresenta uma falsificação quase perfeita do verdadeiro cristianismo e afirma ousadamente ser a única igreja verdadeira.*

O movimento da "Reforma" rejeitou algumas das falsas doutrinas do papado e conduziu muitos para fora daquele sistema iníquo. Os reformadores chamaram a atenção para a Palavra de Deus e afirmaram o direito ao julgamento particular em seu estudo, além de reconhecerem necessariamente o direito de todo filho de Deus de pregar a verdade sem a autoridade de papas e bispos, que alegavam falsamente uma sucessão de autoridade dos doze apóstolos originais. Mas, em pouco tempo, aquela boa obra de protesto contra a igreja iníqua, anticristã e falsa de Roma foi vencida pelo espírito do mundo; e logo os protestantes, como eram chamados, formaram novas organizações, que, juntamente com as verdades que haviam descoberto, perpetuaram muitos dos antigos erros e acrescentaram alguns novos; e, ainda assim, cada uma continuou a possuir um pouco de verdade. O resultado foi uma miscelânea de credos conflitantes, em guerra com a razão e com a Palavra

*Vol. II, Capítulo 9 e Vol. III, Capítulo 3.

de Deus e entre si. E à medida que a energia investigativa do período da Reforma logo se esgotou, essas crenças rapidamente se fossilizaram e assim permaneceram até os dias de hoje.

Para construir e perpetuar esses sistemas doutrinários errôneos, que eles se agradam em chamar de "Teologia Sistemática", tempo e talento foram generosamente dedicados. Seus eruditos escreveram volumes volumosos para que outros os estudassem em vez da Palavra de Deus; para esse fim, seminários teológicos foram fundados e generosamente financiados; e a partir deles, jovens instruídos em seus erros saíram para ensinar e confirmar o povo nesses erros. E o povo, ensinado a considerar esses homens como ministros designados por Deus, sucessores dos apóstolos, aceitou suas afirmações sem examinar as Escrituras, como faziam os nobres bereanos nos dias de Paulo (Atos 17:11), para verificar se o que lhes era ensinado era verdade.

Mas agora chegou a colheita de toda essa semeadura, o dia do julgamento está aqui, e grande é a confusão e a perplexidade de toda a igreja nominal de todas as denominações, e particularmente do clero, sobre quem recai a responsabilidade de conduzir a defesa neste dia de julgamento na presença de muitos acusadores e testemunhas e, se possível, de conceber algum remédio para salvar da destruição completa aquilo que consideram a verdadeira igreja. No entanto, em sua confusão atual e no desejo de todas as seitas, por razões políticas, de se unirem, cada uma delas praticamente deixou de considerar sua própria seita como a única igreja verdadeira e agora se referem umas às outras como diversos "ramos" da única igreja, apesar de seus credos contraditórios, que, por necessidade, não podem ser todos verdadeiros.

Nesta hora crítica, é, infelizmente, um fato lamentável que o espírito saudável da "Grande Reforma" esteja morto.

O protestantismo não é mais um protesto contra o espírito do anticristo, nem contra o mundo, a carne ou o diabo. Seus credos, em conflito com a Palavra de Deus, com a razão e entre si, além de serem inconsistentes consigo mesmos, procuram se esconder do escrutínio público. Suas volumosas obras teológicas não passam de combustível para o fogo deste dia de julgamento da cristandade. Seus principais seminários teológicos são focos de infidelidade, espalhando o contágio por toda parte. Seus grandes homens — seus bispos, doutores em teologia, professores de teologia e seus clérigos mais proeminentes e influentes nas grandes cidades — estão se tornando os líderes de uma infidelidade disfarçada. Eles procuram minar e destruir a autoridade e a inspiração das Sagradas Escrituras, para suplantar o plano de salvação nelas revelado pela teoria humana da evolução. Eles buscam uma afiliação mais estreita com a Igreja de Roma e sua imitação, cortejam seu favor, elogiam seus métodos, ocultam seus crimes e, ao fazer isso, tornam-se seus cúmplices em espírito. Estão também em estreita e crescente conformidade com o espírito do mundo em tudo, imitando a pompa e a glória vãs do mundo que afirmam ter renunciado. Observe uma ostentação extravagante na arquitetura, nas decorações e no mobiliário das igrejas, o pesado endividamento assim incorrido e a constante mendicância e manobras para obter dinheiro, tornadas necessárias por isso.

Um desvio marcante nessa linha foi a introdução, na Igreja Metodista da Avenida Lindell, em St. Louis, Missouri, de uma obra de arte representando "A Natividade", de R. Bringhurst. Ela está esculpida em baixo-relevo acima do altar, do grande órgão e do coro. A representação se estende por um arco de quarenta e seis pés de largura e cinquenta pés de altura, e todas as figuras nela são em tamanho real. No ponto mais alto do arco está a figura da Virgem, em pé, segurando o menino Jesus nos braços. Voando para fora a partir dessas duas figuras, são retratados serafins com trombetas, proclamando

a entronização. Subindo de ambos os lados do arco, há multidões de anjos em adoração com asas estendidas. Na base de cada lado está a figura de um anjo; o da esquerda segura um pergaminho enfeitado com guirlandas, com a inscrição: "Paz na Terra", e a figura semelhante à direita exibindo as palavras finais do anúncio da natividade: "Boa Vontade aos Homens". Eficácia adicional é conferida pelo fato de que o baixo-relevo está montado em um plano inclinado a um ângulo de 45 graus voltado para a congregação, realçando assim com maior destaque o trabalho minucioso do desenho e aprofundando as sombras proporcionalmente.

Que endosso, não apenas ao espírito de ostentação extravagante, mas também à adoração de imagens da Igreja de Roma! Observe-se, também, a disposição de salas de bilhar em algumas igrejas; e alguns ministros chegaram ao ponto de recomendar a introdução de vinhos leves; além disso, em algumas localidades, encenações teatrais e peças particulares são praticadas livremente.

Em grande parte disso, as massas de fiéis tornaram-se instrumentos voluntários do clero; e o clero, por sua vez, tem cedido livremente aos gostos e preferências de membros mundanos e influentes. O povo renunciou ao seu direito e dever de julgamento próprio e deixou de examinar as Escrituras para comprovar o que é verdade, bem como de meditar sobre a lei de Deus para discernir o que é justiça. São indiferentes, mundanos, amantes do prazer mais do que amantes de Deus: estão cegos pelo deus deste mundo e dispostos a serem levados a quaisquer esquemas que satisfaçam os desejos e ambições mundanas do presente; e o clero fomenta esse espírito e o satisfaz em prol de seu próprio benefício temporal. Caso essas organizações religiosas entrem em declínio, os cargos e salários, o prestígio e as honras do clero que se autoexalta desaparecerão com elas. Estão, portanto, tão ansiosos agora por

perpetuar as instituições do cristianismo nominal quanto os escribas, fariseus e doutores da lei estavam ansiosos por perpetuar o judaísmo; e pelas mesmas razões. (João 11:47, 48, 53; Atos 4:15-18) E, devido aos seus preconceitos e ambições mundanas, os cristãos estão tão cegos para a luz da nova dispensação que agora está surgindo quanto os judeus estavam, nos dias da primeira vinda do Senhor, para a luz da dispensação do evangelho que então surgia.

As Acusações Formuladas Contra o Eclesiasticismo

As acusações feitas contra a igreja cristã nominal refletem os sentimentos do mundo desperto e dos cristãos despertos, tanto no seio de Babilônia quanto além de seus limites territoriais. De repente, especialmente nos últimos cinco anos, a igreja que se professa cristã ganhou grande destaque nas críticas, e o olhar escrutinador do mundo inteiro está voltado para ela. Essa crítica é tão generalizada que ninguém pode deixar de ouvi-la; está no próprio ar; é ouvida em conversas particulares, nas ruas, nos trens, nas oficinas e lojas; circula pela imprensa diária e é um tema em destaque em todos os principais jornais, seculares e religiosos. É reconhecida por todos os líderes da igreja como uma questão que não augura nada de bom para suas instituições; e sente-se a necessidade de enfrentá-la prontamente e com sabedoria (de acordo com suas próprias ideias), se quiserem preservar suas instituições do perigo que as ameaça.

A igreja cristã nominal é acusada (1) *de inconsistência*. Há uma grande distinção, reconhecida até mesmo pelo mundo, entre o padrão de doutrina que ela alega seguir, a Bíblia, e seus credos conflitantes e, em muitos aspectos, absurdos. A doutrina blasfema do tormento eterno é rejeitada e não serve mais para atrair as pessoas à igreja por meio do medo; e, há algum tempo, as seitas presbiterianas e outras seitas calvinistas vêm enfrentando uma verdadeira tempestade de críticas contra suas tradições consagradas pelo tempo

crenças, e estão terrivelmente abaladas. Todos estão a par das longas discussões sobre o assunto e das tentativas desesperadas de defesa por parte do clero. É muito evidente que a tarefa de defesa é extremamente incômoda, e que eles gostariam de evitá-la; mas não podem evitá-la e devem conduzir a defesa da melhor maneira possível. O reverendo T. DeWitt Talmage expressou o sentimento popular entre eles quando disse:

"Gostaria que essa infeliz controvérsia sobre a confissão de fé não tivesse sido *imposta* à igreja; mas agora, já que está em andamento, digo: Fora com ela, e que tenhamos um novo credo."

Em outra ocasião, o mesmo senhor disse:

"Declaro, de uma vez por todas, que toda essa controvérsia em toda a cristandade é diabólica e satânica. Está em andamento uma tentativa das mais diabólicas de dividir a igreja; e, se não for interrompida, fará com que a Bíblia seja alvo de um desprezo igual ao que se tem por um almanaque de 1828 que informa como estava o tempo seis meses antes e em que fase da lua é melhor plantar nabos.

"Que posição devemos adotar em relação a essas controvérsias? Ficar fora delas. Enquanto esses tumultos religiosos estiverem acontecendo lá fora, fiquem em casa e cuidem de seus afazeres. Ora, como você espera que um homem com apenas cinco ou seis pés de altura atravesse um oceano com mil pés de profundidade? . . . Os jovens que agora estão ingressando no ministério estão sendo lançados na neblina mais densa que já assolou uma costa. As questões que os doutores estão tentando resolver não serão resolvidas até *o dia seguinte ao dia do juízo final*."

Muito verdade; *no dia seguinte ao Dia do Juízo Final*, todas essas questões desconcertantes serão resolvidas, e a verdade e a justiça serão estabelecidas na terra.

O incômodo da tarefa de defesa e o temor quanto ao desfecho também foram expressos com muita veemência em uma resolução dos clérigos presbiterianos reunidos em Chicago, pouco depois de ter chegado a intimação para o julgamento. A resolução dizia o seguinte:

"Fica *resolvido* que consideramos com pesar as controvérsias que agora perturbam nossa amada igreja como prejudiciais à sua reputação, à sua influência e à sua utilidade, e como repletas, se levadas adiante, de desastres, não apenas para a obra de nossa própria igreja, mas para o cristianismo em geral. Aconselhamos, portanto, sinceramente a nossos irmãos que, por um lado, evitem aplicar novos critérios de ortodoxia, o uso severo do poder e a repressão da busca honesta e devota pela verdade; e, por outro lado, aconselhamos urgentemente nossos irmãos a não repetirem na igreja teorias não comprovadas, questões de controvérsia duvidosa e, especialmente, aquelas que tenham, ou que em qualquer circunstância possam ter, a tendência de abalar a fé dos leigos nas Sagradas Escrituras. *Pelo bem de nossa igreja e de todos os seus preciosos interesses e atividades, solicitamos veementemente uma trégua e a cessação dos litígios eclesiásticos*."

*O jornal *The Presbyterian Banner** também publicou a seguinte referência lamentável ao assunto, que contém algumas admissões notáveis sobre a condição espiritual doentia da Igreja Presbiteriana. Diz o seguinte:

"Uma perturbação ou alarme em um hospital ou asilo pode revelar-se fatal para alguns de seus internos. O ancião em uma instituição de caridade divertiu-se por algum tempo tocando um tambor antes do nascer do sol. As autoridades finalmente solicitaram a esse 'adorável irmão' que afastasse seu instrumento para uma distância respeitosa. Isso ilustra por que pastores sinceros ficam sérios quando surge uma perturbação na igreja. *A igreja é como um hospital onde se reúnem pessoas doentes pelo pecado que, em sentido espiritual, estão febris, leprosas, paralíticas, feridas e meio mortas*. Uma perturbação, como a atual distração cruel que emana de alguns seminários teológicos, pode destruir algumas almas que agora estão passando por uma crise. O professor Briggs poderia, por favor, andar com cuidado e afastar seu tambor?"

A igreja nominal é acusada (2) de uma notória falta

da piedade e da devoção que professa, embora se admita que algumas almas verdadeiramente piedosas sejam encontradas aqui e ali entre as obscuras. A falsidade e a hipocrisia são, de fato, intrusivas, e a riqueza e a arrogância tornam muito evidente que os pobres não são bem-vindos nos templos terrenos erguidos em nome de Cristo. As massas populares descobriram isso e têm consultado suas Bíblias para ver se tal era o espírito do grande Fundador da igreja; e lá aprenderam que uma das provas que ele deu de sua messianidade foi que "o evangelho foi pregado aos pobres"; que ele disse aos seus seguidores: "Os pobres sempre os tereis convosco"; e que não deveriam demonstrar preferência pelo homem com o anel de ouro ou pelas vestes elegantes, etc. Elas também encontraram a regra de ouro e vêm aplicando-a à conduta da igreja, coletiva e individualmente. Assim, à luz da Bíblia, estão rapidamente chegando à conclusão de que a igreja caiu em desgraça. E tão evidente é essa conclusão que seus defensores se veem tomados pela confusão.

A igreja nominal é acusada (3) de não ter cumprido o que alegou ser sua missão; a saber, converter o mundo ao cristianismo. Parece inexplicável como o mundo tenha descoberto que chegou o momento em que a obra da igreja deveria mostrar alguns sinais de conclusão; mas, no entanto, assim como no fim da era judaica todos os homens estavam na expectativa de que alguma grande mudança estivesse prestes a ocorrer (Lucas 3:15), assim também agora, no fim da era evangélica, todos os homens estão com uma expectativa semelhante. Eles percebem que estamos em um período de transição, e o horóscopo do século XX está repleto de terrores e premonições de grandes mudanças revolucionárias. A inquietação atual foi expressa com veemência pelo Exmo. Henry Grady, em um discurso eloquente perante as Sociedades Universitárias, em Charlottesville, Virgínia. Suas palavras foram:

"Estamos no alvorecer. As estrelas fixas estão desaparecendo do céu e estamos tateando em uma luz incerta.

Formas estranhas surgiram com a noite. Os caminhos tradicionais se perderam, novas estradas causam perplexidade e campos cada vez mais amplos se estendem além do horizonte. A inquietação da Aurora nos impele para cá e para lá; mas a Dúvida espreita em meio à confusão, e mesmo nos caminhos mais trilhados as multidões em movimento são detidas, e das sombras os sentinelas gritam: "Quem vem aí?". Na escuridão da manhã, forças tremendas estão em ação. Nada é firme ou reconhecido. Os milagres do presente desmentem as verdades simples do passado. A igreja é sitiada por fora e traída por dentro. Por trás dos tribunais, arde a tocha dos revoltosos e se ergue a forca dos anarquistas. O governo é objeto de disputa entre partidários e presa de saqueadores. O comércio está inquieto nas garras do monopólio, e o comércio acorrentado por restrições. As cidades estão superlotadas, e os campos, devastados. O esplendor jorra do castelo, e a miséria se agacha no lar. A fraternidade universal está se dissolvendo, e as pessoas se amontoam em classes. O assobio do niilista perturba o sigilo, e o rugido da multidão murmura ao longo da estrada."

É impossível para a igreja negar que o fim dos tempos, o dia do juízo final, tenha chegado; pois, quer ela discerne o tempo à luz da profecia ou não, os fatos do julgamento lhe são impostos, e o desfecho se concretizará antes do fim deste período de colheita.

O Eclesiasticismo Suba ao Banco das Testemunhas e Indiretamente Preste Contas

A igreja sabe que os olhos de todo o mundo estão voltados para ela; que, de alguma forma, descobriu-se que, embora ela tenha afirmado que sua missão é converter o mundo, chegou o momento em que, se essa for sua missão, essa obra deveria estar quase, se não totalmente, cumprida, e que, na verdade, ela difere pouco do mundo, exceto na profissão de fé.

Tendo assumido que essa é sua missão atual, ela tem

perdido de vista o verdadeiro propósito da era evangélica; a saber, "pregar este evangelho do Reino por todo o mundo, *em testemunho* a todas as nações" e auxiliar no chamado e na preparação de um "pequeno rebanho para constituir (com o Senhor) aquele
Reino Milenar que então abençoará todas as famílias da terra. (Mt 24:14; Atos 15:14-17) Ela se depara com o fato de que, após dezoito séculos, está mais distante dos resultados que suas alegações exigiriam do que estava no final do primeiro século. Consequentemente, desculpas, justificativas, cálculos e reavaliações de relatórios, a reinterpretação de fatos e prognósticos extravagantes de grandes conquistas em um futuro muito próximo estão agora na ordem do dia, pois, forçada pelo espírito de investigação e questionamento desta época, ela se esforça para falar em sua própria defesa diante de seus numerosos acusadores.

Para enfrentar a acusação de inconsistência doutrinária em relação ao seu padrão reconhecido, a Bíblia, vemos-a em grande perplexidade; pois ela não pode negar o conflito entre seus credos. Assim, recorre-se a vários métodos, que as pessoas pensantes não demoram a identificar como evidências de sua grande confusão. Há muita ansiedade por parte de cada denominação em se apegar aos antigos credos, pois são os laços pelos quais elas têm se mantido unidas em organizações distintas; e destruí-los repentinamente significaria dissolver as organizações; no entanto, especialmente o clero se contenta em falar o mínimo possível sobre eles, pois sente profunda vergonha deles à luz penetrante deste dia de julgamento.

Alguns têm tanta vergonha deles que, esquecendo-se de sua prudência mundana, defendem descartá-los por completo. Outros são mais conservadores e consideram mais prudente abandoná-los gradualmente e, em seu lugar, introduzir, pouco a pouco, novas doutrinas, para emendar, revisar etc. Todos estão familiarizados com as longas discussões sobre a revisão do credo presbiteriano. O mesmo ocorre com as tentativas dos autodenominados críticos superiores de minar o

autoridade e inspiração das Escrituras sagradas, e sugerir uma inspiração do século XX, bem como uma teoria da evolução totalmente subversiva ao plano divino de salvação a partir da queda adâmica, que a Bíblia afirma, mas que eles negam. Há ainda outra e numerosa classe de clérigos que defende uma teologia eclética, ou de compromisso, que, por necessidade, deve ser muito sucinta e muito liberal, tendo como objetivo ignorar todas as objeções de todos os religiosos, cristãos e pagãos, e, se possível, "reunir todos em um único campo", como alguns têm expressado. Há uma ostentação geral por parte dessa grande classe das grandes coisas que estão prestes a ser realizadas por meio de instrumentos recentemente colocados em operação, dos quais a união ou cooperação cristã é a ideia central; e quando isso for garantido — como nos asseguram que em breve acontecerá —, então a conversão do mundo ao cristianismo, presume-se, seguirá rapidamente.

A acusação de falta de piedade e de vida piedosa também é recebida com vanglórias — vanglórias de "muitas obras maravilhosas", que muitas vezes sugerem as palavras de repreensão do Senhor registradas em Mateus 7:22, 23. Mas essas ostentações pouco contribuem para os interesses de Babilônia, pois a falta do espírito da lei do amor de Deus é, infelizmente, dolorosamente manifesta demais para ser ocultada. A defesa, no geral, apenas torna mais evidente a condição deplorável da igreja decadente. Se esse grande eclesiasticismo fosse realmente a verdadeira Igreja de Deus, quão evidente seria o fracasso do plano divino de escolher um povo para o seu nome!

Mas, enquanto essas diversas desculpas, justificativas, promessas e vanglórias são apresentadas pela igreja, seus líderes percebem muito claramente que elas não servirão por muito tempo para preservá-la em sua condição atual de divisão, desorientação e confusão. Eles percebem que a desintegração e a ruína certamente se seguirão em breve, a menos que algum esforço poderoso una suas seitas e

conferindo-lhe, assim, não apenas uma posição melhor perante o mundo, mas também maior poder para fazer valer sua autoridade. Ouvimos, portanto, falar muito sobre a união cristã; e cada passo na direção de sua realização é proclamado como evidência de crescimento no espírito de amor e comunhão cristã. O movimento, no entanto, não nasce do aumento do amor e da comunhão cristã, mas do medo. Percebe-se que a tempestade predita de indignação e ira se aproxima rapidamente, e as diversas seitas duvidam seriamente de sua capacidade de resistir sozinhas ao choque da tempestade.

Consequentemente, todas as seitas são a favor da união; mas como realizá-la, tendo em vista seus credos conflitantes, é o problema desconcertante. Vários métodos são sugeridos. Um deles é procurar, em primeiro lugar, unir as seitas que são mais semelhantes em doutrina, como, por exemplo, os diversos ramos das mesmas famílias — presbiterianos, batistas, metodistas, católicos etc. —, como preparação para a união mais ampla proposta. Outro é cultivar no povo o desejo de união e uma disposição para ignorar a doutrina, além de estender uma comunhão generosa a todas as pessoas moralmente dispostas e buscar sua cooperação no que chamam de obra cristã. Esse sentimento encontra seus mais fervorosos defensores entre os jovens e as pessoas de meia-idade.

O fato de, nos últimos anos, muitas das doutrinas controversas do passado terem sido ignoradas contribuiu para o desenvolvimento de uma camada de jovens na igreja que, em grande parte, representa o sentimento de "união" da cristandade. Ignorantes das batalhas sectárias do passado, eles não estão sobrecarregados com a confusão prevalente entre seus mais velhos a respeito da pré-ordenação, eleição, graça gratuita etc. Mas ainda mantêm, dos ensinamentos da infância (originários de Roma e da Idade das Trevas), a doutrina devastadora do tormento eterno para todos aqueles que não ouvem e não aceitam o evangelho na era atual; e a teoria de que a missão

do evangelho é converter o mundo na era atual e, assim, salvá-los desse tormento. Esses jovens estão agrupados sob vários nomes — Associações Cristãs de Jovens e Jovens Mulheres, Sociedades de Esforço Cristão, Ligas Epworth, Filhas do Rei e Exércitos da Salvação. Muitos deles têm, de fato, "zelo por Deus, mas não segundo o conhecimento".

Fiel às suas visões errôneas e contrárias às Escrituras, essas organizações planejam uma "*melhoria social* do mundo", a ser realizada imediatamente. É louvável que seus esforços não sejam para o mal, mas para o bem. Seu grande erro está em perseguir seus próprios planos, que, por mais benevolentes ou sábios que sejam na avaliação humana, necessariamente ficarão aquém da sabedoria divina e do plano divino, os únicos que serão coroados de sucesso. Todos os demais estão condenados ao fracasso. Seria uma grande bênção para os verdadeiros entre eles se pudessem enxergar o plano divino; a saber, a *seleção* ("eleição") de um indivíduo santificado
"pequeno rebanho" – agora, e, mais adiante, a elevação do mundo por esse pequeno rebanho quando estiver completo, altamente exaltado e reinando com Cristo como o co-herdeiro de Seu Reino Milenar. Se pudessem enxergar isso, isso teria — ou deveria ter — o efeito de santificar todos os verdadeiros entre eles — embora, é claro, essa fosse uma pequena minoria; pois a maioria que se une a tais sociedades evidentemente o faz por várias razões que não a consagração e a devoção inteiras a Deus e ao seu serviço — "até a morte".

Esses jovens cristãos, sem terem aprendido as lições da história da igreja e ignorantes quanto às doutrinas, aceitam prontamente a ideia da "União". Eles decidem: "A culpa do passado foram as doutrinas que causaram divisões! Vamos agora buscar a união e ignorar as doutrinas!" Eles não conseguem compreender o fato de que, no passado, todos os cristãos também ansiavam pela união, tão ansiosos quanto as pessoas de hoje, mas queriam a união com base na verdade; caso contrário, nada

união alguma. Sua regra de conduta era " lutar fervorosamente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos"; "Não tenham comunhão com as obras infrutíferas das trevas, mas, ao contrário, repreendam-nas. (Judas 3; Efésios 5:11) Muitos hoje falham
para perceber que certas *doutrinas* são de suma importância para a verdadeira união entre os verdadeiros cristãos — uma união agradável a Deus — e que o erro do passado foi que os cristãos estavam excessivamente preconceituosos em favor de seus próprios credos humanos, a ponto de não os submeterem, nem a todas as doutrinas, à Palavra de Deus para prová-las e corrigi-las.

Portanto, a união ou confederação proposta e almejada, que ignora a doutrina bíblica, mas se apega firmemente a doutrinas humanas relativas ao tormento eterno, à imortalidade natural etc., e que é dominada meramente pelo julgamento humano quanto a objetivos e métodos, é a coisa mais perigosa que poderia acontecer. É certo que isso levará a um erro extremo, pois rejeita as "doutrinas de Cristo" – e "a sabedoria que vem do alto" — e, em vez disso, confia na sabedoria de seus próprios sábios; o que é loucura quando se opõe ao conselho e aos métodos divinos. "A sabedoria dos seus sábios perecerá." – Isaías 29:14.

Além disso, há muitas ideias lançadas por clérigos progressistas (?) e outros sobre qual deveria ser o caráter e a missão da igreja no futuro próximo, sendo sua proposta aproximá-la ainda mais, do que atualmente, das ideias do mundo. Sua obra, ao que parece, deve consistir em atrair o mundo não regenerado para dentro dela e garantir um patrocínio financeiro generoso; e, para isso, é preciso proporcionar entretenimento e prazer. Que cristão verdadeiro não ficou chocado com as tendências nesse sentido, tanto ao observá-las em casa quanto ao ler sobre elas em outros lugares?

Que evidência mais forte poderíamos ter do declínio da verdadeira piedade do que a seguinte, da autoria de um clérigo metodista e publicada em uma revista metodista

— *o Northwestern Christian* Advocate — e chamado pelo editor de uma "sátira amigável sobre *as condições metodistas* atuais", admitindo assim a realidade. Se foi escrito como um endosso ou como uma sátira, pouco importa; fatos são fatos, independentemente de quem os relate, embora tenham duplo peso quando assumem a forma de uma confissão feita por um ministro interessado em seu próprio jornal da igreja. Apresentamos o artigo na íntegra a seguir, com as itálicas em nosso texto:

"ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO METODISMO AMERICANO

"O renascimento religioso no século XVIII, sob a liderança dos irmãos Wesley e de Whitefield, purificou o tom moral da raça anglo-saxônica e colocou em ação novas forças para a elevação dos não evangelizados. Historiadores seculares, tanto ingleses quanto americanos, concordam em atribuir ao movimento originado por esses homens notáveis grande parte da estrutura eclesiástica moderna e da formulação doutrinária que tendem a difundir e enraizar nossa civilização. A doutrina do 'livre arbítrio', pregada por eles e seus sucessores, tem sido, com a evolução das experiências modernas em governo secular, um dos dogmas mais populares que ocupam os pensamentos dos homens. Entre nossos antepassados americanos, essa doutrina foi particularmente contagiante. Tendo se livrado do jugo dos reis e repugnados por uma igreja nacionalizada e dominada pelo clero, o que poderia ser mais encantador e mais em harmonia com suas aspirações políticas do que a doutrina de que todo homem é livre para construir ou destruir seu próprio destino, tanto nesta vida quanto na vida futura?

"A doutrina do 'novo nascimento', na qual os metodistas insistiam e cuja pregação por Whitefield na Nova Inglaterra era como contar uma história nova e inédita, também produziu efeitos que os seculares e até mesmo os não religiosos viam com aprovação. Pois essa doutrina não apenas exigia uma 'mudança de coração', mas também uma mudança na vida cotidiana que tornasse o metodista facilmente distinguível do homem do mundo por seu comportamento. O grande propósito para o qual a igreja existia era

"difundir a santidade bíblica por estas terras". Essa era a inscrição em sua bandeira — com esse grito de guerra ela conquistou.

"Outra razão para o sucesso fenomenal do metodismo neste país reside no fato de que, em seu culto simples e popular, as pessoas comuns eram recebidas de braços abertos. Somente aqueles que não foram treinados em rituais podem apreciar esse fato aparentemente insignificante, mas na verdade muito importante. Saber que você pode entrar em uma igreja onde pode participar do culto sem o risco de demonstrar sua ignorância quanto às formas e cerimônias é de suma importância se você não tem desejo de se destacar. Assim, o culto simples e espontâneo da igreja metodista americana dos primórdios era exatamente adequado às pessoas que haviam abandonado há pouco a pompa das religiões do Velho Mundo. Mangas de linho, chapéus sagrados, diademas, coroas e mantos eram repugnantes aos seus gostos rústicos e simples. A religião que lhes ensinava que podiam dirigir seus apelos ao Todo-Poderoso sem qualquer tipo de intermediário enfatizava a dignidade e a grandeza de sua humanidade e apelava para seu amor pela independência.

"Os triunfos marcantes dessa igreja também podem ser atribuídos, em parte, ao fato de que ela ainda não havia abandonado o chicote do mestre, feito de cordões finos. Havia, naqueles primeiros tempos, de tempos em tempos, uma purificação da igreja contra os fingidos e os indignos, o que produzia um efeito extremamente salutar, não apenas sobre a própria igreja, mas também sobre a comunidade ao redor. Pois, após as tempestades que frequentemente acompanhavam a 'expulsão' dos infiéis, a atmosfera moral de toda a vizinhança era purificada, e até mesmo o escarnecedor percebia que ser membro da igreja significava algo.

"Um fator que também contribuiu para o sucesso sobre o qual escrevo foi o caráter puramente itinerante do ministério que então prevalecia. Sem dúvida, havia heróis e gigantes morais naqueles dias. A influência de um homem forte e viril, possuído pela ideia de que ali ele não tinha 'cidade permanente', sem fazer provisões para a velhice, sem exigir contrato para garantir sua

sustento ou salário, negando a si mesmo exatamente as coisas que as pessoas mais ansiavam obter e ardendo com um zelo que logo o consumiria, deve ter sido duradouro e benéfico onde quer que fosse sentido.

"O canto dos metodistas de antigamente desempenhou um papel nada desprezível na conquista de sua posição de destaque neste país. Palavras sérias e sensatas, repletas de doutrina, unidas a melodias que ainda vivem e prevalecem; havia nesse canto não apenas um atrativo musical, mas uma formação teológica por meio da qual o povo, por mais rude que fosse, era doutrinado nos princípios fundamentais da igreja. Cantar uma verdade na alma de uma criança ou de um adulto a fixa ali com um poder muito mais duradouro do que o que se pode encontrar em qualquer método de ensino do tipo Kindergarten ou Quincy. Assim, sem discussão, as doutrinas eram fixadas nas mentes das crianças ou dos convertidos, de modo que nenhuma controvérsia posterior pudesse abalá-las. Resta agora mostrar que

"ESSES ELEMENTOS DE SUCESSO SE TORNARAM OBSOLETOS, E QUE UM NOVO PADRÃO DE SUCESSO FOI ESTABELECIDO NA IGREJA METODISTA EPISCOPAL

"Não quero assumir o papel de gabarola, mas sim ser o cronista de fatos evidentes, um narrador da história recente. No que diz respeito ao padrão doutrinário, não há mudança na posição defendida pela igreja, mas o tom e o espírito que prevalecem em quase todos os seus assuntos revelam de imediato a presença do progresso moderno e de inovações esclarecedoras. O caráter e a natureza dessa poderosa igreja mudaram a tal ponto que todos os que se interessam pelo bem-estar religioso da América devem estudar essa mudança com grande preocupação.

"A doutrina do novo nascimento – 'É preciso nascer de novo' – permanece intacta, mas o progresso moderno afastou a igreja do rigor de antigamente, que impedia muitas pessoas de bem de ingressarem em seu seio, porque não podiam aderir a essa doutrina e porque nunca tiveram o que antes se chamava de 'religião experimental'. Agora, universalistas e unitaristas são frequentemente encontrados em plena comunhão, cumprindo corajosamente seu dever.

"O ministério dos dias de hoje, refinado e culto como é nas principais igrejas, é educado demais para insistir na 'santidade', tal como os pais da Igreja entendiam essa graça, mas prega aquela santidade mais ampla que não pensa mal nem mesmo de um homem que não

totalmente santificado. Defender essa doutrina como era *no antigo caminho estreito* tornaria alguém não totalmente bem-visto nos círculos de Chautauqua e nas ligas de Epworth da atualidade.

"O culto simples dos velhos tempos ainda persiste entre as populações rurais, mas nos círculos cultos, onde prevalecem os gostos refinados em música, arte e literatura – entre as igrejas da cidade –, em muitos casos um ritual elaborado e elegante substitui as orações e os gritos espontâneos e impetuosos que outrora caracterizavam os pais da Igreja. Questionar a conveniência dessa mudança é questionar a superioridade da cultura em relação ao que é rude e mal-educado.

"Quando a igreja estava em um estágio experimental, talvez fosse sensato ser tão rigoroso quanto seus líderes eram na época. Havia pouco a perder *naquele momento*. Mas agora homens sábios, discretos e prudentes se recusam a arriscar o bem-estar de uma igreja rica e influente por meio de uma aplicação intolerante da lei, que ofenderia os ricos e os intelectuais. Se as pessoas não são flexíveis, o evangelho certamente é. A igreja foi criada para salvar os homens, não para expulsá-los e desanimá-los. Assim, nossas ideias mais amplas e modernas substituíram e superaram a noção limitada e egoísta de que somos melhores do que outras pessoas, que deveriam ser excluídas de nossa comunhão.

"A ceia de amor, com seus preconceitos dogmáticos, e a reunião de classe, que para muitos era quase tão ruim quanto o confessionário, foram amplamente abandonadas em favor das Ligas Epworth e das Sociedades Endeavor.

"O atual ministério culto, mais do que nunca na história da igreja, está em conformidade com a injunção do mestre de ser 'prudente como as serpentes e inofensivo como as pombas'. *Quem entre eles teria a insensatez dos pregadores de antigamente de dizer ao seu membro oficial mais rico, que vive no luxo, para vender tudo por Deus e pela humanidade, tomar sua cruz e seguir Cristo*? Ele poderia ir embora entristecido — o ministro, quero dizer.

"Embora a evolução seja a lei e o progresso a palavra de ordem, a precipitação e o radicalismo devem ser sempre deplorados, e o

O pastor metodista moderno raramente é culpado de qualquer um deles. O pregador rude e áspero, que costumava acusar o Deus do amor de ser irado, deixou o cargo para dar lugar ao seu sucessor, que é cuidadoso no estilo, elegante na dicção e cujos pensamentos, emoções e sentimentos são poéticos e inofensivos.

"O 'prazo máximo', pelo qual um pastor pode permanecer em uma paróquia por cinco anos, será abandonado na próxima Conferência Geral, em 1896. No início, ele podia servir em uma paróquia por apenas seis meses; o prazo foi posteriormente estendido para um ano, depois para dois anos, depois para três e, mais recentemente, para cinco. *Mas os círculos dirigentes e cultos da igreja percebem que, para que seu sucesso social e sua reputação se comparem favoravelmente aos de outras igrejas, o pastorado deve ser organizado* de modo que seus pregadores de destaque se tornem os centros dos círculos sociais e literários. Pois é preciso lembrar que a função do pregador não é mais, como costumava ser, realizar reuniões prolongadas e atuar como evangelista. Ninguém vê isso com mais clareza do que os próprios pregadores. Os grandes pregadores de avivamento costumavam ser os mais procurados pelas igrejas, e nas conferências anuais os pregadores costumavam relatar o número de *conversões* ocorridas durante o ano. Agora, porém, uma ideia menos entusiasmada e excêntrica domina tanto o povo quanto o clero. As igrejas maiores desejam aqueles ministros capazes de alimentar a natureza estética, de se defender dos golpes do ceticismo moderno e de atrair os intelectuais e refinados, enquanto, na conferência anual, o que se destaca no relatório do pregador é sua *arrecadação missionária*. O pregador metodista moderno é um excelente arrecadador de dinheiro, conquistando assim o coração de seu povo de uma forma que não conseguiria com nenhuma exortação ou apelo à moda antiga.

"Quão grande é a lição que foi tão bem aprendida por esses líderes do pensamento cristão; a saber, *que o evangelho nunca deve ofender o gosto culto e refinado. Para uma igreja que consegue se adaptar com tanta flexibilidade aos tempos,* as portas do futuro se abrem amplamente com uma saudação alegre. Que lema mais adequado pode ser encontrado para ela do que o que os anjos arautos cantaram: 'Paz na terra, boa vontade para com os homens.' – *Rev. Chas. A. Crane*."

O texto a seguir, do bispo R. S. Foster, da Igreja Metodista Episcopal, extraímos da revista **Evangelho Trumpet***. Ele traz o mesmo testemunho, embora em linguagem diferente; um pouco demais de forma direta

talvez para alguns, já que o bispo foi *aposentado* contra sua vontade e apesar de suas lágrimas.

O BISPO FOSTER DISSE:

"A igreja de Deus está hoje cortejando o mundo. Seus membros estão tentando rebaixá-la ao nível dos ímpios. Os bailes, o teatro, a arte de nudez e obscenidade, os luxos sociais, com toda a sua moralidade dissoluta, estão invadindo o recinto sagrado da igreja; e, como forma de satisfazer toda essa mundanidade, os cristãos estão dando grande importância à Quaresma, à Páscoa, à Sexta-feira Santa e às decorações da igreja. É o velho truque de Satanás. A igreja judaica esbarrou nessa rocha; a igreja romana naufragou na mesma, e a igreja protestante está caminhando rapidamente para o mesmo destino.

"Nossos grandes perigos, tal como os vemos, são a assimilação ao mundo, a negligência para com os pobres, a substituição da forma pelo conteúdo da piedade, o abandono da disciplina, um ministério mercenário, um evangelho impuro — o que, em resumo, é uma igreja que segue as modas. Que os metodistas estejam sujeitos a tal desfecho e que haja sinais disso cem anos depois do 'sail loft' parece quase um milagre da história; mas quem olha ao seu redor hoje pode deixar de perceber esse fato?

"Os metodistas, violando a Palavra de Deus e sua própria disciplina, não se vestem de forma tão extravagante e na moda quanto qualquer outra classe? As senhoras — e, muitas vezes, as esposas e filhas dos ministros — não se adornam com 'ouro, pérolas e vestimentas luxuosas'?" O vestuário simples defendido por João Wesley e pelo bispo Asbury — e usado por Hester Ann Rogers, Lady Huntington e muitas outras pessoas igualmente ilustres — não seria hoje considerado, nos círculos metodistas, como fanatismo? Será que alguém que entre em uma igreja metodista em qualquer uma de nossas principais cidades consegue distinguir o traje dos comungantes do das pessoas que vão ao teatro ou ao baile? Não se vê mundanismo na música? Corais com trajes e adornos elaborados, que em muitos casos não professam nenhuma religião e são frequentemente céticos sarcásticos, realizam uma apresentação fria, artística ou operística, que está tão em harmonia com a adoração espiritual quanto uma ópera ou uma peça de teatro. Sob tal apresentação mundana, a espiritualidade morre congelada.

"Antigamente, todo metodista participava da 'reunião de classe' e dava testemunho de uma religião vivida. Agora, pouquíssimos comparecem à reunião de classe, e em muitas igrejas ela foi abandonada. Raramente os administradores, curadores e líderes da igreja participam da reunião de classe. Antigamente, quase todo metodista orava, testemunhava ou exortava nas reuniões de oração. Agora, porém, poucos são ouvidos. Antigamente, ouviam-se gritos e louvores; agora, tais demonstrações de entusiasmo sagrado e alegria são consideradas fanatismo.

"Eventos sociais mundanos, feiras, festivais, concertos e coisas do gênero tomaram o lugar das reuniões religiosas, dos encontros de avivamento, das aulas e das reuniões de oração dos tempos passados.

"Quão verdadeiro é que a disciplina metodista é letra morta. Suas regras proíbem o uso de ouro, pérolas ou vestimentas luxuosas; no entanto, ninguém jamais pensa em disciplinar seus membros por violá-las. Elas proíbem a leitura de certos livros e a participação em diversões que não contribuem para a piedade; contudo, a própria igreja frequenta espetáculos, festas, festivais e feiras, que destroem a vida espiritual tanto dos jovens quanto dos idosos. A extensão a que isso chegou hoje é assustadora.

"Os primeiros ministros metodistas saíram para se sacrificar e sofrer por Cristo. Eles não buscavam lugares de riqueza e conforto, mas de privação e sofrimento. Não se gloriavam em seus altos salários, belas casas paroquiais e congregações refinadas, mas nas almas que haviam sido ganhas para Jesus. Ah, como tudo mudou! Um ministério mercenário será um ministério fraco, tímido, subserviente e oportunista, sem fé, perseverança e poder sagrado. O metodismo antigamente tratava da grande verdade central. Agora, os púlpitos tratam principalmente de generalidades e de palestras populares. A gloriosa doutrina da santificação completa raramente é ouvida e quase nunca testemunhada nos púlpitos."

Embora estejam sendo envidados esforços especiais para conquistar a simpatia e a cooperação dos jovens das igrejas em prol da união religiosa — por meio de encontros sociais e evitando controvérsias religiosas e ensinamentos doutrinários —, esforços ainda mais diretos estão sendo empreendidos para conquistar a simpatia dos membros adultos em relação ao movimento de união. Pois

, os líderes de todas as denominações estão tramando e trabalhando; e muitos esforços menores culminaram no grande Parlamento das Religiões, realizado em Chicago no verão de 1893. O objetivo do Parlamento era muito claro na mente dos líderes e encontrou expressão muito clara; mas a maioria dos membros das igrejas seguiu os líderes aparentemente sem a menor consideração pelo princípio envolvido — de que se tratava de *um grande compromisso do cristianismo com tudo o que não é cristão*. E agora que há uma extensão projetada do movimento para uma federação universal de todas as entidades religiosas, proposta para ser realizada no ano de 1913, e tendo em vista o fato de que a União Cristã está sendo ativamente impulsionada nessa linha de compromisso, que aqueles que desejam permanecer leais a Deus prestem muita atenção aos princípios expressos por esses líderes religiosos.

O Rev. J. H. Barrows, D.D., o espírito central do Parlamento Mundial das Religiões (de Chicago), enquanto se dedicava a promover sua expansão, foi citado por um jornal de São Francisco como tendo se expressado ao seu representante, com referência ao seu trabalho específico de promover a unidade religiosa, da seguinte forma:

"A união das religiões", disse ele resumidamente, "ocorrerá de uma de duas maneiras. Primeiro, as igrejas que mais se aproximam em termos de fé e doutrina devem se unir — os diversos ramos do metodismo e do presbiterianismo, por exemplo. Então, quando as seitas estiverem unidas entre si, o protestantismo em geral se unirá. Com o avanço da educação, católicos e protestantes descobrirão que as diferenças entre eles não são realmente fundamentais e abordarão a questão da reunificação. Uma vez isso alcançado, a união com outras religiões diferentes [ou seja, o islamismo, o budismo, o bramanismo, o confucionismo etc. – religiões pagãs] será apenas uma questão de tempo.

"Segundo – As religiões e igrejas podem unir-se em uma unidade civil com base ética, conforme defendido pelo Sr. Stead [uma vítima *do Titanic*, um espiritualista]. As organizações religiosas têm

interesses e deveres comuns nas comunidades em que estão inseridas, e é possível que se federem para a promoção e a realização desses objetivos. Eu, pessoalmente, estou inclinado a acreditar que a união ocorrerá por meio do primeiro processo. Seja como for, os congressos religiosos estão começando a tomar forma. O reverendo Theo. E. Seward relata um sucesso consideravelmente maior de sua 'Irmandade da Unidade Cristã' em Nova York, enquanto, muito recentemente, foi organizada em Chicago, sob a liderança de
C. C. Bonney, uma grande e vigorosa "Associação para a Promoção da Unidade Religiosa". "----

O Grande Parlamento das Religiões

O *Chicago Herald*, comentando favoravelmente sobre os trabalhos do Parlamento (o itálico é nosso), afirmou:

"Nunca, *desde a confusão em Babel*, tantas religiões, tantos credos, estiveram lado a lado, de mãos dadas e quase de coração a coração, como naquele grande anfiteatro ontem à noite. Nunca, desde o início da história escrita, a humanidade tão diversificada esteve tão unida pela corrente dourada do Amor. As nações da Terra, os credos da cristandade, budistas e batistas, muçulmanos e metodistas, católicos e confucionistas, brâmanes e unitaristas, xintoístas e episcopais, presbiterianos e panteístas, monoteístas e politeístas, representando todas as nuances de pensamento e condições humanas, finalmente se reuniram nos laços comuns da simpatia, da humanidade e do respeito."

Quão significativo é o fato de que a mente até mesmo desse entusiástico defensor do grande Parlamento tenha sido levada de volta à memorável confusão das línguas em Babel! Não foi, de fato, porque instintivamente ele reconheceu no Parlamento um notável antítipo?

O reverendo Barrows, citado acima, falou com entusiasmo das relações amigáveis manifestadas entre ministros protestantes, padres católicos, rabinos judeus e, de fato, os líderes de todas as religiões existentes, por meio de sua correspondência em referência ao grande Parlamento de Chicago. Ele disse:

"A velha ideia de que a religião à qual pertenço é a única verdadeira está ultrapassada. Há algo a ser aprendido com todas as religiões, e nenhum homem é digno da religião que representa, a menos que esteja disposto a apertar a mão de qualquer homem como se fosse seu irmão. Alguém disse que *agora é o momento propício para que a melhor religião venha à tona. O tempo em que um homem assumia ares de superioridade em relação à sua religião específica já passou*. Aqui se encontrarão o sábio, o erudito e o príncipe do Oriente em relações amigáveis com o arcebispo, o rabino, o missionário, o pregador e o padre. Eles se reunirão juntos em congresso pela primeira vez. Espera-se que isso ajude a
derrubar as barreiras do credo."

O reverendo T. Chalmers, da Igreja dos Discípulos, disse:

"Este primeiro Parlamento das Religiões parece ser o prenúncio de uma fraternidade ainda maior — uma fraternidade que unirá em *uma única religião mundial* o que há de melhor, não em uma única, mas em todas as grandes fés históricas. Pode ser que, sob a orientação dessa esperança mais ampla, precisemos revisar nossa terminologia e falar mais de *unidade religiosa* do que de *unidade cristã*. Regozijo-me pelo fato de que todas as grandes religiões estarão em contato umas com as outras e de que Jesus ocupará seu
lugar na companhia de Gautama, Confúcio e Zoroastro."

O jornal *The *New York Sun**, em um editorial sobre esse assunto, afirmou:

"Não conseguimos entender exatamente o que o Parlamento se propõe a realizar. É possível, no entanto, que o projeto de Chicago seja criar algum tipo de *religião nova e composta*, que inclua e satisfaça todas as variedades de opiniões religiosas e irreligiosas. É uma *tarefa gigantesca* criar uma religião nova e eclética que seja satisfatória para todos; mas Chicago está confiante."---

Seria realmente estranho se o espírito de Cristo e o espírito do mundo de repente se mostrassem em harmonia, de modo que aqueles cheios de espíritos opostos pudessem chegar a um consenso. Mas não é esse o caso. Continua sendo verdade que o espírito do mundo é inimizade contra Deus (Tiago 4:4); que suas teorias e filosofias são vãs e tolas; e que a única revelação divina contida nas Escrituras inspiradas dos apóstolos e profetas é a única verdade divinamente inspirada.

Um dos objetivos declarados do Parlamento, de acordo com

ao seu presidente, o Sr. Bonney, era reunir as religiões do mundo em uma assembleia "na qual seus objetivos comuns e fundamentos comuns de união pudessem ser expostos, e o maravilhoso progresso religioso do século XIX fosse revisto".

O verdadeiro e único objetivo dessa *revisão* era, evidentemente, responder ao espírito questionador destes tempos — desta hora do julgamento —, apresentar da melhor forma possível o progresso da igreja e inspirar a esperança de que, apesar de todo o aparente fracasso do cristianismo, a igreja esteja justamente à beira de uma vitória grandiosa; que em breve, muito em breve, sua missão declarada será cumprida com a conversão do mundo. Agora, observe como ela se propõe a fazer isso, e perceba que isso deve ser feito, não pelo espírito da verdade e da justiça, mas pelo espírito do compromisso, da hipocrisia e do engano. O objetivo declarado do Parlamento era a confraternização e a união religiosa; e a ansiedade para garanti-la a qualquer custo era claramente evidente. Eles estavam até dispostos, como mencionado acima, a revisar sua terminologia para acomodar os adeptos de religiões pagãs e chamá-la de unidade religiosa, abandonando o nome indesejável de "cristã", e se contentando plenamente em fazer com que Jesus descesse de sua superioridade e ocupasse humildemente seu lugar ao lado dos sábios pagãos: Gautama, Confúcio e Zoroastro. O espírito de dúvida e perplexidade, de compromisso e descrença geral por parte dos cristãos protestantes, e o espírito de arrogância, de conselho e autoridade por parte dos católicos romanos e de todos os outros religiosos, foram as características mais marcantes do grande Parlamento. Sua primeira sessão foi aberta com a oração de um católico romano — o cardeal Gibbons — e sua última sessão foi encerrada com a bênção de um católico romano — o bispo Keane. E, durante a última sessão, um sacerdote xintoísta do Japão invocou sobre a assembleia heterogênea a bênção de oito milhões de divindades.

O reverendo Barrows vinha, nos dois anos anteriores, estando em

correspondência com os representantes pagãos de outras terras, enviando ao redor do mundo, a todos os seus sacerdotes e apóstolos pagãos, o clamor macedônio: "Venham e ajudem-nos!" O fato de esse chamado ter sido emitido de forma representativa pela Igreja Presbiteriana — que, nos últimos anos, vinha passando por uma provação ardente de julgamento — também era um fato significativo da confusão e da inquietação que prevalecem nessa denominação e em toda a cristandade. E toda a cristandade estava pronta para a grande convocação.

Durante dezessete dias, cristãos representativos de todas as denominações se reuniram em conselho com os representantes de todas as diversas religiões pagãs, aos quais os oradores cristãos se referiam repetidamente, de maneira elogiosa, como *"sábios do* Oriente"—tomando emprestada a expressão das Escrituras, onde era aplicada a uma classe muito diferente—a alguns crentes devotos no Deus de Israel e nos profetas de Israel que predisseram o advento do Ungido de Jeová, e que aguardavam e vigiavam pacientemente por sua vinda, sem dar ouvidos aos espíritos sedutores da sabedoria mundana que não conheciam a Deus. A esses verdadeiramente sábios, por mais humildes que fossem, Deus revelou sua abençoada mensagem de paz e esperança.

O tema anunciado para o último dia do Parlamento foi *"A União Religiosa de Toda a Família Humana*"; ocasião em que seriam considerados "Os elementos da religião *perfeita*, *conforme reconhecidos e expostos nas diferentes crenças*", com o objetivo de determinar *"as características da religião* definitiva" e *"o centro da futura unidade religiosa da humanidade*".

Será possível que, assim, segundo sua própria confissão, os ministros cristãos (?) sejam incapazes, nesta fase avançada, de determinar qual deveria ser o centro da unidade religiosa ou as características da religião perfeita? Estariam eles de fato tão ansiosos por uma *"religião mundial*" a ponto de estarem dispostos a sacrificar qualquer uma ou todas

dos princípios do verdadeiro cristianismo, e até mesmo o nome "cristão", se necessário, para obtê-la? Mesmo assim, eles confessam. "Pela tua própria boca te julgarei, servo mau e preguiçoso", diz o Senhor. Os dias anteriores da conferência foram dedicados à apresentação das diversas religiões por seus respectivos representantes.

O plano era ousado e arriscado, mas deveria ter aberto os olhos de todo verdadeiro filho de Deus para vários fatos que eram muito evidentes; a saber: (1) que a igreja cristã nominal chegou ao fim de sua esperança em sua capacidade de permanecer firme, sob os julgamentos rigorosos deste dia em que "o Senhor tem uma contenda com o seu povo", o Israel espiritual nominal (Miqueias 6:1, 2); (2) que, em vez de se arrependerem de seus desvios, da falta de fé, de zelo e de piedade, e assim buscarem o retorno do favor divino, estão se esforçando, por meio de um certo tipo de união e cooperação, para apoiar uns aos outros e recorrer à ajuda do mundo pagão para ajudá-los a resistir aos julgamentos do Senhor ao expor os erros de seus credos humanos e suas deturpações de seu digno caráter; (3) que estão dispostos a comprometer Cristo e seu evangelho, a fim de conquistar a amizade do mundo e seus benefícios de poder e influência; (4) que sua cegueira é tal que são incapazes de distinguir a verdade do erro, ou o espírito da verdade do espírito do mundo; e (5) que já perderam de vista as doutrinas de Cristo.

Sem dúvida, ajuda temporária virá das fontes de onde é tão entusiasticamente buscada; mas será apenas um passo preparatório que envolverá o mundo inteiro na ruína iminente de Babilônia, levando os reis, mercadores e comerciantes de toda a terra a chorar e lamentar por essa grande cidade. Apocalipse 18:9, 11, 17-19

Ao observar os procedimentos do grande Parlamento, nossa atenção é fortemente atraída para várias características notáveis:

(1) Para o espírito e a atitude de dúvida e concessão do cristianismo nominal, com exceção das Igrejas Católica Romana e Grega. (2) Para a atitude confiante e assertiva do catolicismo e de todas as outras religiões.
(3) Às distinções nítidas, observadas pelos sábios pagãos, entre o cristianismo ensinado na Bíblia e aquele ensinado pelos missionários cristãos das diversas seitas da cristandade, que, juntamente com a Bíblia, levaram seus credos irracionais e conflitantes para terras estrangeiras.
(4) À avaliação pagã do esforço missionário e suas perspectivas futuras em suas terras. (5) À influência da Bíblia sobre muitos em terras estrangeiras, apesar de suas interpretações errôneas por parte daqueles que a levaram para o exterior. (6) À influência atual e aos resultados prováveis do grande Parlamento. (7) Ao seu aspecto geral, visto do ponto de vista profético.

Comprometendo a Verdade

O grande Parlamento religioso foi convocado por cristãos — cristãos protestantes; realizou-se em uma terra que se professava cristã protestante; e esteve sob a liderança e direção de cristãos protestantes, de modo que os protestantes podem ser considerados responsáveis por todos os seus procedimentos. Observe-se, então, que o espírito atual do protestantismo é o do compromisso e da infidelidade. Esse Parlamento estava disposto a comprometer Cristo e seu evangelho em nome da amizade com o anticristo e o paganismo. Concedeu a honra de tanto abrir quanto encerrar suas deliberações a representantes do papado. E é digno de nota que, enquanto as crenças das diversas nações pagãs foram elaboradamente expostas por seus representantes, não houve nenhuma apresentação sistemática do cristianismo em nenhuma de suas facetas, embora vários temas tenham sido discutidos por cristãos. Quão estranho parece que tal oportunidade de pregar o

do evangelho de Cristo a pagãos representativos, inteligentes e influentes tenha sido negligenciada e ignorada por tal assembleia! Será que os supostos representantes do evangelho de Cristo tinham vergonha do evangelho de Cristo? (Rm 1,16) Nos discursos, os católicos romanos tiveram, de longe, a maior participação, sendo representados nada menos que dezesseis vezes nas sessões do Parlamento.

E não apenas isso, mas havia ali aqueles que professavam o cristianismo e se empenhavam fervorosamente em derrubar suas doutrinas fundamentais — que expunham aos pagãos representantes suas dúvidas quanto à inerrância das Escrituras cristãs; que os relatos bíblicos devem ser recebidos com um alto grau de tolerância à falibilidade; e que seus ensinamentos devem ser complementados pela razão e pela filosofia humanas, e aceitos apenas na medida em que estejam de acordo com elas. Havia ali aqueles que se professavam cristãos ortodoxos, mas repudiavam a doutrina do resgate, que é o único fundamento da verdadeira fé cristã; outros, negando a queda do homem, proclamavam a teoria oposta da evolução — de que o homem nunca foi criado perfeito, que nunca caiu e que, consequentemente, não precisava do redentor; que, desde sua criação em uma condição muito inferior, distante da "Imagem de Deus", ele vem progredindo gradualmente e ainda está no processo de uma evolução cuja lei é a sobrevivência do mais apto. E essa visão, totalmente oposta à doutrina bíblica do resgate e da restauração, era a mais popular.

A seguir, apresentamos alguns breves trechos que indicam o espírito de concessão do cristianismo protestante, tanto em sua atitude em relação àquele grande sistema anticristão, a Igreja de Roma, quanto em relação às religiões não cristãs.

Ouça o Dr. Chas. A. Briggs, professor de um seminário teológico presbiteriano, declamar contra as Escrituras sagradas. O senhor foi apresentado pelo presidente, o Dr.

Barrows, como "alguém cujo conhecimento, coragem e fidelidade às suas convicções lhe conferiram um lugar de destaque na Igreja universal", e foi recebido com aplausos estrondosos. Ele disse:

"Tudo o que podemos afirmar sobre a Bíblia é que ela é inspirada e precisa no que diz respeito às lições religiosas a serem transmitidas. Deus é verdadeiro, Ele não pode mentir; Ele não pode induzir em erro nem enganar Suas criaturas. Mas, quando o Deus infinito fala ao homem finito, Ele deve proferir palavras que não contenham erro? [Que pergunta absurda! Se Deus não fala a verdade, então, é claro, ele não é verdadeiro.] Isso depende não apenas de Deus falar, mas de o homem ouvir, e também dos meios de comunicação entre Deus e o homem. É necessário demonstrar a capacidade do homem de receber a palavra, antes que possamos ter certeza de que ela foi transmitida corretamente. [Esse "erudito e reverendo (?) *professor* de teologia deveria ter em mente que
Deus foi capaz de escolher instrumentos adequados para transmitir sua verdade, bem como de expressá-la a eles; e que Ele o fez é muito evidente para todo estudante sincero de sua Palavra. Tal argumento para minar a validade das Sagradas Escrituras é um mero subterfúgio e constituiu um insulto à inteligência de um público esclarecido.] A inspiração das Sagradas Escrituras não implica inerrância em todos os detalhes."

Ouçam o reverendo Theodore Munger, de New Haven, destronar Cristo e exaltar a pobre humanidade caída ao lugar dele. Ele disse:

"Cristo é mais do que um judeu morto no Calvário. *Cristo é a humanidade tal como está evoluindo sob o poder e a graça de Deus*, e qualquer livro tocado pela inspiração *desse fato* [não que Jesus fosse o Filho ungido de Deus, mas que a humanidade evoluída como um todo constitui o Cristo, o Ungido] pertence à literatura *cristã*."

Ele citou Dante, Shakespeare, Goethe, Shelley, Mateus Arnold, Emerson e outros, e então acrescentou:

"A literatura, com poucas exceções — *toda a literatura inspirada* — assenta firmemente na humanidade e insiste nela

fundamentos éticos e para fins éticos, e *isso é o cristianismo essencial.* Uma teologia que insiste em um
Deus, que se assenta acima do mundo e tece o fio de seus acontecimentos, não conquista a adesão daquelas mentes que se expressam na literatura; o poeta, o homem de gênio, o pensador amplo e universal a ignoram; eles estão próximos demais de Deus para serem enganados por tais interpretações de sua verdade."

Disse o Rev. Dr. Rexford, de Boston (universalista):

"Gostaria que todos pudéssemos confessar que uma adoração sincera, em qualquer lugar e em toda parte do mundo, é uma *adoração* verdadeira. . . . Presumo que o credo não escrito, mas dominante, deste momento seja o seguinte: qualquer que seja o adorador em todo o mundo que se curve diante do Melhor que conhece e caminhe fiel à luz mais pura que brilha para ele, tem acesso às mais elevadas bênçãos do céu."

Ele certamente captou a essência do sentimento religioso dominante da atualidade; mas será que o apóstolo Paulo se dirigiu assim aos adoradores do "Deus Desconhecido no Areópago"? Ou será que
Elia defendeu assim os sacerdotes de Baal? Paulo declara que o único acesso a Deus é por meio da fé no sacrifício de Cristo por nossos pecados; e Pedro diz: "Não há outro nome dado aos homens debaixo do céu, pelo qual devamos ser salvos." – Atos 4:12; 17:23-31; 1º Reis 18:21, 22.

Ouça o reverendo Lyman Abbot, editor da revista *Outlook* e ex-pastor da Igreja de Plymouth, em Brooklyn, Nova York, reivindicar para toda a igreja aquela inspiração divina que, por meio de Cristo e dos doze apóstolos, nos deu o Novo Testamento, para que o homem de Deus seja plenamente equipado. (2 Tim. 3:17) Ele disse:

"Não acreditamos que Deus tenha falado apenas na Palestina e a poucos naquela província restrita. Não acreditamos que Ele tenha se manifestado na cristandade e permanecido em silêncio em todos os outros lugares. Não! Acreditamos que Ele é um Deus que fala em todos os tempos e em todas as épocas."

Mas como Ele falou aos profetas de Baal? Ele não se revelou a ninguém, exceto ao seu povo escolhido — ao Israel carnal na era judaica e ao Israel espiritual na era evangélica. “Só a vós conheci, de todas as famílias da terra.” — Amós 3:2; 1 Coríntios 2:6-10.

Uma carta da senhora Somerset (Inglaterra), lida com uma introdução elogiosa pelo presidente Barrows, fez as seguintes concessões à Igreja de Roma:

“Simpatizo com todo esforço pelo qual os homens possam ser levados a pensar em conjunto com base em seus pontos de concordância, em vez de em seus *antagonismos.* A única maneira de nos unirmos
é nunca mencionar assuntos sobre os quais somos irrevogavelmente opostos. Talvez o principal deles seja o episcopado histórico, mas o fato de ele acreditar nisso enquanto eu não acredito não impediria aquele grande e bom prelado, o arcebispo Ireland, de me dar sua ajuda sincera, não como mulher protestante, mas como ativista da temperança. O mesmo se aplicava na Inglaterra àquele lamentado líder, o cardeal Manning, e se aplica hoje a Mons. Nugent, de Liverpool, um padre do povo, universalmente reverenciado e amado. Um consenso de opinião sobre o esboço prático da regra de ouro, declarada negativamente por Confúcio e positivamente por Cristo, *nos unirá a todos em um único campo*.”

A doutrina da expiação vicária raramente era mencionada e, por muitos, era livremente deixada de lado como uma relíquia do passado e indigna do iluminado século XIX. Apenas algumas vozes se levantaram em sua defesa, e estas não só constituíam uma minoria muito pequena no Parlamento, como suas opiniões eram evidentemente menosprezadas. O reverendo Joseph Cook fazia parte dessa pequena minoria, e suas observações foram posteriormente criticadas e veementemente condenadas de um púlpito em Chicago. Em seu discurso, o Sr. Cook afirmou que a religião cristã era a única religião verdadeira e que aceitá-la era o único meio de garantir a felicidade após a morte. Referindo-se a um dos personagens de Shakespeare para ilustrar a eficácia da expiação em purificar até mesmo os pecados mais hediondos, ele disse:

"Aqui está Lady Macbeth. Que religião pode lavar a mão direita ensanguentada de Lady Macbeth? Essa é a pergunta que proponho aos quatro continentes e às ilhas do mar. A menos que possam responder a isso, vocês não vieram com um propósito sério ao Parlamento das Religiões. Volto-me para o islamismo. Vocês podem lavar a mão direita ensanguentada dela? Volto-me para o confucionismo e o budismo. Vocês podem lavar a mão direita ensanguentada dela?"

Ao responder a isso após o Parlamento, o reverendo Jenkin Lloyd Jones, pastor da Igreja All Souls, em Chicago, e alguém entusiasticamente interessado no Parlamento, disse:

"Para que possamos descobrir a imoralidade da expiação vicária — esse tipo de esquema do tipo 'olhe para Jesus eser-salvo' com o qual o grande orador de Boston se propôs a intimidar e deixar sem voz os representantes de outras crenças e formas de pensamento no Parlamento — vamos estudar de perto a natureza do ato, o temperamento da mulher a quem ele prometeu imunidade tão rápida se ela apenas 'olhasse para a cruz'. Esse defensor da ortodoxia lançou com indignação na cara dos representantes de todas as religiões do mundo a afirmação de que é 'impossível, pela própria natureza das coisas, que alguém entre no reino dos céus, a menos que nasça de novo' por meio da expiação de Cristo, essa vicariedade sobrenatural que lava sua mão ensanguentada e transforma a assassina em um dos santos. Tudo o que tenho a dizer a esse tipo de cristianismo é o seguinte: Fico feliz por não acreditar nisso; e exorto todos os amantes da moralidade, todos os amigos da justiça, todos os crentes em um Deus infinito cuja vontade é a retidão, cuja providência promove a justiça, a negá-lo. Tal "esquema de salvação" não é apenas irracional, mas também imoral. É desmoralizante; é uma ilusão e uma armadilha neste mundo, seja qual for a situação no próximo. Afasto-me do
do Calvário se minha visão ali me deixar egoísta o suficiente para pedir uma salvação que deixe o Príncipe Sidarta de fora de um paraíso no qual Lady Macbeth ou qualquer outra alma com as mãos sujas de sangue esteja eternamente incluída."

Posteriormente, foi realizada uma "reunião em plataforma oriental" em

na mesma igreja, quando o mesmo senhor reverendo (?) leu trechos selecionados de Zoroastro, Moisés, Confúcio, Buda, Sócrates e Cristo, todos tendendo a mostrar a universalidade da religião, o que foi seguido pelo discurso de um católico armênio. Após esse discurso, disse o repórter da imprensa pública:

"O Sr. Jones disse que teve a ousadia de perguntar ao bispo Keane, da Universidade Católica de Washington, se ele compareceria a essa reunião e defenderia uma plataforma tão radical. O bispo respondeu com um sorriso que estaria em Dubuque; caso contrário, talvez se sentisse tentado a vir. 'Então perguntei a ele', disse o Sr. Jones, 'se poderia sugerir alguém'. O bispo respondeu: 'Você não deve ter tanta pressa. Estamos avançando muito rapidamente. Talvez não demore muito para que eu possa fazer isso.'*

"'A Igreja Católica Romana', continuou o Sr. Jones, 'sob a liderança de homens como o cardeal Gibbons, o arcebispo Ireland e o bispo Spalding, está avançando, e esses homens estão forçando os retardatários a trabalhar. As pessoas nos dizem que entregamos o Parlamento das Religiões aos católicos, de um lado, e aos pagãos, do outro. Ouviremos agora nossos amigos pagãos. Essa palavra 'pagão' não tem mais o mesmo significado de antes, e agradeço a Deus por isso.' "---

O Prof. Henry Drummond estava na programação do Parlamento para uma palestra sobre Cristianismo e Evolução, mas, como não compareceu, seu artigo foi lido pelo Dr. Bristol. Nele, ele afirmou que uma melhor compreensão da Gênesis e da natureza do pecado poderia, pelo menos, modificar algumas das tentativas feitas para se livrar dele — referindo-se de forma depreciativa à doutrina da expiação, que sua doutrina da Evolução tornaria nula e sem efeito.

*No entanto, Roma concluiu, desde então, que o Parlamento de Chicago não foi nem um motivo de orgulho para ela, nem popular entre seus apoiadores, e anunciou que os papistas não terão nada a ver com tais parlamentos promíscuos no futuro. E não faltam sinais claros de desaprovação papal contra aqueles prelados romanos que assumiram um papel tão proeminente no Parlamento de Chicago. Que os protestantes fiquem com toda a glória!

Alguns Defensores da Fé

Em meio a esse espírito de concessões, tão ousado e franco, foi de fato revigorante encontrar alguns poucos representantes do cristianismo protestante que tiveram a coragem moral, diante de tanta oposição — tanto latente quanto expressa —, de defender a fé que uma vez foi entregue aos santos; embora mesmo esses mostrem sinais de perplexidade, pois não enxergam o plano divino das eras e a importante relação das doutrinas fundamentais do cristianismo com todo o maravilhoso sistema da verdade divina.

O Prof. W. C. Wilkinson, da Universidade de Chicago, falou sobre "A Atitude do Cristianismo em Relação a Outras Religiões". Ele direcionou seus ouvintes às Escrituras do Antigo e do Novo Testamento para uma exposição do cristianismo, à atitude hostil do cristianismo em relação a todas as outras religiões — que, por necessidade, devem ser falsas se o cristianismo for verdadeiro — e à reivindicação exclusiva de nosso Senhor quanto ao poder de salvar, conforme manifestado em expressões como:

"Ninguém vem ao Pai [ou seja, ninguém pode ser salvo] senão por mim."

"Eu sou o pão da vida."

"Se alguém tem sede, venha a mim e beba." "Eu sou a luz do mundo."

"Eu sou a porta das ovelhas."

"Todos os que vieram antes de mim são ladrões e salteadores."

"Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, será salvo."

"Essas", disse ele, "são algumas amostras das expressões proferidas pelos próprios lábios de Jesus, nas quais ele reivindica, de forma única e exclusiva, ser ele mesmo o único Salvador do homem.

"Pode-se responder: 'Mas Jesus também disse: "Se eu for levantado, atrairei todos os homens a mim"; e, portanto, temos motivos para acreditar que muitas almas envolvidas em religiões alheias, atraídas consciente ou inconscientemente a Jesus, elas

são salvas, apesar das adversidades de seu ambiente religioso.

"A isso, é claro, concordo; sou grato por que tal pareça de fato ser o ensinamento do cristianismo. [Mas essa esperança brota de um coração generoso, e não do conhecimento do plano divino de salvação. O Prof. W. não percebeu, então, que a atração do mundo para Cristo pertence à Era milenar, que apenas a atração da Igreja está em andamento atualmente, e que o conhecimento do Senhor — o poder de atração atual — será o poder naquela época; "Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar." Hab. 2:14] Peço simplesmente que se tenha sempre presente que não estamos discutindo, de forma alguma, a extensão dos benefícios decorrentes do poder exclusivo de Jesus para salvar, mas estritamente esta questão: o cristianismo reconhece alguma parcela de eficácia salvadora como inerente às religiões não cristãs? Em outras palavras, há algum lugar nas Escrituras em que se indique que Jesus exerça seu poder salvador, em algum grau — maior ou menor —, por meio de religiões que não são as suas? Se houver qualquer indício, qualquer sombra de indício, na Bíblia — seja no Antigo Testamento ou no Novo — que aponte para uma resposta afirmativa a essa pergunta, confesso que nunca o encontrei. Encontrei, em abundância, indícios que estão longe de ser vagos e que apontam exatamente para o contrário.

"Sinto a necessidade de implorar que observem que o que digo neste artigo não deve ser mal interpretado como uma tentativa, em nome do cristianismo, de menosprezar de forma alguma o mérito de homens individuais entre as nações, que alcançaram grandes alturas éticas sem a ajuda do cristianismo histórico, seja em sua forma do Novo Testamento, seja do Antigo Testamento. Mas não é sobre pessoas, seja a maioria ou as exceções, que me proponho a falar aqui. Estou levando vocês a considerar apenas a atitude assumida pelo cristianismo em relação às religiões não cristãs.

"Vamos avançar da análise das declarações diretas de Jesus para levar em conta aqueles sobre os quais, como seus representantes, Jesus, de acordo com o Novo Testamento,

conferiu o direito de falar com autoridade igual à sua. Falando dos adeptos em geral das religiões gentias, ele usa esta linguagem: 'Professando-se sábios, tornaram-se tolos e trocaram a glória do Deus incorruptível pela semelhança de uma imagem de homem corruptível, de aves, de bostas quadrúpedes e de répteis.'

"Homem, ave, besta, réptil — essas quatro categorias em sua escala de descendência parecem indicar todas as diferentes formas de religião gentia com as quais o cristianismo, antigo ou moderno, entrou em contato histórico. As consequências punitivas impostas pelo Deus zeloso e ofendido dos Hebreus e dos cristãos, por tal degradação do instinto inato de adoração, por tal profanação da ideia — outrora pura nos corações humanos — de Deus, o incorruptível, são descritas por Paulo com palavras cujo poder mordaz, flagrante, cáustico e marcante as tornou famosas e familiares: 'Por isso, Deus os entregou às paixões de seus corações, à impureza, para que seus corpos fossem desonrados entre si; pois trocaram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram a criatura em vez do Criador, que é bendito para sempre.'

"Interrompo a citação antes que termine. O restante da passagem entra em detalhes de acusações bem conhecidas e reconhecidamente verdadeiras contra o antigo mundo pagão. Não há aqui qualquer indício de exceções em favor de aspectos parcialmente bons, ou pelo menos não tão ruins, nas religiões condenadas; nenhuma ressalva, nenhuma sugestão de atenuação da sentença. Por toda parte, uma denúncia contundente e direta. Não se sugere a ideia de que, em alguns casos, haja um culto verdadeiro e aceitável, oculto, disfarçado e inconsciente, sob formas falsas. Não se vislumbra a possibilidade de que haja uma distinção feita por alguns idólatras — mesmo que apenas por um número muito reduzido de pessoas perspicazes entre eles — entre o ídolo servido e o único Deus incorruptível e ciumento, que tais idólatras excepcionais entendem estar meramente simbolizado no ídolo ostensivamente adorado por eles. Não se faz nenhuma reserva em favor de certas almas iniciadas e iluminadas que buscam e encontram uma religião mais pura nos "mistérios" esotéricos que

estavam vedados ao vulgo profano. O cristianismo não deixa nenhuma brecha de escape para as religiões anticristãs julgadas e reprovadas com as quais entra em contato. Em vez disso, mostra apenas a condenação indiscriminada [condenação] que salta como um raio bifurcado da glória de seu poder sobre aqueles incorrigivelmente culpados do pecado mencionado, o pecado de adorar outros deuses que não Deus.

"Não há nenhum alívio reconfortante introduzido em forma de garantia, ou mesmo de esperança possível, de que um Deus benigno receberá graciosamente em seus ouvidos as atribuições formalmente dadas a outro como virtualmente — embora equivocadamente — destinadas a si mesmo. Essa ideia, seja justa ou não, não é bíblica. É, de fato, antibíblica e, portanto, anticristã. O cristianismo não merece o elogio de tal liberalidade. No que diz respeito às prerrogativas únicas, exclusivas e incomunicáveis de Deus, o cristianismo é, admitamos francamente, uma religião estreita, rigorosa, severa e ciumenta. Sócrates, ao morrer, pode ter sido perdoado por sua proposta de oferecer um galo em sacrifício a Esculápio; mas o cristianismo, o cristianismo da Bíblia, não nos dá a menor razão para supor que tal ato idólatra de sua parte tenha sido interpretado por Deus como adoração aceitável a Ele.

"Pedro disse: 'Em verdade percebo que Deus não faz acepção de pessoas, mas, em toda nação, aquele que o teme e pratica a justiça é-lhe aceitável.'

"Temer a Deus em primeiro lugar e, em seguida, praticar a justiça: essas são as características que definem, em todos os tempos e em todos os lugares, o homem aceitável a Deus. Mas, evidentemente, temer a Deus não significa, na concepção do cristianismo, adorar outro que não seja Ele. Assim, na medida em que um homem se liberta da religião étnica dominante ao seu redor e se eleva — não por meio dela, mas apesar dela — ao elemento transcendente da verdadeira adoração divina, ele será aceitável a Deus.

"De qualquer religião étnica, portanto, pode-se dizer que é uma religião verdadeira, apenas não perfeita? O cristianismo diz: Não. O cristianismo profere palavras de esperança indefinida e ilimitada a respeito daqueles — alguns deles — que nunca terão ouvido falar de Cristo. Essas palavras, é claro, os cristãos as guardarão e acalentarão de acordo com seu valor inestimável. Mas não as confundamos como se tivessem qualquer relação com as religiões errôneas da humanidade. Essas religiões, a Bíblia

em nenhum lugar são retratadas como tentativas patéticas e parcialmente bem-sucedidas de buscar a Deus. Todas elas são retratadas como tentativas de descer, e não de subir. Segundo o cristianismo, elas atrapalham, não ajudam. O apego de seus adeptos a elas é como o agarrar-se cego de homens que se afogam a raízes e rochas, que apenas tendem a mantê-los no fundo do rio. A verdade que há na religião falsa pode ajudar, mas será a verdade, não a religião falsa.

"De acordo com o cristianismo, a religião falsa exerce toda a sua força para sufocar e matar a verdade que há nela. Daí a degeneração histórica representada no primeiro capítulo de Romanos como afetando as religiões falsas em geral. Se fossem esforços voltados para cima, elas cresceriam cada vez melhor. Se, como Paulo ensina, elas de fato pioram cada vez mais, deve ser porque são esforços voltados para baixo.

"A atitude, portanto, do cristianismo em relação às outras religiões é uma atitude de hostilidade universal, absoluta, eterna e inabalável, enquanto que, em relação a todos os homens em todos os lugares — sem excluir, de forma alguma, os adeptos das falsas religiões —, sua atitude é de graça, misericórdia e paz para quem quer que a [receba]. Quantos serão encontrados que a [receberão] é um problema que o cristianismo deixa sem solução."

O reverendo Tiago Devine, da cidade de Nova York, também falou sobre a mensagem do cristianismo para outras religiões, apresentando claramente a doutrina da redenção por meio do precioso sangue de Cristo. Ele disse:

"Chegamos agora a outra verdade fundamental do ensinamento cristão – a misteriosa doutrina da expiação. O pecado é um fato indiscutível. É universalmente reconhecido e admitido. É sua própria evidência. É, além disso, uma barreira entre o homem e seu Deus. A santidade divina e o pecado, com sua repugnância, sua rebelião, sua horrível degradação e sua ruína sem esperança, não podem coexistir em nenhum sistema de governo moral. Deus não pode tolerar o pecado, nem transigir com ele, nem abrir espaço para ele em sua presença. Ele não pode negociar com ele; deve puni-lo. Não pode fazer acordos com ele; deve julgá-lo no tribunal. Não pode ignorá-lo; deve vencê-lo. Não pode conceder-lhe status moral; deve infligir-lhe a condenação que merece.

"A expiação é o método maravilhoso de Deus para vindicar, de uma vez por todas, perante o universo, Sua atitude eterna em relação ao pecado, por meio da assunção voluntária, no espírito de sacrifício, de sua pena. Isso Ele faz na pessoa de Jesus Cristo. Os fatos do nascimento, da vida, da morte e da ressurreição de Cristo ocupam seu lugar no âmbito da história verdadeira, e o valor moral e a eficácia propiciatória de sua obediência perfeita e de sua morte sacrificial tornam-se um elemento misterioso de valor ilimitado no processo de reajuste da relação do pecador com seu Deus.

"Cristo é reconhecido por Deus como um substituto. O mérito de sua obediência e a dignidade exaltada de seu sacrifício estão ambos à disposição da fé. O pecador, humilde, penitente e consciente de sua indignidade, aceita Cristo como seu redentor, seu intercessor, seu salvador, e simplesmente crê nele, confiando em suas garantias e promessas, baseadas como são em sua intervenção de expiação, e recebe de Deus, como dom do amor soberano, todos os benefícios da obra mediadora de Cristo. Essa é a maneira de Deus alcançar o objetivo do perdão e da reconciliação. É a maneira de Ele ser justo e, ao mesmo tempo, realizar a justificação do pecador. Aqui, mais uma vez, temos o mistério da sabedoria em sua mais augusta manifestação.

"Este é o cerne do evangelho. Ele vibra com amor misterioso; pulsa com as dores inefáveis da cura divina; mantém uma relação vital com todo o desígnio do governo; em suas atividades ocultas, está além do escrutínio da razão humana; mas faz com que o sangue da vida corra pela história e confere ao cristianismo sua vitalidade magnífica e seu vigor imortal. É porque o cristianismo elimina o pecado do problema que sua solução é completa e definitiva.

"O cristianismo deve falar em nome de Deus. A Ele deve sua existência, e o profundo segredo de sua dignidade e poder é que ele O revela. Seria uma afronta se ele falasse simplesmente por conta própria, ou mesmo em nome da razão. *Ele não tem nenhuma filosofia da evolução a propor*. Tem uma mensagem de Deus a transmitir. Ele não é, em si, uma filosofia; é uma religião. Não nasceu da terra; foi forjado por Deus. Não provém do homem, mas de Deus, e está intensamente vivo com o seu poder, alerta com o seu amor, benigno com a sua bondade, radiante com a sua luz, carregado com a sua verdade, enviado com a sua mensagem, inspirado com

sua energia, repleta de sua sabedoria, dotada do dom da cura espiritual e poderosa com autoridade suprema.

"Tem uma missão entre os homens, sempre que e onde quer que os encontre, que é tão sublime quanto a criação, tão maravilhosa quanto a existência espiritual e tão cheia de significado misterioso quanto a eternidade. Encontra seu foco, bem como seu centro irradiador, na personalidade de seu grande revelador e mestre, para quem, antes de seu advento, todos os dedos de luz apontavam, e de quem, desde sua encarnação, todo o brilho do dia tem resplandecido.

"O espírito é repleto de sinceridade simples, dignidade exaltada e doce altruísmo. Seu objetivo é transmitir uma bênção, e não desafiar uma comparação. Não está tão ansioso por se justificar quanto por conferir seus benefícios. Não está tão preocupado em garantir honra suprema para si mesmo quanto em conquistar o caminho para o coração. Não busca zombar, menosprezar ou humilhar seu rival, mas sim subjugar pelo amor, atrair por sua própria excelência e suplantar em virtude de sua incomparável superioridade. Ela própria é incapaz de um espírito de rivalidade, devido ao seu próprio direito indiscutível de reinar. Não tem necessidade de escárnio, pode prescindir do desprezo, não empunha armas de violência, não se entrega à discussão, é incapaz de artimanhas ou enganos e repudia a hipocrisia. Confia sempre em seu próprio mérito intrínseco e baseia todas as suas reivindicações no direito de ser ouvida e honrada.

"Suas evidências milagrosas são mais uma exceção do que uma regra. Foram um sinal para ajudar a fé fraca. Foram uma concessão feita com o espírito de condescendência. Os milagres sugerem misericórdia tanto quanto anunciam majestade. Quando consideramos as fontes ilimitadas do poder divino e a facilidade com que sinais e maravilhas poderiam ter sido multiplicados em variedade e imponência desorientadoras, percebemos uma conservação rigorosa do poder e um repúdio claro ao espetacular. O mistério da história cristã está na moderação com que o cristianismo tem usado seus recursos. É uma prova de fé, muitas vezes dolorosamente severa, perceber a aparente falta de energia, ímpeto e força irresistível nos avanços aparentemente lentos de nossa santa religião. [Necessariamente deve ser assim para aqueles que ainda não chegaram a uma

compreensão do plano divino dos séculos.]

"Sem dúvida Deus tem suas razões, mas, enquanto isso, não podemos deixar de reconhecer no cristianismo o espírito de reserva misteriosa, de paciência maravilhosa, de tom moderado, de contenção proposital. Ele não 'clama, nem se exalta, nem faz com que sua voz seja ouvida nas ruas'. Séculos vêm e vão, e o cristianismo atinge apenas partes da Terra, mas, onde quer que toque, transfigura. Parece desprezar os elementos materiais e considera dignas de valor apenas aquelas vitórias que são conquistadas por meio do contato espiritual com a alma individual. Sua relação com outras religiões tem sido caracterizada por uma reserva singular, e seu progresso tem sido marcado por uma dignidade discreta que está em harmonia com a atitude majestosa de Deus, seu autor.

"Estamos certos, portanto, ao falar do espírito dessa mensagem como totalmente livre do sentimento banal de rivalidade, inteiramente acima do uso de métodos espetaculares ou espalhafatosos, infinitamente distantes de todos os meros artifícios ou efeitos dramáticos, totalmente livres de hipocrisia ou duplicidade, sem ansiedade por alianças com o poder mundano ou pelo prestígio social, preocupando-se mais com um lugar de influência em um coração humilde do que com um assento de poder em um trono real, inteiramente empenhado em conquistar a lealdade amorosa da alma e garantir a transformação moral do caráter, para que seu próprio espírito e seus princípios possam influenciar a vida espiritual dos homens.

"Ele se dirige, então, a outras religiões com franqueza e clareza incondicionais, com base em sua própria reivindicação incontestável de ser ouvido. Reconhece a sinceridade inquestionável da convicção pessoal e a intensa seriedade da luta moral no caso de muitas almas sérias que, como os atenienses da antiguidade, 'adoram na ignorância'; adverte, persuade e ordena, como é seu direito; fala como Paulo fez na presença do paganismo culto no Areópago, sobre aquele dia determinado em que o mundo será julgado e sobre 'aquele homem' por quem será julgado; ecoa e reecoou seu chamado invariável e inflexível ao arrependimento; exige a aceitação de seus padrões morais; exige submissão, lealdade, reverência e humildade.

"Tudo isso ele faz com um tom magnífico e inabalável de

insistência serena. Frequentemente, ele faz valer sua reivindicação com argumentos, apelos e terna urgência; contudo, em tudo isso e por meio de tudo isso, deve-se reconhecer um tom claro, ressonante e predominante de insistência intransigente, revelando aquela vontade pessoal suprema que deu origem ao cristianismo e em cujo nome ele sempre fala. Ele transmite sua mensagem com um ar de confiança serena e domínio tranquilo. Não há ansiedade quanto à precedência, nem cuidado excessivo com o exterior, nem possibilidade de ser tratado com condescendência, nem espírito indigno de competição. Fala, ao contrário, com a consciência daquela supremacia simples, natural, incomparável e imensurável que rapidamente desarma a rivalidade e, no fim, desperta a admiração e impõe a submissão de corações livres de malícia e astúcia."

Entre essas nobres declarações em defesa da verdade estava também a do conde Bernstorff, da Alemanha:

"Confio que não haja ninguém aqui que menospreze sua própria religião [embora ele certamente tenha aprendido o contrário antes do encerramento da sessão do Parlamento. Isso foi dito logo no início]. Pela minha parte, declaro que estou aqui como um cristão evangélico a título individual e que jamais teria posto os pés neste Parlamento se achasse que isso significasse algo como um consentimento de que todas as religiões são iguais e que basta ser sincero e íntegro. Não posso concordar com nada desse tipo. Acredito que somente a Bíblia é verdadeira e que o cristianismo protestante é a única religião verdadeira. *Não desejo nenhum tipo de concessão*.

"Não podemos negar que nós, que nos reunimos neste Parlamento, estamos separados por princípios grandes e importantes. Admitimos que essas diferenças não podem ser superadas; mas nos reunimos, acreditando que todos têm direito à sua fé. Vocês convidam todos a virem aqui como defensores sinceros de sua própria fé. Eu, por minha parte, estou diante de vocês com o mesmo desejo que moveu Paulo quando ele se apresentou diante dos representantes da Corte Romana e de Agripa, o rei judeu. Quem dera que todos os que me ouvem hoje fossem, em grande parte e por completo, como eu sou. Não posso dizer 'exceto por estas amarras'. Agradeço a Deus por ser livre, exceto por todas essas falhas e deficiências que há em mim e que me impedem de abraçar meu credo como eu
gostaria de fazer.

"Mas para que nos reunimos, então, se não podemos demonstrar tolerância? Bem, a palavra tolerância é usada de diferentes maneiras. Se as palavras

do rei Frederico da Prússia – 'No meu país, todos podem ir para o céu à sua maneira' – forem usadas como uma *máxima de política*, não podemos elogiá-la o suficiente. Quanto derramamento de sangue, quanta crueldade teriam sido poupados no mundo se ela tivesse sido adotada. Mas se for *a expressão da indiferença religiosa predominante durante o século passado* e na corte do monarca que era amigo de Voltaire, *então não devemos aceitá-la*.

"São Paulo, em sua epístola aos Gálatas, rejeita qualquer outra doutrina, mesmo que fosse ensinada por um anjo do céu. Nós, cristãos, somos servos de nosso mestre, o Salvador vivo. *Não temos o direito de comprometer a verdade que ele nos confiou*; nem de menosprezá-la, nem de ocultar a mensagem que ele nos deu para a humanidade. Mas nos reunimos aqui, cada um desejando converter os outros à sua própria crença. Não será este um Parlamento de guerra em vez de paz? Isso nos afastará uns dos outros, em vez de nos aproximar? Acho que não, se nos agarrarmos firmemente à verdade de que nossas grandes doutrinas vitais só podem ser defendidas e propagadas por meios espirituais. Uma luta honesta com armas espirituais não precisa afastar os combatentes; pelo contrário, muitas vezes os aproxima.

"Acho que esta conferência terá feito o suficiente para gravar sua memória para sempre nas páginas da história, se esse grande princípio [a liberdade religiosa] for amplamente adotado. Uma luz está surgindo em cada coração, e o século XIX nos trouxe muito progresso nesse aspecto; no entanto, corremos o risco de entrar no século XX antes que o grande princípio da liberdade religiosa tenha encontrado aceitação universal."

Em nítido contraste com o espírito geral do Parlamento esteve também o discurso do Sr. Grant, do Canadá. Ele disse:

"Parece-me que deveríamos iniciar este Parlamento das Religiões, não com a consciência de que estamos fazendo algo grandioso, mas com uma confissão humilde e modesta de pecado e fracasso. Por que os habitantes do mundo não se curvaram diante da verdade? A culpa é nossa. O apóstolo Paulo, ao relembrar séculos de uma história maravilhosa e guiada por Deus, viu como chave para todas as suas máximas o seguinte: que Jeová estendeu as mãos o dia inteiro a um povo desobediente e rebelde; que, embora sempre houvesse um remanescente de justos.

Israel, como nação, não compreendeu Jeová e, portanto, não compreendeu sua própria missão maravilhosa.

"Se São Paulo estivesse aqui hoje, não proferiria a mesma triste confissão a respeito do século XIX da cristandade? Não teria ele de dizer que nos orgulhamos de nosso cristianismo, em vez de permitir que nosso cristianismo nos humilhasse e nos crucificasse; que nos vangloriamos do cristianismo como algo que possuíamos, em vez de permitir que ele nos possuísse; que o separamos da ordem moral e espiritual do mundo, em vez de perceber que é ele que interpenetra, interpreta, completa e verifica essa ordem; e que, assim, ocultamos suas glórias e obscurecemos seu poder. Durante todo o dia, nosso Salvador vem dizendo: 'Estendi minhas mãos a um povo desobediente e rebelde'. Mas a única condição indispensável para o sucesso é que reconheçamos a causa de nosso fracasso, que a confessemos, com mentes humildes, modestas, penitentes e obedientes, e que, com coragem e fé ocidentais inextinguíveis, agora sigamos em frente e ajamos de maneira diferente."

Quem dera que esses sentimentos tivessem encontrado eco no grande Parlamento! – mas não encontraram. Por outro lado, ele se caracterizou por grande ostentação quanto ao *"maravilhoso progresso religioso* do século XIX"; e a primeira impressão do conde Bernstorff, de que isso significava um ousado compromisso com os princípios e a doutrina cristãos, foi a correta, como provaram as sessões subsequentes do Parlamento.

AS ATITUDES CONTRASTANTES DO CATOLICISMO, DO PAGANISMO E DO CRISTIANISMO PROTESTANTE

A atitude confiante e assertiva do catolicismo e das diversas religiões pagãs contrastava marcadamente com o ceticismo do cristianismo protestante. Nenhuma frase foi proferida por qualquer um deles contra a autoridade de seus livros sagrados; eles elogiavam e exaltavam suas religiões, enquanto ouviam com surpresa os discursos céticos e infiéis dos cristãos protestantes contra a religião cristã e contra a Bíblia, pela qual até mesmo os pagãos demonstravam maior respeito.

Como prova da surpresa dos estrangeiros ao tomarem conhecimento desse estado de coisas entre os cristãos, citamos o seguinte trecho do discurso publicado por um dos delegados do Japão em uma grande reunião realizada em Yokohama para dar as boas-vindas ao seu retorno e ouvir seu relatório. O orador disse:

"Quando recebemos o convite para participar do Parlamento das Religiões, nossa organização budista se recusou a nos enviar como representantes da instituição. A grande maioria acreditava que se tratava de uma manobra astuta por parte dos cristãos para nos levar até lá e, então, nos expor ao ridículo ou tentar nos converter. Por isso, fomos a título individual. Mas foi uma surpresa maravilhosa que nos aguardava. Nossas ideias estavam todas equivocadas. O Parlamento foi convocado porque as nações ocidentais perceberam a fraqueza e a insensatez do cristianismo e realmente desejavam ouvir de nós sobre nossa religião e aprender qual é a melhor religião. Não há lugar melhor no mundo para propagar os ensinamentos do budismo do que os Estados Unidos. O cristianismo é meramente um adorno da sociedade americana. Pouquíssimos acreditam nele profundamente. A grande maioria dos cristãos bebe e comete vários pecados graves, levando uma vida muito dissoluta, embora seja uma crença muito comum e sirva como adorno social. Sua falta de poder comprova sua fraqueza. As reuniões demonstraram a grande superioridade do budismo sobre o cristianismo, e o simples fato de convocá-las mostrou que os americanos e outros povos ocidentais haviam perdido a fé no cristianismo e estavam prontos para aceitar os ensinamentos de nossa religião superior."

Não é de se admirar que um cristão japonês tenha dito, ao final dos discursos: "Como os cristãos americanos puderam cometer um erro tão grande a ponto de realizar tal reunião e prejudicar o cristianismo, como essas reuniões farão no Japão?"---

Aqueles que estão a par da história sabem algo sobre o caráter daquela grande potência anticristã, a Igreja de Roma, cuja afiliação é tão ardentemente buscada pelos protestantes; e aqueles que mantêm os olhos abertos sobre suas operações atuais sabem que seu coração e seu caráter permanecem inalterados. Aqueles que estão minimamente informados sabem bem que o

Igreja Católica Grega apoiou e aprovou — se é que não foi a própria instigadora — a perseguição russa aos judeus, aos "Stundistas" e a todos os outros cristãos que, despertando da cegueira e da superstição da Igreja Grega, estão buscando e encontrando a Deus e a verdade por meio do estudo de Sua Palavra. A perseguição incitada pelos padres católicos gregos e levada a cabo pela polícia é da natureza mais cruel e repugnante. Mas, mesmo assim, a união e a cooperação com ambos esses sistemas — as Igrejas Católica Romana e Católica Grega — são buscadas com grande empenho, assim como com todas as formas de superstição pagã e ignorância.

A Profunda Escuridão do Paganismo com o Qual os Cristãos Desejam e Buscam Aliança

Da escuridão profunda do paganismo, com o qual os cristãos agora anseiam por cooperação e simpatia, podemos ter uma ideia a partir da seguinte réplica indignada do Dr. Pentecostes contra o tom crítico que alguns estrangeiros assumiram em relação ao cristianismo e às missões cristãs. Ele disse:

"Acho lamentável que qualquer coisa possa levar as discussões deste Parlamento a degenerar em uma série de acusações e recriminações; no entanto, nós, cristãos, temos permanecido pacientemente sentados, ouvindo uma série de críticas aos resultados do cristianismo por parte de certos representantes das religiões orientais. Por exemplo, as favelas de Chicago e Nova York, a maldade indescritível, palpável até mesmo aos olhos dos estrangeiros que são nossos hóspedes; a libertinagem, a embriaguez, as brigas, os assassinatos e os crimes das classes criminosas têm sido atribuídos a nós. As falhas do Congresso e do governo, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, foram atribuídas ao cristianismo. O comércio de ópio, o tráfico de rum, a violação de tratados, as leis desumanas e bárbaras contra os chineses, etc., tudo isso foi atribuído à Igreja cristã. [Mas se os cristãos

afirmarem que essas são nações cristãs, poderiam eles, razoavelmente, culpar esses representantes pagãos por pensarem e julgarem-nos de acordo com isso?]

"Parece quase desnecessário dizer que todas essas coisas — as imoralidades, a embriaguez, os crimes, a falta de fraternidade e a ganância egoísta desses diversos tráficos destrutivos que foram levados de nossos países para o Oriente — estão fora dos limites do cristianismo. [Não, não se essas forem nações cristãs. Ao fazer essa afirmação, a igreja é responsabilizada pelos pecados das nações, e eles são justamente imputados a ela.] A Igreja de Cristo está trabalhando dia e noite para corrigir e abolir esses crimes. A voz unânime da Igreja Cristã condena o tráfico de ópio, o tráfico de bebidas alcoólicas, os atos de opressão chineses e todas as formas de vício e ganância das quais nossos amigos do Oriente se queixam.

"Estamos dispostos a ser criticados; mas, quando me lembro do fato de que essas críticas provêm, em parte, de senhores que representam um sistema religioso cujos templos — administrados pelas castas mais elevadas do clero brâmane — são os claustros autorizados e designados de um sistema de imoralidade e devassidão cujo paralelo é desconhecido em qualquer país ocidental, sinto que o silêncio implica consentimento. Eu poderia levá-los a dez mil templos, mais ou menos — mais do que menos — em todas as partes da Índia, aos quais estão ligadas de duzentas a quatrocentas
sacerdotisas, cujas vidas não são exatamente o que deveriam ser.

"Eu vi isso com meus próprios olhos, e ninguém nega isso na Índia. Se você falar com os brâmanes sobre isso, eles dirão que faz parte do sistema deles para o povo comum. Tenha em mente que esse sistema é a instituição oficial da religião hindu. Basta olhar para as abomináveis esculturas nos templos, tanto hindus quanto budistas, os símbolos hediondos dos antigos sistemas fálicos, que são os objetos de culto mais populares na Índia, para ficar impressionado com a corrupção das religiões. Tenha em mente que essas práticas não são apenas toleradas, mas instituídas, dirigidas e controladas pelos sacerdotes da religião. Somente as pinturas e retratos descarados da antiga Pompéia se equiparam em obscenidade às coisas que são abertamente

vistas nas entradas e ao redor dos templos da Índia.

"Parece um pouco injusto que tenhamos de suportar as críticas que esses representantes do hinduísmo fazem à parcela ímpia dos países ocidentais, quando eles próprios vivem em casas de vidro tão enormes como essas, cada uma delas erguida, protegida e defendida pelos líderes de sua própria religião.

"Ouvimos falar bastante sobre a 'paternidade de Deus e a fraternidade dos homens', como sendo uma das doutrinas essenciais das religiões do Oriente. Na verdade, nunca consegui encontrar — e desafiei que me mostrassem em toda a Índia — um único texto em qualquer literatura sagrada hindu que justifique ou sequer sugira a doutrina da 'paternidade de Deus e da fraternidade dos homens'. Trata-se de um puro plágio do cristianismo. Regozijamo-nos por eles terem adotado e incorporado essa doutrina. Como pode um brâmane, que encara todos os homens de casta inferior — e especialmente os pobres párias — com o espírito de repulsa, e os considera uma ordem diferente de seres, descendentes de macacos e demônios, atrever-se a nos dizer que acredita na paternidade de Deus e na fraternidade entre os homens? Se um brâmane acredita na irmandade dos homens, por que recusaria as cortesias sociais e a hospitalidade comum a homens de outras castas, bem como a seus irmãos ocidentais, a quem ele envolve tão belamente nos braços condescendentes de sua recém-descoberta doutrina da paternidade de Deus e da irmandade dos homens?

"Se existe alguma fraternidade entre os homens na Índia, até mesmo o observador mais distraído não hesitaria em afirmar que não há nenhuma irmandade entre as mulheres reconhecida por eles. Que os horrores indescritíveis a que as mulheres hindus da Índia estão sujeitas respondam a essa afirmação.

"Até que o governo inglês reprimisse com mão firme a antiga instituição religiosa hindu do suttee, centenas de viúvas hindus, todos os anos, lançavam-se de bom grado às piras funerárias de seus maridos falecidos, abraçando assim as chamas que queimavam seus corpos, em vez de se entregarem aos horrores indescritíveis e ao inferno em vida que é a viuvez hindu. Que nossos amigos hindus nos digam o que sua religião fez pela viúva hindu, e especialmente pela viúva infantil, com a cabeça raspada como uma criminosa, despojada de seus adornos, vestida com trapos, reduzida a uma condição de escravidão pior do que podemos conceber, transformada em serva e catadora da família, e não

com frequência submetida a usos ainda piores e indescritíveis. A esse estado e condição a pobre viúva é reduzida sob a sanção do hinduísmo. Há apenas dois anos, foi feito um apelo ao governo britânico para que aprovasse uma lei nova e rigorosa "elevando a idade de consentimento" para doze anos, idade a partir da qual era lícito para o hindu consumar a relação matrimonial com sua esposa infantil. Os hospitais cristãos, lotados de meninas vítimas de abuso que mal haviam saído da infância, tornaram-se um fato tão escandaloso que o governo teve de intervir e pôr fim a esses crimes, perpetrados em nome da religião. Tão grande foi a comoção na Índia em torno disso que se temia que uma revolução religiosa, que quase levaria a um novo motim, fosse iminente.

"Fomos criticados por nossos amigos orientais por julgarmos com ignorância e preconceito, pois, em uma recente consulta realizada no início desta legislatura, apenas cinco pessoas foram capazes de afirmar que haviam lido a Bíblia de Buda; assim, considerou-se como certo que nosso julgamento era ignorante e injusto. O mesmo desafio poderia ter sido feito na Birmânia ou no Ceilão, e, fora do clero, é quase justo dizer que poucos teriam sido capazes de afirmar que haviam lido suas próprias Escrituras. Os Badas dos hindus são objetos de adoração. Ninguém, a não ser um brâmane, pode ensiná-los, muito menos lê-los. Antes de os missionários cristãos chegarem à Índia, o sânscrito era praticamente uma língua morta. Se as Escrituras indianas foram, pelo menos, traduzidas para a língua vernácula ou divulgadas às nações ocidentais, é porque os missionários cristãos e os estudiosos ocidentais as redescobriram, desenterraram, traduziram e trouxeram à luz do dia. O conhecimento que o indiano comum, que recebeu educação ocidental, tem das Escrituras em sânscrito limita-se apenas às partes que foram traduzidas para o inglês ou para a língua vernácula por estudiosos europeus ou ocidentais. O povo comum, noventa e nove centésimos do total, conhece apenas a tradição. Comparemos essa exclusividade estagnada por parte dessas religiões indianas com o fato de que os cristãos traduziram sua Bíblia para mais de trezentas línguas e dialetos e a difundiram por centenas de milhões entre todas as nações e

línguas e povos da Terra. Nós buscamos a luz, mas parece que as Bíblias do Oriente amam mais as trevas do que a luz, pois não suportam a luz da divulgação universal.

"O novo e melhor hinduísmo de hoje é um desenvolvimento sob a influência de um ambiente cristão, mas ainda não atingiu aquele padrão ético que lhe dá o direito de dar uma lição de moral à Igreja Cristã. Até que a Índia purifique seus templos da imundície pior do que a de Augias, e seus eruditos e sacerdotes reneguem e denunciem os atos e feitos terríveis cometidos em nome da religião, que ela seja modesta ao proclamar moral a outras nações e povos."

Reformadores pagãos em busca de Deus

Enquanto a cristandade se apresentava representativamente perante o mundo pagão representativo, vangloriando-se de seu progresso religioso e sem saber que era "pobre, cega, miserável e nua" (Apocalipse 3:17), o contraste de um evidente anseio por Deus por parte de alguns em terras pagãs era muito marcante; e a perspicácia com que eles percebiam e criticavam indiretamente as inconsistências dos cristãos merece destaque especial.

Em dois discursos brilhantes proferidos por hindus representativos, temos diante de nós um movimento notável na Índia que dá uma ideia da escuridão das terras pagãs e também da influência da nossa Bíblia, que os missionários levaram para lá. A Bíblia vem realizando uma obra que os credos conflitantes que a acompanharam — e que alegavam interpretá-la — têm impedido, mas não destruído. Também do Japão ouvimos falar de condições semelhantes. A seguir, apresentamos trechos de três discursos que se destacam por sua sinceridade evidente, reflexão e clareza de expressão, e que mostram a atitude muito séria dos reformadores pagãos que buscam a Deus, na esperança de que talvez possam encontrá-lo.

Uma Voz da Nova Índia

O Sr. Mozoomdar dirigiu-se à assembleia da seguinte forma: Sr. Presidente, Representantes das Nações e das Religiões: O Brahmo-Somaj da Índia, que tenho a honra de representar, é uma nova sociedade; nossa religião é uma nova religião, mas provém de uma antiguidade muito, muito remota, das próprias raízes de nossa vida nacional, há centenas de séculos.

"Há sessenta e três anos, toda a terra da Índia estava tomada por um clamor poderoso. O grande ruído estridente de um politeísmo heterogêneo rasgava o silêncio do céu. O choro das viúvas; não, muito mais lamentável ainda, o choro daquelas mulheres infelizes que eram obrigadas a ser queimadas nas piras funerárias de seus maridos falecidos, profanava a santidade da terra de Deus. Tínhamos a deusa budista do país, a mãe do povo, com dez mãos, segurando em cada uma delas as armas para a defesa de seus filhos. Tínhamos a deusa branca do conhecimento, tocando em sua Vena — um instrumento de cordas — as cordas da sabedoria. A deusa da boa sorte, segurando em seus braços, não o chifre, mas a cesta da abundância, abençoando as nações da Índia, estava lá; e o deus com cabeça de elefante; e o deus que cavalga um pavão, além dos trinta e três milhões de deuses e deusas. Tenho minha teoria sobre a mitologia do hinduísmo, mas este não é o momento de abordá-la.

"Em meio ao barulho e ao conflito desse politeísmo e do mal social, em meio a toda a escuridão da época, surgiu um homem, um brâmane, de raça pura e nascido puro, cujo nome era Raja Ram Dohan Roy. Antes mesmo de se tornar um homem, ele escreveu um livro provando a falsidade de todo o politeísmo e a verdade da existência do Deus vivo. Isso trouxe perseguição sobre sua cabeça. Em 1830, esse homem fundou uma sociedade conhecida como Brahmo-Somaj — a sociedade dos adoradores do único Deus vivo.

"A Brahmo-Somaj fundamentou esse monoteísmo na inspiração das antigas Escrituras hindus, os Vedas e os Upanishads.

"Com o passar do tempo, à medida que o movimento crescia, os membros

começaram a duvidar se as Escrituras hindus fossem realmente infalíveis. Em suas almas, achavam ouvir uma voz que, aqui e ali — a princípio com tom fraco —, contradizia os Vedas e os Upanishads. Quais devem ser nossos princípios teológicos? Em que princípios nossa religião deve se basear? Os pequenos ecos com que a pergunta foi feita inicialmente tornaram-se cada vez mais altos e ressoaram cada vez mais na sociedade religiosa em ascensão, até que se tornou o mais prático de todos os problemas — em que livro deve se basear toda a verdadeira religião?

"Em resumo, eles perceberam que era impossível que as escrituras hindus fossem o único registro da verdadeira religião. Perceberam que, embora houvesse verdades nas escrituras hindus, não podiam reconhecê-las como o único padrão infalível da realidade espiritual. Assim, vinte e um anos após a fundação do Brahmo-Somaj, a doutrina da infalibilidade das escrituras hindus foi abandonada.

"Então surgiu outra questão. Não haveria também outras escrituras? Não lhes disse eu outro dia que, no trono imperial da Índia, o cristianismo agora se assentava com o evangelho da Paz em uma mão e o cetro da civilização na outra? A Bíblia penetrou na Índia. A Bíblia é o livro que a humanidade não deve ignorar. Reconhecendo, portanto, por um lado, a grande inspiração das escrituras hindus, não podíamos deixar de reconhecer, por outro lado, a inspiração e a autoridade da Bíblia. E, em 1861, publicamos um livro no qual foram apresentados trechos de todas as escrituras, como o livro que deveria ser lido durante nossas devoções. Não foi o missionário cristão que chamou nossa atenção para a Bíblia; não foram os sacerdotes muçulmanos que nos mostraram as excelentes passagens do Alcorão; não foi nenhum zoroastriano que nos pregou a grandeza de seu Zend-Avesta; mas havia em nossos corações o Deus da realidade infinita, a fonte de inspiração de todos os livros — da Bíblia, do Alcorão, do Zend-Avesta —, que chamou nossa atenção para as excelências reveladas nos relatos de experiências sagradas em todos os lugares. Foi por meio de sua orientação e de sua luz que reconhecemos esses fatos, e sobre a rocha da realidade eterna e imutável foi assentada nossa base teológica.

"Seria teologia sem moralidade? O que é a inspiração deste livro ou a autoridade daquele profeta sem santidade pessoal — a pureza deste templo criado por Deus? Logo depois de termos concluído

nossa teologia, o fato se impôs diante de nós: não éramos homens bons, de mente pura, homens santos, e havia inúmeros males ao nosso redor, em nossas casas, em nossos costumes nacionais, na organização de nossa sociedade. O Brahmo-Somaj, portanto, voltou-se em seguida para a reforma da sociedade. Em 1851, foi celebrado o primeiro casamento misto. Na Índia, casamento misto significa a união entre pessoas pertencentes a castas diferentes. A casta é uma espécie de Muralha da China que circunda cada família e cada pequena comunidade, e além dos limites da qual nenhum homem ou mulher audacioso deve se aventurar. No Brahmo-Somaj, perguntamos: 'Será que essa Muralha da China manchará para sempre a liberdade dos filhos de Deus?' Não! Derrubem-na; fora com ela, e que desapareça.

"Em seguida, meu ilustre líder e amigo, Keshub Chunder Sen, providenciou para que se realizassem casamentos entre diferentes castas. Os brâmanes ficaram ofendidos. Os sabichões balançaram a cabeça; até mesmo os líderes do Brahmo-Somaj encolheram os ombros e enfiaram as mãos nos bolsos. 'Esses jovens agitadores', disseram eles, 'vão incendiar toda a sociedade'. Mas os casamentos mistos aconteceram, e o casamento de viúvas também aconteceu.

"Vocês sabem o que são as viúvas da Índia? Uma menina de dez ou doze anos acaba perdendo o marido antes mesmo de conhecer bem suas feições e, desde essa tenra idade até o dia de sua morte, ela passará por penitências, austeridades, misérias, solidão e desgraça das quais vocês tremem só de ouvir falar. Não aprovo nem compreendo a conduta de uma mulher que se casa uma primeira vez, depois uma segunda, uma terceira e uma quarta vez — que se casa tantas vezes quanto há estações no ano. Não compreendo a conduta desses homens e mulheres. Mas acho que, quando uma criança de onze anos perde aquele a quem os homens chamam de marido, submetê-la à miséria de uma viuvez para o resto da vida e infligir-lhe sofrimentos que envergonhariam um criminoso é um ato de desumanidade que não pode ser eliminado cedo demais. Daí os casamentos entre parentes e os casamentos de viúvas. Nossas mãos foram, assim, voltadas para o problema da melhoria social e doméstica, e o resultado disso foi que, muito em breve, ocorreu uma ruptura em

o Brahmo-Somaj. Nós, jovens, tivemos que partir – nós, com toda a nossa reforma social – e nos virar da melhor maneira possível. Quando essas reformas sociais foram parcialmente concluídas, surgiu outra questão.

"Tínhamos nos casado com as viúvas; tínhamos impedido a queima das viúvas; e quanto à nossa pureza pessoal, à santificação de nossas próprias consciências, à regeneração de nossas próprias almas? E quanto à nossa aceitação perante o temível tribunal do Deus da justiça infinita? A reforma social e a prática do bem público só são legítimas quando se transformam no princípio abrangente da pureza pessoal e da santidade da alma.

"Meus amigos, confesso que muitas vezes sinto medo quando contemplo a condição da sociedade europeia e americana, onde suas atividades são tão variadas, seu trabalho é tão extenso que vocês se afogam nele e têm pouco tempo para refletir sobre as grandes questões da regeneração, da santificação pessoal, da provação e do julgamento, e da aceitação diante de Deus. Essa é a questão das questões.

"Após o término da obra de nossa reforma social, fomos, portanto, levados ao grande tema: Como essa natureza não regenerada será regenerada? Esse templo contaminado, com que águas será lavado para alcançar um estado novo e puro? Todos esses motivos, desejos e impulsos malignos, as inspirações animais — o que porá fim a todos eles e tornará o homem o que ele era: a criança imaculada de Deus, como Cristo era, como todos os homens regenerados eram? Primeiro, o princípio teológico; em seguida, o princípio moral; e, em terceiro lugar, o espiritual do Brahmo-Somaj — devoções, arrependimento, oração, louvor, fé; entregando-nos inteira e absolutamente ao espírito de Deus e ao seu amor salvador.

[Este filósofo pagão percebe apenas parcialmente o que é o pecado, como indica sua expressão: "uma criança imaculada de Deus... como eram *todos os homens regenerados*". Ele não percebe que mesmo os melhores da raça caída estão longe de ser realmente irrepreensíveis, imaculados, perfeitos; por isso, todos precisam do mérito da perfeição de Cristo e de seu sacrifício expiatório para serem justificados.

Ele fala de orações, fé etc., e da misericórdia de Deus, mas ainda não aprendeu que a justiça é o fundamento subjacente a todas as ações de Deus; e que somente por meio do mérito do sacrifício de Cristo Deus pode ser justo e, ainda assim, o justificador dos pecadores que crêem em Cristo, e assim cobertos por sua grande expiação pelo pecado, realizada há dezoito séculos — de uma vez por todas — para ser testemunhada a todos no devido tempo.]

"Aspirações morais não significam santidade; o *desejo* de ser bom não significa *ser bom*. O boi que carrega nas costas cem libras de açúcar não sente nem um grão de doçura por causa de sua carga insuportável. E todas as nossas aspirações, todos os nossos belos desejos, todos os nossos belos sonhos e belos sermões — seja ouvi-los ou proferi-los —, seja adormecer pensando neles ou ouvi-los com atenção —, tudo isso nunca tornará a vida perfeita. Somente a devoção, a oração, a percepção direta do espírito de Deus, a comunhão com Ele, a humilhação absoluta diante de Sua majestade, o fervor devocional, o entusiasmo devocional, a absorção espiritual, viver e mover-se em Deus — esse é o segredo da santidade pessoal. E, na terceira etapa de nossa trajetória, portanto, a emoção espiritual, as longas devoções, o fervor intenso, a contemplação, a humilhação sem fim, não apenas diante de Deus, mas também diante dos homens, tornaram-se a regra de nossas vidas. Deus é invisível; não prejudica ninguém nem faz com que pareça menos respeitável dizer a Deus: 'Sou um pecador; perdoe-me'. Mas fazer suas confissões diante dos homens, humilhar-se diante de seus irmãos e irmãs, limpar a poeira dos pés dos homens santos, sentir que você é um ser miserável e infeliz na santa congregação de Deus – isso requer um pouco de auto-humilhação, um pouco de coragem moral.

"O último princípio que devo abordar é o caráter progressista do Brahmo-Somaj.

"O cristianismo proclama a glória de Deus; o hinduísmo fala de sua excelência infinita e eterna; o islamismo, com fogo e espada, prova a onipotência de sua vontade; o budismo diz quão pacífico e alegre ele é. Ele é o

Deus de todas as religiões, de todas as denominações, de todas as terras, de todas as escrituras, e nosso progresso reside na harmonização desses diversos sistemas, dessas diversas profecias e desenvolvimentos em um único grande sistema. Por isso, o novo sistema religioso do Brahmo-Somaj é chamado de Nova Dispensação. O cristão fala com admiração do cristianismo; os Hebreus, do judaísmo; os muçulmanos, do Alcorão; e os zoroastrianos, do Zend-Avesta. O cristão admira seus princípios de cultura espiritual; os hindus fazem o mesmo; os muçulmanos, também.

"Mas o Brahmo-Somaj aceita e harmoniza todos esses preceitos, sistemas, princípios, ensinamentos e disciplinas, transformando-os em um único sistema, e essa é a sua religião. Durante uma década inteira, meu amigo Keshub Chunder Sen, eu e outros apóstolos do Brahmo-Somaj viajamos de aldeia em aldeia, de província em província, de continente em continente, proclamando esta nova dispensação e a harmonia de todas as profecias e sistemas religiosos para a glória do único Deus verdadeiro e vivo. Mas somos uma raça subjugada; somos incultos; somos incapazes; não dispomos dos recursos financeiros necessários para fazer com que as pessoas ouçam nossa mensagem. No tempo oportuno, vocês convocaram este augusto Parlamento das religiões, e a mensagem que não pudemos divulgar vocês assumiram a responsabilidade de divulgar.

"Não venho às sessões deste Parlamento como um mero estudante, nem como alguém que precise justificar seu próprio sistema. Venho como discípulo, como seguidor, como irmão. Que vossos esforços sejam abençoados com prosperidade, e não apenas o cristianismo e a América serão exaltados, mas o Brahmo-Somaj se sentirá profundamente exaltado; e este pobre homem, que percorreu uma distância tão longa para implorar por vossa simpatia e vossa bondade, se sentirá amplamente recompensado.

"Que a difusão da Nova Dispensação repouse sobre vocês e os torne nossos irmãos e irmãs. Representantes de todas as religiões, que todas as suas religiões se fundam na Paternidade de Deus e na irmandade dos homens, para que a profecia de Cristo se cumpra, a esperança do mundo se realize e a humanidade se torne um único reino com Deus, nosso Pai."

Aqui temos uma declaração clara do objetivo e das esperanças desses filósofos visitantes; e quem dirá que eles não souberam aproveitar suas oportunidades? Se ouvimos muito, antes do Parlamento, sobre a paternidade de Deus e a fraternidade dos homens não regenerados – sem que se reconhecesse a necessidade de um Salvador, o redentor, para fazer a reconciliação pela iniquidade e abrir "um caminho novo e vivo [de retorno à família de Deus] através do véu, ou seja, sua carne" –, ouvimos muito mais sobre o mesmo assunto desde então. Se
antes ouvimos falar, no Parlamento, da redenção da sociedade por meio de reformas morais, em oposição à redenção pelo precioso sangue, temos ouvido ainda mais sobre essa religião sem Cristo desde então. É o estágio final da apostasia destes últimos dias da era evangélica. Isso continuará e se intensificará: as Escrituras declaram que "mil cairão ao teu lado"; e o apóstolo Paulo exorta: "Tomai toda a armadura de Deus, para que *possais resistir* naquele dia mau"; e João, o Revelador, pergunta significativamente
pergunta: "Quem poderá permanecer firme?" Todo o teor das Escrituras indica que é vontade de Deus que uma grande *provação* recaia agora sobre todos os que invocaram o nome de Cristo, e que toda a grande massa de professos "joio" se afaste de toda a profissão de fé no *sacrifício de resgate* feito de uma vez por todas por nosso Senhor Jesus; porque eles nunca receberam essa verdade com amor. – 2 Tess. 2:10-12.

UMA VOZ DO JAPÃO

Quando Kinza Ringe M. Harai, o erudito budista japonês, leu seu artigo sobre "A Verdadeira Posição do Japão em Relação ao Cristianismo", as sobrancelhas de alguns dos missionários cristãos no palco franziram-se e eles balançaram a cabeça em desaprovação. Mas o budista dirigiu suas repreensões contundentes aos falsos cristãos que tanto fizeram para impedir a obra de divulgação do evangelho no Japão. Segue o artigo:

"Existem poucos países no mundo tão mal compreendidos quanto o Japão. Entre os inúmeros julgamentos injustos, o pensamento religioso dos meus compatriotas é

especialmente deturpado, e toda a nação é condenada como pagã. Sejam eles pagãos, pagãos ou outra coisa qualquer, é fato que, desde o início de nossa história, o Japão recebeu todos os ensinamentos com a mente aberta; e também que as instruções vindas de fora se misturaram com a religião nativa em total harmonia, como se vê nos tantos templos construídos em nome da verdade com uma denominação mista de budismo e xintoísmo; como se vê pela afinidade entre os mestres do confucionismo e do taoísmo, ou de outros "ismos", e os budistas e sacerdotes xintoístas; como se vê pelo japonês comum, que presta homenagem a todos os ensinamentos mencionados acima; como se vê pela construção peculiar das casas japonesas, que geralmente têm dois cômodos, um para um templo budista em miniatura e outro para um pequeno santuário xintoísta, diante do qual a família estuda as respectivas escrituras das duas religiões. Na realidade, a religião sintética é a especialidade japonesa, e não hesitarei em chamá-la de "japanismo".

"Mas vocês protestarão e dirão: 'Por que, então, o cristianismo não é tão calorosamente aceito por sua nação quanto as outras religiões?' Esse é o ponto que desejo especialmente apresentar a vocês. Há duas causas pelas quais o cristianismo não é recebido tão cordialmente. Essa grande religião estava amplamente difundida em nosso país, mas, em 1637, os missionários cristãos, em aliança com os convertidos, provocaram uma rebelião trágica e sangrenta contra o país, e ficou claro que esses missionários pretendiam subjugar o Japão à sua própria pátria. Isso chocou o Japão, e o governo do xogum levou um ano para suprimir essa comoção terrível e intrusiva. Àqueles que nos acusam de que nossa pátria proibiu o cristianismo, não agora, mas em uma época passada, responderei que isso não se deu por antipatia religiosa ou racial, mas para impedir outra insurreição semelhante; e, para proteger nossa independência, fomos obrigados a proibir a divulgação dos evangelhos.

"Se nossa história não tivesse esse registro de devastação estrangeira sob o disfarce da religião, e se nosso povo não tivesse um horror e um preconceito hereditários contra o nome do cristianismo, ele poderia ter sido abraçado com entusiasmo por toda a nação. Mas

esse incidente já passou, e podemos esquecê-lo. No entanto, não é inteiramente irracional que a suspeita aterrorizada — ou, pode-se dizer, a superstição — de que o cristianismo é instrumento de depredação tenha sido despertada, de forma evitável ou inevitável, na mente oriental, quando é um fato reconhecido que algumas das nações poderosas da cristandade estão gradualmente invadindo o Oriente, e quando a seguinte circunstância se impõe diariamente à nossa mente, reavivando uma memória vívida do ocorrido no passado histórico. A circunstância da qual estou prestes a falar é a experiência atual de nós mesmos, para a qual chamo especialmente a atenção deste Parlamento, e não apenas deste Parlamento, mas também de toda a cristandade.

"Desde 1853, quando o comodoro Perry chegou ao Japão como embaixador do presidente dos Estados Unidos da América, nosso país começou a ser mais conhecido por todas as nações ocidentais; novos portos foram amplamente abertos e a proibição dos evangelhos foi abolida, como era antes da rebelião cristã. Pela convenção de Yeddo, hoje Tóquio, em 1858, foi estipulado o tratado entre os Estados Unidos e o Japão, bem como com as potências europeias. Era a época em que nosso país ainda se encontrava sob o governo feudal; e, devido ao fato de termos permanecido isolados por mais de dois séculos desde a rebelião cristã de 1637, a diplomacia era uma experiência bastante nova para os oficiais feudais, que depositavam total confiança nas nações ocidentais e, sem qualquer alteração, aceitaram todos os artigos do tratado apresentados pelos governos estrangeiros. De acordo com o tratado, estamos em uma situação muito desvantajosa; e, entre os demais, há dois artigos proeminentes que nos privam de nossos direitos e vantagens. Um deles é a extraterritorialidade das nações ocidentais no Japão, pela qual todos os casos relativos a direitos — sejam eles de propriedade ou de pessoa — que surjam entre os súditos das nações ocidentais em meu país, bem como entre eles e os japoneses, estão sujeitos à jurisdição das autoridades das nações ocidentais. Outro diz respeito à tarifa aduaneira, sobre a qual, com exceção de 5% ad valorem, não temos o direito de impor onde isso poderia ser feito de forma adequada.

"Também está estipulado que qualquer uma das partes contratantes deste tratado, mediante notificação prévia de um ano à outra, pode exigir sua revisão a partir de 1º de julho de 1872. Portanto, em 1871, nosso governo exigiu uma revisão e, desde então, temos solicitado isso constantemente, mas os governos estrangeiros simplesmente ignoraram nossos pedidos, apresentando muitas desculpas. Uma parte do tratado entre os Estados Unidos da América e o Japão relativa à tarifa foi anulada, pelo que agradecemos com sincera gratidão à bondosa nação americana; mas lamento dizer que, como nenhuma potência europeia seguiu os passos dos Estados Unidos nesse aspecto, nosso direito tarifário permanece na mesma condição de antes.

"Não temos poder judicial sobre os estrangeiros no Japão e, como consequência natural, estamos sofrendo prejuízos, tanto legais quanto morais, cujos relatos aparecem constantemente em nossos jornais nacionais. Como os ocidentais vivem longe de nós, eles não conhecem as circunstâncias exatas. Provavelmente ouvem, de vez em quando, os relatos dos missionários e de seus amigos no Japão. Não nego que seus relatos sejam verdadeiros; mas se alguém deseja obter informações inequívocas a respeito de um amigo, deve ouvir as opiniões sobre ele de várias fontes. Se você examinar atentamente, com sua mente imparcial, quais prejuízos sofremos, ficará surpreso. Entre os muitos tipos de injustiças, há algumas que eram totalmente desconhecidas antes e são inteiramente novas para nós, 'pagãos', nenhum dos quais ousaria falar sobre elas, nem mesmo em conversas privadas.

"Uma das desculpas apresentadas pelas nações estrangeiras é que nosso país ainda não é civilizado. Será que o princípio do direito civilizado determina que os direitos e os lucros dos chamados incivilizados ou dos mais fracos devam ser sacrificados? Pelo que entendi, o espírito e a necessidade da lei consistem em proteger os direitos e o bem-estar dos mais fracos contra a agressão dos mais fortes; mas nunca aprendi, em meus estudos superficiais de direito, que os mais fracos devam ser sacrificados em benefício dos mais fortes. Outro tipo de justificativa vem da esfera religiosa, e alega-se que os japoneses são idólatras e pagãos. Se nosso povo é idólatra ou não, vocês saberão imediatamente se investigarem nossas visões religiosas, sem preconceitos, a partir de fontes japonesas autênticas.

"Mas, admitindo, apenas para fins de argumentação, que sejamos idólatras e pagãos, será que é moralidade cristã pisotear

os direitos e vantagens de uma nação não cristã, manchando toda a sua felicidade natural com a mancha sombria da injustiça? Li na Bíblia: 'Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra'; mas não consigo encontrar ali nenhuma passagem que diga: 'Se alguém exigir justiça de ti, bate-lhe na face direita e, quando ele se virar, bate-lhe também na outra'. Além disso, li na Bíblia: 'Se alguém quiser processar-te na justiça e tirar-te a camisa, deixa que ele fique também com o teu manto'; mas não consigo encontrar ali nenhuma passagem que diga: 'Se tu processares alguém na justiça e tirares-lhe a camisa, faz com que ele te dê também o seu manto'.

"Vocês enviam seus missionários ao Japão, e eles nos aconselham a sermos morais e a acreditarmos no cristianismo. Gostamos de ser morais, sabemos que o cristianismo é bom e somos muito gratos por essa gentileza. Mas, ao mesmo tempo, nosso povo fica bastante perplexo e com muitas dúvidas sobre esse conselho quando pensamos que o tratado estipulado na época do feudalismo, quando ainda estávamos em nossa juventude, ainda é rigorosamente cumprido pelas nações poderosas da cristandade; quando constatamos que, todos os anos, um grande número de embarcações ocidentais dedicadas à pesca de focas entra clandestinamente em nossos mares; quando os processos judiciais no Japão são sempre decididos pelas autoridades estrangeiras de forma desfavorável a nós; quando, há alguns anos, um japonês não teve permissão para ingressar em uma universidade na costa do Pacífico dos Estados Unidos por ser de uma raça diferente; quando, há alguns meses, o conselho escolar de São Francisco aprovou um regulamento proibindo que japoneses frequentassem as escolas públicas da cidade; quando, no ano passado, os japoneses foram expulsos em massa de um dos territórios dos Estados Unidos da América; quando nossos empresários em São Francisco foram obrigados por algum sindicato a não empregar assistentes ou trabalhadores japoneses, mas sim americanos; quando há pessoas na mesma cidade que discursam em palanques contra aqueles de nós que já estamos aqui; quando há muitos homens que saem em procissões empunhando lanternas com a inscrição "Os japoneses devem ir embora"; quando os japoneses nas ilhas do Havaí são privados do direito ao voto; quando vemos alguns ocidentais no Japão que erguem, na entrada de suas casas, um poste especial no qual

está escrito: "Nenhum japonês tem permissão para entrar aqui", exatamente como uma placa na qual está escrito: "Proibida a entrada de cães"; quando estamos nessa situação, será irracional — apesar da bondade das nações ocidentais, sob um certo ponto de vista, que nos enviam seus missionários — que nós, "pagãos" inteligentes, fiquemos constrangidos e hesitemos em engolir o líquido doce e quente do paraíso do cristianismo? Se essa é a ética cristã, bem, estamos perfeitamente satisfeitos em ser pagãos.

"Se alguém alegar que há muitas pessoas no Japão que falam e escrevem contra o cristianismo, não sou hipócrita e afirmarei francamente que fui o primeiro em meu país a atacar publicamente o cristianismo — *não, não o cristianismo verdadeiro, mas o falso cristianismo*, os erros cometidos contra nós pelo povo da cristandade. Se alguém repreender os japoneses por terem tido sociedades fortemente anticristãs, declararei honestamente que fui o primeiro no Japão a organizar uma sociedade contra o cristianismo – *não, não contra o cristianismo verdadeiro, mas para nos protegermos do cristianismo falso* e da injustiça que sofremos por parte do povo da cristandade. Não pensem que assumi tal postura por ser budista, pois essa já era minha posição muitos anos antes de entrar no templo budista. Mas, ao mesmo tempo, afirmarei com orgulho que, se alguém discutiu a afinidade entre todas as religiões perante o público, sob o título de "Religião Sintética", esse alguém fui eu. Digo isso a vocês porque não desejo ser entendido como um budista sectário e intolerante.

"Na verdade, não há sectários em meu país. Nosso povo sabe muito bem o que é a verdade abstrata no cristianismo, e nós — ou pelo menos eu — não nos importamos com os nomes quando falo do ponto de vista do ensinamento. Se o budismo for chamado de cristianismo ou o cristianismo for chamado de budismo, se formos chamados de confucionistas ou xintoístas, não nos importamos; mas nos importamos com a verdade ensinada e sua aplicação coerente. Se Cristo nos salva ou nos leva para o inferno, se Gautama Buda foi uma pessoa real ou se tal homem nunca existiu, isso não é motivo de consideração para nós; o que importa é a coerência da doutrina e da conduta, e é nesse ponto que nós

damos maior importância. Portanto, a menos que a inconsistência que observamos seja abandonada e, especialmente, que o tratado injusto ao qual estamos vinculados seja revisado com base na equidade, nosso povo nunca abandonará seus preconceitos em relação ao cristianismo, por mais eloquente que seja o orador que proclame sua verdade do púlpito. Muitas vezes somos chamados de "bárbaros", e já ouvi e li que os japoneses são teimosos e não conseguem compreender a verdade da Bíblia. Admito que isso é verdade em certo sentido, pois, embora admirem a eloquência do orador e se maravilhem com sua coragem, embora aprovem seu argumento lógico, eles são muito teimosos e não se converterão ao cristianismo enquanto acreditarem que é uma moralidade ocidental pregar uma coisa e praticar outra. . . .

"Se alguma religião ensinar injustiça à humanidade, eu me oporei a ela, como sempre me opus, com meu sangue e minha alma. Serei o mais ferrenho dissidente do cristianismo, ou serei o mais fervoroso admirador de seu evangelho. Aos promotores do Parlamento e às senhoras e senhores do mundo aqui reunidos, declaro que seu objetivo é a realização da União Religiosa, não nominalmente, mas na prática. Nós, os quarenta milhões de almas do Japão, mantendo-nos firmes e persistentes com base na justiça internacional, aguardamos ainda mais manifestações quanto à moralidade do cristianismo."

Que comentário é esse sobre as causas do fracasso da cristandade em converter o mundo à verdade e à retidão! E como isso clama por humilhação e arrependimento, em vez de vanglória!

Uma voz dos jovens do Oriente foi expressa por Herant M. Kiretchjian, de Constantinopla, da seguinte forma:

"Irmãos do País do Sol Nascente de todas as terras: estou aqui para representar os jovens do Oriente, em particular desde a terra das pirâmides até os campos de gelo da Sibéria, e, em geral, desde as margens do Mar Egeu até as águas do Japão. Mas nesta maravilhosa tribuna do Parlamento das Religiões, onde me encontro com os filhos do Oriente diante do público americano, meu primeiro pensamento é dizer-lhes que, sem saber, vocês reuniram um conselho de seus credores.

Não viemos para encerrar seus negócios, mas para acalmar seus corações. Consultem seus livros e vejam se nossa reivindicação não é justa. Nós lhes demos ciência, filosofia, teologia, música e poesia, e fizemos história para vocês a um custo enorme. Além disso, da luz que brilhou sobre nossas terras vinda do céu, surgiram aqueles que serão para sempre sua nuvem de testemunhas e sua inspiração – os santos, apóstolos, profetas, mártires. E com esse rico capital vocês acumularam uma fortuna estupenda, de modo que seus ativos ocultam de seus olhos seus passivos. Não queremos compartilhar de sua riqueza, mas é justo que recebamos nossos dividendos e, como de costume, é um jovem quem apresenta os comprovantes.

"Vocês não podem pagar esse dividendo com dinheiro. O ouro vocês querem para si mesmos. A prata de vocês caiu em desgraça. Queremos que vocês nos deem um rico dividendo com toda a compaixão de seus corações. E, assim como o artesão que, julgando pelo peso, lança em seu cadinho pepitas de diferentes formas e cores e, depois que o fogo e o fundente cumprem sua função, o derrama e eis que flui ouro puro, assim também, tendo reunido os filhos dos homens dos confins da terra e tendo-os aqui diante de vocês no cadinho do pensamento sincero e da busca honesta pela verdade, vocês descobrirão, quando este Parlamento terminar, que, para além do preconceito de raça e dogma, e da variedade de costumes e cultos, nada mais flui diante de seus olhos senão o ouro puro da humanidade; e, daqui em diante, pensarão em nós, não como estrangeiros em terras alheias, mas como seus irmãos, na China, no Japão e na Índia, suas irmãs nas ilhas da Grécia e nas colinas e vales da Armênia, e terão nos concedido tal recompensa de seus corações, e recebido, por sua vez, tal bênção, que esta se tornará uma terra de Beulah da profecia para os tempos futuros, e espalhará o eco daquela doce canção que outrora foi ouvida em nossa terra: 'Paz na terra e boa vontade para com os homens'.

"Tanta coisa já lhes foi dita aqui, por homens de sabedoria e experiência na vida religiosa do grande Oriente, que vocês não esperariam que eu acrescentasse mais nada a isso. Nem eu estaria aqui com a presunção de lhes dar mais informações sobre as religiões do mundo. Mas há uma nova raça de homens que surgiu de todo o grande passado, cuja influência será, sem dúvida, um fator de suma importância na obra da humanidade no século que se aproxima. Eles são o resultado de todo o passado, entrando em contato com a nova vida do presente — refiro-me aos jovens do Oriente; aqueles que se preparam para tomar posse da Terra com seus irmãos do grande Ocidente.

"Trago a vocês uma filosofia das margens do Bósforo e uma religião da cidade de Constantino. Todas as minhas convicções firmes e deduções que se desenvolveram dentro de mim ao longo dos últimos anos foram, sob a influência deste Parlamento, abaladas até suas raízes. Mas hoje encontro essas raízes ainda mais profundas em meu coração, e os galhos alcançando mais alto nos céus. Não posso pretender trazer-lhes nada de novo, mas se todas as deduções lhes parecerem lógicas a partir de premissas que a inteligência humana pode aceitar, então estou confiante de que vocês reconhecerão nossa intenção honesta e nos concederão o direito, como seres inteligentes, de nos apegarmos firmemente ao que apresento diante de vocês.

"Quando os jovens de hoje eram crianças, ouviam e viam, todos os dias de suas vidas, nada além de inimizade e separação entre homens de diferentes religiões e nacionalidades. Não preciso me deter para lhes falar da influência que tal vida exerceu sobre a vida desses jovens, que se viram separados e em campos de batalha preparados para lutar contra seus irmãos, com quem tinham de conviver nas atividades cotidianas da vida. E à medida que a luz da educação e as ideias de liberdade começaram a se espalhar por todo o Oriente na segunda metade deste século, esse jugo tornou-se mais opressivo sobre os ombros dos jovens do Oriente, e o fardo, pesado demais para ser suportado.

"Os jovens de todas as nacionalidades que mencionei, que nos últimos trinta anos receberam sua educação nas universidades de Paris, Heidelberg, Berlim e outras cidades da Europa, bem como no Liceu Imperial de Constantinopla, vêm, consciente ou inconscientemente, de forma passiva ou agressiva, tecendo a trama de sua religião, de modo que, para os milhares de jovens para quem sua voz é um oráculo, ela surgiu como uma bênção e conquistou seus corações e mentes.

"Eles encontram seus irmãos em grande número em todas as cidades do Oriente onde a civilização europeia teve menor penetração, e dificilmente haverá cidade que não tenha sentido sua influência antes do fim do século. Sua religião é a mais nova de todas as religiões, e eu não a teria mencionado

nesta tribuna se não fosse pelo fato de que ela é uma das influências mais potentes que atuam no Oriente e com a qual nós, jovens religiosos do Oriente, temos de lidar com eficiência, se quisermos exercer a menor influência sobre os povos de nossas respectivas terras.

"Pois, lembrem-se, há homens inteligentes, homens de excelentes qualidades, homens que, juntamente com todos os jovens do Oriente, provaram que, em todas as artes e ciências, nos mercados do mundo civilizado, nos exércitos das nações e à direita dos reis, são iguais a qualquer raça de homens, desde o nascer do sol até o seu pôr. São homens, além disso, em sua maioria, de das melhores intenções e das mais sinceras convicções; e, quando ouvirem a opinião deles sobre religião e pensarem na posição que ocupam, não poderão, tenho certeza, como membros do Parlamento Religioso, sentir nada além da maior preocupação por eles e pelas terras em que habitam.

"Eu represento, pessoalmente, os jovens religiosos do Oriente; mas permitam-me, em nome dos jovens da religião mais recente, dirigir-me a vocês, os apóstolos de todas as religiões: 'Vocês vêm até nós em nome da religião para nos trazer o que já temos. Acreditamos que o homem é suficiente a si mesmo, se, como dizem, um Deus perfeito o criou. Se o deixarem em paz, ele será tudo o que deve ser. Eduquem-no, treinem-no, não o amarrem de pés e mãos, e ele será um homem perfeito, digno de ser irmão de qualquer outro homem. A natureza dotou o homem suficientemente, e vocês devem usar tudo o que lhes foi dado em sua inteligência antes de incomodarem Deus para que lhes dê mais. Além disso, ninguém encontrou Deus. Temos toda a inspiração de que precisamos na doce poesia e na música encantadora, e na companhia de homens e mulheres refinados e cultos. Se formos ouvi-la, gostaríamos que Handel nos falasse do Messias, e se os céus ressoarem, basta ter a interpretação de Beethoven.

"'Não temos nada contra vocês, cristãos, mas, no que diz respeito a todas as religiões, devemos dizer que vocês causaram o maior dano possível à humanidade ao incitar homens contra homens e nações contra nações. E agora, para piorar ainda mais a situação, nesta

dia de bom senso superlativo, vocês vêm encher as mentes dos homens com coisas impossíveis e sobrecarregar seus cérebros com discussões intermináveis sobre mil seitas. Pois já ouvi muitos antes de vocês, e sei quantos poderiam se seguir. Consideramos vocês, entre todos os homens, aqueles que devem ser evitados, pois sua filosofia e suas doutrinas estão gerando pessimismo por toda a terra.'

"Então, com um instinto religioso e o respeito inato que todos os orientais possuem, tenho de dizer de repente: 'Mas, vejam bem, não somos infiéis, nem ateus, nem céticos. Simplesmente não temos tempo para tais coisas. Estamos cheios da inspiração para a vida mais elevada e desejamos liberdade para todos os jovens do mundo. Temos uma religião que une todos os homens de todas as terras e enche a Terra de alegria. Ela supre todas as necessidades humanas e, portanto, sabemos que é a verdadeira religião, especialmente porque produz paz e a maior harmonia. Assim, não queremos nenhum dos seus 'ismos', nem qualquer outro sistema ou doutrina. Não somos materialistas, socialistas, racionalistas nem pessimistas, e também não somos idealistas. Nossa religião é a primeira que existiu e também é a mais nova entre as novas — somos cavalheiros. Em nome da paz e da humanidade, vocês não poderiam nos deixar em paz? Se nos convidarem novamente em nome da religião, teremos um compromisso prévio; e se nos chamarem novamente para pregar, não estaremos em casa."

"Este é o jovem oriental, como o louro verde. E quando um se vai, de modo que você não o encontra em seu lugar, há vinte para preencher a lacuna. Acredite em mim, não exagerei; pois, palavra por palavra, e dez vezes mais do que isso, ouvi de homens inteligentes do exército e da marinha, homens do comércio e da magistratura, em conversas e discussões profundas, nas ruas de Constantinopla, nos barcos do Corno de Ouro e do Bósforo, na Romênia e na Bulgária, assim como em Paris, Nova York e no Auditório de Chicago, de turcos e armênios, de gregos e Hebreus, bem como de búlgaros e sérvios, e posso lhe dizer que esse mais novo substituto da religião, que controla as portas do comércio e da literatura, da ciência e do direito, por toda a Europa e o Oriente, é uma força extremamente potente na definição dos destinos das nações do Oriente, e deve ser levada em conta de forma inteligente ao se pensar no futuro da religião, e deve ser enfrentada com um argumento tão poderoso aos olhos dos jovens do Oriente quanto aquele que a ciência e a literatura colocaram nas mãos do grande exército da nova classe dos cavalheiros.

"Há outra classe de jovens no Oriente, que se autodenominam os jovens religiosos e que se apegam à

antiga fé de seus pais. Permitam-me afirmar, também para esses jovens, a honestidade de propósito, a inteligência de espírito, bem como uma firme convicção. É por eles também que venho falar a vocês e, ao falar por eles, falo também por mim mesmo. Vocês perceberão naturalmente que precisamos estar, desde os primeiros dias, em contato com a Nova Religião; assim, permitam-me chamá-la assim por conveniência. Temos de estar nas faculdades e universidades com esses mesmos jovens. Temos de caminhar lado a lado com eles em todas as ciências e na história, na literatura, na música e na poesia; e, naturalmente, com eles compartilhamos a firme crença em toda dedução científica e nos apegamos a todos os princípios da liberdade humana.

"Em primeiro lugar, todos os jovens do Oriente que possuem as mais profundas convicções religiosas defendem a dignidade do homem. Lamento ter que começar por aqui; mas, das vozes e argumentos combinados das filosofias e teologias, surge diante de nós uma inferência tão inevitável de uma humanidade imperfeita que precisamos nos manifestar antes de podermos falar sobre qualquer religião por nós mesmos e dizer: 'Acreditamos que somos homens'. Para nós, é uma calúnia à humanidade e uma acusação contra o Deus que criou o homem afirmar que o homem não é suficiente em si mesmo e que precisa da religião para vir e torná-lo perfeito.

[Observe como o homem natural se acusa e se desculpa ao mesmo tempo. A imperfeição não pode ser negada; mas reivindica-se o poder de nos tornarmos perfeitos com o tempo e, assim, a necessidade do "sangue precioso" da "oferta pelo pecado", que Deus providenciou, é *ignorada* pelos pagãos, assim como agora está sendo *negada* pelos sábios mundanos da cristandade.]

"É uma calúnia à humanidade olhar para esta ou aquela família de homens e dizer que eles demonstram concepções de bondade e verdade, altos ideais e uma vida acima dos simples desejos animais, apenas porque receberam ensinamentos religiosos deste ou daquele homem, ou uma revelação do céu. Acreditamos que, se o homem é homem, ele tem tudo isso em si mesmo, assim como possui todas as suas capacidades corporais. Você diria que uma couve-flor que planto nos campos cresce com beleza e perfeição em suas espiras, e que meu cérebro, que o

mesmo Deus criou cem mil vezes mais delicado e perfeito, não pode desenvolver suas circunvoluções e realizar a obra que Deus pretendia que eu realizasse, nem ter as concepções mais elevadas que Ele pretendia que eu tivesse; que um girino indefeso se desenvolverá e se tornará um sapo com membros perfeitos e elásticos e um peito que se eleva, e que os sapos permanecerão juntos em contentamento e coaxarão em união, e que os homens precisam de religião e de ajuda externa para que possam se desenvolver até a perfeição do ser humano, em corpo e alma, reconhecer a irmandade entre os homens e viver na terra de Deus em paz? Afirmo que é uma acusação contra Deus, que criou o homem, promulgar e aceitar tacitamente qualquer doutrina desse tipo.

"Tampouco aceitamos as conclusões infundadas da ciência. Não temos nada a ver com os macacos. Se eles quiserem falar conosco, terão que vir até nós. *Existe um espírito ocidental de criar dificuldades que não conseguimos compreender*. Uma das minhas primeiras experiências nos Estados Unidos foi participar de uma reunião de jovens senhoras e senhores na cidade da Filadélfia. O tema da noite era se os animais tinham a alma, e o gato ganhou destaque. Foram lidos trabalhos muito sérios e eruditos. Mas a conclusão foi que, por não saberem exatamente o que é um gato e o que é a alma, eles não puderam decidir a questão, embora ainda fosse um assunto sério com implicações religiosas. Agora, suponha que uma menina armênia perguntasse à mãe se os gatos têm alma. Ela resolveria a questão de passagem e diria, por exemplo: 'Minha querida, você precisa descer e ver se a água está fervendo (O que te fez pensar nisso? É claro que os gatos têm alma. Os gatos têm almas de gatos e os homens têm almas de homens). Agora desça." E a criança desceria regozijando-se em sua humanidade. E se minha senhora armênia um dia se deparasse com o elo perdido de que tanto ouvimos falar, ainda assim sua serenidade permaneceria imperturbável e ela continuaria a se gloriar na humanidade, informando-lhe que o elo perdido tinha a alma de um elo perdido e o homem tinha a alma de um homem.

"Até aqui chegamos com os jovens da classe dos cavalheiros, de mãos dadas no plano comum da humanidade. Mas eis um cruzamento onde nos separamos e tomamos caminhos amplamente divergentes. Gritamos: 'Deixem-nos em paz, e nos expandiremos e nos elevaremos à altura de nosso destino'; e, eis que encontramos um poder invisível que não nos deixa em paz. Descobrimos que podemos fazer quase tudo nos caminhos da ciência e da arte. Mas quando se trata

Apesar de seguirmos nossa concepção do que é elevado e nobre, do que é correto e necessário para o nosso desenvolvimento, carecemos da força e do poder para avançar em direção a isso. Coloco isso da forma mais simples, pois não posso me alongar sobre o assunto aqui. Mas o fato, para nós, é tão real quanto a dignidade do homem: existe um poder que desvia homens e mulheres do caminho da retidão e da honra, pelo qual sabem que deveriam trilhar. Não se pode dizer que isso seja inerente ao homem, pois sentimos que não nos pertence. E se não nos pertencesse, e se fosse a concepção correta do homem cair na degradação e na miséria, na rapacidade e no desejo de esmagar seu semelhante, diríamos: 'Deixem-no em paz e deixem-no fazer o que Deus destinou que ele fizesse'.

"Portanto, resumidamente, digo a qualquer um aqui que esteja se preparando para condensar seu credo: inclua isto nele antes que chegue ao ponto de ebulição: 'E eu creio no diabo, o arqui-inimigo de Deus, o acusador de Deus perante o homem'. Um único diabo para todo o universo? Não nos importamos. Uma legião de demônios sitiando cada alma? Isso não nos importa. Sabemos disso: existe um poder fora do homem que o atrai com força. E nenhum poder na Terra pode resistir a ele.

"E assim, eis que surge nossa religião. Se vocês têm uma religião a oferecer aos jovens do Oriente, ela deve vir acompanhada de um poder que equilibre, sim, que contrabalance o poder do mal no mundo. Só então o homem estará livre para amadurecer e ser aquilo que Deus pretendia que ele fosse. Queremos Deus. Queremos o espírito de Deus. E a religião que chega até nós, sob qualquer nome ou forma, deve trazer isso; caso contrário, para nós, não é religião. E acreditamos em Deus, não no Deus dos protoplasmas, que se esconde entre as moléculas da matéria, mas no Deus de quem somos filhos.

"Assim, colocamos como terceiro item de nossa filosofia e defendemos a dignidade de Deus. A cavalheirismo está morto? Será que toda a concepção de uma vida elevada e nobre, de integridade genuína, se afastou do coração dos homens, a ponto de não podermos aspirar à cavalaria e à realeza nas cortes de nosso Deus? Sabemos que somos seus filhos, pois estamos realizando suas obras e pensando seus pensamentos. O que queremos é ser como ele. Ah, será verdade que posso atravessar terras e mares e chegar ao coração de minha mãe, e sentir seus braços me abraçando

a mim, mas que eu, um filho de Deus, permanecendo indefeso no universo, diante de um poder que não consigo vencer, não consigo erguer minhas mãos para ele e clamar a ele, para que eu possa ter seu espírito em minha alma e sentir seus braços eternos me sustentando em minha fraqueza?

"E eis que surge o pregador dos tempos antigos e da igreja moderna, e nos fala de alguém que venceu o mundo, e que desceu do alto. Não precisamos que nos digam que ele veio do alto, pois nenhum homem nascido de mulher fez tal coisa. Mas estamos convencidos de que, por meio da graça e do caminho que ele nos mostra para trilharmos, o espírito de Deus realmente entra no coração dos homens, e que posso senti-lo em meu coração lutando comigo contra o pecado e fortalecendo meu coração para me apegar resolutamente àquilo que sei ser certo pelo divino que há em mim.

"E assim, com mão trêmula, mas convicção firme; com muita tristeza pela humanidade, mas com a alegria do triunfo eterno, venho com todos vocês até os portões dourados do século XX, onde os anciãos da futura comunidade da humanidade estão reunidos para julgar a religião que entrará por esses portões para sustentar o coração humano. Coloco ali, ao lado do antigo confucionismo oriental e da teosofia moderna, do antigo budismo oriental e do espiritualismo moderno, e de todas as crenças dos tempos antigos e do materialismo, racionalismo e idealismo modernos — ali coloco o antigo cristianismo oriental com seu Cristo, o poder de Deus e a sabedoria de Deus; e sua cruz, ainda radiante no amor de Deus,

"'ELEVANDO-SE ACIMA DAS RUÍNAS DO TEMPO'".

Este orador, embora não seja um representante delegado da Igreja Católica Armênia, evidentemente apresenta as questões do ponto de vista dos cristãos armênios, que os turcos têm perseguido recentemente da maneira mais bárbara. Seu discurso apresenta muitos argumentos excelentes; mas não se deve pensar que ele seja uma amostra representativa dos jovens do Oriente; ele está muito à frente daqueles em nome dos quais falou. Seu discurso também não oferece uma visão verdadeira de

do catolicismo armênio, com suas orações pelos mortos; sua adoração de imagens, dos santos e da Virgem Maria; seus confessionários; e sua doutrina blasfema da missa;* tudo isso se assemelhando intimamente aos artifícios do anticristo. Aqueles que sacrificam a "abominação da missa" demonstram, com isso, que
têm pouco conhecimento e apreciação da verdadeira cruz e de seu único sacrifício, "de uma vez por todas".---- O "cristianismo oriental" para o qual esse jovem nos aponta não é aquele que respeitamos, nem aquele que tomaríamos como modelo: nós nos voltamos para o cristianismo proclamado e ilustrado por Cristo, nosso Senhor e redentor, e por seus apóstolos, e conforme exposto nas Escrituras: não oriental, nem ocidental, nem católico (ou seja, universal ou geral), mas o poder de Deus e a sabedoria de Deus somente para *"todo aquele que* crê" (Rm 1,16) – para a justiça.

O observador atento não pode ler os nobres sentimentos de alguns desses que buscam a Deus e aspiram à justiça sem notar o contraste entre sua sincera seriedade e seu nobre propósito e esforço para elevar diante de seus semelhantes os mais elevados padrões de justiça que conseguem discernir, e a atitude de concessões de tantos cristãos que foram mais favorecidos pela origem e pelo ambiente com o conhecimento da verdade, e que agora estão ansiosos por vendê-la com o imenso sacrifício de seus nobres princípios, meramente para ganhar o favor popular do momento. A quem muito foi dado, muito será exigido pelo Senhor, que agora os está pesando a todos na balança.

Mas, enquanto alguns dos representantes estrangeiros despertam nossa admiração e respeito, a grande maioria deles se regozijava com o privilégio de exibir e recomendar suas superstições a uma assembleia tão representativa das nações civilizadas e esclarecidas. O budismo, o xintoísmo, o bramanismo, o confucionismo e o maometismo foram repetidamente apresentados com grande ousadia, e o

---

*Vol. III, p. 98.

O apóstolo muçulmano teve a audácia de chegar a recomendar a poligamia. Isso foi quase demais para a plateia, mas suas manifestações de desaprovação foram rapidamente silenciadas pelo presidente, Dr. Barrows, que lhes lembrou do objetivo do Parlamento – dar a todos uma audiência justa, sem controvérsias. Assim, todos tiveram ampla oportunidade de se expressar e defenderam livremente seus argumentos diante das mentes já instáveis de milhares de cristãos professos e, como resultado, têm muitos motivos para esperar novos convertidos às suas religiões aqui na América. Os mesmos privilégios também foram concedidos a muitos dos movimentos anticristãos, tais como a Ciência Cristã, a Teosofia, o Swedenborgianismo, etc.

Considerações finais do Grande Parlamento

As considerações finais do Grande Parlamento mostram quão determinado é esse espírito de compromisso por parte do cristianismo protestante. Tão desesperadora é a situação a que o julgamento deste dia os levou, que eles saudam com o maior entusiasmo o menor indício de disposição para a união, mesmo por parte das formas mais grosseiras de paganismo. Apresentamos os seguintes breves trechos:

Suamie Vive Kananda (sacerdote de Bombaim, Índia) disse:

"Muito se tem falado sobre o terreno comum da unidade. Não vou, neste momento, aventurar minha própria teoria; mas se alguém aqui espera que essa unidade venha pelo triunfo de qualquer uma dessas religiões e pela destruição das outras, a ele digo: irmão, a sua esperança é impossível. Será que desejo que o cristão se torne hindu? Deus me livre. Será que desejo que o hindu ou o budista se torne cristão? Deus me livre. O cristão não deve se tornar hindu, nem o budista deve se tornar cristão. Aprendam a pensar sem preconceitos. Se a teologia e o dogma se interpõem em seu caminho na busca pela verdade, deixe-os de lado. Seja sincero e trabalhe pela sua própria salvação com diligência, e os frutos da santidade serão seus."

Vichand Ghandi (jainista da Índia) disse:

"Se vocês permitirem que um 'pagão' transmita sua mensagem de paz e amor, peço apenas que considerem as diversas ideias que lhes são apresentadas com o espírito liberal, e não com superstição e intolerância. Peço-lhes que examinem os
vários sistemas religiosos sob todos os pontos de vista."

O Reverendo Shabita, sumo sacerdote da religião xintoísta no Japão, disse:

"O que desejo fazer é ajudá-los a levar adiante o plano de formar a irmandade universal sob o mesmo teto da verdade. Vocês sabem que união faz força. Agora, rezo para que os *oito milhões de divindades* que protegem o belo país das cerejeiras em flor, o Japão, possam proteger vocês e seu governo para sempre, e com isso me despeço."

H. Dharmapala, do Ceilão, disse:

"Eu, em nome de quatrocentos e setenta e cinco milhões de meus correligionários, seguidores do gentil Senhor Buda Gautama, apresento-lhe meus afetuosos cumprimentos. Vocês têm
aprenderam com seus irmãos do Extremo Oriente a forma como eles apresentam os respectivos sistemas religiosos que seguem; vocês
ouviram com louvável paciência os ensinamentos do Buda, o Todo-Misericordioso, por meio de seus humildes seguidores", etc., etc.

O bispo Keane (católico romano) disse:

"Quando o convite para este Parlamento foi enviado à antiga Igreja Católica, as pessoas perguntaram: 'Será que ela virá?' E a antiga Igreja Católica respondeu: 'Quem tem tanto direito de participar de um Parlamento de todas as religiões do mundo quanto a antiga Igreja Católica universal?'. Mesmo que tenha de ficar sozinha
naquela tribuna, ela estará ali. E a antiga Igreja veio e se alegra em encontrar seus semelhantes, seus irmãos na fé, seus companheiros que amam todas as matizes da humanidade e todas as matizes de crença. Mas não oraremos para que
tenha sido plantada aqui uma semente que cresça até se tornar uma ampla união

e perfeita. Se não fosse melhor para nós sermos um do que estarmos divididos, nosso Senhor não teria orado para que todos fôssemos um, assim como ele e o Pai são um. [Mas eles não estão orando por uma união como a que existe entre o Pai e o Filho: a união proposta é muito diferente.]"

Os sentimentos assim expressos encontraram total aceitação no Parlamento por parte dos representantes protestantes. Assim, por exemplo, o Rev. Dr. Candlin, missionário na China, disse:

"A ideia convencional de religião que prevalece entre os cristãos em todo o mundo é que o cristianismo é verdadeiro, enquanto todas as outras religiões são falsas; que o cristianismo é de Deus, enquanto todas as outras religiões são do diabo; ou então, com um toque de moderação, que o cristianismo é uma revelação do céu, enquanto as outras religiões são criações dos homens. *Vocês sabem melhor* do que isso e, com luz clara e firme convicção, podem testemunhar que pode haver amizade em vez de antagonismo entre uma religião e outra; que, tão certo quanto Deus é nosso pai comum, nossos corações igualmente anseiam por ele e nossas almas, em momentos de profunda devoção, captaram sussurros de graça que caíram de seu trono. *Então, isso é o Pentecostes, e por trás disso está a conversão do mundo*."

Será mesmo? Que semelhança há, nesse esforço de comprometer a verdade e a justiça em prol da comunhão entre o anticristo e a idolatria, com aquela assembleia fiel e devota em Jerusalém, que aguardava pacientemente o poder do alto? E que manifestação houve de um derramamento semelhante do espírito santo sobre essa companhia heterogênea? Se a conversão do mundo deve seguir-se a isso, pedimos licença para indagar: para o que o mundo deve se converter? Tal promessa, mesmo com todo o alarde das trombetas, não satisfaz a disposição investigativa desta hora do julgamento.

O Rev. Dr. Bristol, da Igreja Metodista, disse:

"Do infinito bem e do único bem resultará deste Parlamento. A todos os que vieram de longe, estamos profunda e eternamente gratos. Alguns deles representam a civilização que

já era antiga quando Rômulo fundou Roma; cujas filosofias e canções estavam maduras em sabedoria e ricas em ritmo antes mesmo de Homero cantar sua Ilíada aos gregos; e *eles ampliaram nossas noções* sobre nossa humanidade comum. Trouxeram-nos *flores perfumadas das crenças orientais, joias preciosas das antigas minas das grandes filosofias, e estamos mais ricos esta noite graças às suas contribuições de pensamento e, particularmente, ao nosso contato com o espírito deles*. [Que confissão!]

"Nunca houve um dia tão brilhante e cheio de esperança para nossa humanidade comum no que diz respeito à tolerância e à fraternidade universal. E descobriremos que, pelas palavras que esses visitantes nos trouxeram e pela influência que exerceram, eles serão ricamente recompensados pela consciência de terem contribuído para o poderoso movimento que contém em si a promessa de uma única fé, um único Senhor, um único Pai, uma única fraternidade.

"Que as bênçãos de nosso Deus e de nosso Pai estejam com vocês, *irmãos do Oriente*; que as bênçãos de nosso Salvador, nosso ancião, o mestre da fraternidade humana, estejam com vocês e com seus povos para sempre."

A reverenda Augusta Chapin disse:

"Nós, que os acolhemos, agora despedimos os hóspedes que partem. Estamos felizes por terem vindo, ó sábios do Oriente. Com suas palavras sábias, sua grande tolerância e seus modos gentis, tivemos o prazer de sentar-nos a seus pés e aprender com vocês sobre essas coisas. Estamos felizes por tê-los visto cara a cara e, doravante, os consideraremos mais do que nunca nossos amigos e colegas de trabalho nas grandes questões da religião.

"E estamos felizes agora que vocês estão partindo para seus lares distantes, para contar a história de tudo o que foi dito e feito aqui neste grande Parlamento, e que, assim, aproximarão o Oriente do Ocidente e tornarão evidente a simpatia que existe entre todas as religiões. Estamos felizes pelas palavras proferidas pelos sábios e sábias do Ocidente, que vieram e nos deram seus grãos de ouro após a purificação. O que eu disse no início, repetirei agora no encerramento deste Parlamento: foi o maior encontro na

nome da religião já realizada sobre a face da Terra." O

reverendo Jenkin Lloyd Jones disse:

"Desejo a vocês, convidados que partem, a boa sorte que brota de uma alma que se alegra em reconhecer sua afinidade com todas as terras e com todas as religiões; e quando partirem, deixarão para trás, em nossos corações, não apenas pensamentos mais hospitaleiros para com as crenças que representam, mas também laços calorosos e amorosos que os unem à união que será nossa alegria e nossa vida para sempre."--

O Dr. Barrows (presidente) disse:

"Nossas esperanças foram mais do que realizadas. O sentimento que inspirou este Parlamento nos manteve unidos. Os princípios segundo os quais esta convenção histórica se conduziu foram postos à prova e, por vezes, até mesmo tensos, mas não se mostraram inadequados. Tolerância, bondade fraterna, confiança na sinceridade uns dos outros, uma busca sincera e fervorosa pela unidade religiosa, o propósito honesto de cada um de expor sua própria fé sem concessões e sem críticas hostis — esses princípios, graças à sua lealdade e coragem, não se mostraram insuficientes.

"Homens da Ásia e da Europa, ficamos felizes com a vossa vinda e nos tornamos mais sábios. Fico feliz que tenham desfrutado de nossa hospitalidade, etc.

As observações do presidente Bonney foram muito semelhantes; e então, com uma oração proferida por um rabino judeu e uma bênção por um bispo católico romano, o grande Parlamento chegou ao fim; e cinco mil vozes se uniram para repetir a mensagem do anjo: 'Paz na terra e boa vontade para com os homens'."

A Perspectiva

Mas, ah, com que sacrifício de princípios, de verdade e de lealdade a Deus foram feitas ao mundo as declarações acima; e isso, ainda por cima, às vésperas de um tempo de angústia divinamente predito, como nunca houve desde que existe uma nação; uma angústia que todas as pessoas sensatas começam a perceber,

e cuja crise e desfecho eles temem profundamente. E é esse medo que está unindo essa massa heterogênea em busca de proteção mútua e cooperação. É meramente uma manobra política humana tentar acalmar os temores da igreja clamando: "Paz! Paz!", quando não há paz. (Jer. 6:14) Esse clamor de paz que emana representativamente da igreja é caracterizado pelo mesmo tom ridículo de insinceridade que emanou representativamente das nações na grande celebração de Kiel mencionada no capítulo anterior. Enquanto os poderes civis proclamavam assim a paz com o tremendo estrondo dos canhões, os poderes eclesiásticos a proclamam com um grande, ousado e presunçoso compromisso em detrimento da verdade e da justiça. Está chegando o tempo em que o próprio Senhor falará de paz às nações (Zac. 9:10); mas isso só acontecerá depois que ele tiver primeiro manifestado sua presença no turbilhão da revolução e na tempestade da tribulação. – Naum 1:3.

Do seu próprio ponto de vista, o Parlamento foi declarado um grande sucesso, e os irrefletidos, sempre encantados com barulho, brilho e espetáculo, responderam: "Amém!" Eles imaginam tolamente que todo o mundo não regenerado será reunido em um único vínculo universal de unidade religiosa e fraternidade; e, no entanto, todos continuarão a pensar, agir e tatear na escuridão da ignorância e da superstição, e a trilhar os caminhos ímpios acima mencionados, exatamente como sempre fizeram, recusando "a luz que brilha no rosto de Jesus Cristo" – que é a única luz verdadeira. (2 Cor. 4:6; João 1:9; 3:19) E os cristãos estão se regozijando com essa perspectiva e saudando tal evento imaginário como o mais glorioso da história.

Mas, embora a impressão geral criada pelo grande Parlamento fosse de que se tratava do primeiro passo — e um passo longo — rumo à concretização da mensagem do anjo no nascimento de Cristo, de paz na terra e boa vontade para com os homens, quando analisada com rigor, essa era mais uma manifestação da infidelidade da cristandade. Certamente, como diz o profeta: "A sabedoria dos seus sábios perecerá, e o entendimento dos seus

homens prudentes será ocultada." (Isaías 29:14) E, mais uma vez, ouvimos
ele dizer: "Uniam-se, ó povos, e serão despedaçados; e prestem atenção, todos vós das terras distantes: cingam-se [unam-se] e serão despedaçados. Conselhem-se juntos, e isso se tornará nulo; falem a palavra [pela Unidade] e ela não se manterá." – Isaías 8:9, 10.

Com o salmista, gostaríamos de propor novamente a pergunta: "Por que os povos imaginam coisas vãs? [Por que clamam: 'Paz! Paz!', quando não há paz?] Os reis da terra [civis e eclesiásticos] se levantam, e os governantes se aconselham juntos, contra o Senhor e contra o seu Ungido, dizendo: 'Vamos romper as suas amarras e livrar-nos das suas cordas'."

"Aquele que está sentado nos céus rirá; o Senhor zombará deles. Então lhes falará em sua ira e os atormentará em seu profundo desagrado." – Salmos 2:1-5.

Quando o povo escolhido de Deus — o Israel espiritual de hoje, assim como o Israel carnal da antiguidade — abandona a Sua Palavra e a Sua orientação, e procura aliar-se às nações que não conhecem a Deus, bem como misturar a verdade divina com as filosofias do mundo, ele dá esses passos correndo um perigo do qual não tem consciência; e faria bem, de fato, em observar as recompensas que Deus dispensou ao seu antigo povo e tomar isso como advertência.

Vários resultados muito desfavoráveis do Parlamento são claramente perceptíveis:

(1) Ele introduziu na mente já instável dos cristãos as diversas filosofias pagãs, e isso em seus aspectos mais favoráveis. Posteriormente, soubemos que um dos delegados da Índia ao Parlamento – o Sr. Virchandi
R. Gandhi, de Bombaim, secretário da Sociedade Jainista – havia retornado aos Estados Unidos para divulgar suas ideias, estabelecendo Chicago como sua sede. Citamos a seguinte descrição publicada sobre seus objetivos: "O Sr. Gandhi não vem para fazer prosélitos. As regras da fé jainista proíbem isso; mas

ele vem para fundar uma escola de filosofia oriental, cuja sede ficará em Chicago, com filiais em Cleveland, Washington, Nova York, Rochester e outras cidades. Ele não vem como missionário para converter os americanos a qualquer forma de hinduísmo. Segundo sua própria concepção, 'a verdadeira essência do culto hindu não é a propaganda, mas o espírito — o espírito universal de amor e poder, que responde à concretização da fraternidade, não apenas entre os homens, mas entre todos os seres vivos, algo que, embora seja de fato almejado por todas as nações, ainda é ignorado na prática pelo mundo'. Em linhas gerais, esses são os princípios de seu credo e a plataforma na qual ele se posiciona, não implorando aos americanos que se juntem a ele, mas disposto a contar com a cooperação deles."----

Sem dúvida, a impressão deixada em muitas mentes é a de que não há certezas religiosas. Tal conclusão foi até mesmo sugerida por um dos delegados da Síria — Christophore Jibara, que disse:

"Meus irmãos e irmãs na adoração a Deus: todas as religiões agora presentes neste congresso geral e religioso *são equivalentes entre si aos olhos do mundo inteiro*. Cada uma dessas religiões tem adeptos que reconhecem e preferem a sua própria religião às outras, e eles podem apresentar alguns argumentos ou razões para convencer os demais do valor e da verdade de sua própria forma de religião. A partir dessas discussões, pode ocorrer uma mudança; *talvez até mesmo dúvidas sobre todas as religiões*; ou a suposição de que todas elas são crenças idênticas. *E, portanto, a estima por cada religião pode cair ou diminuir; pode surgir dúvida contra todos os livros inspirados, ou pode ocorrer um descuido geral, e ninguém permanecerá aderindo a uma determinada religião*, e muitos podem negligenciar inteiramente os deveres da religião, devido à inquietação em seus corações e à opinião que prevalece em uma forma de religião, *exatamente como está ocorrendo entre muitos milhões na Europa e na América. Portanto, penso que um comitê deveria ser selecionado entre as grandes religiões, para investigar os dogmas e elaborar*

uma comparação completa e perfeita, aprovando a verdadeira e anunciando-a ao povo."

(2) Isso criou uma amizade especial entre "Babilônia, a grande, a mãe das prostitutas", a Igreja de Roma, e suas muitas filhas, as diversas seitas protestantes, que se gloriam em sua vergonha e se orgulham de possuir essa relação de má reputação.

(3) Deu-se um grande passo, que será seguido por outros já propostos, rumo à afiliação, em certo sentido, de todas as religiões — rumo a uma união ainda mais estreita entre a igreja (nominal) e o mundo. Foi anunciado publicamente pelo presidente, na última sessão do Parlamento, que uma "proclamação de fraternidade seria emitida para promover a continuidade, em todas as partes do mundo, da grande obra na qual os congressos de 1893 se empenharam".

(4) Isso praticamente dizia aos pagãos que não há realmente necessidade de missões cristãs; que os próprios cristãos estão inseguros quanto à sua religião; que suas próprias religiões são boas o suficiente, se seguidas com sinceridade; e que o cristianismo, para dizer o mínimo, só pode ser recebido com uma grande dose de descrença. É motivo de espanto observar como os representantes pagãos avaliaram o cristianismo nominal; como claramente fizeram distinções entre o cristianismo da "cristandade" e o cristianismo da Bíblia; e com que veem suas repreensões eram frequentemente proferidas.

(5) Dizia à cristandade perturbada: "Paz! Paz!", quando não há paz, em vez de soar o alarme, como diz o Profeta (Joel 2:1): "Tocai a trombeta em Sião e soai o alarme no meu monte santo; pois o dia do
Senhor está chegando, pois está muito próximo"; e exortando a todos a se humilharem sob a poderosa mão de Deus.

(6) Era evidentemente uma medida política, originada nos temores dos líderes da cristandade, ao perceberem

a aproximação das tribulações desse dia do Senhor; e o movimento teve seu início na igreja presbiteriana, que se encontrava perturbada e perplexa. Esse clamor de "Paz! Paz!" bem no meio da tempestade que se aproxima nos lembra a profecia: "Quando disserem: 'Paz e segurança', então lhes sobrevirá de repente a destruição." – 1 Tess. 5:3.

Que os filhos de Deus não se deixem enganar pelas falsas previsões de Babilônia. Somente em Deus podemos encontrar um refúgio seguro. (Salmo 91) Unamo-nos mais estreitamente em torno da cruz de Cristo, que é nossa única esperança. Que a irmandade universal das falsas religiões e do cristianismo apóstata comprove o valor desse relacionamento; mas reconheçamos apenas a irmandade em Cristo — a irmandade de todos os que confiam somente em Cristo para a salvação, por meio da fé em seu precioso sangue. Outros homens não são filhos de Deus e não o serão até que venham a Ele pela fé em Cristo como seu redentor, seu substituto. Eles são os "filhos da ira", assim como nós éramos antes de nos tornarmos parte de Cristo (Ef 2,3); e alguns são os "filhos do Maligno", cujas obras praticam. Quando Deus condenou Adão e sua posteridade à morte, por causa do pecado, Ele deixou de reconhecê-los e tratá-los como filhos. E somente quando os homens se voltam para Cristo pela fé em seu precioso sangue é que são reintegrados nessa relação abençoada com Deus. Consequentemente, se já não somos filhos da ira, mas somos reconhecidos por Deus como seus filhos por meio de Cristo, os outros homens, que não são assim reconhecidos por Deus, não são, em nenhum sentido, nossos irmãos. Que todos os filhos da luz vigiem e sejam sóbrios (1 Tess. 5:5, 6); que os soldados da cruz sejam valentes pela verdade e não aceitem nenhum outro evangelho, mesmo que seja anunciado por um anjo do céu (Gál. 1:8); e que não negociem nenhuma união com nenhuma classe, a não ser com os seguidores consagrados e fiéis do "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo".

Enquanto a igreja nominal se mostra assim disposta e ansiosa por fazer concessões e se unir a todas as religiões pagãs da

mundo em uma grande "*religião* mundial" que perpetuaria todas as suas falsas doutrinas e práticas malignas, ouçamos algumas admissões e declarações de fatos por parte de outros que não estão tão obcecados com a ideia da unidade religiosa — fatos que mostram a condição deplorável do mundo, os resultados nefastos das falsas religiões e a total falta de esperança de alguma vez converter o mundo por meio da igreja em sua condição atual. Somente quando a igreja — não a falsa, mas a verdadeira igreja, cujos nomes estão escritos no céu, os leais e fiéis consagrados, gerados e guiados pelo espírito de Deus — for investida de poder do alto, somente quando ela tiver alcançado seu pleno desenvolvimento e tiver sido exaltada com Cristo no Reino milenar, é que ela será capaz de realizar a conversão do mundo a Deus e à sua justiça.

Em uma edição da revista **Missionary Review**, de alguns anos atrás, encontramos o seguinte reconhecimento do fracasso da igreja na obra de conversão do mundo:

"Mil milhões de almas, dois terços da raça humana — pagãos, muçulmanos —, a maioria delas ainda não viu uma Bíblia nem ouviu a mensagem do evangelho. Para esses mil milhões, menos de 10 mil missionários protestantes, incluindo homens e mulheres, são atualmente enviados pelas igrejas da cristandade. O Tibete, quase toda a Ásia Central, o Afeganistão, o Baluchistão, quase toda a Arábia, a maior parte do Sudão, a Abissínia e as Ilhas Filipinas não têm nenhum missionário. Grandes regiões da China Ocidental e do Estado Livre do Congo Oriental e Central, grandes partes da América do Sul e muitas das ilhas do mar estão quase ou totalmente desocupadas."

Um pequeno panfleto intitulado "Um Século de Missões Protestantes" – do Rev. Tiago Johnston, F.S.S. — apresenta os seguintes números, que, como foi observado, são "suficientemente alarmantes para chocar a cristandade". A mensagem do panfleto é que (1) o protestantismo tem

conquistou apenas 3.000.000 de convertidos do paganismo nos últimos cem anos, enquanto o número de pagãos aumentou, nesse período, em pelo menos 200.000.000. (2) O rápido avanço do paganismo não se deve meramente ao crescimento natural das populações pagãs, mas ao fato de que os adeptos de Brahma, Buda e Maomé podem se orgulhar de ter mais convertidos às suas crenças do que as igrejas cristãs protestantes. Assim, para cada convertido ao cristianismo que o hinduísmo perdeu, ele ganhou mil das tribos aborígenes da Índia, que está constantemente absorvendo. O budismo está fazendo progressos notáveis entre as tribos das dependências do norte da China — chegando até mesmo a seguir os emigrantes chineses e a erguer seus templos peculiares em solo australiano e americano. Mas o progresso mais extraordinário de todos foi alcançado pelo maometismo. Em certas partes da África, ele está se espalhando com uma rapidez surpreendente. Da mesma forma, em um grau menor, mas ainda assim rápido, na Índia e no arquipélago. Esses são fatos que o senhor se sente obrigado a admitir, mas ele se esforça para silenciar as críticas afirmando que a igreja ainda pode realizar a conversão do mundo. Ele tenta demonstrar que as igrejas protestantes dispõem de amplos recursos, tanto financeiros quanto humanos, para mudar todo o panorama das coisas e evangelizar o mundo; e o **Methodist Times**, citando o texto acima, expressou a mesma opinião, acrescentando com orgulho:

"Ninguém precisa ficar atordoado com os fatos terríveis que acabamos de mencionar brevemente. Deus ordenou tão bem o curso dos
acontecimentos nos últimos cem anos de tal forma que estamos *perfeitamente aptos* a conquistar todo o mundo pagão em nome do Senhor. O que fizemos prova o que poderíamos ter feito se tivéssemos nos dotado dos dois elementos *essenciais para o ser humano: uma política ousada e dinheiro em abundância*."

Diz outro teórico: "Se tivéssemos *um décimo da renda dos membros da igreja,* isso seria plenamente suficiente para todo o trabalho do evangelho no país e no exterior. Ou se tivéssemos, para o trabalho no exterior, *um décimo de suas economias anuais, após o pagamento de todas as despesas domésticas*,

poderíamos enviar 12.000 missionários ao campo de uma só vez."----

Sim, o dinheiro é a única coisa considerada necessária. Se a igreja nominal pudesse apenas suscitar um espírito de abnegação suficiente para garantir um décimo da renda dos membros da igreja, ou mesmo um décimo de suas economias anuais, a salvação do mundo começaria a parecer mais promissora para eles. Mas essa é uma das características mais desesperadoras dessa esperança ilusória. Seria mais fácil converter parcialmente os pagãos à profissão de fé cristã do que vencer, nessa medida, o espírito do mundo nas igrejas.

Mas se os doze mil missionários acima mencionados pudessem ser enviados para o campo missionário no exterior de uma só vez, teriam mais sucesso do que seus irmãos nesta terra privilegiada? Ouça a confissão pertinente do falecido e conhecido clérigo protestante, o Rev. T. DeWitt Talmage. Ele disse, conforme relatado no *The Christian Standard*:

"Ah! Temos uma magnífica estrutura eclesiástica neste país; temos sessenta mil ministros; temos música de alto custo; temos excelentes escolas dominicais; e, ainda assim, apresento a vocês a estatística assustadora de que, nos últimos vinte e cinco anos, as igrejas neste país tiveram, em média, menos de duas conversões por ano cada uma.

"Houve uma média de quatro ou cinco mortes nas igrejas. A esse ritmo, em quanto tempo este mundo será levado a Deus? Ganhamos dois; perdemos quatro. Deus eterno! A que isso vai dar? Digo-lhes claramente que, embora aqui e ali um regimento da tropa cristã esteja avançando, a igreja está, em sua maior parte, recuando para a terrível derrota de Bull Run."

Há algum tempo, o cônego Taylor, da Igreja Anglicana, discutiu a questão: "As missões cristãs são um fracasso?", e o artigo foi lido perante o Congresso da Igreja Anglicana. Nele, ele defendeu que a religião muçulmana não só é igual ao cristianismo em alguns aspectos, como é muito melhor

às necessidades e capacidades de muitos povos da Ásia e da África; que, em seu ritmo atual de progresso, o cristianismo nunca poderá esperar superar o paganismo. Estimando o excedente de nascimentos sobre as mortes na Ásia e na África em 11.000.000 por ano, e o aumento anual de cristãos em 60.000, as sociedades missionárias levariam 183 anos para superar o aumento de um ano na população pagã. Ele disse:

"Extorquir das crianças da escola dominical seus centavos economizados, com o objetivo ostensivo de converter 'os pobres pagãos', e gastar quase 12.000 libras por ano em missões infrutíferas em terras onde não há pagãos, parece-me ser quase um crime; o crime de obter dinheiro sob falsos pretextos."

Ao expressar sua opinião sobre a causa dos fracassos missionários — que seria o sectarismo, aliado à falta de total consagração à obra por parte dos missionários, que se esforçam para viver como príncipes, rodeados de luxos que superam os europeus —, o Sr. Taylor referiu-se ao Dr. Legge, um missionário com trinta e quatro anos de experiência, dizendo:

"Ele acredita que não conseguiremos fazer convertidos enquanto o cristianismo se apresentar contaminado pelas amargas animosidades internas das seitas cristãs e for associado, na mente dos nativos, à embriaguez, à devassidão e ao gigantesco mal social que se destaca entre as nações cristãs. O bispo Steere considerava que os dois maiores obstáculos ao sucesso eram as disputas entre os próprios missionários e a rivalidade entre as sociedades."

Mas enquanto o cônego Taylor e muitos outros, cujos sentimentos foram expressos no grande Parlamento Religioso, silenciariam as críticas dizendo-nos que as religiões pagãs são boas o suficiente e mais adequadas às necessidades dos respectivos países do que o cristianismo seria, temos uma sugestão diferente do relatório do falecido bispo Foster, da Igreja Metodista Episcopal, que, após uma longa viagem pelo mundo há anos, apresentou o seguinte quadro da triste condição do mundo nas trevas do paganismo. Ele disse:

"Convoque em seu auxílio todas as imagens de pobreza e degradação que você já viu em lugares solitários de extrema miséria — aqueles casos tristes que o assombraram com horror depois que você passou por eles, aquelas moradas sombrias de imundície e miséria desoladora: junte-as em uma única imagem, sem o alívio de um único tom de escuridão atenuada ou luz colorida, e pendure-a sobre metade do globo; mesmo assim, ela não conseguirá igualar a realidade. Você deve incluir nela a perspectiva sombria de uma continuidade sem esperança; deve retirar dela toda a esperança, até mesmo toda a aspiração. A característica marcante do paganismo é a pobreza. Você nunca viu a pobreza. É uma palavra cujo significado você desconhece. O que você chama de pobreza é riqueza, luxo. Pense nela não como algo ocasional, não como algo restrito a periferias, não como algo excepcional em locais de miséria mais profunda, mas como algo universal, que abrange todo o continente. Inclua nela a fome, a nudez, a bestialidade; retire dela a expectativa de um amanhã melhor; encha a África com ela, encha a Ásia com ela; preencha a visão com homens, mulheres e crianças em uma multidão mais de vinte vezes maior do que a população de todas as suas grandes cidades, vilas, aldeias e distritos rurais, vinte para cada um em todos os seus estados e territórios — mesmo assim, a imagem não consegue alcançar a realidade.

"Incorpore agora à imagem o matiz moral da ausência de Deus, da ausência de esperança; pense nesses milhões de miseráveis, vivendo como bestas neste mundo e sem antecipar nada de melhor para o mundo vindouro. Incorpore à imagem a lembrança de que eles são seres que possuem a mesma humanidade que nós, e considere que não há corações entre todos esses milhões que não tenham anseios humanos e que não possam ser purificados e enobrecidos; que essas terras, sob o fardo de tamanha miséria, poderiam se equiparar — e muitas delas até mesmo superar — à terra em que habitamos, se tivessem o que pudéssemos lhes dar. Pinte um céu sem estrelas, cubra sua imagem com a noite, envolva as montanhas com longas e extensas vistas de escuridão, estenda as cortinas profundamente ao longo de cada costa e paisagem, escureça todo o passado, deixe o futuro envolto em uma noite cada vez mais profunda, preencha a terrível escuridão

com homens famintos e de rosto triste, mulheres atormentadas pela dor e crianças sem esperança: este é o mundo pagão — o povo visto em visão pelo antigo profeta, "que se assenta na região e na sombra da morte"; a quem ainda não chegou nenhuma luz, permanecendo ali imóvel, durante a longa, longa noite, esperando e vigiando pela manhã.

"Mil milhões na região e na sombra da morte; a mesma região onde seus pais viveram há dois mil e quinhentos anos, ainda esperando, passando pela vida em uma pobreza tão extrema que não conseguem suprir nem mesmo suas necessidades mais básicas; milhões deles sobrevivendo de raízes e ervas e do suprimento precário que a natureza, não subjugada pela razão, pode fornecer. Aqueles que vivem sob formas de governo e semicivilização, que, de certa forma, regulam a propriedade e impõem o trabalho, depois que seus tiranos lhes roubaram seus ganhos, não dispõem, em média, para a subsistência de si mesmos e de seus filhos, nem mesmo três centavos por dia, ou seu equivalente — o que não é suficiente para sustentar um animal; multidões deles mal alimentadas, mal vestidas, vivendo em currais e chiqueiros impróprios até mesmo para porcos, sem qualquer provisão para suas necessidades humanas. Oprimidos pela tirania da força bruta até que todos os traços distintivos da humanidade sejam apagados deles, exceto a forma ereta e os anseios mudos e cegos, inextirpáveis, por algo que eles próprios não sabem o que é — esses são os pagãos, homens e mulheres, nossos irmãos e irmãs.

"As sombras sombrias e medonhas do quadro nos gelariam, se não fossem projetadas na perspectiva e pelo brilho e dourado que a imaginação lhes confere. Do nosso ponto de vista de confortável indiferença, eles estão totalmente ocultos. Estão muito distantes, e estamos demasiado ocupados com nossos prazeres para vê-los ou mesmo pensar neles. Eles não surgem na imagem; e, se de alguma forma pensamos neles, é à luz, não da realidade, mas de uma fantasia enganosa. Vemos as grandes cidades e a magnificência dos mikados e rajás, a pompa das cortes e a beleza voluptuosa das paisagens — todas elas transfiguradas pela imaginação e pelo brilho enganador com que as obras de viagem as revestem. Ficamos encantados com a visão. Se olhássemos mais profundamente para a questão dos lares do povo e

sua condição religiosa, mais uma vez somos atraídos pelos grandes templos e pelos esboços fantasiosos dos viajantes de alguma cena doméstica pitoresca e convidativa. Sentimo-nos consolados. O mundo pagão não está em situação tão ruim assim, afinal, dizemos. Eles têm sua religião; têm seus prazeres. Esse é o pensamento reconfortante com o qual contemplamos o mundo. Oh, ilusão fatal! O quadro real permanece nas sombras. Os milhões miseráveis, tateantes e pecadores, sem Deus e sem esperança, sem lar, embrutecidos, sem amigos, nascidos para uma herança de noite sem raios e condenados a viver e morrer na escuridão sem estrelas — esses não são vistos. Eles estão lá, vagando nessas sombras da morte, esqueléticos, famintos, nus e sem esperança, quase como bestas selvagens; não são poucos, agachados nos becos e escondendo-se, como infelizes, de seus semelhantes; mas são milhões e milhões, preenchendo todas aquelas terras pintadas com fantasia e lotando as ruas e avenidas de suas magníficas cidades, e nos horrorizando, se pudéssemos vê-los, com sua multidão. Lá seus pais viveram e morreram sem esperança. Lá eles arrastam suas vidas miseráveis. Lá seus filhos nascem para o mesmo destino. Lá, vivos ou mortos, ninguém se importa com suas almas.

"Esse é o mundo não cristão. Possui grandes cidades, grandes templos, mausoléus magníficos, alguns tiranos mimados que se envolvem em adornos de ouro, mas o brilho de seus santuários e tronos recai sobre um pano de fundo de noite de ébano, no qual milhões se encolhem de medo, fome e carência. Eu os vi, em seus lares tristes e orgias diabólicas, do Bósforo ao Ganges, em seus templos e em suas festas, encolhidos e curvando-se diante de ídolos sinistros, imagens de pedra e deuses-macacos; vi-os vagando pelas ruas e ao longo das estradas; vi seus rostos sem brilho, sem esperança e famintos, e essa imagem nunca poderá ser apagada da memória.

"Acho que devemos concordar que não há esperança para o homem no mundo não cristão. Ele não tem nada a nos oferecer, nem um raio de luz, nem uma migalha. Pesa como um fardo pesado no pescoço da raça humana, afundando-a cada vez mais na noite, na morte. Seu próprio hálito é contagioso. Seu toque é a morte. Sua presença nos aterroriza como um espectro gigantesco do reino da noite, elevando-se e balançando através dos séculos e obscurecendo todas as épocas.

"Não coloco em dúvida se esses incontáveis milhões poderão ser salvos no mundo vindouro. Não afirmo que dar

o evangelho a eles melhorará suas perspectivas ou aumentará de alguma forma suas chances nesse sentido. Possivelmente, tantos deles serão salvos sem o evangelho quanto com ele. Essa questão não faz parte do problema que estou discutindo — a perspectiva do mundo —, com o que me refiro à perspectiva para o tempo, não para a eternidade. Se o pensamento terrível pudesse, alguma vez, tomar conta da minha mente de que o mundo inteiro deve, por necessidade, estar perdido para sempre, simplesmente por serem pagãos, eu não lhes enviaria o evangelho que revelasse tal Deus. Esse pensamento sombrio, por si só, excluiria toda a esperança para o mundo e tornaria a própria eternidade uma masmorra, independentemente de quem pudesse ser salvo. Pois como poderia qualquer criatura racional desfrutar sequer de um céu com um Deus cujo governo permitisse tal mancha de vergonha e desonra, de crueldade e injustiça? Convença os homens de que existe um Deus à frente do universo, que, sem culpa alguma da parte deles, nem qualquer chance de escapar, condenará os mortos, os vivos e os milhões de pagãos que ainda estão por nascer, e, ao mesmo tempo, transformará a Terra em um terror gigantesco, onde horrores medonhos não permitirão nenhum alívio, e você tornará para sempre impossível que ele seja adorado por qualquer outro que não sejam os demônios, e por eles apenas porque se torna seu chefe."

O bispo também mencionou o fato de que, embora a população mundial seja estimada em 1.450.000.000, quase 1.100.000.000 não são cristãos; e que muitos (sim, quase todos) dos que se dizem cristãos são pagãos ou anticristãos. Então, diante do fracasso da Igreja em converter o mundo ao longo de mil oitocentos anos e da impossibilidade dessa tarefa, ele tentou isentar a Igreja da responsabilidade que ela assumiu, sugerindo que esses milhões de pagãos devem ser salvos sem fé em Cristo. E, a fim de isentar Deus da responsabilidade pelo sofrimento atual entre os homens, ele disse: "Deus está fazendo o melhor que pode com o poder que possui."

*O jornal *Church Times** publicou, há alguns anos, um artigo escrito por um maori, cujos trechos a seguir são muito reveladores da causa do fracasso da igreja em iluminar o mundo de forma significativa. A carta foi publicada originalmente em um

jornal da Nova Zelândia, e tem o seguinte teor:

"Vocês publicaram, há alguns dias, o relato do que ocorreu em uma reunião de maoris, convocada pelo bispo de Christchurch. Eu estava presente na reunião e gostaria que me dessem a oportunidade de responder a uma das perguntas que nos foram feitas pelo bispo, a saber: 'Por que o fogo da fé cristã está tão fraco entre o povo maori da minha diocese?' Vou lhes dizer qual acredito ser a razão. Nós, maoris, estamos *confusos e perplexos* diante da maneira extraordinária como vocês, europeus, tratam sua religião. Ninguém entre vocês parece ter certeza se ela significa alguma coisa ou nada. A pedido dos primeiros missionários, substituímos a religião de nossos antepassados — que eles chamavam de falsa — por aquela que nos disseram ser a verdadeira. Aceitamos o Livro que contém a história e os preceitos da "Verdadeira Religião" como sendo realmente a Palavra de Deus, vinculativa para nós, suas criaturas. Oferecíamos diariamente, de manhã e à noite, adoração ao Criador em todos os pahs e aldeias por toda a Nova Zelândia. Santificávamos o sétimo dia, abstendo-nos de qualquer tipo de trabalho por respeito ao mandamento divino e, pela mesma razão, abolimos a escravidão e a poligamia, embora, ao fazê-lo, tenhamos desorganizado completamente nosso sistema social, reduzido nossa nobreza à pobreza e infligido muita dor àqueles que foram forçados a romper alguns dos laços mais ternos das relações humanas. Justamente quando estávamos começando a educar nossos filhos para conhecer e obedecer a Deus, conforme manifestado em Jesus Cristo, os europeus chegaram em grande número a este país. Eles visitaram nossas aldeias e pareciam muito amigáveis, mas percebemos que não davam à Bíblia o mesmo respeito que nós, novatos, dávamos. Os católicos romanos nos disseram que somente eles conheciam a interpretação correta e que, a menos que nos uníssemos a eles, nossas almas estariam perdidas. Seguiram-se os batistas, que ridicularizaram o fato de apresentarmos nossos filhos a Cristo no batismo e nos disseram que, como não havíamos sido imersos, não éramos cristãos batizados de forma alguma. Em seguida vieram os presbiterianos, que afirmaram que o ofício de bispo não tinha fundamento nas Escrituras e que, ao nos submetermos à confirmação pelo bispo Selwyn, havíamos passado por uma cerimônia sem sentido. Por fim

vieram os Irmãos de Plymouth, que nos disseram que Cristo nunca instituiu uma igreja visível nem um ministério algum, mas que cada um deveria ser seu próprio ministro e formular seu próprio credo.

"Além da confusão em nossas mentes causada pelo exemplo ímpio da maioria dos europeus e pelos ensinamentos contraditórios ministrados pelos líderes religiosos, ficamos perplexos com o comportamento do governo, que, embora professasse estar vinculado à lei moral contida na Bíblia, não hesitou, quando ficamos indefesos, em quebrar as promessas solenes que nos havia feito quando éramos mais numerosos e fortes do que os europeus. Grande foi nossa surpresa quando o Parlamento, composto não por homens ignorantes e de origem humilde, mas por cavalheiros europeus e cristãos professos, retirou a Bíblia das escolas e, ao mesmo tempo em que instruía os professores a ensinar diligentemente às crianças da Nova Zelândia todos os tipos de conhecimento, ordenou-lhes que, sob nenhuma circunstância, lhes ensinassem nada sobre a religião cristã, nada sobre Deus e suas leis. Meu mestre pagão me ensinou a temer e reverenciar os Poderes Invisíveis, e meus pais me ensinaram a ordenar cada ação da minha vida em obediência aos Atuas, que me puniriam se eu os ofendesse. Mas meus filhos não são ensinados agora nas escolas deste país cristão a reverenciar nenhum ser acima de um policial, nem a temer nenhum Juízeiro de suas ações acima de um magistrado residente.

"Acho que, quando o bispo da Igreja de Cristo nos fez, outro dia, a pergunta a que já me referi, poderíamos muito bem ter pedido a ele que nos dissesse primeiro por que o fogo da fé arde tão fracamente entre seu próprio povo. Poderíamos ter citado palavras apropriadas daquele Livro que os ingleses querem que todos, menos eles mesmos, tomem como regra de vida e reverenciem como a Palavra do Deus vivo: 'Médico, cura-te a ti mesmo'.

"Podem os maoris ignorantes ser culpados por sua tibieza no serviço a Deus, cuja existência, segundo lhes diz um de seus ministros ordenados, nenhum homem na cristandade pode provar? Às vezes penso, senhor, que meus filhos teriam tido mais chances de se tornarem homens e mulheres honrados e teriam tido melhores perspectivas de felicidade quando chegasse a hora de

que eles entrassem no mundo invisível e encontrassem seu Criador, se, como o primeiro rei maori (Potatu), eu tivesse me recusado a professar abertamente sua religião até que, como ele disse: 'Vocês tivessem decidido entre si o que realmente é religião'. Acho que é melhor a crença verdadeira no mundo espiritual invisível que sustentou meus antepassados do que a fantasia que o povo europeu nos pediu para substituí-la.

Atenciosamente, etc., "TANGATA MAORI".

O trecho a seguir, extraído de um artigo publicado na *North American Review* por Wong Chin Foo, um chinês instruído, formado em uma de nossas faculdades da Nova Inglaterra, apresenta razões igualmente sugestivas para preferir a religião de seus antepassados ao cristianismo. Wong Chin Foo disse:

"Nascido e criado como pagão, aprendi e pratiquei seu código moral e religioso; e, agindo de acordo com ele, fui útil a mim mesmo e a muitos outros. Minha consciência estava limpa, e minhas esperanças quanto à vida futura não eram ofuscadas por dúvidas perturbadoras. Mas, por volta dos dezessete anos, fui transferido para o seio de sua ostensiva civilização cristã e, nesse período da vida em que tudo deixa marca, o cristianismo apresentou-se a mim, a princípio, sob seus aspectos mais sedutores; amigos cristãos bondosos tornaram-se particularmente solícitos em relação ao meu bem-estar material e religioso, e eu estava mais do que disposto a conhecer a verdade. Então fui persuadido a dedicar minha vida à causa das missões cristãs. Mas, antes de assumir essa nobre missão, a doutrina cristã que eu ensinaria precisava ser aprendida, e ali, no limiar, fiquei perplexo com a multiplicidade de seitas cristãs, cada uma reivindicando o monopólio do único e estreito caminho para o céu.

"Investiguei o presbiterianismo apenas para recuar, estremecendo, diante da crença em um Deus impiedoso que há muito havia predestinado a maior parte da indefesa raça humana a um inferno eterno. Pregar tal doutrina a pagãos inteligentes apenas suscitaria em suas mentes dúvidas sobre minha sanidade, se é que não acreditariam que eu estivesse mentindo. Então, mergulhei nas doutrinas batistas, mas encontrei tantas seitas com diferentes 'formas', disputando os méritos do batismo com água fria e o método e o momento de aplicá-lo, que fiquei repugnado com tais trivialidades; e o

A questão da comunhão restrita ou não apenas me deu a impressão de que alguns eram muito mesquinhos e exclusivos com seu pedaço de pão e vinho, e outros um pouco menos. O metodismo me pareceu uma religião de trovões e relâmpagos — tudo aparência e barulho. Você a atingia, ou ela o atingia, como um espasmo — e assim você "experimentava" a religião. Os congregacionalistas me afastaram com sua rigidez e sua "bondade verdadeira" afetada, além de seu desejo de ter apenas membros de alto nível. O unitarismo parecia ser só dúvida, duvidando até mesmo de si mesmo. Várias outras seitas protestantes baseadas em alguma novidade ou excentricidade — como o quakerismo — eu considerava que não valiam um estudo sério por parte de um não-cristão. Mas em um ponto essa massa de dissidências protestantes concordava cordialmente, e isso era o ódio unânime ao catolicismo, a forma mais antiga do cristianismo. E o catolicismo retribuía com juros essa animosidade. Declarava-se altivamente a única igreja verdadeira, fora da qual não havia salvação – especialmente para os protestantes; que seu prelado principal era o representante pessoal de Deus na Terra; e que ele era infalível. Ali estava a unidade religiosa, o poder e a autoridade com toda a força. Mas, em coro, meus solícitos amigos protestantes me imploraram para não tocar no catolicismo, declarando que ele era pior do que o paganismo – com o que eu concordava; mas a mesma linha de raciocínio também me convenceu de que o protestantismo se enquadrava na mesma categoria. Na verdade, quanto mais eu estudava o cristianismo em suas várias fases e ouvia as críticas de uma seita contra outra, mais tudo isso me parecia "metal que ressoa e címbalos que tilintam".

"Chamem-nos de pagãos, se quiserem, mas os chineses ainda são superiores em administração social e ordem social. Entre quatrocentos milhões de chineses, há menos assassinatos e roubos em um ano do que havia no estado de Nova York. É verdade que a China sustenta um monarca luxuoso cujos caprichos devem ser satisfeitos; no entanto, seu povo é o menos tributado do mundo, tendo nada a pagar a não ser pela terra cultivada, pelo arroz e pelo sal; e, ainda assim, o país não tem um único dólar de dívida pública.

"Os cristãos estão sempre fazendo alarde sobre religião; constroem grandes igrejas e fazem longas orações, e, no entanto, há mais maldade na vizinhança de um único distrito eclesiástico de mil pessoas em Nova York do que entre um milhão de pagãos, sem igreja e sem pregação. Os cristãos falam muito e alto sobre como ser bom e agir com caridade. É tudo caridade e nenhuma fraternidade – 'Aí, cachorro, pegue sua casca de pão e seja grato!' E, portanto, é de se admirar que haja

mais casos de corações partidos e suicídios no único estado de Nova York em um ano do que em toda a China?

"A diferença entre o pagão e o cristão é que o pagão faz o bem pelo simples fato de fazer o bem. Já o cristão, o pouco bem que faz, faz-o em busca de honra imediata e de recompensa futura; ele empresta ao Senhor e quer juros compostos. Na verdade, o cristão é o digno herdeiro de seus antepassados religiosos. O pagão faz muito e fala pouco sobre isso; o cristão faz pouco bem, mas, quando o faz, quer que apareça nos jornais e em sua lápide. Amar as pessoas pelo bem que elas fazem a você é uma ideia cristã prática, não pelo bem que você deveria fazer a elas como uma questão de dever humano. Assim, os cristãos amam os pagãos; sim, os bens dos pagãos; e, na mesma proporção, o amor do cristão cresce em intensidade. Quando os ingleses queriam o ouro e o comércio dos chineses, diziam que queriam "abrir a China para seus missionários". E o ópio era o principal — na verdade, o único — missionário de que se preocupavam quando forçaram a abertura dos portos. E essa infame introdução cristã entre os chineses causou mais danos, sociais e morais, na China, do que todas as agências humanitárias do cristianismo poderiam remediar em duzentos anos. *E sobre vocês, cristãos, e sobre sua ganância por ouro, colocamos o fardo do crime resultante*; de dezenas de milhões de homens e mulheres honestos e úteis enviados, por causa disso, a uma morte prematura após uma vida curta e miserável, além da prostração física e moral que isso acarreta, mesmo quando não mata prematuramente! E essa grande maldição nacional foi imposta a nós sob a ponta das baionetas cristãs. E vocês se perguntam por que somos pagãos? O único ponto positivo que os cristãos incutiram no paganismo é que eles sacrificariam a religião, a honra, os princípios, assim como fazem com a vida, pelo… ouro. E dizem hipocritamente aos pobres pagãos: "Vocês devem salvar sua alma acreditando como nós!". . .

"'Faça aos outros o que você gostaria que fizessem a você' ou 'Ame o seu próximo como a si mesmo' é a grande lei divina que tanto cristãos quanto pagãos professam, mas que os

os cristãos ignoram. É isso que me mantém como o pagão que sou! E convido sinceramente os cristãos da América a conhecerem Confúcio."

O seguinte caso semelhante foi relatado pela imprensa, sobre uma mulher da Índia — Pundita Ramabai — que visitou Boston há alguns anos e se preparava para retornar à Índia a fim de se dedicar ao ensino das mulheres de casta elevada da Índia. Ela não achou fácil dizer a qual denominação cristã pertencia. Um repórter fez a pergunta, e ela respondeu:

"Pertenço à igreja universal de Cristo. Conheço bons batistas, metodistas, episcopais e presbiterianos, e cada um deles me fala algo sobre a Bíblia. Por isso, parece-me melhor ir até lá pessoalmente e descobrir o melhor que puder. [Uma decisão sábia.] E lá encontro Cristo, o Salvador do mundo, e a ele entrego meu coração. Fui batizada quando estava na Inglaterra e comungo com todos os cristãos que me permitem fazê-lo. Não professo pertencer a nenhuma denominação específica, pois voltaria à Índia simplesmente como cristã. A meu ver, parece-me que o Novo Testamento, e especialmente as palavras de nosso Salvador, constituem um credo suficientemente elaborado. Acredito, conforme o Salvador nos disse e conforme sua mensagem, transmitida por João, chegou até nós, que Deus é o espírito, é luz e amor; que Ele criou, ilumina e permeia o universo; que Jesus, seu Filho e Servo, o apóstolo de nossa fé, foi enviado por Ele para ser o salvador e líder de seus filhos; que todos aqueles que crêem nele têm o direito de ser filhos de Deus; e que o espírito santo é nosso guia e consolador, o grande dom de Deus por meio de Cristo; que existe apenas uma Igreja, e que todos os que reconhecem Jesus como seu Salvador são membros dessa Igreja. Acredito que tudo o que for necessário para a minha salvação me será concedido, e rezo fervorosamente para que Deus me conceda a graça de ser um buscador e seguidor da verdade e um praticante de Sua vontade. Em Boston, disseram que eu era unitarista; respondi que não era. Tampouco sou trinitarista. Não compreendo essas invenções modernas de forma alguma. Sou simplesmente um cristão, e o Novo Testamento me ensina minha religião."

Os japoneses convertidos ao cristianismo manifestaram um espírito semelhante; sua nobre conduta foi tanto uma severa repreensão às igrejas nominais e seus credos quanto um belo testemunho do poder da Palavra de Deus. Sobre suas opiniões a respeito dos credos da cristandade e de sua determinação em se ater exclusivamente à Bíblia, temos o seguinte relato publicado:

"Quando o Império Japonês foi aberto ao comércio americano, as igrejas americanas mostraram-se zelosas em converter aquele país às suas diversas confissões de fé. Os missionários enviados perceberam que suas divisões seriam uma barreira eficaz ao sucesso e concordaram em ocultar suas diferenças e trabalhar juntos exclusivamente pelas almas, apresentando simplesmente um único Deus e Cristo crucificado pelos pecadores, até que conseguissem estabelecer uma base firme. A dissimulação teve tanto sucesso que, em 1873, diante do clamor por colheitas sectárias por parte dos conselhos missionários nos Estados Unidos, concordou-se que os convertidos eram suficientemente numerosos para justificar uma divisão dos frutos.

"Mas quando o engano foi cuidadosamente exposto aos convertidos do paganismo, surgiu uma dificuldade inesperada. Esses cristãos japoneses se reuniram e redigiram uma petição, expondo a alegria, a paz e a justiça que haviam encontrado em Cristo Jesus, e se opondo à divisão, contrária à Palavra e ao espírito de Deus, e instando os missionários, uma vez que haviam confessado tal estado de coisas deplorável em seu próprio país, a retornarem aos Estados Unidos e deixarem a evangelização do Japão a cargo deles."

"Cópias dessa petição foram encaminhadas aos diversos conselhos responsáveis pelo apoio e supervisão dos missionários, e foram enviados agentes para investigar e apresentar relatórios. Um desses agentes, cuja carta foi publicada no *jornal The Independent* (Nova York), afirma que, para essas mentes, recém-tiradas das trevas do paganismo, 'as alegrias simples da salvação ofuscam todas as outras considerações' e 'levará muitos anos até que possam ser doutrinados nas sutis distinções que dividem a cristandade'. No entanto, aqueles cujas 'outras considerações' ofuscavam as 'alegrias da salvação' e bloqueavam o amor de Deus perseveraram na obra de divisão. O espírito de Deus, como sempre faz, levou essas almas honestas a se reunirem apenas em nome de Jesus. O mais difícil na obra do missionário sectário é "ensinar ao convertido as sutis distinções que dividem a cristandade". Muito poucos dos adeptos de qualquer seita

na América são assim doutrinados. Eles são preconceituosos e vencidos por outras considerações que não convicções reais. Uma porcentagem muito pequena possui algo parecido com uma consciência lúcida sobre as profissões de fé e as distinções pelas quais se separam de outras seitas."

Tais são os sentimentos dos pagãos inteligentes, desorientados e confusos pelas deturpações do caráter divino e das doutrinas. Mas nos alegramos em saber que, apesar do conflito de credos e da conduta anticristã de multidões de supostos cristãos e das chamadas nações cristãs, todo o esforço missionário cristão entre os povos pagãos não foi em vão, mas que, aqui e ali, as sementes da verdade divina caíram em corações bons e honestos e produziram os frutos da justiça e do verdadeiro caráter cristão. Tais frutos, no entanto, não podem ser atribuídos aos credos, mas à Palavra e ao espírito de Deus, apesar da confusão dos credos humanos. O Senhor se refere às Escrituras do Antigo e do Novo Testamento como "Minhas duas testemunhas" (Apocalipse
11:3), e fielmente eles têm prestado seu testemunho a todas as nações.

Quanto à possibilidade de os religiosos pagãos terem alguma disposição para se afiliar ao cristianismo nominal, não temos indícios afirmativos. Pelo contrário, seus representantes no Parlamento Mundial das Religiões ficaram impressionados principalmente com a inferioridade da religião cristã em relação à avaliação que faziam de suas próprias religiões; mas a "palavra segura da profecia" indica muito claramente que as várias seitas protestantes formarão uma união cooperativa ou federação, e que o catolicismo e o protestantismo se afiliarão, sem que nenhum dos dois perca sua identidade. Esses são os dois extremos dos céus eclesiásticos que, à medida que sua confusão aumenta, se enrolarão como um pergaminho (Isaías 34:4; Apocalipse 6:14) para autoproteção — como rolos distintos e separados, mas em estreita proximidade um do outro.

Para esse desfecho almejado, os protestantes mostram-se dispostos a fazer quase qualquer concessão, enquanto o papado assumiu

uma atitude extremamente conciliatória. Todo observador inteligente está ciente desses fatos; e todo leitor de história conhece o caráter nefasto daquele grande sistema anticristão que agora vê, na grande confusão do protestantismo, sua oportunidade de voltar ao poder. E, embora possua em si mesmo uma força superior à do protestantismo dividido, o grande sistema papal também teme a crise que se aproxima e, por isso, deseja ansiosamente a união da cristandade, papal e protestante, civil e religiosa.

O trecho a seguir, extraído de um artigo do renomado "padre paulista" Walter Elliot, da cidade de Nova York, lido no Congresso Católico Colombiano de 1893, mostra a intenção da Igreja de Roma de tirar proveito da atual confusão do protestantismo. Ele disse:

"O colapso do protestantismo dogmático é a nossa oportunidade. Denominações, 'credo', 'escolas' e 'confissões' estão se desintegrando diante dos nossos olhos. Grandes homens as construíram, e homens medíocres podem demolir. Esta nova nação não pode deixar de olhar com *desdém* para instituições [protestantes] que mal têm o dobro de sua própria curta existência e, ainda assim, estão totalmente decrépitas; não pode deixar de olhar com admiração para uma instituição [a Igreja Católica Romana] em cuja vida a grande república poderia ter percorrido sua trajetória quase vinte vezes. Digo-lhes que o vigor da juventude nacional deve ficar maravilhado com o frescor da religião perene [católica romana] e logo a saudará como divina. Os *dogmas do protestantismo mais antigo* estão desaparecendo da mente de nosso povo ou estão sendo expulsos."----

O Papa Leão XIII, em uma encíclica, ofereceu aos católicos romanos um prêmio para que rezassem pela conversão dos protestantes à Igreja de Roma; o prêmio consistia na libertação, por um tempo, das dores do purgatório. De seu discurso aos protestantes, que constituía uma parte da encíclica, citamos as seguintes palavras:

"É com ardente caridade que nos voltamos agora para aquele povo que, em uma época mais recente, sob a influência de

convulsões excepcionais, temporais e materiais, abandonaram o seio da Igreja Romana. Esquecendo as vicissitudes do passado, que elevem seus espíritos acima das coisas humanas e, sedentos apenas pela verdade e pela salvação, considerem a Igreja fundada por Jesus Cristo. Se, então, compararem suas próprias igrejas com esta Igreja e virem a que ponto a religião chegou entre elas, admitirão prontamente que, tendo esquecido as tradições primitivas em vários pontos importantes, o vaivém das variações as fez deslizar para coisas novas. E não negarão que, das verdades que os autores desse novo estado de coisas levaram consigo quando se separaram, quase nenhuma fórmula certa e autoritária permanece. . . .

"Sabemos muito bem quantos esforços longos e dolorosos são necessários para restabelecer a ordem das coisas que gostaríamos de ver restaurada, e alguns talvez pensem que somos excessivamente otimistas, buscando um ideal mais desejável do que esperável. Mas depositamos toda a nossa esperança e confiança em Jesus Cristo, o Salvador da raça humana, lembrando-nos das grandes coisas que foram realizadas outrora pela chamada loucura da cruz e de sua pregação ao mundo sábio, que observava estupefato e confuso. Imploramos especialmente aos príncipes e governantes, em nome de sua visão política e solicitude pelos interesses de seus povos, que avaliem nossos projetos com equidade e os apoiem com seu favor e autoridade. Mesmo que apenas uma parte dos frutos que esperamos amadureça, o benefício não seria pequeno em meio à rápida decadência atual de todas as coisas, e quando à inquietação predominante se soma o medo do futuro.

"O século passado deixou a Europa exausta por desastres e ainda tremendo com as convulsões pelas quais fora abalada. Não poderia o século que agora chega ao fim legar como herança à raça humana algumas promessas de concórdia e a esperança dos grandes benefícios oferecidos pela unidade da fé cristã?"

Não se pode negar que a tendência do protestantismo é em direção a Roma. Esse foi o verdadeiro significado do papel de destaque concedido aos católicos romanos no grande Parlamento Religioso; e é a ansiedade expressa por todos os interessados no movimento da União Protestante garantir uma aliança, se não uma união, com a

Igreja de Roma. Um dos pontos do credo presbiteriano agora considerado repugnante, e cuja alteração é proposta, é aquele que se refere ao papado como o anticristo.

A seguinte carta de um clérigo metodista sobre a união eclesiástica, endereçada ao cardeal Gibbons, indica fortemente essa tendência entre os protestantes:

Taunton, Massachusetts. "Prezado Cardeal: O senhor está, sem dúvida, familiarizado e interessado no fato de que existe um movimento entre as igrejas protestantes em direção à reunificação. Se tal reunificação vier a ocorrer, por que não incluiria a Igreja Católica Romana? A Igreja Romana não tem algum fundamento a propor sobre o qual todos possamos nos apoiar? Ela não poderia nos encontrar com concessões que poderiam ser temporárias — caso acredite que estejamos errados — até que aprendamos mais perfeitamente sobre Cristo e seus planos?

"De uma coisa tenho certeza: pessoalmente, tenho uma tendência crescente de buscar cada vez mais cuidadosamente o que há de bom em todos os ramos da Igreja Cristã, e percebo que não estou sozinho nisso. Atenciosamente,

Geo. W. King, Pastor da Primeira Igreja Metodista Episcopal."

A isso, o cardeal respondeu da seguinte forma:

Residência do Cardeal, Baltimore.

"Reverendo Geo. W. King, Prezado Senhor: Em resposta à sua carta, peço licença para dizer que suas aspirações pela reunificação da cristandade são dignas de todo elogio.

"Essa reunificação seria apenas fragmentária se a Igreja Católica fosse excluída. Seria também impossível; pois não pode haver união sem uma base bíblica sólida, e essa base encontra-se no reconhecimento de Pedro e de seu sucessor como a cabeça visível da Igreja.

"Não pode haver governo estável sem um chefe, seja na vida civil, militar ou eclesiástica. Todo Estado deve ter seu governador, e toda cidade deve ter seu prefeito ou chefe municipal com algum título. Se as igrejas do mundo buscam um

Chefe, onde encontrarão alguém com o padrão de autoridade ou prescrição, a não ser o Bispo de Roma? – Não em Canterbury nem em Constantinopla.

"Quanto aos termos da reunificação, eles seriam mais fáceis do que se imagina comumente. A Igreja Católica defende todas as doutrinas positivas de todas as igrejas protestantes, e o reconhecimento da supremacia judicial do Papa facilitaria o caminho para a aceitação de suas outras doutrinas. Vocês estão mais próximos de nós do que imaginam. Muitas doutrinas são atribuídas à Igreja que ela repudia.

Atenciosamente em Cristo, *J. Card. Gibbons*."

A isso foi enviada a seguinte resposta e, com o consentimento de ambos os senhores, as cartas foram tornadas públicas no interesse da união almejada.

"Prezado Cardeal: Sua resposta foi lida com muito interesse. Gostaria de perguntar agora se não seria algo sábio e valioso para a Igreja Católica apresentar às igrejas protestantes uma possível base de união (descrevendo o assunto com detalhes suficientes), de certa forma seguindo o modelo das proposições de Chicago-Lambeth da Igreja Episcopal? Sei o quanto a Igreja Metodista — e, na verdade, toda a Igreja Cristã — é mal compreendida por muitos, e considero mais do que possível, e até inevitável, que a Igreja Católica também seja mal compreendida e mal julgada em muitas coisas. Não poderia a Igreja Católica corrigir esse mal-entendido por parte dos protestantes, pelo menos em grande medida, e isso não aceleraria a reunificação almejada?

"Acredito que a atual condição de divisão da cristandade seja repleta de insensatez, vergonha e desonra, e não tenho objeção a uma autoridade central sob certas condições de limitação ou restrição.

Atenciosamente, *Geo. W. King*."

Os sentimentos da popular Sociedade Juvenil do Esforço Cristão em relação à Igreja de Roma eram muito

claramente indicados em sua convenção anual em Montreal, em 1893. Entre os delegados da convenção estava um notável hindu de Bombaim, na Índia, o reverendo Karmarkar, um convertido ao cristianismo protestante. Em suas observações perante a Sociedade, ele afirmou que o catolicismo romano era um obstáculo ao trabalho missionário na Índia. A declaração foi recebida com desaprovação muito manifesta na convenção; mas quando os jornais diários romanistas franceses abordaram o assunto e publicaram o que o hindu havia dito, comentando com raiva sobre o assunto, e, em consequência, uma sessão subsequente da convenção foi perturbada por uma multidão de católicos romanos, o presidente da convenção tentou apaziguar a ira deles levantando-se no meio da assembleia e declarando que ele e os delegados não eram responsáveis pelo Sr. Karmarkar, deixando assim seu convidado sozinho para arcar com o peso da ira deles, por ter testemunhado corajosamente a verdade. Evidentemente, o Sr. Karmarkar era o único protestante naquela convenção, o único que não temia, não simpatizava nem adorava a besta. (Apocalipse 20:4) A seguir, suas palavras, conforme relatadas pelo **The American Sentinel**, em agosto de 1893:

"Há uma correspondência notável entre o culto católico romano e o culto hindu. O catolicismo romano não passa de um novo rótulo nas velhas garrafas do paganismo, contendo o veneno mortal da idolatria. Muitas vezes, os hindus nos perguntam, ao verem o culto católico romano: 'Qual é a diferença entre o cristianismo e o hinduísmo?' Na Índia, temos de lutar não apenas contra o monstro de muitas cabeças que é a idolatria, mas também contra o polvo que é o catolicismo romano."

Entre as poucas vozes que se levantaram em oposição a essa ação da Sociedade Christian Endeavor estavam as seguintes resoluções apresentadas em uma reunião patriótica dos cidadãos de Boston e aprovadas por unanimidade por duas mil pessoas:

"Considerando que, na convenção da Sociedade do Esforço Cristão, atualmente em andamento em Montreal, o reverendo S. V. Karmarkar expôs de forma clara e verdadeira os obstáculos ao progresso do cristianismo na Índia, mencionando as influências desmoralizantes da Igreja Católica Romana, despertando assim a animosidade dos franceses

católicos romanos, que se empenharam em impedir a liberdade de expressão em uma convenção protestante por meio de atos de tumulto; portanto

"Fica *resolvido* que nós, cidadãos protestantes de Boston, apoiamos plenamente o Rev. S. V. Karmarkar por expor corajosamente os fatos; e lamentamos profundamente que um grupo de cristãos tenha procurado apaziguar os católicos romanos por meio de uma votação de reprovação (que foi aplaudida ruidosamente), aparentemente censurando um homem de Deus por dizer a verdade.

"Fica resolvido que uma cópia dessas resoluções seja enviada aos jornais diários e patrióticos e encaminhada ao Rev. S. V. Karmarkar."

Outra instituição protestante popular, o Círculo Literário de Chautauqua, em uma de suas grandes convenções anuais, enviou a seguinte mensagem a uma assembleia semelhante de católicos romanos, instituída mais recentemente e localizada no Lago Champlain. A mensagem foi aprovada por voto unânime e com grande entusiasmo, e dizia o seguinte:

"Chautauqua envia saudações e os melhores votos à Escola de Verão Católica." Em resposta, o chanceler Vincent recebeu o seguinte do Dr. Thomas J. Conarty, diretor da Escola de Verão Católica em Plattsburgh, no Lago Champlain: "Os alunos da Escola de Verão Católica da América estão profundamente gratos pelas cordiais saudações de Chautauqua e, em troca, enviam os melhores votos a Chautauqua."

Outro grupo de protestantes, composto principalmente por covenanters, está muito empenhado em fazer com que esta nação (que, desde o início de sua existência, repudiou a doutrina do direito divino dos reis e que nunca reconheceu o direito de qualquer homem de governar como "rei pela graça de Deus") assuma o manto da profissão cristã
, por mais que isso possa desonrar essa profissão. Um dos principais objetivos desse Movimento Nacional de Reforma, como é chamado, é impor a todos a observância estrita do domingo como dia de culto. E, na esperança de garantir seus objetivos por meio de um voto majoritário do povo, eles estão muito empenhados em aumentar sua influência com o voto dos católicos romanos. Por isso, manifestam sua disposição de fazer praticamente qualquer

concessões, chegando até mesmo a vender sua liberdade religiosa, conquistada com o sangue dos mártires, para obter a cooperação da Igreja de Roma. Ouça a proposta deles, expressa pelo principal órgão da denominação, **The Christian Statesman**, da seguinte forma:

"Sempre que eles [a Igreja Católica Romana] estiverem dispostos a cooperar na resistência ao avanço do ateísmo político, teremos prazer em unir forças com eles. Além disso: 'Podemos
sofrer algumas rejeições em nossas primeiras propostas; pois ainda não chegou o momento em que a Igreja Romana consentirá em unir-se a outras igrejas, como tais; mas chegou a hora de fazer repetidas tentativas e aceitar de bom grado a cooperação em qualquer forma que eles estejam dispostos a oferecer. *É uma das necessidades da situação*. Rev. S. F. Scovel (Presbiteriano).

A mesma revista também definiu o dever do governo dos Estados Unidos da seguinte forma: "Nosso remédio para todas essas influências maléficas é que o governo simplesmente estabeleça a lei moral e reconheça a autoridade de Deus por trás dela, e *intervenha contra qualquer religião que não se conforme a ela*." Sim, "*as necessidades da* situação" estão de fato forçando as forças religiosas da cristandade a assumir posições peculiares, e não é preciso uma observação muito perspicaz para perceber o retrocesso nas engrenagens do progresso religioso; nem para supor onde a liberdade religiosa chegará a um fim abrupto.

Disse um clérigo episcopal, o Rev. F. H. Hopkins, em um artigo publicado na *revista The Century Magazine*:

"De uma coisa tenho certeza: se, na época de qualquer uma das grandes separações entre cristãos no passado, a condição da igreja tivesse sido a mesma de hoje, e se a mentalidade e o temperamento daqueles que se tornaram separatistas naquela época fossem os mesmos de seus representantes atuais, nenhuma separação teria ocorrido. [Muito verdade!] Essa mudança de ambos os lados é, para mim, uma prova de que o Deus da unidade e do amor está, em seu próprio tempo e à sua maneira, reunindo-nos a todos novamente nele. [Mas, para aqueles que não estão embriagados com o espírito ou o vinho da grande Babilônia (Apocalipse 17:2), é uma prova do declínio da piedade e do amor verdadeiros

da verdade; e uma prova de que o espírito daquele nobre movimento, a Grande Reforma, está morto.]"

Ouça, ainda, o testemunho mais sóbrio do arquidiácono Farrar. Ao renunciar ao cargo de editor da *revista *The Review of the Churches**, ele fez esta declaração notável:

"Toda a causa da Reforma está sendo abandonada, e se os leigos afastados não acordarem a tempo e reivindicarem seus direitos como participantes do sacerdócio comum de todos os cristãos, acordarão tarde demais, para se verem membros de uma igreja que se tornou amplamente papista em tudo, exceto no nome."

Enquanto vemos que, neste país, a igreja nominal — tanto a papista quanto a protestante — busca a proteção e a cooperação do Estado; que as diversas seitas estão se unindo para cooperação e defesa mútuas, ignorando suas diferenças doutrinárias e enfatizando seus pontos de concordância; e que todas estão ansiosas por uma união rápida a qualquer preço que não afete sua política, na Europa a situação é, de certa forma, inversa. Lá, os poderes civis sentem mais intensamente sua insegurança e perigo e, consequentemente, buscam nos poderes eclesiásticos a ajuda que estes possam oferecer. Aqui, o olhar languido da igreja se volta suplicante para o Estado, enquanto lá os tronos vacilantes buscam apoio na igreja.

Tal é a infeliz condição daquele grande sistema que agora é levado a julgamento perante o mundo reunido — aquele sistema que orgulhosamente se autodenomina Cristandade (Reino de Cristo), mas que Cristo prontamente e enfaticamente repudia, e muito apropriadamente denomina de "Babilônia". Quão evidente é o absurdo de aplicar o nome de Cristandade aos reinos deste mundo! Será que os profetas retratam tal condição de coisas no glorioso Reino de Deus? Será que o grande Príncipe da Paz andará implorando às nações que reconheçam sua autoridade e lhe concedam seus direitos — de território, de riqueza ou de domínio? Será que ele mendigará uma esmola do camponês mais pobre ou cortejará o favor dos abastados? Ou será que

ele implorará a seus súditos que se mobilizem e exerçam suas energias agonizantes para sustentar seu trono vacilante? Oh, não; com dignidade e autoridade, quando chegar o tempo determinado, ele assumirá seu grande poder e dará início ao seu glorioso reinado; e quem poderá impedir ou obstruir seu caminho?

Assim, há uma união geral das forças existentes, tanto civis quanto eclesiásticas, e uma dependência mútua entre elas; e a isso estão ligados os interesses de todos os ricos, dos grandes e poderosos — os interesses de reis e imperadores, estadistas, senhores e senhoras, autoridades tituladas, padres e bispos, e do clero de todos os graus, grandes capitalistas, banqueiros, corporações monopolistas, etc., etc. O estado atual do conflito não passa de um choque de ideias e de uma preparação geral para a crise iminente. Os poderes eclesiásticos, referidos nas Escrituras como os poderes dos céus (os poderes espirituais nominais), estão se aproximando uns dos outros e, de fato, "os céus serão enrolados como um pergaminho"; mas "enquanto estiverem enrolados *como espinhos* [pois não pode haver uma afiliação pacífica e confortável entre protestantes amantes da liberdade e o espírito tirânico do papado], e enquanto estiverem embriagados como bêbados [intoxicados com o espírito do mundo, o vinho de Babilônia], serão devorados como palha totalmente seca (Naum 1:10), no grande cataclismo de angústia e
anarquia predito na Palavra de Deus como a introdução do Reino Milenar.

* * *

Não queremos que se entenda que estamos incluindo todos os cristãos como "babilônios". Muito pelo contrário. Assim como o Senhor reconhece alguns na Babilônia como fiéis a Ele e se dirige a eles agora, dizendo: "Sai dela, *meu povo*" (Apocalipse 18:4), assim fazemos nós;
e nos alegramos em acreditar que há hoje milhares que não se ajoelharam diante do Baal de nossos dias – Mammon, Orgulho e Ambição. Alguns deles já, em obediência, "saíram dela", e os demais estão agora sendo provados em

neste momento, antes que as pragas sejam derramadas sobre a Babilônia. Aqueles que amam a si mesmos, a popularidade, a prosperidade mundana e a honra dos homens mais do que amam o Senhor, e que reverenciam teorias e sistemas humanos mais do que a Palavra do Senhor, não sairão até que a Babilônia caia e eles passem pela "grande tribulação" (Apocalipse 7:9, 14). Mas tais pessoas não serão considerados dignos de participar do Reino. – Compare Ap. 2:26; 3:21; Mt 10:37; Marcos 8:34, 35; Lucas 14:26, 27.

* * *

"O tempo da angústia se aproxima, 'Apressa-se
grandemente'; Já agora suas ondulações se
espalham pelo mar mundial;
Ó, quando suas ondas se erguerem como montanhas
imponentes, as ondas irresistíveis me varrerão?

"Ou, tomado pelo terror, descobrirei então
Uma presença maravilhosa, de pé em glória
ao meu lado, Caminhando sobre as águas! –
Emanuel – Doador de Vida, Com palavras de
ânimo – 'Não temas – sou eu.'

"Sim, uma mão, forte, mas terna como a de uma
mãe, me levantará das ondas revoltas.
Com uma repreensão suave, mais amorosa do que a
de um irmão: 'Homem de pouca fé! Ó, por que
duvidaste?' "----

ESTUDO VII

AS NAÇÕES REUNIDAS E A PREPARAÇÃO DOS ELEMENTOS PARA O GRANDE FOGO DA INDIGNAÇÃO DE DEUS

Como e por que as nações estão reunidas – Os elementos sociais se preparando para o fogo – O acúmulo de tesouros – O aumento da pobreza – O atrito social à beira da combustão – Uma palavra do presidente da Federação Americana do Trabalho – Os ricos, às vezes, condenados com demasiada severidade – Egoísmo e liberdade em combinação – A independência vista pelos ricos e pelos pobres–Por que as condições atuais não podem continuar – A maquinaria como fator importante na preparação para o grande incêndio – A competição feminina – A visão dos trabalhadores sobre a situação: razoável e irracional – A lei da oferta e da demanda, inexorável para todos – As perspectivas para a concorrência industrial estrangeira são assustadoras – Os temores do Sr. Justin McCarthy em relação à Inglaterra – Kier Hardie, deputado, sobre as perspectivas trabalhistas na Inglaterra – O Exmo. Jos. Chamberlain aos trabalhadores britânicos – A agressão nacional em relação aos interesses industriais – Herr Liebknecht sobre a guerra social e industrial na Alemanha – Resoluções do Congresso Internacional dos Sindicatos – Gigantes da atualidade – Lista de trustes e cartéis – Escravidão bárbara versus servidão civilizada – As massas entre as pedras de moinho de cima e de baixo – As condições são universais e estão além do poder humano de regulá-las.

"Esperai por mim, diz o Senhor, até o dia em que eu me levantar para a presa; pois minha determinação é reunir as nações, para que eu possa reunir os reinos, a fim de derramar sobre eles a minha indignação, sim, toda a minha ira feroz; pois toda a terra será devorada pelo fogo do meu ciúme [ira]. Pois então darei ao povo uma língua pura, para que todos invoquem o nome do Senhor e o sirvam de comum acordo." – Sofonias 3:8, 9.

A REUNIÃO das nações nestes últimos dias, em cumprimento à profecia acima, é muito notável. As descobertas e invenções modernas tornaram, de fato, os confins mais remotos da terra vizinhos uns dos outros. As viagens, os serviços postais, o telégrafo, o telefone, o comércio, a proliferação de livros e jornais, etc., trouxeram o mundo inteiro, em grande medida, para uma comunidade de pensamento e ação até então desconhecida. Essa situação já tornou necessárias leis e regulamentos internacionais que cada nação deve respeitar. Seus representantes se reúnem em conselhos, e cada nação tem, em todas as outras nações, seus ministros ou representantes. As exposições internacionais também surgiram como resultado dessa proximidade entre as nações. Não pode mais haver, por parte de nenhuma nação, aquele exclusivismo que impediria todas as outras nações de acessar seus portos. As portas de todas estão necessariamente abertas e devem permanecer assim; e até mesmo as barreiras das diversas línguas estão sendo facilmente superadas.

Os povos civilizados não são mais estranhos em nenhuma parte da Terra. Suas esplêndidas embarcações transportam seus representantes comerciais, seus enviados políticos e seus curiosos turistas aos recantos mais remotos com facilidade e conforto. Magníficas carruagens ferroviárias levam-nos ao interior, e eles retornam para casa repletos de informações e novas ideias, e inspirados para novos projetos e empreendimentos. Até mesmo as nações pagãs e atrasadas estão despertando de sonhos seculares e olhando com admiração e espanto para seus visitantes estrangeiros, aprendendo sobre suas maravilhosas conquistas. E elas, por sua vez, agora estão enviando seus representantes ao exterior para que possam se beneficiar de seus novos contatos.

Nos dias de Salomão, considerava-se algo maravilhoso que a rainha de Sabá percorresse cerca de 500 milhas para ouvir a sabedoria e contemplar a grandeza de Salomão; mas agora até mesmo muitos dos que não têm título viajam

por todo o mundo — grande parte do qual era então desconhecida — para ver sua riqueza acumulada e conhecer seu progresso; e a volta ao mundo pode agora ser feita com conforto e até mesmo luxo em menos de oitenta dias.

Na verdade, as nações estão "reunidas" de uma maneira inesperada, mas da única maneira pela qual poderiam estar reunidas; a saber, em torno de interesses e atividades comuns; mas, infelizmente, não no amor fraterno, pois o egoísmo marca cada passo desse progresso. O espírito empreendedor, cuja força motriz é o egoísmo, impulsionou a construção das ferrovias, dos navios a vapor, dos telégrafos, dos cabos e dos telefones; o egoísmo regula o comércio e as relações internacionais, bem como todas as demais atividades e empreendimentos, exceto a pregação do evangelho e a criação de instituições de beneficência; e mesmo nessas áreas, é de se temer que muito do que é feito seja inspirado por motivos que não sejam o puro amor a Deus e à humanidade. O egoísmo reuniu as nações e vem preparando-as constantemente para a retribuição predita — e que agora se aproxima rapidamente —, a anarquia, descrita de forma tão vívida como o "fogo do ciúme ou da ira de Deus, que está prestes a consumir totalmente a atual ordem social — o mundo que existe hoje. (2 Pedro 3:7) No entanto, isso se refere apenas ao ponto de vista humano; pois o Profeta atribui essa reunião das nações a Deus. Mas ambas as visões são verdadeiras; pois, embora ao homem seja permitido exercer seu livre arbítrio, Deus, por meio de sua *providência soberana*, está moldando os assuntos humanos para a realização de seus próprios e sábios propósitos. E, portanto, embora os homens, suas obras e seus caminhos sejam os agentes e as forças em ação, Deus é o grande Comandante que agora reúne as nações e reúne os reinos de um extremo ao outro da terra, preparando a transferência do domínio da terra para aquele "a quem cabe esse direito" – Emanuel.

O Profeta nos diz por que o Senhor reúne assim as nações, dizendo: "Para que eu derrame sobre elas a minha indignação, sim,

toda a minha ira feroz; pois toda a terra [todo o tecido social] será devorada pelo fogo do meu ciúme." — Essa mensagem nos traria apenas tristeza e angústia, não fosse pela certeza de que os resultados trarão bem ao mundo, derrubando o reinado do egoísmo e estabelecendo, por meio do Reino Milenar de Cristo, o reinado da justiça mencionado nas palavras do profeta: *"Então* darei ao povo uma língua pura [Suas comunicações entre si não serão mais egoístas, mas puras, verdadeiras e amorosas, com o intuito] de que todos invoquem o nome do Senhor para servi-lo com um só consentimento."

A "reunião das nações" não apenas contribuirá para a severidade do julgamento, mas também tornará impossível que alguém escape dele; e, assim, fará da grande tribulação um conflito curto, bem como decisivo, conforme está escrito: "Uma obra breve o Senhor fará na terra." – Rom. 9:28; Isa. 28:22.

OS ELEMENTOS SOCIAIS QUE SE PREPARAM PARA O FOGO

Olhando ao nosso redor, vemos os "elementos" se preparando para o fogo deste dia — o fogo da ira de Deus. Egoísmo, conhecimento, riqueza, ambição, esperança, descontentamento, medo e desespero são os ingredientes cujo atrito em breve inflamará as paixões furiosas do mundo e fará com que seus diversos "elementos" sociais se derretam no calor ardente. Olhando para o mundo, observe quais mudanças ocorreram em relação a essas paixões durante o século passado e, especialmente, nos últimos quarenta anos. A satisfação serena do passado desapareceu de todas as classes – ricos e pobres, homens e mulheres, instruídos e ignorantes. Todos estão insatisfeitos. Todos estão, de forma egoísta e cada vez mais, buscando "direitos" ou lamentando "injustiças". É verdade que existem injustiças, injustiças graves, que devem ser corrigidas, e direitos que

devem ser desfrutados e respeitados; mas a tendência de nossa época, com seu aumento de conhecimento e independência, é olhar apenas para o lado das questões mais próximo do interesse próprio e deixar de apreciar o lado oposto. O efeito predito pelos profetas será, em última instância, colocar a mão de cada homem contra seu próximo, o que será a causa imediata da grande catástrofe final. A Palavra de Deus, a providência divina e as lições do passado são esquecidas diante das fortes convicções sobre direitos pessoais, etc., que impedem pessoas de todas as classes de escolher o caminho mais sábio e moderado, que elas nem mesmo conseguem enxergar porque o egoísmo as cega para tudo o que não esteja de acordo com seus próprios preconceitos. Cada classe deixa de considerar com imparcialidade o bem-estar e os direitos da outra. A regra de ouro é geralmente ignorada; e a falta de sabedoria, bem como a injustiça desse caminho, logo se tornarão evidentes para *todas* as classes, pois todas elas sofrerão terrivelmente nessa tribulação. Mas os ricos, segundo nos informam as Escrituras, sofrerão mais.

Enquanto os ricos acumulam diligentemente tesouros fabulosos para estes últimos dias, demolindo seus armazéns e construindo outros maiores, e dizendo a si mesmos e à sua posteridade: "Alma, tens muitos bens guardados para muitos anos; come, bebe e alegra-te", Deus, por meio dos profetas, está dizendo: "Insensato! Esta noite te será exigida a tua alma; então, de quem serão as coisas que preparaste?" – Lucas 12:15-20.

Sim, a noite tenebrosa predita (Isaías 21:12; 28:12, 13, 21, 22; João 9:4) está se aproximando rapidamente; e, como uma armadilha, ela alcançará o mundo inteiro. Então, de fato, de quem serão esses tesouros acumulados, quando, na angústia daquele momento, "lançarão sua prata nas ruas, e seu ouro será levado; sua prata e seu ouro não poderão salvá-los no dia da ira do Senhor, porque
isso é a pedra de tropeço de sua iniquidade." – Ezequiel 7:19.

O Acúmulo de Tesouros

É evidente que estamos em uma época que se destaca acima de todas as outras pelo acúmulo de riqueza e pela vida "desmedida" ou extravagante por parte dos ricos. (Tiago 5:3, 5) Ouçamos alguns testemunhos da literatura atual. Se o argumento for comprovado de forma conclusiva, isso se tornará mais uma evidência de que estamos nos "últimos dias" da presente dispensação e nos aproximando da grande tribulação que, por fim, destruirá a ordem atual do mundo e dará início à nova ordem das coisas sob o Reino de Deus.

O ilustre Wm. E. Gladstone, em um discurso amplamente divulgado, após se referir ao presente como uma "era produtora de riqueza", disse:

"Há senhores aqui presentes que testemunharam uma acumulação de riqueza maior no decorrer de suas vidas do que a observada em todos os tempos anteriores, desde os dias de Júlio César."----

Observe-se essa declaração de um dos homens mais bem informados do mundo. Esse fato, tão difícil de compreender para nós — de que mais riqueza foi produzida e acumulada nos últimos cinquenta anos do que nos dezenove séculos anteriores —, é, no entanto, demonstrado pelas estatísticas como uma estimativa bastante conservadora, e as novas condições assim criadas estão destinadas a desempenhar um papel importante no reajuste da ordem social mundial que agora se aproxima.

*O *Boston Globe**, há alguns anos, publicou o seguinte relato sobre alguns dos homens ricos dos Estados Unidos:

"Os vinte e um magnatas ferroviários que se reuniram em Nova York na segunda-feira para discutir a questão da concorrência ferroviária representavam US$ 3.000.000.000 em capital. Homens que vivem hoje ainda se lembram de quando não havia nem meia dúzia de milionários no país. Atualmente, há 4.600 milionários e vários cuja renda anual é estimada em mais de um milhão.

"Há na cidade de Nova York, segundo um cálculo conservador, o número surpreendente de 1.157 pessoas físicas e patrimônios cujo valor individual é de US$ 1.000.000. No Brooklyn, há 162 pessoas físicas e patrimônios cujo valor individual é de pelo menos US$ 1.000.000. Nas duas cidades, há, portanto, 1.319 milionários, mas muitos deles possuem patrimônios muito superiores a US$ 1.000.000 — são multimilionários, e a natureza dessas grandes fortunas é diferente, gerando, portanto, rendimentos distintos. As taxas de juros que alguns dos mais notáveis auferem são calculadas em números arredondados, da seguinte forma: João D. Rockefeller, 6%; a de William Waldorf Astor, 7%; o patrimônio de Jay Gould, que, por estar incorporado a empresas, ainda está praticamente indiviso, 4%; o de Cornelius Vanderbilt, 5%; e o de William K. Vanderbilt, 5%.

"Calculando com base nas taxas acima e com juros compostos semestralmente, para permitir o reinvestimento, as rendas anuais e diárias dos quatro indivíduos e dos patrimônios mencionados são as seguintes:

	Anual	Diária
William Waldorf Astor	$8.900.000	$23.277
John D. Rockefeller	7.611.250	20.853
Patrimônio de Jay Gould	4.040.000	11.068
Cornelius Vanderbilt	4.048.000	11.090
William K. Vanderbilt	3.795.000	10.397

O valor acima é, evidentemente, uma estimativa, estimativa conservadora pois já há dezesseis anos se observava que o dividendo trimestral do Sr. Rockefeller sobre as ações da Standard Oil Company — da qual ele é um dos principais acionistas — correspondia a um cheque no valor de quatro milhões de dólares; e essas mesmas participações rendem hoje uma renda muito maior.

O jornal "Niagara Falls Review", mesmo antes do início do presente século, lançou o seguinte alerta:

"Um dos maiores perigos que atualmente ameaça a

estabilidade das instituições americanas é o aumento do número de milionários individuais e a consequente concentração de propriedade e dinheiro nas mãos de poucos. Um artigo recente em um importante jornal do estado de Nova York apresenta números que devem servir para chamar a atenção geral para a evolução desse problema. Diz-se que as seguintes são as nove maiores fortunas dos Estados Unidos:

William Waldorf Astor	$150.000.000
Jay Gould	100.000.000
John D. Rockefeller	90.000.000
Cornelius Vanderbilt	90.000.000
William K. Vanderbilt	80.000.000
Henry M. Flagler	60.000.000
John L. Blair	50.000.000
Russell Sage	50.000.000
Collis P. Huntington	50.000.000
Total	$720.000.000

"Estimando o rendimento dessas somas imensas de acordo com a taxa de juros média obtida em outros investimentos semelhantes, os rendimentos seriam os seguintes:

	Anual	Diário
Astor	$9.135.000	$25.027
Rockefeller	5.481.000	16.003
Gould	4.040.000	11.068
Vanderbilt, C.	4.554.000	12.477
Vanderbilt, W. K	4.048.000	11.090
Flagler	3.036.000	8.318
Blair	3.045.000	8.342
Sage	3.045.000	8.342
Huntington	1.510.000	4.137

"Quase todos esses homens levam um estilo de vida relativamente simples, e é obviamente impossível para eles gastar mais do que uma parte de suas imensas receitas diárias e anuais. O excedente, consequentemente, transforma-se em capital e contribui para aumentar ainda mais as fortunas desses indivíduos. Atualmente, a família Vanderbilt possui as seguintes somas imensas:

(Nos últimos anos, alguns desses valores aumentaram consideravelmente.)

Cornelius Vanderbilt	$90.000.000
William K. Vanderbilt	80.000.000
Frederick W. Vanderbilt	17.000.000
George W. Vanderbilt	15.000.000
Sra. Elliot F. Sheppard	13.000.000
Sra. William D. Sloane	13.000.000
Sra. Hamilton McK Twombly	13.000.000
Sra. W. Seward Webb	13.000.000
Total	$254.000.000

"Ainda mais impressionantes são as fortunas acumuladas por meio do grande trust da Standard Oil, que acaba de ser dissolvido – sendo sucedido pela Standard Oil Company. As fortunas provenientes dele foram as seguintes:

John D. Rockefeller	$90.000.000
Henry M. Flagler	60.000.000
William Rockefeller	40.000.000
Benjamin Brewster	25.000.000
Henry H. Rogers	25.000.000
Oliver H. Payne (Cleveland)	25.000.000
Wm. G. Warden (Filadélfia)	25.000.000
Espólio de Chas. Pratt (Brooklyn)	25.000.000
John D. Archbold	10.000.000
Total	$325.000.000

"Levou apenas vinte anos para que essa riqueza se concentrasse nas mãos de oito ou nove homens. Aí, então, está o perigo. Nas mãos de Gould, dos Vanderbilts e de Huntington estão as grandes ferrovias dos Estados Unidos. Na posse de Sage, dos Astors e de outros, encontram-se grandes lotes de terras em Nova York, cujo valor está em constante aumento. Somadas e por meio de acumulação natural, as fortunas dessas nove famílias chegariam, em vinte e cinco anos, a $2.754.000.000. O próprio William Waldorf Astor, por pura força de acumulação, provavelmente terá um patrimônio de

mil milhões antes de morrer; e esse dinheiro, assim como o dos Vanderbilts, será transmitido à sua família, como em outras, e criará uma aristocracia da riqueza extremamente perigosa para a comunidade, constituindo um curioso comentário sobre aquela aristocracia de nascimento ou talento que os americanos consideram tão prejudicial na Grã-Bretanha.

"Existem outras grandes fortunas, já consolidadas ou em ascensão, das quais apenas algumas podem ser citadas:

William Astor	$40.000.000
Leland Stanford	30.000.000
Sra. Hetty Green	30.000.000
Philip D. Armour	30.000.000
Edward F. Searles	25.000.000
J. Pierpont Morgan	25.000.000
Espólio de Charles Crocker	25.000.000
Darius O. Mills	25.000.000
Andrew Carnegie	25.000.000
Espólio de E. S. Higgins	20.000.000
George M. Pullman	20.000.000
Total	$295.000.000

"Assim, vemos capital em quantias quase inconcebíveis sendo concentrado nas mãos de poucos e, necessariamente, tirado [da oportunidade de] muitos. Não há poder humano capaz de resolver pacificamente essa questão controversa. A situação irá de mal a pior."

Alguns milionários americanos e como eles conseguiram seus milhões

O editor da *Review of Reviews* apresenta o que ele denomina "alguns trechos de um artigo extremamente instrutivo e divertido, cuja única falha é sua visão otimista do polvo plutocrático", nestas palavras:

"Um americano que escreve com base em conhecimento pessoal íntimo, mas que prefere permanecer anônimo, conta na *revista Cornhill,* com muita simpatia, a história de vários

dos milionários da gigantesca República. Ele afirma que, mesmo que os quatro mil milionários possuam, entre todos, quarenta bilhões de dólares dos setenta e seis bilhões que compõem a riqueza nacional total, ainda assim o saldo deixa a cada cidadão 500 dólares por pessoa, contra 330 dólares por pessoa há quarenta e cinco anos. Ele argumenta que os milionários cresceram não tornando as outras classes mais pobres, mas sim mais ricas.

"'O comodoro Vanderbilt, que acumulou os primeiros milhões da família Vanderbilt, nasceu há exatamente um século. Seu capital consistia nos tradicionais pés descalços, bolsos vazios e fé na própria sorte — a base de tantas fortunas americanas. O trabalho árduo, dos seis aos dezesseis anos, proporcionou-lhe um segundo capital, mais tangível: cem dólares em dinheiro. Esse dinheiro ele investiu em um pequeno barco; e com esse barco abriu seu próprio negócio – o transporte de hortaliças para Nova York. Aos vinte anos, casou-se, e tanto ele quanto a esposa passaram a ganhar dinheiro. Ele administrava o barco. Ela administrava um hotel. Três anos depois, ele já possuía dez mil dólares. A partir daí, seu dinheiro cresceu rapidamente – tão rapidamente que, quando a Guerra Civil eclodiu, o rapaz, que havia começado com um barco no valor de cem dólares, pôde doar à nação um de seus barcos, avaliado em oitocentos mil dólares, e ainda assim se sentir tranquilo em relação às suas finanças e à sua frota. Aos setenta anos, era-lhe atribuída uma fortuna de setenta milhões.

"'A fortuna dos Astor deve sua existência à inteligência de um único homem e ao crescimento natural de uma grande nação, sendo João Jacob Astor o único homem em quatro gerações que foi um verdadeiro empreendedor. O dinheiro que ele ganhou, à medida que o ganhava, foi investido em imóveis na cidade de Nova York; a quantidade desses imóveis é limitada, já que a cidade fica em uma ilha. Consequentemente, o crescimento da cidade de Nova York, que se deveu ao crescimento da República, transformou essa pequena fortuna do século XVIII na maior fortuna americana do século XIX. O primeiro e último Astor digno de estudo como o mestre dos milhões foi, portanto, John Jacob Astor, que, cansado de seu trabalho como ajudante no açougue de seu pai em Waldorf, partiu, há cerca de 110 anos, para tentar a

sorte no Novo Mundo. No navio, ele realmente, de certa forma, construiu toda a sua fortuna. Conheceu um velho comerciante de peles que o instruiu nos segredos do comércio de peles com os índios. Ele se dedicou a esse negócio e ganhou dinheiro com isso. Depois, casou-se com Sarah Todd, uma jovem perspicaz e enérgica. Sarah e João adquiriram o hábito simples de passar todas as noites em sua loja, separando peles... Em quinze anos, João e sua esposa Sarah haviam acumulado 2.500 mil dólares... Uma especulação bem-sucedida em títulos dos Estados Unidos, cujo preço estava muito baixo na época, dobrou a fortuna de João; e toda essa riqueza foi investida no mercado imobiliário, onde permaneceu desde então.

"'Leland Stanford, Charles Crocker, Marcos Hopkins e Collis P. Huntington foram para a Califórnia durante a febre do ouro de 1849. Quando a ferrovia transcontinental foi proposta, esses quatro 'viram nela milhões' e assinaram contrato para construir a Union Pacific. Os quatro homens, sem um centavo em 1850, são hoje creditados com uma fortuna combinada de 200 milhões de dólares.

"'Um deles, Leland Stanford, pretendia constituir família; mas, há dez anos, seu único filho faleceu, e ele então decidiu fundar uma universidade para a comemoração daquele filho. E ele fez isso em grande estilo, pois, ainda em vida, 'doou' aos curadores três fazendas com 86.000 acres que, graças aos seus esplêndidos vinhedos, valiam 6.000.000 de dólares. A isso, ele acrescentou US$ 14.000.000 em títulos e, ao falecer, deixou à universidade um legado de US$ 2.500.000 — uma doação total de um único homem a uma instituição de ensino no valor de US$ 22.500.000, o que é considerado um 'recorde mundial'. Sua esposa anunciou a intenção de deixar sua fortuna, cerca de US$ 10.000.000, para a universidade."

"O exemplo mais notável de acumulação de riqueza na história dos milionários americanos é o proporcionado pelo Standard Oil Trust:

" 'Trinta anos atrás, cinco jovens, a maioria morando na pequena cidade de Cleveland (estado de Ohio), e todos relativamente pobres (provavelmente o grupo inteiro não somava nem US$ 50.000), perceberam as possibilidades financeiras do petróleo. Nas palavras enfáticas do velho piloto fluvial: "Eles foram atrás disso ali mesmo", e conseguiram. Hoje, esse mesmo grupo de cinco homens possui um patrimônio de 600 milhões de dólares... João D. Rockefeller, o cérebro e a 'força motriz' desse grande 'trust', é um homem de rosto corado

com um olhar tão manso e maneiras tão cordiais que é muito difícil chamá-lo de 'monopolista ganancioso'. Seu 'hobby' agora é a educação, e ele se dedica a esse hobby de maneira vigorosa e viril. Ele colocou a Universidade de Chicago sob sua proteção, e já a quantia de sete milhões de dólares passou de seus bolsos para o tesouro do novo centro de ensino na segunda maior cidade da República." "

"Em um artigo publicado no *Forum*, o Sr. Thomas G. Shearman, um estatístico de Nova York, divulgou os nomes de setenta americanos cuja riqueza total é de US$ 2.700.000.000, uma média de US$ 38.500.000 cada; e afirma que seria possível elaborar uma lista de dez pessoas cuja riqueza teria uma média de US$ 100.000.000 cada; e outra lista de cem pessoas cuja riqueza teria uma média de 25 milhões de dólares cada; e que "a *renda média anual* dos cem americanos mais ricos não pode ser inferior a 1.200.000 dólares [cada um], e provavelmente ultrapassa 1.500.000 dólares".

Comentando sobre essa última afirmação, um escritor competente (o reverendo Josiah Strong) diz:

"Se cem operários pudessem ganhar, cada um, US$ 1.000 por ano, teriam que trabalhar mil e duzentos ou mil e quinhentos anos para ganhar tanto quanto a *renda anual* desses cem americanos mais ricos. E se um operário pudesse ganhar US$ 100 por dia, teria que trabalhar até completar quinhentos e quarenta e sete anos de idade, sem nunca tirar um dia de folga, antes de conseguir ganhar tanto quanto alguns americanos possuem."

A tabela a seguir compara a riqueza das quatro nações mais ricas do mundo em 1830 e 1893; e mostra como as riquezas estão sendo "acumuladas" nacionalmente nestes "últimos dias" desta era de acumulação quase fabulosa.

	1830	1893
Riqueza total da Grã-Bretanha	$16.890.000.000	$50.000.000.000
Riqueza total da França	10.645.000.000	40.000.000.000
Riqueza total da Alemanha	10.700.000.000	35.000.000.000
Riqueza total dos Estados Unidos	5.000.000.000	72.000.000.000

Para que o leitor tenha uma ideia de como os estatísticos chegam às suas conclusões sobre um assunto tão vasto, apresentamos o

a seguir, como uma estimativa aproximada e classificada da riqueza dos Estados Unidos:

Imóveis em cidades e municípios	$15.500.000.000
Imóveis fora das cidades e vilas	12.500.000.000
Bens móveis (não especificados a seguir)	8.200.000.000
Ferrovias e seus equipamentos	8.000.000.000
Capital investido na indústria manufatureira	5.300.000.000
Produtos manufaturados	5.000.000.000
Produção (incluindo lã)	3.500.000.000
Bens imobiliários e investimentos em... países estrangeiros	3.100.000.000
Edifícios públicos, arsenais, navios de guerra, etc.	3.000.000.000
Animais domésticos em fazendas	2.480.000.000
Animais domésticos em cidades e vilas	1.700.000.000
Dinheiro, moedas estrangeiras e nacionais, notas bancárias, etc.	2.130.000.000
Terras públicas (a US$ 1,25 por acre)	1.000.000.000
Produtos minerais (de todos os tipos)	590.000.000
Total	$72.000.000.000

Observou-se, há alguns anos, que a riqueza dos Estados Unidos estava aumentando a uma taxa de quarenta milhões de dólares por semana, ou dois bilhões de dólares por ano.

(A dívida total da população dos Estados Unidos, pública e privada, era estimada na época em vinte bilhões de dólares.)

Esse acúmulo de riquezas para os últimos dias, aqui mencionado, refere-se especialmente aos Estados Unidos, mas o mesmo se aplica a todo o mundo civilizado. A Grã-Bretanha é, *per capita,* mais rica do que os Estados Unidos — a nação mais rica do mundo. E mesmo na China e no Japão há milionários que surgiram recentemente. A derrota da China em 1894 para os japoneses é atribuída principalmente à avareza dos funcionários do governo, que, segundo se diz, teriam fornecido canhões e balas de canhão de qualidade inferior e até mesmo falsificados, embora tivessem pago um preço elevado pelos genuínos.

É claro que apenas uma minoria daqueles que buscam a riqueza a encontra. A corrida e a luta pela riqueza nem sempre são recompensadas. A ruína do egoísmo se estende muito além dos bem-sucedidos e, como disse o Apóstolo: "Aqueles que *querem* enriquecer [que estão determinados a enriquecer a qualquer custo] caem em tentação e em armadilha, e em muitos desejos tolos e prejudiciais que afogam os homens na destruição e na perdição. Pois o *amor* ao dinheiro [riqueza] é a raiz de todo o mal." (1 Tim. 6:9,
10) A maioria, inexperiente, assume os riscos e encontra decepção e prejuízo; os poucos, experientes e perspicazes, assumem poucos riscos e colhem a maior parte dos ganhos. Assim, por exemplo, a "febre do ouro sul-africano", que outrora se espalhou pela Grã-Bretanha, França e Alemanha, na verdade transferiu, dos bolsos e contas bancárias da classe média para os dos capitalistas e banqueiros ricos — que assumem poucos riscos —, centenas de milhões de dólares. O resultado foi, sem dúvida, uma grande perda para a referida classe média, tão ansiosa por riquezas repentinas que arriscou tudo o que tinha. A tendência disso é tornar muitos membros dessa classe, normalmente conservadora, insatisfeitos e, em poucos anos, receptivos a qualquer projeto socialista que prometa ser vantajoso para eles.

O Aumento da Pobreza

Mas será verdade que existem pessoas pobres e necessitadas nesta terra de abundância, na qual tantos estão acumulando uma riqueza tão fabulosa? Não seria culpa dele ou dela se algum homem ou mulher saudável não conseguisse viver confortavelmente? Não tenderia a cultivar o pauperismo e a dependência se os "abastados" se propusessem a remar as canoas das classes mais pobres? Assim, o assunto é visto por muitos dos ricos, que em muitos casos eram pobres há vinte e cinco anos e que se lembram de que, *naquela época*, todos os que eram capazes e estavam dispostos a trabalhar podiam encontrar muito o que fazer. Eles não percebem as grandes mudanças que ocorreram desde então e que, enquanto suas fortunas melhoraram maravilhosamente, a condição das massas regrediu, especialmente durante

nos últimos sete anos. É verdade que, no momento, os salários são, em geral, justos, mantidos pelos sindicatos etc.; mas muitos não conseguem encontrar trabalho, enquanto muitos dos que têm emprego trabalham apenas em meio período, e muitas vezes menos, e mal conseguem, por meio de uma economia rigorosa, viver de forma decente e honesta.

Quando ocorrem crises econômicas especiais, como em 1893-1896, muitos desses desempregados são lançados à caridade de seus amigos, que mal conseguem suportar essa pressão adicional; e aqueles que não têm amigos são forçados a recorrer à assistência social pública, que, nessas ocasiões, é totalmente insuficiente.

A depressão de 1893 passou como uma onda por todo o mundo, e sua forte pressão ainda é amplamente sentida; embora para alguns tenha chegado um respiro de recuperação. Mas, como as Escrituras apontam, essa dificuldade vem em ondas ou espasmos – "como as dores de parto de uma mulher (1 Tess.
5:3) – e cada espasmo sucessivo provavelmente será mais severo – até o último. Os ricos e abastados muitas vezes têm dificuldade em compreender a miséria da classe mais pobre, que está se tornando rapidamente mais numerosa. O fato é que, mesmo entre aqueles das classes média e rica que realmente pensam e se compadecem das angústias dos muito pobres, há a percepção da total impossibilidade de alterar a ordem social atual de modo a lhes proporcionar qualquer alívio permanente; e assim cada um faz o pouco que considera estar ao seu alcance e ser seu dever para com aqueles que estão mais próximos a ele, e tenta desacreditar ou esquecer os relatos de miséria que chegam aos seus olhos e ouvidos.

Os trechos a seguir, extraídos da imprensa diária, trarão à memória as condições que prevaleciam em 1893 e que, em pouco tempo, provavelmente se repetirão com juros. *O *California Advocate** afirmou:

"O aglomerado de milhares e milhares de desempregados em nossas grandes cidades é uma cena das mais horríveis

espetáculo, e seu clamor lastimável por trabalho ou pão está sendo ouvido por todo o país. É o velho problema não resolvido da pobreza, intensificado pela depressão econômica sem precedentes. A ociosidade involuntária é um mal em constante crescimento, que acompanha a civilização. É a sombra sombria que se arrasta incessantemente atrás da civilização, aumentando em dimensões e intensidade à medida que a civilização avança. A situação certamente se encontra em um estado anormal quando os homens estão dispostos a trabalhar, querem trabalhar e, ainda assim, não conseguem encontrar trabalho para fazer, enquanto sua própria vida depende do trabalho. Não há verdade no velho ditado de que "o mundo deve a cada homem o sustento". Mas é verdade que o mundo deve a cada homem a chance de ganhar o próprio sustento. Muitas teorias foram apresentadas e muitos esforços foram feitos para garantir o "direito ao trabalho" inalienável a todos os que estão dispostos a trabalhar; mas todas essas tentativas, até agora, terminaram em fracasso sombrio. Será, de fato, um benfeitor da humanidade aquele que resolver com sucesso o problema de como garantir a todo trabalhador disposto algum trabalho a fazer e, assim, livrar a humanidade da maldição da ociosidade involuntária."

Outro relato descreve como, em Chicago, uma multidão de mais de quatrocentos homens desempregados marchou pelas ruas do centro da cidade, liderada por um deles que carregava um cartaz de papelão no qual estava rabiscada a frase sombria: "Queremos Trabalho". No dia seguinte, eles marcharam com muitas faixas exibindo as seguintes inscrições: "Viva e Deixe Viver", "Queremos uma Oportunidade de Sustentar Nossas Famílias". "Trabalho ou pão", etc. Um exército de desempregados marchou por São Francisco com faixas nas quais estavam inscritas as frases: "Milhares de casas para alugar e milhares de pessoas sem teto", "Famintos e indigentes", "Impulsionados pelo chicote da fome a mendigar", "Tirem as mãos de cima de nós e nós mesmos nos ajudaremos", etc.

Outro recorte dizia:

"NEWARK, N.J., 21 de agosto – Trabalhadores desempregados

realizaram hoje um grande desfile. À frente do cortejo marchava um homem com uma grande bandeira preta, na qual, em letras brancas, estavam as palavras: 'Sinais dos Tempos – Estou morrendo de fome porque ele está gordo'. Abaixo havia a imagem de um homem grande e bem alimentado com um chapéu alto e, ao lado dele, um trabalhador faminto."

Outro jornal, referindo-se à greve dos mineiros de carvão ingleses, dizia:

"As histórias de *sofrimento real, e até mesmo de inanição*, estão se multiplicando dolorosamente por toda a Inglaterra, e a paralisação das indústrias e a perturbação do funcionamento das ferrovias estão assumindo proporções de grave calamidade nacional. . . . Como era de se esperar, a verdadeira causa reside nas enormes royalties que os arrendatários têm de pagar pelos terrenos aos proprietários de quem arrendam as minas. Um número considerável de milionários, cujos royalties de carvão pesam como pedras de moinho no pescoço das indústrias de mineração, também são membros proeminentes da Câmara dos Pares, e a consciência pública indignada associa as duas coisas num piscar de olhos. Jornais radicais estão compilando listas alarmantes de
proprietários, não muito diferentes das listas de trustes nos Estados Unidos, mostrando em seus números as monstruosas cobranças sobre os rendimentos das propriedades do país.

"O clamor por pão ecoa da cidade. É mais profundo, mais rouco, mais amplo do que jamais foi. Vem de estômagos famintos e corpos enfraquecidos. Vem de homens que vagam pelas ruas em busca de trabalho. Vem de mulheres sentadas, sem esperança, em quartos vazios. Vem de crianças.

"Na cidade de Nova York, os pobres chegaram a um estado de miséria nunca antes visto. Provavelmente, nenhuma pessoa viva compreende o quão terrível é o sofrimento, o quão terrível é a pobreza. Ninguém consegue ver tudo isso. A imaginação de ninguém consegue abrangê-lo.

"Poucas pessoas que lerem isto conseguem compreender o que significa ficar sem comida. É uma daquelas coisas tão assustadoras que não conseguem se identificar com a situação. Elas dizem: 'Certamente

as pessoas conseguem algo para comer em algum lugar, o suficiente para se sustentar; elas podem recorrer aos amigos'. Para os atingidos, não existe nenhum 'algum lugar'. Seus amigos estão tão desamparados quanto eles próprios. Há homens tão enfraquecidos pela falta de comida que não conseguem trabalhar, mesmo que lhes ofereçam trabalho."

Um editorial do San Francisco *Examiner* dizia:

"Como é isso? Temos tanta comida que os agricultores estão reclamando que não conseguem vender nada. Temos tanta roupa que as fábricas de algodão e lã estão fechando porque não há quem compre seus produtos. Temos tanto carvão que as ferrovias que o transportam estão caindo nas mãos de administradores judiciais. Temos tantas casas que os construtores estão desempregados. Todas as necessidades e confortos da vida estão tão abundantes quanto já estiveram nos anos mais prósperos de nossa história. Quando o país tem comida, roupa, combustível e moradia suficientes para todos, por que os tempos estão difíceis? Evidentemente, a natureza não é a culpada. Quem ou o que, então, é?

"O problema dos desempregados é um dos mais graves que os Estados Unidos enfrentam. De acordo com as estatísticas coletadas pela *Bradstreet's*, havia, no início do ano, pouco mais de 801 mil assalariados desempregados nas 119 principais cidades dos Estados Unidos, e o número de pessoas que dependiam deles para seu sustento ultrapassava 2 milhões. Se as 119 cidades representassem uma média representativa para o país, o total de assalariados em busca de emprego no primeiro dia do ano ultrapassaria 4.000.000 de pessoas, representando uma população dependente de 10.000.000. Como os desempregados migram para as cidades, é seguro deduzir um quarto desses números. Mas mesmo com essa dedução, o número de assalariados desempregados é um total enorme e comovente.

"O difícil caminho da pobreza, cujo fim é o pauperismo, vem sendo percorrido há tanto tempo na Europa que as autoridades do Velho Mundo sabem lidar melhor com ele do que a comunidade comparativamente próspera deste lado do oceano. Os salários

da Europa são tão baixos que, em muitos Estados, o fim da vida deve ser o asilo para indigentes. Nenhuma quantidade de trabalho e frugalidade permite que o trabalhador economize o suficiente para a velhice. A margem entre renda e despesas é tão pequena que alguns dias de doença ou falta de emprego reduzem o trabalhador à miséria. O governo lá foi forçado a lidar com isso de forma mais ou menos científica, em vez do método despreocupado familiar à América, onde vagabundos prosperam sem trabalho e o homem que se preze e que cai na miséria é obrigado a passar fome."

O editor da revista *The Arena* afirma em seu livro *Civilization Inferno*:

"O Mar Morto da miséria está ampliando suas fronteiras em todos os centros populosos. Os murmúrios de descontentamento furioso tornam-se mais ameaçadores a cada ano que passa. A justiça negada aos fracos pelo poder da avareza nos colocou frente a frente com uma crise formidável que ainda pode ser evitada se tivermos a sabedoria de ser justos e humanos; mas o problema não pode mais ser menosprezado como insignificante. Não é mais um problema local; afeta e ameaça todo o corpo político. Há alguns anos, um dos teólogos mais eminentes dos Estados Unidos declarou que não havia pobreza digna de nota nesta República. Hoje, nenhuma pessoa sensata nega que esse problema seja de grande magnitude. Há pouco tempo, contratei um senhor em Nova York para investigar pessoalmente os registros judiciais da cidade, a fim de que ele pudesse apurar o número exato de mandados de despejo emitidos em doze meses. Qual foi o resultado? Os registros revelaram o fato chocante de que, durante os doze meses encerrados em 1º de setembro de 1892, foram emitidos 29.720 mandados de despejo na cidade de Nova York.

"Em um artigo publicado no **Forum** de dezembro de 1892, escrito pelo Sr. Jacob Riis sobre as necessidades especiais dos pobres em Nova York, ele afirma: 'Há muitos anos, é verdade que, em Nova York, um décimo de todos os que morrem nesta grande e rica cidade são enterrados no cemitério dos indigentes. Das 382.530 sepulturas registradas na última década, 37.966 foram no cemitério dos indigentes'", e o Sr. Riis prossegue sugerindo o fato conhecido por todos os estudiosos das condições sociais que investigam pessoalmente a pobreza nas grandes cidades: que esse indicador do cemitério dos indigentes, por mais terrivelmente significativo que seja, não é uma medida adequada para estimar o problema da pobreza de

uma grande cidade. Sobre esse ponto, ele continua:

"'Aqueles que tiveram alguma experiência pessoal com os pobres e sabem com que agonia de medo eles lutam contra essa miséria suprema, como planejam, tramam e economizam ao máximo pelo pobre privilégio de serem sepultados em uma sepultura que lhes pertença, embora em vida nunca tenham possuído nem mesmo um galpão para chamar de seu, concordarão comigo que é subestimar a situação supor que, quando alguém cai, apesar de tudo, nessa vala temível, pelo menos dois ou três estejam à beira dela. E com essa estimativa de que entre vinte e trinta por cento da nossa população está sempre lutando para afastar a fome, com o desfecho em grave dúvida, todos os fatos conhecidos, ainda que dispersos, sobre a gestão de instituições de caridade em Nova York se encaixam bastante bem.'

"Em 1890, houve duzentos e trinta e nove suicídios oficialmente registrados na cidade de Nova York. Os registros judiciais estão sobrecarregados como nunca antes com casos de tentativas de suicídio. 'Você', disse o juiz Smyth, dirigindo-se a uma pobre criatura que havia tentado a morte saltando no East River, 'é o segundo caso de tentativa de suicídio que foi julgado neste tribunal esta manhã; e', continuou ele, 'nunca vi tantas tentativas de suicídio como nos últimos meses.'

"A noite está, lenta mas seguramente, caindo sobre centenas e milhares de nosso povo, a noite da pobreza e do desespero. Eles estão cientes de sua aproximação, mas se sentem impotentes para conter seu avanço. 'Os aluguéis ficam mais altos e o trabalho mais barato a cada ano, e o que podemos fazer a respeito?', disse recentemente um trabalhador ao falar sobre as perspectivas. 'Não vejo saída para isso', acrescentou ele com amargura, e é preciso admitir que as perspectivas são sombrias se não houver mudanças econômicas radicais à vista, pois a oferta de mão de obra está aumentando anualmente muito mais rapidamente do que a demanda. "Dez mulheres para cada vaga, por mais pobre que seja", é a afirmação imparcial de um funcionário que recentemente fez da questão do trabalho feminino um estudo especial. "Centenas de meninas", continua esse autor, "arruínam seu futuro a cada ano e destroem sua saúde nas lojas e estabelecimentos abafados e mal ventilados, e ainda assim dezenas de novas candidatas chegam do interior e

pequenas cidades todas as semanas para preencher as vagas deixadas." E não imaginemos que essas condições sejam exclusivas de Nova York. O que é verdade para a metrópole é, até certo ponto, verdade para todas as grandes cidades dos Estados Unidos. A poucos passos de Beacon Hill, em Boston, onde se ergue orgulhosamente a cúpula dourada do Capitólio, há centenas de famílias morrendo lentamente de fome e sufocando; famílias que lutam bravamente pelas necessidades mais básicas da vida, enquanto, ano após ano, as condições se tornam mais desesperadoras, a luta pelo pão mais acirrada e as perspectivas mais sombrias. Em conversa com um desses trabalhadores, ele disse, com certo pathos e desânimo, que indicavam desesperança ou talvez uma percepção entorpecida que o impedia de compreender plenamente o significado sombrio de suas palavras: "Certa vez ouvi falar de um homem que foi colocado em uma jaula de ferro por um tirano e, a cada dia, percebia que as paredes se aproximavam cada vez mais dele. Por fim, as paredes se aproximaram tanto que, a cada dia, tiravam um pedaço de sua vida; e, de alguma forma", disse ele, "parece-me que somos exatamente como aquele homem, e quando vejo as caixinhas sendo levadas embora todos os dias, às vezes digo à minha esposa: 'Mais um pouco de vida foi tirada; algum dia nós também partiremos'".

"Recentemente, visitei mais de vinte cortiços onde a vida lutava contra a morte; onde, com um heroísmo paciente muito mais grandioso do que feitos ousados conquistados em meio aos gritos exultantes do campo de batalha, mães e filhas costuravam incessantemente. Em várias casas, notei inválidos acamados cujos olhos encovados e rostos emaciados contavam claramente a história de meses, e talvez anos, de lenta inanição em meio à miséria, ao odor nauseante e à imundície quase universal do porão social. Aqui, torna-se dolorosamente consciente dos espectros da fome e do medo sempre presentes. Um pavor que dura a vida inteira oprime os corações desses exilados com peso esmagador. O senhorio, em pé com um mandado de despejo, está continuamente presente em suas mentes. O medo da doença assombra cada momento de vigília, pois, para eles, adoecer significa a incapacidade de prover o escasso sustento que a vida exige. O desespero diante de um futuro provável, não raro, atormenta seu descanso. Tal é o destino comum do trabalhador paciente nas favelas de nossas grandes cidades hoje. Na maioria de seus rostos, nota-se uma expressão de tristeza sombria e resignação muda.

"Às vezes, um lampejo intermitente brilha das órbitas cavernosas,

um brilho sinistro que sugere fogos latentes alimentados por uma consciência sempre presente das injustiças sofridas. Eles sentem, de maneira muda, que o destino da besta do campo é muito mais feliz do que o seu. Mesmo lutando da Aurora até bem tarde da noite por pão e um quarto miserável, sabem que a janela da esperança está se fechando para eles nos grandes e pulsantes centros da cristandade. Triste, de fato, é o pensamento de que, nos dias de hoje, quando nossa terra está adornada como nunca antes com templos imponentes dedicados ao grande Nazareno, que dedicou sua vida ao ministério entre os pobres, os degradados e os marginalizados, vemos a maré da miséria crescer; vemos a pobreza indesejada tornar-se o destino inevitável de milhares e milhares de vidas a cada ano. Nunca o sentimento altruísta esteve tão generalizado nos lábios dos homens. Nunca o coração humano anseou tanto quanto agora por uma verdadeira manifestação da fraternidade humana. Nunca todo o mundo civilizado se comoveu tão profundamente com o sonho persistente dos séculos – a paternidade de Deus e a fraternidade dos homens. E, no entanto, que estranha anomalia! O clamor da inocência, da justiça ultrajada, o clamor dos milhões oprimidos, ergue-se hoje de todas as terras civilizadas como nunca antes. A voz da Rússia se mistura ao clamor da Irlanda. A Londres marginalizada une-se aos exilados de todas as grandes cidades continentais e americanas em uma exigência poderosa e comovente de *justiça*.

"Só em Londres, há mais de trezentas mil pessoas à beira do abismo, cujo coração palpita de medo a cada batida, cujo pesadelo ao longo da vida é o temor de que o pequeno cantinho que chamam de lar lhes seja tirado. Abaixo delas, à beira da inanição, encontram-se mais de duzentas mil vidas; ainda mais abaixo, encontramos trezentas mil na camada dos famintos, no reino onde a fome corrói dia e noite, onde cada segundo de cada minuto, de cada hora de cada dia, está repleto de agonia. Abaixo dos famintos estão os sem-teto — aqueles que não têm nada com que conseguir um alojamento, nem mesmo nos piores bairros; aqueles que dormem sem abrigo o ano inteiro, centenas dos quais podem ser encontrados em qualquer noite nas lajes frias de pedra ao longo do aterro do Tamisa. Alguns têm um jornal entre si e as pedras úmidas, mas a maioria nem mesmo desfruta desse luxo! Esse exército de pessoas absolutamente sem-teto em Londres chega a trinta e três mil."

Alguém dirá: "Este é um quadro exagerado?" Que investigue. Se for apenas metade verdade, já é deplorável!

Descontentamento, Ódio, Atritos Preparando-se Rapidamente para uma Explosão Social

Por mais que se explique aos pobres que os ricos nunca foram tão caridosos como agora, que a sociedade dispõe hoje de recursos mais amplos do que nunca para os pobres, os cegos, os doentes e os desamparados, e que imensas receitas são arrecadadas anualmente por meio de impostos para a manutenção dessas obras de beneficência, isso certamente não satisfará o trabalhador. Como cidadão inteligente e que se preze, não é esmola que ele quer; ele não tem desejo de se valer dos privilégios do asilo para pobres nem, quando doente, de se tornar um paciente assistido por caridade em um hospital; mas ele quer uma chance de ganhar seu pão de forma honesta e decente, com o suor do seu rosto e com a dignidade de um trabalhador honesto, para sustentar sua família. Mas, enquanto vê a si mesmo e aos seus colegas trabalhadores mais dependentes do que nunca de favores e influências para conseguir e manter um emprego, e os pequenos lojistas, pequenos construtores e pequenos fabricantes lutando mais do que nunca por um sustento honesto, ele lê sobre a prosperidade dos ricos, o número crescente de milionários, dos cartéis de capital que controlam as diversas indústrias — o setor do cobre, do aço, do vidro, do petróleo, dos fósforos, do papel, do carvão, das tintas, dos talheres, do telégrafo e de todos os demais setores. Ele percebe também que esses conglomerados controlam a maquinaria do mundo e que, assim, enquanto seu trabalho se desvaloriza em razão da concorrência, os bens e produtos de primeira necessidade podem ter seus preços aumentados, ou pelo menos impedir que caiam, na mesma proporção da redução do custo da mão de obra representada pela maquinaria aprimorada que substitui o cérebro e os músculos humanos.

Nessas circunstâncias, podemos nos surpreender que, na décima terceira convenção anual da Federação do Trabalho em Chicago, o vice-presidente da Assembleia dos Sindicatos tenha dado as boas-vindas aos visitantes com as seguintes palavras sarcásticas? Ele disse:

"Gostaríamos de lhes dar as boas-vindas a uma cidade próspera,

mas a verdade não justifica essa afirmação. As coisas aqui são como são, mas não como deveriam ser. Damos-lhes as boas-vindas em nome de cem monopolistas e de cinquenta mil vagabundos, aqui onde Mammon celebra seu grande carnaval em palácios, enquanto mães têm o coração partido, crianças passam fome e homens procuram em vão por trabalho. Damos-lhes as boas-vindas em nome de cem mil homens ociosos, em nome daqueles edifícios dedicados à glória de Deus, mas cujas portas se fecham à noite para os famintos e os pobres; em nome dos ministros que engordam com as vinhas de Deus, esquecendo que os filhos de Deus passam fome e não têm onde reclinar a cabeça; em nome dos pilares do sistema explorador, dos milionários e diáconos, cujas almas estão em perigo por causa de sua sede de ouro; em nome dos assalariados que suam sangue, que é transformado em ducados de ouro; em nome dos manicômios e asilos para pobres, lotados de pessoas enlouquecidas pelas preocupações nesta terra da abundância.

"Mostraremos a vocês aspectos de Chicago que não foram exibidos no recinto da feira – de sua grandeza e de sua fraqueza. Esta noite, mostraremos a vocês centenas de homens deitados sobre as pedras ásperas nos corredores deste mesmo prédio – sem lar, sem comida – homens capazes e dispostos a trabalhar, mas para os quais não há trabalho. É um momento de alarme – alarme pela continuidade de um governo cujos direitos soberanos são entregues a magnatas ferroviários, barões do carvão e especuladores; alarme pela continuidade de um governo federal cujas políticas financeiras são elaboradas em Wall Street sob o ditame dos barões do dinheiro da Europa. Esperamos que vocês tomem medidas para exercer o direito de voto e expulsar do poder os servos infiéis do povo, responsáveis pelas condições atuais."

Este orador, sem dúvida, comete um grande erro ao supor que uma mudança de titulares de cargos ou de partidos curaria os males existentes; mas certamente seria em vão dizer a ele ou a qualquer outro homem sensato que não há nada de errado com a estrutura social que torna possíveis extremos tão amplos de riqueza e pobreza. Por mais que as pessoas possam divergir quanto à causa e à cura, todas concordam que existe uma doença. Alguns, em vão,

buscam soluções nas direções erradas, e muitos, infelizmente, não querem que se encontre uma solução; pelo menos não até que tenham tido a chance de lucrar com as condições atuais.

Em consonância com esse pensamento, George E. McNeill, em um discurso proferido perante o Congresso Mundial do Trabalho, disse:

"O movimento operário nasce da fome — fome de comida, de abrigo, de calor, de roupas e de prazer. No caminho da humanidade rumo à felicidade, cada indivíduo busca seu ideal, muitas vezes com indiferença estoica em relação aos outros. O sistema industrial repousa sobre a regra de ferro do diabo: cada um por si. Será um fenômeno inexplicável que aqueles que mais sofrem sob essa regra de egoísmo e ganância se organizem para derrubar o sistema de governo do diabo?"---

Os jornais estão repletos de descrições de casamentos elegantes, bailes e banquetes nos quais a chamada 'alta sociedade' aparece com trajes caros e joias raras. Uma senhora, em um baile recente em Paris, dizem, usava diamantes no valor de US$ 1.600.000. O *jornal *New York World*,* em agosto de 1896, publicou uma foto de uma senhora americana adornada com diamantes e outras joias avaliadas em US$ 1.000.000; e ela nem sequer pertence às camadas sociais mais elevadas. A imprensa diária relata os gastos extravagantes de milhares de dólares na organização desses banquetes — para vinhos selecionados, decorações florais etc. Fala-se dos palácios erguidos para os ricos, muitos deles custando 50.000 dólares, e alguns chegam a custar 1.500.000 dólares. Relata-se sobre "festas para cães", nas quais os animais são alimentados com iguarias a um custo altíssimo, cuidados por suas "babás". Ela relata que foram pagos $10.000 por um serviço de sobremesas, $6.000 por dois vasos de flores artísticos, $50.000 por dois vasos cor-de-rosa. Ela relata que um duque inglês pagou $350.000 por um cavalo. Ela relata como uma mulher de Boston enterrou o marido em um caixão que custou $50.000. Contam que outra "senhora" gastou US$ 5.000 no enterro de um poodle de estimação. Contam que milionários de Nova York pagam até US$ 800.000 por um único iate.

Será de se admirar que muitos sintam inveja, e alguns fúria e amargura, ao contrastarem tal esbanjamento com a penúria de sua própria família, ou pelo menos com a economia forçada? Sabendo que poucos são as "novas criaturas" que colocam suas afeições nas coisas do alto e não nas coisas terrenas, e que aprenderam que "a piedade com contentamento é grande ganho" enquanto aguardam até que o Senhor justifique sua causa, não podemos nos surpreender que tais assuntos despertem nos corações das massas sentimentos de inveja, ódio, malícia e contenda; e esses sentimentos amadurecerão em revolta aberta, que acabará por realizar todas as obras da carne e do diabo, durante o grande tempo de angústia que se aproxima.

"Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma: orgulho, fartura de pão e abundância de ociosidade havia nela; *nem ela fortaleceu a mão dos pobres e necessitados*", etc. – Ez. 16:49, 50.

O *California *Christian Advocate**, ao comentar sobre um dos bailes da alta sociedade da cidade de Nova York, diz:

"O luxo desmedido e a extravagância deslumbrante exibidos pelos gregos e Romanos abastados dos 'tempos antigos' são coisa do passado. Tal ostentação imprudente está começando a surgir no que se chama de sociedade elegante neste país. Um de nossos jornais relata o caso de uma senhora de Nova York que gastou US$ 125.000 em uma única temporada com entretenimento. O caráter e o valor desses eventos podem ser avaliados pelo fato de que ela ensinou à sociedade como congelar ponche romano
no meio de tulipas vermelhas e amarelas e como comer tartaruga-de-água-doce com colheres de ouro em canoas de prata. Outros anfitriões enfeitavam suas mesas com rosas caras, enquanto um dos 'quatrocentos' teria gasto US$ 50.000 em uma única festa. Tais gastos extravagantes para fins tão fúteis são pecaminosos e vergonhosos, não importa quão grande seja a fortuna que se possua."

*O *Messiah's Herald** comentou da seguinte forma:

"Cento e quarenta e quatro autocratas da alta sociedade, liderados por um aristocrata, realizaram um grande baile. Nem mesmo a realeza jamais o ofuscou. Era um evento extremamente exclusivo. O vinho corria como água. A beleza emprestava seus encantos. Nem Marcos Antônio nem Cleópatra jamais se banharam em tamanha opulência. Era uma congregação de milionários. A riqueza do mundo foi esgotada em pérolas e diamantes. Colares de pedras preciosas custando 200 mil dólares ou mais enfeitavam dezenas de pescoços. O baile prosseguiu em meio a um esplendor digno de Aladim. A alegria era sem limites. Enquanto isso acontecia, segundo um jornal, 100 mil mineiros famintos na Pensilvânia vasculhavam as estradas como gado em busca de forragem, alguns deles sobrevivendo à base de gatos, e não poucos cometendo suicídio para evitar ver seus filhos passarem fome. No entanto, um único colar do baile do Metropolitan teria salvado todos esses da fome. Foi um dos 'grandes eventos sociais' de uma nação chamada cristã; mas que contraste! E não há remédio para isso. Assim será 'até que ele venha'."----

"Até que ele venha?" Não, antes: "Assim será *nos dias* do Filho do Homem", quando ele tiver vindo, enquanto estiver reunindo seus escolhidos a si mesmo e, assim, estabelecendo seu Reino, cuja inauguração será seguida pela "destruição" do atual sistema social em pedaços, em um grande tempo de angústia e anarquia, preparatório para o estabelecimento do Reino da justiça. (Ap. 2:26, 27; 19:15) Assim como foi *nos dias* de Ló, assim será *nos dias* do Filho do Homem. Assim como foi nos dias de Noé, assim será na [parousia] *presença* do Filho do Homem. – Mt. 24:37; Lucas 17:26, 28.

OS RICOS SÃO CONDENADOS COM DEMASIADA SEVERIDADE?

Citamos um editorial do San Francisco *Examiner*:

"O enorme iate a vapor britânico Valiante, do Sr. W. K. Vanderbilt, juntou-se ao iate a vapor britânico Conqueror, do Sr. F. W. Vanderbilt, no porto de Nova York. O Valiante custou US$ 800.000. Isso representa os lucros de uma safra de cerca de 15.000.000

bushels de trigo a 60 centavos, ou a produção total de pelo menos 8.000 fazendas de 160 acres. Em outras palavras, 8.000 agricultores, representando 40.000 homens, mulheres e crianças, trabalharam sob sol e tempestade para permitir que o Sr. Vanderbilt mandasse construir em um estaleiro estrangeiro uma embarcação de lazer como nenhuma que o soberano da Europa possui. A construção daquela embarcação exigiu o trabalho de pelo menos 1.000 mecânicos durante um ano. O dinheiro que ela custou, se fosse colocado em circulação entre nossos trabalhadores, teria exercido uma influência perceptível sobre a situação econômica em alguns setores."

J. R. Buchanan, na revista **Arena**, ao falar da extravagância cruel dos ricos, disse:

"Sua criminalidade não reside tanto no motivo insensível, mas na destruição *deliberada* da felicidade e da vida para alcançar um propósito egoísta. Que desperdiçar riqueza em ostentação e luxo é um crime torna-se muito evidente ao se examinar o ato de perto. Não haveria mal algum em construir um
cavalariça de 700 mil dólares para seus cavalos, como um milionário de Syracuse, ou em colocar um serviço de mesa de 50 mil dólares na mesa de jantar, como um Astor de Nova York, se o dinheiro fosse tão gratuito quanto o ar e a água; mas cada dólar representa um dia médio de trabalho. Portanto, a cavalariça de 700 mil dólares representa o trabalho de 1.000 homens por dois anos e quatro meses. Ela também representa 700 vidas; pois US$ 1.000 cobririam os custos dos primeiros dez anos de vida de uma criança, e os custos dos segundos dez anos seriam totalmente reembolsados por seu trabalho. O estábulo luxuoso, portanto, representa a base física de 700 vidas e afirma que o proprietário a valoriza mais do que essas vidas, ou está disposto a que 700 pessoas morram para que sua vaidade seja satisfeita."----

*A revista *The Literary Digest** afirmou em editorial:

"Não faz muito tempo, um clérigo da Nova Inglaterra enviou uma carta ao Sr. Samuel Gompers, presidente da Federação Americana do Trabalho, pedindo-lhe que explicasse por que, em sua opinião, tantos trabalhadores inteligentes não frequentam a igreja. Em

resposta, o Sr. Gompers afirmou que uma das razões é que as igrejas não estão mais em sintonia com as esperanças e aspirações dos trabalhadores e não demonstram empatia por suas misérias e fardos. Os pastores, disse ele, ou não sabem, ou não têm coragem de declarar, de seus púlpitos, o que é certo e o que é errado para os milhões de trabalhadores. As organizações consideradas mais eficazes na conquista de melhores condições têm sido mal vistas pela igreja. A atenção dos trabalhadores tem sido direcionada para "o doce futuro", com total negligência das condições decorrentes do "amargor do presente". A igreja e o clero têm sido os "apologistas e defensores das injustiças cometidas contra os interesses do povo, simplesmente porque os perpetradores são os detentores da riqueza". Questionado sobre os meios que sugeriria para uma reconciliação entre a igreja e as massas, o Sr. Gompers recomenda "uma reversão completa da atitude atual". Ele conclui com estas palavras: "Aquele que não consegue simpatizar com o movimento trabalhista, aquele que contempla com complacência ou indiferença os terríveis resultados das atuais condições econômicas e sociais, não é apenas o adversário dos melhores interesses da família humana, mas é *cúmplice* de todos os erros infligidos aos homens e mulheres de nosso tempo, às crianças de hoje, aos homens e mulheres do futuro."----

Embora observemos, assim, a opinião pública condenando os ricos como classe, e embora observemos também a condenação do Senhor e a punição predita para essa classe como um todo, é mais do que razoável que o povo de Deus exerça moderação em seus julgamentos ou opiniões sobre os ricos como indivíduos. O Senhor, cujo julgamento contra a classe é tão severo, será, no entanto, misericordioso para com eles como indivíduos; e quando, em sua sabedoria, tiver destruído seus ídolos de prata e ouro, abatido sua altivez e humilhado seu orgulho, Ele então será gracioso para consolar e curar aqueles que renunciarem ao egoísmo e ao orgulho. Note-se também que citamos apenas as expressões razoáveis e moderadas de escritores sensatos, e não as extremas e frequentemente

diatribes sem sentido de anarquistas e visionários.

Para ajudar a manter a moderação no julgamento, é bom lembrarmos (1) Que o termo "rico"---- é muito amplo e inclui não apenas os imensamente ricos, mas, na percepção de muitos, também aqueles que, comparados a esses, poderiam ser considerados pobres;
(2) Que, entre aqueles a quem os muito pobres chamariam de ricos, encontram-se muitas das melhores e mais benevolentes pessoas, muitas das quais estão, em grande medida, ativas em empreendimentos beneficentes e filantrópicos; e, se nem todas o fazem a ponto de se sacrificarem, certamente seria de má vontade que alguém que não se tenha sacrificado pela bem-aventurança dos outros as condenasse por não o fazerem. E aqueles que o fizeram sabem apreciar qualquer manifestação desse espírito que qualquer pessoa, seja rica ou pobre, possa demonstrar.

É bom lembrar que muitos dos ricos não apenas pagam, com justiça, pesados impostos para financiar escolas públicas gratuitas, para sustentar o governo, para apoiar instituições de caridade públicas etc., mas também contribuem de bom grado de outras formas para o socorro aos pobres e são sinceramente benevolentes para com asilos, faculdades, hospitais etc., bem como para com as igrejas que consideram mais dignas. E aqueles que fazem essas coisas com bom e honesto coração, e não (como devemos admitir que às vezes acontece) para se exibir e receber elogios dos homens, não perderão sua recompensa. E todos esses devem ser justamente estimados.

Todos são capazes e estão dispostos a criticar os milionários, mas, em alguns casos, tememos que o julgamento seja severo demais. Por isso, pedimos que nossos leitores não pensem de forma muito pouco caridosa a respeito deles. Lembrem-se de que eles, assim como os pobres, estão, em alguns aspectos, sob o controle do atual sistema social. Os costumes estabeleceram leis e barreiras em torno de suas mentes e corações. Conceitos errôneos sobre o cristianismo, endossados por todo o mundo — ricos e pobres — ao longo de séculos, marcaram profundamente os sulcos do pensamento e da razão pelos quais suas mentes vagam. Eles sentem que devem agir como os outros homens agem; que

, ou seja, devem usar seu tempo e seus talentos da melhor maneira possível e de acordo com os "princípios empresariais". Ao fazer isso, o dinheiro flui para eles, pois o dinheiro e as máquinas são hoje os criadores da riqueza, enquanto o trabalho está em desvalorização.

Então, sem dúvida, eles raciocinam que, por possuírem essa riqueza, é seu dever não acumulá-la toda, mas gastar parte dela. Talvez se perguntem se seria melhor distribuí-la como caridade ou deixá-la circular pelos canais do comércio e pelos salários do trabalho. Eles concluem, com razão, que a segunda opção seria o melhor plano. Bailes, banquetes, casamentos, iates etc. podem parecer-lhes prazeres para si mesmos e seus amigos, além de uma *ajuda aos vizinhos menos afortunados*. E não há *alguma* verdade nessa visão? O banquete de dez mil dólares, por exemplo, provavelmente coloca quinze mil dólares em circulação — por meio de açougueiros, padeiros, floristas, alfaiates, costureiras, joalheiros etc., etc. O
iate de 800 mil dólares, embora seja uma grande extravagância pessoal, causou uma circulação dessa quantia de dinheiro entre os trabalhadores em algum lugar; além disso, significará um gasto anual de, no mínimo, vinte e, muito provavelmente, cem mil dólares com oficiais, engenheiros, marinheiros, mantimentos etc., e outras despesas de funcionamento.

Sob *as* atuais *condições equivocadas*, portanto, é extremamente afortunado para as classes média e mais pobres que os ricos sejam "tolamente extravagantes", em vez de mesquinhos; gastando generosamente uma parte da torrente de riqueza que flui para seus cofres; em diamantes, por exemplo, que exigem "extração", lapidação e montagem e, assim, proporcionam emprego a milhares de pessoas que apenas aumentariam o número de desempregados se os ricos não tivessem caprichos ou extravagâncias, mas acumulassem tudo o que possuíam. Raciocinando assim, os ricos podem, na verdade, considerar suas extravagâncias como "caridades". E, se o fazem, estão apenas seguindo a mesma linha de *raciocínio falho* adotada por alguns membros da classe média, quando organizam "eventos sociais da igreja" — e feiras e festivais "em nome da doce caridade". —

Não estamos justificando a conduta deles: estamos apenas procurando apontar que as extravagâncias dos ricos em tempos de crise financeira não implicam necessariamente que eles sejam *desprovidos* de compaixão pelos pobres. E quando pensam em praticar a caridade de outra forma que não seja com base em "princípios empresariais", sem dúvida refletem que seria necessário um pequeno exército de homens e mulheres para supervisionar a distribuição de seus ganhos diários e que, de qualquer forma, não poderiam ter certeza de que ela chegaria aos mais necessitados; pois o egoísmo é tão generalizado que poucos seriam confiáveis para distribuir grandes quantidades com honestidade. Uma milionária comentou que nunca olhava pelas janelas de sua carruagem ao passar pelos bairros mais pobres, porque aquilo ofendia seus olhos. Nos perguntamos se não seria também porque sua consciência era incomodada pelo contraste entre sua condição e a dos pobres. Quanto a cuidar pessoalmente das obras de caridade — os homens estão ocupados demais cuidando de seus investimentos e as mulheres são refinadas demais para tais coisas: elas veriam cenas desagradáveis, ouviriam sons desagradáveis e sentiriam odores desagradáveis. Quando eram mais pobres, talvez tivessem cobiçado essas oportunidades de fazer o bem que agora possuem; mas o egoísmo, o orgulho, os compromissos sociais e a ética se sobrepõem aos sentimentos mais nobres e impedem que se obtenha muitos frutos. Como alguém disse: "Foi porque nosso Senhor andava fazendo o bem que se *compadeceu* das fraquezas do homem".

Ao fazer essas sugestões quanto ao consolo que elas podem proporcionar às classes mais pobres, não queremos que se interprete que, de forma alguma, estamos justificando a extravagância egoísta dos ricos, que é errada e que o Senhor condena como errada. (Tg 5,5) Mas, ao considerar esses diversos aspectos dessas questões controversas, a mente mantém-se equilibrada, o julgamento torna-se mais sensato e a compaixão mais terna para com aqueles a quem "o deus deste mundo" cegou com suas riquezas, a ponto de perverter seus julgamentos da justiça, e que estão prestes a receber um castigo tão severo

repreensão e castigo do Senhor. O "deus deste mundo" também cega os pobres em algumas questões, para justificar um caminho errado. Ele está, assim, conduzindo ambos os lados à grande "batalha".

Mas, embora possamos encontrar argumentos nos quais basear algumas justificativas para o atual aumento da riqueza nas mãos de poucos; embora possamos perceber que alguns dos ricos, especialmente os moderadamente ricos, sejam muito benevolentes; e embora possa ser verdadeira a alegação de que eles adquirem sua riqueza sob a ação das mesmas leis que regem a todos, e que alguns dos pobres são, por natureza, menos generosos e menos dispostos a ser justos do que alguns dos ricos, e que, se os papéis fossem invertidos, eles frequentemente se mostrariam mais exigentes e tirânicos do que os ricos, ainda assim, o Senhor declara que os detentores da riqueza estão prestes a ser chamados a julgamento por esse motivo, porque, ao perceberem a tendência dos acontecimentos, não buscaram, às suas próprias custas, um plano mais equitativo e mais generoso do que o costume atual; como, por exemplo, nos moldes do socialismo.

Para ilustrar as opiniões de um número cada vez maior de pessoas a respeito do *dever* da sociedade de, ou deixar livres para todos as oportunidades e riquezas da natureza (terra, ar e água), ou, caso estas sejam monopolizadas, proporcionar oportunidades de trabalho diário para aqueles que não têm participação nos monopólios, citamos o seguinte trecho de uma troca de correspondência. Diz assim:

"Raramente se lê na imprensa um incidente mais comovente da vida real do que o seguinte, confirmado por uma professora de jardim de infância que mora no Brooklyn, em Nova York.

"Uma menina que frequenta um jardim de infância no East Side, o bairro mais pobre da cidade de Nova York, chegou à escola certa manhã, recentemente, vestida com roupas finas e parecendo abatida e com frio. Depois de ficar um tempo no jardim de infância aquecido, a criança olhou para o rosto da professora e disse com sinceridade:

" 'Srta. C——, a senhora ama a Deus?'

"'Claro que sim', disse a professora.

"'Bem, eu não', respondeu rapidamente a criança com grande sinceridade e veemência, 'eu O odeio.'

"A professora, achando estranha essa resposta vinda de uma criança a quem ela havia se esforçado tanto para ensinar que era certo amar a Deus, pediu uma explicação.

"'Bem', disse a criança, 'ele faz o vento soprar, e eu não tenho roupas quentes; e ele faz nevar, e meus sapatos estão furados; e ele faz frio, e não temos lareira em casa; e ele nos deixa com fome, e a mamãe não tinha pão para o nosso café da manhã.'"---

O comentário diz: "Se considerarmos a perfeição das dádivas materiais de Deus aos filhos da Terra, é difícil, depois de ler essa história, encarar com paciência a complacência dos blasfemos ricos que, como a inocente menina, atribuem as misérias da pobreza a Deus."

No entanto, não se pode esperar muito dos mundanos; pois o egoísmo é o espírito do mundo. Temos mais motivos para olhar para os homens grandes e ricos que professam ser cristãos. No entanto, esses não colocam nem suas vidas nem suas riquezas no altar de Deus a serviço do evangelho, nem as dedicam ao bem-estar temporal da humanidade. É claro que o evangelho vem em primeiro lugar! Ele deve receber tudo: nosso tempo, talento, influência e recursos. Mas onde ele fica oculto à vista e não tem controle sobre o coração por causa de conceitos errôneos, decorrentes de ensinamentos falsos, o coração consagrado certamente encontrará muito o que fazer pelos semelhantes caídos, nas áreas da temperança, da melhoria social, da reforma municipal, etc. E, de fato, muitos estão engajados nisso, mas geralmente são pessoas pobres ou da classe média; poucos ricos, poucos milionários. Se alguns dos milionários do mundo possuíssem tanto do espírito de Cristo e dedicassem seus talentos mentais e financeiros, seu próprio tempo e o tempo de colaboradores capazes que

ficariam felizes em ajudar se a porta da oportunidade lhes fosse aberta, que reforma social o mundo testemunharia em um ano! Como as concessões públicas concedidas a corporações e trustes seriam restringidas ou recuperadas no interesse público; leis perversas seriam emendadas e, em geral, os interesses do público seriam considerados e protegidos, e os magnatas financeiros e políticos se tornariam menos poderosos, em detrimento dos interesses do público.

Mas esperar tal uso da riqueza não é razoável; pois, embora muitos homens ricos professem o cristianismo, eles, assim como o restante do mundo, nada sabem sobre o verdadeiro cristianismo — a fé em Cristo como o *redentor* pessoal e a consagração total de cada talento ao seu serviço. Eles desejam ser classificados como "cristãos", pois não querem ser classificados como "pagãos" – ou "judeus"; – porque o nome de Cristo é popular hoje em dia, mesmo que seus verdadeiros ensinamentos não sejam mais populares do que quando ele foi crucificado.

Na verdade, a Palavra de Deus testifica que Deus não escolheu muitos grandes, ricos ou sábios para serem herdeiros do Reino; mas principalmente os pobres e desprezados, segundo os padrões, a sabedoria e a avaliação deste mundo. Quão difícil (com que dificuldade) será para aqueles que possuem riquezas entrar no Reino de Deus. É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos céus.* – Mateus 19:23, 24.

Mas, ai de mim! "Os ricos pobres" passarão por experiências terríveis. Não só a riqueza se revelará um obstáculo à honra e à glória futuras no Reino de Deus, mas, mesmo aqui, suas vantagens

*Diz-se que o "Buraco da Agulha" era o nome de um pequeno portão nas muralhas das cidades antigas, usada após o pôr do sol, quando os portões maiores já estavam fechados, por medo de ataques de inimigos. Descreve-se que eram tão pequenos que um camelo só conseguia passar de joelhos, depois que sua carga fosse removida. A ilustração parece sugerir que um homem rico precisaria se livrar de seus fardos e se ajoelhar antes de poder garantir sua vocação e escolha para um lugar no Reino.

será de curta duração. “Ide agora, *vós*, *homens ricos*, chorai e uivai pela miséria que virá sobre vós... Vós acumulastes tesouros para os últimos dias.” O choro e o uivo dos ricos serão ouvidos em breve; e o conhecimento disso deveria remover toda inveja e cobiça de todos os corações, e enchê-los, em vez disso, de compaixão pelos “ricos pobres”; uma compaixão que, no entanto, não se esforçaria nem desejaria alterar o julgamento do Senhor, reconhecendo Sua sabedoria e bondade, e que o resultado do choro e do lamento será uma correção do coração e uma abertura dos olhos para a justiça e o amor, por parte de todos — ricos e pobres igualmente —, mas mais severa para com os ricos, porque a mudança em sua condição será muito maior e mais violenta.

Mas por que as condições não podem ser alteradas de forma a levar, gradualmente, à equalização da riqueza e do conforto? Porque o mundo não é governado pela lei real do amor, mas pela lei da depravação – o egoísmo.

O EGOÍSMO EM COMBINAÇÃO COM A LIBERDADE

As doutrinas cristãs promovem *a liberdade*, e a liberdade conduz ao conhecimento e à educação e os alcança. Mas a liberdade e o conhecimento são perigosos para o bem-estar humano, a menos que haja obediência à letra e ao espírito da lei real do amor. Por isso, a “Cristandade”, tendo aceitado a liberdade cristã e adquirido conhecimento, sem ter adotado a lei de Cristo, mas tendo, em vez disso, enxertado seu conhecimento e sua liberdade na disposição caída e egoísta, limitou-se a aprender melhor como exercer seu egoísmo. Como resultado, a cristandade é a parcela mais insatisfeita da Terra hoje; e outras nações compartilham desse descontentamento e de seus danos proporcionalmente à medida que adotam o conhecimento e a liberdade do cristianismo sem adotar o espírito de Cristo, o espírito do amor.

A Bíblia, tanto o Antigo Testamento quanto o Novo, fomentou o espírito de liberdade — não diretamente, mas indiretamente. A Lei, de fato, determinava que os servos se submetessem aos seus mestres,

mas também restringia os mestres em benefício dos servos, assegurando-lhes que a injustiça certamente seria retribuída pelo grande Mestre de todos – Jeová. O evangelho, o Novo Testamento, também faz o mesmo. (Ver Col. 3:22-25; 4:1.) Mas a Bíblia assegura a todos que, embora os homens difiram em suas faculdades mentais, morais e físicas, Deus providenciou uma restauração plena — para que, pela fé em Cristo, ricos e pobres, escravos e livres, homens e mulheres, sábios e insensatos, possam todos retornar ao favor divino, em um nível comum — "aceitos no Amado".

Não é surpreendente, portanto, que os judeus da antiguidade fossem um povo amante da liberdade e tivessem a fama de uma raça rebelde — não dispostos a permanecerem subjugados, de modo que seus conquistadores concluíram que não havia outra maneira de subjugá-los a não ser destruí-los totalmente como nação. Tampouco é surpreendente que estadistas competentes (mesmo aqueles que não eram cristãos) tenham admitido que "a Bíblia é a pedra angular de nossas liberdades", e que a experiência comprove que, por onde quer que a Bíblia tenha chegado, *a liberdade* também chegou; trazendo consigo a educação e, de modo geral, sentimentos mais elevados. Assim foi durante os dois primeiros séculos da era cristã: então o erro (a astúcia clerical e a superstição) assumiu o controle, a Bíblia foi ignorada ou suprimida e, em vez de mais progresso, a política do papado trouxe a "Idade das Trevas".----Com o renascimento da Bíblia como instrutora pública, nas Reformas Inglesa e Alemã, a liberdade, o conhecimento e o progresso reapareceram entre o povo. É um fato incontestável que os países que possuem a Bíblia têm mais liberdade e esclarecimento geral, e que, nos países em que a Bíblia é mais livre, o povo é mais livre, mais esclarecido, mais amplamente instruído e dá os passos mais rápidos de progresso em todas as direções.

Mas observe agora o que mencionamos acima: que as influências esclarecedoras e libertadoras da Bíblia têm

aceitas pela cristandade, enquanto sua lei do amor (a *lei da liberdade perfeita* – Tg 1,25) tem sido amplamente ignorada. Pessoas pensantes estão apenas despertando para o fato de que o conhecimento e a liberdade, unidos, constituem um poder imenso que pode ser exercido tanto para o bem quanto para o mal; que, se, como uma alavanca, eles se moverem sobre o fulcro do amor, os resultados serão poderosos para o bem; mas que, quando se moverem sobre o fulcro do egoísmo, os resultados serão malignos – um mal poderoso e de longo alcance. Essa é a condição que a cristandade enfrenta hoje e que está preparando rapidamente os elementos sociais para o "fogo" do "dia da vingança" e das recompensas.

Na química, verifica-se frequentemente que alguns elementos úteis e benéficos tornam-se repentinamente veneno podre pela mudança de proporções. Assim ocorre com as bênçãos do conhecimento e da liberdade quando combinadas com o egoísmo. Em certas proporções, essa combinação prestou um serviço valioso à humanidade, mas o recente grande aumento do conhecimento, em vez de exaltar o conhecimento ao trono do poder, entronizou o egoísmo. O egoísmo domina e usa o conhecimento e a liberdade como seus servos. Essa combinação está agora governando o mundo; e até mesmo seus elementos valiosos tornam-se inimigos da justiça e da paz, devido ao fato de o egoísmo estar no controle. Nessas condições, o conhecimento, como servo do egoísmo, atua mais ativamente a serviço de interesses egoístas, e a liberdade controlada pelo egoísmo ameaça se tornar libertinagem, sem levar em conta os direitos e as liberdades alheias. Nas condições atuais, portanto, o egoísmo (que controla), o conhecimento e a liberdade constituem um triunvirato do poder maligno que agora governa e oprime a cristandade — por meio de seus agentes e representantes, a classe rica e influente; e continuará sendo o mesmo triunvirato maligno quando, em breve, trocar seus servos e representantes e aceitar como tais as massas.

Todos nas terras civilizadas – ricos e pobres, instruídos e incultos, sábios e tolos, homens e mulheres – (com raras exceções) são levados a quase todos os atos da vida por essa poderosa combinação. Ela gera em todos os seus súditos um frenesi por posição, poder e vantagem, pelo autoengrandecimento. Os poucos santos, cujos objetivos são o bem presente e futuro dos outros, constituem uma minoria tão pequena que mal merecem ser considerados como um fator na época atual. Eles serão impotentes para realizar o bem que almejam até que, glorificados com seu Senhor e Mestre, estejam qualificados e habilitados a abençoar o mundo como o Reino de Deus. E, enquanto estiverem na carne, ainda precisarão vigiar e orar para que nem mesmo seu conhecimento superior e sua liberdade superior se tornem males ao ficarem sob o domínio do egoísmo.

A INDEPENDÊNCIA VISTA PELOS RICOS E PELOS POBRES

As massas do mundo só recentemente saíram da escravidão e da servidão para alcançar a liberdade e a independência. O conhecimento rompeu as correntes, tanto pessoais quanto políticas, à força: a igualdade política não foi concedida de bom grado, mas, pouco a pouco, sob coação. E o mundo dos iguais políticos está agora se dividindo em função do orgulho e do egoísmo, e uma nova batalha se iniciou por parte dos ricos e abastados pela manutenção e aumento de sua riqueza e poder, e por parte das classes mais baixas pelo direito de trabalhar e desfrutar dos confortos moderados da vida. (Ver Amós 8:4-8.) Muitos dos ricos tendem a pensar e sentir o seguinte em relação às classes mais pobres: Bem, finalmente as massas conquistaram o direito ao voto e a independência. Que isso lhes traga muito bem! Elas descobrirão, no entanto, que a inteligência é um fator importante em todos os assuntos da vida, e que a inteligência está principalmente nas mãos da aristocracia. Nossa única preocupação é que elas usem sua liberdade com moderação e dentro da lei; ficamos aliviados com isso

de grande parte da responsabilidade. Antigamente, quando as massas eram servos, todo senhor, nobre e duque sentia alguma responsabilidade por aqueles sob seus cuidados; mas agora estamos livres para cuidar apenas de nossos próprios prazeres e fortunas. A independência delas é ainda melhor para nós; todo "cavalheiro se beneficia com a
mudança e espera o mesmo para o povo, que, naturalmente, fará o melhor que puder pelo próprio bem-estar, assim como nós fazemos pelo nosso. Ao se tornarem politicamente iguais e independentes, eles alteraram nossa relação — agora são nossos iguais legalmente e, portanto, nossos *concorrentes* em vez de nossos protegidos; mas aprenderão com o tempo que a igualdade política não torna os homens iguais física ou intelectualmente: o resultado será uma aristocracia do intelecto e da riqueza, em vez da antiga aristocracia da hereditariedade.

Alguns dos chamados "marginalizados" da sociedade respondem sem pensar: Aceitamos a situação; somos independentes e perfeitamente capazes de cuidar de nós mesmos. Cuidado para que não sejamos mais espertos do que vocês. A vida é uma guerra pela riqueza e temos os números a nosso favor; organizaremos greves e boicotes e conseguiremos o que queremos.

Se for aceita a *premissa* de que todos os homens são independentes uns dos outros e de que cada um deve, egoisticamente, fazer o melhor que puder em prol de seus próprios interesses, independentemente dos interesses e do bem-estar dos demais, então as visões antagônicas da "guerra pela riqueza" sugeridas acima não poderiam ser contestadas. E certamente é com base nesse princípio de egoísmo e independência que todas as classes parecem estar agindo, cada vez mais. Os capitalistas zelam por seus próprios interesses e, geralmente (embora haja nobres exceções), pagam o mínimo possível pela mão de obra. E os mecânicos e operários também (com nobres exceções) zelam apenas por si mesmos, para obter o máximo possível por seus serviços. Como, então, qualquer uma das classes pode criticar a outra de forma coerente, se ambas reconhecem os mesmos princípios de independência, egoísmo e força?

Essa visão tornou-se tão amplamente aceita pelo público que o antigo costume de aqueles com educação superior, talentos e outras vantagens visitarem os pobres e ajudá-los com conselhos ou recursos materiais foi se extinguindo; e agora cada um cuida de seus próprios assuntos e deixa os outros, independentes, para cuidarem de si mesmos, ou, muitas vezes, à mercê das generosas provisões públicas – asilos, hospitais, "lares", etc. Isso pode ser favorável para alguns e em certos aspectos, mas tende a trazer dificuldades para outros e em outros aspectos – por causa da inexperiência, da imprudência, do desperdício, da indolência, da imbecilidade e do infortúnio.

O fato é que nem os ricos nem os pobres podem se dar ao luxo de serem egoisticamente *independentes* uns dos outros; nem devem sentir-se ou agir como se fossem. A humanidade é uma única família: Deus "fez de um só sangue todas as nações dos homens" (Atos
17:26). Cada membro da família humana é irmão de todos os demais seres humanos. Todos são filhos do único pai, Adão, um filho de Deus (Lucas 3:38), a quem Deus confiou, em conjunto, o cuidado da terra com toda a sua plenitude como uma administração. Todos são, portanto, beneficiários da provisão divina; pois ainda "a terra é do Senhor e tudo o que nela há". A queda no pecado e sua pena, a morte, que se concretizou por meio de um declínio gradual — físico, mental e moral —, deixou todos os homens mais ou menos prejudicados, e cada um precisa e deve receber a compaixão e a ajuda dos demais, *na proporção do grau de seu prejuízo e da consequente dependência*, seja ela mental, moral ou física.

Se o amor fosse o motivo dominante nos corações de todos os homens, cada um se deleitaria em fazer sua parte pelo bem-estar comum, e todos estariam em igualdade no que diz respeito às necessidades comuns e a alguns dos confortos da vida. Isso implicaria uma certa dose de socialismo. Mas o amor não é o motivo dominante entre os homens e, consequentemente, tal plano não pode funcionar atualmente. O egoísmo é o motivo dominante

, não apenas na maior parte, mas em quase toda a cristandade, e está produzindo seus próprios frutos amargos, que amadurecem rapidamente para a grande colheita de Apocalipses 14:19,20.

Nada menos do que (1) uma conversão *em massa* do mundo ou (2) a intervenção de um poder sobre-humano poderia agora mudar o curso do mundo, desviando-o do caminho do egoísmo para o do amor. Tal conversão nem mesmo os mais otimistas ousam sonhar; pois, embora o cristianismo nominal tenha conseguido converter externamente um número relativamente pequeno dos bilhões de habitantes da Terra, as verdadeiras conversões — do espírito egoísta do mundo para o espírito amoroso e generoso de Cristo — podem ser contadas apenas em pequeno número. Portanto, é melhor abandonar qualquer esperança proveniente desse lado. A única esperança está na intervenção de um poder sobre-humano, e é exatamente essa mudança que Deus prometeu no e por meio do Reino Milenar de Cristo. Deus previu que seriam necessários mil anos para banir o egoísmo e restabelecer o amor no controle total até mesmo dos que estão dispostos; daí a provisão para exatamente esses "tempos de restauração"---(Atos 3:21) Entretanto, os poucos que realmente apreciam e anseiam pelo governo do amor geralmente percebem a impossibilidade de alcançá-lo por meios terrenos; pois os ricos não abrirão mão de suas vantagens de boa vontade; nem as massas produziriam o suficiente para si mesmas se não fosse pelo estímulo da necessidade ou da cobiça, tão inerente é a comodidade egoísta em alguns, e o luxo egoísta, esbanjador e a imprudência em outros.

Por que as recentes condições favoráveis não podem continuar

Pode-se argumentar que ricos e pobres convivem há seis mil anos e que não há mais perigo de calamidade hoje do que no passado; não há mais perigo de que os ricos oprimam os pobres e os deixem morrer de fome, nem de que os pobres destruam os ricos por meio da anarquia. Mas isso é um equívoco; há um perigo maior do que nunca de ambos os lados.

As condições das massas mudaram muito desde os dias da servidão; não apenas as condições físicas, mas também as mentais; e agora, depois de terem experimentado a civilização e a educação, seriam necessários séculos de opressão gradual para fazê-las submeter-se novamente à antiga ordem das coisas, na qual eram vassalas da nobreza fundiária. Isso não poderia ser feito em um século — antes elas morreriam! A mera suspeita de uma tendência em direção a tal futuro para seus filhos levaria a uma revolução, e é esse medo que está ajudando a incitar os pobres a protestos mais intensos do que jamais foram tentados.

Mas pode-se perguntar: por que deveríamos contemplar tal tendência? Por que não supor uma continuidade, e até mesmo um aumento, da prosperidade geral do século passado e, particularmente, dos últimos cinquenta anos?

Não podemos supor isso, porque a observação e a reflexão mostram que tais expectativas seriam irracionais, na verdade impossíveis, por várias razões. A prosperidade do século atual tem sido – sob supervisão divina (Dn 12,4) – resultado direto do *despertar* intelectual do mundo, tendo a imprensa, o vapor, a eletricidade e a mecânica aplicada como agentes. O despertar trouxe um aumento na demanda por bens de primeira necessidade e de luxo por parte de um número crescente de pessoas. Surgiu repentinamente, o aumento

da demanda excedeu a produção; e, por isso, os salários em geral aumentaram. E à medida que a oferta se tornou igual e superou as demandas dos mercados internos, outras nações, há muito adormecidas, também despertaram e passaram a exigir suprimentos. Por um tempo, todas as classes se beneficiaram, e todas as nações civilizadas de repente se tornaram muito mais ricas, bem como muito mais confortáveis do que jamais haviam sido; pois a fabricação de máquinas exigia moldadores, maquinistas e carpinteiros; e estes precisavam da ajuda de lenhadores, fabricantes de tijolos, construtores de fornos e operários de fornos; e, quando as máquinas estavam prontas, muitas delas exigiam carvão, o que gerou uma demanda crescente por mineiros de carvão, engenheiros, foguistas etc. Navios a vapor e ferrovias eram procurados em todo o mundo, e milhares de homens foram prontamente empregados na construção, no equipamento e na operação desses meios de transporte. Assim, a força de trabalho foi repentinamente mobilizada, e os salários aumentaram proporcionalmente à qualificação exigida. Indiretamente, outros também foram beneficiados, além daqueles diretamente empregados; pois, à medida que os homens passaram a receber melhores salários, passaram a se alimentar melhor, a usar roupas de melhor qualidade e a morar em casas melhores, com móveis mais confortáveis. O agricultor não só foi obrigado a pagar mais pela mão de obra que contratava, mas, por sua vez, recebia proporcionalmente mais pelo que vendia; e assim acontecia em todos os ramos da indústria. Assim, os curtidores e sapateiros, os fabricantes de meias, relojoeiros, joalheiros etc. foram beneficiados, pois quanto melhor as massas eram remuneradas, mais podiam gastar tanto em necessidades básicas quanto em luxos. Aqueles que antes andavam descalços compravam sapatos; aqueles que antes andavam sem meias passaram a considerar as meias uma necessidade; e, assim, todos os setores do comércio prosperaram. Com toda essa demanda surgindo repentinamente, uma prosperidade geral e rápida era inevitável.

A inovação foi estimulada pela demanda e levou à introdução de um dispositivo após o outro para economizar trabalho nas fábricas, nos lares, nas fazendas, em todos os lugares, até hoje

é difícil para qualquer pessoa ganhar o mínimo necessário para sobreviver sem depender das máquinas modernas. Tudo isso, somado ao comércio com nações estrangeiras — que despertaram de forma semelhante, embora mais tarde —, manteve as coisas *prosperando* para as classes trabalhadoras, ao mesmo tempo em que tornou os comerciantes e fabricantes da cristandade fabulosamente ricos.

Mas agora estamos *nos aproximando* do fim dessa trajetória de prosperidade. Já em muitas áreas a oferta mundial excede a demanda mundial, ou melhor, excede *a capacidade financeira* de satisfazer seus desejos. A China, a Índia e o Japão, depois de terem sido excelentes clientes para os produtos manufaturados da Europa e dos Estados Unidos, agora estão, em geral, utilizando sua própria mão de obra (a seis a doze centavos por dia) para reproduzir o que já haviam comprado; e, portanto, exigirão cada vez menos, proporcionalmente, daqui em diante. Os países da América do Sul foram impulsionados mais rapidamente do que sua capacidade permitia, e alguns deles já estão falidos e precisam economizar até que alcancem uma melhor condição financeira.

Evidentemente, portanto, uma crise se aproxima; uma crise que teria culminado mais cedo na Europa se não fosse pela prosperidade sem precedentes desta Grande República, sob um regime de tarifas protecionistas, que atraiu para cá, para investimento, milhões de capitais europeus, bem como atraiu milhões de europeus para compartilhar os benefícios dessa prosperidade, e que, incidentalmente, produziu corporações gigantes e trustes que agora ameaçam o bem-estar público.

A prosperidade geral e os salários mais altos chegaram também à Europa. Não só a força de trabalho europeia foi aliviada, mas as guerras também aliviaram a pressão da concorrência no mercado de trabalho, matando um milhão de homens no auge da vida e causando a destruição de bens e uma interrupção geral do trabalho. E para a

últimos vinte e cinco anos, os exércitos permanentes, em constante crescimento, estão retirando da Europa outros milhões de homens que, de outra forma, seriam concorrentes; além disso, considere o grande número de pessoas empregadas na fabricação de armamentos militares, armas, navios de guerra etc.

Se, apesar de todas essas condições tão favoráveis à prosperidade e à demanda por mão de obra com bons salários, constatamos agora que o ápice foi atingido e que os salários tendem, atualmente, a cair, temos motivos para afirmar, tanto do ponto de vista humano quanto do ponto de vista da revelação de Deus, que uma crise se aproxima — *a* crise da história deste mundo.

Vale ressaltar também que, embora os salários tenham atingido um patamar sem precedentes nos últimos anos, o aumento dos preços dos bens de primeira necessidade mais do que acompanhou esse aumento, exercendo, assim, uma influência mais do que contrabalançadora. Qual será o resultado? E por quanto tempo teremos de esperar por ele?

O colapso virá repentinamente. Assim como o marinheiro que subiu lentamente até o topo do mastro pode cair de repente, assim como uma grande peça de maquinário, levantada lentamente por engrenagens e roldanas, se escorregar de suas fixações, cairá novamente com uma força esmagadora e destrutiva, ficando em situação muito pior do que se nunca tivesse sido levantada, assim também a humanidade, elevada muito acima de qualquer nível anterior pelas engrenagens e alavancas da invenção e do aperfeiçoamento, e pelo sistema de talhas e roldanas da educação geral e do esclarecimento, chegou a um ponto em que (por causa do egoísmo) essas forças não podem mais elevá-la — onde algo está cedendo. Ela se estabilizará por um momento (alguns anos) em um nível mais baixo, antes que as engrenagens e alavancas, que não podem ir mais longe, se quebrem sob a tensão, resultando em uma ruína total.

Quando a maquinaria foi introduzida pela primeira vez, os resultados em

com o trabalho e a habilidade humanos eram temidos; mas as forças contrárias, já mencionadas (o despertar geral, na cristandade e fora dela, a fabricação de máquinas, guerras, exércitos etc.), têm até agora mais do que neutralizado a tendência natural: a tal ponto que muitas pessoas concluíram que essa questão vai contra a razão e que as máquinas que economizam trabalho não estão em guerra com o trabalho humano. Mas não é assim: o mundo ainda funciona sob a lei da oferta e da demanda; e o funcionamento dessa lei é certo e pode ser esclarecido a qualquer mente razoável. A demanda por trabalho e habilidade humanos aumentou apenas temporariamente na preparação da oferta ainda mais abundante de máquinas para substituir o trabalho e, uma vez atingido o clímax, a reação não pode ser senão repentina e esmagadora para aqueles sobre os quais recai o peso da substituição.

Suponhamos que a civilização tenha aumentado as *demandas* mundiais para *cinco* vezes o que eram há cinquenta anos (e certamente isso deve ser considerado uma estimativa muito generosa); como fica a oferta? Todos concordarão que as invenções e as máquinas aumentaram a *oferta* para mais de dez vezes o que era há cinquenta anos. Até mesmo um cego mental pode perceber que, assim que forem construídas máquinas suficientes para *atender* às *demandas*, a partir daí haverá uma corrida, uma competição entre o homem e a máquina; pois não haverá trabalho suficiente para todos, mesmo que não haja mais acréscimos, seja de homens, seja de máquinas. Mas a competição está se intensificando; a população mundial está aumentando rapidamente, e as máquinas, guiadas por habilidades cada vez maiores, estão criando mais e melhores máquinas a cada dia. Quem não consegue perceber que, sob o atual sistema egoísta, assim que a *oferta* exceder a *demanda* (assim que tivermos superprodução), a corrida entre homens e máquinas será curta e muito

desfavorável aos homens. As máquinas, em geral, são *escravas* do ferro, do aço e da madeira, animadas pelo vapor, pela eletricidade etc. Elas não só conseguem realizar mais trabalho, mas também um trabalho de melhor qualidade do que os homens. E não têm mentes para cultivar, nem disposições perversas para controlar, nem esposas e famílias com quem se preocupar e para sustentar; não são ambiciosas; não formam sindicatos nem enviam delegados para interferir na gestão dos negócios, nem entram em greve; e estão prontas para trabalhar horas extras sem reclamações sérias ou remuneração adicional. Como escravos, portanto, as máquinas são muito mais desejáveis do que escravos humanos, sejam negros ou brancos, e o trabalho e a habilidade humanos estão, por isso, sendo dispensados na medida do possível; e aqueles que possuem as máquinas-escravas ficam contentes que, sob as leis e costumes atuais, seus semelhantes sejam livres e independentes, pois assim ficam aliviados da responsabilidade e do cuidado em relação a eles que sua escravidão exigiria.

Os trabalhadores do mundo não são cegos. Eles percebem, pelo menos vagamente, aonde o atual sistema de egoísmo — que, devem admitir, eles próprios ajudaram a fomentar e sob o qual, assim como todos os outros, ainda funcionam — inevitavelmente os levará. Ainda não enxergam claramente sua inevitabilidade, nem a abjeção da servidão à qual, a menos que seja evitado, ele certamente e rapidamente os levará. Mas eles percebem que a competição entre si para serem servos dos escravos das máquinas (como maquinistas, engenheiros, foguistas etc.) está se tornando mais acirrada a cada ano.

A MAQUINARIA COMO FATOR NA PREPARAÇÃO PARA O "INCÊNDIO". OS ÚLTIMOS ANOS NÃO PASSAM DE UM ANTEVISÃO DO QUE ESTÁ POR VIR

Citamos algumas das pessoas que estão despertando e que percebem as possibilidades do futuro. Um escritor desconhecido diz:

"O brilho das antigas democracias das cidades gregas, cintilando como pontos de luz contra o fundo sombrio da barbárie circundante, tem sido fonte de controvérsia entre os advogados modernos de diferentes formas de governo. Os oponentes do governo popular têm sustentado que as cidades antigas não eram, de forma alguma, verdadeiras democracias, mas sim aristocracias, uma vez que se baseavam no trabalho de escravos, que por si só proporcionava aos cidadãos livres o lazer necessário para se dedicarem à política. De acordo com esses pensadores, deve haver uma classe de base para realizar o trabalho pesado da comunidade, e um sistema político que permita aos trabalhadores comuns participar do governo é um sistema que não pode perdurar."

"Esse raciocínio plausível foi respondido de forma engenhosa pelo Sr. Charles H. Loring em seu discurso presidencial perante a Sociedade Americana de Engenheiros Mecânicos em 1892, quando ele admitiu que a civilização moderna possuía todas as vantagens da escravidão antiga sem sua crueldade. 'A desgraça da civilização antiga', disse ele, 'era sua total falta de humanidade. Justiça, benevolência e misericórdia exerciam pouquíssima influência; força, fraude e crueldade as suplantaram. Também não se poderia esperar nada melhor de uma organização baseada no pior sistema de escravidão que já chocou a sensibilidade do homem. Enquanto a escravidão humana fosse a origem e o sustento da civilização, esta teria de ser brutal, pois o rio não poderia subir mais alto do que sua nascente. Tal civilização, após um rápido apogeu, teve de decair, e a história, embora vaga, mostra sua queda em uma barbárie tão sombria quanto aquela da qual havia emergido.'

"'A civilização moderna também tem em sua base um escravo trabalhador, mas um que difere amplamente de seu antecessor dos antigos. Ele não tem nervos e não conhece a fadiga. Não há intervalo em seu trabalho, e ele realiza, em um espaço reduzido, mais do que o trabalho de nações inteiras de escravos humanos. Ele não é apenas muito mais forte, mas também muito mais barato do que eles. Ele trabalha incessantemente e faz de tudo; do mais refinado ao mais grosseiro, ele é igualmente versátil. Ele produz todas as coisas em tal abundância que o homem, aliviado da maior parte da

seu trabalho servil, percebe pela primeira vez seu título de Senhor da Criação. Os produtos de todas as grandes artes de nossa civilização, o uso de transporte barato e rápido por terra e água, a impressão, os instrumentos de paz e guerra, a aquisição de conhecimento de todos os tipos, tornam-se possíveis e acessíveis a todos graças ao trabalho do escravo obediente, a quem chamamos de máquina a vapor."

"É literalmente verdade que a maquinaria moderna é um escravo com centenas de vezes o poder produtivo dos antigos escravos humanos e, portanto, que dispomos agora da base material para uma civilização na qual toda a população constituiria uma classe ociosa, correspondente aos cidadãos livres de Atenas — uma classe que, na verdade, não é livre para passar o tempo em dissipação indolente, mas aliviada do trabalho mais árduo e capaz de se sustentar com conforto, sem mais trabalho manual do que o necessário para a boa saúde, cultivo intelectual e diversão razoável. Somente na Grã-Bretanha, estima-se que o vapor realize o trabalho de 156.000.000 de homens, o que é pelo menos cinco vezes mais do que havia em todo o mundo civilizado na Antiguidade, somando escravos e homens livres. Nos Estados Unidos, o vapor realiza o trabalho de 230 milhões de homens, o que representa quase toda a população atual do globo, e estamos aproveitando cachoeiras para acionar motores elétricos a um ritmo que parece capaz de deixar até mesmo esse número para trás.

"Mas, infelizmente, embora tenhamos uma base material para uma civilização de conforto, lazer e inteligência universalmente difundidos, ainda não aprendemos a tirar proveito dela. Estamos melhorando, mas ainda temos cidadãos que se consideram afortunados se conseguirem a oportunidade de passar todas as suas horas de vigília em trabalho exaustivo — cidadãos que, segundo nossa teoria política, são iguais a qualquer outro homem na decisão das políticas do governo, mas que não têm oportunidade de adquirir ideias sobre qualquer assunto além da perspectiva de suas próximas refeições.

"A ciência física nos deu os meios para construir o maior, o mais brilhante, o mais feliz e o mais duradouro

que a história conhece. Cabe às ciências sociais nos ensinar como usar esses recursos. Toda experiência nesse sentido, seja ela bem-sucedida ou fracassada, tem valor. Na química, há mil experiências infrutíferas para cada descoberta. Se Kaveah e Altruria fracassaram, ainda assim devemos agradecer aos seus idealizadores por ajudarem a marcar os recifes submersos no curso do progresso."

Uma revista especializada no comércio de carvão, **The Black Diamond**, afirma:

"Basta olharmos para a rapidez do transporte e da comunicação que ela desenvolveu para perceber que, de fato, conquistou uma posição sem a qual é difícil compreender como os negócios modernos poderiam ser conduzidos atualmente. Um aspecto da *mineração mecânica*, e que é de grande importância, é que se pode contar com o mecânico para realizar um trabalho constante. As perspectivas de greves são, portanto, bastante reduzidas, e é um fato notável que, onde quer que ocorra uma greve atualmente, ela seja frequentemente seguida por uma expansão do domínio das máquinas para novos territórios. A crescente aplicação de métodos mecânicos em todos os setores está gradualmente alinhando as relações do setor em uma base de ajuste que continuará tendendo a um ponto em que as greves possam se tornar quase impossíveis.

"A eletricidade ainda está em sua infância, mas, uma vez que se instala em um campo, parece ser permanente, e os garimpeiros dos diamantes escuros logo terão de encarar o fato severo de que, onde não foram expulsos pela mão de obra barata da Europa, terão de enfrentar um inimigo ainda mais invencível; e que, em poucos anos, onde milhares estão envolvidos na mineração, centenas realizarão a mesma quantidade de trabalho com o auxílio de maquinário elétrico de mineração."

O jornal *Olyphant Gazette* afirma:

"Os maravilhosos avanços da ciência e os inúmeros dispositivos desta era inventiva estão rapidamente substituindo o trabalho manual em muitos setores, e milhares de trabalhadores que encontravam emprego remunerador há alguns anos procuram em vão algo para fazer. Onde centenas de homens trabalhavam em uma usina ou fábrica, agora uma dezena realizará uma quantidade maior de trabalho, auxiliada por engenhocas mecânicas. A linotipia deixou milhares de tipógrafos desempregados e, assim por diante, em todos os diversos ofícios, as máquinas realizam o trabalho de forma mais rápida, com menos despesas e de maneira mais satisfatória do que o trabalho manual.

"As perspectivas são de que, em poucos anos, a mineração de carvão antracito será realizada em grande parte por dispositivos elétricos, e que o homem e a mula serão apenas acessórios de um dispositivo elétrico quando se tratar de trabalho que exija força motriz."

Outro autor aponta os seguintes fatos:

"Um homem e dois meninos podem realizar o trabalho que, há poucos anos, exigia 1.100 fiandeiros.

"Um homem hoje faz o trabalho de cinquenta tecelões na época de seu avô.

"As máquinas de estamparia de algodão substituíram 1.500 trabalhadores para cada um que permaneceu empregado.

"Uma máquina, operada por um único homem, fabrica em um dia tantas ferraduras quanto 500 homens levariam para produzir no mesmo tempo.

"Dos 500 homens anteriormente empregados no setor de serragem de toras, 499 perderam seus empregos devido à introdução de maquinário moderno.

"Uma máquina de pregos substitui 1.100 homens.

"Na fabricação de papel, 95% do trabalho manual foi substituído.

"Um único homem pode agora produzir, no mesmo tempo, a mesma quantidade de louças de cerâmica que 1.000 homens produziam antes da introdução das máquinas.

"Com o uso de máquinas no carregamento e descarregamento de navios, um homem consegue realizar o trabalho de 2.000 homens.

"Um relojoeiro experiente consegue produzir de 250 a 300 relógios por ano com a ajuda de máquinas, sendo assim substituídos 85% do antigo trabalho manual."

O *Pittsburgh Post*, ao destacar, há anos, o notável progresso na fabricação de ferro-gusa ao longo de duas décadas graças ao aprimoramento dos fornos, afirmou:

"Vinte anos atrás, em 1876, a produção de ferro-gusa nos Estados Unidos era de 2.093.236 toneladas. No ano de 1895, a produção de ferro-gusa no condado de Allegheny foi de 2.054.585 toneladas. Em 1885, a produção total do país foi de 4.144.000 toneladas de ferro-gusa, enquanto em 1895 lideramos o mundo com 9.446.000 toneladas."

Os canadenses observam as mesmas condições e os mesmos efeitos. O *Montreal Times* afirma:

"Com as melhores máquinas da atualidade, um homem pode produzir tecido de algodão para 250 pessoas. Um homem pode produzir roupas de lã para 300 pessoas. Um homem pode produzir botas e sapatos para 1.000 pessoas. Um homem pode produzir pão para 200 pessoas. No entanto, milhares não conseguem obter tecidos de algodão, de lã, botas, sapatos ou pão. Deve haver alguma razão para essa situação. Deve haver alguma maneira de remediar esse vergonhoso estado de anarquia em que nos encontramos. Então, qual é a solução?"

O *Topeka State Journal* afirmou:

"O Prof. Hertzka, economista e estadista austríaco, descobriu que, para administrar os diversos setores da indústria de modo a suprir os 22 milhões de austríacos com todos os bens de primeira necessidade, utilizando métodos e maquinário modernos, seria necessária a mão de obra de apenas 615 mil homens, trabalhando o número habitual de horas. Para fornecer itens de luxo a todos, seriam necessários apenas mais 315.000 trabalhadores. Ele calcula ainda que a atual população economicamente ativa da Áustria, incluindo todas as mulheres e todos os homens com idades entre 16 e 50 anos, é de 5.000.000, em números arredondados. Seus cálculos o levaram ainda a afirmar que esse número de trabalhadores, todos empregados e dotados de maquinário e métodos modernos, poderia suprir toda a população com bens de primeira necessidade e de luxo trabalhando trinta e sete dias por ano, com a jornada atual. Se optassem por trabalhar 300 dias por ano, teriam de fazê-lo por apenas uma hora e vinte minutos por dia.

"Os números do Prof. Hertzka relativos à Áustria, se corretos, são aplicáveis com pouca variação a todos os outros países, sem excluir os Estados Unidos. Há uma colheitadeira a vapor em operação na Califórnia que colhe e amarra noventa acres por dia, com a supervisão de três homens. Com arados em série acoplados, o aparelho a vapor dessa máquina pode arar oitenta e oito acres por dia. Um padeiro no Brooklyn emprega 350 homens e produz 70.000 pães por dia, ou seja, a uma taxa de 200 pães por cada homem empregado. Na fabricação de sapatos com a máquina McKay, um homem consegue produzir 300 pares no mesmo tempo que levaria para fazer cinco pares à mão. Na fábrica de implementos agrícolas, 500 homens realizam atualmente o trabalho de 2.500 homens.

"Antes de 1879, eram necessários dezessete homens qualificados para produzir 500 dúzias de vassouras por semana. Agora, nove homens conseguem produzir 1.200 dúzias no mesmo tempo. Um único homem consegue fabricar e dar acabamento a 2.500 latas de 2 libras por dia. Uma fábrica de relógios de Nova York consegue produzir mais de 1.400 relógios por dia, 511.000 por ano, ou a uma taxa de dois ou três relógios por minuto. No ramo de alfaiataria, um homem, com o auxílio da eletricidade, consegue cortar 500 peças de roupa por dia. Nas siderúrgicas de Carnegie, com a ajuda da eletricidade, oito homens realizam o trabalho de 300. Uma máquina de fabricação de fósforos, alimentada por um menino, consegue cortar 10 milhões de palitos por dia. O mais moderno tear pode funcionar sem supervisão durante toda a hora do almoço e por mais uma hora e meia após o fechamento da fábrica, tecendo tecidos automaticamente.

"Aqui se apresenta o problema da época que aguarda solução: como conectar de tal forma nossas forças e nossas necessidades para que não haja desperdício de energia nem carência. Com esse problema devidamente resolvido, fica claro que não haverá pessoas cansadas e sobrecarregadas de trabalho; nem pobreza, nem fome, nem privação, nem vagabundos. Inúmeras soluções foram propostas, mas até agora nenhuma parece aplicável sem causar injustiça a alguém, real ou aparente. O homem que conduzir o povo à luz nessa questão será o maior herói e o maior benfeitor de sua raça que o mundo já conheceu."

A CONCORRÊNCIA FEMININA COMO FATOR

Outro ponto a ser considerado é a concorrência feminina. Em 1880, de acordo com os relatórios do Censo dos Estados Unidos, havia 2.477.157 mulheres envolvidas em ocupações remuneradas nos Estados Unidos. Em 1890, os dados mostraram que o número era de 3.914.711, um aumento de mais de cinquenta por cento. O aumento da mão de obra feminina nas áreas de contabilidade, digitação e estenografia se mostra especialmente significativo. O Censo de 1880 registrou 11.756 mulheres empregadas nessas funções; o Censo de 1890 registrou 168.374. É seguro afirmar que o número total de mulheres atualmente (1912) envolvidas em atividades remuneradas ultrapassa dez milhões. E agora elas também estão sendo excluídas

pelas máquinas. Por exemplo, uma fábrica de torrefação de café em Pittsburgh, ao instalar duas máquinas de embalagem de café recém-inventadas — que funcionam com quatro mulheres —, provocou a demissão de cinquenta e seis mulheres.

A concorrência se torna cada dia mais intensa, e cada invenção valiosa apenas aumenta a dificuldade. Homens e mulheres são, de fato, poupados de muito trabalho árduo, mas quem irá sustentar a eles e suas famílias enquanto estiverem ociosos?

PONTOS DE VISTA E MÉTODOS DOS TRABALHADORES: RAZOÁVEIS E IRRACIONAIS

Não podemos deixar de confessar que todos os indícios apontam para uma pressão cada vez maior pelo emprego, por parte de um exército ainda maior de desempregados e, consequentemente, salários cada vez mais baixos. Para evitar isso, foram formados sindicatos, que certamente ajudaram de alguma forma a manter a dignidade, a remuneração e a honra, além de proteger muitos do poder esmagador do monopólio. Mas esses sindicatos tiveram seus efeitos negativos, assim como positivos. Eles levaram os homens a confiar em si mesmos e em seus sindicatos para obter conselho e alívio diante do dilema, em vez de voltarem-se para Deus e buscarem aprender em Sua Palavra qual é o Seu caminho, para que pudessem trilhá-lo sem tropeçar. Se tivessem seguido esse último caminho, o Senhor lhes teria concedido, como Seus filhos, "o espírito de uma mente sã" e os teria guiado com Seu conselho. Mas esse não foi o resultado; muito pelo contrário: a descrença em Deus, a descrença no homem, o descontentamento geral e o egoísmo inquieto e irritante se intensificaram. Os sindicatos cultivaram o sentimento de independência egoísta e de arrogância, e tornaram os trabalhadores mais arbitrários, afastando deles a simpatia dos homens de bom coração e benevolentes entre os empregadores, que estão rapidamente chegando à conclusão de que é inútil tentar uma abordagem conciliatória com os sindicatos, e que os trabalhadores devem aprender, por meio de experiências severas, a ser menos arbitrários.

A teoria do trabalho está correta quando afirma que as bênçãos e invenções inerentes ao amanhecer da Era Milenar devem reverter em benefício de toda a humanidade, e não apenas para a riqueza daqueles cuja avareza, discernimento aguçado, visão de futuro e posições privilegiadas garantiram a si mesmos e a seus filhos a propriedade de máquinas e terras, bem como a riqueza extra que estas geram diariamente. Eles consideram que esses afortunados não deveriam, de forma egoísta, apropriar-se de tudo o que puderem obter, mas deveriam compartilhar generosamente todas as vantagens com eles; não como um *presente*, mas como um *direito*; não sob a *lei da competição egoísta*, mas sob a *lei* divina *do amor ao próximo*. Eles fundamentam suas reivindicações nos ensinamentos do Senhor Jesus e frequentemente citam seus preceitos.

Mas parecem esquecer que estão pedindo aos afortunados que vivam segundo a regra do amor, em benefício dos menos afortunados, que ainda desejam viver segundo a lei do egoísmo. É razoável pedir aos outros o que eles próprios não estão dispostos a conceder aos outros? E, por mais desejável e louvável que isso possa ser, é sensato esperar isso, se for solicitado? Certamente que não. Os mesmos homens que exigem mais veementemente que aqueles mais afortunados do que eles compartilhem com eles estão bastante relutantes em compartilhar sua parcela de prosperidade com aqueles menos afortunados do que eles próprios.

Outro resultado do domínio do egoísmo nos assuntos humanos é que a maioria dos relativamente poucos homens que possuem bom senso está absorvida pelas grandes empresas, consórcios etc. da atualidade, enquanto aqueles que oferecem conselhos aos sindicatos são, muitas vezes, homens de senso moderado ou deficiente. Além disso, é improvável que conselhos bons e moderados sejam aceitos quando oferecidos. Os trabalhadores aprenderam a ser desconfiados, e muitos deles agora presumem que aqueles que oferecem conselhos sensatos são espiões e emissários que simpatizam com o lado dos empregadores. A *maioria* é irracional e está sujeita apenas aos astutos, que cedem aos caprichos dos mais ignorantes, a fim de se tornarem seus líderes bem remunerados.

Seja por ignorância ou por falta de bom senso, boa e meia dos conselhos aceitos e postos em prática revelaram-se ruins, imprudentes e desfavoráveis àqueles que deveriam ser beneficiados. O problema, em grande parte, sem dúvida, é que, apoiando-se na força humana — representada por seu próprio número e coragem —, eles negligenciam a sabedoria que vem do alto, que é "primeiro pura, depois pacífica, mansinha, submissa, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia". Consequentemente, não possuem "o espírito [disposição] de uma mente sã" para guiá-los. – 2 Tim. 1:7.

Eles imaginam que, por meio de sindicatos, boicotes etc., podem manter o preço da mão de obra em alguns setores no dobro ou no triplo dos preços pagos por outros tipos de trabalho. Eles não percebem que, sob as novas condições mecânicas, não é mais necessário, como antigamente, passar anos para aprender um ofício; que, com a educação escolar básica e a informação generalizada dos jornais, milhares podem aprender rapidamente a fazer o que poucos compreendiam antes; e que o excesso de oferta de mão de obra, ao derrubar os preços em um ofício ou setor, levará muitos mais homens a competir por empregos mais fáceis ou mais remuneradores em outras áreas e, por fim, criará uma pressão numérica tão grande que se tornará irresistível. As pessoas não ficarão de braços cruzados, passando fome e vendo suas famílias morrerem de fome, em vez de aceitar, por um ou dois dólares por dia, um emprego que agora paga três ou quatro dólares por dia a outra pessoa.

Enquanto as condições forem *favoráveis* — a oferta de mão de obra menor que a demanda ou a demanda por bens maior que a oferta —, os sindicatos podem e de fato trazem benefícios consideráveis para seus membros, mantendo bons salários, horários favoráveis e condições saudáveis de trabalho. Mas é um erro julgar o futuro com base no passado nessa questão e confiar nos sindicatos para contrariar as leis da oferta e da demanda. Que os trabalhadores voltem seus olhos para sua única esperança, o Senhor, e não se apoiem no braço da carne.

A Lei da Oferta e Demanda: Inexorável para Todos

A base atual dos negócios, envolvendo pequenos e grandes, ricos e pobres, como vimos, é desprovida de amor, opressiva e egoísta. Os produtos manufaturados são vendidos pelos preços mais altos que os fabricantes e comerciantes conseguem obter por eles; são comprados pelo público pelos preços mais baixos que lhes garantam a aquisição. A questão do valor real raramente é sequer considerada, exceto do ponto de vista egoísta. Grãos e produtos agrícolas são vendidos pelos preços mais altos que o agricultor consegue obter e são comprados pelos consumidores pelos preços mais baixos que lhes permitam adquiri-los. O trabalho e a qualificação, da mesma forma, são vendidos pelos preços mais altos que seus proprietários conseguem exigir e são comprados por agricultores, comerciantes e fabricantes pelos preços mais baixos que lhes garantam o que precisam.

O funcionamento dessa "Lei da Oferta e da Demanda" é absoluto: ninguém pode alterá-la; ninguém pode ignorá-la totalmente e viver sob as atuais estruturas sociais. Suponha, por exemplo, que o agricultor dissesse: "Vou desafiar essa lei que agora rege o mundo. O preço do trigo é de sessenta centavos por bushel; mas deveria ser de um dólar por bushel para remunerar adequadamente meu próprio trabalho e o dos meus empregados: Não vou vender meu trigo por menos de um dólar por alqueire." O resultado seria que seu trigo apodreceria, sua família passaria necessidade de roupas, seus empregados seriam privados de seus salários por causa de seu capricho, e o homem de quem ele pediu dinheiro ficaria impaciente com seu descumprimento dos compromissos e venderia sua fazenda, o trigo e tudo o mais para saldar sua dívida.

Ou suponha a situação ao contrário. Suponha que o fazendeiro dissesse: "Atualmente, pago aos meus ajudantes da fazenda trinta dólares por mês; mas soube que, em uma cidade vizinha, mecânicos que não trabalham mais duro e por menos horas recebem de cinquenta a cem dólares por mês: eu estou

decidi que, daqui em diante, farei oito horas de trabalho por dia e receberei sessenta dólares por mês durante todo o ano." – O que seria o resultado de tal tentativa de desafiar a lei da oferta e da demanda? Ele provavelmente logo se veria endividado. É verdade que, se todos os agricultores nos Estados Unidos pagassem os mesmos salários e vendessem a preços justos, isso seria possível; mas, no final da safra, os silos estariam cheios de trigo, pois a Europa compraria em outros lugares. E então? Ora, a notícia seria telegrafada para a Índia, a Rússia e a América do Sul, e os produtores de trigo daqueles lugares enviariam seu trigo para cá, desmantelando o que seria chamado de "Cartel dos Agricultores" e abastecendo os pobres com pão barato. Evidentemente, tal arranjo, se pudesse ser efetivado, não duraria mais do que um ano.

E essa mesma lei da ordem social atual — a Lei da Oferta e da Demanda — controla igualmente todos os outros produtos do trabalho ou da habilidade humana, variando de acordo com as circunstâncias.

Nesta Grande República, as condições têm sido favoráveis a uma grande demanda, altos salários e bons lucros, em virtude de uma tarifa protetora contra a concorrência da Europa, e a tendência tem sido a de que o dinheiro da Europa venha para cá para investimento, devido aos melhores lucros; e a mão de obra e a qualificação estrangeiras também vieram para cá em busca de remuneração melhor do que a que poderiam obter em seus países de origem. Essas não passaram de manifestações da mesma Lei da Oferta e da Demanda. E os milhões destinados ao investimento em maquinário e ferrovias, bem como para proporcionar ao povo moradia e as necessidades básicas da vida, fizeram deste, por anos, o país mais notável do mundo em termos de prosperidade. Mas o auge dessa prosperidade já passou, e estamos em declínio. E nada pode impedir isso, a não ser que haja guerra ou outras calamidades nas demais nações civilizadas, o que transferiria, por um tempo, os negócios mundiais para as nações em paz. A guerra entre a China e o Japão aliviou ligeiramente a pressão, não apenas em razão da

armas e munições adquiridas pelas partes em conflito, mas também pela indenização paga pela China ao Japão, que, por sua vez, foi gasta pelos japoneses na construção de navios de guerra em vários países, principalmente na Grã-Bretanha. Além disso, a constatação de que o Japão é agora uma "potência marítima" — levou os governos da Europa e dos Estados Unidos a ampliar seu equipamento naval. Nada poderia ser mais míope do que a recente manifestação em massa de trabalhadores realizada em Nova York para protestar contra novos gastos com defesas navais e costeiras nos Estados Unidos. Eles deveriam perceber que tais gastos ajudam a manter a mão de obra empregada. Por mais que nos oponhamos à guerra, não somos menos contrários a que homens passem fome por falta de emprego; e arriscaríamos o aumento do perigo de guerra. Que as dívidas do mundo se transformem em títulos. Os títulos serão tão bons quanto o ouro e a prata no grande tempo de angústia que se aproxima — Ez. 7:19; Sof. 1:18.

Muitos percebem que a concorrência é o perigo: consequentemente, o "Projeto de Lei de Exclusão dos Chineses" tornou-se lei, não apenas impedindo a imigração de milhões de chineses, mas prevendo a expulsão deste país de todos aqueles que não se tornarem cidadãos. E para impedir a imigração da Europa, foi aprovada uma lei proibindo o desembarque de emigrantes que não saibam ler alguma língua, etc. Muitos percebem que, sob a lei da oferta e da demanda, a mão de obra logo se equiparará em todo o mundo, e desejam impedir, tanto quanto possível e pelo maior tempo possível, a degradação da mão de obra nos Estados Unidos, seja para os níveis europeus, seja para os asiáticos.

Outros buscam legislar uma solução — aprovar que os fabricantes paguem salários elevados e vendam seus produtos com uma margem pequena acima do custo. Eles esquecem que o capital, se tornar-se não lucrativo aqui, irá para outro lugar para construir, empregar e fabricar — onde as condições forem favoráveis, onde os salários forem mais baixos ou os preços mais lucrativos.

Mas as perspectivas para o futuro imediato, nas condições atuais, parecem ainda mais sombrias quando adotamos uma visão mais ampla do assunto. A Lei da Oferta e da Demanda rege tanto o Capital quanto a Mão de Obra. O Capital está tão atento quanto a Mão de Obra na busca por empregos lucrativos. Ele também se mantém informado e é atraído para cá e para lá por todo o mundo. Mas o Capital e a Mão de Obra seguem caminhos opostos e são regidos por condições opostas. A Mão de Obra qualificada busca as localidades onde os salários são mais altos; o Capital busca as regiões onde os salários são mais baixos, para assim garantir lucros maiores.

As máquinas têm servido ao capital generosamente e ainda o servem fielmente; mas, à medida que o capital aumenta e as máquinas se multiplicam, surge a "superprodução"; ou seja, produz-se mais do que se pode vender com lucro; e seguem-se a concorrência, preços mais baixos e lucros menores. Isso leva naturalmente à formação de consórcios para manter preços e lucros, chamados de trusts; mas é duvidoso que estes possam ser mantidos por muito tempo, exceto no caso de artigos patenteados, de commodities cuja oferta seja muito limitada ou quando fomentados por legislação que, mais cedo ou mais tarde, será corrigida.

Perspectivas assustadoras para a concorrência industrial estrangeira

Mas justamente neste momento abre-se um novo campo para o empreendedorismo e o capital, mas não para a mão de obra. O Japão e a China estão despertando para a civilização ocidental após um sono de séculos — para uma apreciação do vapor, da eletricidade, das máquinas e das invenções modernas em geral. Devemos lembrar que a população do Japão corresponde aproximadamente à da Grã-Bretanha; e que a população da China é mais de cinco vezes maior que a dos Estados Unidos. Lembremo-nos também de que esses milhões não são selvagens, mas pessoas que, em geral, sabem ler e escrever em sua própria língua; e que sua civilização, embora diferente, é muito mais antiga do que a da Europa — que eles já eram civilizados, fabricantes de porcelanas e produtos de seda

quando a Grã-Bretanha ainda era povoada por selvagens. Não precisamos, portanto, nos surpreender ao saber que o Capital está buscando investir na China e, especialmente, no Japão — para construir ferrovias por lá, transportar maquinário para lá, erguer grandes estabelecimentos industriais — a fim de que, assim, possa utilizar a habilidade, a energia, a economia, a paciência e a submissão desses milhões acostumados ao trabalho árduo e à frugalidade.

O capital vê grandes recompensas em uma terra onde a mão de obra pode ser contratada por valores que variam de seis a quinze centavos por dia por cada empregado – aceitos sem reclamação e com gratidão. Um capital considerável já foi para o Japão, e mais aguarda concessão na China. Quem não consegue perceber que bastará um curto período de poucos anos para colocar todo o mundo industrial em concorrência com esses milhões de pessoas já habilidosas e aptas a aprender? Se os salários atuais na Europa forem considerados insuficientes; e se, devido aos salários generosos anteriores nos Estados Unidos e às ideias e hábitos extravagantes (em comparação com a Europa e a Ásia) cultivados aqui, considerarmos os salários atuais "salários de fome" (embora eles
ainda sejam o dobro do que se paga na Europa e oito vezes mais do que se paga na Ásia), qual seria a condição deplorável do trabalho em todo o mundo civilizado após mais trinta anos de invenção e construção de máquinas que economizam mão de obra; e depois que toda a mão de obra do mundo tiver sido colocada em concorrência direta com a mão de obra barata do Extremo Oriente? Isso significaria não apenas quinze centavos por dia como remuneração, mas, além disso, seis homens para cada trabalho, mesmo por essa ninharia. A imprensa há anos noticiou a transferência de uma fábrica de algodão de Connecticut para o Japão e, desde então, outros fabricantes se mudaram para lá, a fim de garantir uma fonte de mão de obra mais barata e, consequentemente, lucros maiores.

O imperador alemão evidentemente percebeu que essa "guerra industrial" se aproximava; ele a representou simbolicamente na célebre pintura feita por um artista sob sua orientação e presenteada ao czar da Rússia. A pintura representa

as nações da Europa por meio de figuras femininas vestidas com armaduras, erguidas na luz que emana de uma cruz no céu acima delas, e sob a orientação de uma figura angelical representando São Miguel, que observa uma nuvem negra surgindo da China e flutuando em direção a elas, da qual formas e rostos hediondos se revelam à luz dos relâmpagos. Abaixo da imagem estão as palavras: "Nações da Europa! Unam-se na defesa de sua fé e de seus lares."

O Homem Amarelo com Dinheiro Branco

O texto a seguir foi extraído de um artigo perspicaz publicado no *Journal of the Imperial Colonial Institute* (em inglês), de autoria do Sr. Whitehead, membro do Conselho Legislativo de Hong Kong, na China. Ele afirmou:

"Até o momento, os chineses deram apenas os primeiros passos na construção de fábricas de fiação e tecelagem. Ao longo do rio Yang Tsze e nas proximidades de Xangai, cerca de cinco fábricas já estão em operação, e outras estão em fase de construção. Estima-se que elas contarão com cerca de 200 mil fusos; e algumas delas já iniciaram suas atividades. O capital empregado é inteiramente nacional e, com a paz restaurada nessas regiões, não há, com uma gestão honesta e competente — enquanto nosso atual sistema monetário persistir —, realmente nenhum limite para a expansão e o desenvolvimento das indústrias nos países orientais."

Aqui observamos, na mesma linha, uma notícia de Washington, D.C., datada já de 1896, anunciando um relatório ao Governo do cônsul-geral Jernigan, lotado em Xangai, na China, informando que a indústria do algodão naquela região está recebendo grande atenção; que, desde 1890, fábricas de algodão vêm sendo instaladas e prosperando; que uma fábrica de óleo de semente de algodão estava sendo inaugurada; e que, como na China a área adequada para o cultivo de algodão é quase tão ilimitada quanto a oferta de mão de obra muito barata, "não pode haver dúvida

de que a China *em breve será* um dos maiores países produtores de algodão do mundo."

O Sr. Whitehead, ao discutir a guerra de 1894 entre a China e o Japão, declara que nela residia a principal esperança da ressurreição industrial da China. Ele continua:

"O desfecho da guerra atual pode ajudar a libertar o povo chinês das amarras dos mandarins. Sabe-se que os recursos minerais e outros da China são enormes, e bem à sua porta há milhões de acres de terra admiravelmente adaptados ao cultivo de algodão, que, embora de fibra curta, é adequado para mistura com outras qualidades. No rio Xangai, em dezembro de 1893, havia, ao mesmo tempo, nada menos que cinco navios a vapor transatlânticos carregando lotes de algodão cultivado na China para transporte ao Japão, onde seriam transformados por fábricas e mão de obra japonesas em fios e tecidos. Atualmente, os japoneses importam para suas fábricas algodão diretamente dos Estados Unidos e de outros lugares. Após esse terrível despertar, caso a China, com seus trezentos milhões de habitantes intensamente trabalhadores, abra suas vastas províncias do interior por meio da introdução de ferrovias, suas vias navegáveis interiores ao tráfego a vapor e seus recursos ilimitados ao desenvolvimento, é impossível estimar as consequências. Isso significaria a descoberta de praticamente um novo hemisfério, densamente povoado por povos trabalhadores e abundante em recursos agrícolas, minerais e outros; mas, longe de a abertura da China — que podemos razoavelmente esperar que seja um dos resultados da guerra atual — ser um benefício para os fabricantes ingleses, a menos que alguma mudança seja feita, e isso em breve, em nosso padrão monetário, o Império Celestial, que tem sido palco de tantas de nossas vitórias industriais, será apenas o campo de nossa maior derrota."—

A visão do Sr. Whitehead é puramente capitalista quando ele fala em "derrota" – na verdade, a "derrota" recairá ainda mais pesadamente sobre a mão de obra inglesa. Continuando, ele faz uma breve menção ao Japão, da seguinte forma:

"A região de Osaka e Kioto é hoje um espetáculo surpreendente de atividade industrial. Em um período muito curto, nada menos que cinquenta e nove fábricas de fiação e tecelagem de algodão surgiram ali, com o auxílio de mais de vinte milhões de dólares, capital inteiramente nacional. Elas contam agora com 770.874 fusos e, em maio passado, autoridades competentes estimaram a produção anual dessas fábricas em mais de 500.000 fardos de fio, avaliados em cerca de quarenta milhões de dólares, ou, à cotação atual, digamos, quatro milhões de libras esterlinas. Em resumo, as indústrias japonesas — não apenas as de fiação e tecelagem, mas de todos os setores — cresceram a passos largos. Elas já alcançaram um nível de sucesso que lhes permite, em grande medida, ignorar a concorrência industrial britânica."

O Sr. Whitehead prossegue demonstrando que os capitalistas da Europa e dos Estados Unidos, ao desmonetizarem a prata, quase dobraram o valor do ouro, e que isso praticamente duplica a vantagem da China e do Japão. Ele afirma:

"Deixe-me explicar que a prata ainda empregará a mesma quantidade de mão de obra oriental que empregava há vinte ou trinta anos. A inadequação do nosso padrão monetário, portanto, permite que os países orientais empreguem agora pelo menos cem por cento a mais de mão de obra por uma determinada quantidade de ouro do que podiam há vinte e cinco anos. Para deixar essa importante afirmação bem clara, permitam-me dar o seguinte exemplo: em 1870, dez rúpias equivaliam a uma soberana sob o padrão conjunto de ouro e prata, e pagavam vinte homens por um dia. Hoje, vinte rúpias equivalem aproximadamente a uma soberana, de modo que, por vinte rúpias, quarenta homens podem ser contratados por um dia, em vez de vinte homens como em 1870. Diante de tal desvantagem, a mão de obra britânica não tem como competir.

"Nos países orientais, a prata ainda paga pela mesma quantidade de trabalho que antes. No entanto, quando medida em ouro, a prata vale menos da metade do ouro ao qual antes se equiparava. Por exemplo, uma determinada quantidade de trabalho poderia

ter sido contratada na Inglaterra há vinte anos por, digamos, oito xelins. Oito xelins na Inglaterra hoje não pagam mais trabalho do que antes, já que os salários são praticamente os mesmos, e eles ainda têm, segundo nossa lei, exatamente o mesmo valor monetário de antes, embora seu valor metálico tenha sido reduzido, pela valorização do ouro, a menos de seis pence cada. Os dois dólares, exatamente semelhantes aos antigos, podem empregar a mesma quantidade de trabalho de antes, mas não mais do que isso; no entanto, ao preço atual do ouro, equivalem apenas a quatro xelins. Portanto, é possível agora empregar na Ásia, por quatro xelins de nossa moeda — ou o equivalente em prata —, a mesma quantidade de trabalho que poderia ter sido empregada há vinte anos por oito xelins, ou seu equivalente na prata da época. Como o valor da mão de obra oriental foi, assim, reduzido em mais de 55% em moeda-ouro em comparação com o que era anteriormente, ela será capaz de produzir manufaturas e commodities exatamente nessa proporção mais baratas do que a mão de obra nos países com padrão-ouro. Portanto, a menos que nossa legislação monetária seja alterada, ou *a menos que a mão de obra britânica esteja disposta a aceitar uma grande redução nos salários, os setores industriais britânicos deverão inevitavelmente deixar o território britânico, pois seus produtos serão suplantados pelo estabelecimento de indústrias em países com padrão-prata."*

O Sr. Whitehead poderia, com toda a razão, ter acrescentado que os países com padrão de prata logo estarão não apenas preparados para suprir suas próprias necessidades, mas também para invadir os países com padrão-ouro. Por exemplo, o Japão poderia vender mercadorias na Inglaterra a preços um terço menores do que os praticados no Japão; e, ao trocar o ouro recebido por prata, poderia levar de volta ao Japão grandes lucros. Assim, os mecânicos americanos e europeus não só serão forçados a competir com a mão de obra e a habilidade asiáticas, baratas e pacientes, mas, além disso, estarão em desvantagem na competição devido à diferença entre os padrões-ouro e -prata nas transações financeiras.

Comentando a palestra do Sr. Whitehead, o *Daily Chronicle* (Londres) chama a atenção para o fato de que a Índia *já* suplantou em grande parte o comércio inglês de produtos de algodão. O jornal afirmou:

"A palestra do ilustre T. H. Whitehead ontem à noite no Instituto Colonial chamou a atenção para alguns números surpreendentes em relação ao nosso comércio com o Oriente. O fato de que, nos últimos quatro anos, nossas exportações apresentaram uma queda de 54 milhões de libras, infelizmente, não deixa margem para contestação. Os resultados das sessenta e sete empresas de fiação de Lancashire referentes a 1894 mostram um *saldo negativo* agregado de 411 mil libras. Em contrapartida, o aumento na exportação de fios e tecidos indianos para o Japão tem sido simplesmente colossal, e as fábricas de algodão em Hiogo, no Japão, em 1891, apresentaram um lucro médio de 17%. Sir Thomas Sutherland afirmou que, em breve, a Peninsular and Oriental Company poderá estar construindo seus navios no rio Yangtze, e o Sr. Whitehead acredita que *os países orientais logo estarão competindo nos mercados europeus*. Por mais que possamos divergir sobre as soluções propostas, declarações como essas, vindas da boca de especialistas, oferecem motivos para uma reflexão séria."----

Um jornal alemão, *o *Tageblatt** (Berlim), analisou cuidadosamente a questão da vitória decisiva do Japão sobre a China e ficou surpreso com as informações que encontrou. Declarou o conde Ito, primeiro-ministro japonês, como um novo Bismarck; e os japoneses, em geral, como um povo bastante civilizado. Concluiu com uma observação muito significativa a respeito da *guerra industrial* que estamos considerando, dizendo:

"O conde Ito demonstra grande interesse pelo desenvolvimento industrial de sua pátria. Ele acredita que a maioria dos estrangeiros subestima as chances do Japão na luta internacional pela supremacia industrial. As mulheres japonesas, em sua opinião, são iguais aos homens em todos os campos de trabalho e duplicam a capacidade de trabalho da nação."

O editor do **Economiste Français** (Paris), ao comentar

sobre o Japão e seus assuntos, afirma, de forma significativa:

"O mundo entrou em uma nova fase. Os europeus devem levar em conta os novos fatores da civilização. As potências devem deixar de disputar entre si e devem apresentar uma frente unida, além de lembrar que, doravante, as centenas de milhões de pessoas no Extremo Oriente — trabalhadores sóbrios, diligentes e ágeis — serão nossos rivais."

O Sr. George Jamison, cônsul-geral britânico em Xangai, na China, escreveu sobre o tema da concorrência oriental, mostrando que a desmonetização e, consequentemente, a desvalorização da prata — deixando o ouro como padrão monetário nos países civilizados — é outro fator que deprime a mão de obra e beneficia o capital. Ele afirmou:

"O aumento contínuo do valor do ouro, em comparação com o da prata, mudou tudo. Os produtos britânicos ficaram tão caros em termos de valor em prata que o Oriente foi forçado a produzir para si mesmo, e a queda no valor do metal branco o ajudou tanto em seu trabalho que ele não só consegue produzir o suficiente para si mesmo, como também é capaz de exportá-los com lucro. O aumento no valor do ouro dobrou o preço em prata dos produtos britânicos no Oriente e tornou seu uso quase proibitivo, enquanto a queda no valor da prata reduziu em mais da metade o preço em ouro dos produtos orientais nos países que utilizam o ouro como moeda, e está aumentando continuamente a demanda por eles. As condições são tão desiguais que parece impossível continuar a luta por muito tempo. É como dar uma vantagem ao campeão, concedendo ao seu adversário metade da distância da corrida.

"A impossibilidade de os europeus competirem com os orientais em campo aberto foi comprovada na América. Os chineses, por meio de seus baixos salários, monopolizaram tanto a mão de obra que tiveram de ser excluídos do país; caso contrário, os trabalhadores europeus teriam morrido de fome ou sido expulsos. Mas os países europeus não estão ameaçados pelo próprio trabalhador, como os americanos estavam (ele conhecia o preço da mão de obra europeia e podia aprender e compreender quanto deveria receber), mas pelos produtos dessa mão de obra realizada com salários orientais.

Além disso, seria bastante fácil recusar-se a empregar um oriental para fazer seu trabalho, enquanto é difícil recusar-se a comprar bens fabricados por ele, especialmente à medida que melhoram em qualidade e ficam mais baratos. A tentação de comprá-los torna-se ainda maior à medida que o dinheiro ganho pelo trabalhador britânico diminui. Ele fica mais propenso a fazê-lo e passa a recusar-se a comprar os produtos de sua própria fabricação, optando por bens mais caros. Os países protecionistas estão em melhor situação. Eles podem impor tarifas mais altas sobre os produtos orientais e, assim, impedir que inundem seus mercados. Mas a Inglaterra, com seu livre comércio, não tem defesa, e o peso do fardo recairá sobre seus trabalhadores. O mal está se agravando. Cada farthing de aumento no preço do ouro, em comparação com o da prata, torna os produtos ingleses 1% mais caros no Oriente, enquanto cada farthing de redução no preço da prata torna os produtos orientais 1% mais baratos nos países que utilizam o ouro. Essas novas indústrias estão crescendo muito rapidamente no Japão, e o que está sendo feito lá pode ser e será feito na China, na Índia e em outros lugares. Uma vez bem estabelecidas, o Oriente se manterá firme nelas apesar de toda a oposição e, a menos que se encontre uma solução rápida para alterar o sistema monetário mundial, seus produtos se espalharão por todo o mundo, levando à ruína das indústrias britânicas e a um desastre incalculável para milhares e milhares de trabalhadores."

O Sr. Lafcadio Hearn, que por vários anos foi professor no Japão, em um artigo na revista **Atlantic Monthly** (outubro de 1895), apontou como uma das razões pelas quais a concorrência japonesa é tão acirrada o fato de que os pobres podem viver, circular e levar uma vida confortável, de acordo com suas noções de conforto, praticamente sem despesas. Ele explica que uma cidade japonesa é composta por casas de barro, bambu e papel, erguidas em cinco dias e destinadas a durar, com reparos intermináveis, apenas enquanto seu proprietário não desejar mudar de moradia. De fato, não há grandes edifícios no Japão, exceto algumas fortalezas colossais erguidas pelos nobres enquanto prevalecia o feudalismo. As fábricas modernas no Japão, por mais extensos que sejam seus negócios ou por mais belos e caros que sejam seus produtos, não passam de barracos alongados, e os próprios templos devem, por costume imemorial, ser construídos em pequenas

pedaços a cada vinte anos e distribuídos entre os peregrinos. Um trabalhador japonês nunca se estabelece nem deseja se estabelecer. Se tiver algum motivo para mudar de província, ele o faz imediatamente: desmonta sua casa — aquela cabana de papel e barro tão pitoresca e limpa —, carrega seus pertences nos ombros, diz à esposa e à família para segui-lo e parte com passos leves e o coração ainda mais leve rumo ao seu destino distante, talvez a quinhentas milhas de distância, onde chega após um gasto de, no máximo, 5 xelins ($1,22), constrói imediatamente uma casa que custa alguns xelins a mais e volta a ser, de imediato, um cidadão respeitável e responsável. Diz o Sr. Hearn:

"Todo o Japão está sempre em movimento dessa maneira, e a mudança é a essência da civilização japonesa. Na grande competição industrial mundial, a fluidez é o segredo da força japonesa. O trabalhador muda de residência sem remorso para o lugar onde é mais procurado. A fábrica pode ser transferida com uma semana de antecedência, o artesão com meio dia. Não há obstáculos ao transporte, praticamente não há nada a ser construído, não há despesas, exceto em moedas de cobre, que possam impedir a viagem.

"O homem comum japonês — o trabalhador qualificado capaz de oferecer preços mais baixos, sem esforço, do que qualquer artesão ocidental no mesmo ramo da indústria — permanece felizmente independente tanto do sapateiro quanto do alfaiate. Seus pés são bonitos de se ver, seu corpo é saudável e seu coração é livre. Se ele desejar viajar mil milhas, pode se preparar para a viagem em cinco minutos. Todo o seu equipamento não precisa custar nem setenta e cinco centavos; e toda a sua bagagem cabe em um lenço. Com dez dólares, ele pode viajar por um ano sem trabalhar, ou pode viajar simplesmente graças à sua capacidade de trabalhar, ou ainda pode viajar como peregrino. Você pode argumentar que qualquer selvagem é capaz de fazer o mesmo. Sim, mas qualquer homem civilizado não pode; e o japonês tem sido um homem altamente civilizado há pelo menos mil anos. Daí sua capacidade atual de ameaçar os fabricantes ocidentais."

Comentando sobre o texto acima, o London *Spectator* afirma:

"Essa é uma descrição muito digna de nota, e reconhecemos francamente, como sempre reconhecemos, que a concorrência japonesa é algo muito formidável, que algum dia

poderá afetar profundamente todas as condições da civilização industrial europeia."

A natureza da concorrência a ser esperada desse lado ficará clara a partir do trecho a seguir, extraído do *Literary Digest* sobre

"A Situação do Trabalho no Japão".

"O Japão fez progressos surpreendentes no desenvolvimento de suas indústrias. Isso se deve, em grande parte, à inteligência e à diligência de seus trabalhadores, que muitas vezes trabalham quatorze horas por dia sem reclamar. Infelizmente, sua complacência é amplamente explorada por seus empregadores, cujo único objetivo parece ser vencer a concorrência estrangeira. Esse é especialmente o caso da indústria algodoeira, que emprega um grande número de trabalhadores. Um artigo publicado no **Echo**, de Berlim, descreve da seguinte forma a maneira como as fábricas japonesas são administradas:

"O horário habitual para o início do trabalho é às 6h da manhã, mas os operários estão dispostos a chegar a qualquer hora e não reclamam se forem obrigados a comparecer às 4h da manhã. Os salários são surpreendentemente baixos; mesmo nos maiores centros industriais, tecelões e fiandeiros ganham, em média, apenas quinze centavos por dia; as mulheres recebem apenas seis centavos. As primeiras fábricas foram construídas pelo governo, que posteriormente as transferiu para sociedades por ações. A indústria mais próspera é a fabricação de produtos de algodão. Um único estabelecimento, o de Kanegafuchi, emprega 2.100 homens e 3.700 mulheres. Eles são divididos em turnos diurnos e noturnos e interrompem suas doze horas de trabalho apenas uma vez, por quarenta minutos, para fazer uma refeição. Próximo ao estabelecimento há alojamentos, onde os trabalhadores também podem obter uma refeição pelo preço de pouco menos de um centavo e meio. As fiações de Osaka são semelhantes. Todos esses estabelecimentos possuem excelentes máquinas inglesas, o trabalho é mantido dia e noite, e grandes dividendos são obtidos. Muitas das fábricas estão abrindo filiais ou ampliando suas instalações originais, pois a produção ainda não atende ao consumo.

"O fato de os fabricantes terem aprendido rapidamente a empregar mulheres como concorrentes baratas aos trabalhadores do sexo masculino é comprovado pelas estatísticas, que mostram que trinta e cinco fiações empregam 16.879 mulheres e apenas 5.730 homens. Os empregadores formam um poderoso sindicato e frequentemente abusam da tolerância das autoridades, que não desejam prejudicar as indústrias. Meninas de oito e nove anos de idade são forçadas a trabalhar de nove a doze horas. A lei exige que essas crianças estejam na escola, e os professores reclamam; mas as autoridades fecham os olhos a esses abusos. A grande obediência e humildade dos trabalhadores levaram a outra prática, que os coloca completamente sob o poder de seus empregadores. Nenhuma fábrica emprega um trabalhador de outro estabelecimento a menos que ele apresente uma autorização por escrito de seu antigo empregador. Essa regra é aplicada com tanta rigidez que um novo funcionário é vigiado de perto e, se for comprovado que ele já possui algum conhecimento do ofício, mas não tem autorização, é imediatamente demitido."

O *British Trade Journal* também publicou um relato sobre as indústrias de Osaka, a partir de uma carta de um correspondente do Adelaide (Austrália) *Observer*. Esse correspondente, escrevendo diretamente de Osaka, está tão impressionado com a variedade e a vitalidade das indústrias da cidade que a chama de "a Manchester do Extremo Oriente":

"É possível ter uma ideia da magnitude da indústria manufatureira de Osaka quando se sabe que há dezenas de fábricas com capital superior a 50.000 ienes e inferior a esse valor, mais de trinta com capital superior a 100.000 ienes, quatro com mais de 1.000.000 de ienes e uma com 2.000.000 de ienes. Entre elas estão as de seda, lã, algodão, cânhamo, juta, fiação e tecelagem, tapetes, fósforos, papel, couro, vidro, tijolos, cimento, cutelaria, móveis, guarda-chuvas, chá, açúcar, ferro, cobre, latão, saquê, sabão, escovas, pentes, artigos de decoração, etc. Trata-se, de fato, de um grande centro de atividade e empreendedorismo, no qual o gênio imitativo e a pertinácia incansável dos japoneses se empenharam em igualar e, se possível, superar os trabalhadores e artesãos das antigas nações civilizadas do Ocidente.

"Há dez fábricas de algodão em funcionamento em Osaka, cujo capital combinado é de cerca de US$ 9.000.000 em ouro, todas equipadas com as máquinas mais modernas e totalmente iluminadas por eletricidade. Todas estão sob gestão japonesa e, segundo se diz, todas pagam dividendos generosos — algumas chegando a 18% sobre o capital investido. Dos US$ 19.000.000 em algodão importado para o Japão em um ano, as fábricas de Kobe e Osaka receberam e processaram cerca de setenta e nove por cento."

Um "iene" de prata vale atualmente cerca de 50 centavos em ouro. Observe também o seguinte telegrama enviado à imprensa:

"SÃO FRANCISCO, CAL., 6 de junho – O ilustre Robert P. Porter, editor do Cleveland *World* e ex-superintendente do Censo dos EUA de 1890, retornou ontem do Japão a bordo do navio a vapor Peru. A visita do Sr. Porter ao Império do Mikado teve como objetivo investigar as condições industriais daquele país no que diz respeito ao efeito da concorrência japonesa sobre a prosperidade americana. Após uma investigação minuciosa das condições reais no Japão, ele expressa a convicção de que este é um dos problemas mais importantes que os Estados Unidos serão obrigados a resolver. O perigo está *iminente*, como evidenciado pelo enorme aumento da produção industrial japonesa nos últimos cinco anos e por seus recursos extraordinários em termos de mão de obra barata e qualificada. Somente as exportações japonesas de têxteis aumentaram de US$ 511.000 para US$ 23.000.000 nos últimos dez anos; e suas exportações totais aumentaram de US$ 78.000.000 para US$ 300.000.000 no mesmo período, afirmou o Sr.
Porter. No ano passado, eles compraram US$ 2.500.000 em nosso algodão bruto, mas nós compramos do Japão diversos produtos no valor de US$ 54.000.000.

"Para ilustrar o rápido aumento, ele mencionou os fósforos, dos quais o Japão fabricava no valor de US$ 60.000 há dez anos, principalmente para consumo interno, enquanto no ano passado a produção total foi de US$ 4.700.000, sendo que quase toda essa produção foi destinada à Índia. Há dez anos, as exportações de esteiras e tapetes totalizavam US$ 885; no ano passado, esses itens somaram US$ 7.000.000. Eles conseguem fazer isso graças a uma combinação de maquinário moderno

e da mão de obra mais dócil do mundo. Não há leis trabalhistas, e podem empregar crianças de qualquer idade. Crianças de sete, oito e nove anos trabalham o dia inteiro por um a dois centavos americanos por dia.

"Diante da crescente demanda por nosso algodão e do aumento das exportações de produtos manufaturados deles para nós, foi formado, enquanto eu estava lá, um consórcio japonês com um capital social de US$ 5.000.000 para construir e fazer funcionar três novas linhas de navios a vapor entre o Japão e este país, sendo os portos americanos designados Portland, Oregon, Filadélfia e Nova York."

O repórter encontrou e entrevistou o Sr. S. Asam, de Tóquio, Japão, representante do consórcio de navios a vapor acima mencionado, que chegou no mesmo navio a vapor que o Sr. Porter para firmar contratos para a construção dos referidos navios. Ele explicou que o governo japonês havia oferecido recentemente um grande subsídio para navios com mais de 6.000 toneladas de porte bruto, entre os Estados Unidos e o Japão, e que seu consórcio havia sido formado para aproveitar essa oportunidade, construindo todos os seus navios ainda maiores – com capacidade de cerca de 9.000 toneladas. O consórcio se propunha a realizar um volume de negócios muito grande e, para isso, reduziria bastante as tarifas de frete e de passageiros. Está prevista uma tarifa de passageiro de US$ 9 entre o Japão e nossa costa do Pacífico.

CONGRESSO DOS EUA INVESTIGA CONCORRÊNCIA JAPONESA

O texto a seguir, extraído de um relatório de uma comissão do Congresso dos EUA, deve ser considerado inquestionavelmente confiável e confirma plenamente o exposto acima.

"WASHINGTON, 9 de junho de 1896 – O presidente Dingley, da Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados, apresentou hoje um relatório sobre a ameaça aos fabricantes americanos representada pela invasão iminente de produtos baratos provenientes da mão de obra oriental e sobre o efeito da diferença cambial entre países que adotam o padrão-ouro e o padrão-prata sobre os interesses industriais e agrícolas dos Estados Unidos, questões essas que foram investigadas pela comissão.

"O relatório afirma que o despertar repentino do Japão está sendo seguido por uma ocidentalização igualmente rápida de seus métodos industriais; que, embora os japoneses não possuam a capacidade inventiva dos americanos, sua capacidade de imitação é notável. Seu padrão de vida seria considerado praticamente de fome pelos trabalhadores dos Estados Unidos, e sua jornada de trabalho é, em média, de 12 horas por dia. Trabalhadores qualificados, como ferreiros, carpinteiros, pedreiros, tipógrafos, alfaiates e gesseiros, recebem nas cidades japonesas apenas de 26 a 33 centavos, e os operários de fábrica, de 5 a 20 centavos por dia em nossa moeda, e quase o dobro dessas quantias em moeda de prata japonesa, enquanto os trabalhadores rurais recebem US$ 1,44 por mês.

"O relatório continua: europeus e americanos estão reconhecendo o campo lucrativo oferecido para investimentos e fábricas. Sessenta e uma fábricas de algodão, controladas ostensivamente por empresas japonesas, mas promovidas por europeus, e várias pequenas fábricas de seda estão funcionando, com pouco mais de meio milhão de fusos. O Japão está produzindo a maior parte dos tecidos de algodão necessários para suprir as necessidades limitadas de seu próprio povo e está começando a exportar tecidos de seda e lenços baratos.

"Recentemente, uma fábrica de relógios com maquinário americano foi fundada por americanos, embora as ações estejam em nome de japoneses, já que estrangeiros não terão permissão para exercer atividades industriais em seu próprio nome até 1899. O progresso alcançado indica que o empreendimento será um sucesso.

"É provável que a rápida introdução de maquinário no Japão faça com que, dentro de poucos anos, os algodões finos, as sedas e outros artigos — nos quais o custo da mão de obra local é um elemento importante na produção — se tornem concorrentes mais sérios em nossos mercados do que os produtos da Grã-Bretanha, França e Alemanha têm sido.

"Segundo o Sr. Dingley, a concorrência será diferente da europeia, não em natureza, mas em grau. O comitê não conhece nenhuma solução, além da proibição absoluta imposta aos produtos fabricados com mão de obra de condenados, exceto a imposição de impostos sobre os produtos concorrentes equivalentes à diferença de custo e

distribuição. Apresenta-se um argumento a favor dessa política; afirma-se que ela cumpre um duplo objetivo: a arrecadação de receitas para sustentar o governo e o estabelecimento da concorrência em nossos mercados com base em nossos salários mais altos. Diz-se que isso não visa beneficiar o fabricante neste país, pois este basta ir à Inglaterra ou ao Japão para se colocar na mesma situação em que se encontra aqui, sob a imposição de tarifas sobre importações concorrentes equivalentes à diferença de salários entre aqui e lá, mas sim para garantir a toda a população os benefícios decorrentes da produção nacional, em vez da estrangeira."

O governo japonês não oferece proteção a patentes estrangeiras. As máquinas que mais economizam mão de obra no mundo civilizado são adquiridas e reproduzidas a baixo custo por seus artesãos baratos que, embora não sejam "originais", são, assim como os chineses, imitadores maravilhosos. Assim, suas máquinas custarão menos da metade do que custam em outros lugares; e o Japão logo estará preparado para vender à cristandade tanto suas próprias máquinas patenteadas quanto seus produtos manufaturados.

Sob o título "Concorrência japonesa" — o *San Francisco Chronicle* escreveu:

"Outro indício que mostra para que lado sopra o vento da concorrência japonesa é a transferência de uma grande fábrica de esteiras de palha de Milford, Connecticut, para Kobe, um dos centros industriais do Japão. Aqueles que fingem menosprezar o tema da concorrência japonesa e falam com desdém da superioridade do intelecto ocidental ignoram completamente o fato de que a mobilidade do capital é tal que ele pode ser facilmente transferido para países onde se encontra mão de obra barata; de modo que tudo o que é necessário é que os intelectos superiores da América e da Europa inventem máquinas, e os detentores do capital possam comprá-las e transferi-las para países onde elas possam funcionar com o menor custo."

O ilustre Robert P. Porter, mencionado acima, contribuiu com um artigo para a *North American Review* há algum tempo, no qual ele destaca que, apesar da tarifa dos Estados Unidos contra produtos fabricados no exterior, os japoneses estão avançando rapidamente

no mercado de produtos manufaturados dos Estados Unidos. Eles conseguem fazer isso por causa
(1) por conta de sua mão de obra barata e paciente, e (2) em virtude da *vantagem* de *cem por cento* que seu padrão de prata tem sobre o padrão-ouro dos países civilizados, o que mais do que compensa qualquer proteção tarifária que se considerasse viável.

Apresentamos a seguir alguns trechos do artigo em questão:

"Os japoneses, metaforicamente falando, lançaram-se no mercado americano e desafiaram nossa mão de obra e nosso capital com mercadorias que, por sua excelência e baixo custo, parecem, por enquanto, desafiar a concorrência, mesmo com os mais recentes disponíveis."

Após apresentar uma tabela estatística de vários artigos japoneses importados para os Estados Unidos, ele afirma:

"Nos últimos meses, visitei as regiões do Japão e inspecionei as indústrias relatadas na tabela acima. O aumento nas exportações de têxteis, que foi de mais de quarenta vezes em dez anos, deve-se ao fato de o Japão ser uma nação de tecelões."---

Parece que os japoneses estão enviando grandes quantidades de sedas baratas e todos os tipos de produtos baratos para os Estados Unidos, mas o que fizeram até agora não é nada comparado ao que estão prestes a fazer:

"Os japoneses estão tomando todas as providências, por meio da formação de guildas e associações, para melhorar a qualidade e aumentar a uniformidade de seus produtos."

A propósito, o Sr. Porter deu a entender que as fábricas de algodão de Lancashire, na Inglaterra, que não contam com proteção, estão condenadas. No Japão, diz ele:

"A fiação de algodão, em 1889, empregava apenas 5.394 mulheres e 2.539 homens. Em 1895, mais de 30.000 mulheres e 10.000 homens estavam empregados em fábricas que, em termos de equipamento e produção, se equiparam às de qualquer outro país. O futuro da indústria do algodão, pelo menos no que diz respeito ao abastecimento do comércio asiático, está inevitavelmente na China e no Japão. A Inglaterra está condenada no que se refere a esse comércio, e nada pode salvá-la — nem mesmo o bimetalismo, como

alguns imaginam. Fábricas de algodão estão surgindo rapidamente, tanto em Osaka quanto em Xangai, e somente a experiência prática ao longo de alguns anos demonstrará qual desses locais é o melhor. Minha opinião pessoal, após uma análise minuciosa de cada item do custo de produção, é que o Japão é o melhor.

"Caso o Japão passe a fabricar tecidos de lã e de lã penteada da mesma forma que fez com o algodão, seus tecelões poderiam causar algumas surpresas à Europa e à América e deixar boquiabertos aqueles que afirmam que a concorrência japonesa não representa nada. Um suprimento constante de lã barata da Austrália torna isso possível, enquanto as amostras de tecidos de lã e de lã penteada e de tecidos para vestuário japoneses que examinei enquanto estive lá indicam que, nesse ramo têxtil, os japoneses estão tão à vontade quanto na seda e no algodão. Eles também estão fazendo um bom trabalho com linhos finos, embora, até o momento, as quantidades produzidas sejam pequenas.

"O repentino influxo de guarda-chuvas japoneses — algo em torno de 2.000.000 exportados por ano — causou apreensão entre os fabricantes de guarda-chuvas nos Estados Unidos."

Os próprios japoneses não hesitam em se gabar de seu triunfo iminente na "guerra industrial". O Sr. Porter disse:

"Quando estive no Japão, tive o prazer de conhecer, entre outros estadistas e autoridades, o Sr. Kaneko, vice-ministro da Agricultura e do Comércio. Descobri que ele é um homem inteligente e visionário, com ampla experiência em questões econômicas e estatísticas. Formado em uma das grandes universidades europeias, ele está a par do espírito da época em tudo o que se refere ao Japão e ao seu futuro industrial e comercial."

Posteriormente, o Sr. Kaneko proferiu um discurso em uma Câmara de Comércio, no qual afirmou:

"Sabe-se que os fiandeiros de algodão de Manchester [Inglaterra] afirmaram que, enquanto os anglo-saxões levaram três gerações para se tornarem trabalhadores hábeis e qualificados na fiação de algodão, os japoneses adquiriram a habilidade necessária nessa indústria em dez anos e agora avançaram a um estágio em que superam os habitantes de Manchester em habilidade."

Citando uma notícia de São Francisco:

"O Sr. Oshima, diretor técnico da usina siderúrgica a ser construída no Japão, e quatro engenheiros japoneses chegaram a bordo do navio a vapor 'Rio de Janeiro', vindo de Yokohama. Eles estão em uma viagem de inspeção às grandes usinas siderúrgicas da América e da Europa e foram encarregados de adquirir uma usina no valor de US$ 2.000.000. Afirmam que comprarão exatamente onde puderem encontrar o melhor e o mais barato. A usina terá capacidade para 100.000 toneladas. Será construída nas bacias carboníferas do sul do Japão e produzirá tanto aço Martin quanto Bessemer.

"O Sr. Oshima disse: 'Queremos colocar nossa nação onde ela de fato pertence, na vanguarda, como uma nação industrial. Precisaremos de uma enorme quantidade de aço e não queremos depender de nenhum outro país para obtê-lo.'"----

Logo atrás do Japão vem a Índia, com sua população de 250 milhões e suas indústrias em rápido crescimento; e em seguida vem a nova República da China, com seus 400 milhões de habitantes, despertada por sua recente rebelião para o reconhecimento da civilização ocidental, o que permitiu que o Japão, com apenas 40 milhões, a conquistasse. O falecido primeiro-ministro da China, Li Hung Chang, há alguns anos viajou pelo mundo, negociando a contratação de instrutores americanos e europeus para seu povo, e expressou abertamente sua intenção de inaugurar reformas em todos os setores. Esse é o homem que tanto impressionou o general U.S. Grant em sua viagem pelo mundo e a quem ele declarou, em sua opinião, um dos estadistas mais capazes do mundo.

O significado dessa aproximação entre os confins da Terra é que os fabricantes britânicos, americanos, alemães e franceses terão em breve como concorrentes pessoas que, até recentemente, eram excelentes clientes; concorrentes cujas instalações superiores em breve não apenas os expulsarão dos mercados estrangeiros, mas invadirão seus próprios mercados internos; concorrentes que, assim, tirarão o trabalho das mãos de seus operários, privá-los-ão de luxos e até mesmo tirarão o pão de suas bocas em razão da concorrência salarial. Não é de se admirar, diante disso, que o imperador alemão tenha retratado as nações de

Europa aterrorizadas por um espectro que surge no Oriente e ameaça a destruição da civilização.

Mas isso não pode ser contido. É parte do inevitável, pois funciona sob a lei da Oferta e da Demanda, que diz: "Compre o melhor que puder obter pelo menor preço possível — tanto mão de obra quanto mercadorias". A única coisa que pode e irá interromper e deter a pressão agora iniciada — e que tenderá a se agravar enquanto a lei do egoísmo persistir — é o remédio que Deus providenciou: o Reino de Deus, com sua nova lei e a completa reorganização da sociedade com base no amor e na equidade.

Se os povos da Europa e da América tiveram o mundo inteiro como cliente, não apenas para tecidos, mas também para maquinário, e ainda assim chegaram a um ponto em que a oferta é maior do que a demanda, e onde milhões de sua população buscam emprego em vão, mesmo por salários baixos, quais são suas perspectivas para o futuro próximo, quando mais do que o dobro do número atual será de concorrentes? O crescimento *natural* da população também agravará o dilema. E essa perspectiva não seria tão desfavorável, tão desesperadoramente sombria, se não fosse pelo fato de que esses quase setecentos milhões de novos concorrentes são as pessoas mais dóceis, pacientes e econômicas que se podem encontrar no mundo. Se os trabalhadores europeus e americanos podem ser controlados pelo Capital, muito mais ainda estes, que nunca conheceram outra coisa senão a obediência aos mestres.

As Perspectivas do Trabalho na Inglaterra

O Sr. Justin McCarthy, conhecido escritor inglês, em um artigo na *revista Cosmopolis*, declarou certa vez:

"Os males da pobreza e da falta de emprego deveriam causar mais terror no coração da Inglaterra do que qualquer alarme sobre uma invasão estrangeira. Mas a política inglesa nunca levou esse problema a sério, nem mesmo se preocupou com ele por muito tempo. Até mesmo o único problema causado por disputas entre empregadores e trabalhadores — a greve, de um lado, e o bloqueio, do outro — foi deixado seguir seu curso sem qualquer tentativa real de solução legislativa. A razão é que qualquer assunto é permitido

a monopolizar nossa atenção, em vez da situação de nosso próprio povo."

Keir Hardie (deputado e líder trabalhista), em uma entrevista há alguns anos, teria dito:

"O sindicalismo está em má situação na Inglaterra. Às vezes temo que esteja praticamente morto. Nós, trabalhadores, estamos aprendendo que o capital pode usar seu dinheiro para se organizar e, com isso, nos derrotar. Os industriais aprenderam uma maneira de derrotar os trabalhadores, e estes estão indefesos. Os sindicatos não vencem uma greve importante em Londres há muito tempo. Muitos dos sindicatos que antes eram grandes estão impotentes. Isso vale especialmente para os estivadores. Vocês se lembram da grande greve dos estivadores? Pois bem, ela acabou com o sindicato que a organizou e não ajudou em nada os trabalhadores. A situação sindical em Londres é preocupante."

"O Partido Trabalhista Independente é socialista. Não nos contentaremos com nada além do socialismo: o socialismo municipal, o socialismo nacional, o socialismo industrial. Sabemos o que queremos, e todos nós queremos isso. Não queremos lutar por isso, mas, se não pudermos obtê-lo de nenhuma outra forma, lutaremos por ele, e, quando lutarmos, o faremos com determinação. O objetivo declarado do Partido Trabalhista Independente é instaurar uma comunidade industrial, fundamentada na socialização da terra e do capital industrial. Acreditamos que as divisões políticas naturais devem seguir linhas econômicas.

"Quanto aos males do sistema atual, diria que a maior opressão que recai sobre os trabalhadores britânicos é a irregularidade e a incerteza do emprego. Vocês devem estar cientes de que fiz dessa questão minha especialidade e sabem que estou falando com base em fatos quando digo que, nas ilhas britânicas, há mais de 1.000.000 de trabalhadores adultos fisicamente aptos, que não são nem bêbados, nem vagabundos, nem têm inteligência abaixo da média, mas que ainda assim estão desempregados sem culpa alguma e são totalmente incapazes de conseguir trabalho. Os salários parecem ser mais altos do que eram há meio século, mas quando se leva em conta a perda de tempo causada pela falta de emprego

em consideração, verifica-se que a condição do trabalhador realmente regrediu. Um salário pequeno, mas estável, proporciona maior conforto do que uma quantia maior ganha de forma irregular. Se o direito a um salário digno fosse garantido a todos os trabalhadores, a maioria das questões que nos atormentam seria resolvida por um processo natural. A situação é certamente melancólica. Durante o recente período de frio terrível, foram abertas obras de assistência social nas quais os homens podiam trabalhar quatro horas varrendo as ruas, a 6 pence por hora. Milhares se reuniram do lado de fora dos portões do pátio já às 4 da manhã, a fim de ficarem na frente da fila. Lá ficaram, tremendo de frio, famintos e cheios de desespero, até as 8 da manhã, quando os pátios foram abertos. A corrida que se seguiu foi pouco menos que um tumulto. Homens foram literalmente pisoteados até a morte naquela horrível disputa pela oportunidade de ganhar 2 xelins (48 centavos). O local ficou destruído. Homens famintos, amontoados em uma massa compacta, empurrados por milhares na retaguarda, derrubaram as paredes e os portões em sua ansiedade por encontrar emprego. Esses homens não eram preguiçosos.

"O salário médio do trabalho não qualificado em Londres, mesmo quando atinge o padrão sindical, é de apenas 6 pence por hora. Nas províncias, é menor. Um estudo cuidadoso mostrou que nada abaixo de 3 guinéus por semana permitirá que uma família média (dois adultos e três crianças) desfrute de um conforto básico, sem falar em luxos. Muito poucos trabalhadores na Inglaterra recebem essa quantia ou algo próximo disso. É afortunado aquele trabalhador qualificado que recebe 2 guinéus por semana durante todo o ano, e tem sorte aquele operário que consegue ganhar 24 xelins (US$ 5,84) a cada sete dias, dos quais um terço deve ser destinado ao aluguel. Assim, mesmo nas classes de trabalhadores mais bem remuneradas, a família consegue apenas se manter na linha da pobreza. Um período muito curto de ociosidade forçada é invariavelmente suficiente para arrastá-las para abaixo desse nível. Daí o nosso vasto número de indigentes.

"Londres conta atualmente com mais de 4.300.000 pessoas. Sessenta mil famílias (300.000 pessoas) têm uma renda média semanal por família inferior a 18 xelins por semana e vivem em um estado de carência crônica. Uma em cada oito pessoas da população total de

Londres morre no asilo ou na enfermaria do asilo. Uma em cada dezesseis pessoas da população atual de Londres é, neste momento, reconhecida como indigente. Todos os dias, 43.000 crianças frequentam as escolas públicas sem ter tomado café da manhã. Trinta mil pessoas não têm outro lar além das pensões de 4 pence ou da ala de acolhimento temporário."

As estatísticas acima mostram que alguns anos seriam tempo suficiente para o desenvolvimento dessa competição. Assim, o Todo-Poderoso está levando as massas de todas as nações, gradualmente, a perceberem que, mais cedo ou mais tarde, os interesses de um devem ser os interesses do outro — que cada um deve ser o guardião de seu irmão se quiser preservar seu próprio bem-estar.

Também não é sensato nem justo denunciar o Capital por fazer exatamente a mesma coisa que o Trabalho faz e sempre fez – buscar sua própria vantagem. De fato, todos podemos ver que alguns dos pobres são, no fundo, tão egoístas quanto alguns dos ricos; podemos até imaginar que, se *alguns* dos que hoje são pobres ocupassem as posições dos ricos, seriam mais severamente exigentes e menos generosos do que seus atuais mestres. Não odiemos, portanto, nem denunciemos os ricos, mas, em vez disso, odiemos e denunciemos o egoísmo geral e particular que é responsável pelas condições e males atuais. E, abominando profundamente o egoísmo, que cada um resolva que, pela graça do Senhor, mortificará (matará) seu próprio egoísmo inerente, diariamente, e cultivará cada vez mais a qualidade oposta, que é o amor, e assim se conformará à imagem do amado Filho de Deus, nosso redentor e Senhor.

AS PALAVRAS PROFÉTICAS DO ILUSTRE JOSEPH CHAMBERLAIN AOS TRABALHADORES BRITÂNICOS

Observe as opiniões de Joseph Chamberlain, ex-secretário colonial da Grã-Bretanha e um dos estadistas mais perspicazes de nossa época. Ao receber uma delegação de sapateiros desempregados que vieram defender a criação de oficinas municipais, ele lhes mostrou claramente que o que eles queriam não os ajudaria de fato, a não ser temporariamente; que tais oficinas serviriam apenas para

superar a demanda e deixar outros, que agora estão indo razoavelmente bem, sem trabalho, e que a verdadeira política seria cultivar o comércio com o mundo exterior e, assim, encontrar clientes para mais botas, o que rapidamente geraria uma demanda por seus serviços. Ele disse:

"O que vocês querem fazer não é mudar a oficina onde as botas são fabricadas, mas aumentar a demanda por botas. Se conseguirem gerar uma nova demanda por botas, não apenas aqueles que estão trabalhando agora, mas também os desempregados poderão encontrar emprego. Esse deve ser nosso grande objetivo. Além da questão específica que tenho diante de mim, vocês devem lembrar que, de modo geral, a grande *solução para essa dificuldade de falta de emprego é encontrar novos mercados*. Estamos sendo expulsos dos mercados antigos (dos mercados neutros que costumavam ser abastecidos pela Grã-Bretanha) pela concorrência estrangeira. Ao mesmo tempo, governos estrangeiros excluem totalmente nossos produtos de seus próprios mercados e, *a menos que possamos ampliar os mercados* que estão sob nosso controle ou encontrar novos, *essa questão da falta de emprego, que já é muito grave, assumirá uma magnitude imensa, e vejo motivos de grande preocupação quanto às complicações que possam vir a surgir*. Apresento a questão a vocês nestes termos gerais; mas peço-lhes que, ao ouvirem críticas à conduta deste ou daquele governo, deste ou daquele comandante, na *expansão do Império Britânico*, tenham em mente que não se trata de uma questão de chauvinismo, como às vezes são levados a *acreditar — não é uma questão de agressão irracional*, mas sim, na verdade, de continuar a fazer o que o povo inglês sempre fez: ampliar seus mercados e relações com os lugares inexplorados da Terra; e*, a menos que isso seja feito, e feito continuamente, estou certo de que, por mais graves que sejam os males atuais, teremos, em um futuro não muito distante, de enfrentar consequências muito mais sérias*."

A Agressão Nacional em Relação aos Interesses Industriais

Aqui está o segredo da agressão e do império britânicos—

expansão. Ela não é motivada meramente pelo desejo de proporcionar a outras nações governantes mais sábios e governos melhores, nem apenas pelo amor à terra e ao poder: é realizada como parte da guerra comercial, a "guerra industrial". As nações são conquistadas, não para saqueá-las como antigamente, mas para servi-las — para garantir seu comércio. Nessa guerra, a Grã-Bretanha tem sido a mais bem-sucedida; e, em consequência, sua riqueza é enorme e está investida em todos os lugares. Sendo a primeira nação a ter um excedente de produção, ela foi a primeira a buscar mercados estrangeiros e, por muito tempo, foi a fábrica de algodão e ferro do mundo fora da Europa. O despertar industrial que se seguiu à Guerra Civil dos Estados Unidos, em 1865, fez com que este país se tornasse, por um tempo, o centro das atenções e dos negócios mundiais. Esse despertar industrial se espalhou por todas as nações civilizadas e direcionou sua atenção para a busca por demanda externa. Essa é a *concorrência* estrangeira à qual o Sr. Chamberlain se refere. Todos os estadistas percebem o que ele aponta; a saber, que os mercados mundiais estão se enchendo rapidamente e que a maquinaria e a civilização estão acelerando rapidamente o momento em que *não* haverá *mais mercados externos*. E, como ele sabiamente declarou: *"por mais graves que sejam os males atuais, em um futuro não muito distante teremos de enfrentar consequências muito mais sérias*".

Em 1896, o Sr. Chamberlain, na qualidade de Secretário Colonial do Império Britânico, recebeu em Londres delegados das colônias britânicas que haviam percorrido milhares de milhas para se reunir com ele e entre si a fim de discutir os melhores meios de enfrentar a concorrência industrial. Desde que a Grã-Bretanha constatou que suas oficinas produziam mais mercadorias do que sua população podia consumir e que precisava buscar seu mercado no exterior, ela tem sido o advogado do livre comércio e, naturalmente, manteve suas colônias o mais próximo possível de sua política de livre comércio, na medida do possível sem recorrer à força. Essa conferência teve como objetivo chegar a um acordo pelo qual a Grã-Bretanha e suas numerosas colônias pudessem erguer uma barreira tarifária protetora ao seu redor para excluir, de forma significativa, a concorrência dos Estados Unidos, da Alemanha, da França e do Japão.

As conquistas da França, da Itália e da Grã-Bretanha na

significava a mesma coisa: que eles sentem fortemente os efeitos da guerra comercial, percebem que ela está se intensificando e, por necessidade, teriam que manter alguns mercados sob seu *controle*. A seguinte nota de imprensa comprova isso:

"WASHINGTON, 9 de junho de 1896 — Tomando como ponto de partida o anúncio oficial da anexação pela França de Timbuktu, a principal cidade da região de Djallon — um distrito maior que o estado da Pensilvânia e igualmente fértil —, o cônsul dos Estados Unidos Strickland, em Gorée-Dakar, elaborou um relatório de grande interesse para o Departamento de Estado sobre os perigos que ameaçam o comércio dos Estados Unidos com a África, devido à rápida expansão das possessões coloniais das nações europeias. Ele mostra como os franceses, ao impor uma tarifa discriminatória de 7% sobre mercadorias estrangeiras, monopolizaram os mercados das colônias francesas e, assim, esmagaram o comércio lucrativo e em crescimento que os Estados Unidos já desfrutavam naquela parte do mundo. Ele afirma que já se iniciou o processo de fortificar, talvez todo o continente africano contra nós, por meio de tarifas protecionistas; pois, se uma nação já consegue fazer isso com eficácia, as demais, com o tempo, terão de fazer o mesmo para equilibrar a situação entre elas."

Na verdade, os corações dos homens estão desfalecendo de medo e pela expectativa das coisas que estão por vir sobre a Terra [sociedade]; e eles estão se preparando, da melhor maneira possível, para o que veem se aproximando.

Mas que ninguém suponha, nem por um momento, que a já mencionada "expansão do Império Britânico" e dos outros impérios da Terra, bem como a guerra geral pelo comércio, sejam iniciadas ou mantidas *exclusivamente com o objetivo* de proporcionar emprego aos trabalhadores britânicos, italianos e franceses. De modo algum! O trabalhador é meramente um elemento secundário. Trata-se principalmente de permitir que os capitalistas britânicos encontrem novos campos onde possam obter lucros e "acumular riquezas para os últimos dias". Tiago 5:3

A Guerra Social e Industrial na Alemanha

O Sr. Liebknecht, líder do Partido Social-Democrata no Reichstag alemão, que visitou a Grã-Bretanha em julho de 1896, concedeu uma entrevista para as colunas do jornal londrino *Daily Chronicle*, da qual extraímos o seguinte:

"'Nosso Partido Social-Democrata é o partido mais forte do Parlamento alemão. Na última eleição, obtivemos 1.880.000 votos. Esperamos uma dissolução do Parlamento devido à questão dos gastos com uma grande frota, que o Reichstag não aprovará. Nessa eleição, esperamos obter mais um milhão de votos.'

"'Então, o chauvinismo não é muito forte na Alemanha?'

" 'O chauvinismo não existe na Alemanha. De todos os povos da Europa, os alemães são os que mais estão fartos do militarismo. Nós, socialistas, estamos à frente do movimento contra ele.'

" 'E o senhor acha que esse movimento contra o militarismo está se espalhando por toda a Europa?'

" 'Tenho certeza disso. Nos parlamentos da França, Alemanha, Bélgica, Itália e Dinamarca, os deputados socialistas (e temos um bom número em cada um deles) estão lutando contra ele até a morte. Quando o Congresso Internacional ocorrer este ano em Londres, todos os deputados socialistas presentes realizarão uma reunião com o objetivo de organizar uma ação conjunta. Quanto à Alemanha, ela está sendo totalmente arruinada por seu sistema militar. Somos um país novo. Nossas indústrias são todas jovens e, se tivermos que competir com a Inglaterra'–

"'Então vocês também reclamam da concorrência estrangeira?' "'É claro que reclamamos, só que para nós isso é algo muito
real. Não temos, como vou lhe mostrar, liberdade de imprensa nem liberdade de reunião pública. Vocês, ao contrário, têm ambas, e é assim que explico o fato de que o atual sistema econômico está mais profunda e firmemente enraizado na Inglaterra do que em qualquer outro lugar; e, acima de tudo, temos a doutrina do direito divino dos reis contra a qual lutar, e

vocês, ingleses, descobriram há duzentos anos que o direito divino dos reis e a liberdade política do povo não podiam coexistir."

" 'Então você espera grandes mudanças em breve?'

" 'Sim. O sistema atual na Alemanha está causando tanto descontentamento que elas são inevitáveis.'

" 'E agora, você pode me dizer algo sobre a situação econômica da Alemanha? Vocês têm uma questão agrária lá, assim como temos aqui.'

" 'Temos na Alemanha cinco milhões de pequenos proprietários rurais, e todos eles estão indo à ruína o mais rápido possível. Cada um deles — e uso a palavra com cautela — está hipotecado até o valor total de sua propriedade e além disso. Nosso campesinato vive de pão feito de uma mistura de centeio e aveia. Na verdade, alimentos de todos os tipos são mais baratos na Inglaterra do que na Alemanha.'

" 'E suas indústrias?'

" 'Como país industrializado, estamos *apenas começando*. Nosso atual sistema industrial data apenas de 1850, mas seus resultados já estão se tornando muito maiores do que no seu país. Estamos sendo rapidamente divididos em duas classes – os proletários e os capitalistas e proprietários de terras. Nossa classe média está sendo literalmente aniquilada pelas condições econômicas vigentes. Ela está sendo empurrada para a classe trabalhadora, e é a isso, mais do que a qualquer outra coisa, que atribuo o extraordinário sucesso do nosso partido.

" 'É preciso lembrar que não temos dois partidos nitidamente definidos, como vocês têm na Inglaterra. Nós, social-democratas, trabalhamos com qualquer partido, desde que possamos obter algo para nós mesmos. Temos apenas três grandes partidos: os demais podem ser desconsiderados. Há o nosso partido, os conservadores e o Partido do Centro Católico. Nossos conservadores são muito diferentes dos seus. Eles querem voltar ao feudalismo e à reação da pior espécie. As condições econômicas estão dividindo o Partido do Centro, e uma parte se juntará a nós, enquanto o restante irá para os conservadores. E então veremos o que acontecerá.'

"O senhor Liebknecht expôs a história do movimento socialista. A rapidez do crescimento da social-democracia na Alemanha foi causada pela novidade do comercialismo industrial naquele país e pela concorrência acirrada que a Alemanha teve de enfrentar para acompanhar a Inglaterra e a França na luta pela supremacia comercial."

Notar-se-á que as questões reconhecidas por esse homem competente como aquelas que pressionam o povo e estão *causando o sofrimento e a divisão* do povo em duas classes — os pobres e os ricos — são, assim, claramente definidas como sendo (1) a questão agrária ou fundiária, que afeta especialmente os agricultores;
(2) a questão econômica, ou a questão monetária, incluindo a relação entre Capital e Trabalho; (3) a questão industrial, ou a questão de encontrar emprego lucrativo para os mecânicos – relacionada à concorrência estrangeira e interna, oferta e demanda, etc. Essas são as mesmas questões que estão confundindo todas as nações civilizadas e preparando o terreno para a iminente crise mundial – revolução, anarquia –, que antecede o Reino Milenar.

O Sr. Liebknecht foi delegado no Congresso dos Sindicatos (Londres, julho de 1896). Nessa convenção, foi aprovada a seguinte resolução:

"Que esta reunião internacional de trabalhadores (reconhecendo que a paz entre as nações do mundo é um alicerce essencial da fraternidade internacional e do progresso humano, e acreditando que as guerras não são desejadas pelos povos da Terra, mas são causadas pela ganância e pelo egoísmo das classes dominantes e privilegiadas, com o único objetivo de obter o controle dos mercados mundiais em benefício próprio e contra todos os interesses reais dos trabalhadores), declara, por meio deste, que entre os trabalhadores de diferentes nacionalidades não há absolutamente nenhuma discórdia, e que seu único inimigo comum é a classe capitalista e latifundiária, e que a única maneira de prevenir guerras e garantir a paz é a abolição do sistema social capitalista e latifundiário, no qual as guerras

têm sua raiz; e, portanto, compromete-se a trabalhar pela única forma pela qual esse sistema pode ser derrubado – a socialização dos meios de produção, distribuição e troca; declara ainda que, até que isso seja alcançado, toda disputa entre nações deve ser resolvida por arbitragem, em vez de pela brutalidade da força das armas; além disso, esta assembleia reconhece que o estabelecimento de uma Jornada Internacional de Oito Horas para todos os trabalhadores é o passo mais imediato rumo à sua emancipação definitiva e insta os governos de todos os países a reconhecerem a necessidade de estabelecer, por meio de legislação, uma jornada de trabalho de oito horas; e, ainda, considerando que a classe trabalhadora só poderá alcançar sua emancipação econômica e social ao assumir o controle do aparato político atual, que hoje está nas mãos da classe capitalista; e, considerando que, em todos os países, um grande número de trabalhadores e todas as trabalhadoras não possuem direito ao voto e não podem participar da ação política, esta assembleia de trabalhadores se declara a favor e se compromete a envidar todos os esforços para obter o sufrágio universal."

A HUMANIDADE ATACADA POR MAIS UM FLANCO: OS GIGANTES DA ATUALIDADE

Outro resultado da concorrência tem sido a organização de grandes corporações para o comércio e a indústria. Esses são elementos importantes na preparação para o "incêndio" que se aproxima.----Diante dessas corporações gigantes, as pequenas lojas e estabelecimentos estão sendo rapidamente excluídos do mercado, pois não conseguem comprar nem vender com a mesma lucratividade que as grandes empresas. Essas grandes empresas, por sua vez, capazes de realizar mais negócios do que o mercado lhes permite, estão formando associações, chamadas de trusts. Esses, originalmente organizados para impedir que a concorrência destruísse todas as empresas, exceto as maiores do setor, revelaram-se muito satisfatórios para aqueles cujo capital e gestão representam; e o plano está se espalhando — a Grande República liderando o mundo nessa direção. Observe a seguinte lista publicada no New York *World*, em 2 de setembro de 1896, sob o título "O Crescimento dos Trusts".

“Lista de 139 consórcios para regular a produção, fixar preços, monopolizar o comércio e roubar o povo, desafiando a lei.”

Título	Capital
Consórcio de Carne Bovina Abatida e Provisões.	$100.000.000
Cartel do Açúcar, Nova York.	75.000.000
Fundo de Chumbo.	30.000.000
Rubber Trust, Nova Jersey	50.000.000
Gossamer Rubber Trust.	12.000.000
Anthracite Coal Combine, Pensilvânia.	*85.000.000
Axe Trust.	15.000.000
Consórcio do Arame Farpado, Chicago.	*10.000.000
Consórcio de Biscoitos e Bolachas.	12.000.000
Consórcio de Parafusos e Porcas.	*10.000.000
Consórcio das Caldeiras, Pittsburgh, Pensilvânia.	*15.000.000
Borax Trust, Pensilvânia.	*2.000.000
Broom Trust, Chicago.	*2.500.000
Brush Trust, Ohio.	*2.000.000
Button Trust.	*3.000.000
Carbon Candle Trust, Cleveland.	*3.000.000
Cartridge Trust.	*10.000.000
Fundo de Caixões e Artigos Funerários.	*1.000.000
Fundo do Óleo de Mamona, St. Louis.	500.000
Consórcio do Celulóide.	8.000.000
Consórcio do Cigarro, Nova York.	25.000.000
Consórcio do Leite Condensado, Illinois.	15.000.000
Consórcio de Lingotes de Cobre.	*20.000.000
Trust de Chapas de Cobre.	*40.000.000
Fundo de Cordas, Nova Jersey	35.000.000
Fundo de Louças.	*15.000.000
Cotton Duck Trust.	10.000.000
Fundo do Óleo de Semente de Algodão.	20.000.000
Consórcio de Fios de Algodão, Nova Jersey	7.000.000
Consórcio de Fornecimento de Energia Elétrica.	*10.000.000
Flint Glass Trust, Pensilvânia.	8.000.000
Trust de Frascos para Frutas.	*1.000.000
Galvanized Iron Steel Trust, Pensilvânia.	*2.000.000
Glove Trust, Nova York.	*2.000.000

*Estimativa.

Título	Capital
Harvester Trust.	*$1.500.000
Hinge Trust	1.000.000
Fundação Indurated Fibre.	500.000
Fundo do Conselho do Couro.	*500.000
Fundo da Cal	*3.000.000
Fundo do Óleo de Linhaça.	18.000.000
Fundo de Litografia, Nova Jersey	11.500.000
Consórcio de Pneus para Locomotivas.	*2.000.000
Marble Combine.	*20.000.000
Trust de Fósforos, Chicago.	8.000.000
Morocco Leather Trust.	*2.000.000
Oatmeal Trust, Ohio.	*3.500.000
Oilcloth Trust.	*3.500.000
Cartel dos Sacos de Papel.	2.500.000
Fundo do Betume.	*10.000.000
Plate Glass Trust, Pittsburgh, Pensilvânia	*8.000.000
Pocket Cutlery Trust.	*2.000.000
Powder Trust.	1.500.000
Fundo dos Conservacionistas, Virgínia Ocidental.	*8.000.000
Pulp Trust.	*5.000.000
Rice Trust, Chicago	2.500.000
Safe Trust	2.500.000
Salt Trust	*1.000.000
Fundo Sandstone, Nova York.	*1.000.000
Sanitary Ware Trust, Trenton, N.J.	3.000.000
Sandpaper Trust.	*250.000
Trust de Caixilhos, Portas e Persianas.	*1.500.000
SawTrust, Pensilvânia.	5.000.000
Fundo de Livros Escolares, Nova York.	*2.000.000
Fundo de Mobiliário Escolar, Chicago.	15.000.000
Consórcio de Tubulação de Esgoto.	2.000.000
Fundo de Espetos.	60.000
Fundo das Fundições, Chicago.	25.000.000
Fundo Smith, Michigan.	*500.000
Soap Trust.	*500.000
Soda-Water Apparatus Trust, Trenton, N.J.	3.750.000
Consórcio de Carretéis, Bobinas e Lançadeiras.	2.500.000
Consórcio das Esponjas	*500.000

*Estimativa.

Título	Capital
Starch Trust, Kentucky	$10.000.000
Merchants' Steel Trust	25.000.000
Steel Rail Trust.	*60.000.000
Stove Board Trust, Grand Rapids, Michigan	200.000
Straw Board Trust, Cleveland, Ohio	*8.000.000
Structural Steel Trust.	*5.000.000
Fundação Teazle	*200.000
Fundo de Aço em Folha	*2.000.000
Fundo Tombstone	100.000
Fundo Trunk.	2.500.000
Fundo Tube, Nova Jersey	11.500.000
Type Trust.	6.000.000
Trust guarda-chuva.	*8.000.000
Trust do Fogão a Vapor.	*1.000.000
Fundo de Papel de Parede, Nova York	20.000.000
Watch Trust	30.000.000
Wheel Trust.	*1.000.000
Fundo "Whip".	*500.000
Fundo de Vidros de Janelas.	*20.000.000
Fundo Wire	*10.000.000
Fundo de Parafusos para Madeira	*10.000.000
Consórcio de Chapéus de Lã, Nova Jersey	*1.500.000
Fundo do Papel de Embalagem.	*1.000.000
Fundo do Pinheiro Amarelo	*2.000.000
Fundo do Couro Envernizado.	5.000.000
Consórcio de Corantes e Produtos Químicos.	*2.000.000
Consórcio Madeireiro.	*2.000.000
Consórcio de Sal-gema.	5.000.000
Consórcio de Produtos Navais.	*1.000.000
Consórcio do Vidro Verde.	*4.000.000
Consórcio de Locomotivas.	*5.000.000
Envelope Combine	5.000.000
Ribbon Trust.	*18.000.000
Consórcio do Ferro e do Carvão.	10.000.000
Consórcio da Prensagem de Algodão.	*6.000.000
Consórcio de Ferragens.	*3.000.000
Trust do Espremedor de Roupas.	*2.000.000
Fundo da Pá de Neve	*200.000

*Estimativa.

Título	Capital
A Liga do Ferro (Trust).	*$60.000.000
Trust da Paper Box.	*5.000.000
Trust do Carvão Betuminoso.	*15.000.000
Fundo do Álcool.	*5.000.000
Consórcio dos Confeiteiros.	*2.000.000
Consórcio do Gás.	*7.000.000
Consórcio de Ácidos.	*2.000.000
Fundo de Papel Manilla.	*2.000.000
Carnegie Trust.	25.000.000
Illinois Steel Trust.	*50.000.000
Brass Trust.	10.000.000
Colheitadeira de lúpulo.	*500.000
Flour Trust, Nova York.	7.500.000
Fundo dos Colhedores de Milho dos Estados Unidos.	*50.000.000
Pork Combine, Missouri.	*20.000.000
Consórcio de Carvão do Colorado.	20.000.000
Consórcio de Branqueamento.	*10.000.000
Consórcio de Tintas, Nova York.	*2.000.000
Consórcio do Trigo Sarraceno, Nova Jersey	5.000.000
Fur Combine, Nova Jersey	10.000.000
Tissue Paper Trust.	*10.000.000
Trust de Caixas Registradoras.	*10.000.000
Western Flour Trust.	10.000.000
Consórcio de Aço e Ferro.	4.000.000
Consórcio Elétrico nº 2.	1.800.000
Consórcio da Borracha nº 2.	7.000.000
Consórcio do Tabaco.	2.500.000
Capital total.	$1.507.060.000

A mesma edição da mesma revista destaca o poder e a tendência de um desses consórcios no seguinte editorial, sob o título "O que significa o aumento do preço do carvão":

"O acréscimo de US$ 1,50 ao preço de cada tonelada de carvão antracito significa que os onze membros do Trust do Carvão embolsarão nada menos que cinquenta e talvez mais de sessenta milhões de dólares. Com base em

*Estimativa.

a concorrência do outono passado e os preços justos resultantes, esse dinheiro pertence por direito àqueles que utilizam carvão.

"O enorme aumento no custo do carvão significa que muitos fabricantes que iriam retomar as atividades neste outono não poderão fazê-lo, pois não podem acrescentar um item tão oneroso ao custo de seus produtos e ainda assim competir com aqueles que obtêm carvão a preços naturais. Significa que muitos fabricantes reduzirão os salários para compensar esse aumento no custo de produção. Significa que todo chefe de família de renda moderada terá de abrir mão de algum luxo ou conforto modesto. Ele precisa comprar carvão e, como as autoridades que ele ajudou a escolher não farão cumprir a lei, ele terá de pagar os preços impostos pelo trust. Significa, por fim, que os pobres terão de comprar menos carvão. Os preços antigos já eram difíceis o suficiente. Os novos preços são extremamente restritivos. E assim, os pobres terão de passar frio no inverno que se aproxima.

"De um lado, há mais luxo para poucos. Do outro, há desconforto e, em milhares de casos, verdadeira miséria para a maioria. Entre os dois está a lei violada e desonrada."

Veja outro exemplo do poder dos trustes. Na primavera de 1895, foi formado o Cotton Tie Trust. (A laça de algodão é uma simples tira de ferro usada para enfardar algodão.) O preço naquela época era de setenta centavos por cem. No ano seguinte, o trust concluiu que obteria um pequeno lucro extra e elevou o preço para US$ 1,40 por cem — tão perto da época de enfardamento do algodão que as fitas estrangeiras não poderiam ser importadas a tempo.

Nem todos os trustes abusaram de seu poder dessa forma; talvez oportunidades favoráveis ainda não tenham surgido para todos; mas ninguém contestará que "o povo comum", as massas, corre sério risco de ser prejudicado pelas mãos dessas corporações gigantes. Todos sabem o que temer do poder e do egoísmo de um indivíduo, e esses consórcios "gigantes" não só têm imensamente mais poder e influência do que os indivíduos, como também, além disso, não têm consciência. Tornou-se um provérbio que "as corporações não têm alma".

Recortamos a seguinte notícia do *Pittsburgh Post* para ilustrar –

Os lucros dos trustes

"NOVA YORK, 5 de novembro de 1896 – Os administradores da liquidação do Trust da Standard Oil se reuniram hoje e declararam o dividendo trimestral regular de US$ 3 por ação e US$ 2 por ação adicional, pagável em 15 de dezembro. A emissão original total de certificados do Standard Oil Trust foi de US$ 97.250.000. Durante o exercício fiscal que acaba de se encerrar, foram declarados dividendos de 31%, totalizando uma distribuição de lucros no valor de US$ 30.149.500. Durante o mesmo período, a American Sugar Refining Company, conhecida como o trust do açúcar, pagou US$ 7.023.920 em dividendos. Além desses pagamentos de lucros aos acionistas, diz-se que o trust possui um superávit em açúcar bruto, contas a receber e caixa no valor de cerca de US$ 30.000.000."

O mesmo jornal, posteriormente, afirmou em editorial o seguinte:

"O Cartel dos Pregos de Arame foi provavelmente uma das conspirações mais desonestas para saquear e extorquir dinheiro do povo que já foi montada neste país. Ele desafiou as leis, subornou, intimidou e arruinou concorrentes, e governou o comércio com poderes autocráticos. Tendo feito isso e elevado os preços de duzentos a trezentos por cento, distribuiu milhões entre seus membros. Não há anarquia aqui, é claro. Na verdade, são os anarquistas que protestam contra tal roubo e desrespeito à lei. Pelo menos é o que pensa o Sr. A. C. Faust, de Nova Jersey, sobre o trust dos pregos, que escreve ao **World** que suas denúncias das atrocidades do trust 'alimentam a chama do descontentamento popular'. Isso é levar as coisas ao extremo. Os cartéis ilegais e saqueadores devem ter carta branca, e as tentativas de controlá-los não devem ser toleradas porque "alimentam a chama do descontentamento popular". De um lado, temos o povo do país; do outro, os ladrões licenciados – os cartéis. Mas não deve haver denúncias nem protestos, ou a "chama do descontentamento popular" tornará a vida difícil para os trustes. Será que a insolência e a arrogância poderiam ir mais longe?

"O Trust do Carvão, no setor de antracito, está atualmente saqueando o povo à razão de cinquenta milhões de dólares por ano por meio de um

preço inflacionado de US$ 1,50 por tonelada. O reverendo Dr. Parkhurst dirigiu suas palavras a esse grupo específico no outro dia, dizendo: 'Se as empresas de carvão, os conglomerados de carvão ou os trustes de carvão usarem seu poder com o objetivo de desviar para seus próprios cofres o máximo possível do dinheiro dos pobres — tanto quanto puderem ou ousarem —, levando ao empobrecimento dos pobres, à redução de seu bem-estar e ao enfraquecimento das forças da saúde e da vida, então tais empresas estão

'POSSUÍDAS PELO DEMÔNIO DO ROUBO E DO ASSASSINATO.

'E isso se aplica tanto aos comerciantes de carvão quanto aos comerciantes de qualquer outra mercadoria.'

"Enquanto o reverendo Dr. Parkhurst os denunciava como 'possuídos pelo demônio do roubo e do assassinato', outro pregador de Nova York, o reverendo Dr. Heber Newton, diante de bancos de veludo e de um rebanho de milionários, elogiava os consórcios como uma parte necessária e benéfica de nossa civilização em avanço."---

A respeito da queda repentina no preço dos trilhos de aço, de US$ 25 para US$ 17 por tonelada, o Allegheny *Evening Record* afirmou:

"O grande 'Steel Pool', formado para manter os preços, está praticamente destruído. Essa gigantesca aliança de capital e poder, criada para controlar a produção de uma das maiores indústrias dos Estados Unidos, para elevar ou reduzir os preços por simples decreto, para sobrecarregar os consumidores à sua vontade e até o limite do que for conveniente, está prestes a ser devorada por uma aliança ainda mais gigantesca, ainda mais poderosa, ainda mais rica. Rockefeller e Carnegie tomaram conta da indústria siderúrgica dos Estados Unidos. O acontecimento é marcante. A redução no preço dos trilhos de aço de US$ 25 para US$ 17 por tonelada — o valor mais baixo a que já foram vendidos — marca uma era na economia do país. Até o momento, trata-se de um caso de trust devorando trust, e as ferrovias são as beneficiadas.

"É seguro afirmar que nem o Sr. Rockefeller nem o Sr. Carnegie foram levados a seu grande empreendimento por qualquer consideração de interesse público. Eles viram uma chance de esmagar a concorrência e aproveitaram-na. Agora, eles possuem a fonte de abastecimento mais notável do mundo, a cordilheira de Mesaba, acima de Duluth, descrita como uma região onde não é necessário escavar com grandes despesas, mas simplesmente recolher o minério da superfície. Rockefeller consolidou sua vantagem ao garantir essa fonte de abastecimento com a construção de uma frota de barcaças de imensa capacidade para

transportar sua matéria-prima até os cais do Lago Erie. Ao completar seu ciclo por meio da aliança com Carnegie, com seus fornos e usinas, ele tinha a "Associação dos Fabricantes de Trilhos" à sua mercê. Todo o empreendimento foi realizado por meio de uma combinação magistral das instalações existentes. O resultado atual, pelo menos, é um benefício para um grande número de pessoas. Se os senhores Rockefeller e Carnegie, tendo colocado esse vasto poder em suas mãos, se contentarão em colher lucros razoáveis e permitir que o público se beneficie, ou se, uma vez esmagados seus oponentes, usarão esse poder para extorsão implacável, é um problema grave. O fato de eles terem o poder é uma ameaça por si só."

A notícia a seguir circulou amplamente na época, mas merece destaque aqui ao se considerar este assunto:

"KANSAS CITY, MO., 26 de novembro de 1896 – O ex-governador David R. Francis, atual secretário do Interior, enviou a seguinte carta a um pequeno grupo de defensores do padrão-ouro que realizou um banquete no Midland Hotel ontem à noite:

Departamento do Interior,
Washington, D.C., 19 de novembro de 1896.

"Senhores: Acabo de receber o convite de vocês datado do dia 25 e lamento não poder comparecer à celebração da vitória do dinheiro sólido esta noite. Se não for aprovada alguma legislação para conter a crescente
influência da riqueza e para limitar os poderes dos trustes e monopólios, haverá uma revolta popular antes do fim do século que colocará em risco nossas próprias instituições.

DAVID R. FRANCIS"

O trecho a seguir foi extraído do jornal londrino **Spectator**:

"Temos em mãos uma decisão do juiz Russell, da Suprema Corte de Nova York, que mostra até que ponto o sistema dos 'trusts', ou seja, o sistema de usar o capital para criar monopólios, é levado adiante nos Estados Unidos. Foi formada uma Associação Nacional de Farmacêuticos Atacadistas, que inclui quase todos os grandes distribuidores de medicamentos da União e que fixa o preço dos medicamentos. Se algum distribuidor privado praticar preços mais baixos do que os da Associação, esta avisa todo o setor, por meio de circular, para que não façam negócios com ele e, via de regra, consegue arruinar os negócios da empresa rebelde. João D. Park e

Sons' Company decidiram resistir à imposição e solicitaram uma liminar, que foi negada naquele caso específico, mas concedida como princípio geral, sendo todos os envolvidos intimados a abster-se de "conspirar" para impor "uma restrição ao comércio". O caso é extremo, pois está claro que um trust desse tipo está, ou pode estar, brincando com a vida humana. Não importa muito se eles aumentam o preço dos remédios patenteados — o que parece ter sido a queixa específica — para uma guiné por gota; mas suponha que coloquem medicamentos como a quinina, o ópio ou os laxantes fora do alcance dos pobres. Vale lembrar que os seguidores do Sr. Bryan colocam o sistema de trustes na vanguarda de suas acusações contra o capital, e casos como este lhes dão um ponto de apoio argumentativo."

TRUSTS NA INGLATERRA

Embora os trusts possam ser considerados uma invenção americana, citamos o seguinte trecho do London *Spectator*, que mostra que eles não são exclusivamente americanos. O autor afirma:

"Os trusts estão começando a tomar conta de alguns dos nossos setores britânicos. Atualmente, existe — com sede em Birmingham — uma associação ou trust no setor de estrados de cama metálicos em toda a Grã-Bretanha, que está tão habilmente organizada que é praticamente impossível para qualquer pessoa de fora começar a fabricar estrados de cama de latão ou ferro, a menos que se junte à associação; e, mesmo assim, ela precisa solicitar admissão, que provavelmente lhe será negada. Se, no entanto, ele tentasse iniciar a atividade independentemente dela, seria incapaz de comprar matéria-prima ou contratar trabalhadores acostumados ao ofício, pois todos os fabricantes de ferro e latão para camas concordaram em fornecer exclusivamente para o cartel, e os trabalhadores estão todos comprometidos, por meio de seu sindicato, a trabalhar apenas para fabricantes que pertençam a ele. Os consumidores, portanto, precisam contar apenas com a concorrência estrangeira para que os preços sejam mantidos baixos. Esse cartel de camas está, atualmente, bem-sucedido; por isso, muitos outros setores locais estão agora seguindo seu exemplo."

Controlando um capital de centenas de milhões de dólares,

essas combinações ou cartéis são, de fato*, gigantes;* e se a situação continuar por mais alguns anos, como tem ocorrido nos últimos vinte, logo controlarão o mundo por meio da alavanca financeira. Em breve terão o poder não apenas de ditar os preços dos bens consumidos pelo mundo, mas, sendo os principais empregadores de mão de obra, terão o controle dos salários.

É verdade que essas combinações de capital realizaram, no passado, grandes empreendimentos que indivíduos isolados não teriam conseguido realizar tão rapidamente ou tão bem. De fato, a iniciativa empresarial privada assumiu e conduziu com sucesso riscos que o público teria condenado e frustrado se fossem empreendidos pelo governo. Não devemos ser interpretados como se estivéssemos condenando de forma generalizada as vastas acumulações de capital; mas estamos apontando que a experiência de cada ano não apenas aumenta consideravelmente seu poder financeiro, mas também sua sagacidade, e que estamos nos aproximando rapidamente do ponto em que os interesses e as próprias liberdades do povo estão ameaçados, se é que já não chegamos lá. Todos dizem: "É preciso fazer alguma coisa!", mas ninguém sabe o que fazer. O fato é que a humanidade está impotente à mercê dessas gigantescas ramificações do atual sistema social egoísta, e a única esperança está em Deus.

É verdade, também, que esses gigantes são geralmente liderados por homens capazes que, até agora, parecem dispostos a usar seu poder com moderação. No entanto, o poder está se concentrando; e a capacidade, guiada principalmente pelo egoísmo, provavelmente irá, de tempos em tempos, apertar o cerco sobre seus servos e o público, conforme as oportunidades permitirem e as circunstâncias favorecerem.

Esses gigantes ameaçam a família humana agora, assim como gigantes literais a ameaçaram há mais de quatro mil anos. Aqueles gigantes eram "homens de renome" — homens de habilidade e sagacidade maravilhosas, acima da raça adâmica caída; eram uma raça híbrida, resultado de uma *nova vitalidade* unida à linhagem adâmica.

O mesmo ocorre com esses *gigantes corporativos* modernos: eles são grandes, poderosos e astutos, a tal ponto que desanimam a ideia de que possam ser conquistados sem a intervenção divina. Seus poderes maravilhosos ainda nunca foram plenamente colocados em ação. Esses gigantes também são híbridos: são gerados por uma sabedoria que deve sua existência à civilização cristã e ao iluminismo, atuando em combinação com os corações egoístas dos homens decaídos.

Mas a necessidade do homem e a oportunidade de Deus estão se aproximando simultaneamente; e assim como os gigantes do "mundo que existia antes do dilúvio" foram varridos pelo dilúvio das águas, assim também esses gigantes corporativos serão varridos pelo dilúvio de fogo que se aproxima — o simbólico "fogo do ciúme de Deus" – ou indignação, que já se acende; "um tempo de angústia como nunca houve desde que existe uma nação". Nesse "fogo" serão consumidos todos os gigantes do vício e do egoísmo; eles cairão e nunca mais se levantarão. – Gên. 6:4; Isa. 26:13, 14; Sof. 3:8, 9.

ESCRAVIDÃO BÁRBARA VERSUS SERVIDÃO CIVILIZADA

Comparemos, por um momento, o passado com o presente e o futuro, no que diz respeito à oferta e à demanda de mão de obra. Foi somente no último século que o tráfico de escravos foi amplamente erradicado e a escravidão abolida. Em certa época, ela era generalizada, mas gradualmente se transformou em servidão em toda a Europa e Ásia. A escravidão foi abolida na Grã-Bretanha apenas em 1838, quando o governo central pagou aos proprietários de escravos a quantia de 20 milhões de libras, ou quase 100 milhões de dólares, a título de indenização. A França emancipou seus escravos em 1848. Nos Estados Unidos, a escravidão perdurou nos estados do sul até 1863. Não se pode negar que vozes e plumas cristãs tiveram grande influência no fim da escravidão humana; mas, por outro lado, deve-se observar que a mudança

condições do mercado de trabalho mundial ajudaram a proporcionar à maioria uma nova visão sobre o assunto e, juntamente com o fundo de indenização, contribuíram para que os proprietários de escravos se reconciliassem com a nova ordem das coisas. As vozes e as plumas cristãs apenas aceleraram a abolição da escravidão; mas ela teria ocorrido mais tarde, de qualquer forma.

A escravidão morre de morte natural sob o moderno sistema competitivo e egoísta, apoiado por invenções mecânicas e pelo crescimento da população. Deixando totalmente de lado as considerações morais e religiosas, seria agora impossível generalizar a escravidão em países populosos e civilizados: não seria financeiramente viável. (1) Porque a maquinaria, em grande medida, substituiu tanto a mão de obra não qualificada quanto a qualificada. (2) Porque um servo inteligente pode realizar mais trabalho e de melhor qualidade do que um servo não inteligente. (3) Porque civilizar e até mesmo educar minimamente os escravos faria com que seus serviços custassem mais do que a mão de obra livre; além disso, os escravos mais inteligentes e eficientes seriam mais difíceis de controlar e utilizar de forma lucrativa do que aqueles nominalmente livres, mas acorrentados de pés e mãos pela necessidade. Em suma, os mais experientes aprenderam que as guerras por espólios dos inimigos e por escravos são menos lucrativas do que as guerras de concorrência comercial, cujos resultados são melhores, além de maiores; e que os "escravos da necessidade" livres são os mais baratos e mais capazes.

Se a mão de obra já livre e inteligente é mais barata do que a mão de obra escrava e ignorante, e se o mundo inteiro está despertando em termos de inteligência, além de crescer rapidamente em número, é evidente que o atual sistema social está fadado a provocar sua própria destruição, assim como uma máquina a todo vapor e sem freio ou regulador.

Como a sociedade está atualmente organizada com base no princípio da oferta e da demanda, não há freio, nem regulador, para a competição egoísta mundial. Toda a estrutura

está erguida sobre esse princípio: a pressão egoísta, a força que empurra a sociedade para baixo, torna-se cada vez mais forte a cada dia. Com as massas, as coisas continuarão assim, empurrando-as cada vez mais para baixo, passo a passo, até que se concretize o colapso social na anarquia.

A Humanidade Entre as Pedras de Moinho Superior e Inferior

Está se tornando cada vez mais evidente para as massas humanas que, na ordem atual das coisas, elas se encontram entre uma pedra de moinho inferior e uma superior, cujas rápidas rotações acabarão, em um futuro não muito distante, por moê-las até uma servidão miserável e ignóbil, a menos que haja alguma interferência. Tal é, de fato, a condição real das coisas: a necessidade humana é o canal de alimentação que pressiona as massas entre as mós; a mó inferior é a lei imutável da oferta e da demanda, que está empurrando a população mundial — em rápido crescimento e cada vez mais inteligente — cada vez mais para perto da pressão da mó superior do egoísmo organizado, impulsionado pelo poder gigantesco dos escravos mecânicos, auxiliado pelas engrenagens, alavancas e roldanas das combinações financeiras, dos trusts e dos monopólios. (É pertinente notar que o Departamento de Estatística de Berlim estimou, em 1887, que as máquinas a vapor (escravos mecânicos) então em operação no mundo representavam aproximadamente mil milhões de homens, ou três vezes a população ativa da Terra; e as potências a vapor e elétricas provavelmente mais que dobraram desde então. No entanto, essas máquinas encontram-se quase todas em terras civilizadas, cujas populações representam apenas cerca de um quinto do total.) Outra parte da força motriz da pedra de moinho superior é seu volante, pesado com o peso da riqueza concentrada e até então inimaginável, além da capacidade intelectual estimulada e treinada de forma egoísta. Para ilustrar parcialmente o resultado do processo de moagem, observamos uma

relatório de que, em Londres, Inglaterra, havia 938.293 pobres, 316.834 muito pobres e 37.610 entre os mais indigentes – um total de 1.292.737, ou quase um terço da população da maior cidade do mundo vivendo na pobreza. Dados oficiais da Escócia mostraram que um terço das famílias vivia em um único cômodo e mais de um terço em apenas dois cômodos; que, na cidade de Nova York, durante um inverno rigoroso, 21.000 homens, mulheres e crianças foram despejados por não conseguirem pagar o aluguel; e que, em um único ano, 3.819 de seus habitantes foram enterrados no "campo dos pobres", também
pobres para viver ou morrer decentemente. Isso, lembre-se, na mesma cidade que já demonstrou ter entre seus cidadãos milhares de milionários.

Um escritor da *revista *The American Magazine of Civics**, o Sr.
J. A. Collins, discutiu certa vez o tema "A Decadência da Propriedade Imobiliária nos Estados Unidos", à luz do censo americano. Logo no início, ele nos diz para estarmos preparados para fatos surpreendentes e para indícios ameaçadores e perigosos. Citamos a seguir:

"Há algumas décadas, a grande maioria da população era composta por proprietários de imóveis, e suas casas estavam praticamente livres de ônus; hoje, a grande maioria da população é composta por inquilinos."

Como o ocupante de uma casa hipotecada é, na prática, apenas um inquilino do credor hipotecário, ele constata que 84% das famílias deste país são, na prática, inquilinas, e acrescenta:

"Pense nesse resultado surpreendente, produzido em tão pouco tempo, com o vasto domínio de terras livres no Oeste aberto aos colonos, com os grandes setores da indústria abertos e oferecendo empregos com bons salários; e então considere qual será o resultado quando todo o grande Oeste estiver ocupado, ou suas terras totalmente monopolizadas, com uma população aumentada pela adição de milhões, tanto por crescimento natural

e pela imigração; as terras minerais e as minas controladas por consórcios de capital estrangeiro; o sistema de transporte controlado no interesse de alguns proprietários milionários; as indústrias que funcionam sob a direção de grandes corporações em seu próprio interesse; com as terras públicas esgotadas e os lotes residenciais monopolizados e detidos por especuladores, fora do alcance das massas industriais."

Comparando esses números com as estatísticas europeias, o Sr. Collins conclui que as condições na maior República da Terra são menos favoráveis do que na Europa, exceto na mais rica e mais esclarecida delas – a Grã-Bretanha. Mas os números do Sr. Collins são enganosos, a menos que se lembre que milhares dessas casas hipotecadas pertencem a jovens (que na Europa morariam com os pais) e a imigrantes que compram no "plano de parcelamento". A pura verdade, no entanto, já é ruim o suficiente. Com a crescente pressão dos tempos, poucas das muitas hipotecas atuais serão quitadas, a não ser pelo oficial de justiça.

Provavelmente poucos percebem como a força e o tempo humanos são, às vezes, vendidos por um preço tão baixo; e aqueles que percebem isso não sabem como remediar o mal e estão ocupados tentando escapar de suas garras. Em todas as grandes cidades do mundo, há milhares de pessoas conhecidas como "exploradores", que trabalham mais arduamente e por mais horas pelas necessidades básicas da vida do que a maioria dos escravos do sul. Nominalmente, eles têm sua liberdade, mas, na verdade, são escravos — escravos da necessidade —, tendo liberdade para querer, mas pouca liberdade para agir, seja por si mesmos ou pelos outros.

Recortamos o seguinte do jornal (Pittsburgh) *Presbyterian Banner* sobre esse assunto:

"O sistema dos 'sweaters' nasceu e se desenvolveu em terras estrangeiras antes de ser transplantado para o solo americano, trazendo consigo sua maldição. Ele não se limita ao setor de roupas prontas, mas abrange todos os outros setores em que há a intervenção de um intermediário. O intermediário ou contratante se compromete a adquirir mercadorias para o comerciante a um determinado preço e, a fim de fornecer ao grande público comprador produtos a preços acessíveis e, ao mesmo tempo,

garantir lucros ao revendedor e ao intermediário, esse preço deve ser fixado em um valor baixo, e os pobres trabalhadores acabam sofrendo.

"Na Inglaterra, quase todos os negócios funcionam dessa maneira. O comércio de botas e sapatos, o comércio de peles, o de marcenaria e estofamento, e muitos outros, passaram a estar sob o domínio do intermediário, e as pessoas são oprimidas a salários de fome. Mas é do comércio de roupas prontas em nosso próprio país que pretendemos falar. Em 1886, havia apenas dez fábricas de suéteres em Nova York; hoje, há muitas centenas, e o mesmo se aplica à cidade de Chicago, enquanto outras cidades também têm sua parcela. Essas fábricas estão, em sua maioria, nas mãos de judeus, e as de Boston e Nova York têm vantagem sobre seus colegas mais a oeste, pois podem tirar proveito de estrangeiros recém-chegados, que não falam a língua e, portanto, são facilmente explorados. Esses funcionários são recrutados e amontoados em salas pequenas e mal ventiladas, às vezes vinte ou trinta em uma sala com espaço para apenas oito trabalhadores, onde muitas vezes precisam cozinhar, comer e morar, trabalhando arduamente de dezoito a vinte horas por dia para ganhar o suficiente para se manterem vivos.

"Os salários pagos por esse tipo de trabalho são uma vergonha para a humanidade. Com muito esforço, os homens podem ganhar de dois a quatro dólares por semana. Os números a seguir foram fornecidos por alguém que estudou o assunto e obteve suas informações de um dos 'patrões exploradores', que indicou esses valores como o que recebia do comerciante:

Pela confecção de sobretudos,.....$ 0,76 a $ 2,50
Para a confecção de casacos executivos. .....32 a 1,50
Para a confecção de calças,..... 0,25 a 0,75
Para a confecção de coletes (por dúzia),. .....1,00 a 3,00
Para a confecção de calças curtas (por dúzia),..... 0,50 a 0,75
Para a confecção de camisas de chita (por dúzia),..... 0,30 a 0,45

"Uma grande porcentagem dessa lista de preços é retida pelo patrão como lucro, e, após deduzir o custo do transporte, que fica a cargo do trabalhador, é fácil imaginar o quanto e por quanto tempo homens e mulheres precisam trabalhar para ganhar

as necessidades básicas da vida. No caso das calças curtas, pelas quais o 'patrão' recebe sessenta e cinco centavos por dúzia do fabricante, o costureiro recebe apenas trinta e cinco centavos.

"O costureiro recebe dez centavos por confeccionar calças de verão e, para completar seis pares, precisa trabalhar quase dezoito horas. As capas são confeccionadas por quinze pessoas, cada uma responsável por uma parte. Macacões: sessenta centavos a dúzia de pares. Esses são alguns exemplos, e qualquer mulher que entenda de costura ou confecção de roupas sabe a quantidade de trabalho envolvida.

"Mas há retribuição em todas as coisas, e às vezes os inocentes ou descuidados também precisam sofrer, assim como os culpados. Essas roupas são confeccionadas nas piores condições de higiene. São feitas em ambientes que, às vezes, não são adequados para ocupação humana e que estão repletos de germes de doenças. Em Chicago, durante este ano, um visitante viu em uma dessas oficinas quatro pessoas trabalhando em capas, todas com escarlatina, e em outro local uma criança jazia morta pela mesma doença, enquanto o trabalho continuava ao seu redor, e o contágio se espalhava inevitavelmente."

> "Ai de mim, que o ouro seja tão caro, E a carne e o sangue tão baratos."---

Os números dos miseravelmente pobres estão aumentando rapidamente e, como já foi demonstrado, a competição está empurrando toda a raça para o abismo, exceto os poucos afortunados que adquiriram máquinas ou imóveis; e sua riqueza e poder avançam proporcionalmente, até parecer que em breve poderemos esperar o surgimento de um bilionário, se as condições atuais persistirem.

Não é possível que tal estado de coisas perdure para sempre; até mesmo o funcionamento da lei natural de causa e efeito acabaria por trazer retribuição. Nem poderíamos esperar que a justiça de Deus, que estabeleceu essa lei, permitisse tais condições para sempre. Deus, por meio de Cristo, redimiu e abraçou a causa de nossa humanidade indigna, e o tempo de sua libertação do egoísmo e do poder geral do maligno está próximo. – Rom. 8:19-23.

O texto a seguir, extraído de um jornal ocidental há alguns anos,

representava claramente a situação naquela época, e que hoje é ainda mais alarmante. Dizia:

"Os desempregados neste país somam hoje dois milhões. Aqueles que dependem deles provavelmente chegam a quatro vezes esse número.

"Talvez você já tenha ouvido isso antes. Quero que reflita sobre isso até compreender o que isso significa. Significa que, sob 'o melhor governo do mundo', com 'o melhor sistema bancário que o mundo já viu' e tudo o mais em nível de excelência, além de uma produção sem igual de alimentos e de todos os outros confortos e luxos da vida, um sétimo da nossa população foi reduzido à mendicância absoluta, como única alternativa à fome. As pessoas passam fome diante de armazéns e silos cheios de grãos que não podem ser vendidos por um preço suficiente para cobrir os custos de produção. As pessoas tremem de frio e estão quase nuas à sombra de depósitos lotados de roupas de todos os tipos. As pessoas passam frio e não têm lareira, com centenas de milhões de toneladas de carvão facilmente acessíveis em milhares de minas. E os sapateiros que estão ociosos ficariam felizes em trabalhar e fabricar sapatos para os homens que extraem o carvão, em troca de combustível. Da mesma forma, esses últimos ficariam felizes em trabalhar nas minas para conseguir sapatos. Da mesma forma, o agricultor seminu do Kansas, que não consegue vender seu trigo para pagar as contas da colheita e da debulha, ficaria encantado em trocá-lo com os homens das fábricas do leste que fiam e tecem o tecido de que ele precisa.

"Não é a falta de recursos naturais que aflige o país hoje. Não é a incapacidade ou a falta de vontade, por parte dos dois milhões de homens ociosos, de trabalhar e produzir coisas desejáveis e úteis. É simplesmente que os instrumentos de produção e os meios de troca estão concentrados nas mãos de poucos. Estamos começando a perceber o quão insalubre é essa situação; e a compreenderemos cada vez mais plenamente à medida que essa concentração se tornar mais grave. As pessoas estão ociosas, com frio e passando fome porque não conseguem trocar os produtos de seu trabalho. Diante de resultados como esse, nossa tão alardeada civilização atual não está bem próxima de ser um fracasso total? Os desempregados neste país

formados em fileiras de quatro em fila e com seis pés de distância entre si formariam uma linha de seiscentas milhas de comprimento. Aqueles que dependem deles para sua subsistência, na mesma ordem, alcançariam 2.400 milhas. Esse exército assim formado se estenderia do Atlântico ao Pacífico — de Sandy Hook até a Golden Gate.

"Se o intelecto da raça não é capaz de conceber um sistema industrial melhor do que este, mais vale admitirmos que a humanidade é o maior fracasso do universo. [Sim, é exatamente para lá que a providência divina está nos conduzindo: os homens devem aprender sua própria impotência e quem é o verdadeiro mestre, assim como todo potro deve ser 'domado antes de ter valor'.]
A coisa mais ultrajante e cruel de todos os tempos é a tentativa atual de manter um exército industrial para lutar as batalhas de nossos reis plutocráticos, sem tomar nenhuma providência para sua manutenção durante os períodos em que seus serviços não são necessários."

O texto acima foi escrito durante o período da mais grave depressão decorrente das "manipulações tarifárias" e, felizmente, não é a condição normal. No entanto, não há como saber quando isso poderá se repetir. Contudo, o **Harrisburg Patriot**, do mesmo ano, apresentou os seguintes números sob o título "O número de desempregados":

"Há 10.000 trabalhadores desempregados em Boston; em Worcester, 7.000 estão desempregados; em New Haven, 7.000; em Providence, 9.600; na cidade de Nova York, 100.000. Utica é uma cidade pequena, mas o número de desempregados chega a 16.000; em Paterson, em Nova Jersey, metade da população está ociosa; na Filadélfia, 15.000; em Baltimore, 10.000; em Wheeling, 3.000; em Cincinnati, 6.000; em
Cleveland, 8.000; em Columbus, 4.000; em Indianápolis, 5.000; em Terre Haute, 2.500; em Chicago, 200.000; em Detroit, 25.000; em Milwaukee, 20.000; em Minneapolis, 6.000; em St. Louis, 80.000; em St. Joseph, 2.000; em Omaha, 2.000; em Butte City, Montana, 5.000; em São Francisco, 15.000."

Apresentamos a seguir um trecho de **The Coming Nation**, intitulado "Um problema que você deve resolver". Ele mostra com que clareza alguns homens enxergam a situação atual. Todas essas vozes de alerta não fazem senão reiterar o conselho solene do profeta inspirado: "Seja sábio

agora, portanto, ó reis [todos os que detêm qualquer grau de autoridade e poder]; instruam-se, ó Juízes da terra". Diz:

'Vocês admitirão que novas máquinas estão substituindo rapidamente os trabalhadores. A alegação de que a fabricação e a manutenção dessas novas máquinas empregam o número de pessoas assim desempregadas não se sustenta; pois, se isso fosse verdade, não haveria ganho algum no uso das máquinas. O fato se destaca de forma tão evidente — que centenas de milhares de homens estão agora ociosos porque as máquinas estão realizando o trabalho que eles faziam anteriormente — que qualquer pessoa deve reconhecê-lo, se parar para pensar por um momento. Esses homens desempregados não compram tantos bens quanto quando estavam empregados, e isso diminui a demanda por bens, impedindo assim que muitos outros trabalhadores sejam empregados, aumentando o número de desempregados e interrompendo ainda mais as compras.

"O que você vai fazer com esses desempregados? O fato de os preços dos bens, como um todo, estarem ficando mais baratos, não dá emprego a esses homens. Não há nenhuma ocupação disponível para eles, pois todas as ocupações estão saturadas de pessoas, pela mesma razão. Não dá para matá-los (a menos que entrem em greve), e não há para onde eles possam ir. Com toda a seriedade, pergunto: o que você vai fazer com eles? Agricultores qualificados estão indo à falência; então, que chance esses homens teriam nessa área, mesmo que tivessem terras?

"Esses homens estão se multiplicando como as folhas da floresta. Estima-se que sejam milhões de números. Não há perspectiva de muitos deles conseguirem emprego; e, se conseguirem, será apenas para ocupar os lugares de outros que já estão empregados e que, então, passariam a fazer parte dos desempregados. Você talvez pense que não é da sua conta o que será deles, mas, meu caro senhor, é da sua conta, e você vai perceber isso em poucas estações. É um assunto que não pode ser ignorado simplesmente virando as costas e se recusando a ouvir. O povo francês pensava assim, há muito tempo, mas aprendeu o contrário, mesmo que a geração atual tenha esquecido a lição. A geração atual em

Os Estados Unidos *precisam* resolver essa questão e, de alguma forma, *irão* resolvê-la. Pode ser com paz, amor e justiça, ou pode ser por meio de um homem a cavalo pisoteando os direitos de todos, assim como vocês agora veem, com indiferença, os direitos de alguns serem pisoteados. Repetimos: vocês responderão a essas questões dentro de poucos anos.

"Os franceses foram alertados, mas não conseguiram ouvir devido à alegria da podridão real. *Vocês* vão ouvir? Ou permitirão que o rumo atual siga sem controle até que cinco ou seis milhões clamem por pão ou pelo óxido de ferro? A crise, quando chegar, será intensificada cem vezes mais nos Estados Unidos, devido às condições sociais que prevalecem aqui há um século. O amor à liberdade tornou-se robusto, alimentado pelo ódio a reis, tiranos e opressores. Não se pode confiar em nenhum exército ou marinha formado pelas massas para atirar em seus próprios pais e irmãos a mando ou por ordem de reis, com ou sem título. Vendo o que deve resultar de uma ociosidade prolongada demais de milhões de pessoas, cujas condições logo cimentarão um laço de solidariedade, você não acha que tem algum interesse nas condições que elas estão gerando? Não seria melhor encontrar e aplicar um remédio, empregar esses homens, mesmo em oficinas públicas, do que chegar ao desfecho?

"Sabemos o que os capitalistas estão fazendo: vemos-os preparando munições de guerra para governar as massas pela força das armas. Mas eles são tolos. São sábios apenas em suas próprias presunções. Estão adotando as táticas dos reis e, com o tempo, serão como palha ao vento. Todos os destinos estão contra suas táticas. Reis, com exércitos maiores do que os que podem ser reunidos para lutar pelo capitalismo aqui, tremem diante do crescimento constante de uma civilização mais elevada entre o povo, impulsionado pela angústia desse exército de desempregados que cresce rapidamente. A justiça não prejudica ninguém, embora possa privar os ladrões de seus privilégios. Vamos, como cidadãos, resolver e solucionar o problema dentro da lei, não como partidários, mas como cidadãos que pensam mais no país do que no partido, e mais na justiça do que no ouro do rei."---

Essas são palavras fortes de alguém que, evidentemente, se sente profundamente comovido, e há muitos assim. Ninguém pode negar que há pelo menos alguma verdade nessas acusações.

AS CONDIÇÕES UNIVERSAIS E ALÉM DO PODER HUMANO DE REGULAMENTAR

Essas condições também não são exclusivas da América e da Europa: há séculos que os milhões de habitantes da Ásia não conhecem nada diferente. Uma missionária americana na Índia escreve que ficou com o coração partido quando os nativos lhe perguntaram se era verdade que as pessoas de seu país tinham todo o pão que quisessem comer, três vezes ao dia. Ela diz que, na Índia, a maioria raramente tem comida suficiente para satisfazer as necessidades naturais.

O vice-governador de Bengala, na Índia, teria dito, há pouco tempo: "Metade da nossa população agrícola nunca sabe, de um ano para o outro, o que é ter a fome totalmente saciada. Aqueles que cultivam os grãos não podem
comer o que a natureza exige: primeiro é preciso pagar impostos com essa produção. Dez milhões da população indiana são tecelões de tecido de algodão em teares manuais, e agora as máquinas na costa destruíram seu ofício e não lhes restou nada além da agricultura nas difíceis condições mencionadas acima.

Na África do Sul também, onde milhões de dólares foram investidos livremente durante o que ficou conhecido como a 'febre do ouro africano', os tempos estão 'difíceis' para muitos, e alguns dos mais instruídos estão passando por situações ainda piores. O trecho a seguir, extraído de um jornal de Natal, na África do Sul, dá uma ideia das condições:

"Aqueles que não entram em contato direto com os imigrantes europeus em busca de emprego têm pouca noção do grau de miséria que prevalece entre essa classe em Durban. É gratificante constatar, no entanto, que o Comitê de Assistência da Câmara Municipal reconhece que, por uma questão de humanidade, tem um dever para com os infelizes que ficaram aqui abandonados. Durante uma conversa esta semana com o Sr. R. Jameson, o incansável coordenador, que se dedicou de corpo e alma a esse movimento filantrópico, constatei que os trabalhos de assistência em Point proporcionam emprego temporário a cerca de cinquenta homens. É angustiante constatar que homens

que foram treinados para trabalhos administrativos, assim como artesãos qualificados, se encontrem em situação tão "desfavorável" a ponto de estarem mais do que dispostos a aceitar o auxílio da Prefeitura de 3 xelins por dia e abrigo, em troca de oito horas cavando areia sob um sol escaldante.

"Enquanto isso, não há vagas, e muitas candidaturas têm de ser recusadas. De tempos em tempos, o presidente do comitê, por meio de anúncios e outras formas, consegue emprego para aqueles homens que possuem algum conhecimento de um ofício ou artesanato. As vagas assim criadas na equipe são preenchidas entre aqueles que já haviam se candidatado sem sucesso. Além dos que trabalham na equipe, há um número considerável de homens vagando pela cidade que buscaram emprego em vão. Eles logo procuram o simpático vice-prefeito, e ele faz o melhor que pode por eles, o que, infelizmente, muitas vezes acaba em fracasso. Se os empregadores que tiverem vagas procurarem o Sr. Jameson, poderão obter informações completas sobre os desempregados que constam de sua lista. É preciso entender que nenhum desses homens é propriamente residente em Durban, mas que chegaram até lá vindos de várias partes da África do Sul em busca de emprego. Durban não é, de forma alguma, um caso isolado; há evidências mais do que claras de que condições deploráveis semelhantes prevalecem em outros lugares.

"Como já foi indicado, muitos dos candidatos a vagas na equipe de assistência social são homens acostumados apenas a trabalhos administrativos. Nunca é demais enfatizar que, para esses homens, não há absolutamente nenhuma chance em Natal, já que o mercado está sempre saturado. Se não fosse pela iniciativa da Prefeitura em oferecer trabalho temporário, haveria um número consideravelmente maior de pessoas em situação de indigência na cidade. No geral, a conduta dos homens da equipe de assistência social tem sido altamente exemplar e justifica a continuidade da política adotada pelo conselho. Mas o que, pode-se perguntar, a Sociedade de Beneficência está fazendo? Aquela excelente

instituição oferece assistência *apenas aos residentes* e suas famílias e, como de costume, está sobrecarregada — se não com dinheiro, pelo menos com casos que merecem ajuda."

Mas será que as pessoas inteligentes que percebem essas questões não tomarão medidas para impedir que seus semelhantes, menos favorecidos ou menos inteligentes, sejam esmagados? Será que não percebem que a pedra de moinho superior está se aproximando perigosamente da inferior e que as massas, que precisam passar entre elas em meio à competição, estão sentindo a pressão severamente e ainda a sentirão mais? Será que corações generosos não proporcionarão socorro?

Não; a maioria, favorecida pela sorte ou pela habilidade, está tão ocupada cuidando de si mesma, "ganhando dinheiro", desviando o máximo possível da "colheita" para seus próprios sacos, que não percebe a verdadeira situação. Eles ouvem os gemidos dos menos afortunados e, muitas vezes, doam generosamente para ajudá-los, mas, à medida que o número dos infelizes cresce rapidamente, muitos passam a achar que um alívio geral é impossível; acostumam-se às condições atuais e se contentam em desfrutar de seus próprios confortos e privilégios especiais e, pelo menos por enquanto, esquecem ou ignoram as dificuldades de seus semelhantes.

Mas há alguns que estão em boa situação e que enxergam a situação real com mais ou menos clareza. Alguns deles, sem dúvida, são industriais, proprietários de minas etc. Eles conseguem enxergar as dificuldades, gostariam que as coisas fossem diferentes e anseiam por ajudar a mudá-las; mas o que podem *fazer*? Podem fazer muito pouco, exceto ajudar a aliviar os casos mais graves de sofrimento entre seus vizinhos e parentes. Eles não podem mudar a atual constituição da sociedade nem destruir parcialmente o sistema competitivo, e percebem que o mundo seria prejudicado pela abolição total da concorrência, sem que alguma outra força ocupasse seu lugar para estimular a energia por parte dos naturalmente indolentes.

É evidente que nenhum homem ou grupo de homens pode mudar a ordem atual da sociedade; mas, pelo poder do Senhor e em

à maneira do Senhor, conforme indicado nas Escrituras, ela pode e será gradualmente transformada em um sistema perfeito, baseado não no egoísmo, mas no amor e na justiça. E, para introduzir isso, as condições atuais devem ser totalmente derrubadas. O vinho novo não será colocado em odres velhos, nem se colocará remendo novo em roupa velha. Portanto, com compaixão tanto pelos ricos quanto pelos pobres diante das aflições que se aproximam, podemos orar: "Venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade na terra como no céu", mesmo que isso seja introduzido com "o fogo da indignação de Deus" — para o qual já vemos os "elementos" em preparação.

A Manhã Está Chegando

"Um dia melhor está chegando, uma manhã prometida há muito,
Quando a verdade e a justiça, com poder sagrado, derrubarão o mal;
Quando Cristo, o Senhor, ouvirá cada suspiro de lamento,
E estenderá sua mão sobre o mar e a terra, com justiça, em breve."

"A fanfarronice dos tiranos arrogantes não mais encherá o ar,
mas velhos e jovens amarão a verdade e a espalharão por toda parte.
Não mais da miséria e da dor virá o grito de desespero, Mas a guerra cessará, e a paz perfeita florescerá com o tempo.

"A onda gigantesca está chegando, o ano do jubileu;
Com gritos e canções ela avança, como as ondas do mar.
O jubileu das nações ressoará pela terra e pelo céu. A Aurora da graça se aproxima rapidamente — está chegando aos poucos.

"Ó! Por essa gloriosa Aurora vigiamos, esperamos e oramos,
Até que, das alturas, a luz da manhã afaste a escuridão;
E quando a glória celestial inundar a terra e o céu,
Abençoaremos o Senhor por todas as suas obras e o louvaremos em breve."

ESTUDO VIII

OS GRITOS DOS CEIFADORES

O elemento conservador da sociedade – camponeses, agricultores – novas condições na cristandade – agitação agrária – suas causas – os padrões de ouro e prata são fatores – o cumprimento da profecia bíblica – essas coisas relacionadas à batalha do Grande Dia.

"Nem a prata nem o ouro deles poderão salvá-los no dia da ira do Senhor." – Sofonias 1:18.

O estudante de história que reflete, ao acompanhar nosso tema e observar a veracidade dos fatos apresentados e a razoabilidade das conclusões tiradas, ainda pode sentir-se incerto quanto ao desfecho. Ele pode dizer a si mesmo: "O autor esquece que, tanto nos países civilizados quanto nos semicivilizados, existe um elemento social numeroso e predominante que é extremamente conservador e sempre constituiu a espinha dorsal da sociedade – os agricultores." Mas não é assim: não esquecemos esse fato e reconhecemos sua importância. Olhando para trás, vemos que a Europa teria sido frequentemente lançada nas convulsões da revolução se não fosse por esse elemento tão conservador. Vemos que as revoluções na França foram principalmente iniciadas e conduzidas pela classe trabalhadora das grandes cidades e que o elemento que finalmente trouxe descanso e paz foi o camponês conservador. As razões para essa situação não são difíceis de encontrar. (1) A vida do agricultor envolve menos agitação e atritos sociais. (2) Sua mente é menos atraída pelas vantagens da riqueza, e sua ambição por riqueza e luxo permanece relativamente adormecida. (3) Ele está mais ou menos

ligado à terra e aprende a depender exclusivamente dela, confiando nas recompensas da natureza em troca do trabalho. (4) O nível de educação e o consequente despertar e atividade mental entre os agricultores sempre foram, até então, bastante limitados. Como resultado de todas essas condições, a classe agrícola do mundo civilizado há muito tempo é apontada como um exemplo de prosperidade frugal e contentamento.

Mas os últimos trinta anos testemunharam uma mudança maravilhosa na vida dos agricultores — em muitos aspectos, uma mudança muito vantajosa. Os agricultores dos Estados Unidos, do Canadá, da Grã-Bretanha e da Irlanda sempre estiveram em uma posição diferente dos agricultores do restante do mundo. Eles não são nem servos nem camponeses, nem ignorantes, nem limitados, mas inteligentes, mesmo quando não são instruídos. Além disso, a Guerra Civil nos Estados Unidos teve o efeito de reunir representantes de todas as partes do país e imigrantes de todas as partes do mundo, proporcionando um certo tipo de educação – conhecimento das coisas e dos assuntos. Ela tirou as ideias dos agricultores, de forma mais completa do que nunca, da rotina secular e os colocou em contato e em sintonia com os sentimentos e ambições que movem a vida na cidade. Como resultado, a antiga escola de troncos deixou de satisfazer as ambições dos meninos e meninas do campo, e com o aumento das escolas de ensino médio, faculdades e seminários veio também o aumento da literatura (especialmente jornais), o que tem sido um fator notável no desenvolvimento do povo dos Estados Unidos — tanto dos cidadãos nascidos no exterior quanto dos nativos. O resultado disso foi que grande parte do sistema e da habilidade próprios da vida empresarial urbana passou a ser aplicada à agricultura, juntamente com uma infinidade de invenções que tenderam a diminuir o trabalho árduo do agricultor e a aumentar consideravelmente a produção de suas terras. Como resultado dessas condições, não só a população rural aumentou consideravelmente, mas a população urbana acompanhou esse ritmo; e, ainda assim, além de suprir alimentos para nossos próprios noventa milhões de habitantes,

somos capazes de distribuir ao restante do mundo produtos agrícolas no valor de quase oitocentos milhões de dólares anualmente – cerca de oito décimos de nossas exportações totais. Isso, até os últimos vinte e cinco anos, significou grande prosperidade para os agricultores americanos; e, com toda essa prosperidade, o agricultor passou a ter acesso aos confortos da vida e ao desejo geral de riqueza e luxo e, consequentemente, a uma certa insatisfação com suas condições de vida, que, no entanto, são de longe superiores, em muitos aspectos, às dos agricultores em outras partes do mundo.

Enquanto isso, a Guerra Franco-Prussiana exerceu uma influência um tanto semelhante sobre os povos da França e da Alemanha – embora em grau muito menor – e seu despertar ocorreu de maneira diferente. A animosidade entre a França, a conquistada, e a Alemanha, a conquistadora, que prevalece desde a guerra, levou ambos os países — e, indiretamente, a Itália, a Áustria e a Rússia — a estabelecer um sistema de treinamento militar que abrange todos os jovens desses países e os obriga a aprender táticas e disciplina militares e, incidentalmente, a conviver com muitos de seus pares. Tudo isso proporciona uma educação extremamente benéfica; além disso, nos quartéis, certas horas são dedicadas ao estudo de livros. Embora a manutenção desses exércitos permanentes tenha parecido um crime terrível contra os povos dessas diversas nações, retirando dos canais da atividade doméstica de um a três anos da vida de cada membro masculino da sociedade, ela, no entanto, acreditamos, revelou-se uma influência maravilhosa para o esclarecimento; e as nações mencionadas estão despertas, energizadas e ambiciosas como nunca antes. E, é claro, na medida em que a educação se difundiu e surgiu um certo contato com as conveniências, os confortos e os luxos da vida urbana e da riqueza, surgiu, proporcionalmente, um certo descontentamento — um sentimento de que os outros estão prosperando mais do que eles e de que devem estar atentos a uma

para melhorar suas condições — o que também gerou um relaxamento nos costumes.

Enquanto isso, os grilhões da ignorância e da superstição no âmbito religioso também vêm cedendo, embora a influência do papado e da Igreja Ortodoxa Grega ainda seja muito grande. E embora se acredite apenas parcialmente que o padre, o bispo e o papa tenham o poder de condenar ao purgatório, ao tormento eterno ou de admitir no céu, seu *poder* ainda é, em grande medida, temido e reverenciado. No entanto, em geral, uma grande mudança se abateu sobre todas as classes do ponto de vista religioso. A tendência entre os protestantes oscilou, como um pêndulo, para o extremo oposto, de modo que, embora as formas de piedade e devoção ainda sejam observadas, grande parte da verdadeira reverência se afastou das massas protestantes. A chamada "crítica superior" e as teorias da evolução praticamente destruíram a reverência pela Palavra de Deus. E essas teorias, agora misturadas com a Teosofia oriental, estão levando ao naufrágio a verdadeira fé cristã de centenas de milhares de pessoas, tanto na Europa quanto na América.

Todas essas influências, convém observar, já vêm, há alguns anos, tendendo a uma mudança na atitude da classe até então conhecida como "a pequena nobreza conservadora da cristandade". E agora, justamente
em um momento crítico, testemunhamos uma influência poderosa que, de forma gradual, porém assídua, vem atuando — e continua atuando —, minando a prosperidade dessa classe conservadora. Nos últimos vinte anos, os agricultores das diversas nações civilizadas têm encontrado cada vez mais dificuldade em alcançar uma renda suficiente ou ter acesso aos confortos e luxos da vida. É verdade que os preços de seus produtos subiram um pouco recentemente. Mas isso é mais do que compensado pelo custo de máquinas mais avançadas, etc., embora eles esperem, mesmo assim, que o aumento da

produção mais do que compensasse; e também esperam que, de uma forma ou de outra, os preços acabem por manter um equilíbrio adequado, em vez de flutuarem em seu contínuo prejuízo.

Enquanto o agricultor americano tem enfrentado essas condições, seu colega europeu tem passado por uma situação ainda pior; pois suas condições eram menos favoráveis: (1) Para começar, ele costumava ter uma fazenda alugada e, comparativamente, de menor tamanho. (2) Ele não dispunha das mesmas facilidades para obter maquinário mais avançado. Por essas razões, o agricultor europeu não tem conseguido de forma alguma compensar cada queda no preço do trigo com um aumento na produção em quantidade; e tem sofrido proporcionalmente mais do que seu colega americano, exceto quando voltou sua atenção para a beterraba sacarina.

Filósofos, estadistas e cientistas têm dedicado alguma atenção ao assunto e, de modo geral, chegaram precipitadamente à conclusão de que toda queda no preço do trigo é inteiramente resultado da *"superprodução"*. Acreditando ter encontrado a resposta correta, eles encerram o assunto por aí. Mas alguns, mais cuidadosos, estudaram a questão a fundo, examinaram as estatísticas e descobriram que *não* é *verdade que os celeiros do mundo estejam sendo abastecidos com vastos estoques de trigo para as necessidades dos próximos anos*. Eles constatam, ao contrário, que uma quantidade relativamente pequena de trigo é transferida de um ano para o outro e que, na prática, o mundo não está produzindo mais trigo do que o que está sendo consumido.

O Sr. Robt. Lindblom, membro da Bolsa de Chicago, realizou um estudo sobre o assunto e, em uma comunicação ao Departamento de Agricultura do Governo dos Estados Unidos, datada de 26 de dezembro de 1895, afirmou: "A produção agregada de trigo, nos principais países produtores, não aumentou; pois, embora seja verdade que alguns desses países apresentem um

aumento *ocasional*, é igualmente verdade que outros países apresentam uma redução correspondente. Para sermos absolutamente imparciais, consideremos a última safra para a qual dispomos de dados completos, ou seja, a de 1893.

"No que diz respeito às safras estrangeiras, utilizo os números fornecidos pelo correspondente especial no exterior da Câmara de Comércio e compilados pelo secretário da Câmara de Comércio de Chicago; e, no que se refere às exportações e às safras nacionais, utilizo os números do seu departamento. Sou obrigado a omitir a comparação relativa à Áustria-Hungria, pois não tenho em meu poder os dados referentes a 1893; mas, fora isso, peço a permissão para apresentar a vocês um quadro que mostra a produção de trigo em todos os principais países em 1893, em comparação com 1883:

	1893	1883
Inglaterra	53.000.000	76.000.000
França	277.000.000	286.000.00
Rússia	252.000.000	273.000.000
Estados Unidos	396.000.000	421.000.000
Alemanha	116.000.000	94.000.000
Itália	119.000.000	128.000.000
Índia	266.000.000	287.000.000
Total	1.479.000.000	1.565.000.000

"Pelo exposto acima, verifica-se que, em 1893, os principais países produtores de trigo do mundo produziram 86.000.000 bu. a menos do que dez anos antes, enquanto, de acordo com seus números, a produção na Argentina aumentou apenas 60.000.000 bu. durante o mesmo período. Em 1871, a Grã-Bretanha produziu mais de 116.000.000 bu. de trigo; e nos dois anos anteriores e posteriores a esse ano, a safra foi de 105.000.000 bu., ou seja, uma média de 109.000.000 bu. nos três anos, enquanto neste ano a safra é de pouco mais de 48.000.000 bu., de acordo com os números fornecidos pelo correspondente especial no exterior da Junta de Comércio, residente em Londres.

"Se fosse verdade que os Estados Unidos estivessem sendo suplantados por produtores de trigo concorrentes, então seria lógico inferir que as *exportações deste país para a Europa apresentariam uma queda*; mas, até 1890 inclusive, as exportações médias eram de 119 milhões de bu, enquanto em 1891 foram de 225 milhões de bu, em 1892, 191 milhões de bu, em 1893, 193 milhões de bu, e, em 1894, 164.000.000 bu., portanto, não parece ser verdade que tenhamos retido nosso trigo enquanto outros países estavam vendendo o deles. Os fatos contradizem essa afirmação e, se fosse necessário algum outro elemento para prová-lo, o seu Departamento fornece a informação de que os estoques nas mãos dos agricultores em março passado eram *reduzidos*. Não disponho de estatísticas relativas à safra da Austrália, sobre a qual tanto se falou há alguns anos, mas tenho os dados das exportações daquele país em 1893, que totalizaram 13.500.000 bu., enquanto dez anos antes eram de 23.800.000 bu., e em 1894 e 1895 a Austrália importava trigo da América.

"Não mencionei nada sobre *o aumento do consumo* que, na última década, na Inglaterra, totalizou 18.000.000 bu., e neste país, durante o mesmo período, o aumento não foi inferior a 50.000.000 bu., e houve um aumento em todos os países, exceto na França, suficiente para mais do que absorver qualquer aumento na produção em todo o mundo."

Seja qual for a causa dessas quedas no preço do trigo (e podemos observar que, nos últimos três anos, o aumento temporário provavelmente se deve *ao fato de* os agricultores, ao perceberem que o preço do trigo era relativamente mais baixo do que o de outros cereais, terem plantado safras maiores de aveia, milho, centeio etc.), o fato é que os agricultores tiveram praticamente a própria vida esmagada, tanto na Europa quanto na América. Muitos agricultores americanos que se endividaram para adquirir maquinário agrícola, ou que estão sujeitos a uma hipoteca sobre sua fazenda e sua casa, consideram impossível arcar com os pagamentos dessas dívidas, mesmo em anos de safras razoavelmente boas. Eles protestam contra os credores hipotecários e também, frequentemente de forma injusta, contra as tarifas cobradas pelas ferrovias pelo transporte de suas safras. Os

Agricultores europeus estão apelando aos seus respectivos governos por "proteção" contra a importação de trigo de outros países, para que possam manter ou aumentar seus preços a fim de cobrir um custo razoável de produção; alegando, como todas as pessoas sensatas admitiriam, que cinquenta ou sessenta centavos por bushel de trigo estão abaixo do custo, se for permitida uma remuneração razoável pelo tempo e energia do agricultor.

Isso chama a atenção para uma profecia muito marcante a respeito dos últimos dias da era evangélica, conforme registrada pelo apóstolo Tiago. (Tg 5:1-9) Depois de chamar nossa atenção para os dias atuais e seu maravilhoso acúmulo de riquezas, e depois de afirmar que essas coisas estão prestes a trazer um grande tempo de angústia, o apóstolo aponta como causa imediata da angústia uma inquietação na classe até então conservadora da sociedade — os agricultores. Ele parece apontar a situação das coisas exatamente como agora pode ser vista por todos os observadores atentos, acrescentando, em *explicação* ao assunto, que isso é resultado de uma *fraude*. Ele diz:

"Eis que a recompensa que vocês ["homens ricos"] retiveram fraudulentamente dos trabalhadores que colheram seus campos clama; e os gritos altos dos trabalhadores chegaram aos ouvidos do Senhor dos Exércitos."

Vimos no capítulo anterior que os mecânicos e os trabalhadores das cidades já estão sofrendo até certo ponto, mas que seus sofrimentos reais, até o momento, consistem principalmente no *medo* das condições muito piores que se desenvolvem diariamente com o aumento da inteligência, da mecanização e da população, nas atuais condições sociais. O agricultor civilizado não só tem que lutar contra tudo isso, mas, como mostraremos, agora está sobrecarregado por uma *"fraude"* que não prejudica, mas, ao contrário, beneficia seu irmão, o mecânico.

Analisando os fatos, não podemos considerar verdadeiro que os trabalhadores em geral, e os trabalhadores rurais em particular, estejam sendo defraudados em seus salários pelos empregadores nestes "últimos

dias desta era. Na verdade, pelo contrário, constatamos que as leis estão mais rigorosas do que nunca na proteção do assalariado contra prejuízos. Ele pode penhorar e vender os bens de seu empregador e, de fato, na maioria dos casos, tem prioridade entre os credores. Acreditamos que a profecia se aplique antes aos agricultores em geral, que são os produtores de alimentos do mundo, os "ceifeiros"; — e devemos esperar por alguma legislação *geral* de âmbito mundial que afete todos esses "ceifeiros" da mesma forma em todos os lugares. Devemos esperar que tal legislação seja garantida por meio de artimanhas ou enganos, e devemos esperar que tal legislação enganosa ou "fraude legalizada" seja garantida por e beneficie os ricos do mundo. Tal constatação, e nenhuma outra que possamos imaginar, atenderia aos requisitos dessa profecia. Acreditamos, e nos empenharemos em provar, que todos esses requisitos da profecia são atendidos na desmonetização da prata.

Mas que ninguém pense, nem por um momento, que estamos defendendo ou esperando o retorno da prata ao seu antigo lugar como a principal moeda do mundo! – muito menos que estamos defendendo isso como uma panaceia para as dificuldades atuais e futuras! Muito pelo contrário, estamos firmemente convencidos, com base na profecia de Tiago, de que a prata *não recuperará seu poder monetário*. Mas desejamos mostrar o cumprimento dessa profecia e que todos possam se beneficiar da luz que ela lança sobre as dificuldades atuais e futuras do mundo.

A desmonetização da prata pela cristandade é vantajosa para certas classes e desvantajosa para outras classes na "cristandade".

É *desvantajosa* para os produtores de trigo, arroz e algodão, pois eles precisam vender esses produtos de seu trabalho competindo com os produtos de países que operam com base na prata e, portanto, na prática, vendem por *prata* desvalorizada; enquanto suas terras, implementos, roupas, mão de obra e os juros das hipotecas sobre suas propriedades são todos pagáveis em *ouro* valorizado. Se receberem pagamento em prata

e pagarem a mesma quantia em ouro, perdem exatamente metade — quando o ouro vale o dobro da prata. Em 1873, antes que a prata fosse desmonetizada pelas nações da cristandade, um dólar de prata valia dois centavos a mais do que um dólar de ouro, enquanto hoje, em consequência dessa legislação, são necessários dois dólares de prata para igualar um dólar de ouro (em valor *real*, fora da nação que os cria e utiliza com uma cotação fixa, como as notas bancárias). Essa mudança pode ser descrita como uma valorização ou duplicação do valor de um dólar de ouro; ou como uma desvalorização ou divisão do valor de um dólar de prata, conforme a preferência de quem fala ou escreve – o *fato* é o mesmo. O valor de um bushel de trigo

> em 1872 era, em prata, de US$ 1,51 por bushel; em ouro, de US$ 1,54; em 1878 era, em prata, de US$ 1,34 por bushel; em ouro, de US$ 1,19; em 1894 era, em prata, de US$ 1,24 por bushel; em ouro, de US$ 0,61

Assim, parece que o trigo, durante esses anos, sofreu apenas uma pequena queda nos países que ainda reconhecem a prata — a queda no valor ocorreu em ouro, na cristandade. A Inglaterra, principal compradora de trigo, adquire-o onde consegue obter mais trigo pelo seu dinheiro. Ao converter um dólar de ouro em dois de prata, ela pode comprar o dobro de trigo na Índia do que antes da desmonetização da prata. Assim, o preço do trigo em ouro foi empurrado para baixo. Os produtores de arroz e algodão dos Estados Unidos sofrem de maneira semelhante pelas mesmas razões. O arroz e o algodão são produzidos por países com padrão-prata e podem ser comprados por países com padrão-ouro nessa base — pela metade do preço anterior.

Aliás, os produtores de outras culturas agrícolas compartilharam do problema, pois os produtores de trigo, algodão e arroz, após tentarem em vão compensar a queda dos preços com o aumento da produção, acabaram se voltando, em desespero, para outras culturas cujos preços não caíram tanto, mas que foram prejudicadas pela superprodução. Aliás, as pequenas lojas também estão sofrendo e, em última instância, todas as classes sociais devem sentir, em certa medida, o fardo dos agricultores.

Mas quais classes se beneficiam com a desmonetização da prata? Várias: (1) Especialmente e acima de tudo, os banqueiros, os agiotas e os credores hipotecários; pois cada dólar de sua riqueza vale agora o dobro do que valia antes; vale o dobro no sentido de que *permite adquirir o dobro* dos bens de primeira necessidade e de luxo.
(2) Todas as pessoas com renda fixa, como congressistas, legisladores, Juízes, funcionários públicos e todos os trabalhadores que recebem salário, são beneficiadas por razões semelhantes. Quer recebam dez dólares por semana, por dia ou por hora, esses dez dólares comprarão o dobro de algodão, lã, trigo etc. e, consequentemente, quase o dobro dos produtos derivados desses.

Quando a questão da prata foi apresentada ao povo dos Estados Unidos pelos agricultores — que foram os primeiros a identificar a causa de seus problemas —, por um tempo pareceu que ela dominaria o país nas eleições de 1896. Mas, à medida que cada indivíduo passou a zelar por seus próprios interesses nessa questão, a classe abastada, a classe dos detentores de cargos públicos, a classe dos funcionários e os trabalhadores começaram a perceber que seu pão era untado com manteiga do lado do ouro; os lojistas e os agricultores abastados, de forma conservadora, duvidaram de seus próprios julgamentos e seguiram a orientação de seus banqueiros — contrariando seus próprios interesses; e a prata foi derrotada na nação para cujos interesses ela era mais vital — a única nação que, em razão da natureza e dos volumes de suas exportações e importações, poderia ter inclinado a balança e restaurado à prata seu antigo valor como moeda.

Mas agora o caso é irremediável: a prata não será restaurada ao lugar perdido em 1873. Trata-se agora de uma questão de puro egoísmo, e embora os agricultores, como classe, sejam mais numerosos do que qualquer outra, eles não constituem a *maioria*, e quase todos os demais têm interesses egoístas do outro lado da questão. Pobres agricultores! Pobres ceifeiros

dos campos! Seus clamores dos últimos anos são aliviados um pouco por algum tempo, devido a um aumento artificial dos preços — um pequeno respiro que logo será seguido por uma pressão maior do que nunca e por clamores cada vez mais altos dos ceifeiros da cristandade. Assim, a paciência e o conservadorismo da classe mais paciente e conservadora da sociedade estão sendo minados e destruídos como mais uma preparação para o grande tempo de angústia, o grande dia da vingança.

Mas como ocorreu a desmonetização da prata? Quem poderia ter interesse em que tal catástrofe se abatesse sobre o mundo? Respondemos: os financistas assumiram a liderança. É *"negócio deles"* administrar e movimentar o dinheiro da mesma forma que um agricultor cultiva sua fazenda – para obter para si mesmos, ou para seus consórcios e instituições, o maior lucro possível. Os financistas ingleses lideram o mundo – estão nesse ramo há mais tempo e dedicaram-lhe maior estudo.

"Tudo vale na guerra" é um ditado, e os financistas e estadistas da Inglaterra, que parecem ter acordado cinquenta anos antes do resto do mundo no que diz respeito a tais assuntos, parecem acreditar que a guerra comercial está na ordem do dia e é muito mais lucrativa para os vencedores do que o comércio de escravos do passado e as expedições de pilhagem. Os britânicos perceberam cedo que, por terem um território comparativamente pequeno, sua maior prosperidade deveria estar na área da manufatura e das finanças, não apenas para si mesmos, mas, na medida do possível, também para o resto do mundo. Seus líderes públicos seguiram cuidadosamente esse plano e, como na época eram capazes de fabricar a preços mais baixos do que o resto do mundo, adotaram a política mais favorável aos seus próprios interesses — o livre comércio — e, desde então, têm promovido essa política junto ao mundo civilizado. Essas condições fizeram com que, por muito tempo, a Grã-Bretanha fosse não apenas a oficina do mundo, mas também seu centro comercial, monetário e bancário.

Há quase um século, astutos financistas britânicos perceberam que, como não eram um povo agrícola, seus interesses seriam favorecidos pela *queda* dos preços dos produtos agrícolas, que eram obrigados a adquirir de nações estrangeiras. Perceberam também que a prata era a moeda do mundo e assim o havia sido desde os primórdios da história; portanto, se conseguissem efetuar uma mudança em seu padrão monetário de modo a realizar negócios com base no ouro enquanto o restante do mundo usava a prata, poderiam alterar os valores relativos dos dois metais a seu próprio favor. Consequentemente, a Grã-Bretanha desmonetizou a prata já em 1816. Se tivesse conseguido impedir a indústria manufatureira em outros países, como pretendia, e assim (por possuir imensas fábricas e instalações, além de trabalhadores experientes) fosse capaz de fabricar tecidos de algodão e lã e maquinário a preços mais baixos do que o restante do mundo, desprovido desses recursos, poderia produzi-los, teria conseguido separar sua moeda da do restante do mundo e, em última instância, teria obtido grande vantagem para si mesma. Mas em nenhum desses aspectos teve sucesso total: A França e, em particular, os Estados Unidos — e, posteriormente, a Alemanha — estabeleceram tarifas protetoras e, assim, fomentaram as indústrias mecânicas dentro de suas fronteiras, tornando-se gradualmente capazes não apenas de suprir a maior parte de suas próprias necessidades, mas também de competir com a Grã-Bretanha pelo comércio mundial — Índia, China, Espanha, Portugal, América do Sul, Rússia —, países que, como vimos, por sua vez, buscam seguir o mesmo caminho e desenvolver suas próprias indústrias; no entanto, a Grã-Bretanha ainda mantém a liderança como fabricante e comerciante mundial. Ela também não conseguiu separar o ouro da prata, há muito reconhecidos como, em conjunto, a moeda do mundo. De fato, embora a relação entre os dois metais tivesse sido, por anos, de cerca de dezesseis partes de prata para uma de ouro em valor, a tendência era, ao contrário, de que a prata

se valorizasse e o ouro se desvalorizasse relativamente — porque a prata era a moeda mundial mais utilizada e preferida ao ouro pela população, exceto na Grã-Bretanha. Não é surpreendente, portanto, que, conforme mostram as estatísticas, um dólar de prata valesse mais de dois centavos a mais do que um dólar de ouro em 1872.

Percebendo que, por si sós, não poderiam controlar nem o ouro nem a indústria manufatureira, os financistas britânicos buscaram cooperação com os Estados Unidos e com a Europa, na esperança de que, por meio de um esforço conjunto, os valores do ouro e da prata fossem separados, levando assim o ouro a valorizar-se. Por meio de uma aliança das nações civilizadas para desmonetizar a prata como moeda padrão, o efeito seria:

(1) A prata se tornaria meramente uma mercadoria comercializável nos países civilizados e, portanto, seria mais barata que o ouro, cujo padrão (estabelecido) aumentaria proporcionalmente à medida que a prata perdesse valor. Isso permitiria aos países civilizados adquirir o que desejassem de algodão, trigo, borracha e outras matérias-primas das nações incivilizadas com uma moeda desvalorizada, a prata, e, assim, obtê-las mais baratas — pela metade do preço —, ao mesmo tempo em que obrigariam os pobres pagãos a pagar por todos os luxos, maquinário etc., adquiridos das nações civilizadas, pelo dobro do preço; porque o dólar de prata dos pagãos havia sido desmonetizado e degradado a meio dólar pela legislação de seus irmãos civilizados da cristandade, sob a orientação dos "Shylocks", também conhecidos como financistas. Esse uso de mentes civilizadas para tirar vantagem dos pagãos é justificado como "estritamente negócios"; mas seria justiça, ou seria fraude, do ponto de vista divino? Certamente não era tratar o vizinho pagão como eles gostariam que o pagão os tratasse.

(2) Embora isso colocasse todas as nações civilizadas

em pé de igualdade com a Grã-Bretanha no que diz respeito ao comércio exterior, ela esperava que, por estar à frente das demais, sempre fosse capaz de manter a maior parcela do comércio exterior.

Não ignoramos a lei da oferta e da demanda no que diz respeito ao trigo: admitimos sua influência, mas demonstramos que, até o momento, o mundo não apresenta excesso de oferta. Vimos, de fato, pelas estatísticas do Sr. Lindblom que a oferta de trigo nem mesmo acompanha o ritmo do aumento da população mundial. Observamos, além disso, que, embora o ano de 1892 tenha sido marcado como aquele que produziu a maior safra de trigo da história mundial, o preço médio do trigo na cidade de Nova York naquele ano foi de 90 centavos por bushel; e que, com safras menores desde então, o preço caiu constantemente, até o aumento artificial dos últimos anos.

O aumento repentino dos preços pode ser devido a certas condições excepcionais que prevalecem em todo o mundo. A safra de trigo da Rússia, da República Argentina, da Áustria, da Hungria e de outros países pode estar consideravelmente abaixo da média, enquanto a Índia, que geralmente possui um grande excedente de trigo para exportação, pode estar enfrentando uma fome que afeta 35 milhões de sua população, exigindo trigo americano para ajudar a suprir sua deficiência. Tal situação, se ocorresse em anos anteriores — digamos, mesmo em 1892, com a maior safra que o mundo já conheceu —, provavelmente teria levado o preço do trigo a US$ 1,30 por bushel (pois uma onça de prata ainda valia 87 centavos em ouro em 1892), enquanto que, sob as condições monetárias vigentes em 1873, o preço mundial do trigo teria subido em 1896 para o valor pelo qual era vendido na Índia – cerca de US$ 1,90 por bushel (prata). Além disso, ao analisar esse assunto, devemos levar em conta o fato de que, embora o preço do trigo tenha caído significativamente nos últimos trinta anos por alguma razão (que, como vimos, não se deveu à superprodução), os preços de alguns outros produtos

caíram comparativamente pouco. Por exemplo, compare-se o ano de 1878 com o ano de 1894, considerando-os anos típicos. As cotações a seguir representam os preços médios para esses anos na cidade de Nova York:

	1878	1894
Centeio, por alqueire	$ 0,65	$ 0,68
Aveia, por bushel	33	0,37
Milho, por bushel	52	,51
Tabaco em folha do Kentucky, por libra..	.07	0,095
Carne bovina fresca, no atacado	0525	0,055
Carne suína fresca, atacado	0425	0,055
Feno, por tonelada	7,25	8,50

Compare-se isso com os três itens — trigo, algodão e prata —, que foram especialmente afetados, e de maneira semelhante, e evidentemente pela mesma causa: a desmonetização da prata pela cristandade.

	1878	1894
Algodão, por libra	$ 0,11	$ 0,07
Trigo, por alqueire	1,20	0,61
Prata, por onça	1,15	0,63 5

Mas, alguém sugere, não terá a desmonetização da prata sido imposta às nações da cristandade pela lei da oferta e da demanda? Sua desvalorização não se deve ao fato de ter se tornado *excessivamente abundante*, e não a qualquer esquema para aumentar o valor da moeda de ouro?

Não, respondemos; embora a produção de ouro e prata tenha sido grande nos últimos tempos, o crescimento geral dos negócios e da população tem sido proporcionalmente muito maior. Todo o ouro e prata do mundo, se cunhados em moeda, seriam totalmente *insuficientes* para as transações comerciais mundiais e exigiriam o complemento de notas do governo, bancárias e comerciais, certificados de câmara de compensação etc. É o agiota que tem interesse em que a moeda de curso legal seja escassa, para que ele

sempre tenha uma boa demanda por ele, possa emprestá-lo a uma boa taxa de juros e exija garantia dupla. Em 1896, todo o ouro do mundo, cunhado ou não, era estimado em menos de sessenta mil milhões de dólares (US$ 6.000.000.000), enquanto as dívidas públicas e privadas dos Estados Unidos eram estimadas em mais de três vezes essa quantia. A Rússia vinha tentando, há anos antes de 1873, voltar de uma moeda de papel desvalorizada para um padrão de prata e, como não conseguiu obter prata suficiente, ainda mantém o sistema de papel-moeda. Mencionamos essas questões para mostrar que a queda da prata foi *premeditada*; que foi causada, não pela lei da oferta e da demanda (ela era mais procurada do que o ouro em 1872 e alcançava um prêmio em relação ao ouro), mas pela *legislação*.

Mas seria concebível que os representantes do povo de todas as nações da "cristandade" tivessem entrado em uma conspiração contra os pagãos e contra seus próprios agricultores? Não: os fatos não corroboram tal conclusão; ao contrário, indicam que o poder financeiro (que chamaremos de "Shylock")
arquitetou o esquema de modo a enganar os legisladores quanto aos resultados a serem esperados. Temos o testemunho do príncipe Bismarck e de muitos congressistas dos Estados Unidos nesse sentido. Assim, *"por meio de* fraude", a fina cunha da legislação foi inserida entre as duas metades do dinheiro mundial, com o efeito de desvalorizar a prata e dobrar o valor do ouro: e agora, quando o mal é percebido, os estadistas ficam horrorizados com a extensão da ruptura e percebem que a restauração da prata ao seu lugar anterior causaria dificuldades e prejuízos à classe dos credores, em *contrapartida* aos danos e prejuízos já sofridos pela classe dos devedores devido à desvalorização da prata. Além disso, "Shylock", tendo obtido uma vantagem tão valiosa (a duplicação do *valor* de todos os seus bens e rendimentos), preferiria permitir que a sociedade entrasse em convulsões de pânico ou revolução a perder esse controle sobre a força vital financeira da humanidade. "Shylock" tem o poder de fazer valer suas exigências. Ele controla a numerosa classe de devedores que

se apresentam como suplicantes nos balcões de seus bancos: ele controla os governos nacionais, todos eles tomadores de empréstimos, e controla a imprensa, por meio da qual o público é encorajado a confiar na honra e na benevolência de "Shylock" e a temer sua ira e seu poder. Além disso, uma classe muito grande e *influente* de funcionários assalariados, escriturários e trabalhadores qualificados constata que seus interesses estão em consonância com a política de "Shylock"; e, mesmo que não sejam seus apoiadores,
eles se mostram indiferentes ou pouco entusiasmados em sua oposição à política dele e inclinados a dizer pouco ou nada contra ela.

Entre os muitos depoimentos relativos ao engano e à fraude praticados, bastarão os seguintes:

O senador Thurman disse:

"Quando o projeto de lei estava em tramitação no Senado, pensávamos que se tratava simplesmente de um projeto para reformar a Casa da Moeda, regulamentar a cunhagem e corrigir uma coisa ou outra, e não há um único homem no Senado, creio eu, a não ser que seja membro da comissão de onde o projeto partiu, que tivesse a menor ideia de que se tratava sequer de uma tentativa de desmonetização." *Registro do Congresso*, volume 7, parte 2, 45º Congresso, segunda sessão, página 1.064.

O senador Conkling, no Senado, em 30 de março de 1876, durante a intervenção do senador Bogy sobre o projeto de lei (S. 263) para alterar as leis relativas à moeda corrente de prata, perguntou, surpreso:

"O senador me permitiria fazer uma pergunta a ele ou a algum outro senador? É verdade que, atualmente, não existe por lei nenhum dólar americano? E, se for esse o caso, é verdade que o efeito deste projeto de lei é tornar as moedas de meio dólar e de um quarto de dólar as únicas moedas de prata que podem ser utilizadas como curso legal?"

O senador Allison, em 15 de fevereiro de 1878, disse:

"Mas quando a história secreta desse projeto de lei de 1873 vier a ser contada, ela revelará o fato de que a Câmara dos Deputados pretendia cunhar tanto ouro quanto prata e pretendia basear

ambos os metais de acordo com o padrão francês, em vez de seguir o nosso próprio, que era a verdadeira posição científica em relação a esse assunto em 1873, mas que o projeto de lei foi posteriormente adulterado."----

O Exmo. William D. Kelley, responsável pelo projeto de lei, em um discurso proferido na Câmara dos Deputados em 9 de março de 1878, afirmou:

"Em relação à acusação de que defendi o projeto de lei que desmonetizou o dólar de prata padrão, afirmo que, embora fosse presidente da comissão de cunhagem, desconhecia o fato de que ele desmonetizaria o dólar de prata de nosso sistema monetário, assim como desconheciam aqueles ilustres senadores, os senhores Blaine e Voorhees, que na época eram membros da Câmara e que, há poucos dias, interrogaram um ao outro: 'Você sabia que ele havia sido retirado quando o projeto foi aprovado?' 'Não', disse o Sr. Blaine, 'e você?' 'Não', disse o Sr. Voorhees, 'não creio que houvesse três membros na Câmara que soubessem disso.'"----

Mais uma vez, em 10 de maio, o Sr. Kelley disse:

"Tudo o que posso dizer é que a comissão de cunhagem, pesos e medidas, que apresentou o projeto de lei original, era fiel e competente, e examinou as disposições minuciosamente; que, como seu porta-voz, eu o apresentei; que ele continha disposições tanto para o dólar de prata padrão quanto para o dólar comercial. Como só tomei conhecimento, muito tempo depois de sua promulgação como lei, da substituição no Senado da seção que retirou o dólar padrão, confesso não saber nada sobre sua história; mas estou preparado para afirmar que, em toda a legislação deste país, não há mistério igual à desmonetização do dólar de prata padrão dos Estados Unidos. Nunca encontrei ninguém que pudesse explicar exatamente como isso aconteceu ou por quê."

O senador Beck, em um discurso perante o Senado, em 10 de janeiro de 1878, disse:

"Ela (a lei que desmonetizou a prata) nunca foi compreendida por nenhuma das duas Casas do Congresso. Digo isso com pleno conhecimento dos fatos. Nenhum repórter de jornal – e eles são os homens mais vigilantes

que já vi na obtenção de informações – descobriu que isso havia ocorrido."

Se houvesse espaço suficiente, poderíamos citar expressões igualmente contundentes de muitos outros. O próprio título do projeto de ato era enganoso; chamava-se: "Atos que revêm as leis relativas à Casa da Moeda, aos oficiais de ensaio e à cunhagem dos Estados Unidos; e a
desmonetização da prata foi ocultada por (1) a disposição da seção 14, segundo a qual um dólar de ouro deveria, doravante, "ser a unidade de valor"; e (2) pela seção 15, que define e especifica
como moedas de prata, mas omite totalmente a menção ao dólar de prata "padrão". O Ato de 22 de junho de 1874 deu o golpe final no dólar de prata "padrão" sem sequer mencioná-lo, simplesmente determinando que nenhuma outra moeda, exceto as mencionadas no Ato de 1873, deveria ser cunhada. E o presidente U. S. Grant, cuja assinatura transformou o projeto em lei, segundo se diz, não tinha conhecimento de seu caráter, e assim declarou quatro anos depois, quando o efeito começou a se tornar evidente. De fato, poucos, exceto os "financistas" mais perspicazes, deram muita atenção à moeda metálica, já que a nação ainda não havia
retomado os pagamentos em moeda metálica, e supunha-se que isso fosse um passo preparatório útil nessa direção.

O Sr. Murat Halstead, editor do Cincinnati *Commercial Gazette*, foi um dos homens mais competentes de sua época. O trecho a seguir, de sua autoria, datado de 24 de outubro de 1877, foi citado do New York *Journal*:

"Essa política britânica do ouro foi obra exclusiva de especialistas. A evasão era essencial para o sucesso da medida e, possivelmente, porque a moeda não estava em circulação e, estando fora do campo de visão do público, podia ser adulterada sem chamar atenção. O sistema monometálico da grande nação credora foi, assim, imposto à grande nação devedora sem debate."

As palavras a seguir são publicamente atribuídas ao falecido coronel
R. G. Ingersoll:

"Peço, de fato, a remonetização da prata. A prata foi desmonetizada por meio de fraude. Foi uma imposição a todos os homens solventes, uma fraude contra todos os devedores honestos nos Estados Unidos. Isso

assassina o trabalho. Foi feito em nome da avareza e da ganância, e deve ser desfeito por homens honestos."

Que o efeito seria o que é foi previsto por inúmeros estadistas no plenário do Congresso assim que a verdadeira situação foi percebida – de 1877 a 1880. Alguns estavam cegos para a questão, outros foram silenciados pelo interesse próprio e outros confiaram no conselho de "financistas", mas outros se manifestaram corajosamente contra a injustiça.

O falecido Exmo. Tiago G. Blaine disse em um discurso perante o Senado dos Estados Unidos (1880):

"Acredito que a luta que agora se desenrola neste país e em outros países por um padrão-ouro único, caso seja bem-sucedida, produziria um desastre generalizado no mundo comercial e em toda a sua extensão. A destruição da prata como moeda e o estabelecimento do ouro como única unidade de valor terão um efeito ruinoso sobre todas as formas de propriedade, exceto aqueles investimentos que *rendem um retorno fixo em dinheiro*. Esses investimentos veriam seu valor aumentar enormemente e obteriam uma vantagem desproporcional e injusta em relação a todas as outras formas de propriedade. Se, como afirmam as estatísticas mais confiáveis, existem cerca de US$ 7.000.000.000 em moedas ou lingotes no mundo, divididos de maneira bastante equilibrada entre ouro e prata, é impossível eliminar a prata como moeda sem que isso traga consequências angustiantes para milhões de pessoas e totalmente desastrosas para dezenas de milhares. Acredito que as moedas de ouro e prata sejam a moeda prevista pela Constituição; na verdade, a moeda do povo americano anterior à Constituição, que a grande lei orgânica reconheceu como totalmente independente de sua própria existência. Nenhum poder foi conferido ao Congresso para declarar que qualquer um desses metais não deveria ser moeda; o Congresso, portanto, a meu ver, não tem poder para desmonetizar nenhum deles. Se, portanto, a prata foi desmonetizada, sou a favor de remonetizá-la. Se sua cunhagem foi proibida, sou a favor de ordenar que seja retomada. Sou a favor de ampliá-la."

O falecido senador Vance disse posteriormente:

"O poder do dinheiro e seus aliados em todo o mundo entraram nessa conspiração para perpetrar o maior crime desta ou de qualquer outra época: derrubar metade do dinheiro do mundo e, assim, dobrar sua própria riqueza ao aumentar o valor da outra metade que está em suas mãos. Os cambistas estão poluindo o templo de nossas liberdades."

O Governo dos Estados Unidos enviou cartas oficiais aos seus representantes em países estrangeiros, solicitando relatórios sobre assuntos monetários. O relatório do Sr. Currie, Ministro na Bélgica, amplamente divulgado, é uma demonstração notável, em consonância com as experiências do povo dos Estados Unidos. Ele relata a seguinte resposta às suas perguntas, dada pelo Exmo. Alfonse Allard, Diretor de Finanças da Bélgica:

"Desde 1873, existe continuamente uma crise, que consiste na queda de todos os preços, e não parece possível deter seu avanço. Essa queda nos preços, repercutindo-se nos salários, está agora gerando uma crise social e industrial.

"O senhor me pergunta por que voltamos, em 1873, ao monometalismo, por mais precário que seja. Não consigo conceber outra razão, a não ser que tenha sido para agradar a uma certa classe de financistas que lucraram com isso — uma classe apoiada por teorias inventadas e defendidas naquela época por alguns economistas políticos, notadamente por membros do Instituto da França.

"Você pergunta que influência essas medidas monetárias tiveram na Bélgica sobre a indústria e os salários? O dinheiro, que já era escasso em 1873, tornou-se ainda mais escasso, e a queda nos preços que havia sido prevista ocorreu. A queda média no preço de todos os produtos do trabalho é de 50% desde 1873 – a dos cereais, superior a 65%. A indústria não é mais lucrativa, a agricultura está arruinada e todos clamam por proteção por meio de tarifas, enquanto nossos cidadãos arruinados pensam em guerra. Tal é a triste condição da Europa."

Em uma carta à Liga Nacional Republicana (11 de junho de 1891), o senador J. D. Cameron afirmou:

"O padrão-ouro único nos parece estar causando ruína com uma violência que nada consegue suportar. Se essa influência vier a continuar no futuro no mesmo ritmo em que agiu durante os vinte anos desde que o padrão-ouro tomou conta do mundo, alguma geração, não muito distante, verá no vasto continente americano apenas meia dúzia de cidades gigantescas guardando uma massa de capital e emprestando-o a uma população de trabalhadores dependentes, com a garantia de suas colheitas em crescimento e de trabalhos manuais inacabados. Tais cenas têm sido bastante comuns na história do mundo, mas contra isso todos nós nos rebelamos. Ricos e pobres, republicanos, democratas, populistas; trabalho e capital; igrejas e faculdades — todos, sem exceção, e todos com boa-fé inabalável, recuam diante de um futuro como esse."

Os financistas ingleses sabem muito bem por que os agricultores do mundo, e especialmente os dos Estados Unidos e do Canadá, que exportam trigo, estão sofrendo; e, às vezes, confessam que se trata de seu próprio egoísmo. Por exemplo, citamos as colunas editoriais do *Financial News* (Londres), de 30 de abril de 1894, da seguinte forma:

"Temos frequentes divergências diplomáticas com os Estados Unidos; mas, via de regra, raramente há qualquer sentimento de animosidade entre os povos dos dois países associado a elas, e as disputas passam e são esquecidas. Mas agora estamos incentivando o surgimento de um sentimento de que, em uma questão que afeta a prosperidade de milhões de americanos, este país está inclinado a nutrir opiniões hostis aos Estados Unidos. Sabemos, é claro, que essa hostilidade é acidental e que nossa política monetária é controlada por considerações puramente egoístas — tão puramente egoístas que não nos importamos em ver a Índia sofrendo com nossas ações muito mais do que os Estados Unidos. . . .

"O senador Cameron aponta uma lição moral clara ao observar que, se os Estados Unidos se aventurassem a se separar da

Europa e adotasse abertamente a prata, teria toda a América e a Ásia ao seu lado e dominaria os mercados de ambos os continentes. 'A barreira do ouro seria mais fatal do que qualquer barreira alfandegária. O vínculo da prata seria mais forte do que qualquer vínculo do livre comércio.' Não há dúvida de que, se os Estados Unidos adotassem amanhã uma base de prata, o comércio britânico estaria arruinado antes do fim do ano. Todas as indústrias americanas estariam protegidas, não apenas no mercado interno, mas em todos os outros mercados. É claro que os Estados Unidos sofreriam, até certo ponto, por terem que pagar suas obrigações no exterior em ouro; mas a perda cambial nesse aspecto seria uma mera gota no oceano em comparação com os lucros a serem colhidos nos mercados da América do Sul e da Ásia, sem falar da Europa. O que é surpreendente é que os Estados Unidos não tenham aproveitado essa oportunidade há muito tempo e, não fosse pela crença de que o caminho da Inglaterra é necessariamente o caminho para o sucesso comercial e a prosperidade, sem dúvida isso já teria sido feito há muito tempo. Agora, os americanos estão percebendo que, "enquanto limitarem sua ambição a se tornarem uma Inglaterra maior", não poderão nos superar. Foi uma sorte para nós que nunca antes tenha ocorrido aos americanos nos expulsar dos mercados mundiais adotando o padrão-prata, e talvez fosse merecido se, irritados com a apatia desdenhosa de nosso governo diante da gravidade do problema da prata, os americanos retaliassem excluindo o ouro. Isso poderia ser feito facilmente.
. . . Não têm faltado, ultimamente, indícios de crescente
irritação com este país por sua atitude mesquinha em relação a uma questão (a questão da prata) que está abalando dois continentes e comprometendo gravemente o futuro dos países mais pobres da Europa."

Que o clamor dos agricultores, de que a recompensa pelo trabalho é retida por meio de fraude, seja comum a todos os países do padrão-ouro — a toda a cristandade —, citamos o seguinte:

Em 22 de setembro de 1896, o New York *World* publicou uma longa mensagem telegráfica, assinada por importantes líderes agrícolas da Europa, reunidos em um Congresso Agrícola Internacional em Budapeste, Hungria, dirigida ao então candidato à presidência W. J. Bryan. Ela dizia:

"Desejamos-lhes sucesso em sua luta contra o domínio da classe credora, que, nos últimos vinte e três anos, impôs, tanto na Europa quanto na América, *uma legislação monetária prejudicial à prosperidade de seus agricultores e de outros*. Acreditamos que, caso não haja tal restauração (dos privilégios da prata
aos privilégios monetários), o prêmio do ouro em toda a Ásia e na América do Sul continuará a privar o agricultor (da América e da Europa) de todas as recompensas por seu trabalho árduo, e que ele seja escolhido para evitar à Europa graves problemas agrários e sociais que agora se avizinham."

O *jornal* *New York *World**, com data de 24 de setembro de 1896, publicou as seguintes palavras do príncipe Bismarck dirigidas ao senhor von Kardorf, líder do Partido Conservador Livre no Reichstag alemão:

"Estou muito velho para aprender do zero sobre a questão monetária, mas reconheço que, embora tenha agido em 1873 com base no que considerei o melhor conselho, minha ação foi precipitada demais, tendo em vista os resultados que se seguiram.

"A única classe que não podemos nos dar ao luxo de afastar é a classe agrícola. Se eles estiverem convencidos — e eles garantem *que estão convencidos — de que a depressão agrícola é resultado dessas mudanças monetárias*, nosso governo deve rever sua posição."

A atual depressão extrema da prata e de todas as mercadorias vendidas com base na prata ocorreu de forma muito gradual – por duas razões. (1) Foi necessário tempo e manipulação para deprimir o preço da prata, uma mercadoria ainda muito procurada por mais da metade da população mundial. (2) Os proprietários de minas de prata e outros diretamente interessados, juntamente com estadistas que previram o mal que se aproximava, pressionaram com tanta veemência no Congresso dos Estados Unidos que se recorreu a medidas provisórias, como o Ato de Remonetização de 1878 e o Ato de Compra de Prata de 1890. Mas essas medidas provisórias revelaram-se impraticáveis. A prata deve ser uma moeda com pleno poder, igual ao do ouro, como curso legal, ou então deve ser considerada uma mercadoria comercializável, como diamantes, trigo etc., e estar sujeita a flutuações de acordo com a oferta e a demanda; e quando, em 1893, a última dessas

dessas medidas foi revogada, a prata caiu imediatamente para metade do preço do ouro, e todos os males de sua desmonetização foram sentidos em toda a sua extensão em 1895, exceto no que diz respeito ao pânico resultante, que pode ser de longo alcance, progressivo e duradouro.

Eis, então, os fatos:

(1) Os ceifeiros das colheitas mundiais, os agricultores da "Cristandade", encontram-se em dificuldades, apesar da maquinaria moderna, e *clamam em voz alta* por socorro junto aos concidadãos e legisladores. (Esses clamores são *temporariamente* silenciados pela alta no preço do trigo, provavelmente causada por certas escassezes no sudeste da Europa, na Rússia, na Austrália e na Argentina; mas assim que essas condições mudarem e o mundo inteiro tiver safras normais, o preço do trigo poderá acompanhar a queda do preço da prata até 43 centavos — a menos que circunstâncias intervenham para alterar *as condições* — e os *clamores dos ceifeiros* ressoarão com maior desespero do que nunca.)

(2) Os legisladores percebem a dificuldade e como ela surgiu, e declaram que ela foi causada por fraude, pelos enganos dos financistas, os "médicos do dinheiro".

(3) Os legisladores, ao perceberem que corrigir as condições desfavoráveis resultantes custaria um pânico e, provavelmente, uma revolução, concluem que, como a doença não pode ser pior do que tal remédio, o melhor seria não tomar nenhuma medida tão radical. Por isso, a prata nunca será restaurada – remonetizada na proporção de 16 para 1.

(4) É admitido por todos que essa "fraude" não está apenas esmagando e desanimando os agricultores, mas também enfurecendo e amargurando esse que, até então, era o maior elemento conservador da sociedade.

(5) Todas as pessoas sensatas do mundo concordam que as classes trabalhadoras e operárias da cristandade estão maduras para uma revolução que varreria as atuais instituições sociais com uma vassoura de destruição e que, se o grande e até então conservador setor agrícola se unisse às fileiras dos descontentes e revolucionários, a combinação seria irresistível.

(6) As evidências por todos os lados indicam que bastarão poucos anos para que tal revolta ocorra.

Quem comparar todos esses fatos com a profecia de Tiago ficará impressionado com seu cumprimento preciso, ponto por ponto, e deverá considerá-la mais um testemunho indubitável da presciência divina sobre nossos dias e seus acontecimentos, como preparação para o grande tempo de angústia que preparará uma estrada para Emanuel e seu glorioso reinado de paz na terra e boa vontade para com os homens.

Vamos ler novamente a profecia de Tiago (5:1-9):

"Vinde agora, ó ricos, chorai e lamentai-vos pelas vossas misérias que se aproximam. Vossos títulos se tornaram sem valor, e vossas vestes foram devoradas pelas traças. Vosso ouro e vossa prata enferrujaram; e a ferrugem deles servirá de testemunho contra vós e consumirá vossos corpos como fogo. Vocês acumularam tesouros para os últimos dias. Vejam! Aquela recompensa que vocês retiveram fraudulentamente dos trabalhadores que colheram seus campos clama; e os gritos altos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor dos Exércitos! Vocês viveram com luxo, na autoindulgência, sobre a terra e foram devassos. Vocês alimentaram seus corações no dia de [seu] massacre. Vocês [sua classe] condenaram, vocês [sua classe] assassinaram o Justo [Cristo], e ele não lhes resistiu." [Será que o Senhor desejou que percebêssemos que os banqueiros e financistas judeus, mais do que outros, se destacam nessa fraude de reter o salário dos ceifeiros? E há, portanto, um significado especial nas palavras: *"Vocês* mataram, *vocês* assassinaram o Justo"?]

"Sede, pois, pacientes, irmãos, até a vinda do Senhor [que ajustará as coisas com justiça — elevando o pobre e aquele que não tem quem o ajude, e vingando-se de todos os malfeitores]. Vede o lavrador, que, antecipando o fruto da terra, espera pacientemente por ele — até que receba tanto a colheita precoce quanto a tardia. Sede também pacientes, fortalecei vossos corações, pois a *vinda* do Senhor está

se aproximado. Não aumentem as dores uns dos outros, irmãos, para que não sejam punidos [também]; eis que o Juiz está às portas."

A REGRA DA EQUIDADE

"Salve ao Ungido do Senhor, o
Filho abençoado de Jeová!
Salve, no tempo
determinado, Seu reinado
na terra começou!
Ele vem para acabar com a
opressão, Para libertar os
cativos,
Para remover a transgressão, E
governar com equidade.

"Ele vem com socorro imediato
Aos que sofrem injustiça;
Para ajudar os pobres e
necessitados, e dar força aos
fracos;
Para lhes dar canções em vez de
suspiros, transformar suas
trevas em luz,
cujas almas, condenadas e moribundas,
eram preciosas aos seus olhos.

"A ele subam louvores
incessantes e votos diários;
Seu reino, sempre crescendo,
Não terá fim:
A maré do tempo jamais
anulará Sua aliança;
Não, ela permanecerá para sempre,
Uma garantia de que Deus é amor."

ESTUDO IX

O CONFLITO IRREPRIMÍVEL
O TESTEMUNHO DOS SÁBIOS DO MUNDO

A inteligência geral: um novo fator em todas as considerações – Opiniões do senador Ingall – Opiniões do reverendo Lyman Abbott – Opiniões do bispo Newman (M.E.) – Opiniões de um renomado jurista – Opiniões do coronel Robert Ingersoll – O ilustre J. L. Thomas sobre a legislação trabalhista – A opinião de Wendell Phillips – A previsão do historiador Macaulay – As esperanças do Exmo. Chauncey Depew – Entrevista com o bispo Worthington (P.E.) – W. J. Bryan – Uma visão inglesa – Declaração de Edward Bellamy sobre a situação – Opinião do reverendo J. T. McGlynn – Perspectiva do professor Graham – Opiniões de um juiz da Suprema Corte – Uma visão francesa: uma "confusão social".

"Os corações dos homens desfalecerão de medo e pela expectativa das coisas que estão por vir sobre a terra [sociedade]; pois as potências dos céus [governo – eclesiástico e civil] serão abaladas." – Lucas 21:26.

Homens SÁBIOS de todo o mundo reconhecem que um grande conflito social se aproxima e que ele é inevitável – que nada pode ser feito para evitá-lo. Eles buscaram soluções, mas não encontraram nenhuma adequada para a doença e, perdendo a esperança, concluíram que a teoria da Evolução deve estar correta; a saber, que "toda a natureza funciona sob uma lei de sobrevivência do mais forte como o mais apto e de destruição do mais fraco como inadequado para viver". É-lhes dito por filósofos que afirmam que "o que é já existiu antes", que nossa civilização não passa de uma repetição das civilizações da Grécia e de Roma e que, da mesma forma, ela entrará em ruínas no que diz respeito às

massas, e que a riqueza e o governo voltarão a concentrar-se nas mãos de poucos, enquanto as massas, como nas civilizações antigas do Oriente, se limitarão a existir.

Eles, em geral, deixam de notar o novo elemento no conflito, nunca antes encontrado; a saber, a difusão mais ampla da inteligência por todo o mundo, especialmente por toda a cristandade. Isso, que muitos homens esquecem, é trazido à atenção daqueles sábios o suficiente para buscar a verdadeira sabedoria na fonte — a Palavra de Deus. Esses são informados de que "No tempo do fim, muitos correrão de um lado para outro, e o conhecimento aumentará,... e haverá um tempo de angústia como nunca houve desde que existe uma nação."---(Dn 12:1-4) Eles veem o predito ir e vir da humanidade surpreendentemente cumprido; veem também o aumento geral do conhecimento; e, para eles, o tempo de angústia previsto no mesmo contexto significa, não uma repetição da história, não uma submissão das massas a poucos privilegiados, mas uma reviravolta estupenda na história provocada pelas novas condições mencionadas. E a declaração do mesmo profeta, no mesmo contexto, de que *"naquele tempo* Miguel [Cristo] se levantará" e assumirá seu glorioso poder e reinado, está em harmonia com a ideia de que a angústia vindoura porá fim ao domínio do egoísmo sob o "príncipe deste mundo"---[Satanás], e introduzirá o Reino de bênçãos de Emanuel. Mas vamos ouvir alguns dos sábios do mundo nos contarem o que eles veem!

Uma visão abrangente e uma declaração ampla e muito imparcial sobre a luta pela riqueza e o consequente esmagamento das classes mais baixas foram fornecidas à imprensa pelo Exmo. J. J. Ingalls, um homem de ampla visão, de riqueza moderada e ex-senador dos Estados Unidos. Fazemos trechos generosos desse texto, porque se trata de uma exposição moderada do caso e porque mostra que mesmo estadistas perspicazes, que enxergam a dificuldade, não conhecem nenhum remédio que possa ser aplicado para curar a doença e salvar as vítimas.

O senador Ingalls escreveu:

"A liberdade é algo mais do que um nome. Aquele que depende da vontade de outrem para ter abrigo, roupa e alimento não pode ser um homem livre no sentido amplo e pleno dessa palavra. O homem cujo pão de cada dia, para si e para sua família, depende de um salário que um empregador pode conceder ou negar à sua vontade não é livre. A alternativa entre a fome e a submissão a um horário é a escravidão.

"A liberdade não consiste em definições. A declaração de que a vida, a liberdade e a busca da felicidade são direitos inalienáveis de todo ser humano não torna ninguém independente. O direito à liberdade é uma zombaria vazia e uma ilusão, a menos que também exista o poder de ser livre. A liberdade não é meramente a remoção de restrições legais, a permissão para ir e vir. A isso devem ser acrescentadas a capacidade e a oportunidade, que somente a isenção da necessidade de trabalho diário incessante pode proporcionar. Parafraseando Shakespeare, pobreza e liberdade são um par mal combinado. Liberdade e dependência são incompatíveis. A abolição da pobreza tem sido o sonho dos visionários e a esperança dos filantropos desde a Aurora dos tempos.

"A desigualdade de fortunas e a óbvia injustiça da distribuição desigual de riqueza entre os homens têm sido motivo de perplexidade para os filósofos. *É o enigma não resolvido da economia política*! A civilização não tem paradoxo tão misterioso quanto a existência da fome quando há excesso de comida — da carência em meio à superabundância. O fato de um homem possuir bens além da capacidade de esbanjá-los com extravagância, enquanto outro, capaz e disposto a trabalhar, perece por falta de brasa, trapos e um pedaço de pão, torna a sociedade incompreensível. Isso transforma a carta dos direitos humanos em um enigma. Enquanto tais condições persistirem, a chave para a cifra na qual o destino está escrito *não será* revelada – a fraternidade entre os homens é uma frase, a justiça é uma fórmula e o código divino é ilegível.

"A exasperação dos pobres diante da ostentação insolente dos ricos já derrubou impérios. O socorro aos necessitados

tem sido o objetivo de leis humanas e divinas. As queixas dos miseráveis são o fardo da história. Jó era um milionário. Seja essa obra incomparável que leva seu nome uma parábola ou uma biografia, ela é de profundo interesse, pois mostra que o patriarca se preocupava com as mesmas questões que nos perturbam hoje. Ele descreve, como um populista, aqueles que tomam o jumento do órfão e o boi da viúva, removem os marcos de demarcação, ceifam o campo e colhem a vindima dos pobres, a quem privam de suas vestes e deixam nus à mercê das chuvas das montanhas e do abrigo das rochas.

"Os profetas hebreus reservavam suas maldições mais severas para as extorsões e o luxo dos ricos, e Moisés estabeleceu normas para a remissão de dívidas, a redistribuição de terras e a restrição das fortunas privadas. Em Roma, durante séculos, a posse de bens imóveis foi limitada a 300 acres por cidadão, e o número de cabeças de gado e escravos foi restrito à área cultivada. Mas as leis dadas pelo Todo-Poderoso, por meio de Moisés, aos judeus, foram tão ineficazes quanto os códigos de Licurgo e Licínio contra as energias indomáveis do homem e as condições orgânicas de seu ser.

"Na época de César, 2.000 plutocratas praticamente possuíam o Império Romano, e mais de 100.000 chefes de família eram mendigos, sustentados por doações do tesouro público. A mesma luta continuou ao longo da Idade Média até o século XIX. Não há remédio prescrito hoje que não tenha sido administrado, sem sucesso, a inúmeros pacientes antes: nenhuma experiência em finanças e economia política proposta que não tenha sido repetidamente tentada, sem outro resultado além do desastre individual e da ruína nacional.

"Por fim, após muitas tentativas aleatórias e muitos combates sangrentos e desesperados contra reis e dinastias, privilégios, castas e prerrogativas, antigos abusos, ordens formidavelmente entrincheiradas, títulos e classes, o ideal supremo de governo foi aqui realizado, e o povo é supremo. Os pobres, os trabalhadores, os operários são os governantes. Eles fazem as leis, formam as instituições. Luís XIV disse: 'Eu sou o Estado'. Aqui, os assalariados, os

agricultores, os ferreiros, os pescadores e os artesãos dizem: 'Nós somos o Estado'. Confisco, pilhagem e o enriquecimento dos favoritos da realeza são desconhecidos. Todo homem, seja qual for sua origem, suas habilidades, sua educação ou sua moralidade, tem chances iguais às de qualquer outro na corrida da vida. A legislação, seja boa ou ruim, é promulgada pela maioria.

"Há menos de um século, a condição social nos Estados Unidos era de igualdade prática. Em nosso primeiro período de censo, não havia nem milionário, nem indigente, nem vagabundo no país. O primeiro cidadão americano a ultrapassar a marca de um milhão de dólares foi o Astor original, por volta de 1806, que havia emigrado da Alemanha poucos anos antes, filho de um açougueiro, tendo um fardo de peles como base de sua fortuna. O maior patrimônio antes dessa época pertencia a George Washington, que, ao falecer, em 1799, foi avaliado em cerca de
US$ 650.000.

"A grande maioria da população era composta por agricultores e pescadores, que viviam satisfeitos com os frutos de seu trabalho. O desenvolvimento do continente por meio da introdução das ferrovias, das máquinas agrícolas e das aplicações científicas da vida moderna fez de nós a nação mais rica do mundo. O patrimônio agregado do país provavelmente ultrapassa US$ 100.000.000.000, metade do qual, segundo se diz, está sob o controle direto de menos de 30.000 pessoas e empresas. As maiores fortunas privadas do mundo foram acumuladas na última metade do século nos Estados Unidos.

"E nossos recursos materiais ainda mal foram explorados. Menos de um quarto de nossa área arável foi lavrada. Nossas minas escondem tesouros mais ricos do que os de Ofir e Potosí. Nossa indústria e nosso comércio estão em fase inicial, mas já estabeleceram uma aristocracia da riqueza que não usa nem liga nem coroa, e não é proclamada por nenhum arauto, mas muitas vezes é bem-vinda nas cortes dos príncipes e nos palácios dos reis.

"Se a distribuição desigual dos fardos e benefícios da sociedade depende da legislação, das instituições e do governo, então, sob um sistema como o nosso, o equilíbrio deve ser restaurado. Se a riqueza resulta de leis injustas e a pobreza da opressão legislativa, o remédio está nas mãos das vítimas. Se elas sofrem, é por feridas autoinfligidas. Não temos regime feudal, nem primogenitura, nem vinculação patrimonial; não há oportunidades que não estejam abertas a todos. Justiça, igualdade, liberdade e

fraternidade são os alicerces do Estado. Nas mãos de cada homem está o voto. A escola oferece educação a todos. A imprensa é livre. A liberdade de expressão, de pensamento e de consciência não são restringidas.

"Mas o sufrágio universal não se revelou uma panaceia para os males da sociedade. A pobreza não foi abolida. Embora a riqueza tenha se acumulado além dos sonhos da avareza, a desigualdade na distribuição é tão grande quanto nos tempos de Jó, Salomão e Ágis. Não só o antigo problema permanece sem solução, como suas condições se complicaram e se intensificaram. Um poder político ainda mais vasto está consolidado nas mãos de poucos, e fortunas mais astronômicas são adquiridas por indivíduos sob uma república do que sob uma monarquia.

"O grande abismo entre ricos e pobres se alarga cada vez mais a cada dia. As forças do trabalho e do capital, que deveriam ser aliadas, auxiliares e amigas, estão alinhadas uma contra a outra como exércitos hostis em acampamentos fortificados, preparando-se para o cerco ou a batalha. Milhões de dinheiro são perdidos anualmente em salários, na destruição de bens perecíveis, na deterioração de instalações e na redução dos lucros devido às greves e aos bloqueios, que se tornaram a condição normal da guerra entre empregadores e empregados.

"A utopia ainda é um país por descobrir. A perfeição ideal na sociedade, como a miragem do deserto, se afasta à medida que nos aproximamos dela. A natureza humana permanece inalterada em qualquer ambiente.

"A condição das massas melhorou imensamente com o avanço da civilização. Hoje, até mesmo o artesão mais pobre desfruta livremente de confortos e conveniências que os monarcas, com todos os seus tesouros, não podiam adquirir há cinco séculos. Mas De Tocqueville observou a singular anomalia de que, à medida que a condição das massas melhora, elas a consideram mais intolerável, e o descontentamento aumenta. As necessidades e os desejos se multiplicam mais rapidamente do que os meios para satisfazê-los. A educação, os jornais diários, as viagens, as bibliotecas, os parques, as galerias e as vitrines das lojas ampliaram o horizonte dos trabalhadores e das trabalhadoras, aumentaram sua capacidade de desfrutar da vida, familiarizaram-nos com os luxos e as vantagens da riqueza. A instrução política lhes ensinou a igualdade entre os homens e os familiarizou com o poder do voto. Falsos mestres os convenceram de que toda a riqueza é criada pelo trabalho e de que todo homem que possui mais do que pode ganhar com

com o próprio trabalho, recebendo um salário diário, é um ladrão, que o capitalista é um inimigo e o milionário um inimigo público que deveria ser considerado fora da lei e fuzilado à vista.

"Grandes fortunas privadas são inseparáveis de uma civilização avançada. A comunidade mais rica do mundo, per capita, atualmente é a tribo dos índios Osage. Sua riqueza agregada é, proporcionalmente, dez vezes maior do que a dos Estados Unidos. Ela é mantida em comum. A comunhão de bens pode não ser a causa da barbárie, mas em todos os Estados, à medida que se aproxima a igualdade social e econômica, e a riqueza é 'criada pelo trabalho' sem a intervenção do capital, como na China e na Índia, os salários são baixos, o trabalhador é degradado e o progresso se torna impossível. Se a riqueza dos Estados Unidos fosse distribuída igualmente entre seus habitantes neste momento, a quantia que cada um possuiria, de acordo com o censo, seria de cerca de US$ 1.000.

"Se essa equação continuasse, o progresso obviamente cessaria. Se essa tivesse sido a condição predominante desde o início, teríamos permanecido estagnados. Somente à medida que a riqueza se concentra é que a natureza pode ser subjugada e suas forças tornadas subservientes à civilização. Até que o capital, por meio da maquinaria, aproveite o vapor, a eletricidade e a gravidade, e isente o homem da necessidade de trabalho constante para garantir a subsistência, a humanidade permanece estagnada ou retrocede. Ferrovias, telégrafos, frotas, cidades, bibliotecas, museus, universidades, catedrais, hospitais — todos os grandes empreendimentos que exaltam e embelezam a existência e melhoram as condições da vida humana — provêm da concentração de dinheiro nas mãos de poucos.

"Mesmo que fosse desejável *limitar* as acumulações, a sociedade não possui nenhum mecanismo pelo qual isso possa ser feito. A mente é indomável. As diferenças entre os homens são orgânicas e fundamentais. Elas são estabelecidas por decretos do Poder Supremo e não podem ser revogadas por atos do Congresso. Na disputa entre inteligência e Números, a inteligência sempre venceu e sempre vencerá.

"A enfermidade social é grave e ameaçadora, mas a doença não é tão perigosa quanto os médicos e os remédios. Os charlatões da política

charlatões, com suas salsaparilhas, emplastros e comprimidos, estão tratando os sintomas em vez da doença. A livre cunhagem da prata, o aumento da renda per capita, a restrição à imigração, o voto australiano e o sufrágio qualificado são questões importantes, mas todas elas poderiam ser realizadas sem trazer a menor melhoria à condição das grandes massas de trabalhadores assalariados dos Estados Unidos. Em vez de privar os pobres e ignorantes do direito de voto, seria melhor aumentar sua riqueza e sua inteligência, e torná-los aptos a votar. Uma classe proscrita inevitavelmente se torna conspiradora, e as instituições livres só podem ser asseguradas pela educação, prosperidade e satisfação daqueles de quem depende sua existência."

Eis uma exposição dos fatos; mas onde está a proposta de solução? Não há nenhuma. No entanto, o autor não concorda com os fatos para os quais chama a atenção: ele preferiria, se pudesse, chamar a atenção para uma saída do que considera inevitável. O mesmo faria qualquer homem digno da forma e da natureza humanas. No que diz respeito ao Sr. Ingalls, isso fica evidente no seguinte trecho de um de seus discursos no Senado dos Estados Unidos.* Ele disse:

"Não podemos disfarçar a verdade de que estamos à beira de uma revolução iminente. As velhas questões estão mortas. O povo está se posicionando de um lado ou de outro de uma disputa agourenta. De um lado está o capital, formidavelmente entrincheirado em privilégios, arrogante devido aos triunfos contínuos, conservador, apegado a velhas teorias, exigindo novas concessões, enriquecido por impostos internos e pelo comércio exterior, e lutando para ajustar todos os valores ao seu próprio padrão-ouro. Do outro lado está a força de trabalho, buscando emprego, esforçando-se para desenvolver as indústrias nacionais, lutando contra as forças da natureza e domando a selva. A classe trabalhadora, faminta e taciturna nas cidades, está resolutamente determinada a derrubar um sistema sob o qual os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres — um sistema que concede a um Vanderbilt e a um Gould uma riqueza além dos sonhos da avareza e condena os pobres à pobreza, da qual não há fuga nem refúgio, a não ser o

*Registro do Congresso, vol. 7, pp. 1054-5.

sepultura. Os apelos por justiça têm sido recebidos com indiferença e desdém. Os trabalhadores do país, que pedem emprego, são tratados como mendigos insolentes implorando por pão."

Assim, ele declara claramente que não vê nenhuma esperança. Ele não conhece nenhum remédio para a terrível doença – o egoísmo.

O reverendo Dr. Lyman Abbott sobre a situação

Em uma edição antiga da *Literary Digest*, encontramos a seguinte sinopse da visão do Dr. Abbott, o célebre pregador, editor e colaborador de Theodore Roosevelt, sobre A Relação entre Capital e Trabalho:

"O Dr. Abbott afirma que a questão de saber se o sistema salarial é melhor do que o feudalismo ou a escravidão já foi resolvida; mas, contra o atual sistema industrial como definitivo ou verdadeiro, ele apresenta as seguintes críticas: (1) Que ele não está proporcionando emprego estável e permanente a todos os trabalhadores dispostos a trabalhar. (2) Que ele também não consegue proporcionar a todos aqueles que estão empregados sob ele salários adequados para uma verdadeira subsistência. (3) Que ele é insuficientemente educativo em si mesmo e não permite tempo livre adequado para processos educacionais. (4) Que lares puros e bons são, em muitos casos, impossíveis nas condições atuais. O Dr. Abbott acredita que os preceitos de Jesus Cristo e os princípios de uma economia política sólida coincidem; ele insiste que é desastroso explorar homens, mulheres e crianças para produzir bens baratos. O trabalho não é uma 'mercadoria', declara ele. Para citar:

" 'Acredito que o sistema que divide a sociedade em duas classes, capitalistas e trabalhadores, é apenas temporário, e que a agitação industrial de nosso tempo é o resultado de uma luta cega *em direção a uma democracia da riqueza*, na qual os usuários das ferramentas também serão seus proprietários, na qual o trabalho contratará o capital, e não o capital o trabalho; na qual os homens, e não o dinheiro, controlarão a indústria, assim como agora controlam o governo. Mas a doutrina de que o trabalho é uma mercadoria e de que o capital deve comprá-lo no mercado mais barato não é válida nem mesmo temporariamente; é economicamente falsa, assim como é eticamente injusta.

"'Não existe mercadoria chamada trabalho; ela não existe. Quando um trabalhador chega à fábrica numa segunda-feira de manhã, ele não tem nada para vender, está de mãos vazias; ele veio para produzir algo com seu esforço, e esse

algo, quando produzido, deve ser vendido, e parte da receita dessa venda lhe pertencerá por direito, porque ele ajudou a produzi-lo. E, assim como não há mercadoria trabalho para ser vendida, também não há mercado de trabalho no qual vendê-la. Um mercado livre pressupõe uma variedade de vendedores com diferentes mercadorias e uma variedade de compradores com diferentes necessidades, o vendedor com total liberdade para vender ou não vender, o comprador com total liberdade para comprar ou não comprar. Não existe tal mercado para o trabalho. Os trabalhadores, na grande maioria dos casos, estão tão firmemente ligados à sua cidade por preconceito, por ignorância do mundo exterior e de suas necessidades, por considerações familiares, por seus poucos bens — sua casa e seu terreno — e por laços religiosos, como se estivessem enraizados no solo. Eles não têm variedade de habilidades a oferecer; via de regra, o trabalhador sabe fazer bem apenas uma coisa, usa bem apenas uma ferramenta e precisa encontrar um proprietário para essa ferramenta que deseje que um trabalhador a utilize, ou ficará ocioso. 'Um comerciante', diz Frederic Harrison, 'senta-se em seu escritório e, por meio de algumas cartas ou formulários, transporta e distribui o conteúdo de uma cidade inteira de um continente a outro. Em outros casos, como o do lojista, o vaivém das multidões que passam supre a falta de locomoção de suas mercadorias. Seus clientes fornecem a locomoção para ele. Esse é um verdadeiro mercado. Aqui a concorrência atua de forma rápida, plena, simples e justa. É totalmente diferente no caso de um trabalhador diarista, que não tem mercadoria para vender. Ele próprio deve estar presente em todos os mercados, o que significa locomoção pessoal e onerosa. Ele não pode se corresponder com seu empregador; não pode enviar uma amostra de sua força; nem os empregadores batem à porta de sua cabana." Não há nem uma mercadoria de trabalho para vender nem um mercado de trabalho no qual vendê-la. Ambos são ficções da economia política. Os fatos reais são os seguintes:

" 'A maioria das mercadorias em nossa época — até mesmo as mercadorias agrícolas estão gradualmente passando a se enquadrar nessas condições — é produzida por um grupo organizado de trabalhadores, que realizam seu trabalho sob a supervisão de um 'capitão da indústria' e mediante o uso de ferramentas caras. Isso requer a cooperação de três classes — o proprietário das ferramentas ou capitalista, o supervisor ou gerente e o usuário das ferramentas ou trabalhador. O resultado é o produto conjunto

de sua indústria — pois a própria ferramenta é apenas um produto acumulado da indústria — e, portanto, pertence a todos eles em conjunto. Cabe à economia política determinar como os valores podem ser divididos equitativamente entre esses parceiros em um empreendimento comum. Essa é a questão do trabalho resumida em uma frase. Não é verdade que o trabalhador tenha direito ao todo, nem ele o exige, por mais que alguns dos advogados mais radicais de sua causa possam ter alegado em seu nome. O superintendente tem direito à sua parte, e a uma parte considerável. Dirigir tal indústria, saber quais produtos são necessários no mundo, encontrar um comprador para eles a um preço que proporcione um retorno justo pelo trabalho de produzi-los, requer, por si só, trabalho de alta qualidade, e que merece uma remuneração generosa. O proprietário da ferramenta tem direito a uma remuneração. Presumivelmente, ele — ou alguém de quem ele tenha recebido sua ferramenta — economizou o dinheiro que seus companheiros gastaram em conforto imediato ou em prazeres duvidosos, e tem direito a uma recompensa por sua economia e parcimônia, embora possa ser questionável se nosso sistema industrial moderno não oferece, às vezes, uma recompensa excessiva pela virtude da aquisição, transformando assim a virtude em vício. O trabalhador tem direito a uma remuneração. Desde a abolição da escravidão, ninguém nega esse direito. Determinar como deve ser feita a divisão do produto desse trabalho conjunto é uma tarefa difícil. Mas é certo que ela não deve ser feita por um sistema que obriga o capitalista a pagar o menor salário possível pelos serviços prestados e o trabalhador a prestar o mínimo de serviço possível pelo salário recebido. Seja qual for o caminho certo, este é o caminho errado." —

O Dr. Abbott parece ter um coração caloroso e solidário para com as massas e ter compreendido claramente a situação delas. Ele diagnostica a doença político-social-financeira, mas não consegue encontrar um remédio. Na verdade, ele dá a entender qual seria o remédio, se fosse possível obtê-lo, mas não sugere nenhuma maneira de garantí-lo — ou seja, ele acredita ver no progresso,

"uma luta cega em direção a uma democracia da riqueza, na qual os usuários das ferramentas serão os proprietários das ferramentas; na qual o trabalho contratará o capital."

Essa frase soa como se seu autor tivesse lido recentemente a história da Lâmpada de Aladim, das Mil e Uma Noites, e esperasse encontrar e usar uma "varinha mágica". Isso mostra que o senhor
ou tem um conhecimento limitado de finanças, ou então está esperando uma *revolução* na qual os usuários das ferramentas tirarão as ferramentas à força do capital, violando todas as leis da sociedade atualmente reconhecidas. E se tal transferência das ferramentas do controle dos atuais proprietários para a posse dos usuários das ferramentas fosse efetivada de alguma forma, não é óbvio para todos que os novos proprietários das ferramentas se tornariam prontamente, em virtude dessa posse, capitalistas? Temos alguma razão para supor que os novos proprietários de ferramentas seriam mais generosos ou menos egoístas do que os atuais proprietários de ferramentas? Temos alguma razão para supor que a natureza humana tenha mudado mais nos proprietários de ferramentas do que nos usuários de ferramentas, ou que todo o trabalho seria convidado pelos novos usuários de ferramentas a compartilhar igualmente os benefícios da maquinaria? Toda a experiência com a natureza humana diz: Não! A doença é vista, a necessidade de uma cura imediata é vista, mas nenhum remédio pode curar a "criação que geme". Seu gemido e seu sofrimento devem continuar e aumentar, como indica o Apóstolo, até a manifestação dos filhos de Deus — o Reino de Deus. — Rom. 8:22, 19.

A negação de qualquer problema não o cura. A afirmação de que "não existe tal mercadoria como o trabalho" não corrigirá nem alterará o triste fato de que o trabalho é uma mercadoria e não pode ser outra coisa sob nossas leis e condições sociais atuais. A escravidão, em certa época e em relação a certos povos, pode ter sido uma instituição benéfica sob mestres bondosos e atenciosos. A servidão sob o sistema feudal de semicivilização pode ter tido aspectos positivos adaptados à sua época e condições; e o mesmo vale para o sistema salarial. *O trabalho como mercadoria*, sujeito à compra e à venda, possui algumas características excelentes e contribuiu muito para o desenvolvimento de habilidades mentais e físicas, tendo sido, de fato, um benefício muito precioso para a classe trabalhadora no passado. Tampouco seria sensato destruir essa característica de mercadoria mesmo agora, pois os trabalhadores que possuem e exercitam inteligência, habilidade e energia merecem ter maior demanda e poder dispor de

seu trabalho a preços melhores do que os não qualificados e estúpidos: isso também é necessário para estimular os estúpidos e indolentes. O que é necessário é um governo justo, sábio e paternal, que mantenha restrições e incentivos saudáveis e acrescente outros a eles, ao mesmo tempo em que *proteja* cada classe de trabalhadores da arrogância da classe imediatamente superior e defenda todos do poder hercúleo do Capital atual, com seu vasto e crescente exército de escravos das máquinas; e, em última instância, após instruções práticas completas e gerais sobre a retidão, sob a lei do amor, destruiria tudo o que fosse solidário com o egoísmo e o pecado. Tal governo não é sugerido em nenhum outro lugar, exceto na Bíblia, e ali é descrito com precisão e prometido de forma positiva, aguardando apenas a seleção da Igreja de Deus — para que seus membros sejam seus reis e sacerdotes como co-herdeiros com Emanuel. — Ap. 5:10; 20:6.

A Visão do Falecido Bispo J. P. Newman

O conflito irreprimível entre Capital e Trabalho foi percebido pelo bispo Newman, da Igreja Metodista Episcopal. Ele enxergou acertos e erros em ambos os lados da questão. Em um artigo publicado certa vez nos periódicos de sua denominação, ele expõe as seguintes proposições e sugestões:

"É impiedade ser rico? A pobreza é essencial para a piedade? Os mendigos são os únicos santos? O céu é um asilo para pobres? O que faremos, então, com Abraão, que era muito rico em gado, em prata e em ouro? O que faremos, então, com Jó, que possuía 7.000 ovelhas, 3.000 camelos, 4.000 bois, 500 jumentos; que possuía 30.000 acres e 3.000 servos domésticos?...

"A aquisição de riqueza é um dom divino. A diligência e a frugalidade são as leis da economia. Acumular grandes fortunas é uma dádiva especial. Assim como poetas, filósofos e oradores nascem assim, também o financista possui um gênio para a riqueza. Por intuição, ele está familiarizado com as leis da oferta e da demanda; parece dotado da visão de um vidente das mudanças que se aproximam no mercado; sabe quando comprar e quando vender, e

quando se deve manter firme. Ele antecipa o fluxo populacional e seu efeito sobre o mercado imobiliário. Assim como o poeta deve cantar porque a musa está nele, assim também o financista deve ganhar dinheiro. Ele não consegue evitar. A concessão desse dom é anunciada nas Escrituras: 'O Senhor, teu Deus, te dá o poder de adquirir riqueza.' (Dt 8,18) E todas essas promessas se concretizam na atual situação financeira das nações cristãs, que controlam as finanças do mundo.

"Contra esses direitos naturais e legítimos à posse da propriedade se ergue o clamor pela distribuição da propriedade entre aqueles que não a adquiriram nem por herança, nem por habilidade, nem por trabalho. Trata-se de um comunismo que não tem fundamento nem na constituição da natureza, nem na ordem social da humanidade. É o grito selvagem e irracional do Trabalho contra o Capital, entre os quais, na economia da natureza e na economia política, não deveria haver antagonismo algum."

O bispo afirma que "o empregador e o empregado têm direitos invioláveis; o primeiro, de empregar *quem* puder para *o* que puder, e o segundo, de responder *quando* puder". O bispo afirma que a inveja e o ciúme das classes trabalhadoras não se dirigem contra aqueles que possuem vastas fortunas, mas contra a suprema comodidade e a suprema indiferença dos ricos. Ele continua:

"A riqueza tem a mais nobre das missões. Não foi dada para ser acumulada, nem para satisfazer caprichos, nem para ostentação de pompa e poder. Os ricos são os esmolerios do Todo-Poderoso. São seus agentes de distribuição. São os guardiões dos pobres. Devem inaugurar aqueles grandes empreendimentos que trarão bem-estar às massas; *não os maiores dividendos, mas a maior prosperidade*. O capital possibilita que o trabalhador desfrute da felicidade que acompanha o trabalho honesto. Cabe aos ricos melhorar as moradias dos pobres, mas o estábulo de muitos ricos é um palácio comparado à moradia do mecânico honesto e inteligente.

"Quando os ricos forem os patronos dessas reformas sociais que elevam a sociedade, então receberão a bênção dos pobres. Cabe a eles orientar o legislador de maneira essencial para a proteção de todos os direitos e interesses de uma comunidade. Quando construírem bibliotecas de conhecimento, museus de arte e templos de piedade, serão considerados os benfeitores de sua espécie. Quando a riqueza do Capital unir-se à riqueza do intelecto, à riqueza da força física e à riqueza da bondade em prol do bem comum, então o Trabalho e o Capital serão considerados fatores iguais na concessão a cada homem de vida, liberdade e a busca da felicidade."

O bispo evidentemente se esforçou para ter uma visão imparcial de ambos os lados da controvérsia atual e da luta que se aproximava, mas a associação com a riqueza e a dependência dela evidentemente introduziram um viés — sem dúvida inconscientemente — em seu julgamento. É fato que muitos dos antigos eram muito ricos; Abraão, por exemplo. No entanto, a história da permanência de Abraão, Isaque e Jacó na terra de Canaã mostra que, embora a terra fosse *propriedade* privada naquela época, ela não era cercada, mas *de livre uso para os usuários*. Esses três patriarcas, com seus servos, rebanhos e manadas, vagavam à vontade pela terra dos cananeus por quase dois séculos e, ainda assim, não reivindicavam a posse de um único pé de terra. (Atos 7:5) E no reino típico de Deus, Israel, o código de leis previa provisões para os pobres, os nativos e os estrangeiros. Ninguém precisava passar fome: os campos não deviam ser colhidos até o fim, mas os cantos deviam ser deixados para os pobres colherem. Os famintos podiam entrar em um pomar, uma vinha ou um campo e comer ali mesmo até se saciarem. E quando a terra da Palestina foi dividida entre as tribos e famílias de Israel, a disposição especial para o perdão das hipotecas sobre todas as terras e de todas as dívidas, a cada quinquagésimo ano, impedia o empobrecimento e a escravidão prática do povo como um todo em benefício de uma minoria rica.

O bispo parecia esquecer que as leis e disposições da cristandade não são um código divinamente estabelecido; que, como todos os artifícios de mentes e corações imperfeitos, essas leis não são infalíveis; que, embora em certa época nada melhor pudesse ser concebido, as mudanças nas condições sociais e financeiras tornaram necessárias alterações no passado; que outras mudanças são agora reconhecidas como adequadas, embora tenham sido contestadas pelo egoísmo e pelo ultraconservadorismo em sua época. Se, então, nossas leis são reconhecidas como meramente humanas e falíveis, e se já foram alteradas e emendadas para se adequarem às novas condições, não é inconsistente que o bispo as trate agora como *sagradas, inquestionáveis e inalteráveis*; e afirme que *os direitos* outrora concedidos são, portanto, "invioláveis", "naturais" e indiscutíveis "tanto na ordem da natureza quanto na constituição da humanidade"; e que a mera sugestão de uma modificação das leis e dos regulamentos sociais para melhor adaptá-los às condições atuais seja "absurda" e "irracional"?

O bispo, como se pode observar, assumiu uma posição oposta à do Dr. Abbott sobre a questão do trabalho como *mercadoria*, sujeita às condições de oferta e demanda. Ele via nisso a lei do nosso atual sistema social e afirmava que ela deveria perdurar. Ele estava correto ao perceber que o trabalho deve continuar sendo uma *mercadoria* (a ser comprada pelo preço mais baixo que o capital puder pagar e vendida pelo preço mais alto que o trabalho puder obter por ela) *enquanto o atual sistema social persistir*. Isso, no entanto, não durará por muitos anos, conforme indicado pela profecia e percebido por outras mentes perspicazes que estão em contato mais próximo com o povo e sua inquietação.

Do ponto de vista do bispo, a única esperança de uma solução pacífica para as divergências entre o Capital e o Trabalho é: (1) a *conversão* de todos os ricos às condições de amor e benevolência detalhadas nos dois últimos parágrafos citados acima; e (2) a *conversão* de todos os pobres e da classe média àquela piedade e contentamento em que possam aceitar com gratidão tudo o que os ricos se dispuserem a lhes conceder da

da terra e de toda a sua abundância, e clamarem: "Bem-aventurados nós, os pobres!" Isso, admitimos, resolveria a Questão Trabalhista de forma rápida e completa; mas nenhum povo sensato espera por tal solução em um futuro próximo; nem as Escrituras retratam tal cenário. Não podemos supor que esse bispo inteligente realmente ofereça suas sugestões como um remédio; ao contrário, presumimos que ele queira dizer que não vê outra solução além dessa, que é impossível, e que, portanto, a civilização em breve será atingida pela maldição da anarquia. Oxalá esse senhor pudesse ver o remédio de Deus, pelo qual nosso Senhor nos ensinou a esperar e orar – "Venha o Teu Reino" – e a maneira pela qual esse Reino será estabelecido em poder e domínio. Dn 2,44, 45; 7,22, 27; Ap 2,27.

AS OPINIÕES DE UM JURISTA ERUDITO

Um jurista de fama mundial, dirigindo-se a uma turma de formandos em Direito de uma renomada faculdade nos Estados Unidos, expressou-se da seguinte forma, conforme relatado pelo Kansas City *Journal*:

"A história da raça arrogante e voraz à qual pertencemos tem sido o registro de lutas incessantes e sangrentas pela liberdade pessoal. Guerras foram travadas, dinastias derrubadas e monarcas decapitados, não por conquista, por ambição, por glória, mas para que o homem pudesse ser livre. Privilégios e prerrogativas cederam, teimosamente e com relutância, ao longo de muitos séculos sangrentos, à paixão indomável pela liberdade individual. Da Magna Carta a Appomattox há um longo caminho; mas não houve um único momento nesses 652 anos em que a raça tenha cessado ou hesitado em sua batalha resoluta e inabalável pela igualdade de todos os homens perante a lei. Foi por isso que os barões intimidaram o rei João; que Latimer foi queimado; que Hampden caiu; que o pacto na cabine do Mayflower foi firmado; que a Declaração da Independência foi promulgada; que John Brown, de Osawatomie, morreu; que as legiões de Grant e

Sheridan marcharam e venceram, dispostas a abrir mão da vida e de todos os seus bens em vez de entregar os direitos da liberdade.

> "De que valem o arado e a vela,
> ou a vida ou a terra, se a
> liberdade falhar?"

"O sonho dos séculos finalmente se concretizou. Do tumulto brutal e sangrento da história, o homem finalmente emergiu como senhor de si mesmo; mas os enigmas desconcertantes da fé permanecem. Os homens são iguais, mas não há igualdade. O sufrágio é universal, mas o poder político é exercido por poucos; a pobreza não foi abolida. Os fardos e privilégios da sociedade são suportados de forma desigual. Alguns possuem riqueza além da capacidade de esbanjá-la com extravagância, enquanto outros rezam em vão pelo pão de cada dia. Desconcertados e frustrados por essas incongruências, talvez exasperados pelo sofrimento e pela carência, decepcionados com os efeitos da liberdade política sobre a felicidade e a prosperidade individuais, muitos cederam a uma inquietação tão profunda e penetrante que aponta para a necessidade de uma coalizão ativa das forças conservadoras em nossa sociedade.

"No movimento evolutivo em que a sociedade dos Estados Unidos se encontrou imersa, não há precedentes na história, pois as condições são anômalas e, portanto, uma solução científica é impossível. Embora as condições das massas populares tenham melhorado enormemente graças ao progresso social, à aplicação da ciência à indústria e à invenção de máquinas, não há dúvida de que a pobreza é mais hostil à sociedade, mais perigosa para as instituições de autogoverno e para a liberdade pessoal conquistada após tantos séculos de conflito do que nunca antes. As razões são óbvias. O trabalhador é livre; ele é eleitor; sua autoestima aumentou; sua sensibilidade se tornou aguçada; suas necessidades se multiplicaram mais rapidamente do que os meios para satisfazê-las; a educação o elevou acima da condição do trabalho servil. O jornal diário o familiarizou com as vantagens que a riqueza proporciona aos seus possuidores. Foi-lhe ensinado que todos os homens foram criados iguais, e ele acredita

que, embora os direitos sejam iguais, as oportunidades não o são. A ciência moderna o armou com armas formidáveis e, quando a fome chega, nada é tão sagrado quanto as necessidades da esposa e dos filhos.

"A crise social em todos os países civilizados, e especialmente no nosso, está se tornando mais grave. O estrondo abafado do descontentamento sombrio se aproxima a cada hora que passa. Embora eu acredite que o gênio sereno e resoluto da raça anglo-saxônica se mostrará à altura disso, como tem sido em todas as outras emergências, e que não abrirá mão dos bens que adquiriu por meio de sacrifícios incríveis, ainda assim é evidente que a batalha não terminou; que o homem não se contenta mais com *a igualdade de direitos* e com *a igualdade de oportunidades*, mas que exigirá a *igualdade de condições* como lei do Estado ideal.

"É óbvio também que a degradação social é incompatível com o autogoverno, e que a pobreza sem esperança e sem recurso é incompatível com a liberdade pessoal. O homem que depende absolutamente de outro para garantir os meios de subsistência para si e para sua família — meios esses que podem ser totalmente retirados pelo empregador a seu bel-prazer — não é, em nenhum sentido justo, livre. Em cem anos, nos tornamos a mais rica de todas as nações. Nossos recursos são gigantescos. As estatísticas de nossos rendimentos e acumulações surpreendem até mesmo a credulidade. O dinheiro é abundante, os alimentos são fartos; tecidos e mão de obra estão em oferta ampla; mas, apesar dessa fecundidade, o paradoxo da civilização permanece: a maioria das pessoas luta pela existência, e uma fração subsiste em penúria abjeta e miserável.

"O fato de tais condições existirem parece pôr em dúvida a Sabedoria Suprema. Admitir que a carência, a miséria ou a ignorância sejam uma herança inevitável transforma a irmandade dos homens em ironia sarcástica e torna incompreensível o código do universo moral. A decepção gerada por essas condições está se transformando em desconfiança nos princípios sobre os quais a sociedade se fundamenta e *em uma disposição para mudar a base sobre a qual ela repousa*. É sua missão mais importante dissipar essa desconfiança, e é seu dever mais importante resistir a essa revolução.

"Os remédios populares propostos para a reforma dos

males, defeitos e fraquezas da sociedade moderna podem ser classificados, de maneira geral, em dois grupos; o primeiro deles propõe corrigir as injustiças por meio da mudança das instituições políticas. Esse método é errôneo e deve ser ineficaz, pois se baseia na falácia de que a prosperidade material é resultado da liberdade, sendo a verdade que a liberdade política é a consequência, e não a causa, do progresso material. Muito já foi escrito por poetas e sonhadores em louvor à pobreza, e o amor ao dinheiro tem sido denunciado como a raiz de todo o mal; mas permanece o fato de que, quando adquirido honestamente e empregado com sabedoria, não há forma de poder tão substancial, positiva e palpável quanto aquela que acompanha a posse do dinheiro.

"Não há condição tão deplorável, tão deprimente, tão destrutiva de tudo o que há de mais nobre no homem, de tudo o que há de mais edificante na vida doméstica, de tudo o que há de mais inspirador no destino, quanto a pobreza sem esperança, sórdida e desamparada, a carência, a fome, os salários das fábricas exploradoras, as brasas, os trapos e uma crosta de pão. À medida que sua inteligência treinada se voltar para a investigação dos problemas da época, vocês não deixarão de observar que esse elemento da nossa sociedade está em constante crescimento."

Aqui temos uma exposição clara e competente dos fatos, como todos, ricos ou pobres, devem reconhecer. Mas ela não contém nenhuma solução: nem mesmo a sugestão de que a nova safra de advogados e políticos deva buscar uma solução. Eles são meramente aconselhados a *amenizar* a desconfiança nos outros, por mais que a sintam em si mesmos, e a *resistir* a qualquer mudança no sistema atual enquanto procuram manter-se acima de sua rotina exaustiva.

Por que esse conselho? Será porque esse homem competente despreza seu irmão mais humilde? De modo algum; mas porque ele vê o funcionamento inevitável da liberdade – "individualismo – egoísmo –
com a liberdade implícita de competir e de cada um fazer o melhor que puder por si mesmo". Olhando para o passado, ele diz: "O que foi, será". Ele não percebe que estamos no fim da era atual, na Aurora do milênio, que somente

o poder do Rei Ungido do Senhor de toda a terra pode trazer ordem a toda essa confusão; e que, na sábia providência de Deus, os homens são agora colocados face a face com esses problemas desconcertantes que nenhuma sabedoria humana pode resolver, e com condições calamitosas que nenhuma previsão ou política humana pode evitar ou dissipar, de modo que, no tempo devido, em sua situação extrema e perigosa, eles ficarão felizes em reconhecer e se submeter à intervenção divina, cessar suas próprias obras e ser ensinados por Deus. Aquele a quem pertence o reino está prestes a "assumir para si o seu grande poder e reinar", para trazer ordem ao caos, para glorificar sua Igreja, como sua "noiva", e com ela e por meio dela pôr fim aos sofrimentos da criação oprimida pelo pecado e gemebunda, e abençoar todas as famílias da terra. Somente aqueles que possuem a "verdadeira luz" podem ver o desfecho glorioso deste tempo sombrio, que está confundindo os sábios.

O Sr. Robert G. Ingersoll, assim como outros, percebeu a situação das coisas e a lamentou, mas não sugeriu nenhuma solução

O coronel Ingersoll era conhecido como um homem sábio, segundo os padrões deste mundo. Embora fosse um notório ateu, era um homem de notável habilidade e de bom senso acima do comum, exceto em questões religiosas, nas quais o julgamento de ninguém é correto, a menos que seja informado e guiado pela Palavra e pelo espírito do Senhor. Como advogado, os conselhos do Sr. Ingersoll eram tão altamente valorizados que se sabe que ele recebia US$ 250 por trinta minutos de consultoria. Esse cérebro ativo também foi empregado na tentativa de lidar com os grandes problemas desta época complexa; no entanto, ele também não tinha nenhuma solução a sugerir. Ele expressou suas opiniões sobre a situação em um longo artigo na *revista *Twentieth Century**, do qual apresentamos um breve trecho. Ele disse:

"A invenção encheu o mundo de concorrentes, não apenas de trabalhadores, mas de mecânicos — mecânicos da mais alta habilidade. Hoje, o trabalhador comum é, em sua maioria, uma engrenagem na máquina. Ele trabalha para o incansável, alimenta o insaciável.

Quando o monstro para, o homem fica sem emprego – sem pão. Ele não economizou nada. A máquina que ele alimentava não o alimentava – a invenção não era para seu benefício. Outro dia ouvi um homem dizer que, para milhares de bons mecânicos, era quase impossível conseguir emprego e que, em sua opinião, o governo deveria proporcionar emprego ao povo. Poucos minutos depois, ouvi outro dizer que estava vendendo uma patente para cortar tecidos; que uma dessas máquinas poderia fazer o trabalho de vinte alfaiates, e que, apenas na semana anterior, ele havia vendido duas para uma grande empresa em Nova York, e que mais de quarenta cortadores haviam sido demitidos. O capitalista apresenta sua proposta. Ele diz ao trabalhador que este deve ser econômico – e, no entanto, sob o sistema atual, a economia apenas reduziria os salários. Sob a grande lei da oferta e da demanda, todo trabalhador que economiza, é frugal e se priva está, inconscientemente, fazendo o pouco que pode para reduzir a remuneração própria e a de seus colegas. O mecânico que economiza é a prova de que os salários já são altos o suficiente.

"O capital sempre reivindicou, e ainda reivindica, o direito de se organizar. Os fabricantes se reúnem e determinam os preços, mesmo à beira da grande lei da oferta e da demanda. Os trabalhadores têm o mesmo direito de se consultar e se unir? Os ricos se reúnem no banco, no clube ou no salão. Os trabalhadores, quando se unem, se reúnem na rua. Todas as forças organizadas da sociedade estão contra eles. O capital tem o exército e a marinha, o legislativo, os poderes judiciário e executivo. Quando os ricos se unem, é com o objetivo de 'trocar ideias'. Quando os pobres se unem, isso é uma "conspiração". Se agem em conjunto, se realmente fazem algo, é uma "multidão enfurecida". Se se defendem, é "traição". Como é que os ricos controlam os poderes do governo? Há momentos em que mendigos se tornam revolucionários — quando um trapo se transforma em bandeira, sob a qual os mais nobres e os mais corajosos lutam pelo que é certo.

"Como resolveremos a disputa desigual entre o homem

e a máquina? Será que as máquinas acabarão por se associar ao trabalhador? Será que essas forças da natureza podem ser controladas em benefício dos filhos sofredores da natureza? Será que a extravagância acompanhará a engenhosidade? Será que os operários se tornarão inteligentes e fortes o suficiente para se tornarem donos das máquinas? Será que o homem pode se tornar inteligente o suficiente para ser generoso, para ser justo; ou será que a mesma lei ou fato que controla o mundo animal ou vegetal também o controla? Nos tempos do canibalismo, os fortes devoravam os fracos — na verdade, comiam sua carne. Apesar de todas as leis que o homem criou, apesar de todos os avanços da ciência, os fortes, os cruéis, ainda se alimentam dos fracos, dos infelizes e dos tolos. Quando levo em consideração a agonia da vida civilizada – os fracassos, as ansiedades, as lágrimas, as esperanças frustradas, as realidades amargas, a fome, o crime, a humilhação, a vergonha –, sou quase forçado a dizer que o canibalismo, afinal, é a forma mais misericordiosa pela qual o homem já se alimentou de seu semelhante.

"É impossível para um homem de bom coração ficar satisfeito com o mundo como ele é hoje. Nenhum homem consegue desfrutar verdadeiramente nem mesmo do que ganha — do que sabe ser seu — sabendo que milhões de seus semelhantes vivem na miséria e na carência. Quando pensamos nos famintos, sentimos que é quase cruel comer. Encontrar os esfarrapados e trêmulos faz com que a gente quase tenha vergonha de estar bem vestido e aquecido – a gente sente como se seu coração fosse tão frio quanto os corpos deles.

"Não haverá nenhuma mudança? As 'leis da oferta e da demanda', a invenção e a ciência, o monopólio e a concorrência, o capital e a legislação serão sempre inimigos daqueles que labutam? Os trabalhadores serão sempre ignorantes e estúpidos o suficiente para entregar seus ganhos a quem não serve para nada? Eles sustentarão milhões de soldados para matar os filhos de outros trabalhadores? Continuarão sempre a construir templos enquanto vivem em covis e cabanas? Será que permitirão para sempre que parasitas e vampiros se alimentem de seu sangue? Será que permanecerão escravos dos mendigos que sustentam? Será que os homens honestos deixarão de tirar o chapéu diante da fraude bem-sucedida? Será que a indústria, na

presença da ociosidade coroada, cair para sempre de joelhos? Será que compreenderão que mendigos não podem ser generosos e que todo homem saudável deve conquistar o direito de viver? Será que finalmente dirão que o homem que teve privilégios iguais aos de todos os outros não tem o direito de reclamar, ou seguirão o exemplo dado por seus opressores? Será que aprenderão que a força, para ter sucesso, deve ter um pensamento por trás dela, e que tudo o que for feito para que perdure deve repousar sobre a pedra angular da justiça?"----

O argumento aqui apresentado é pobre, fraco, sem esperança e sem sugestões; e, vindo de um homem sábio e um excelente lógico, mostra apenas que os sábios deste mundo enxergam a doença, mas não conseguem enxergar o remédio. O ilustre senhor aponta as causas da dificuldade com clareza suficiente, bem como sua inevitabilidade, e então diz, na prática, aos operários: "Não deixem que elas (invenção, ciência, concorrência etc.) os oprimam e os prejudiquem!" Mas ele não sugere nenhum meio de libertação, a não ser na pergunta: "Será que os operários se tornarão inteligentes e fortes o suficiente para se tornarem donos das máquinas?"

Mas suponhamos que eles tivessem máquinas e capital bastante suficiente para operá-las! Será que tais fábricas e máquinas poderiam funcionar com *mais* sucesso do que outras? Seriam capazes de funcionar com sucesso por muito tempo como empreendimentos benevolentes e sem fins lucrativos? Não contribuiriam elas para aumentar a "superprodução" e causar "paralisações", deixando seus próprios trabalhadores e outros ociosos? Não sabemos que, se a fábrica ou a oficina fosse administrada com base no princípio da remuneração igual para todos os empregados, ela rapidamente iria à falência por pagar salários excessivos, ou então os mais qualificados seriam atraídos por melhores salários para outros empregos, ou para empreendimentos privados por conta própria? Em suma, o interesse próprio, o egoísmo, está tão arraigado na natureza humana decaída e é parte tão integrante da atual estrutura social que quem não levar isso em conta logo perceberá seu erro.

A frase final citada é muito suave, mas muito

inútil para a situação de emergência. É como um ovo de vidro guardado como poupança. Serve como substituto de uma solução, até você quebrá-lo e tentar comê-lo. "Será que eles [os trabalhadores] aprenderão que a força, para ter sucesso, precisa ter um pensamento por trás?" Sim; todos sabem disso; e esse pensamento precisa ter inteligência; e essa inteligência precisa ser de boa qualidade e bem organizada. Todos podem ver que, se todos tivessem inteligência de igual calibre e força, a batalha entre homem e homem seria tão equilibrada que uma trégua seria rapidamente acordada, e os direitos e interesses de cada um seriam garantidos; ou, mais provavelmente, a *luta* teria ocorrido mais cedo e sido mais severa. Mas ninguém sabe melhor do que o Sr. Ingersoll que nenhum poder terreno poderia produzir tal condição de igualdade mental.

O quarto parágrafo citado é de grande mérito para esse grande homem. Ele encontra eco em toda alma nobre, das quais acreditamos que haja muitas. Mas outros, em condições modestas, ou mesmo abastados como o Sr. Ingersoll, decidem — assim como ele sem dúvida decidiu — que são tão impotentes para obstruir ou alterar a tendência social que avança pelo curso da natureza humana decaída, lançando nela seu dinheiro e influência, quanto seriam para deter as Cataratas do Niágara lançando seus corpos nelas. Um respingo momentâneo e uma comoção é tudo o que haveria em ambos os casos.

O Exmo. J. L. Thomas sobre a Legislação Trabalhista

Frequentemente se alega que os trabalhadores têm sido discriminados por uma legislação que favorece os ricos e prejudica os interesses dos pobres; e que uma reversão dessa situação seria um remédio para todos os males. Nada poderia estar mais longe da verdade, e nos alegra ter um resumo da legislação trabalhista dos Estados Unidos elaborado por um cavalheiro tão qualificado quanto o ex-
Procurador-Geral Adjunto dos Estados Unidos, Thomas, no *New York *Tribune**, de 17 de outubro de 1896, da seguinte forma:

"Escrever a história da legislação dos últimos cinquenta anos voltada para a melhoria das condições das classes mais pobres e trabalhadoras exigiria volumes, mas ela pode ser resumida da seguinte forma:

"A prisão por dívidas foi abolida.

"Foram aprovadas leis que isentam propriedades familiares e uma grande quantidade de bens pessoais de execução contra devedores que sejam chefes de família, suas viúvas e órfãos.

"A lei concedeu direitos de retenção a mecânicos e trabalhadores sobre a terra ou os bens nos quais prestam trabalho em troca de seus salários.

"Pessoas carentes têm permissão para entrar com ações nos tribunais, estaduais e federais, sem o pagamento de custas ou a prestação de garantia para cobrir essas custas.

"Os tribunais, estaduais e nacionais, nomeiam advogados para defender, sem remuneração, pessoas carentes nos tribunais criminais e, em alguns casos, nos tribunais civis.

"Em muitos casos, os tribunais são orientados a proferir sentença a favor de um trabalhador que precise entrar com uma ação para recuperar seu salário ou fazer valer seus direitos contra uma empresa, concedendo-lhe uma quantia determinada para cobrir os honorários de seu advogado.

"Sete horas, em alguns casos, e oito ou nove em outros, foram declaradas por lei como jornada de trabalho diária para o serviço público ou em obras públicas.

"Na administração de patrimônios insolventes, os salários dos trabalhadores são considerados créditos preferenciais e, em alguns casos, os salários são, de modo geral, considerados créditos preferenciais."

"Foram aprovadas leis que regulamentam as tarifas de passageiros e de carga nas ferrovias e em outras linhas de transporte, bem como em armazéns públicos e silos, e foram criadas comissões nacionais e estaduais para supervisionar o tráfego ferroviário, o que resultou na redução das tarifas em dois terços ou mais.

"Foram aprovadas leis que reduzem as taxas de juros em quase todos os estados e que prorrogam o prazo para resgate após a execução hipotecária ou de escrituras de fideicomisso.

"As ferrovias são obrigadas a cercar suas vias ou a pagar indenização em dobro caso deixem de fazê-lo; também são obrigadas a fornecer locais e equipamentos seguros para seus trabalhadores.

"Os fabricantes e operadores de minas são obrigados a fornecer locais e maquinário para a segurança e o conforto de seus funcionários.

"A constituição de sindicatos foi autorizada por lei.

"O Dia do Trabalho foi declarado feriado nacional.

"Comissários do Trabalho, estaduais e nacionais, são nomeados para coletar estatísticas e, na medida do possível, melhorar as condições das classes trabalhadoras.

"Foi criado o Departamento de Agricultura, e seu chefe foi nomeado membro do Gabinete

"Sementes no valor de US$ 150.000 por ano são distribuídas gratuitamente à população.

"Em muitos estados, é considerado contravenção colocar na lista negra um homem pobre que tenha sido demitido do emprego ou não tenha pago suas dívidas, e é considerado contravenção ameaçar, por meio de cartão postal enviado pelo correio, processar um devedor, ou usar qualquer artifício para difamá-lo.

"A fim de proteger os imprudentes e desavisados, o uso dos correios é proibido para aqueles que funcionariam esquemas fraudulentos ou de loteria por meio desse canal.

"As tarifas postais foram reduzidas, acarretando uma perda anual de US$ 8.000.000 para o governo no transporte da correspondência; graças a isso, a população recebe os jornais regionais sem cobrança de postagem, e as melhores revistas e periódicos tornaram-se tão baratos que estão ao alcance dos pobres.

"As apólices de seguro de vida e as cotas em associações de construção e empréstimo tornam-se inextinguíveis por falta de pagamento de prêmios ou taxas após um prazo determinado.

"Os bancos, sejam estaduais ou nacionais, estão sujeitos à supervisão pública, e suas contas, à inspeção pública.

"Os funcionários públicos têm direito a licença remunerada de trinta dias em alguns casos e de quinze dias em outros, além de trinta dias adicionais em caso de doença própria ou de familiares.

"O comércio de coolies, a importação de trabalhadores sob contrato, o trabalho de condenados dos Estados Unidos, a

imigração adicional de chineses, a importação de produtos fabricados por mão de obra de condenados e o sistema de servidão por dívida foram proibidos por lei.

"Foram criadas Comissões de Arbitragem, estaduais e nacionais, para a resolução de disputas trabalhistas.

"Os funcionários públicos têm direito a remuneração nos feriados nacionais – 1º de janeiro, 22 de fevereiro, Dia da Decoração, 4 de julho, Dia do Trabalho, Dia de Ação de Graças e 25 de dezembro.

"Foram concedidas propriedades rurais àqueles que se dispusessem a se estabelecer nelas, e outras terras foram concedidas àqueles que se dispusessem a plantar e cultivar árvores nelas.

"A votação australiana e outras leis para a proteção do direito do povo de votar sem intimidação nem coação foram aprovadas.

"Quatro milhões de escravos foram libertados, o que levou à empobrecimento de centenas de milhares de proprietários.

"Bibliotecas públicas foram criadas com recursos públicos. "Os

hospitais públicos se multiplicaram para cuidar dos doentes e dos pobres.

"Cento e quarenta milhões de dólares são pagos anualmente pelo Tesouro Público aos soldados de nossas guerras, suas viúvas e órfãos.

"Por último, mas não menos importante, foram criadas escolas públicas, de modo que agora o gasto anual apenas com mensalidades nessas escolas é superior a US$ 160.000.000, e com prédios, juros sobre empréstimos e outras despesas, provavelmente mais US$ 40.000.000 ou mais.

"Inúmeras outras leis de menor importância, com o mesmo objetivo das citadas acima e abrangendo até os mínimos detalhes das relações entre empregadores — sejam empresas, sociedades ou pessoas físicas — e empregados, foram aprovadas pelo Congresso e pelas Assembleias Legislativas dos diversos estados.

"Todas essas leis foram aprovadas e esses benefícios concedidos tanto pelos ricos quanto pelos pobres. De fato, a história deste país

nos últimos 25 anos mostra que homens e mulheres de todas as classes, sem distinção, têm levado sua criatividade ao limite máximo para elaborar leis em benefício, educação e elevação das massas populares, e isso foi levado a tal ponto que muitos homens ponderados temem que, se o curso atual continuar, isso resulte no socialismo de Estado. Não há dúvida de que a tendência da opinião pública entre o povo tem seguido, há muitos anos, nessa direção."

Portanto, se tudo o que podia ser feito por meio da legislação já foi feito e, mesmo assim, a inquietação continua aumentando, é evidentemente inútil buscar uma solução nessa direção. O Sr. Thomas, evidentemente, também havia chegado à conclusão de que o conflito é irreprimível.

Observe as palavras com que aquele homem capaz e nobre,

WENDELL PHILLIPS, EXPRESSOU SUA OPINIÃO

"Nenhuma reforma, moral ou intelectual, jamais partiu da classe alta da sociedade. Todas, sem exceção, surgiram do protesto do mártir e da vítima. A emancipação dos trabalhadores deve ser conquistada pelos próprios trabalhadores."

Muito verdadeiro; muito sábio; mas o Sr. Phillips também não ofereceu nenhuma sugestão prática sobre como os trabalhadores devem se emancipar do desfecho certo dos princípios egoístas da Lei da Oferta e da Demanda (apoiados por desigualdades mentais e físicas), inexoráveis como a lei da gravitação. Ele não sabia o que recomendar. A revolução, como todos sabem, pode provocar mudanças locais e temporárias, benéficas ou não, mas de que adiantaria a revolução contra as condições universais e a concorrência? Seria o mesmo que nos revoltarmos contra a maré alta do oceano e tentarmos empurrá-la de volta com vassouras, ou coletar o excedente em barris.

A PREVISÃO DE MACAULAY

O jornal parisiense **Figaro** cita os seguintes trechos de uma carta escrita em 1857 pelo Sr. Macaulay, o grande historiador inglês, a um amigo nos Estados Unidos:

"É claro como a luz do dia que seu governo nunca será capaz de manter sob controle uma maioria sofredora e enfurecida,

porque, no seu país, o governo está nas mãos das massas, e os ricos, que são minoria, estão absolutamente à mercê delas. Chegará um dia no estado de Nova York em que a multidão, entre o meio do café da manhã e a esperança de meio jantar, escolherá seus legisladores. É possível ter alguma dúvida quanto ao tipo de legisladores que serão escolhidos?

"Vocês serão obrigados a fazer aquilo que torna a prosperidade impossível. Então, algum César ou Napoleão assumirá as rédeas do governo. Sua República será saqueada e devastada no século XX, assim como o Império Romano foi pelos bárbaros do século V, com esta diferença: que os devastadores do Império Romano, os hunos e os vândalos, vieram do exterior, enquanto seus bárbaros serão os nativos de seu próprio país e o produto de suas próprias instituições."

Não ocorreu a esse homem, que conhecia profundamente a natureza humana, tanto entre ricos quanto entre pobres, sugerir como uma possibilidade que os ricos pudessem abraçar altruisticamente a causa da maioria e concordar com a promulgação de leis tão amplas e benevolentes que elevassem gradualmente as massas à autossuficiência e tornassem impossível para qualquer pessoa acumular uma fortuna superior a meio milhão de dólares. Não; o Sr. Macaulay sabia que tal proposição era indigna de consideração e, por isso, fez sua previsão, que está em consonância com o testemunho de Deus quanto aos resultados do egoísmo: um grande tempo de angústia.

Além disso, desde que ele escreveu isso, o direito ao voto foi exigido pelos próprios compatriotas do Sr. Macaulay, o público britânico, e eles conseguiram o que queriam. Foi exigido pelos belgas e pelos alemães, e foi concedido. Foi exigido e conquistado à força pelos franceses. Está sendo exigido na Áustria-Hungria e será exercido em breve pelos italianos. De modo que a própria catástrofe tão confiantemente prevista para os Estados Unidos paira também sobre toda a "cristandade". Macaulay não via esperança e não tinha sugestões a oferecer, exceto o que outros também ofereciam; a saber, que os ricos e influentes assumissem o controle à força e mantivessem a válvula de segurança fechada pelo maior tempo possível – até que a explosão ocorresse.

As esperanças do Sr. Chauncey M. Depew

Entre os pensadores competentes e de visão ampla do mundo atual está também o Exmo. Chauncey M. Depew, LL.D. Homem sábio, ele frequentemente dá bons conselhos; e nos alegra contar com suas opiniões sobre a situação atual. Ao discursar para a turma de formandos da Universidade de Chicago e para outros, como orador de sua Décima Cerimônia de Formatura, ele disse, entre outras coisas:

"A educação não só tornou possível o maravilhoso crescimento do nosso país e as excelentes oportunidades que ele oferece de emprego e prosperidade, mas também libertou nosso povo dos métodos e hábitos do passado, e não podemos mais viver como nossos pais viviam."

"A escola primária e o ensino médio, com suas vantagens superiores, nos formaram de tal modo que os refinamentos da vida tornam os homens mais amplos e inteligentes, e as mulheres mais brilhantes, mais belas e de alma mais generosa. Isso os eleva acima do nível do camponês europeu. Embora a educação e a liberdade tenham feito dos americanos um povo fenomenal, elas também, em certa medida, elevaram os padrões de vida e suas exigências nos países mais antigos da Europa. O trabalhador indiano pode viver sob um telhado de palha, em um único cômodo, vestindo apenas uma tanga e alimentando-se de uma tigela de arroz. Mas o mecânico americano deseja sua casa com vários cômodos. Ele aprendeu, e seus filhos aprenderam, o valor das obras de arte. Todos se familiarizaram com a comida melhor, as roupas melhores e a vida melhor, que não constituem luxo, mas conforto, e que definem — e devem definir — os cidadãos de nossa República.

"Homens notáveis, dotados de grande visão e coragem, aproveitaram a oportunidade americana para acumular vastas fortunas. As massas, que não tiveram a mesma sorte, olham para eles e dizem: 'Não temos uma participação igual nessas oportunidades.' Este não é o lugar, nem tenho tempo para sequer sugerir a solução dessas dificuldades ou a resolução desses problemas. Que existe entre nós o gênio para enfrentá-los

a eles, se necessário por meio de legislação, se necessário por outros processos, nenhum homem em sã consciência pode duvidar. Precisamos, para o nosso tempo, de mais educação, mais estudantes universitários e mais oportunidades de ensino superior. Todo jovem que sai dessas instituições para o mundo parte como um missionário da luz e do conhecimento. Ele se destacará na comunidade onde se estabelecer, por uma apreciação inteligente, ampla e patriótica da situação no país e na vizinhança. Os graduados das quatrocentas universidades do país são os tenentes e os capitães, os coronéis, os generais de brigada e os generais de divisão desse exército do progresso americano ao qual todos nós pertencemos.

"O mundo em que nosso jovem entra hoje é muito diferente daquele que seu pai, seu avô ou seus antepassados de cem anos atrás conheciam. Há cinquenta anos, ele teria se formado em uma faculdade confessional e ingressado na igreja de seus pais e de seus professores. Há cinquenta anos, ele teria aderido ao partido ao qual seu pai pertencia. Ele teria aceitado seu credo religioso do pastor da vila e seus princípios políticos da plataforma nacional do partido de seu pai. Mas hoje ele se forma em uma faculdade onde as linhas denominacionais são pouco definidas e descobre que os membros de sua família se dispersaram por todas as igrejas e professam todos os credos; assim, ele deve escolher por si mesmo a igreja na qual encontrará seu lar e as doutrinas nas quais baseará sua fé. Ele descobre que os laços partidários foram enfraquecidos por líderes falsos ou incompetentes e pelo fracasso das organizações partidárias em atender às exigências do país e às demandas do tremendo desenvolvimento da época. Aqueles que deveriam ser seus conselheiros dizem-lhe: 'Filho, julgue por si mesmo e pelo seu país'. Assim, logo no início, ele precisa de uma preparação que seu pai não precisou para cumprir seus deveres como cidadão nem para estabelecer os fundamentos de sua fé e de seus princípios. Ele começa, no final deste maravilhoso século XIX, a ouvir do púlpito, das tribunas e da imprensa, e a constatar por meio de suas próprias observações, que existem condições revolucionárias

no mundo político, financeiro e industrial que ameaçam a estabilidade do Estado, a posição da Igreja, os alicerces da sociedade e a segurança da propriedade. Mas, embora os preceitos e as profecias apontem para o desastre, ele não deve se desesperar. Todo jovem deve ser otimista. Todo jovem deve acreditar que o amanhã será melhor do que o hoje e olhar para o futuro com esperança inabalável, ao mesmo tempo em que cumpre plenamente seu dever no presente.

"Que os problemas são difíceis e a situação grave, todos admitimos. Mas cabe à educação resolver problemas e eliminar condições graves. Nossa época é o paradoxo da civilização. Até agora, nosso rumo tem sido fácil de interpretar e de seguir, guiado pelos manuais de navegação do passado. Mas estamos a cinco anos do século XX, diante de condições que são quase tão novas como se uma vasta convulsão nos tivesse arremessado pelo espaço e nos encontrássemos sentados à beira de um dos canais de Marte.

"O vapor e a eletricidade fizeram com que os séculos da era cristã até o nosso não valessem nada. Eles trouxeram uma unidade de produção e de mercados que subverte todos os cálculos e todos os princípios de ação do passado. Eles uniram o mundo em uma comunicação instantânea que derrubou as limitações que antes eram controladas pelo tempo e pela distância, ou que podiam ser fixadas pela legislação. Os preços do algodão no Ganges ou no Amazonas, do trigo nos planaltos do Himalaia ou no delta do Nilo, ou na Argentina, desta manhã, com todos os fatores de moeda, clima e salários que controlam o custo de sua produção, refletem-se instantaneamente ao meio-dia em Liverpool, em Nova Orleans, em Savannah, em Mobile, em Chicago e em Nova York. Isso causa um frisson ou um calafrio nas plantações do Sul e nas fazendas do Oeste. Os agricultores da Europa e da América reclamam, com razão, de sua condição. As populações rurais estão migrando para as cidades e aumentando infinitamente as dificuldades do governo municipal. Os capitalistas se esforçam para formar alianças que sigam a maré ou a contenham, e

as organizações sindicais, com sucesso limitado, estão se empenhando em criar uma situação que acreditam ser a melhor para si mesmas. O tremendo progresso dos últimos cinquenta anos, as revoluções provocadas pelo vapor, pela eletricidade e pelas invenções, a correlação de forças que atuam de um lado do globo e produzem efeitos instantâneos no outro, alteraram de tal forma as relações entre os povos e as indústrias que o mundo ainda não se adaptou a elas. A esperança do presente e do futuro deve repousar na educação, para que a inteligência suprema possa trazer ordem ao caos produzido por esse terremoto de oportunidades e poderes do século XIX.

"Sempre houve crises no mundo. Elas representaram os esforços e as aspirações da humanidade por algo melhor e mais elevado e, em última instância, culminaram em algum movimento grandioso pela liberdade. Essas revoluções foram acompanhadas por sofrimento infinito, pelo massacre de milhões e pela devastação de províncias e reinos. As Cruzadas libertaram a Europa da escravidão do feudalismo; a Revolução Francesa rompeu os laços das castas. Napoleão foi o líder e o artífice, ainda que de forma egoísta, do sufrágio universal moderno e do governo parlamentar. A aspiração de todos os séculos tem sido pela liberdade e por mais liberdade. A expectativa era de que, quando a liberdade fosse conquistada, haveria felicidade e paz universais. Os povos de língua inglesa conquistaram a liberdade em seu sentido mais amplo e pleno; aquela liberdade em que o povo é seu próprio governante, legislador e mestre. O paradoxo de tudo isso é que, com a liberdade que todos consideramos nossa maior bênção, surgiu um descontentamento maior do que o mundo jamais conheceu. O movimento socialista na Alemanha cresceu de cem mil votos, há dez anos, para alguns milhões em 1894. Os elementos republicanos na França tornam-se mais radicais e ameaçadores a cada mês que passa. Os conflitos agrários e trabalhistas da Grã-Bretanha estão além da capacidade de seus estadistas de vencê-los, a não ser por meio de soluções provisórias dia a dia. Houve um motim anarquista em Chicago, quando apenas a bravura disciplinada de um pequeno contingente de policiais salvou a grande cidade dos

os horrores da pilhagem e da destruição. Um único homem criou, em poucos meses, uma organização de funcionários ferroviários tão forte que, sob suas ordens, vinte milhões de pessoas ficaram paralisadas em suas atividades industriais e em seus deslocamentos, e todos os elementos que constituem o sustento das comunidades foram temporariamente suspensos. Tão grande era o potencial da revolta que dois governadores se renderam, e o prefeito de nossa metrópole do Oeste recebeu ordens do líder da revolta. Perdas industriais e comerciais de magnitude incalculável foram evitadas apenas pelo braço forte do Governo Federal.

"Outro dos paradoxos do nosso quarto de século é que todo artesão, mecânico e trabalhador em todos os setores hoje, com jornadas de trabalho mais curtas, recebe 25%, e em muitos casos 50%, a mais do que recebia há trinta anos. Embora receba, assim, um terço a mais do que recebia há trinta anos, seu dólar compra, em roupas e alimentos, o dobro do que comprava há trinta anos. Seria de se esperar que o trabalhador estivesse extremamente feliz ao comparar o passado com o presente e que, além de seu sustento, estivesse acumulando em uma poupança o capital que rapidamente o tornaria um capitalista. E, no entanto, ele sente um descontentamento que seu pai, há trinta anos, com um terço do salário e seu dólar comprando metade do que comprava antes, nunca conheceu. *Tudo isso vem da educação*!"

[O Sr. Depew não leva em conta o fato de que, há trinta anos, havia trabalho em abundância. Como a oferta de mão de obra qualificada e física era muito menor do que a demanda, os homens eram incentivados a trabalhar em "turnos duplos" nas ferrovias, bem como nas usinas e fábricas; enquanto isso, imigrantes também chegavam aos milhões e encontravam emprego imediatamente. Mas agora a oferta de mão de obra excede amplamente a demanda em todos os setores, sendo substituída por máquinas. Agora, embora os salários não sejam ruins, o povo, as massas, não consegue garantir demanda e emprego *estáveis* para seus serviços; e, inevitavelmente, os salários estão caindo.]

"Estamos travando as batalhas não apenas de hoje, mas de todos os tempos; estamos desenvolvendo este país não apenas para nós mesmos, mas para a posteridade. Vencemos a escravidão, erradicamos a poligamia, e nosso único inimigo remanescente é *a ignorância*.

[Mas se a destruição parcial da ignorância por meio da educação trouxe todo o descontentamento e os males acima relatados, quanta anarquia e que terríveis problemas uma educação completa

! O Sr. Depew declara que não está aqui discutindo o *remédio* para todos esses males e descontentamentos, mas, sem dúvida, teria ficado feliz em fazê-lo se conhecesse um remédio; e aqui ele afirma que a situação será remediada *"de uma forma ou de* outra", o que é uma admissão tácita de que não conhece nenhum remédio específico a sugerir.]

"As pessoas que estão insatisfeitas são os governadores e os governantes, e devem resolver seus próprios problemas. Elas podem escolher seus próprios Congressos e presidentes. Não podem se revoltar contra si mesmas nem cortar suas próprias gargantas. Mais cedo ou mais tarde, e *de uma forma ou de outra*, elas resolverão seus problemas, mas será por meio da lei. Será por métodos *destrutivos* ou *construtivos*."

"É natural que se pergunte: 'Com toda a prosperidade e o progresso do mundo, por que esse descontentamento?' A rapidez das invenções e as oportunidades proporcionadas pela eletricidade e pelo vapor destruíram, nos últimos vinte e cinco anos, sessenta por cento do capital mundial e deixaram quarenta por cento da força de trabalho desempregada. O motor de tripla expansão, a invenção de um novo motor, a multiplicação das forças por meio de uma nova aplicação da maquinaria tornam inúteis todas as antigas. Mais do que isso, obrigam o artesão qualificado, com a perda da ferramenta pela qual ganhava a vida e que já não tem mais utilidade, a recair na vasta massa de trabalhadores comuns. Ao mesmo tempo, essas mesmas forças, que assim destruíram a maioria dos valores e deixaram tantas pessoas desempregadas, criaram novas condições que aumentaram, de forma incalculável, a riqueza do mundo e as oportunidades de vida, conforto e felicidade de seu povo. Mas, para desfrutar dessas oportunidades, desses confortos e dessa felicidade, torna-se necessária uma educação melhor."

É muito evidente que o Sr. Depew está bem informado sobre questões trabalhistas e que estudou as condições que levaram à situação com a qual o mundo se depara atualmente. Mas que *solução* ele oferece? Talvez tenham sido apenas a cortesia e o senso de decoro que levaram o senhor, ao se dirigir a uma turma universitária, a sugerir que *a ignorância* é o "inimigo" que causa os males atuais e ameaça o futuro. Mas que a educação não pode ser um remédio, ninguém deveria saber melhor do que o Sr. Depew. Muito poucos dos milionários de hoje

receberam educação universitária. Cornelius Vanderbilt não tinha formação acadêmica, era um barqueiro, cujos instintos aguçados para os negócios o conduziram à riqueza. Ele previu o aumento das viagens e investiu em barcos a vapor e ferrovias. O primeiro João Jacob Astor não tinha formação acadêmica, era um comerciante de peles e couros. Prevendo o crescimento da cidade de Nova York, ele investiu no mercado imobiliário local e, assim, lançou as bases para as fortunas da atual geração dos Astors.

A lista a seguir de milionários americanos que doaram um milhão de dólares ou mais para faculdades circulou pela imprensa, acompanhada da afirmação de que nenhum desses homens ricos e inteligentes jamais teve acesso a uma educação universitária:

"Stephen Girard, para o Girard College, US$ 8.000.000; João D. Rockefeller, para a Universidade de Chicago, US$ 7.000.000; George Peabody, para várias fundações, US$ 6.000.000; Leland Stanford, para a Universidade de Stanford, US$ 5.000.000; Asa Parker, para a Universidade de Lehigh, US$ 3.500.000; Paul Tulane, para a Universidade de Tulane, em Nova Orleans, US$ 2.500.000; Isaac Rich, para a Universidade de Boston, US$ 2.000.000; Jonas G. Clark, para a Universidade de Clark, em Worcester, Massachusetts, US$ 2.000.000; a família Vanderbilt, para a Universidade de Vanderbilt, pelo menos US$ 1.775.000; Tiago Lick, para a Universidade da Califórnia, US$ 1.600.000; João C. Green, para Princeton,
US$ 1.500.000; William C. DePauw, para a Universidade de Asbury, hoje Universidade DePauw, US$ 1.500.000; A. J. Drexel, para a Escola Industrial Drexel, US$ 1.500.000; Leonard Case, para a Escola de Ciências Aplicadas de Cleveland, US$ 1.500.000; Peter Cooper, para a Cooper Union, US$ 1.200.000; Esdras Cornell e Henry W. Sage, para a Universidade de Cornell, cada um com US$ 1.000.000; Charles Pratt, para o Instituto Pratt do Brooklyn, US$ 2.700.000."

Como que para comprovar a exceção a essa regra, o Sr. Seth Low, graduado universitário e presidente, doou certa vez um milhão de dólares ao Columbia College para a construção de uma biblioteca.

Embora a educação universitária seja valiosa, ela não é, de forma alguma, um *remédio* para as condições atuais. De fato, se todos os homens

na Europa e na América fosse hoje graduado universitário, as condições seriam piores, em vez de melhores, do que são atualmente. O Sr. Depew admite isso nas citações acima, quando diz que o mecânico "sente um descontentamento que seu pai, há trinta anos, com um terço do salário e com o dólar valendo metade do que vale hoje, nunca conheceu. *Tudo isso vem da educação*." Sim, de fato, e quanto mais generalizada for a educação, mais generalizado será o descontentamento. A educação é excelente e muito desejável; mas não é o remédio. Embora seja verdade que alguns homens justos e nobres tenham sido ricos, também é verdade que alguns dos homens mais perversos tenham sido homens instruídos e que alguns dos homens mais santos tenham sido "incultos", como os apóstolos. Quanto mais instruído for um homem perverso, maior será seu descontentamento e maior seu poder para o mal. O mundo precisa de corações novos – "Cria em mim, ó Deus, um coração puro; e renova dentro de mim um espírito reto!" (Salmo 51:10). A necessidade do mundo
necessidade do mundo é, assim, declarada profeticamente, e as evidências de que muito mais do que educação e inteligência é necessário para a felicidade e a paz estão surgindo e, por fim, serão amplamente reconhecidas. "A piedade com contentamento é grande ganho; e somente se esse alicerce for estabelecido primeiro é que a educação
ser garantida como uma grande bênção. Os corações egoístas e o espírito do mundo estão em desacordo com o espírito do amor, e nenhum compromisso servirá. A educação, o "aumento do conhecimento", entre as massas está trazendo a crise social e seu resultado final: a anarquia.

Entrevista com o bispo Worthington

Enquanto participava de uma assembleia da Igreja Episcopal Protestante na cidade de Nova York, as opiniões do bispo Worthington a respeito da agitação social foram coletadas por um jornalista e publicadas em 25 de outubro de 1896. Ele teria dito:

"O problema com o agricultor, a meu ver, é que levamos nosso sistema de educação gratuita longe demais. É

claro, sei que essa opinião será considerada um tanto herética, mas, mesmo assim, acredito nela. Os filhos dos agricultores — muitos deles —, que não têm absolutamente nenhuma capacidade de progredir, têm um gostinho da educação e decidem seguir adiante. Eles nunca chegarão a lugar algum — isto é, muitos deles — e ficam insatisfeitos em seguir o caminho de vida que Deus pretendia que seguissem, acabando por migrar para as cidades. É a educação excessiva daqueles que não estão qualificados para recebê-la que enche nossas cidades, enquanto as fazendas ficam ociosas."

O bispo tem uma visão oposta à defendida pelo Sr. Depew. Ele concorda mais com o Diretor-Geral de Educação da Rússia, cuja declaração contra a educação das classes mais pobres já mencionamos. Concordamos com ambos quanto ao *fato* de que a educação, em geral, amplia as ambições e o descontentamento inquieto. Mas certamente o bispo admitirá que as coisas já foram longe demais, nesta terra de liberdade e educação, para se esperar sufocar o descontentamento crescente apagando a luz do conhecimento. Seja para o bem ou para o mal, a educação e o descontentamento estão aqui e não podem nem serão ignorados.

Resposta do Exmo. W. J. Bryan

Quanto à justiça da sugestão do bispo, deixamos que o Sr. W. J. Bryan responda, citando sua resposta divulgada pela imprensa da seguinte forma:

"Falar sobre o excesso de educação dos filhos dos agricultores e atribuir as dificuldades que nos cercam hoje a esse excesso de educação é, a meu ver, uma das coisas mais cruéis que um homem já proferiu. A ideia de dizer que os filhos dos agricultores, que não conseguem progredir na vida, experimentam um pouco da educação e gostam tanto disso que seguem esse caminho, ficam insatisfeitos com a vida no campo e acabam indo para as cidades! A ideia de dizer que há excesso de educação entre os filhos dos nossos agricultores! Meus amigos, vocês sabem o que essa linguagem significa? Significa uma reversão do progresso da civilização e uma marcha de volta

a Idade das Trevas novamente.

"Como é possível saber qual dos filhos de agricultores se tornará um grande homem antes de educá-los a todos? Devemos formar uma comissão para percorrer o país e selecionar aqueles que devem ser educados?

"Ah, meus amigos, há outra razão pela qual as pessoas foram para as cidades e abandonaram as fazendas. É porque a legislação de vocês tem causado a execução hipotecária dos agricultores e das fazendas. É porque a legislação de vocês tem tornado a vida do agricultor mais difícil para ele; é porque as classes não produtoras têm elaborado as leis e tornado mais lucrativo especular com produtos agrícolas do que produzi-los.

"A ideia de atribuir a culpa da situação atual aos agricultores! A ideia de sugerir como solução o fechamento de escolas para que as pessoas não fiquem insatisfeitas! Ora, meus amigos, haverá insatisfação enquanto existir a causa para ela. Em vez de tentar impedir que as pessoas percebam sua condição, por que esses críticos não tentam melhorar a condição dos agricultores deste país?"

Um jornal inglês, **The Rock**, buscou esclarecimentos, mas não obteve nenhum. Citamos:

"Em todo o mundo, a agitação fervilhante, os interesses conflitantes e as correntes contrárias mantêm a humanidade civilizada em um estado perpétuo de agitação. A tensão nervosa e mental torna-se mais intensa quase semana após semana; em curtos intervalos, algum evento surpreendente abala o mundo político e comercial com força sísmica, e os homens percebem quais elementos acumulados de desastre se escondem sob a superfície da sociedade. Os políticos, embora se esforcem para modificar o curso dessas forças, admitem francamente que não podem controlá-las completamente nem prever seus resultados.

"Na confusão de teorias, propostas, experimentos e profecias intermináveis, os maiores pensadores concordam em dois pontos. Por um lado, eles veem iminente uma grande catástrofe que abalará o mundo inteiro e destruirá a estrutura atual da vida política e social, sendo que as forças destrutivas terão de se esgotar antes que as forças construtivas possam reconstruir

o tecido social sobre uma base mais segura. Por outro lado, concordam que nunca as nações ansiaram tanto pela paz, nem viram com tanta clareza o dever e as vantagens de cultivar a unidade e a concórdia fraterna, como no momento atual."

É assim em todo o mundo civilizado. Todas as pessoas inteligentes enxergam o dilema com maior ou menor clareza, mas poucas têm algo a sugerir como remédio. Não todas, porém: algumas pessoas bem-intencionadas pensam que podem resolver o problema, mas apenas porque não conseguem delinear claramente a situação diante de sua visão mental. Essas serão examinadas em um capítulo subsequente.

A ANÁLISE DA SITUAÇÃO FEITA PELO SR. BELLAMY

O texto a seguir, extraído de um discurso proferido pelo Sr. Edward Bellamy em Boston, será lido com interesse. Ele disse:

"Se você quiser formar uma concepção vívida do absurdo econômico do sistema competitivo na indústria, considere simplesmente o fato de que seu único método de melhorar a qualidade ou reduzir o preço dos bens é exagerar na produção. O baixo custo, em outras palavras, só pode resultar, sob a concorrência, da duplicação e do desperdício de esforço. Mas as coisas que são produzidas com desperdício de esforço são, na verdade, caras, independentemente de como sejam chamadas. Portanto, os bens produzidos sob a concorrência estão se tornando baratos apenas por estarem se tornando caros. Essa é a *redução ao absurdo* do sistema. É um fato frequentemente verdadeiro que os bens pelos quais pagamos menos são, no fim das contas, os mais caros para a nação devido à concorrência desperdiçadora que mantém o preço baixo. Todo desperdício deve, no fim das contas, significar perda e, portanto, cerca de uma vez a cada sete anos o país tem que entrar em insolvência como resultado de um sistema que coloca três homens a disputar um trabalho que um único homem poderia realizar.

"Falar das iniquidades morais da concorrência seria abordar um tema muito amplo para esta ocasião, e apenas menciono de passagem uma característica do nosso atual sistema industrial, no qual seria difícil dizer se predomina a desumanidade ou a insensatez econômica, e me refiro à maneira grotesca com que

que a carga de trabalho é distribuída. A força de trabalho industrial rouba do berço e do túmulo, arranca a esposa e a mãe do lar e a velhice do canto da lareira, enquanto, ao mesmo tempo, centenas de milhares de homens fortes enchem o país clamando por uma oportunidade de trabalho. As mulheres e as crianças são entregues aos capatazes, enquanto os homens não encontram nada para fazer. Não há trabalho para os pais, mas há de sobra para os bebês.

"Qual é, então, o segredo desse alarme diante da ruína iminente de um sistema no qual nada pode ser feito corretamente sem ter que refazê-lo, que não consegue realizar nenhum negócio sem exagerar, que não consegue produzir nada sem superprodução, que, em uma terra cheia de carências, não consegue encontrar emprego para mãos fortes e ansiosas e, finalmente, que só consegue se manter à custa de um colapso total a cada poucos anos, seguido por uma convalescença prolongada?

"Quando um rei mau é lamentado por seu povo, a conclusão deve ser que o herdeiro do trono é um caso ainda pior. Essa parece ser, de fato, a explicação para a angústia atual diante da decadência do sistema competitivo. Isso se deve ao medo de que as coisas vão de mal a pior, e de que o dedo mindinho da combinação seja mais grosso do que os lombos da concorrência; de que, enquanto este último sistema castigou o povo com chicotes, os trustes o açoitarão com escorpiões. Assim como os filhos de Israel no deserto, esse perigo novo e estranho faz com que os tímidos suspiram até mesmo pelo governo de ferro do Faraó. Vejamos se não há também, neste caso, uma terra prometida, cuja perspectiva possa encorajar os corações vacilantes.

"Vamos primeiro indagar se é possível um retorno à antiga ordem das coisas, o sistema de livre concorrência. Uma breve reflexão sobre as causas que levaram ao atual movimento mundial em favor da substituição da concorrência pela combinação nos negócios certamente convencerá qualquer pessoa de que, de todas as revoluções, esta é a menos propensa a retroceder. Trata-se de um resultado do aumento da eficiência do capital em grandes massas, consequência das invenções das últimas e atuais gerações. Em épocas anteriores, o tamanho e o alcance das empresas estavam sujeitos a

restrições naturais. Havia limites para a quantidade de capital que podia ser utilizada com vantagem por uma única administração. Hoje não há limites, a não ser os confins da Terra, para o alcance de qualquer empreendimento comercial; e não só não há limite para a quantidade de capital que pode ser utilizada por uma única empresa, como há um aumento na eficiência e na segurança do negócio proporcional à quantidade de capital nele investido. A economia na gestão resultante da consolidação, bem como o controle sobre o mercado decorrente do monopólio de um produto básico, também são razões comerciais sólidas para o surgimento do trust. Não se deve supor, entretanto, que o princípio da combinação tenha se estendido apenas às empresas que se autodenominam trusts. Isso seria subestimar enormemente o movimento. Existem muitas formas de combinação menos estreitas do que o trust, e comparativamente poucas empresas são hoje conduzidas sem algum acordo que se aproxime de uma combinação com seus antigos concorrentes — uma combinação que tende constantemente a se tornar mais estreita.

"Desde o momento em que essas novas condições começaram a prevalecer, as pequenas empresas vêm desaparecendo diante das maiores; o processo não tem sido tão rápido quanto imaginam as pessoas cuja atenção só recentemente foi chamada para ele. Nos últimos vinte anos, as grandes corporações vêm travando uma guerra de extermínio contra o enxame de pequenas empresas industriais, que são os glóbulos vermelhos de um sistema de livre concorrência e, com a decadência das quais, esse sistema morre. Enquanto os economistas debatiam sabiamente se poderíamos prescindir do princípio da iniciativa individual nos negócios, esse princípio já se extinguiu e agora pertence à história. Exceto em alguns recantos obscuros do mundo dos negócios, não há atualmente oportunidade para a iniciativa individual nos negócios, a menos que seja respaldada por um grande capital; e o tamanho do capital necessário está aumentando rapidamente. Enquanto isso, o mesmo aumento na eficiência do capital em massa, que destruiu as pequenas empresas, reduziu os gigantes que as destruíram à necessidade de chegar a um acordo entre si. Assim como na fantasia de Bulwer Lytton sobre a raça do futuro, em que o povo dos Vril-ya teve de abandonar a guerra porque suas armas se tornaram tão destrutivas a ponto de ameaçar a aniquilação mútua, também o mundo empresarial moderno constata que o aumento do tamanho e do poder das organizações de capital exige a supressão da concorrência entre elas em nome da

autopreservação.

"O primeiro grande grupo de empresas que adotou o princípio de se unir em vez de competir fez com que todos os outros grupos, mais cedo ou mais tarde, fossem obrigados a fazer o mesmo ou perecer. Pois, assim como a corporação é mais poderosa que o indivíduo, o sindicato supera a corporação. A ação dos governos para conter essa necessidade lógica da evolução econômica não pode produzir nada além de redemoinhos em uma corrente que nada pode conter. A cada semana, vê-se uma nova área do que antes era o grande mar aberto da concorrência — onde comerciantes aventureiros costumavam partir com pouco capital além de sua coragem e voltavam carregados —; a cada semana, agora, vê-se uma nova área desse mar antes aberto cercada, represada e transformada no viveiro particular de um sindicato. Afirmar que, a julgar pelo panorama atual, a consolidação substancial dos diversos grupos industriais do país, sob o domínio de algumas dezenas de grandes sindicatos, provavelmente estará concluída dentro de quinze anos (1889-1905) certamente não é uma afirmação totalmente precipitada.

"Uma mudança econômica tão grande quanto a que implica tirar a condução das indústrias do país das mãos do povo e concentrá-la na gestão de alguns grandes trustes não poderia, é claro, ocorrer sem uma reação social importante; e essa é uma reação que afetará de maneira peculiar o que se chama de classe média. Não se trata mais apenas de uma questão para os pobres e sem instrução, sobre o que fazer com seu trabalho; mas também para os instruídos e abastados, sobre onde encontrar negócios para realizar e investimentos empresariais para fazer. Essa dificuldade não pode deixar de aumentar constantemente, à medida que, um setor após o outro do campo de concorrência antes livre, é cercado por um novo consórcio. A classe média, a classe empresarial, está se transformando em uma classe proletária.

"Não é difícil prever o desfecho final da concentração industrial, caso seja levada adiante nos moldes atualmente indicados. Eventualmente, e em um período não muito distante, a sociedade estará dividida, por um lado, em algumas centenas de famílias de riqueza prodigiosa; por outro, em uma classe profissional dependente de seus favores, mas excluída da igualdade com elas e reduzida

à condição de lacaios e, abaixo disso, uma vasta população de trabalhadores e trabalhadoras, absolutamente sem esperança de melhorar uma condição que, ano após ano, afundaria cada vez mais irremediavelmente na servidão. Esse não é um quadro agradável, mas tenho certeza de que não é uma afirmação exagerada das consequências sociais do sistema dos consórcios."

O Sr. Bellamy sugere o nacionalismo como a cura para todos esses males. Examinaremos isso mais adiante.

A visão do reverendo Dr. Edward McGlynn

Vale lembrar que, há alguns anos, o Dr. McGlynn entrou em conflito com seus superiores eclesiásticos na Igreja Católica Romana, devido à sua defesa da reforma trabalhista e, especialmente, das teorias do Imposto Único. Embora tenha se reconciliado com a Igreja de Roma, ele continuou sendo um defensor do Imposto Único. Os trechos a seguir foram extraídos de um artigo de sua autoria publicado na *revista Donahoe's Magazine* (Boston, julho de 1895). Ao apresentar seu tema, "A Prevenção de Grandes Fortunas e a Melhoria do Padrão de Vida da Classe Trabalhadora", ele disse:

"É possível que os homens acumulem, de forma honesta — conforme o mundo entende atualmente a honestidade nos negócios —, fortunas como as que possuem os Vanderbilts ou os Astors, que chegam a centenas de milhões. Não é porque essas pessoas sejam desonestas que suas fortunas crescem, mas porque os líderes do povo são ignorantes ou indiferentes ao fiscalizar os canais pelos quais a riqueza flui do trabalhador individual para o tesouro comum. É o mecanismo de distribuição que está falho. Quando, portanto, o trabalho tiver dado sua contribuição diária para o sustento do mundo, se os processos dessa contribuição forem cuidadosamente estudados — desde o momento em que o trabalhador toca a matéria-prima que deve converter em riqueza até que o produto acabado seja colocado nas mãos de seu usuário —, verá-se que os criadores de fortunas colossais, sob o pretexto da lei e dos costumes, tomaram posse de todos os pontos importantes do processo, e estão transformando a riqueza, que deveria ir para os cofres de milhões de pessoas, em sua própria riqueza."

O Dr. McGlynn insiste que, ao se buscar explicar as grandes fortunas e os baixos salários, três questões principais devem ser cuidadosamente estudadas: (1) a terra e outras riquezas naturais sobre as quais o homem exerce suas faculdades; (2) os meios de transporte; e (3) o dinheiro, o meio que facilita as trocas de produtos. Ver-se-á, diz ele, que o povo tem sido indiferente a esses pontos, aos quais os especuladores têm prestado extrema atenção. Citamos:

"Apropriar-se dessas riquezas naturais, monopolizá-las sob o pretexto da lei e dos costumes e obrigar todos os que as utilizam a pagar antecipadamente por esse privilégio tem sido o objetivo dos que ganham dinheiro desde o início dos tempos. É fácil acumular uma fortuna de cem milhões quando se pode cobrar impostos por duas ou três décadas dos milhões que precisam comprar pão e carne, madeira e carvão, algodão e lã, todos provenientes da terra. Isso é o que tem sido feito diretamente nos países europeus, onde, como na nação britânica e na Irlanda, milhões de acres foram confiscados por poucos sob o pretexto da lei, e o povo foi obrigado a pagar primeiro pela permissão para ter acesso à terra e, depois, pela permissão para continuar seu trabalho nela."

"O mesmo aconteceu indiretamente neste país quando milhões de acres foram concedidos às grandes ferrovias, e os capitalistas foram autorizados a se apropriar de outros milhões por meio de vários subterfúgios, tudo para ser mantido sob controle rígido até que a onda de imigração elevasse essas propriedades a valores incalculáveis, quando então foram vendidas a preços que tornaram os milionários tão comuns neste país e na Europa quanto os cavaleiros na Inglaterra. Os leitores de jornais conhecem bem a trajetória e os métodos dos magnatas do carvão da Pensilvânia e de outros lugares, que se apoderaram das grandes regiões produtoras de carvão sob o pretexto da lei e, por quarenta anos, cobraram tributos tanto dos consumidores quanto dos mineiros por meio de todos os artifícios que a engenhosidade humana pudesse inventar, sem qualquer consideração pela justiça. . . .

"Assim como poucos obtêm o controle, quase absoluto, das riquezas naturais, também obtêm o controle dos meios

de transporte de um país. O que isso significa é melhor compreendido pela afirmação de que a sociedade não avança sem uma troca adequada de mercadorias; para que a civilização progrida em todos os aspectos, os homens devem dispor das melhores facilidades para trocar o fruto de seu trabalho. A facilidade de transporte
é, portanto, tão vitalmente necessária para o trabalhador quanto a facilidade de acesso às riquezas naturais; e como todos os homens são trabalhadores no verdadeiro sentido da palavra, os poucos que se colocaram no comando dos meios de transporte de uma nação enriquecem incrivelmente no menor espaço de tempo, porque tributam de forma mais completa e absoluta cada ser humano em sua jurisdição do que o próprio governo.

"Os Vanderbilts valem hoje talvez um terço de bilhão. Como conseguiram isso? Com trabalho árduo? Não. Usando os privilégios que lhes foram concedidos tolamente pelo povo tolo: o direito de passagem pelo estado de Nova York; o direito de fixar quais tarifas de frete e passagem os cidadãos da comunidade devem pagar para usar suas próprias estradas; o direito de deter imensos domínios do Estado como se fossem fruto de suas próprias mãos. Nenhum
nenhum indivíduo ou empresa deveria ter permissão para acumular bilhões a partir dessas propriedades públicas...

"O mesmo pode ser dito do meio de troca – o dinheiro. Aqui, mais uma vez, o mundo parece estar completamente perdido quanto aos princípios elementares desse problema; somente os agiotas possuem princípios fixos e lucrativos, que lhes permitem cobrar de cada ser humano que usa dinheiro, tanto pelo uso quanto pela continuidade do privilégio de usá-lo. Eles se colocaram entre os homens e o meio de troca, assim como outros se colocaram entre os homens e as riquezas naturais, entre os homens e as facilidades de transporte de mercadorias para o mercado. Como poderiam deixar de acumular milhões, como fizeram os Rothschilds; milhões, mais uma vez, que deveriam, em grande parte, ir para o tesouro da comunidade."

O Dr. McGlynn resume suas conclusões da seguinte forma:

"A organização é boa para manter o preço da mão de obra, para garantir uma legislação sólida, para obrigar os empregadores a fornecer moradia aos seus trabalhadores

bem, os proprietários a fornecerem bons imóveis para moradia e assim por diante; mas a raiz de todas as nossas dificuldades, a explicação para nossas condições sociais desiguais e a causa de nossas grandes fortunas e baixos salários encontram-se na indiferença geral em relação às três necessidades da vida social e civilizada. Antes de podermos aumentar os salários de forma permanente e tornar as fortunas de Vanderbilt e Carnegie tão impossíveis quanto desnecessárias, precisamos aprender a manter as riquezas naturais, os meios de troca e o meio de troca livres do imposto do especulador, de sua interferência e de sua tirania."

O remédio do Dr. McGlynn é um "Imposto Único, que iremos examinaremos no capítulo seguinte. É, no entanto, oportuno aqui chamar a atenção para o fato de que os Astors e os Vanderbilts acumularam sua riqueza sob as mesmas leis que regiam seus concidadãos e que, até então, foram consideradas as leis mais justas e equitativas que o mundo já conheceu. É importante notar, também, que os milhões dos Vanderbilt foram conquistados em conexão com grandes *serviços* públicos e grande *benefício* público; embora o motivo inspirador tenha sido o interesse próprio e não o bem-estar público. O ponto importante a ser observado é que a ciência e a invenção provocaram uma revolução completa no equilíbrio social, pela qual tanto o cérebro quanto o músculo são desvalorizados pela posse de terras, maquinário e riqueza. É necessário um novo código de leis devidamente ajustado, adequado às novas condições. Mas é aí que reside a dificuldade: não é possível fazer um ajuste satisfatório porque as partes interessadas – Capital e Trabalho – não adotam, nenhuma delas, uma visão moderada e razoável da situação. Pode-se, de fato, dizer que nenhuma delas *consegue* encarar a questão com retidão, pois ambas são governadas pelo *egoísmo,* que geralmente é bastante cego à equidade até ser compelido a enxergá-la. As *novas* condições exigem um reajuste das relações com base no *amor*; e, como essa qualidade é possuída por apenas uma pequena minoria em cada uma das partes da controvérsia, surgirão, portanto, os problemas, que não apenas destruirão a atual ordem social baseada no egoísmo, mas prepararão todas as classes, por meio da experiência, para apreciar a

nova ordem social, os "novos céus e a nova terra" a serem estabelecidos sob o domínio do Messias.

A Visão do Professor W. Graham

Outro escritor, o Prof. W. Graham, na *revista The Nineteenth Century* (fevereiro de 1895), discutiu a questão social do ponto de vista conhecido na Inglaterra como "coletivismo" — a doutrina de que o povo como um todo deveria possuir ou controlar os bens materiais e os meios de produção: em oposição ao individualismo. A conclusão do Prof. Graham é que, uma vez que não se pode supor uma transformação dos corações dos homens, o método só poderia ser introduzido em grau limitado e após um longo período. Ele disse:

"É impraticável, pelo menos, a menos que a natureza humana, em sua essência e desejos fundamentais — sejam eles eternamente inatos ou profundamente enraizados como resultado de milhares de anos de lenta evolução social que tende a intensificá-los —, seja simultaneamente transformada na maioria dos homens por uma espécie de milagre geral. Acredito, além disso, que se alguma vez se tentasse estabelecer neste país algo semelhante ao coletivismo em toda a sua plenitude, mesmo por uma suposta maioria em algum novo 'parlamento louco' que representasse até mesmo a maioria dos eleitores, isso seria resistido à força pela minoria, que, na suposição mais ousada, nunca poderia ser pequena; e seria resistido porque envolveria necessariamente confisco, bem como revolução política, econômica e social. Se, finalmente, alguma vez, por alguma combinação extraordinária de circunstâncias, fosse momentaneamente estabelecido — como seria concebível em um país como a França, que tem uma grande propensão para isso, bem como algumas memórias coletivistas —, não poderia de forma alguma durar. Ele nem mesmo poderia ser posto em prática a não ser nominalmente, devido à sua impraticabilidade inerente; enquanto, enquanto existisse, mesmo que parcialmente ou nominalmente, traria, após a primeira grande divisão geral — cujas parcelas logo se dissipariam —, além do caos social geral, males que incluiriam a pobreza para todas as classes e uma pobreza maior do que a que prevalece atualmente."

O professor passou a apresentar provas da correção dessas visões e, em seguida, perguntou: "O coletivismo funcionaria satisfatoriamente mesmo que, de alguma forma, fosse instalado e colocado em prática?" Ele responde negativamente. Ele diz:

"Haveria falta de empenho generalizada entre inventores, organizadores, encarregados e até mesmo entre a classe mais qualificada de trabalhadores, se eles não fossem estimulados por uma remuneração extra a dar o máximo e o melhor de si; em resumo, se o atual estímulo enorme e de amplo alcance do interesse privado fosse removido ou mesmo seriamente diminuído, o resultado inevitável seria uma produção grandemente reduzida em quantidade e inferior em qualidade. Seria necessário conceder pelo menos 'prêmios pela produção' e, enquanto os homens forem como são — e provavelmente continuarão sendo por muito tempo —, esses prêmios teriam de ser concedidos em escala generosa; ou seja, seria necessário afastar-se da igualdade de remuneração no que diz respeito a esses trabalhadores de nível superior. Caso contrário, haveria uma pobreza da qual todos participariam igualmente, e os trabalhadores comuns teriam de contrabalançar sua pobreza apenas com a pobre satisfação de saber que as antigas classes ricas haviam sido todas arrastadas para compartilhá-la com eles."

Para impedir o declínio da civilização e um retorno à barbárie, continuou o professor, logo seria necessário reintroduzir a desigualdade salarial e a iniciativa privada. Gradualmente, a concorrência, os empréstimos privados, o câmbio e os juros teriam de ser permitidos e, no fim, verificaria-se que o novo sistema diferia muito pouco da ordem atual. Ele concluiu:

"As coisas seriam modificadas cada vez mais na velha direção, até que, finalmente, haveria a inevitável contrarrevolução, provavelmente sem nenhuma nova guerra civil, para a qual a classe governante não teria mais coragem diante da diminuição de seus apoiadores e de seu próprio fanatismo em declínio. Haveria uma grande restauração, não de uma dinastia, mas de um sistema social; o antigo sistema baseado na propriedade privada e nos contratos, que surgiu, como uma lenta evolução em todas as

civilização, como o sistema mais adequado à natureza humana em um estado de agregação, e que é ainda mais adequado e necessário diante das circunstâncias, físicas e sociais, de nossa complexa civilização moderna."

Acreditamos que já muito foi feito pelas massas por meio do coletivismo, como, por exemplo, no sistema de escolas públicas dos Estados Unidos, nos sistemas postais do mundo civilizado, na propriedade municipal das redes de abastecimento de água, etc., e que muito mais ainda poderia ser realizado nessa mesma linha. No entanto, todas as pessoas sensatas devem concordar com o argumento de que, se os laços do egoísmo — que hoje movem o mundo — forem cortados, colocando todos os homens no mesmo nível, uma nova força motriz (o Amor) precisaria tomar seu lugar; caso contrário, as atividades do mundo parariam repentinamente: a preguiça substituiria a indústria, e a pobreza e a carência suplantariam o conforto e a riqueza.

Mas apresentamos essas dificuldades não porque tenhamos uma teoria "patenteada" própria para defender, mas para que aqueles que buscam a sabedoria que vem do alto, por meio da Bíblia, possam ver com mais clareza o desamparo da humanidade na crise atual e possam, com mais confiança e firmeza, apegar-se pela fé ao Senhor e ao remédio que Ele aplicará no tempo certo.

As opiniões de um membro da Suprema Corte

O juiz Henry B. Brown, ao discursar para os ex-alunos do Departamento de Direito da Faculdade de Yale, escolheu como tema "O Século XX". Ele destacou que as mudanças do século XX prometem ser de natureza social, e não política ou jurídica, e, em seguida, citou os três perigos mais proeminentes que ameaçam o futuro imediato dos Estados Unidos: (1) corrupção municipal, (2) ganância corporativa e (3) a tirania dos sindicatos. Entre outras coisas, ele afirmou:

"Provavelmente, em nenhum país do mundo a influência da riqueza é mais potente do que neste, e em nenhum período de nossa história

ela foi mais poderosa do que agora. As multidões nunca são lógicas e tendem a se agarrar a pretextos, em vez de razões, para descarregar sua vingança sobre classes inteiras da sociedade. Provavelmente nunca houve uma desculpa mais frágil para um grande tumulto do que a greve solidária do verão passado [1895], mas por trás dela havia queixas substanciais. Se a riqueza não respeitar as regras da honestidade comum no uso de seu poder, não terá motivos para esperar moderação ou discrição por parte daqueles que resistem às suas invasões.

"Falei da ganância corporativa como outra fonte de perigo para o Estado. A facilidade com que se obtêm concessões gerou grandes abusos. As empresas são constituídas sob as leis de um Estado com o único propósito de realizar negócios em outro, e ferrovias são construídas na Califórnia sob concessões outorgadas pelos Estados a leste do Mississippi com o objetivo de transferir seus litígios para os tribunais federais. As maiores fraudes são cometidas na construção dessas ferrovias pelos próprios diretores, sob o pretexto de uma empresa de construção — outra corporação — à qual são transferidos todos os títulos, hipotecas e outros valores mobiliários, independentemente do custo real da ferrovia. A ferrovia é equipada da mesma forma por outra corporação, formada pelos próprios diretores, que compra o material rodante e o aluga para a ferrovia, de modo que, quando ocorre a inevitável execução hipotecária, verifica-se que os acionistas foram defraudados em benefício dos credores hipotecários, e os credores hipotecários foram defraudados em benefício dos diretores. Os bens assim adquiridos, em desrespeito à honestidade e à moralidade, não se encontram em posição favorável para invocar a ajuda da lei em sua proteção.

"Pior do que isso, porém, é a combinação de empresas nos chamados trustes, para limitar a produção, sufocar a concorrência e monopolizar os bens de primeira necessidade. A extensão a que isso já chegou é alarmante; a extensão a que poderá chegar no futuro é revolucionária. A verdade é que toda a legislação societária precisa urgentemente de uma revisão, mas a dificuldade de obter uma ação conjunta por parte dos quarenta e quatro estados é aparentemente insuperável.

"De um âmbito totalmente diferente provém o terceiro e mais imediato perigo para o qual chamei sua atenção – a tirania do trabalho. Ela decorre da aparente incapacidade do trabalhador de perceber que os direitos que ele exige também deve conceder. Os trabalhadores podem desafiar as leis do país e derrubar suas próprias casas e as de seus empregadores sobre suas cabeças, mas são impotentes para controlar as leis da natureza — aquela grande lei da oferta e da demanda, em obediência à qual as indústrias surgem, florescem por um tempo e decaem, e tanto o capital quanto o trabalho recebem suas recompensas apropriadas."

O juiz Brown não vê esperança de reconciliação entre Capital e Trabalho, por ter uma mente demasiado lógica para supor que corpos que se movem em direções opostas possam algum dia se unir. Ele afirma ainda:

"O conflito entre eles vem se arrastando e se tornando cada vez mais acirrado há milhares de anos, e uma solução parece mais distante do que nunca. A arbitragem compulsória é um termo impróprio – uma contradição em termos. Seria o mesmo que falar de um assassinato amigável ou de uma guerra amigável. É possível que, finalmente, se chegue a um acordo com base na cooperação ou na participação nos lucros, sob o qual cada trabalhador se tornará, até certo ponto, um capitalista. Talvez, com educação superior, experiência mais ampla e inteligência mais desenvolvida, o trabalhador do século XX possa atingir o ápice de sua ambição na capacidade de dispor de todos os lucros de seu trabalho."---

Ao se referir à inquietação social decorrente dos males corporativos mencionados, ele propõe, como paliativo, mas não como remédio, a propriedade pública do que se denomina "monopólios naturais". Ele considera que esses privilégios deveriam ser exercidos diretamente pelo Estado ou pelo município, em vez de as corporações competirem e disputarem concessões por meio de subornos. Ele afirma:

"Não parece haver nenhuma razão válida para que tais concessões, que supostamente beneficiam o público, não sejam exercidas diretamente pelo público. Essa é, pelo menos,

a tendência da legislação moderna em quase todos os Estados altamente civilizados, exceto o nosso. Aqui, grandes interesses corporativos, ao alardear os perigos do paternalismo e do socialismo, conseguiram garantir concessões que, na verdade, pertencem ao público."

O senhor, evidentemente, expressa suas convicções honestas sem restrições — já que o cargo de juiz da Suprema Corte dos Estados Unidos é vitalício. Ele, portanto, poderia — e provavelmente o fez — sugerir tudo o que sabe a respeito de soluções para as condições que deplora. Mas qual é a solução temporária sugerida? Apenas um aspecto do socialismo (a propriedade pública dos "monopólios nacionais")
que todos, exceto banqueiros e acionistas de corporações, admitem que seria um benefício temporário – nada mais; e mesmo isso ele parece admitir que é duvidoso de ser alcançado, tão poderosamente arraigado está o Capital.

A "Briga Social" de Clemenceau

O editor do *jornal *La Justice**, de Paris, publicou há algum tempo um livro, ***Le Melee Sociale***, que recebeu muita atenção devido à proeminência de seu autor como legislador e editor. O livro aborda a questão social com vigor, sustentando que a luta cruel e implacável pela existência é tão característica da sociedade humana quanto nos reinos animal e vegetal, e que a chamada civilização não passa de um fino verniz que disfarça a brutalidade essencial do homem. Ele vê toda a história da sociedade simbolizada em Caim, o primeiro assassino, e afirma que, embora o Caim moderno não mate seu irmão diretamente, ele se esforça sistematicamente para esmagar aquele sobre quem, pela força ou pela fraude, conquistou uma vantagem de poder. Apresentamos a seguir alguns trechos marcantes desse livro:

"Parece-me notável que a humanidade tenha precisado da reflexão de séculos e da investigação das maiores mentes para descobrir o fato simples e evidente de que o homem sempre esteve em guerra com o homem, e que essa guerra

tenha durado desde o início da raça humana. De fato, a imaginação não consegue evocar completamente uma visão do tremendo, sangrento e universal massacre que vem ocorrendo nesta Terra desde que ela emergiu do caos.

"O trabalho forçado do escravo acorrentado e o labutar livre do trabalhador assalariado repousam ambos sobre a base comum da derrota do mais fraco e de sua exploração pelo mais forte. A evolução mudou as condições da batalha, mas, sob uma aparência mais pacífica, a luta mortal ainda continua. Apropriar-se da vida e do corpo alheios para submetê-los aos próprios fins — esse tem sido o objetivo e a finalidade imutável da maioria dos homens, desde o canibal selvagem, passando pelo barão feudal e pelo proprietário de escravos, até o empregador dos nossos dias."

O principal problema da civilização é assim exposto por M. Clemenceau:

"A fome é o inimigo da raça humana. Enquanto o homem não tiver vencido esse inimigo cruel e degradante, as descobertas da ciência parecerão apenas uma ironia diante de seu triste destino. É como dar luxos a um homem quando ele nem mesmo dispõe do necessário para viver. É a lei da natureza, e a mais cruel de todas as suas leis. Ela obriga a humanidade a inventar, a se torturar e a se destruir, para preservar a qualquer custo esse bem ou mal supremo chamado vida.

"Outras formas de vida disputam o direito do homem à vida. Ele se defende organizando-se em comunidades. À sua fraqueza física, a primeira causa de sua derrota, soma-se agora sua fraqueza social. E agora pode-se perguntar: chegamos a um grau de civilização tal que possamos conceber e estabelecer uma organização social na qual a possibilidade de morte por pobreza ou fome possa ser eliminada? Os economistas não hesitam. Respondem com ousadia que *não*."

É dever do Estado e dos membros ricos da comunidade, na visão de M. Clemenceau, abolir a fome e

reconhecer o "direito à vida". Não apenas por uma questão de direito, mas também de conveniência, a comunidade deve cuidar dos infelizes e dos incapazes. Citamos novamente:

"Não é dever dos ricos socorrer os infelizes? Chegará o dia em que o espetáculo de um homem morrendo [de fome], enquanto outro tem mais milhões do que sabe o que fazer com eles, será intolerável para todas as comunidades civilizadas — tão intolerável, de fato, quanto a instituição da escravidão seria nesta comunidade hoje. Os problemas do proletariado não se restringem, de forma alguma, à Europa. Parecem ser igualmente graves na América 'livre', o paraíso de todo pobre infeliz deste lado do Atlântico."

O que foi exposto acima é uma visão francesa. Isso pode ou não implicar que a situação seja pior na França do que nos Estados Unidos. Pelo menos por uma coisa somos gratos: aqui, graças a uma tributação liberal e a generosas contribuições, a morte por inanição não é inevitável. O que se deseja é algo mais do que a mera existência. A felicidade é necessária para tornar a existência desejável.

O Sr. Clemenceau vê e denuncia as falhas do atual sistema social, mas não oferece nenhuma solução razoável para elas; por isso, seu livro não passa de um incitador de contenda e de inquietação. É bastante fácil tornar a nós mesmos e aos outros mais insatisfeitos e desconfortáveis; e todo livro ou artigo que não ofereça bálsamo curativo, nenhuma teoria ou esperança de escapar das dificuldades, seria muito melhor que não tivesse sido escrito nem publicado. *As Escrituras*, graças a Deus, fornecem não apenas um bálsamo reconfortante, mas a única e infalível *cura* para a doença do mundo — o pecado, a depravação egoísta e a morte —, pelas mãos do grande mediador, do Bom Médico e do Doador da Vida. E este mesmo volume se empenha em chamar a atenção para esses remédios celestiais. Mas, de passagem, estamos apresentando o caráter desesperador da doença e a falta de esperança dos remédios disponíveis no mundo.

ESTUDO X

SOLUÇÕES PROPOSTAS – SOCIAIS E FINANCEIRAS

Proibição e sufrágio feminino – Liberdade do comércio da prata e tarifas protecionistas – "Comunismo" – "Eles tinham tudo em comum" – "Anarquismo", "Socialismo" ou "Coletivismo" – Babbitt sobre a Reconstrução Social – Herbert Spencer sobre o Socialismo – Exemplos de Duas Comunidades Socialistas – "Nacionalismo" – A Educação Técnica Geral como Solução – A "Solução do Imposto Único" – A Resposta de Henry George ao Papa Leão XIII
sobre o Trabalho – O Dr. Lyman Abbott sobre a Situação – Sugestões de um Bispo da Igreja Metodista Episcopal – Outras Esperanças e Medos – A Única Esperança – "Aquela Esperança Abençoada" – A Atitude Adequada para o Povo de Deus que Vê Essas Coisas –
no mundo, mas não do mundo.

"Não há bálsamo em Gileade? Não há médico ali?" "Gostaríamos de ter curado Babilônia, mas ela não está curada: abandonai-a, e vamos cada um para o seu próprio país; pois o seu julgamento chega até o céu." – Jer. 8:22; 51:7-9.

VÁRIOS são os remédios defendidos como "panaceias" para o alívio da criação que geme em sua condição atual, reconhecidamente grave; e todos os que se solidarizam com o corpo político sofredor devem também se solidarizar com os esforços de seus diversos médicos, que, tendo diagnosticado o caso, estão profundamente ansiosos para que o paciente experimente suas prescrições. As tentativas de encontrar uma cura e aplicá-la são certamente louváveis e contam com a apreciação de todas as pessoas de bom coração. No entanto, um julgamento sóbrio, iluminado pela Palavra de Deus, nos diz que nenhum dos remédios propostos curará a doença. A presença e os serviços do Grande Médico, com seus remédios – medicamentos, talas, curativos, camisas de força e lancetas – serão necessários; e nada menos

de seu uso eficiente e persistente que levará à cura da doença da depravação e do egoísmo humanos. Mas examinemos brevemente as prescrições de outros médicos, para que possamos observar como algumas delas se aproximam da sabedoria de Deus e, ainda assim, quão longe todas elas ficam dela — não por uma questão de controvérsia, mas para que todos possam ver com mais clareza a única direção da qual se deve esperar ajuda.

A PROIBIÇÃO E O SUFRÁGIO FEMININO COMO REMÉDIOS

Esses dois remédios costumam ser combinados, pois se admite que a proibição nunca poderá obter apoio majoritário a menos que as mulheres tenham voto livre – e mesmo assim isso é duvidoso. Os advogados desse remédio apresentam estatísticas para provar que grande parte dos problemas e da pobreza da cristandade se deve ao comércio de bebidas alcoólicas; e afirmam que, se ele fosse abolido, a paz e a abundância seriam a regra e não a exceção.

Compartilhamos sinceramente de grande parte do que se alega nesse sentido: a embriaguez é certamente um dos frutos mais nocivos da civilização; além disso, está se espalhando rapidamente entre os semicivilizados e os bárbaros. Ficaríamos felizes em vê-la abolida agora e para sempre. Estamos dispostos a admitir, também, que sua abolição aliviaria grande parte da pobreza atual e que, por causa dela, centenas de milhões de riqueza são, anualmente, muito mais do que desperdiçados. Mas esse não é o remédio para curar os males decorrentes das atuais condições sociais egoístas, nem para enfrentar e neutralizar a pressão esmagadora da “Lei da Oferta e da Demanda”, que avançaria tão implacavelmente como sempre, sugando a força vital das massas.

Quem, de fato, esbanja os milhões gastos anualmente com bebidas alcoólicas? – Os muito pobres? Não, de modo algum; os ricos! Os ricos, em primeiro lugar, e, em segundo lugar, a classe média. Se o comércio de bebidas alcoólicas fosse abolido amanhã, longe de aliviar a pressão financeira sobre os muito pobres, teria o efeito contrário. Milhares de agricultores que hoje cultivam os milhões de bushels

de cevada, centeio, uvas e lúpulo utilizados na fabricação de bebidas alcoólicas seriam obrigados a cultivar outras safras, o que, por sua vez, deprimiria ainda mais os preços dos produtos agrícolas em geral. O vasto exército de dezenas de milhares de destiladores, tanoeiros, engarrafadores, vidreiros, caminhoneiros, donos de bares e garçons, atualmente empregados nesse comércio, seria forçado a encontrar outro emprego e pressionaria ainda mais o mercado de trabalho, reduzindo, consequentemente, o nível dos salários diários. Os milhões e milhões de capital atualmente investidos nesse comércio entrariam em outros setores e intensificariam a concorrência empresarial.

Tudo isso não deve nos impedir de desejar a eliminação dessa maldição, se fosse possível obter o consentimento da maioria para isso. Mas nunca se encontrará uma *maioria* (exceto em localidades excepcionais). A maioria é composta por escravos desse apetite e por aqueles que têm interesse financeiro nele, seja direta ou indiretamente. A proibição não será estabelecida até que o Reino de Deus seja estabelecido. Apenas ressaltamos aqui que a remoção dessa maldição, mesmo que viável, não curaria a atual doença social e financeira.

Os Remédios da Prata Livre e da Tarifa Protecionista

Admitimos abertamente que a desmonetização da prata pela cristandade foi um golpe de mestre da política egoísta por parte dos agiotas para diminuir o volume da moeda padrão e, assim, aumentar o valor de seus empréstimos; para permitir a manutenção de altas taxas de juros sobre tais dívidas devido à redução da moeda legal, enquanto todos os outros investimentos empresariais, assim como a mão de obra, sofrem depreciação constante como resultado do aumento da oferta e da concorrência. Muitos banqueiros e agiotas são homens "honestos" de acordo com o padrão legal de honestidade; mas, infelizmente, o padrão de alguns é muito baixo. Ele diz: "Nós, banqueiros e agiotas, vamos cuidar dos nossos interesses, e que os agricultores, menos astutos, cuidem de si mesmos". Vamos iludir os mais pobres e menos astutos chamando o ouro de "moeda honesta" e a prata de "moeda desonesta". Muitos dos pobres desejam ser honestos,

e, assim, podem ser intimidados e persuadidos a apoiar nossos planos, que, no entanto, serão difíceis para os "colhedores". Sob a influência de nosso discurso sobre o "dinheiro honesto" e de nosso prestígio como homens honrados, de nossa reputação como financistas e homens ricos, eles concluirão que qualquer opinião contrária à nossa deve estar errada; esquecerão que a prata tem sido o padrão mundial desde os primórdios da história e que o ouro, assim como as pedras preciosas, era antigamente uma mercadoria, até ser adicionado à prata para atender à crescente demanda por dinheiro suficiente para conduzir os negócios mundiais. Atualmente, a taxa de juros está caindo em nossos centros financeiros; quão mais baixa seria a taxa de juros se toda a prata tivesse valor monetário e o dinheiro fosse, assim, mais abundante! Nosso próximo passo deve ser retirar todo o papel-moeda de circulação e, assim, sustentar a taxa de juros.

De acordo com a lei da oferta e da demanda, todo tomador de empréstimo tem interesse em dispor de dinheiro em abundância — prata, ouro e papel-moeda; de acordo com a mesma lei, todo banqueiro e credor tem interesse em abolir o papel-moeda e em desacreditar a prata; pois quanto menos dinheiro houver com valor de cancelamento de dívidas, mais esse pouco será procurado. Portanto, enquanto os valores do trabalho e do comércio estão caindo, o dinheiro está em alta e as taxas de juros praticamente se mantêm estáveis.

Como já foi demonstrado, as indicações proféticas parecem sugerir que a prata não terá restaurados os privilégios iguais aos do ouro como moeda-padrão no mundo civilizado. Mas é evidente que, mesmo que fosse totalmente restaurada, seu alívio seria apenas temporário: isso eliminaria o incentivo específico agora concedido aos fabricantes no Japão, na Índia, na China e no México; aliviaria o setor agrícola da cristandade e, assim, removeria parte da pressão atual sob a qual todos se esforçam "para pagar as contas"; e, dessa forma, poderia adiar o colapso por mais algum tempo. Mas, aparentemente, Deus não deseja adiar assim o "dia mau"; e, por isso, o egoísmo humano,

cego a toda razão, dominará e levará à ruína ainda mais rapidamente; como está escrito: "a sabedoria dos seus sábios perecerá"; e "nem a prata nem o ouro deles poderão livrá-los no dia da ira do Senhor."-----Sof. 1:18; Ez. 7:19; Is. 14:4-7, nota de rodapé; 29:14.

A proteção, sabiamente calibrada de modo a evitar a criação de monopólios e a desenvolver todos os recursos naturais de um país, é, sem dúvida, de alguma vantagem para impedir o rápido nivelamento da mão de obra em todo o mundo. No entanto, no máximo, trata-se apenas de um plano inclinado pelo qual os salários descerão para o nível mais baixo, em vez de um salto mais brusco pelo precipício. Mais cedo ou mais tarde, sob o sistema competitivo que hoje prevalece, tanto os bens quanto os salários serão forçados a atingir um nível quase comum em todo o mundo.

Nem a "Prata Livre" nem a tarifa protetora, portanto, podem alegar ser *remédios* para os males atuais e iminentes, mas meramente paliativos.

O COMUNISMO COMO REMÉDIO

O comunismo propõe um sistema social no qual haverá comunhão de bens; no qual toda a propriedade será de propriedade comum e funciona no interesse geral, e todos os lucros de todo o trabalho serão dedicados ao bem-estar geral – "a cada um segundo suas necessidades". A tendência do comunismo ficou ilustrada na Comuna de Paris. Sua definição, dada pelo reverendo Joseph Cook, é: *"Comunismo* significa a abolição da herança, a abolição da família, a abolição das nacionalidades, a abolição da religião, a abolição da propriedade".

Algumas características do comunismo poderíamos elogiar (ver Socialismo), mas, como um todo, ele é totalmente impraticável. Tal arranjo provavelmente funcionaria muito bem no céu, onde todos são perfeitos, puros e bons, e onde reina o amor; mas um momento de reflexão deveria provar a

a qualquer homem de bom senso e experiência que, no estado atual do coração humano, tal esquema é totalmente impraticável. A tendência seria transformar todos em parasitas. Logo teríamos uma competição para ver quem conseguia fazer o mínimo e o pior trabalho; e a sociedade logo cairia na barbárie e na imoralidade, levando à rápida extinção da raça.

Mas alguns imaginam que o comunismo é ensinado na Bíblia e que, consequentemente, deve ser o verdadeiro remédio — o remédio de Deus. Para muitos, esse é o argumento mais forte a seu favor. É muito comum a suposição de que ele foi instituído por nosso Senhor e pelos apóstolos e que deveria ter continuado a ser a regra e a prática dos cristãos desde então. Apresentamos, portanto, a seguir, um artigo sobre essa faceta do assunto, extraído de nossa própria revista:

"ELES TINHAM TUDO EM COMUM"

"E todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum; e vendiam suas propriedades e bens, e os repartiam entre todos, conforme a necessidade de cada um. E, perseverando diariamente em uníssono no templo e partindo o pão de casa em casa, tomavam suas refeições com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo." – Atos 2:44-47.

Esse era o sentimento espontâneo da Igreja primitiva: o egoísmo deu lugar ao amor e ao interesse geral. Que experiência abençoada! E, sem dúvida, um sentimento semelhante, mais ou menos claramente definido, surge no coração de todos aqueles que se converteram verdadeiramente. Quando, pela primeira vez, tivemos uma percepção real do amor e da salvação de Deus, quando nos entregamos completamente ao Senhor e compreendemos os dons que Ele nos concedeu — que dizem respeito não apenas à vida presente, mas também à que está por vir —, sentimos uma exuberância de alegria, que nos levou a ver em cada companheiro de jornada rumo à Canaã celestial um irmão ou uma irmã em quem

confiávamos como ligados ao Senhor e portadores de seu espírito; e estávamos dispostos a tratar a todos eles como trataríamos ao Senhor, e a compartilhar com eles tudo o que tínhamos, assim como compartilharíamos tudo com nosso redentor. E, em muitos casos, foi por meio de um choque brusco que fomos despertados para o fato de que nem nós nem os outros somos perfeitos na carne; e que, por mais que o povo do mestre possua agora do espírito do mestre, eles "têm esse tesouro em vasos de barro" de fragilidade e desfalecimento humanos.

Então aprendemos, não apenas que as fraquezas da carne dos outros homens precisavam ser levadas em conta, mas que nossas próprias fraquezas da carne precisavam de vigilância constante. Descobrimos que, embora todos tivessem compartilhado da queda de Adão, nem todos haviam caído da mesma forma, ou exatamente nos mesmos aspectos. Todos se afastaram da semelhança de Deus e do espírito de amor, passando para a semelhança de Satanás e o espírito de egoísmo; e assim como o amor tem diversas formas de manifestação, o mesmo ocorre com o egoísmo. Consequentemente, o egoísmo funcionando em um indivíduo gerou um desejo de conforto, preguiça e indolência; em outro, produziu energia, trabalho em prol dos prazeres desta vida, autogratificação, etc.

Entre aqueles que são *ativamente* egoístas, alguns encontram satisfação pessoal em acumular uma fortuna e ouvir dizer: "Ele é rico"; outros satisfazem seu egoísmo buscando a honra dos homens; outros, nas vestimentas; outros, nas viagens; outros, na devassidão e nas formas mais baixas e mesquinhas de egoísmo.

Cada um que nasce para a nova vida em Cristo, com seu novo espírito de amor, depara-se com um conflito que se inicia, lutas internas e externas; pois o novo espírito guerreia contra qualquer forma de egoísmo ou depravação que antes exercia controle sobre nós. A "nova mente de Cristo, cujos princípios são justiça e amor,
se afirma; e lembra à *vontade* que ela consentiu e se comprometeu com essa mudança. Os desejos da carne (os desejos egoístas, seja qual for sua inclinação), auxiliados pela influência externa dos amigos, argumentam e discutem a questão, insistindo que nenhuma medida radical deve ser tomada — que tal caminho seria insensato,

insano, impossível. A carne insiste que o velho caminho não pode ser mudado, mas concordará com pequenas modificações e em não fazer nada tão extremo quanto antes.

A grande maioria do povo de Deus parece concordar com essa parceria, que, na verdade, ainda é o reinado do egoísmo. Mas outros insistem que o espírito ou a mente de Cristo deve ter o controle. A batalha que se segue é dura (Gál. 5:16, 17); mas a nova vontade deve vencer, e o eu, com seu próprio egoísmo ou desejos depravados, deve ser considerado morto. – Col. 2:20; 3:3; Rom. 6:2-8.

Mas isso põe fim à batalha para sempre? Não –

> "Nunca penses que a vitória está
> conquistada, nem te acomodes
> nem por um instante;
> Tua árdua tarefa não estará concluída
> até que tenhas conquistado tua
> coroa."

Ah, sim, devemos renovar a batalha diariamente e implorar pela ajuda divina e recebê-la, para que possamos concluir nossa corrida com alegria. Não devemos apenas vencer o eu, mas, assim como fez o Apóstolo, devemos subjugar nossos corpos. (1 Coríntios 9:27) E essa nossa experiência — de que devemos estar constantemente em alerta contra o espírito do egoísmo e de que devemos apoiar e promover em nós mesmos o espírito do amor — é a experiência de todos aqueles que, da mesma forma, "se revestiram de Cristo" e assumiram a vontade dele como sua. Daí a pertinência da observação do Apóstolo: "Daqui em diante, não conhecemos ninguém [em Cristo] segundo a carne. Conhecemos aqueles que estão em Cristo segundo o seu novo espírito,
e não segundo a sua carne caída. E se os vemos falhar às vezes, ou sempre em algum grau, e ainda assim vemos evidências de que a nova mente está lutando pelo domínio, estamos devidamente dispostos a simpatizar com eles, em vez de repreendê-los por pequenas falhas; 'lembrando-nos de nós mesmos, para que também não sejamos tentados [pela nossa antiga natureza egoísta, violando alguns dos requisitos da lei perfeita do amor]'."

Sob "a angústia presente", portanto, enquanto cada um tem todo o trabalho do mundo para manter seu próprio corpo sob controle e o espírito de amor em

controle, o bom senso, assim como a experiência e a Bíblia, nos dizem que é melhor não complicarmos as coisas tentando esquemas comunistas; mas que cada um trace caminhos tão retos quanto possível para seus próprios pés, para que aquilo que é coxo em nossa carne caída não se desvie totalmente do caminho, mas seja curado.

(1) *O bom senso* diz que, se os santos, com a ajuda divina, travam uma batalha constante para manter o egoísmo submetido ao amor, uma colônia ou comunidade promíscua certamente não conseguiria se governar por uma lei totalmente alheia ao espírito da maioria de seus membros. E seria impossível estabelecer um comunismo composto apenas de santos, porque não podemos ler os corações — apenas "o Senhor conhece aqueles que são seus". E se tal colônia de santos pudesse ser formada, e se ela prosperasse com todas as coisas em comum, todo tipo de pessoa mal-intencionada procuraria obter seus bens ou compartilhá-los; e, se fossem excluídos com sucesso, diriam todo tipo de mal contra eles; e assim, mesmo que se mantivesse unida, a iniciativa não seria um verdadeiro sucesso.

Alguns santos, assim como muitos do mundo, caíram tanto na indolência egoísta que nada além da necessidade os ajudará a ser "não preguiçosos nos negócios, mas fervorosos no espírito, servindo ao Senhor". E muitos outros são tão egoisticamente ambiciosos que precisam dos golpes do fracasso e da adversidade para amadurecer e capacitá-los a ter compaixão pelos outros, ou mesmo para levá-los a tratar os outros com justiça. Para ambas essas classes, a "comunidade" serviria apenas para impedir o aprendizado das lições adequadas e necessárias.

Tais comunidades, se deixadas ao domínio da maioria, afundariam ao nível da maioria; pois a minoria progressista e ativa, ao constatar que nada se ganharia com energia e economia em detrimento do descuido e da preguiça, também se tornaria descuidada e indolente. Se governadas por organizadores de vontade firme, como os Curadores e Gerentes Vitalícios, com base em um princípio paternal, o resultado seria mais favorável financeiramente; mas as massas, privadas de responsabilidade pessoal, degenerariam em meras ferramentas e escravos dos Curadores.

Ao bom senso, portanto, parece que o método do individualismo, com sua liberdade e responsabilidade, é o melhor para o desenvolvimento de seres inteligentes; mesmo que isso possa causar dificuldades muitas vezes a todos e, às vezes, a muitos.

O bom senso pode perceber que, se o Reino Milenar fosse estabelecido na Terra, com os governantes divinos então

prometidos, apoiados por sabedoria infalível e pleno poder para usá-la, estabelecendo "o julgamento segundo a linha e a justiça segundo o prumo, e governando não pelo consentimento das maiorias, mas pelo julgamento justo, como 'com vara de ferro', então o comunismo poderia ter sucesso; provavelmente seria a melhor condição possível e, se assim for, será o método escolhido pelo Rei dos reis. Mas por isso aguardamos; e, não tendo o poder nem a sabedoria para exercer tal poder teocrático, o espírito de uma mente sã simplesmente aguarda o tempo do Senhor, orando, entretanto: "Venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade na terra como no céu." E depois que o Reino de Cristo tiver trazido todos os dispostos de volta a Deus e à justiça, e tiver destruído todos os relutantes, então, com o Amor governando a Terra como no céu, podemos supor que os homens compartilharão em comum as misericórdias da Terra, assim como os anjos compartilham as bênçãos do céu.

(2) *A experiência* comprova o fracasso dos métodos comunistas nos dias de hoje. Já existiram várias comunidades desse tipo; e o resultado sempre foi o fracasso. A comunidade de Oneida, em Nova York, é uma cujo fracasso há muito é reconhecido. Outra, a Sociedade Harmony, da Pensilvânia, logo decepcionou as esperanças de seus fundadores, pois prevaleceu tanta discórdia que ela se dividiu. O ramo conhecido como Economites, localizado próximo a Pittsburgh, na Pensilvânia, prosperou por um tempo, de certa forma, mas agora está bastante enfraquecido; e a posse de suas propriedades está sendo disputada na Sociedade e nos tribunais.

Outras sociedades comunistas estão surgindo agora, mas terão muito menos sucesso do que essas, pois os tempos são diferentes; a independência é maior, o respeito e a reverência são menores, as maiorias governarão e, sem líderes sobre-humanos, certamente fracassarão. Líderes mundanos sábios estão cuidando de si mesmos, enquanto cristãos sábios estão ocupados em outras atividades — obedecendo ao mandamento do Senhor: "Vai e prega o evangelho".

(3) *A Bíblia* não ensina o comunismo, mas ensina o individualismo amoroso e atencioso, exceto no sentido do comunismo familiar – cada família agindo como uma unidade, na qual

o pai é o chefe e a esposa é uma com ele, sua co-herdeira da graça da vida, sua parceira em toda alegria e benefício, assim como em toda adversidade e tristeza. É verdade que Deus permitiu um arranjo comunista na Igreja primitiva, mencionado no início deste artigo; mas isso pode ter sido com o propósito de nos ilustrar a imprudência do método; e para que alguns, ao pensarem nesse esquema hoje, não concluíssem que os apóstolos não comandavam nem organizavam comunidades *porque* lhes faltava sabedoria para conceber e pôr em prática tais métodos; pois não se pode citar uma única palavra de nosso Senhor ou dos apóstolos defendendo os princípios comunistas; mas muito pode ser citado em sentido contrário.

É verdade que o apóstolo Pedro (e provavelmente outros apóstolos) tinha conhecimento desse primeiro arranjo comunista e cooperou com ele, mesmo que não tenha ensinado o sistema. Também se inferiu que a morte de Ananias e Safira fosse um indício de que a doação de todos os bens dos crentes era obrigatória; mas não é assim: o pecado deles foi o de *mentir*, como Pedro declarou ao analisar o caso. Enquanto possuíam a terra, não havia mal algum em mantê-la, se a tivessem adquirido honestamente; e mesmo depois de vendê-la, nenhum dano foi causado: o erro estava em afirmar falsamente que a quantia entregue representava *tudo* o que possuíam, quando na verdade não era tudo. Eles estavam tentando enganar os demais, obtendo uma parte do que todos possuíam sem entregar tudo o que lhes pertencia.

Na verdade, a Comunidade Cristã de Jerusalém foi um fracasso. “Surgiu uma murmuração” – “Porque suas viúvas estavam sendo negligenciadas nos cuidados diários”. Embora, sob a supervisão apostólica, a Igreja fosse pura, livre de “joio”, e todos possuíssem o tesouro do novo espírito ou da “mente de Cristo”, evidentemente esse tesouro estava apenas em vasos de barro deformados e retorcidos, que não conseguiam conviver bem uns com os outros.

Os apóstolos logo perceberam que a administração da comunidade interferiria grandemente em seu verdadeiro trabalho – a pregação do evangelho. Assim, eles deixaram essas coisas a cargo de outros. O apóstolo Paulo e outros viajavam de cidade em cidade

pregando a Cristo e a ele crucificado; mas, pelo que os registros mostram, eles nunca mencionaram o comunismo e nunca organizaram uma comunidade; e, no entanto, São Paulo declara: "Não me esquivei de vos anunciar todo o conselho de Deus". Isso prova que o comunismo não faz parte do evangelho, nem do conselho de Deus para esta era.

Pelo contrário, o apóstolo Paulo exortou e instruiu a Igreja a fazer coisas que seriam totalmente impossíveis de realizar como membros de uma sociedade comunista — que cada um "providenciasse para os seus próprios"; que "reservasse, no primeiro dia da semana, dinheiro para
o serviço do Senhor, conforme o Senhor os tivesse prosperado; que os servos obedecessem aos seus mestres, prestando o serviço com dupla boa vontade se o mestre também fosse um irmão em Cristo; e como os mestres deveriam tratar seus servos, como aqueles que, por sua vez, devem prestar contas ao grande Mestre, Cristo. – 1 Tim. 5:8; 6:1; 1 Cor. 16:2; Ef. 6:5-9.

Nosso Senhor Jesus não só não estabeleceu uma comunidade enquanto viveu, como também nunca ensinou que tal comunidade devesse ser estabelecida. Pelo contrário, em suas parábolas, ele ensinou que nem todos recebem o mesmo número de minas ou talentos, mas que cada um é um administrador e deve, individualmente (não coletivamente, como uma comunidade), administrar seus próprios assuntos e prestar suas próprias contas. (Mateus 25:14-28; Lucas 19:12-24. Veja também Tiago 4:13, 15.) Ao morrer, nosso Senhor confiou sua mãe aos cuidados de seu discípulo João, e o relato de João (19:27) diz: "E, daquela hora em diante, aquele discípulo a levou para sua própria casa." João, portanto, tinha um lar, assim como Marta, Maria e Lázaro. Se nosso Senhor tivesse formado uma comunidade, sem dúvida teria confiado sua mãe a ela, em vez de a João.

Além disso, a formação de uma comunidade de crentes se opõe ao propósito e aos métodos da era evangélica. O objetivo desta era é *testemunhar* Cristo perante o mundo e, assim, "separar um povo para o seu nome"; e, para esse fim, cada crente é exortado a ser uma luz ardente e resplandecente diante dos homens — o mundo em geral — e não apenas diante uns dos outros. Por isso, depois de permitir que a primeira comunidade cristã fosse

estabelecida, para mostrar que a falha em estabelecer comunidades de maneira geral não foi um descuido, o Senhor a desfez e dispersou os crentes por toda parte, para pregar o evangelho a toda criatura. Lemos: "Naquela época, houve uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e *todos* foram *dispersos* pelas regiões da Judéia e da Samaria, exceto os apóstolos", e eles foram por toda parte pregando o evangelho. – Atos 8:1, 4; 11:19.

Ainda é tarefa do povo de Deus brilhar como luzes no meio do mundo, e não se isolar em conventos, claustros ou comunidades. As promessas do Paraíso não se realizarão ao ingressar nessas comunidades. O desejo de se unir a tais "confederações" não passa de uma parte do
o espírito geral de nossos dias, contra o qual fomos previamente advertidos. (Isaías 8:12) "Confiai no Senhor e esperai pacientemente por ele." "Vigiai, portanto, e orai sempre, para que sejais considerados dignos de escapar de todas essas coisas
... e de permanecer diante do Filho do homem." – Lucas 21:36.

A ANARQUIA COMO REMÉDIO

Os anarquistas querem liberdade a ponto de chegar à ilegalidade. Aparentemente, chegaram à conclusão de que todo método de cooperação humana se revelou um fracasso e propõem destruir todas as restrições cooperativas entre os seres humanos. A anarquia é, portanto, o oposto exato do comunismo, embora alguns os confundam. Enquanto o comunismo destruiria todo o individualismo e obrigaria o mundo inteiro a compartilhar igualmente, a anarquia destruiria todas as leis e restrições sociais para que cada indivíduo pudesse fazer o que bem entendesse. O anarquismo é meramente destrutivo: até onde podemos constatar, ele não possui características construtivas. Provavelmente considera que já tem tarefa suficiente em mãos para destruir o mundo e que é melhor deixar que o futuro lute por si mesmo no que diz respeito à reconstrução.

Os trechos a seguir, extraídos de um livreto de dezesseis páginas publicado pelos anarquistas de Londres e distribuído em seu grande desfile do Dia do Trabalhador, dão uma ideia de suas noções descabidas e desesperadas:

"A crença de que deve haver autoridade em algum lugar e a submissão à autoridade estão na raiz de toda a nossa miséria. Como remédio, aconselhamos uma luta de vida ou morte contra toda

autoridade — autoridade física, personificada no Estado, ou autoridade doutrinária, resultado de séculos de ignorância e superstição, como religião, patriotismo, obediência às leis, crença na utilidade do governo, submissão aos ricos e aos detentores de cargos públicos — em suma, uma luta contra toda e qualquer farsa destinada a entorpecer e escravizar os trabalhadores. Os trabalhadores necessariamente devem destruir a autoridade: aqueles que dela se beneficiam certamente não o farão. O patriotismo e a religião são santuários e baluartes dos malandros; a religião é a maior maldição da raça humana. No entanto, encontram-se homens que prostituem a nobre palavra "trabalho", combinando-a com o termo nauseante "igreja" para formar "Igreja do Trabalho". Seria o mesmo que falar de uma "Polícia do Trabalho".

"Não compartilhamos das opiniões daqueles que acreditam que o Estado possa ser transformado em uma instituição benéfica. A mudança seria tão difícil quanto transformar um lobo em um cordeiro. Tampouco acreditamos na centralização de toda a produção e consumo, como almejam os socialistas. Isso não seria nada além do Estado atual sob uma nova forma, com autoridade ampliada, uma verdadeira monstruosidade de tirania e escravidão.

"O que os anarquistas querem é liberdade igual para todos. Os talentos e as inclinações de todos os homens diferem uns dos outros. Cada um sabe melhor do que ninguém o que pode fazer e o que deseja; leis e regulamentos apenas atrapalham, e o trabalho forçado nunca é agradável. No Estado almejado pelos anarquistas, cada um fará o trabalho que mais lhe agrada e satisfará suas necessidades a partir do estoque comum da maneira que mais lhe convier."

Parece que mesmo o julgamento mais pobre e a menor experiência veriam nessa proposta nada além da mais pura loucura. Nela não há remédio proposto nem esperado: é apenas o ranger de dentes dos que não têm esperança e estão desesperados; no entanto, é o extremo para o qual multidões estão sendo levadas pela força das circunstâncias impulsionadas pelo egoísmo.

Socialismo ou Coletivismo como Remédio

O socialismo, como forma de governo civil, proporia garantir a reconstrução da sociedade, o aumento da riqueza e uma

distribuição mais equitativa dos produtos do trabalho por meio da propriedade coletiva pública da terra e do capital (riqueza que não seja imobiliária) e da gestão coletiva pública de todas as indústrias. Seu lema é: "A cada um segundo suas obras".

Ele difere do "nacionalismo" na medida em que não propõe recompensar todos os indivíduos da mesma forma. Difere do "comunismo" na medida em que não defende uma comunidade de bens ou propriedade. Assim, em nosso julgamento, evita os erros de ambos e é uma teoria muito prática, se pudesse ser introduzida gradualmente e por homens sábios, moderados e altruístas. Esse princípio já alcançou muito em pequena escala em várias localidades. Em muitas cidades dos Estados Unidos, o abastecimento de água, as melhorias nas vias públicas, as escolas e os corpos de bombeiros e de polícia são administrados dessa forma, em prol do bem-estar geral. Mas a Europa está à nossa frente nesse aspecto; pois muitas de suas ferrovias e telégrafos são administrados dessa forma. Na França, o comércio de tabaco, com todos os seus lucros, pertence ao governo, ou seja, ao povo. Na Rússia, o comércio de bebidas alcoólicas foi confiscado pelo governo e, doravante, será administrado por ele para o benefício público financeiro e, alega-se, também moral.

As seguintes estatísticas interessantes são extraídas de

"SOCIAL UPBUILDING"

Por E. D. Babbitt, LL. D., do College of Fine Forces, Nova Jersey:

> "Sessenta e oito governos são proprietários de suas linhas telegráficas.
>
> "Cinquenta e quatro governos são proprietários de suas ferrovias, no todo ou em parte, enquanto apenas dezenove, entre os quais os Estados Unidos, não o são.
>
> "Na Austrália, é possível viajar 1.000 milhas (em primeira classe) por todo o país por US$ 5,50, ou seis milhas por 2 centavos, e os ferroviários recebem mais por oito horas de trabalho do que nos Estados Unidos por dez horas. Isso empobrece o país? Em Victoria, onde essas tarifas prevalecem, a receita líquida de 1894 foi suficiente para pagar os impostos federais.

"Na Hungria, onde as ferrovias são de propriedade do Estado, é possível viajar seis milhas por um centavo e, desde que o governo comprou as ferrovias, os salários dobraram.

"Na Bélgica, as tarifas de passageiros e de frete foram reduzidas pela metade e os salários dobraram. Mas, mesmo assim, as estradas pagam uma receita anual de US$ 4.000.000 ao governo.

"Na Alemanha, as ferrovias estatais transportam uma pessoa por quatro milhas por um centavo, enquanto os salários dos funcionários são 120% mais altos do que quando eram de propriedade de empresas privadas. Esse sistema se mostrou desastroso? Não. Nos últimos dez anos, os lucros líquidos aumentaram 41%. No ano passado (1894), as ferrovias repassaram ao governo alemão um lucro líquido de US$ 25.000.000.

"Estima-se que a propriedade estatal das ferrovias economizaria ao povo dos Estados Unidos um bilhão de dólares e proporcionaria melhores salários aos seus funcionários, dos quais, sem dúvida, seriam necessários dois milhões, em vez dos 700 mil atuais.

"Berlim, na Alemanha, é considerada a cidade mais limpa, mais bem pavimentada e mais bem administrada do mundo. Ela é proprietária de suas redes de gás, iluminação elétrica, abastecimento de água, bondes, telefonia urbana e até mesmo de seu seguro contra incêndio, e, assim, obtém um lucro anual de 5.000.000 de marcos, ou US$ 1.250.000, após deduzidas todas as despesas. Nessa cidade, os cidadãos podem viajar cinco milhas quantas vezes quiserem todos os dias durante o ano inteiro por US$ 4,50, enquanto duas viagens por dia nos trens elevados de Nova York custariam US$ 36,50.

"O Sr. F. G. R. Gordon apresentou na revista *'Twentieth Century'* as estatísticas referentes à iluminação de várias cidades americanas e constatou que o preço médio anual de cada lâmpada de arco, quando sob controle municipal, é de 52,12 1/2 dólares, enquanto o preço médio pago a entidades privadas pelas diversas cidades é de 105,13 dólares por lâmpada por ano, ou pouco mais do que o dobro do valor cobrado quando administradas pelas próprias cidades.

"O preço médio dos telegramas nos Estados Unidos em 1891 era de trinta e dois centavos e meio. Na Alemanha, onde os telégrafos são de propriedade do governo, mensagens de dez palavras são enviadas para

todas as partes do país por cinco centavos. Devido às distâncias maiores e aos preços mais altos da mão de obra aqui, provavelmente teríamos que pagar de cinco a vinte centavos, dependendo da distância. A vantagem notável de cada município controlar seu próprio gás, água, carvão e bondes foi demonstrada por Birmingham, Glasgow e outras cidades da Grã-Bretanha."

Muito bem, respondemos, até onde isso se aplica. Mas ainda assim nenhum homem sensato afirmará que os pobres da Europa estão desfrutando das bênçãos milenares, mesmo com todas essas teorias socialistas que funcionam entre eles. Nenhum homem bem informado ousaria dizer que as classes trabalhadoras da Europa estão nem de longe no mesmo nível dos trabalhadores em geral nos Estados Unidos. Este ainda é o paraíso deles, e leis estão sendo elaboradas neste exato momento para limitar os milhares que ainda desejam vir para compartilhar desse paraíso.

Mas, embora nos regozijemos com cada melhoria na condição dos pobres da Europa, não nos esqueçamos de que o movimento de nacionalização, exceto na Grã-Bretanha, não resulta de maior sagacidade por parte do povo, nem de benevolência ou indolência por parte do Capital, mas de outra causa que não funciona nos Estados Unidos — dos próprios governos. Eles tomaram posse desses meios para evitar a falência. Arcarem com despesas imensas para sustentar exércitos, marinhas, fortalezas etc., e precisam de uma fonte de receita. As tarifas baratas de viagem têm como objetivo agradar ao povo e também atrair negócios; pois, se as tarifas não fossem baixas, os muitos que ganham salários modestos não poderiam viajar. Da forma como estão as coisas, os vagões de quarta classe na Alemanha são meramente vagões de carga, sem assentos de qualquer tipo.

Tendo em vista tais fatos, não nos iludamos com a suposição de que tais medidas resolveriam o Problema do Trabalho, ou mesmo aliviariam a situação por mais de seis anos — e isso apenas de forma insignificante.

Temos motivos para acreditar que o socialismo fará grandes avanços nos próximos anos. Mas, frequentemente, isso não ocorrerá de forma sensata ou moderada: o sucesso embriagará alguns de seus advogados, e o fracasso deixará outros desesperados; e, como resultado, a impaciência levará à calamidade. O capitalismo

e o monarquismo veem no socialismo um inimigo e já se opõem a ele tanto quanto ousam, tendo em vista a opinião pública. A Igreja nominal, embora cheia de joio e mundanismo, ainda é um fator poderoso nessa questão; pois ela representa e controla amplamente as classes médias, nas mãos das quais está o equilíbrio de poder entre as classes alta e baixa da sociedade. Para essas classes, o socialismo tem sido, até agora, consideravelmente deturpado por seus defensores, que, até o momento, têm sido, em geral, descrentes. Governantes, capitalistas e clérigos, com poucas exceções, aproveitar-se-ão dos primeiros extremos do socialismo para atacá-lo, estigmatizá-lo com infâmia e sufocá-lo temporariamente, encorajando-se com argumentos enganosos que o interesse próprio e o medo lhes sugerirão.

Não podemos deixar de nos alegrar ao ver princípios de equidade sendo postos em prática, mesmo que sejam apenas temporários e parciais. E todos aqueles cujos interesses sejam afetados por isso devem se esforçar para ter uma visão ampla e renunciar a uma parte de sua vantagem pessoal em prol do bem comum.

Conforme sugerido, o movimento será esmagado pelo poder combinado da Igreja, do Estado e do Capital e, posteriormente, levará à grande explosão da anarquia, na qual, conforme indicado nas Escrituras, todas as instituições atuais serão destruídas – "um tempo de angústia como nunca houve desde que existe uma nação".

Mas mesmo que o socialismo conseguisse se impor totalmente, ele se revelaria apenas um alívio temporário, enquanto *o egoísmo* for o princípio dominante nos corações da maioria da humanidade. Existem "conspiradores natos que rapidamente encontrariam maneiras de ficar com a melhor parte das obras públicas e das remunerações para si mesmos; parasitas da estrutura social se multiplicariam e prosperariam, e "grupos de interesse" — estariam por toda parte. Enquanto as pessoas reconhecerem e venerarem um princípio, elas se conformarão a ele, em maior ou menor grau: por isso, o socialismo, a princípio, poderia ser comparativamente puro, e

seus representantes no poder, servos fiéis do público em prol do bem comum. Mas, caso o socialismo se torne popular, os mesmos intrigantes astutos e egoístas que agora se opõem a ele entrariam no sistema e o controlariam para seus próprios fins egoístas.

Comunistas e nacionalistas percebem que, enquanto forem permitidas diferenças de remuneração, o egoísmo distorcerá e deturpará a verdade e a justiça; e, para satisfazer o orgulho e a ambição, ele superará todas as barreiras contra a pobreza que os homens possam erguer. Para enfrentar essa dificuldade, eles recorrem aos extremos impraticáveis que suas reivindicações apresentam — impraticáveis *porque* os homens são pecadores, não os santos; egoístas, não amorosos.

A VISÃO DE HERBERT SPENCER SOBRE O SOCIALISMO

O Sr. Herbert Spencer, renomado filósofo e economista inglês, ao tomar conhecimento da afirmação de que o socialista italiano Ferri apoia suas teorias, escreveu: "A alegação de que qualquer uma das minhas visões favoreça o socialismo me causa grande irritação. Acredito que o advento do socialismo seja o maior desastre que o mundo já conheceu."

Embora grandes pensadores concordem que a concorrência ou o "individualismo" tenham seus males que exigem remédios drásticos, eles repudiam a escravização do indivíduo à organização social: ou melhor, o enterramento de toda a individualidade no socialismo, como, a longo prazo, o maior desastre; uma vez que isso criaria exércitos de funcionários públicos, tornaria a política ainda mais um negócio do que é atualmente e, consequentemente, abriria o caminho mais do que nunca para conluios e corrupção generalizada.

O trecho a seguir, extraído do *Literary Digest* (10 de agosto de 1895), tem relevância para o assunto em questão, pois demonstra que os princípios socialistas não perdurariam a menos que fossem apoiados por algum tipo de força — tamanha é a força do egoísmo em toda a humanidade:

"Duas comunidades socialistas"

"Duas experiências práticas do socialismo atraem a atenção dos estudiosos da economia social no exterior. Em ambos os casos, os promotores originais das comunidades socialistas estão se saindo razoavelmente bem; em uma delas, chegam até a ser prósperos. Mas a tentativa de viver de acordo com os ensinamentos dos teóricos socialistas fracassou em ambos os casos. Os ex-comunistas voltaram a métodos que quase não diferem dos da *burguesia* ao seu redor. Há pouco mais de dois anos, um grupo de trabalhadores australianos, cansados de uma vida de escravidão salarial aliviada apenas pelas dificuldades da ociosidade forçada, partiu para o Paraguai, onde obtiveram terras adequadas para agricultores que não dispõem de grandes máquinas. Chamaram seu assentamento de Nova Austrália e esperavam transformá-lo em uma utopia para os trabalhadores. O Ministério das Relações Exteriores britânico, em seu último relatório oficial, apresenta uma breve história do movimento que levou muitos homens a trocar a Austrália, "o Eldorado dos trabalhadores", pela América do Sul. Extraímos do relatório mencionado o seguinte:

"Os objetivos da colônia foram estabelecidos em sua constituição, na qual um dos artigos diz o seguinte: 'É nossa intenção formar uma comunidade na qual todo trabalho seja em benefício de cada membro e na qual seja impossível que um tiranize o outro. Será dever de cada indivíduo considerar o bem-estar da comunidade como seu objetivo principal, garantindo assim um grau de conforto, felicidade e educação que é impossível em um estado de sociedade em que ninguém tem certeza de que não passará fome.'

"Esse ideal não se concretizou. Oitenta e cinco dos colonos logo se cansaram das restrições impostas pela maioria e se recusaram a obedecer. Novos recém-chegados da Austrália compensaram a perda causada por essa secessão; mas os recém-chegados, insatisfeitos com o líder do movimento, escolheram um chefe próprio, de modo que agora havia três facções na colônia. A divisão igualitária dos rendimentos de seu trabalho logo insatisfez vários trabalhadores, que, em oposição

às regras socialistas, exigiram uma parcela proporcional ao trabalho que haviam realizado. A aplicação rigorosa da Lei Seca foi outra causa de insatisfação, especialmente porque sua violação era punível com a expulsão, sem chance de receber de volta o capital inicial investido no empreendimento. A colônia estava à beira do colapso quando o antigo líder do movimento conseguiu ser nomeado juiz pelas autoridades paraguaias e cercou-se de uma força policial. Há esperança de que a colônia passe agora a prosperar, mas as normas socialistas foram descartadas.

"A experiência dos mineiros de Monthieux é um pouco diferente. No caso deles, foi a prosperidade que fez com que as teorias socialistas fossem deixadas de lado. O *jornal *Gewerbe Zeitung**, de Berlim, conta a história deles da seguinte forma:

"'Em Monthieux, perto de Saint-Étienne, há uma mina que foi abandonada pela empresa proprietária há alguns anos, e os mineiros foram demitidos. Como não havia oportunidades de emprego na região, os trabalhadores imploraram à empresa que lhes cedesse a mina, e como os proprietários não acreditavam que a mina pudesse se tornar lucrativa, eles consentiram. Os mineiros não tinham maquinário, mas trabalharam com determinação e conseguiram encontrar novas veias. Fizeram esforços quase sobre-humanos e conseguiram economizar o suficiente de seus ganhos para comprar maquinário, e as minas abandonadas de Monthieux se tornaram uma fonte de riqueza para os novos proprietários. Os antigos proprietários tentaram então recuperar a posse, mas perderam o processo, e a imprensa trabalhista não deixou de contrastar a avareza dos capitalistas com a nobreza dos mineiros, que dividiam igualmente os frutos de seu trabalho. As minas de Monthieux foram apontadas como um exemplo do triunfo do coletivismo sobre a exploração do capital privado.

"'Enquanto isso, os mineiros ampliaram suas operações até que não pudessem mais realizar todo o trabalho sem ajuda. Outros mineiros foram chamados e fizeram o possível para dar andamento ao trabalho. Mas os homens que primeiro se comprometeram a tornar a mina lucrativa se recusaram a dividir igualmente com os recém-chegados. Eles

sabiam que a riqueza que jazia sob seus pés havia sido descoberta por eles com esforços quase sobre-humanos; eles haviam, por assim dizer, criado algo do nada; por que deveriam compartilhar os resultados de seu trabalho com os recém-chegados, que, de fato, haviam trabalhado todo esse tempo, mas em outro lugar? Por que deveriam dar aos novos camaradas a colheita que não haviam plantado? Os recém-chegados deveriam ser bem remunerados, melhor do que em outras minas, mas não deveriam se tornar coproprietários. E quando os recém-chegados causaram tumulto, os operários "capitalistas" chamaram a polícia e mandaram expulsá-los da sala de reuniões." "----

O NACIONALISMO COMO REMÉDIO

O nacionalismo é um desenvolvimento posterior da teoria na linha do socialismo. Ele defende que todas as indústrias devem ser administradas pela nação, com base na obrigação comum de trabalhar e na garantia geral de subsistência; todos os trabalhadores devem realizar a mesma quantidade de trabalho e receber o mesmo salário.

Os nacionalistas afirmam que–

"Os cartéis, trusts e sindicatos, dos quais o povo atualmente se queixa, demonstram a viabilidade do nosso princípio básico de associação. Buscamos apenas levar esse princípio um pouco mais adiante e fazer com que todas as indústrias funcionem no interesse de todos, pela nação — o povo organizado —, a unidade orgânica de todo o povo.

"O atual sistema industrial prova ser errado pelos imensos injustiças que produz; prova ser absurdo pelo imenso desperdício de energia e material que se admite ser seu corolário. Contra esse sistema levantamos nosso protesto: pela abolição da escravidão que ele criou e que perpetuaria, comprometemo-nos a envidar nossos melhores esforços."

Alguns pontos positivos, comuns a ambos, mencionamos favoravelmente na seção "Socialismo ou coletivismo como remédio"; no entanto, como um todo, o nacionalismo é bastante impraticável; as objeções a ele são, em geral, as mesmas

que levantamos anteriormente contra o comunismo. Embora o nacionalismo não ameace diretamente, como o comunismo, a destruição da família, sua tendência certamente apontaria nessa direção. Entre seus advogados encontram-se muitas almas de mente aberta e filantrópicas, algumas das quais ajudaram, sem esperança de vantagem pessoal, a fundar colônias onde os princípios do nacionalismo seriam postos em prática como exemplos públicos. Algumas dessas colônias foram fracassos total, e mesmo aquelas que tiveram sucesso prático foram forçadas a ignorar *os princípios* nacionalistas ao lidar com o mundo fora de suas colônias; e, como era de se esperar, todas elas passaram por consideráveis atritos internos. Se, com "um único Senhor, uma única fé e um único batismo", os santos de Deus têm
difícil "preservar a unidade do espírito no vínculo da
paz" e precisam ser exortados a suportar-se mutuamente em amor; como se poderia esperar que grupos mistos, que não reivindicam tal espírito como vínculo, conseguissem vencer o espírito egoísta do mundo, da carne e do diabo?

Várias colônias baseadas nesse plano nacionalista surgiram e fracassaram nos últimos anos, nos Estados Unidos. Um dos fracassos mais notáveis é o conhecido como Colônia Altruria, da Califórnia, fundada pelo Rev. E. B. Payne, com base na teoria "Um por todos e todos por um". Ela apresentava muitas vantagens em relação a outras colônias, pois selecionava seus membros e não aceitava qualquer tipo de pessoa. Além disso, possuía uma forma de governo em estilo de loja maçônica, com controle muito rigoroso. Seu fundador, ao explicar as razões do fracasso no *San Francisco *Examiner**, de 10 de dezembro de 1896, afirmou:

"Altruria não foi um fracasso total; demonstramos
que a confiança, a boa vontade e a sinceridade – que prevaleceram durante parte do tempo – criaram uma vida comunitária feliz e, por outro lado, que a suspeita, a inveja e os motivos egoístas diabolizam a natureza humana e tornam a vida sem sentido. Não continuamos
a confiar e a nos considerar uns aos outros como fazíamos no início, mas voltamos aos hábitos do resto do mundo."

O que algumas pessoas demonstram por experiência, outras sabem por raciocínio indutivo, com base no conhecimento da natureza humana. Qualquer pessoa que queira uma lição sobre a futilidade da esperança em

essa perspectiva, enquanto o egoísmo ainda controla os corações dos homens, pode obter essa experiência a baixo custo hospedando-se por uma semana em cada uma das três ou quatro "pensões" de segunda classe.

A Educação Geral dos Mecânicos como Remédio

Há alguns anos, na *revista The Forum*, foi publicado um artigo do Sr. Henry Holt, no qual ele se empenhou em mostrar que a educação deveria ser amplamente industrial, para capacitar um mecânico a mudar prontamente de um emprego para outro — ele deveria "aprender uma dúzia" de ofícios. Embora isso possa, por um tempo, ajudar alguns indivíduos, é evidente que tal medida não resolveria o problema. Já é ruim o suficiente que, por um lado, gessistas e pedreiros estejam ocupados enquanto, por outro, sapateiros e tecelões ficam ociosos; mas qual seria o efeito se estes últimos também soubessem trabalhar com alvenaria e gesso? Isso multiplicaria a concorrência em todos os ofícios, se todos os desempregados pudessem disputar os empregos em alta demanda. O senhor, no entanto, aborda bem duas verdades abrangentes, em relação às quais a educação é necessária. Ele disse:

"A mais simples dessas verdades é a inevitável, ainda que cruel — a necessidade da Seleção Natural. Não digo que seja justiça. A natureza nada sabe de justiça. Seu mecanismo avança implacavelmente em meio a um conjunto de condições adversas, mas, afinal, extrai dessas condições o melhor que elas podem oferecer. É verdade que ela desenvolveu em nós inteligências para orientar levemente seu curso; e é ao usá-las que surge a função da justiça. Mas só podemos orientá-la por canais adequados às suas próprias correntes: caso contrário, somos oprimidos. Ora, nenhum de seus caminhos é mais amplo e mais claramente marcado do que o da seleção natural, e, no exercício de nossas pequenas liberdades e direitos, nunca somos tão sábios quanto quando nos alinhamos a ela — quando, por exemplo, elevamos um Lincoln de sua cabana. Mas, até agora, somos muito mais propensos a preferir o demagogo, e então sofremos. O socialismo propõe estender o perigo desse sofrimento ao campo da produção. Os capitães da indústria são agora escolhidos

puramente pela seleção natural – pelo menos com uma anomalia muito moderada na ação da hereditariedade, que se corrige rapidamente: se o filho não herda a aptidão, logo deixa de sobreviver. Mas, com a crescente liberdade de concorrência e as facilidades cada vez maiores para que homens capazes, mas sem capital, possam contratá-lo, é substancialmente verdade que a indústria é, atualmente, dirigida pela Seleção Natural. Por isso, o socialista propõe substituí-la pela seleção artificial, e isso por meio do voto popular. Um conhecimento geral da superioridade do caminho da Natureza curaria essa loucura.

"A outra verdade, tão difícil de transmitir com clareza, mas não impossível de dar uma ideia, é a mais importante. É difícil, não tanto porque exija alguma educação preliminar, mas porque o dogma vem combatendo-a há milhares de anos e continua a combatê-la. Para a maioria dos que lerem isto, cada uma dessas afirmações provavelmente parecerá estranha, quando a verdade for nomeada na fraseologia familiar – O Reinado Universal da Lei. No entanto, é fato que multidões de homens que pensam acreditar nisso rezam todos os dias para que isso não seja verdade – para que haja exceções em seus casos. As pessoas em geral – e os legisladores em geral –, em uma questão de fisiologia, chamariam um médico; ou, em uma questão de maquinário, um engenheiro; ou, em química, um químico; e seguiriam sua opinião com fé infantil; mas, em economia, não querem outras opiniões além das suas próprias. Não têm a menor ideia de que tais questões estão, assim como as questões físicas, sob o controle das leis naturais — que descobrir essas leis, ou aprender as já descobertas, requer estudo especializado; e que ir contra elas, por ignorância, trará um desastre tão fatal quanto a perversidade...

"O trabalhador precisa, portanto, não apenas de instrução na escola profissionalizante e sobre certos fatos econômicos, mas também do tipo de instrução em ciências e história que lhe dê alguma noção da Lei Natural. Com essa base, seria possível construir alguma noção de seu controle tanto no mundo social quanto no mundo material; e também alguma compreensão de que

a lei humana é fútil, ou pior ainda, a menos que, por meio de estudo minucioso e experimentação cautelosa, seja adaptada à Lei Natural. Daí surgiria a convicção de que nenhuma lei humana poderia fazer com que os inadequados sobrevivessem, a não ser às custas de outrem; e de que a única maneira de permitir que sobrevivam por conta própria é torná-los aptos."---

Sim, é bom que todos aprendam que essas duas leis governam nosso atual sistema social e que não está ao alcance do homem mudar a natureza ou as leis da natureza; e, portanto, que é impossível para ele fazer mais do que retocar as condições sociais atuais e melhorá-las um pouco, temporariamente. As leis novas e mais desejáveis, necessárias para a sociedade perfeita e ideal, exigirão poderes sobrenaturais para sua introdução. Aprender essa lição ajudará a trazer (em vez de um descontentamento que se agrava) "piedade com contentamento", enquanto se espera pelo Reino de Deus e se ora: "Venha o Teu Reino; seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu."

A Solução do Imposto Único

Sem dúvida por ter percebido os efeitos do comunismo, do nacionalismo e do socialismo, conforme apontado acima, o Sr. Henry George elaborou um esquema de certo mérito, conhecido como a "Teoria do Imposto Único". Pode-se dizer que, em alguns aspectos, ela é o oposto do socialismo. Trata-se de *individualismo* em muitas características importantes. Ela deixa o indivíduo à mercê de seus próprios recursos de caráter, esforços e ambiente; exceto que preservaria a cada um o direito inalienável de compartilhar as bênçãos comuns do Criador — ar, água e terra. Ela propõe muito poucas alterações diretas no atual sistema social. Alegando que as atuais desigualdades de fortuna, na medida em que são opressivas e prejudiciais, são inteiramente resultado da propriedade privada da terra, essa teoria propõe que todas as terras voltem a ser propriedade da raça de Adão como um todo; e afirma que, assim, os males do nosso atual sistema social se corrigiriam rapidamente.

Ela propõe que essa redistribuição da terra seja realizada, não por meio de sua divisão proporcional entre a família humana, mas considerando-a como um único e vasto patrimônio, e permitindo que cada pessoa, na qualidade de arrendatário, utilize tanto quanto desejar do que agora possui, e cobrando de cada ocupante um imposto fundiário ou aluguel proporcional ao valor da terra (excluindo o valor das construções ou outras benfeitorias nela existentes). Assim, um terreno baldio seria tributado com um aluguel ou imposto tão alto quanto um terreno adjacente, com edificações, e o campo não cultivado, tanto quanto o campo fértil adjacente. O imposto assim arrecadado constituiria um fundo para todos os fins voltados ao bem-estar geral — para escolas, ruas, estradas, água etc., e para o governo local e geral; daí o nome da teoria, "Imposto Único".

O efeito seria, naturalmente, abrir para o povoamento efetivo milhares de lotes urbanos e campos áridos atualmente mantidos para fins especulativos; pois, ao serem todos os impostos consolidados em um único, removidos do gado, das máquinas, dos negócios e de melhorias de todo tipo, e concentrados exclusivamente na terra, o imposto sobre a terra se tornaria um item considerável; graduado, no entanto, de modo a não demonstrar favoritismo: terras agrícolas pobres ou distantes dos meios de transporte seriam tributadas proporcionalmente menos do que terras de melhor qualidade e aquelas mais próximas dos meios de transporte. Da mesma forma, os lotes urbanos seriam avaliados de acordo com o valor, a localização e o entorno considerados.

Tal lei, destinada a entrar em vigor dez anos após sua aprovação, teria o efeito imediato de reduzir os valores imobiliários e, quando entrasse em vigor, milhões de acres e milhares de lotes urbanos estariam à disposição de qualquer pessoa que pudesse fazer uso deles e pagar os aluguéis avaliados. O Sr. Henry George aproveitou o fato de que o Papa Leão XIII havia publicado uma Encíclica sobre o Trabalho para lançar um panfleto em resposta, intitulado "Carta Aberta ao Papa Leão XIII, etc.". Como
ele contém algumas reflexões pertinentes ao nosso tema e, além disso, constitui uma exposição mais aprofundada da teoria em discussão, apresentamos trechos selecionados a seguir:

UM TRECHO DE UMA CARTA ABERTA DO SR. HENRY GEORGE AO PAPA LEÃO XIII, EM RESPOSTA À ENCÍCLICA DESTE ÚLTIMO SOBRE A QUESTÃO COMPLEXA DO TRABALHO.

"Parece-nos que Vossa Santidade não compreende seu verdadeiro significado ao sugerir que Cristo, ao tornar-se filho de um carpinteiro e ao trabalhar ele próprio como carpinteiro, demonstrou meramente que 'não há nada de que se envergonhar em buscar o próprio pão pelo trabalho'. Dizer isso é quase como afirmar que, ao não roubar as pessoas, ele mostrou que não há nada de que se envergonhar na honestidade. Se Vossa Santidade considerar quão verdadeira, em uma visão ampla, é a classificação de todos os homens em trabalhadores, mendigos e ladrões, verá que era moralmente impossível que Cristo, durante sua permanência na Terra, fosse outra coisa senão um trabalhador, já que aquele que veio para cumprir a lei deve, tanto por ação quanto por palavra, obedecer à lei divina do trabalho.

"Veja com que plenitude e beleza a vida de Cristo na Terra ilustrou essa lei. Entrando em nossa vida terrena na fragilidade da infância, como está determinado que todos nela entrem, Ele aceitou com amor o que, na ordem natural, é prestado com amor: o sustento, garantido pelo trabalho, que uma geração deve aos seus sucessores imediatos. Chegado à maturidade, Ele ganhou seu próprio sustento por meio daquele trabalho comum com o qual a maioria dos homens deve e de fato o ganha. Em seguida, passando para uma esfera mais elevada — a mais elevada de todas — do trabalho, Ele ganhou seu sustento pelo ensino de verdades morais e espirituais, recebendo sua remuneração material nas ofertas de amor de ouvintes gratos, e não recusando o caro nardo com o qual Maria ungiu Seus pés. Assim, quando escolheu Seus discípulos, Ele não procurou proprietários de terras ou outros monopolistas que vivem do trabalho alheio, mas sim homens comuns que trabalhavam. E quando os chamou para uma esfera mais elevada de trabalho e os enviou para ensinar verdades morais e espirituais, disse-lhes para aceitarem, sem condescendência, por um lado, nem sentimento de degradação, por outro, a retribuição amorosa por tal trabalho, dizendo-lhes que "o trabalhador é digno do seu salário", demonstrando assim, como acreditamos, que todo trabalho não consiste apenas no que se chama trabalho manual, mas que quem quer que contribua para

aumentar a plenitude material, intelectual, moral ou espiritual da vida também é um trabalhador.

"Também não se deve esquecer que o pesquisador, o filósofo, o professor, o artista, o poeta, o sacerdote, embora não estejam envolvidos na produção de riqueza, não apenas participam da produção de utilidades e satisfações — para as quais a produção de riqueza é apenas um meio —, mas, ao adquirir e difundir conhecimento, estimular as faculdades mentais e elevar o senso moral, podem aumentar consideravelmente a capacidade de produzir riqueza. Pois o homem não vive só de pão... Aquele que, por qualquer esforço da mente ou do corpo, contribui para o conjunto da riqueza que proporciona prazer, aumenta a soma do conhecimento humano ou confere à vida humana maior elevação ou maior plenitude — ele é, no sentido amplo das palavras, um 'produtor', um 'trabalhador', um 'operário', e está ganhando honestamente um salário honesto. Mas aquele que, sem fazer nada para tornar a humanidade mais rica, mais sábia, melhor e mais feliz, vive do trabalho alheio – ele, não importa por que nome de honra seja chamado, ou com que vigor os sacerdotes de Mammon balancem seus incensários diante dele, é, em última análise, nada mais do que um mendigo ou um ladrão."

"Ao presumir que os trabalhadores, mesmo os operários manuais comuns, são naturalmente pobres, você ignora o fato de que o trabalho é o produtor da riqueza e atribui à lei natural do Criador uma injustiça que provém da violação ímpia, por parte do homem, de Sua intenção benevolente. Mesmo no estado mais rudimentar das artes, é possível, onde prevalece a justiça, que todos os homens íntegros ganhem a vida. Com os aparelhos que economizam trabalho de nossa época, deveria ser possível a todos ganhar muito mais. E assim, ao dizer que a pobreza não é uma desgraça, o senhor transmite uma implicação irracional. Pois a pobreza deveria ser uma desgraça, porque, em uma condição de justiça social, ela implicaria, quando não imposta por infortúnio inevitável, imprudência ou preguiça.

"A compaixão de Vossa Santidade parece direcionada exclusivamente aos pobres, aos trabalhadores. Deveria ser assim? Os ricos ociosos não merecem também compaixão? Segundo a palavra do evangelho, são os ricos, e não os pobres, que clamam por compaixão. E, para qualquer pessoa que acredite na vida futura, a condição daquele que acorda e descobre que seus

milhões tão queridos para trás deve parecer lamentável. Mas mesmo nesta vida, quão realmente dignos de pena são os ricos. O mal não está na riqueza em si mesma — em seu domínio sobre as coisas materiais; está na posse da riqueza enquanto outros estão mergulhados na pobreza; em estar elevado acima do contato com a vida da humanidade, de seu trabalho e de suas lutas, de suas esperanças e de seus medos e, acima de tudo, do amor que adoça a vida, e das simpatias bondosas e dos atos generosos que fortalecem a fé no homem e a confiança em Deus. Considere como os ricos veem o lado mais mesquinho da natureza humana; como estão cercados por bajuladores e aduladores; como encontram instrumentos à disposição não apenas para satisfazer impulsos perversos, mas para incitá-los e estimulá-los; como precisam estar constantemente em guarda para não serem enganados; com que frequência precisam suspeitar de um motivo oculto por trás de um ato de bondade ou de uma palavra amigável; como, se tentam ser generosos, são assediados por mendigos descarados e impostores intrigantes; com que frequência os afetos familiares se esfriam para com eles, e suas mortes são antecipadas com a alegria mal disfarçada de quem aguarda a posse. O pior mal da pobreza não está na carência de bens materiais, mas no atrofiamento e na distorção das qualidades mais elevadas. Assim, embora de outra forma, a posse de riqueza não conquistada também atrofia e distorce o que há de mais nobre no homem.

"Os mandamentos de Deus não podem ser evitados impunemente. Se é mandamento de Deus que os homens ganhem seu pão com o trabalho, os ricos ociosos devem sofrer. E sofrem. Veja o vazio absoluto das vidas daqueles que vivem para o prazer; veja os vícios repugnantes gerados em uma classe que, cercada pela pobreza, está saciada de riqueza. Veja aquele terrível castigo que é *o tédio*, do qual os pobres sabem tão pouco que não conseguem compreendê-lo; veja o pessimismo que cresce entre as classes abastadas — que exclui Deus, que despreza os homens, que considera a existência em si mesma um mal e, temendo a morte, ainda assim anseia pela aniquilação.

"Quando Cristo disse ao jovem rico que o procurou para vender tudo o que possuía e dar aos pobres, ele não estava pensando nos pobres, mas no próprio jovem. E não duvido que, entre os ricos — e especialmente entre os que fizeram fortuna por conta própria —, haja muitos que, pelo menos às vezes, sintam profundamente a loucura de suas riquezas e

temem pelos perigos e tentações aos quais essas expõem seus filhos. Mas a força do hábito de longa data, os impulsos do orgulho, a emoção de ganhar e manter o que se tornou para eles as fichas em um jogo de cartas, as expectativas familiares que assumiram o caráter de direitos e a dificuldade real que encontram em fazer bom uso de sua riqueza os prendem ao seu fardo, como um burro cansado à sua carga, até que tropecem no precipício que marca o fim desta vida.

"Homens que têm certeza de conseguir alimento quando precisarem comem apenas o que o apetite dita. Mas, para as tribos escassas que vivem nos confins do globo habitável, a vida é ou uma fome ou um banquete. Suportando a fome por dias, o medo dela os leva a devorar como anacondas quando têm sucesso na caça. E assim, o que torna a riqueza uma maldição é o que leva os homens a buscá-la, o que a torna tão invejada e admirada — o medo da carência. Assim como os excessivamente ricos são o corolário dos excessivamente pobres, também a qualidade destrutiva da riqueza para a alma não passa do reflexo da carência que embrutece e degrada. O verdadeiro mal reside na injustiça da qual tanto a posse antinatural quanto a privação antinatural brotam.

"Mas essa injustiça dificilmente pode ser atribuída a indivíduos ou classes. A existência da propriedade privada da terra é um grande mal social do qual a sociedade como um todo sofre, e do qual tanto os muito ricos quanto os muito pobres são vítimas, embora em extremos opostos. Percebendo isso, parece-nos uma violação da caridade cristã falar dos ricos como se eles, individualmente, fossem responsáveis pelos sofrimentos dos pobres. No entanto, ao fazer isso, vocês insistem que *a causa* da riqueza monstruosa e da pobreza degradante não seja abordada. Eis um homem com uma excrescência desfigurante e perigosa. Um médico a removeria com gentileza, delicadeza, mas com firmeza. Outro insiste que ela não seja removida, mas, ao mesmo tempo, expõe a pobre vítima ao ódio e ao ridículo. Qual deles está certo?

"Ao buscarmos restaurar a todos os homens seus direitos iguais e naturais, não buscamos o benefício de nenhuma classe, mas de todas. Pois sabemos, tanto pela fé quanto pela experiência, que a injustiça não pode beneficiar ninguém e que a justiça deve beneficiar a todos.

"Tampouco buscamos qualquer 'igualdade fútil e ridícula'... A igualdade que pretendemos alcançar não é a igualdade de fortuna, mas a igualdade de oportunidades naturais...

"E, ao destinar para os fins da sociedade o que claramente vemos ser o grande fundo destinado à sociedade na ordem divina, não cobraríamos o menor imposto dos possuidores de riqueza, por mais ricos que fossem. Não só consideramos tais impostos uma violação do direito à propriedade, mas percebemos que, em virtude das belas adaptações nas leis econômicas do Criador, é impossível a qualquer pessoa adquirir riqueza honestamente sem, ao mesmo tempo, aumentar a riqueza do mundo...

"Vossa Santidade, na Encíclica, dá um exemplo disso. Negando a igualdade de direito à base material da vida, mas consciente de que existe o direito à vida, Vossa Santidade afirma o direito dos trabalhadores ao emprego e o direito de receberem de seus empregadores um determinado salário indefinido. Tais direitos não existem. Ninguém tem o direito de exigir emprego de outra pessoa, nem de exigir salários mais altos do que o outro está disposto a pagar, nem de, de qualquer forma, pressionar outra pessoa para que aumente tais salários contra sua vontade. Não pode haver melhor justificação moral para tais exigências dos trabalhadores aos empregadores do que haveria para os empregadores exigirem que os trabalhadores fossem obrigados a trabalhar para eles quando não quisessem e a aceitar salários inferiores aos que estariam dispostos a receber. Qualquer justificação aparente decorre de um erro prévio: a negação aos trabalhadores de seus direitos naturais. . . .

"Cristo justificou Davi, que, pressionado pela fome, cometeu o que normalmente seria um sacrilégio, ao retirar do templo os pães da proposição. Mas, com isso, ele estava longe de dizer que roubar templos fosse uma forma adequada de ganhar a vida.

"Na Encíclica, no entanto, o senhor elogia a aplicação, às relações comuns da vida e em condições normais, de princípios que, na ética, só devem ser tolerados em condições extraordinárias. Você é levado a essa afirmação de direitos falsos por sua negação dos direitos verdadeiros. O direito natural que cada homem possui não é o de exigir emprego ou salário de outro homem; mas o de empregar-se a si mesmo – o de recorrer, por meio de seu próprio trabalho, ao depósito inesgotável que o Criador providenciou na *terra* para todos os homens. Se esse depósito estivesse aberto,

como o faríamos por meio do imposto único, a demanda natural por trabalho acompanharia a oferta; o homem que vendesse trabalho e o homem que o comprasse se tornariam parceiros livres de troca para benefício mútuo, e toda causa de disputa entre trabalhador e empregador desapareceria. Pois, então, estando todos livres para se empregarem por conta própria, a mera oportunidade de trabalhar deixaria de parecer uma dádiva; e, como ninguém trabalharia para outro por menos — considerando-se tudo — do que poderia ganhar trabalhando por conta própria, os salários necessariamente subiriam até seu valor total, e as relações entre trabalhador e empregador seriam reguladas pelo interesse e conveniência mútuos.

"Essa é a única maneira pela qual elas podem ser reguladas de forma satisfatória.

"Vossa Santidade parece partir do pressuposto de que existe uma taxa justa de salários que os empregadores deveriam estar dispostos a pagar e que os trabalhadores deveriam se contentar em receber, e imaginar que, se isso fosse garantido, haveria o fim das contendas. Evidentemente, Vossa Santidade considera essa taxa como aquela que proporcionará aos trabalhadores uma vida frugal e talvez lhes permita, por meio de trabalho árduo e economia rigorosa, poupar alguma coisa.

"Mas como se pode fixar um salário justo sem a 'negociação do mercado', da mesma forma que não se pode fixar o preço justo do milho, dos porcos, dos navios ou das pinturas? E uma regulamentação arbitrária, tanto neste caso quanto nos outros, não impediria aquela interação que promove de forma mais eficaz o ajuste econômico das forças produtivas? Por que os compradores de mão de obra, mais do que os compradores de mercadorias, deveriam ser obrigados a pagar preços mais altos do que aqueles que são compelidos a pagar em um mercado livre? Por que os vendedores de mão de obra deveriam se contentar com menos do que podem obter em um mercado livre? Por que os trabalhadores deveriam se contentar com uma alimentação frugal quando o mundo é tão rico? Por que deveriam se satisfazer com uma vida inteira de labutar e privações, quando o mundo é tão generoso? Por que não deveriam eles também desejar satisfazer os instintos mais elevados, os gostos mais refinados? Por que deveriam se contentar para sempre em viajar na terceira classe quando outros consideram a cabine mais agradável?

"E não se contentarão. A agitação de nossa época não decorre meramente do fato de que os trabalhadores têm mais dificuldade em viver com o mesmo nível de conforto. Deve-se também, e talvez ainda mais amplamente, ao aumento de seus

desejos à medida que o nível de conforto melhora. Esse aumento dos desejos deve continuar; pois os trabalhadores são homens, e o homem é o animal insatisfeito.

"Ele não é um boi, de quem se possa dizer: tanta grama, tanto grão, tanta água e um pouco de sal, e ele ficará satisfeito. Pelo contrário, quanto mais o homem obtém, mais ele anseia. Quando tem comida suficiente, então quer comida melhor. Quando consegue um abrigo, então quer um mais espaçoso e agradável. Quando suas necessidades animais são satisfeitas, então surgem os desejos mentais e espirituais.

"Esse descontentamento inquieto faz parte da natureza do homem — daquela natureza mais nobre que o eleva acima dos animais por um abismo tão imensurável e mostra que ele foi, de fato, criado à imagem de Deus. Não se deve contestá-lo, pois é o motor de todo progresso. Foi isso que ergueu a cúpula de São Pedro e fez brilhar, sobre uma tela opaca e sem vida, o rosto angelical da Madona; foi isso que pesou sóis e analisou estrelas, e abriu página após página das maravilhosas obras da inteligência criativa; foi isso que reduziu o Atlântico a uma travessia marítima e domou o raio para levar nossas mensagens às terras mais remotas; é isso que está abrindo para nós possibilidades ao lado das quais tudo o que nossa civilização moderna já realizou até agora parece pequeno. Nem pode ser reprimido, a não ser degradando e embrutecendo os homens; reduzindo a Europa à Ásia.

"Portanto, a menos que se considerem os salários que poderiam ser auferidos quando todas as restrições ao trabalho forem removidas e o acesso às oportunidades naturais for garantido a todos em igualdade de condições, é impossível fixar qualquer taxa salarial que seja considerada justa, ou qualquer taxa salarial que possa impedir que os trabalhadores se esforcem para obter mais. Longe de tornar os trabalhadores mais satisfeitos com uma pequena melhoria em sua condição, isso certamente os tornará mais insatisfeitos.

"Nem estáis pedindo *justiça* quando pedis aos empregadores que paguem a seus trabalhadores mais do que são obrigados a pagar – mais do que poderiam conseguir que outros fizessem o trabalho por esse valor. Estais pedindo *caridade*. Pois o excedente que o empregador rico assim concede não é, na realidade, salário; é essencialmente esmola.

"Ao falar das medidas práticas para a melhoria da condição do trabalho que Vossa Santidade sugere, não mencionei aquilo em que o senhor dá tanta ênfase: a caridade. Mas não há nada de prático em tais recomendações como remédio para a pobreza, nem ninguém as considerará assim. Se fosse possível que a esmola abolisse a pobreza, não haveria pobreza na cristandade.

"A caridade é, de fato, uma virtude nobre e bela, grata ao homem e aprovada por Deus. Mas a caridade deve assentar na justiça. Ela não pode substituir a justiça.

"O que há de errado na condição do trabalho no mundo cristão é que o trabalho é roubado. E enquanto Vossa Santidade justificar a continuidade desse roubo, é inútil insistir na caridade. Fazer isso – recomendar a caridade como substituto da justiça – é, de fato, algo semelhante, em essência, àquelas heresias, condenadas por seus predecessores, que ensinavam que o evangelho havia substituído a lei e que o amor de Deus isentava os homens de obrigações morais.

"Tudo o que a caridade pode fazer onde existe injustiça é, aqui e ali, amenizar um pouco os efeitos da injustiça. Ela não pode curá-los. Nem mesmo o pouco que ela pode fazer para amenizar os efeitos da injustiça está isento de mal. Pois o que pode ser chamado de virtudes sobrepostas — no sentido de secundárias — causam mal onde as virtudes fundamentais ou primárias estão ausentes. Assim, a sobriedade é uma virtude, e a diligência é uma virtude. Mas um ladrão sóbrio e diligente é ainda mais perigoso. Assim, a paciência é uma virtude. Mas a paciência diante do mal é a tolerância ao mal. Assim, é uma virtude buscar o conhecimento e empenhar-se em cultivar as faculdades mentais. Mas o homem perverso torna-se mais capaz do mal em razão de sua inteligência. Sempre pensamos nos demônios como seres inteligentes.

"E, assim, essa pseudo-caridade que descarta e nega a justiça causa o mal. Por um lado, ela desmoraliza seus beneficiários, ultrajando aquela dignidade humana que, como você diz, 'o próprio Deus trata com reverência', e transformando em mendigos e indigentes homens que, para se tornarem cidadãos autossuficientes e que se respeitam, precisam apenas da restauração do que Deus lhes concedeu. Por outro lado, ela atua como um analgésico para as consciências daqueles que vivem do roubo de seus semelhantes,

e alimenta aquela ilusão moral e aquele orgulho espiritual que Cristo, sem dúvida, tinha em mente quando disse que era mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. Pois isso leva os homens, imersos na injustiça e que usam seu dinheiro e sua influência para reforçá-la, a pensar que, ao dar esmolas, estão fazendo algo além de seu dever para com o próximo e merecem ser muito bem vistos por Deus; e, de maneira vaga, a atribuir à sua própria bondade o que, na verdade, pertence à bondade de Deus. Pois considere: quem é o Provedor de tudo? Quem é aquele que, como você diz, "deve ao homem um celeiro que nunca se esgotará" e que "ele encontra apenas na fertilidade inesgotável da terra"? Não é Deus? E quando, portanto, os homens, privados da generosidade de seu Deus, são tornados dependentes da generosidade de seus semelhantes, essas criaturas não são, por assim dizer, colocadas no lugar de Deus, para atribuírem a si mesmas o mérito de cumprir obrigações que o próprio senhor diz que Deus tem?

"Mas pior, talvez, do que tudo o mais, é a maneira como essa substituição das exigências claras da justiça por vagas injunções à caridade abre um caminho fácil para que os professos mestres da religião cristã, de todas as vertentes e confissões, apaziguem Mammon enquanto se convencem de que estão servindo a Deus...

"Não, Vossa Santidade, assim como a fé sem obras está morta, assim como os homens não podem dar a Deus o que Lhe é devido enquanto negam aos seus semelhantes os direitos que Ele lhes concedeu, também a caridade, sem o apoio da justiça, nada pode fazer para resolver o problema da condição atual do trabalho. Mesmo que os ricos 'doassem todos os seus bens para alimentar os pobres e entregassem seus corpos para serem queimados', a pobreza continuaria enquanto persistisse a propriedade da terra.

"Veja-se o caso do homem rico de hoje que deseja sinceramente dedicar sua riqueza à melhoria das condições de trabalho. O que ele pode fazer?

"Doar sua riqueza àqueles que precisam dela? Ele pode ajudar alguns que a merecem, mas não melhorará as condições gerais. E, ao lado do bem que ele possa fazer, estará o risco de causar danos.

"Construir igrejas? À sombra das igrejas, a pobreza se agrava, e o vício que dela nasce se alastram.

"Construir escolas e faculdades? Mesmo que isso possa levar as pessoas a perceberem a injustiça da propriedade privada da terra, o aumento da educação não traz nenhum benefício para os simples trabalhadores, pois, à medida que a educação se difunde, os salários caem.

"Criar hospitais? Ora, aos trabalhadores já parece que há gente demais procurando emprego, e salvar e prolongar a vida é aumentar a pressão.

"Construir moradias modelo? A menos que ele barateie as moradias, ele apenas afasta ainda mais a classe que pretendia beneficiar; e, ao baratear as moradias, atrai mais pessoas em busca de emprego e reduz os salários.

"Criar laboratórios, escolas científicas, oficinas para experimentos físicos? Ele apenas estimula a invenção e a descoberta, as mesmas forças que, atuando sobre uma sociedade baseada na propriedade privada da terra, estão esmagando o trabalho entre a pedra de moinho de cima e a de baixo.

"Promover a emigração de locais onde os salários são baixos para locais onde são um pouco mais altos? Se ele fizer isso, mesmo aqueles a quem ele inicialmente ajuda a emigrar logo se voltarão contra ele para exigir que tal emigração seja interrompida, pois está reduzindo seus salários.

"Doar as terras que possua, recusar-se a cobrar aluguel por elas ou alugá-las por valores inferiores ao preço de mercado? Ele simplesmente criará novos proprietários de terras ou proprietários parciais; poderá tornar alguns indivíduos mais ricos, mas não fará nada para melhorar a condição geral do trabalho.

"Ou, inspirando-se naqueles cidadãos com espírito altruísta da Antiguidade que gastaram grandes somas para melhorar suas cidades natais, ele tentará embelezar a cidade onde nasceu ou na qual se estabeleceu? Que ele alargue e endireite ruas estreitas e tortuosas, que construa parques e erga fontes, que instale linhas de bonde e traga ferrovias, ou de qualquer forma torne bela e atraente a cidade que escolheu — e qual será o resultado? Não será que aqueles que se apropriam das bênçãos de Deus também se apropriarão das dele? Não será que o valor da terra aumentará, e que o resultado líquido de suas benfeitorias será um aumento dos aluguéis e um benefício para os proprietários de terras? Ora, até mesmo o simples anúncio de que ele vai fazer tais coisas dará início à especulação e fará o valor da terra disparar vertiginosamente.

"O que, então, o homem rico pode fazer para melhorar a condição dos trabalhadores?

"Ele não pode fazer absolutamente nada, a não ser usar sua força para a abolição da grande injustiça primária que rouba dos homens seu direito de nascença. A justiça de Deus ri das tentativas dos homens de substituí-la por qualquer outra coisa."

* * *

"Embora, dentro de limites estreitos, o sindicalismo promova a ideia da mutualidade de interesses e, muitas vezes, ajude a elevar o ânimo e a promover a educação política, e embora tenha permitido que grupos limitados de trabalhadores melhorassem um pouco sua condição e ganhassem, por assim dizer, um respiro, ele não leva em conta as causas gerais que determinam as condições de trabalho e se empenha na melhoria de apenas uma pequena parte da grande massa por meios que não podem ajudar o restante. Visando a restrição da concorrência — a limitação do direito ao trabalho —, seus métodos são semelhantes aos de um exército, que, mesmo em uma causa justa, são subversivos à liberdade e passíveis de abuso, enquanto sua arma, a greve, é destrutiva por natureza, tanto para combatentes quanto para não combatentes, sendo uma forma de guerra passiva. Aplicar o princípio dos sindicatos a toda a indústria, como alguns sonham em fazer, seria subjugar os homens a um sistema de castas.

"Ou tomemos mesmo medidas moderadas como a limitação da jornada de trabalho e do trabalho de mulheres e crianças. Elas são superficiais, pois não vão além da ânsia de homens, mulheres e crianças pequenas de trabalhar excessivamente, e propõem restringir à força o excesso de trabalho, ignorando totalmente sua causa: o fardo da pobreza que obriga os seres humanos a isso. E os métodos pelos quais essas restrições devem ser impostas multiplicam o número de funcionários, interferem na liberdade pessoal, tendem à corrupção e estão sujeitos a abusos.

"Quanto ao socialismo radical, que merece maior respeito por ter a coragem de suas convicções, ele levaria esses vícios à sua máxima expressão. Tirando conclusões precipitadas sem se esforçar para descobrir as causas, ele não percebe que a opressão não provém da natureza do capital, mas da injustiça que priva o trabalho do capital ao separá-lo da terra, e que cria um capital fictício que é, na verdade, um monopólio capitalizado. Ele não percebe que seria impossível ao capital oprimir o trabalho se

o trabalho tivesse livre acesso aos meios naturais de produção; que o sistema salarial, em si mesmo, decorre da conveniência mútua, sendo uma forma de cooperação na qual uma das partes prefere um resultado certo a um contingente; e que o que ela chama de "lei de ferro dos salários" não é a lei natural dos salários, mas apenas a lei dos salários naquela condição antinatural em que os homens são tornados indefesos ao serem privados dos meios de vida e de trabalho. Ele não percebe que o que confunde com os males da concorrência são, na verdade, os males da concorrência restrita — decorrentes de uma concorrência unilateral à qual os homens são forçados quando privados da terra; enquanto seus métodos — a organização dos homens em exércitos industriais, a direção e o controle de toda a produção e troca por órgãos governamentais ou semigovernamentais —, se levados à sua máxima expressão, significariam o despotismo egípcio.

"Diferimos dos socialistas em nosso diagnóstico do mal e diferimos deles quanto aos remédios. Não temos medo do capital, considerando-o a serva natural do trabalho; vemos os juros, em si mesmos, como naturais e justos; não imporíamos nenhum limite à acumulação, nem imporíamos aos ricos qualquer ônus que não fosse igualmente imposto aos pobres; não vemos mal algum na concorrência, mas consideramos que a concorrência irrestrita é tão necessária à saúde do organismo industrial e social quanto a livre circulação do sangue é à saúde do organismo corporal — sendo o meio pelo qual se garante a cooperação mais plena. Simplesmente tomaríamos para a comunidade o que pertence à comunidade; o valor que a terra adquire com o crescimento da comunidade; deixaríamos sagradamente para o indivíduo tudo o que pertence ao indivíduo; e, tratando os monopólios necessários como funções do Estado, aboliríamos todas as restrições e proibições, exceto aquelas exigidas pela saúde pública, segurança, moral e conveniência.

"Mas a diferença fundamental – a diferença que peço especialmente a Vossa Santidade que observe – está nisto: o socialismo, em todas as suas fases, considera que os males da nossa civilização decorrem da inadequação ou da desarmonia das relações naturais, que devem ser artificialmente organizadas ou aprimoradas. Em sua concepção, recai sobre o Estado a necessidade de organizar inteligentemente as relações industriais

relações industriais dos homens; a construção, por assim dizer, de uma grande máquina cujas peças complexas devem funcionar adequadamente em conjunto sob a direção da inteligência humana. Essa é a razão pela qual o socialismo tende ao ateísmo. Ao não enxergar a ordem e a simetria da lei natural, ele deixa de reconhecer Deus.

"Por outro lado, nós, que nos autodenominamos Partidários do Imposto Único (um nome que expressa meramente nossas proposições práticas), vemos nas relações sociais e industriais dos homens não uma máquina que requer construção, mas um organismo que precisa apenas que se permita que cresça. Vemos nas leis naturais, sociais e industriais a mesma harmonia que observamos nos ajustes do corpo humano, e que transcende de longe o poder da inteligência humana de ordenar e dirigir, assim como está além da inteligência humana ordenar e dirigir os movimentos vitais de seu próprio corpo. Vemos nessas leis sociais e industriais uma relação tão estreita com a lei moral que deve provir da mesma Origem, e isso prova que a lei moral é o guia seguro do homem, onde sua inteligência vagaria e se perderia. Assim, para nós, tudo o que é necessário para remediar os males de nosso tempo é fazer justiça e conceder liberdade. Essa é a razão pela qual nossas crenças tendem a, ou melhor, são de fato as únicas crenças compatíveis com uma fé firme e reverente em Deus e com o reconhecimento de Sua lei como a lei suprema que os homens devem seguir se quiserem garantir a prosperidade e evitar a destruição. Essa é a razão pela qual, para nós, a economia política serve apenas para mostrar a profundidade da sabedoria nas verdades simples que as pessoas comuns ouviram dos lábios daquele de quem se dizia com admiração: 'Não é este o Carpinteiro de Nazaré?'

"E é porque, no que propomos — garantir a todos os homens oportunidades naturais iguais para o exercício de suas faculdades e a remoção de todas as restrições legais ao exercício legítimo dessas faculdades —, vemos a conformidade da lei humana com a lei moral, que afirmamos com confiança, não apenas que este é o remédio suficiente para todos os males que vocês retratam de forma tão marcante, mas que é o único remédio possível.

"Nem existe qualquer outro. A constituição do homem é tal, suas relações com o mundo em que está inserido são tais — ou seja, as leis imutáveis de Deus são tais — que está além do poder da engenhosidade humana conceber qualquer maneira pela qual os males nascidos da injustiça que priva os homens de seu direito de nascença possam ser removidos de outra forma senão fazendo justiça, abrindo a todos a generosidade que Deus providenciou para todos.

"Visto que o homem só pode viver na terra e da terra, visto que a terra é o reservatório de matéria e força do qual o próprio corpo do homem é extraído e do qual ele deve extrair tudo o que pode produzir,

não decorre, inevitavelmente, que conceder a propriedade da terra a alguns homens e negar a outros todo o direito sobre ela é dividir a humanidade entre ricos e pobres, privilegiados e desamparados? Não decorre que aqueles que não têm direito ao uso da terra só podem viver vendendo sua força de trabalho àqueles que a possuem? Não decorre daí que o que os socialistas chamam de "lei de ferro dos salários", o que os economistas políticos denominam de "tendência dos salários ao mínimo", deva privar as massas sem terra — os meros trabalhadores, que por si sós não têm poder para dispor de sua força de trabalho — de todos os benefícios de qualquer avanço ou melhoria possível que não altere essa divisão injusta da terra? Pois, não tendo poder para se empregarem por conta própria, eles devem, seja como vendedores de trabalho, seja como arrendatários de terras, competir entre si pela permissão para trabalhar. Essa competição entre homens, excluídos do depósito inesgotável de Deus, não tem outro limite senão a fome e, em última instância, deve forçar os salários a seu nível mais baixo, o ponto em que a vida pode ser apenas mantida e a reprodução levada adiante.

"Isso não significa que todos os salários devam cair a esse nível, mas que os salários daquela camada necessariamente mais numerosa de trabalhadores — que possuem apenas conhecimento, habilidade e aptidão comuns — devem cair a esse nível. Os salários de classes especiais, que estão protegidas da concorrência por conhecimento, habilidade ou outras causas específicas, podem permanecer acima desse nível comum. Assim, onde a capacidade de ler e escrever é rara, possuí-la permite que um homem obtenha salários mais altos do que o trabalhador comum. Mas, à medida que a difusão da educação torna a capacidade de ler e escrever generalizada, essa vantagem se perde. Assim, quando uma profissão exige treinamento ou habilidade especial, ou seu acesso é dificultado por restrições artificiais, a limitação da concorrência tende a manter os salários nesse setor em um nível mais alto. Porém, à medida que o progresso das invenções dispensa habilidades específicas, ou as restrições artificiais são eliminadas, esses salários mais altos caem para o nível comum. Assim, é somente enquanto forem especiais que qualidades como diligência, prudência e economia podem permitir que o trabalhador comum mantenha uma condição acima daquela que apenas garante o sustento. Quando se tornam comuns, a lei da concorrência deve reduzir os ganhos ou as economias decorrentes dessas qualidades ao nível geral — o qual, sendo a terra monopolizada e o trabalho indefeso, só pode ser

aquele em que o próximo ponto mais baixo é a cessação da vida.

"Ou, para expressar a mesma ideia de outra forma: sendo a terra necessária à vida e ao trabalho, seus proprietários poderão, em troca da permissão para utilizá-la, obter dos meros trabalhadores tudo o que o trabalho pode produzir, exceto o suficiente para permitir que aqueles que são necessários aos proprietários de terras e seus dependentes possam sustentar-se.

"Assim, onde a propriedade privada da terra dividiu a sociedade em uma classe de proprietários de terras e uma classe de sem-terra, não há nenhuma invenção ou melhoria possível — seja ela industrial, social ou moral — que, desde que não afete a propriedade da terra, possa impedir a pobreza ou aliviar a condição geral dos meros trabalhadores. Pois, quer o efeito de qualquer invenção ou melhoria seja aumentar o que o trabalho pode produzir ou diminuir o que é necessário para sustentar o trabalhador, ela, assim que se tornar generalizada, resultará apenas no aumento da renda dos proprietários de terras, sem beneficiar de forma alguma os meros trabalhadores. Em hipótese alguma aqueles que possuem apenas a capacidade comum de trabalhar — capacidade totalmente inútil sem os *meios* necessários para o trabalho — poderão reter de seus ganhos mais do que o suficiente para lhes permitir viver.

"Quão verdadeiro isso é, podemos ver nos fatos de hoje. Em nossa época, as invenções e descobertas aumentaram enormemente a capacidade produtiva do trabalho e, ao mesmo tempo, reduziram significativamente o custo de muitas coisas necessárias ao sustento do trabalhador. Será que essas melhorias aumentaram em algum lugar os rendimentos do simples trabalhador? Será que seus benefícios não foram, principalmente, para os proprietários de terras — aumentando enormemente o valor das terras?

"Digo 'principalmente', pois parte desses benefícios foi destinada ao custeio de exércitos permanentes monstruosos e de preparativos bélicos; ao pagamento de juros sobre grandes dívidas públicas; e, em grande parte disfarçados como juros sobre capital fictício, aos proprietários de monopólios que não o da terra. Mas melhorias que eliminassem esses desperdícios não beneficiariam o trabalho; elas simplesmente aumentariam os lucros dos proprietários de terras. Se os exércitos permanentes e todas as suas consequências fossem abolidos, se todos os monopólios, exceto o da terra, fossem eliminados, se os governos se tornassem modelos de economia, se os lucros dos especuladores, dos intermediários e de todos os tipos de negociantes fossem poupados,

se todos se tornassem tão rigorosamente honestos que não fossem necessários policiais, tribunais, prisões nem precauções contra a desonestidade – o resultado não seria diferente daquele que se seguiu ao aumento da capacidade produtiva.

"Mais ainda, essas mesmas bênçãos não levariam à fome muitos daqueles que hoje conseguem sobreviver? Não é verdade que, se fosse proposto hoje aquilo pelo que todos os cristãos deveriam orar — a dissolução completa de todos os exércitos da Europa —, surgiriam os maiores temores quanto às consequências de lançar no mercado de trabalho tantos trabalhadores desempregados?

"A explicação para isso e para paradoxos semelhantes que, em nossa época, causam perplexidade por todos os lados, pode ser facilmente percebida. O efeito de todas as invenções e melhorias que aumentam a capacidade produtiva, que evitam o desperdício e economizam esforço, é diminuir o trabalho necessário para um determinado resultado e, assim, economizar trabalho, de modo que nos referimos a elas como invenções ou melhorias que economizam trabalho. Ora, em um estado natural da sociedade, onde os direitos de todos ao uso da terra são reconhecidos, as melhorias que economizam trabalho poderiam chegar ao limite máximo imaginável sem diminuir a demanda por homens, já que, nessas condições naturais, a demanda por homens reside em seu próprio prazer de viver e nos fortes instintos que o Criador implantou no peito humano. Mas naquele estado antinatural da sociedade, em que as massas de homens são privadas de tudo, exceto do poder de trabalhar quando a oportunidade de trabalho lhes é concedida por outros, ali a demanda por eles torna-se simplesmente a demanda por seus serviços por parte daqueles que detêm essa oportunidade, e o próprio homem se torna uma mercadoria. Portanto, embora o efeito natural das melhorias que economizam trabalho seja o aumento dos salários, ainda assim, na condição antinatural gerada pela propriedade privada da terra, o efeito — mesmo de melhorias morais como a dissolução dos exércitos e a economia do trabalho que o vício acarreta — é, ao diminuir a demanda comercial, reduzir os salários e levar os meros trabalhadores à fome ou à miséria. Se as invenções e melhorias que economizam trabalho pudessem levar à própria abolição da necessidade de trabalho, qual seria

o resultado? Não seria que os proprietários de terras poderiam então obter toda a riqueza que a terra é capaz de produzir e não teriam mais nenhuma necessidade de trabalhadores, que teriam então de passar fome ou viver como pensionistas, dependendo da generosidade dos proprietários de terras?

"Assim, enquanto a propriedade privada da terra persistir — enquanto alguns homens forem tratados como donos da terra e outros só puderem viver nela com a permissão daqueles — a sabedoria humana não poderá conceber nenhum meio pelo qual os males de nossa condição atual possam ser evitados."

Essa teoria da *terra livre* (exceto pelos impostos sobre ela) é uma teoria ampla e justa que teríamos prazer em ver colocada em prática imediatamente, embora não lucrássemos pessoalmente com isso. Sem dúvida, ela representaria um alívio temporário para a sociedade, embora a destruição dos valores fundiários por ela provocada causasse um choque tão grande ou maior do que o proposto pelo socialismo, a menos que fosse gradual, conforme sugerido acima, por meio de um anúncio prévio. Ela se combinaria facilmente com os traços mais moderados do socialismo e lhes conferiria maior durabilidade; pois, estando a terra — uma fonte de riqueza — nas mãos de *todo* o povo nessas condições, nunca seria necessário que pessoas saudáveis e trabalhadoras passassem fome: todos poderiam, pelo menos, cultivar safras suficientes para se alimentar. Embora acreditemos que essa seria uma medida sábia e justa, e em conformidade com a lei divina, como muito habilmente demonstrado pelo Sr. George, ela não seria, contudo, a panaceia para todos os males da humanidade. A criação gemendo continuaria a gemer até que a justiça e a verdade fossem plenamente estabelecidas na Terra e todos os corações fossem levados a concordar com elas; e o egoísmo ainda encontraria oportunidade de ficar com toda a nata, deixando apenas leite desnatado suficiente para as necessidades mais básicas dos demais.

Como prova de que um imposto único sobre a terra, por si só, não atenderia às exigências dos problemas sociais e financeiros, nem evitaria o desastre iminente e a ruína social, citamos um exemplo de seu fracasso notável. A Índia, por longos séculos, teve um imposto único, apenas um imposto sobre a terra — sendo o solo mantido em comum e funcionando sob

controle das aldeias. Como resultado, cerca de dois terços de sua população são agricultores – uma proporção maior do que em qualquer outro povo do mundo. Somente nos últimos anos a propriedade privada da terra foi introduzida ali pelos ingleses e, até o momento, apenas em uma área muito limitada. Pode-se dizer que o povo da Índia está *satisfeito* e *vive confortavelmente*; mas certamente não é porque é rico e dispõe de luxos e conveniências. As máquinas modernas estão revolucionando rapidamente suas condições de vida, reduzindo seus rendimentos já escassos e obrigando-os a viver com ainda menos ou a passar fome. Já citamos fontes confiáveis que mostram que as massas pobres raramente têm condições de se alimentar satisfatoriamente, mesmo com a comida mais simples. Veja a página 381.

Quando admitimos que a proposta do imposto único ou da terra gratuita se revelaria apenas um fator de alívio *temporário*, isso é tudo o que podemos admitir; pois, se o egoísmo for frustrado em uma direção, ele apenas irá explodir em outra: nada será efetivamente útil a não ser "corações novos" e "espíritos retos"; e nem a teoria do Imposto Único nem qualquer outra teoria humana pode produzi-los.

Suponhamos, por exemplo, que o povo fosse dono da terra; seria fácil para um consórcio de capital se recusar a comprar os produtos agrícolas, a não ser pelos valores que eles mesmos determinassem — o mínimo necessário para permitir que os produtores sobrevivessem — e, por outro lado, controlar e fixar preços elevados em tudo o que o agricultor precisasse adquirir — desde fertilizantes e implementos agrícolas até roupas para a família e móveis para a casa.

Essa mesma condição certamente está se aproximando — a Lei da Oferta e da Demanda funciona muito lentamente para satisfazer a ganância por riqueza nos dias de hoje. A mão de obra não pode impedir o funcionamento dessa lei e é pressionada tanto pelas máquinas quanto pela crescente população; mas o Capital pode neutralizá-la, pelo menos parcialmente, formando trustes, cartéis, sindicatos etc., para controlar quase totalmente ou de fato a oferta e os preços. O Cartel do Carvão é um exemplo disso.

De que adiantaria, perguntamos, o Imposto Único contra esse espírito de egoísmo? Seria impotente!

Mas suponhamos que a proposta da terra gratuita e do imposto único entrasse em vigor amanhã; suponhamos que as terras cultivadas fossem isentas de todos os impostos; que cada fazenda fosse dotada de uma casa, um cavalo, uma vaca, um arado e outras necessidades; suponhamos que isso significasse a duplicação da área atual de cultivo e a duplicação das safras atuais. Isso garantiria milho, trigo e hortaliças em abundância para a alimentação das pessoas saudáveis e econômicas; mas o grande excedente geraria um preço tão baixo que não valeria a pena levá-lo ao mercado, a não ser em condições favoráveis. Às vezes é assim, mesmo nas condições atuais: milhares de bushels de batatas e repolhos são deixados para apodrecer, porque não compensa comercializá-los. No primeiro ano, milhares de homens fortes e dispostos, ansiosos por prover seu próprio sustento, poderiam migrar das cidades para as fazendas mencionadas: isso liberaria o mercado de trabalho urbano e elevaria temporariamente os salários daqueles que permanecessem nas cidades, mas isso duraria apenas um ano. Os agricultores, ao perceberem que não poderiam fabricar roupas e artigos domésticos a partir de milho e batatas, seja diretamente, seja por meio de troca, abandonariam a agricultura e voltariam para as cidades, competindo vigorosamente por tudo o que pudessem obter que lhes proporcionasse mais do que o mero sustento; por tudo o que lhes garantisse uma parcela dos confortos e luxos da vida.

Não; a terra gratuita é boa como medida preventiva contra a fome, e é uma condição adequada, tendo em vista que nosso generoso Criador deu a terra a Adão e sua família como herança comum; e ajudaria muito em nossas dificuldades atuais se o mundo inteiro tivesse um Jubileu de restauração da terra e remissão de dívidas a cada cinquenta anos, como os judeus tinham. Mas tais medidas seriam meramente paliativas agora, assim como foram para os judeus e como ainda são na Índia. A única cura real é o grande Jubileu *antitípico* que será estabelecido pelo futuro Rei da Terra — Emanuel.

Outras Esperanças e Medos

Examinamos rapidamente as principais teorias apresentadas para a melhoria das condições atuais, mas é evidente que nenhuma delas é adequada às necessidades do caso. Além dessas, há um grande número de pessoas que pregam e oram incessantemente sobre o que consideram errado e que querem que alguém interrompa o curso do mundo, mas que não veem nem sugerem nada que sequer se assemelhe à viabilidade.

Mas, a esse respeito, não devemos deixar de mencionar algumas almas sinceras, mas totalmente impraticáveis, que imaginam em vão que as igrejas, se despertassem para a situação, poderiam evitar a calamidade social iminente, revolucionar a sociedade e restabelecê-la sobre uma base nova e melhor. Elas dizem: "Se ao menos as igrejas pudessem ser despertadas, elas conquistariam o mundo para Cristo e estabeleceriam na Terra um Reino de Deus com base no amor e na lealdade a Deus e no amor igualitário pelos semelhantes". Algumas delas chegam a afirmar que isso — o espírito de Cristo nas igrejas — seria a segunda vinda de Cristo.

Não é preciso nem mencionar o quão irremediavelmente impraticável essa teoria é. O que eles consideram seu ponto forte é, na verdade, sua fraqueza: os números. Eles olham para os números — 300 milhões de cristãos — e dizem: "Que poder!" Nós olhamos para os mesmos números e dizemos: "Que fraqueza!"

Se esse vasto número fosse composto por *os santos*, movidos e guiados pelo amor, haveria de fato força por trás do argumento, e pareceria totalmente viável afirmar que, se fossem despertados para a verdadeira situação, eles poderiam e revolucionariam a sociedade de imediato. Mas, infelizmente! O "joio" e o "palha" predominam, e a classe do "trigo" é pequena. Como declarou o grande Pastor, o seu é apenas um "pequeno rebanho" — assim como seu Mestre, "sem reputação nem influência, e entre eles
"não há muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres" — (1 Cor. 1:26) "Ouçam, meus amados

irmãos: não escolheu Deus os pobres deste mundo, ricos em fé, e herdeiros do Reino que Ele prometeu àqueles que O amam?" – Tiago 2:5.

Não, não! O espírito de Cristo em seu pequeno rebanho não é suficiente para lhes dar o Reino! A Igreja nunca esteve sem aqueles que possuíam esse espírito. Assim como nosso Senhor declarou antes de nos deixar, que estaria conosco até o fim dos tempos, assim se cumpriu. Mas ele também prometeu que, assim como partiu (pessoalmente) no fim da era judaica, assim voltaria (pessoalmente) no fim desta era. Ele nos assegurou que, durante sua ausência, todos os que lhe fossem fiéis "sofreriam perseguição para que os co-sofreriam violência" *até* que Ele voltasse e os recebesse para si. Então, Ele recompensaria sua fidelidade e seus sofrimentos com glória, honra e a imortalidade, e uma participação em seu trono e em seu poder para abençoar o mundo com um governo justo e o conhecimento da verdade, e, finalmente, para destruir os praticantes obstinados da iniquidade de entre os praticantes da justiça. Por isso, não apenas a criação que geme, mas também nós mesmos, que temos a primícia do espírito (Rm 8,23), devemos gemer e esperar — pelo tempo do Pai e pela maneira como o Pai concederá essas bênçãos. Ele mostrou claramente que o tempo para essas bênçãos está agora próximo e que elas serão introduzidas pelo castigo do mundo com um terrível tempo de angústia, do qual os santos, o pequeno rebanho, escaparão ao serem transformados e glorificados no Reino.

Mas, para que ninguém jamais diga que riqueza e vantagens educacionais lhes teriam permitido conquistar o mundo, Deus concedeu à igreja nominal — a "cristandade" — exatamente essas vantagens. No entanto, essas oportunidades parecem funcionar de forma contrária, cultivando orgulho, altivez e infidelidade, chamada de "crítica superior" — e resultarão na ruína da sociedade. "Quando o Filho do Homem vier, encontrará fé na terra?"

A Única Esperança – "Aquela Esperança Abençoada"

"Aguardando aquela bendita esperança e a gloriosa aparição do grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo. "Esperança essa que temos como uma
âncora para a alma, segura e inabalável." "Por isso, cingam os lombos da vossa mente, sejam sóbrios e esperem até o fim pela graça que lhes será trazida na revelação de Jesus Cristo." – Tito 2:13;
Hb 6,19; 1 Pe 1,13.

Ao considerar essa questão controversa da Oferta e da Demanda, que tanto contribui para dividir a humanidade em duas classes — os ricos e os pobres —, evitamos, na medida do possível, críticas severas a qualquer um dos lados; acreditando firmemente, como nos esforçamos por mostrar, que as condições atuais são resultado da lei constitucional do egoísmo (consequência da queda de Adão), que domina a vasta maioria da família humana, tanto ricos quanto pobres. Essas leis profundamente arraigadas do egoísmo constitucional são detestadas por um pequeno número de pessoas (principalmente os pobres) que, tendo encontrado Cristo e se submetido de todo o coração ao seu espírito e à sua lei do amor, abandonariam de bom grado todo o egoísmo, mas não conseguem. Essas leis muitas vezes oprimem pequenos comerciantes e empreiteiros, assim como os empregados. No entanto, sua ação é tão certa que, se todos os ricos morressem hoje e sua riqueza fosse distribuída proporcionalmente, essas leis reproduziriam, em poucos anos, exatamente as condições atuais. De fato, muitos dos milionários de hoje foram meninos pobres. E qualquer sistema de leis que a maioria dos homens pudesse promulgar, que privasse os homens das oportunidades de exercer suas propensões aquisitivas e egoístas, minaria a vida do progresso e rapidamente levaria a civilização de volta à imprudência, à indolência e à barbárie.

A única esperança para o mundo está no Reino de nosso Senhor Jesus Cristo — o Reino milenar. É o remédio há muito prometido por Deus, adiado até o tempo devido e agora, graças a Deus, próximo, até mesmo às portas. Mais uma vez, a situação extrema do homem será a oportunidade de Deus — "O desejo de todas as nações virá, em um momento em que a engenhosidade e a habilidade humanas

se esgotarem na busca por alívio, sem sucesso. De fato, parece ser o método divino ensinar grandes lições nas escolas da experiência. Assim, os judeus diretamente (e nós e todos os homens indiretamente) aprendemos, por meio de sua Aliança da Lei, a grande lição de que, pelas obras da Lei, nenhuma carne (caída) poderia ser justificada diante de Deus. Assim, o Senhor direcionou seus discípulos para a melhor Nova Aliança da Graça por meio de Cristo.

O tempo de angústia, o "dia da vingança", com o qual esta era se encerrará e a Era Milenar se iniciará, não será apenas uma recompensa justa pelos privilégios mal utilizados, mas tenderá a humilhar a arrogância dos homens e a torná-los "pobres do espírito", e prontos para as grandes bênçãos que Deus está pronto para derramar sobre toda a humanidade. (Joel 2:28) Assim, Ele fere para curar.

Mas alguém que não esteja familiarizado com o programa divino talvez pergunte: Como o Reino de Deus poderá ser estabelecido se todos esses métodos humanos falharem? Que plano diferente ele propõe? Se seu plano está declarado na Palavra de Deus, por que os homens não podem colocá-lo em prática imediatamente e, assim, evitar a tribulação?

Respondemos: O Reino de Deus não será estabelecido por um voto do povo, nem pelo voto da aristocracia e dos governantes. No tempo devido, Aquele "a quem pertence o direito", aquele que o comprou com seu próprio sangue precioso, *"tomará* o Reino". Ele "assumirá para si o seu grande poder e reinará". A força será empregada: "Ele as governará [as nações] com vara de ferro; como vasos de oleiro, serão quebrados em pedaços."--- (Ap. 2:27) Ele "... reunirá as nações para que eu possa reunir os reinos, a fim de derramar sobre elas a minha indignação, sim, toda a minha ira ardente; pois toda a terra será devorada pelo fogo do meu ciúme."----Pois *então* [depois que estiverem humilhados e prontos para ouvir e

dar ouvidos ao seu conselho], darei ao povo uma língua pura, para que todos invoquem o nome do Senhor e o sirvam de comum acordo." – Sofonias 3:8, 9.

Não apenas o Reino será estabelecido com força e será um poder ao qual os homens não poderão resistir, mas assim permanecerá durante toda a era milenar; pois todo o reinado tem o propósito específico de vencer os inimigos da justiça. "Ele deve reinar até que tenha colocado todos os inimigos debaixo de seus pés." "Seus inimigos lamberão o pó." "A alma que não ouvir [obedecer] a esse Profeta [o glorioso Cristo — antítipo de Moisés] será destruída do meio do povo", na Segunda Morte.

Satanás será amarrado — toda a sua influência enganosa e sedutora será contida — de modo que o mal não mais parecerá bom aos homens, nem o bem parecerá indesejável, como se fosse mal; a verdade não mais parecerá falsa aos homens, nem as mentiras serão feitas parecer verdadeiras. — Apocalipse 20:2.

Mas, como já foi demonstrado, o reinado não será apenas de força; lado a lado com a força estará o ramo de oliveira da misericórdia e da paz para todos os habitantes do mundo, que, quando os julgamentos do Senhor se espalharem pela terra, aprenderão a justiça. (Isaías 26:9) Os olhos cegos pelo pecado serão abertos; e o mundo verá o certo e o errado, a justiça e a injustiça, sob uma luz bem diferente da atual – sob "luz sétupla". (Isaías 30:26; 29:18-20) As
tentações externas do presente serão em grande parte eliminadas; os males não serão tolerados nem permitidos; mas uma punição certa e rápida recairá sobre os transgressores, aplicada com justiça infalível pelos Juízes glorificados e competentes daquela época, que também terão compaixão pelos fracos. – 1 Coríntios 6:2; Salmos 96:13; Atos 17:31.

Esses juízes não julgarão com base no que ouvirem nem no que virem, mas proferirão um julgamento justo.

(Isaías 11:3) Nenhum erro será cometido; nenhuma ação maligna deixará de receber sua justa recompensa: até mesmo *as tentativas* de cometer crimes deverão cessar rapidamente nessas condições. Todo joelho se dobrará [ao poder então no controle] e toda língua confessará [a justiça desse arranjo]. (Fil. 2:10, 11) Então, gradualmente — provavelmente para muitos —, a nova ordem das coisas começará a tocar o coração de alguns, e o que a princípio era obediência *forçada* se tornará obediência por *amor* e apreço pela justiça. E, por fim, todos os demais — todos aqueles que obedecem meramente por serem compelidos à força — serão exterminados na Segunda Morte. — Ap. 20:7-9; Atos 3:23.

O governo e a lei do Amor serão, assim, aplicados; não pelo consentimento da maioria, mas em oposição a ela. Isso fará com que a civilização se afaste de suas ideias republicanas e colocará a humanidade temporariamente sob um governo autocrático — por mil anos. Tal poder autocrático seria terrível nas mãos de um governante cruel ou incompetente; mas Deus nos livra de todo o medo ao nos informar que o Ditador daquela era será o Príncipe da Paz, nosso Senhor Jesus Cristo, que tem o bem-estar do homem tão no coração que entregou sua vida como *preço do resgate* para que pudesse ter autoridade para nos livrar da contaminação do pecado e restaurar à perfeição e ao favor divino todos aqueles que aceitarem sua graça por meio da obediência à Nova Aliança.

No início do milênio, ficará evidente para todos que esse caminho que Deus traçou é o único adequado às exigências do caso deste mundo doente pelo pecado e egoísta. De fato, alguns já percebem que a grande necessidade do mundo é um governo forte e justo: eles começam a ver, cada vez mais, que as únicas pessoas a quem se pode confiar com segurança a liberdade absoluta são aquelas que se converteram verdadeiramente — que têm vontades renovadas, corações renovados e o espírito de Cristo.

A Atitude Adequada para o Povo de Deus

Mas alguns podem perguntar: O que devemos fazer *agora* nós, que vemos essas coisas sob sua verdadeira luz? Se possuímos um terreno baldio, devemos doá-lo ou abandoná-lo? Não; isso não serviria a nenhum propósito bom, a menos que vocês o dessem a algum vizinho pobre que realmente precisasse dele; e, mesmo assim, caso ele não soubesse utilizá-lo, sem dúvida o censuraria como o responsável por suas desgraças.

Se formos agricultores, comerciantes ou industriais, devemos tentar conduzir nossos negócios com base nos princípios do milênio? Não; pois, como já foi demonstrado, fazer isso traria um desastre financeiro, prejudicial aos seus credores e àqueles que dependem de vocês, bem como aos seus funcionários.

Sugerimos que tudo o que pode ser feito agora é tornar nossa *moderação* conhecida por todos: evite explorar ninguém; pague um salário razoável ou uma participação nos lucros, ou então não contrate; evite toda forma de desonestidade; "pratique o que é honesto aos olhos de todos"; dê o exemplo de "piedade com contentamento" e, sempre tanto com palavras quanto com o exemplo, desencoraje não apenas a violência, mas até mesmo o descontentamento; e procure conduzir os cansados e sobrecarregados a Cristo e à palavra da graça de Deus — por meio da fé e da consagração total. E caso você, pela graça de Deus, seja administrador de mais ou menos riqueza, não a adore, nem procure ver quanto pode acumular para que seus herdeiros disputem e façam mau uso; mas *use-a*, de acordo com sua aliança, para o serviço de Deus e sob Sua orientação; lembrando-se de que ela não é sua para guardar, nem sua para usar para si mesmo, mas de Deus, confiada aos seus cuidados, para ser usada em serviço alegre, para a glória de nosso Rei.

Como sugestão para a aplicação prática dessas observações aos assuntos da vida, apresentamos a seguir uma carta que nos foi enviada por um leitor de nossa revista semestral e nossa resposta a ela, conforme publicada na mesma. Isso pode ser útil para outras pessoas.

NO MUNDO, MAS NÃO DO MUNDO

Pensilvânia

CARO IRMÃO: No último domingo, em nossa reunião, tivemos uma lição de Romanos 12:1, e entre os muitos pensamentos levantados a partir de um tema tão prolífico, destacaram-se alguns sobre o uso que fazemos do nosso tempo consagrado. Trabalho no ramo de mercearia; mas a situação do comércio em geral exige quase uma "vigilância eterna" no momento atual.

A questão que se me apresentou muitas vezes é: devo eu, como alguém consagrado, envidar tais esforços para conquistar e manter a clientela, como agora é necessário fazer? Divulgo listas de preços semanais, muitas vezes oferecendo mercadorias abaixo do custo como isca, e distribuo muitos "brindes" junto com mercadorias mais lucrativas; não por preferência por esse tipo de prática, mas porque todos os meus concorrentes estão fazendo a mesma coisa e, para manter meu negócio e meu sustento (já que não sou rica), sou obrigada a seguir o exemplo.

Outra característica questionável desse tipo de método é que ele prejudica meus irmãos mais fracos no mesmo ramo de negócios. Conheço muitos deles; algumas são viúvas tentando ganhar a vida honestamente com a venda de mercadorias: mas sou obrigado a jogar todos os meus melhores sentimentos ao vento e "entrar na briga", não importa a quem isso prejudique. Esta é uma triste confissão para alguém que almeja a posição de auxiliar nosso Senhor a tirar a humanidade do abismo do egoísmo, do qual ela deve ser salva na era que acreditamos estar tão próxima. Não estou tentando fazer com que você justifique minhas ações nesse assunto, mas desejo sua opinião sobre o curso aconselhável para os filhos professos de Deus envolvidos nos negócios durante o tempo presente, quando se trata de um caso em que os peixes grandes devoram os menores.

Atenciosamente, em Cristo,

Em resposta: As condições que você menciona são comuns a quase todas as formas de negócios e prevalecem cada vez mais em todo o mundo civilizado. Isso faz parte das "dificuldades" gerais de nossos tempos. O aumento da capacidade das máquinas e o crescimento da família humana contribuem, ambos, para reduzir os salários e tornar o emprego estável mais precário. Mais pessoas buscam ingressar no mundo dos negócios; e a concorrência e os lucros reduzidos, embora benéficos para os pobres, estão, comercialmente, acabando com as pequenas lojas e os preços altos. Consequentemente, pequenas lojas e fábricas estão dando lugar a outras maiores que, graças a organizações melhores e mais econômicas, permitem um atendimento de melhor qualidade e preços mais baixos. Estoque maior de mercadorias mais frescas a preços mais baixos e com melhor atendimento são vantajosos para o público em geral, em comparação com as antigas lojinhas com mercadorias velhas, preços altos e atendimento descuidado; mesmo que, temporariamente, algumas viúvas pobres ou dignas possam sofrer devido à incapacidade mental, física ou financeira de acompanhar a nova ordem das coisas. E mesmo essas, se conseguirem ter uma visão ampla e benevolente da situação, poderão regozijar-se com o bem-estar público, mesmo que isso imponha uma mudança desfavorável em seus próprios assuntos. Elas poderão regozijar-se com aqueles que são beneficiados e esperar pacientemente pelo Reino vindouro, que tornará as bênçãos de Deus mais comuns a todos do que atualmente. Mas só se pode esperar que aqueles que possuem a "nova natureza" e seu amor vejam as coisas dessa maneira altruísta. A atual competição comercial não é, portanto, um mal absoluto. É uma das grandes lições que estão sendo dadas ao mundo como um estudo preparatório antes de entrar na grande era milenar, quando os negócios do mundo estarão, em grande parte, se não totalmente, em bases socialistas — não para a riqueza ou vantagem do indivíduo, mas para o bem-estar geral.

Entretanto, porém, a tensão competitiva egoísta torna-se cada vez mais irritante para aqueles que possuem impulsos nobres e generosos, sejam cristãos ou não. Ficamos felizes em constatar sua própria compreensão do assunto e sua insatisfação com as condições atuais.

Nosso conselho é que você fique bem atento e, se encontrar algum outro ramo de negócios menos afetado pela concorrência e, portanto, mais favorável, faça a mudança. Caso contrário, ou até que encontre um negócio mais favorável ou condições mais favoráveis, aconselhamos que continue onde está e *modifique* um pouco seu rumo; ou seja, divida as questões da forma mais equilibrada possível entre os três interesses conflitantes – os seus, os de seus concorrentes e os de seus clientes ou vizinhos. Se o seu negócio estiver cobrindo as despesas e gerando um lucro razoável, esforce-se para mantê-lo assim, mas não o force na tentativa de se tornar "rico"; pois "os que *querem* enriquecer caem em tentação e em armadilha" (1
Tim. 6:9) Devemos evitar toda competição desonrosa ou mesquinhez para com os concorrentes, bem como qualquer deturpação de produtos aos clientes. A justiça e a honestidade devem ser cuidadosamente preservadas a *qualquer custo*; então, acrescente toda a "moderação" em favor do seu concorrente que o amor possa sugerir e que as circunstâncias permitam.

Não estamos esquecendo a injunção: "Não seguirás a multidão para praticar o mal" — (Êxodo 23:2), nem aconselhando o menor compromisso com a injustiça. Entendemos que sua pergunta não é se você pode cometer injustiça, mas se *o amor* lhe permitirá fazer tudo aquilo a que *a justiça* não se oporia e que o costume sanciona. O coração mundano não tem escrúpulos quanto a tais "bagatelas": — é a sua "nova natureza, cuja lei é o amor, que
preferiria ver seu concorrente prosperar e anseia por fazer o bem a todos os homens sempre que tiver oportunidade — especialmente à família da fé. Cultive essa "nova natureza" obedecendo à sua lei do amor de todas as maneiras *possíveis*. "Se for possível, na medida do que depender de vocês, vivam em paz com todos os homens" – agindo com generosidade e de acordo com o amor. Aquele que está imbuído do espírito do amor não pensa mal de seu concorrente, não busca apenas o próprio bem e não se alegra com o fracasso de um concorrente.

A dificuldade é que o mundo inteiro funciona com base

base depravada do egoísmo, o que é totalmente incompatível com o amor. Para alguns, o nível é mais elevado; para outros, mais baixo: alguns limitam seu egoísmo aos limites da *justiça*; outros descem no egoísmo até a injustiça e a desonestidade, e a tendência é sempre descendente. A "nova criatura" em Cristo nunca deve descer abaixo da justiça e da honestidade, e deve procurar, tanto quanto possível, elevar-se acima desse mais alto padrão mundano, em direção ao amor perfeito. É culpa do atual sistema competitivo que os interesses do comprador e os do vendedor estejam sempre em conflito. Nenhum poder pode corrigir, controlar e alterar tudo isso, exceto o único poder que Deus prometeu — o Reino Milenar, que imporá o domínio do amor e libertará das propensões e dos laços do egoísmo todos aqueles que, ao verem e conhecerem o caminho melhor, aceitarem a ajuda que lhes será oferecida.

* * *

Vimos que, sob a atual lei social, é inevitável ou o afundamento das massas da humanidade no lodo, como escravos da riqueza e do intelecto, ou o colapso da atual ordem social sob o reinado da anarquia; e a declaração bíblica de que será o último; e que isso trará uma terrível retribuição sobre todos os homens, ricos e pobres, instruídos e ignorantes, e, por meio de demonstração concreta, ensinará aos homens a loucura do egoísmo e os ajudará, no futuro, a apreciar a sabedoria da lei do amor de Deus; e que a "grande tribulação" ensinará
ensinar a todos uma lição temível, mas, no fim das contas, extremamente proveitosa. Estamos, portanto, preparados para examinar, em nosso próximo capítulo, o que as Escrituras têm a nos dizer a respeito da queda de "Babilônia" – a "cristandade" – na grande luta com a qual esta era chegará ao fim.

Ao observarmos o fracasso da cristandade em adotar o espírito dos ensinamentos de Cristo e vermos como o conhecimento e a liberdade adquiridos por meio de seus ensinamentos se misturaram com o espírito do mal e do egoísmo, e ao percebermos, a partir dos prenúncios atuais,

percebemos a aproximação certa da terrível calamidade — a anarquia e toda obra maligna —, vemos a justiça de sua permissão e lemos nisso a lei divina da retribuição. E embora lamentemos os males que incorrem na retribuição, ao mesmo tempo em que reconhecemos sua necessidade e justiça, e tendo aprendido também que os fins da misericórdia serão alcançados, por fim, por meio exatamente disso, nossos corações exclamam: "Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor Deus Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações." – Apocalipse 15:3 –
Margem

"Aguarde a manhã – ela certamente virá, Tão
certo quanto a noite trouxe necessidade;
Os olhos ansiosos, por fim, esforçarão a vista,
Não mais sem resposta da luz da manhã: Não
mais se esforçarão em vão, entre lágrimas, Para
perfurar a escuridão de tuas dúvidas e medos,
Mas, banhados pelo orvalho suave e pelos raios
da Aurora,
Sorrirão com êxtase diante da escuridão que se foi.

"Aguarda a manhã, ó criança ferida,
Desprezada, açoitada, perseguida e injuriada,
Sedenta e faminta, sem ninguém que tenha
piedade de ti, Coroada com os espinhos
retorcidos da agonia –
Nem o mais tênue raio de sol através da densa
infinitude da escuridão para te guiar para longe
dali –
Espera pela manhã – ela certamente virá, Tão
certo quanto a noite trouxe a necessidade."

–James Whitcomb Riley

ESTUDO XI

A BATALHA DO ARMAGEDOM

A aflição que se aproxima, simbolizada de diversas maneiras pelos profetas – tipificada na queda de Israel, em 70 d.C., e na Revolução Francesa – seu caráter geral e extensão – o grande exército do Senhor – "O pior dos pagãos"----– "O tempo da aflição de Jacó" – sua libertação – a
derrota de Gog e Magog.

"Pois eis que começo a trazer o mal sobre a cidade que é chamada pelo meu nome, ["Cristandade" – "Babilônia"], invocarei a espada sobre
todos os habitantes da terra, diz o SENHOR dos Exércitos..... O SENHOR clamará em alta voz do alto e fará ouvir sua voz de sua habitação sagrada; ele clamará muito alto sobre sua habitação [nominal] [Cristandade]; ele dará um grito, como os que pisam as uvas, contra todos os habitantes da terra.

"Um ruído tumultuoso chegará até os confins da terra; *pois o Senhor tem uma contenda com as nações, ele julgará toda a humanidade*: ele entregará os ímpios à espada, diz o SENHOR.

"Assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis que o mal se espalhará de nação em nação, e um grande redemoinho se levantará dos confins mais distantes da terra. E os mortos do Senhor estarão, naquele dia, de uma extremidade da terra até a outra: não serão lamentados, nem recolhidos, nem sepultados; serão como esterco sobre a terra." – Jer. 25:29-33.

Tão complexo e peculiar será o conflito desse Dia da Vingança que nenhum símbolo por si só poderia descrevê-lo. Nas Escrituras, portanto, são utilizados muitos símbolos impactantes, tais como batalha, terremoto, fogo, tempestade, furacão e dilúvio.

É a *"Batalha daquele Grande Dia do Deus* Todo-Poderoso", quando ele reunirá as nações e reunirá os reinos para derramar sobre eles sua indignação, sim, toda a sua ira feroz; pois o próprio Senhor dos Exércitos reúne as hostes da batalha. – Ap. 16:14; Sof. 3:8; Is. 13:4.

É "um *grande terremoto*, como nunca houve desde que os homens estão sobre a terra, tão poderoso e tão grande", que "abalará, não apenas a terra, mas também o céu". – Ap. 16:18; Hb. 12:26.

É *"o fogo do ciúme de Jeová*, que devorará toda a terra. Tanto os céus atuais (os poderes eclesiásticos
da cristandade) e a terra (a organização social sob a influência tanto da igreja quanto do Estado) estão reservados para o fogo neste dia de julgamento. 'Os céus passarão com grande estrondo, e os elementos [do atual eclesiasticismo] se derreterão com calor ardente; a terra [sociedade] e as obras que nela há também serão queimadas. Os céus
, em chamas, se dissolverão. Todos os orgulhosos e todos os que agem
mal serão como palha, e esse fogo os consumirá. Não lhes deixará nem raiz nem ramo.–Sof. 3:8; 2 Pe. 3:10, 12; Ml. 4:1.

"Seu caminho está no redemoinho e na tempestade." "Quem pode resistir diante de sua indignação? E quem pode suportar a ferocidade de sua ira?" – Naum 1:3, 6.

"Eis que vem, poderoso e forte, da parte do Senhor, como uma *tempestade de granizo* e uma *tempestade destrutiva*, como uma *inundação de águas poderosas* que transbordam, e derrubará com força à terra a coroa do orgulho." "Ele repreende o mar e o torna seco, e seca todos os rios. As montanhas tremem
diante dele, e os outeiros se derretem, e a terra [símbolos de toda a ordem atual das coisas] é queimada em sua presença; sim, o mundo e todos os que nele habitam Com uma enchente avassaladora
ele destruirá completamente aquele lugar, e as trevas perseguirão seus inimigos." – Isaías 28:2; Naum 1:4, 5, 8.

Que não se trata de inundações e incêndios literais, capazes de destruir nosso planeta Terra e sua população, fica evidente na afirmação (simbólica) de que, quando a ordem atual das coisas for destruída, ela será sucedida por uma nova ordem — "novos céus [o eclesiasticismo, a Igreja glorificada de Deus] e uma nova terra [a sociedade humana reorganizada sob o Reino de Deus com base no amor, em vez do egoísmo]". Referindo-se a essa nova ordem das
coisas, depois que o fogo da vingança retributiva de Deus tiver consumido os males atuais, Deus, por meio do Profeta, diz: *"Então darei ao povo uma língua pura [a verdade], para que todos invoquem o nome do Senhor e o sirvam de comum acordo*." – Sofonias 3:9.

DOIS TIPOS NOTÁVEIS DA CATÁSTROFE IMINENTE

Mas que ninguém conclua, pelo fato de essas várias descrições não serem literais, mas simbólicas, que elas representem, portanto, meramente uma batalha de palavras, um tremor de medo ou uma tempestade trivial de paixões humanas. Pois, embora controvérsias, palavras de paixão e discussões estejam e venham a estar entre as armas utilizadas nessa batalha, especialmente no início dela, ela não terminará com isso. Cada detalhe profético indica que, antes de terminar, será um conflito extremamente sangrento, uma tempestade feroz e terrível. Já observamos* o caráter típico da grande tribulação que se abateu sobre o Israel carnal no fim da era judaica; e agora, tendo chegado ao período paralelo — a colheita da era evangélica —, vemos todos os indícios de uma tribulação semelhante, embora muito maior, sobre a "cristandade", seu antítipo. Embora os julgamentos que se abateram sobre a Judéia e Jerusalém tenham sido terríveis ao extremo, eles foram apenas em pequena escala quando comparados à grande tribulação, que agora se aproxima rapidamente, sobre a cristandade e que envolverá o mundo inteiro.

O exército romano e a guerra convencional causaram apenas uma pequena parte das tribulações no fim da era judaica, conforme observado no

*Cap. 3 e Vol. II, Cap. 7.

mais terrível nas páginas da história, e apenas comparável à Revolução Francesa. Ela surgiu principalmente da desintegração nacional, da derrubada da lei e da ordem — a anarquia. O egoísmo aparentemente assumiu o controle total e colocou cada homem contra seu próximo — exatamente como está previsto para a tribulação que se aproxima sobre a cristandade (em meio à qual o grande templo espiritual, a Igreja escolhida de Deus, será concluída e glorificada). "Antes desses dias não havia salário para o homem, nem salário para a besta [ver margem]; tampouco havia paz para quem saía ou entrava, por causa da aflição; pois eu coloquei todos os homens, cada um contra o seu próximo." – Zac. 8:9-11.

É demasiado evidente, a ponto de não precisar de prova, que os tempos não mudaram a ponto de tornar tal calamidade impossível ou improvável em nossos dias. Mas, se alguém se inclinar a duvidar disso, que se lembre da grande Revolução que, há pouco mais de um século, levou a França à beira da ruína social e ameaçou a paz do mundo.

Alguns têm a ideia errônea de que o mundo superou as barbaridades dos tempos passados e repousam em uma segurança ilusória, presumindo que calamidades como as que ocorreram no passado não poderiam acontecer novamente; mas o fato é que nosso refinamento do século XX é uma camada muito fina, facilmente descascável: bom senso e conhecimento dos fatos, mesmo da história recente, e do ritmo febril atual da humanidade são suficientes para garantir a possibilidade de uma repetição do passado, mesmo sem a palavra segura da profecia, que prediz um tempo de angústia como nunca houve desde que existe uma nação.

Na linguagem simbólica do Apocalipse, a Revolução Francesa foi de fato um "grande terremoto" — um choque social tão grande que toda a "cristandade" tremeu até que tudo acabasse; e aquela terrível e repentina explosão da ira de uma única nação

ira, há apenas um século, pode dar uma ideia da fúria da tempestade que se aproxima, quando a ira de todas as nações enfurecidas romperá os laços da lei e da ordem e causará um reinado de anarquia universal. Deve-se lembrar, também, que essa calamidade ocorreu no que era então o próprio coração da cristandade, no meio daquela que era considerada uma das nações mais profundamente cristãs do mundo, a nação que, por mil anos, havia sido o principal esteio do papado. Uma nação embriagada com o vinho de falsas doutrinas de Babilônia, tanto na igreja quanto no Estado, e há muito subjugada pela hipocrisia clerical e pela superstição, vomitou ali sua impureza e esgotou a força de sua fúria enlouquecida. De fato, a Revolução Francesa parece ser mencionada por nosso Senhor em seu Apocalipse a João, em Patmos, como um prelúdio e uma ilustração da grande crise que agora se aproxima.

Deve-se observar também que as mesmas causas que funcionaram para provocar aquela grande calamidade estão agora funcionando para produzir uma revolução semelhante, mas muito mais extensa, uma revolução que será mundial. As causas daquela terrível convulsão foram resumidas brevemente pelo historiador da seguinte forma:*

"A causa imediata e mais eficaz da Revolução Francesa deve ser atribuída às dificuldades do povo e aos embaraços do governo ocasionados pelas enormes despesas da guerra na qual a França apoiou a independência das colônias americanas. A prodigalidade da corte, as dissensões do clero, o progresso gradual da inteligência geral, a disseminação dos princípios revolucionários provocada pela luta americana e as opressões de longa data a que as massas populares estavam submetidas, tudo isso contribuiu para o mesmo efeito. Exaustos pela opressão, irritados
pela presença contínua de uma tirania insultuosa, incitados ao ressentimento por seus injustiçados e instruídos no *conhecimento*

**Campanhas de Napoleão*, p. 12.

de seus direitos, o povo da França despertou para um espírito universal de reclamação e ressentimento. O grito de "Liberdade!" ressoou da capital até as fronteiras e ecoou dos Alpes aos Pirineus, das margens do Mediterrâneo às do Atlântico. Como todas as mudanças repentinas e violentas em Estados corruptos, a explosão foi acompanhada por males e atrocidades, diante dos quais os crimes e as misérias do antigo despotismo perderam importância."----

Diz outro historiador:*

"A principal entre as causas da revolução na França foi a hostilidade sentida em relação às classes privilegiadas — o rei, os nobres e o clero — devido às restrições e aos fardos que a lei e os costumes impunham às classes abaixo delas.

"A terra – Quase dois terços das terras na França estavam nas mãos dos nobres e do clero. Grande parte delas era mal cultivada por seus proprietários indolentes. Os nobres preferiam as diversões de Paris a uma residência em suas propriedades. Havia muitos pequenos proprietários de terras, mas, individualmente, possuíam terra insuficiente para garantir sua subsistência. O tratamento dispensado ao camponês era, muitas vezes, tal que, quando ele contemplava as torres do castelo de seu senhor, o desejo mais ardente de seu coração era incendiá-lo com todos os seus registros de dívidas [hipotecas]. O clero detinha uma imensa quantidade de terras, o controle senhorial sobre milhares de camponeses e uma renda vultosa proveniente de dízimos e outras fontes. Em algumas províncias, a situação era melhor do que em outras; mas, em geral, os ricos desfrutavam dos prazeres, enquanto os pobres arcavam com os fardos.

"Monopólios – A manufatura e o comércio, embora incentivados, eram restringidos por monopólios opressivos e por uma organização rígida das guildas.

"Governo *corrupto* – A administração do governo era tanto arbitrária quanto corrupta.

"Perda do respeito pela realeza – O respeito pelo trono foi perdido.

"Tentativas frustradas de reforma – Os esforços políticos

**História Universal* (do Prof. Fisher, da Universidade de Yale), p. 497.

e social na França e em outros países, emanados dos soberanos após as grandes guerras, geraram um sentimento de inquietação sem, no entanto, alcançar seu objetivo de reorganização social.

"Especulação *política* – A corrente de pensamento seguia uma direção revolucionária. As crenças tradicionais na religião eram ousadamente questionadas. A especulação política era generalizada. Montesquieu havia chamado a atenção para a liberdade garantida pela constituição inglesa. Voltaire havia se detido nos direitos humanos. Rousseau havia discorrido sobre o direito soberano da maioria.

"Exemplo dos Estados Unidos – Acrescente-se a esses fatores a influência da Revolução Americana e da Declaração de Independência dos Estados Unidos, com sua proclamação dos direitos humanos e do fundamento do governo no contrato e no consentimento do povo."

Em todas essas causas principais que culminaram nos terrores da Revolução Francesa, vemos uma forte semelhança com condições semelhantes da atualidade, que estão levando, de forma rápida e inevitável, aos resultados semelhantes previstos em escala mundial. Marcos a crescente animosidade entre as classes privilegiadas (realeza e aristocracia) e as classes trabalhadoras, as discussões sobre o que é certo e errado para o povo e o declínio do respeito tanto pela autoridade civil quanto pela eclesiástica. Observe também a corrente revolucionária do pensamento e da expressão populares – a crescente insatisfação das massas populares com os poderes dominantes e as instituições governamentais. E se a Declaração de Independência dos Estados Unidos, com sua proclamação dos direitos humanos e do fundamento do governo no contrato e no consentimento do povo, inspirou as massas francesas com um desejo de liberdade e independência, não é surpreendente que a experiência bem-sucedida desse governo do povo e pelo povo, ao longo de um século, e o grau de liberdade e prosperidade aqui desfrutados, estejam exercendo sua influência

sobre os povos do Velho Mundo. A onda incessante de emigração de outros países para este país é mais uma evidência da impressão que essa experiência causou nos povos de outras nações.

E, no entanto, a liberdade e a prosperidade desfrutadas aqui estão longe de ser satisfatórias para o povo local. Eles anseiam por uma condição ainda melhor e buscam medidas para alcançá-la. Em nenhum outro lugar da cristandade essa determinação se afirma de forma mais positiva e ousada do que aqui. Cada homem está em *alerta* para fazer valer seus direitos, sejam eles reais ou imaginários. A tendência do pensamento aqui, como em outros lugares, segue a corrente da revolução e se torna cada vez mais forte a cada dia.

A Revolução Francesa foi uma luta de um pouco de luz contra as trevas densas; do espírito despertado da liberdade contra a opressão há muito estabelecida; e de um pouco de verdade contra velhos erros e superstições, há muito incentivados e fomentados pelos poderes civis e eclesiásticos para seu próprio engrandecimento e a opressão do povo. E, no entanto, ela revelou o perigo da liberdade quando não guiada pela justiça e pelo espírito de uma mente sã. (2 Tim. 1:7) Um pouco de conhecimento é, de fato, uma coisa perigosa.

Um dos contos de Charles Dickens, cuja cena se passa nos tempos conturbados da Revolução Francesa, começa assim e se encaixa perfeitamente na época atual, como ele sugere:

"Era o melhor dos tempos, era o pior dos tempos; era a era da sabedoria, era a era da insensatez; era a época da fé, era a época da descrença; era a estação da luz, era a estação das trevas; era a primavera da esperança, era o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, não tínhamos nada diante de nós; estávamos todos indo direto para o céu, estávamos todos indo direto para o outro lado; em resumo, aquele período se assemelhava tanto ao período atual que algumas de suas autoridades mais barulhentas insistiam em que fosse considerado, para o bem ou para o mal, apenas no grau superlativo de comparação."

Embora vejamos as mesmas causas funcionando em todo o mundo hoje, produzindo resultados semelhantes em uma escala mais ampla, não podemos nos consolar com ideias de segurança ilusória e proclamar "Paz! Paz!" quando não há paz; especialmente diante das advertências das profecias. À luz do caráter predito dos eventos vindouros dessa batalha, podemos considerar a Revolução Francesa apenas como o estrondo de um trovão distante, alertando sobre uma tempestade que se aproxima; como um leve tremor que antecede o choque sísmico geral; como o tique-taque premonitório do grande relógio dos séculos, que avisa aos que já estão acordados que as engrenagens estão em movimento e que, em breve, ele marcará a meia-noite que porá fim à atual ordem das coisas e dará início a uma nova ordem — o Ano do Jubileu, com a comoção e as mudanças de posse que o acompanham. Ela *de fato* despertou o mundo inteiro e colocou em ação as forças poderosas que, por fim, derrubarão completamente a velha ordem das coisas.

Quando as condições estiverem totalmente maduras para a grande Revolução, uma circunstância das mais triviais poderá servir como um pavio para incendiar a atual estrutura social em todo o mundo; assim como, por exemplo, no caso da Revolução Francesa, cujo primeiro ato manifesto, dizem, foi o bater em uma panela de lata por uma mulher cujos filhos estavam com fome. Logo, um exército de mães marchava em direção ao palácio real para pedir pão. Ao terem seu pedido recusado, os homens se juntaram a elas, e em pouco tempo a ira da nação se acendeu e as chamas da revolução varreram toda a terra.

E, no entanto, a realeza estava tão alheia às condições do povo e tão cercada de abundância e luxo que, mesmo quando essas revoltas eclodiram, a rainha não conseguiu compreender a situação. Ao ouvir de seu palácio a comoção da multidão, ela perguntou o que significava aquilo e, ao ser informada de que o povo clamava por pão, respondeu: "É tolice da parte deles fazer tanto alarde por causa *do pão*: se o pão está escasso, que comam *bolo*, que agora está barato."

Tão marcante é a semelhança entre o presente e aqueles tempos que o alarme está sendo soado por muitos observadores perspicazes dos sinais dos tempos, enquanto outros não conseguem perceber a situação. Os gritos que precederam a Revolução Francesa não foram nada em comparação com os apelos que agora se elevam das massas em todo o mundo aos detentores do poder e da influência.

O Prof. G. D. Herron, do Iowa College, disse há alguns anos:

"Por toda parte há sinais de mudança universal. A humanidade está
em um estado de expectativa, oprimida até que seu novo batismo seja realizado. Cada fibra da sociedade está sentindo as primeiras agonias de uma grande provação que testará todos os que habitam a Terra e que resultará em uma libertação divina [embora ele não consiga vislumbrar *como* será essa libertação nem *como* ela se concretizará]. Estamos no início de uma revolução que colocará à prova todas as instituições religiosas e políticas existentes e testará a sabedoria e o heroísmo das almas mais puras e corajosas da Terra. A revolução social, que torna os últimos anos do
nosso século e os anos que se iniciam do próximo *os mais cruciais e formativos desde a crucificação do Filho do Homem*, é o chamado e a oportunidade para que a cristandade se torne cristã."

Mas, ai de nós! O chamado não é atendido; na verdade, não é realmente *ouvido* por ninguém, a não ser por uma minoria impotente no poder, tão grande é o barulho do egoísmo e tão fortes são os laços do costume. Somente as agonias do grande terremoto social que se aproxima — a revolução — efetuarão a mudança; e, em seu curso terrível, nada será mais manifesto do que os sinais da justa retribuição que revelarão a todos os homens o fato de que o justo Juiz de toda a terra está estabelecendo "o juízo com a corda e a justiça com o prumo". — Isaías 28:17.

O caráter retributivo da grande tribulação sobre o Israel carnal na colheita da era judaica foi muito marcante; assim também foi o da Revolução Francesa; e assim se manifestará na angústia atual quando o clímax for atingido. As observações do Sr. Thomas H. Gill, em sua obra **The Papal Drama**, referindo-se

ao caráter retributivo da Revolução Francesa, sugerem também o caráter retributivo da aflição vindoura sobre a cristandade como um todo. Ele diz:

"Quanto mais profundamente se considera a Revolução Francesa, mais manifesta se torna sua preeminência acima de todas as coisas estranhas e terríveis que já aconteceram nesta terra. . . . Nunca o mundo testemunhou uma *retribuição* tão exata e sublime. Se ela infligiu um mal enorme, isso pressupôs e derrubou um mal enorme Em um país onde todas as instituição antiga e todo costume consagrado pelo tempo desapareceram em um instante; onde todo o sistema social e político desmoronou diante do primeiro golpe; onde a monarquia, a nobreza e a Igreja foram varridas quase sem resistência, toda a estrutura do Estado deve ter estado podre: a realeza, a aristocracia e o clero devem ter pecado gravemente. Lá onde as coisas boas deste mundo — nascimento, posição social, riqueza, roupas finas e maneiras elegantes — se tornaram perigos mundanos e desvantagens mundanas por um tempo, posição social, nascimento e riquezas devem ter sido terrivelmente abusados.

"A nação que aboliu e proscrito o cristianismo, que destronou a religião em favor da razão e entronizou a nova deusa na Notre Dame na pessoa de uma prostituta, deve necessariamente ter sido afligida por uma forma muito irracional e muito corrupta de cristianismo. O povo que travou uma guerra de extermínio tão total contra tudo o que estava estabelecido, a ponto de abolir as formas comuns de tratamento e saudação, e a forma comum de contar o tempo, que abominava o 'você' como um pecado e recuava diante do 'monsieur' como uma abominação, que transformou as semanas em décadas e não quis mais saber dos antigos meses, certamente deve ter tido bons motivos para odiar aqueles velhos costumes, dos quais impulsionou seu afastamento com uma extravagância tão minuciosa e absurda.

"Os salões demolidos da aristocracia, os túmulos saqueados da realeza, o rei e a rainha decapitados, o pequeno delfim tão tristemente assassinado, os príncipes reduzidos à mendicância, os

padres e nobres, a guilhotina soberana, os casamentos republicanos, o curtume de Meudon, os casais amarrados juntos e jogados no Loire, e as luvas feitas com peles de homens e mulheres: essas coisas são das mais horríveis; mas, ao mesmo tempo, são eloquentes em termos de *retribuição*: elas revelam a presença solene de Némesis, a mão terrível de um poder vingativo. Elas trazem à mente os horríveis pecados daquela velha França; os camponeses miseráveis esmagados pelo peso de impostos dos quais os ricos e nobres estavam isentos; assolados de tempos em tempos por fomes cruéis em virtude de impostos esmagadores, guerras injustas e governos monstruosos, e então enforcados ou fuzilados em grupos de vinte ou cinquenta apenas por reclamarem da fome: e tudo isso durante séculos! Eles trazem à memória os protestantes assassinados aos milhões nas ruas de Paris, atormentados durante anos pelos dragões militares em Poitou e Bearn, e caçados como bestas nas Cévennes; massacrados e mortos aos milhares e dezenas de milhares de muitas maneiras dolorosas e ao longo de muitos anos dolorosos...

"Em nenhuma obra da Revolução Francesa esse seu caráter retributivo se manifesta de forma mais marcante ou solene do que em sua atitude perante a Igreja Romana e o poder papal. Coube especialmente à França — que, após uma luta tão feroz, havia rejeitado a Reforma e cometido crimes tão enormes nesse processo de rejeição — voltar sua fúria contra a própria Igreja Romana, em defesa da qual havia sido tão veemente, ... para abolir o culto católico romano, massacrar multidões de padres nas ruas de suas grandes cidades, persegui-los por todo o país e expulsá-los aos milhares para terras estrangeiras, exatamente como havia massacrado, perseguido e levado ao exílio centenas de milhares de protestantes; .
... para levar a guerra aos territórios papais e infligir todo tipo de desgraças e vergonhas ao indefeso papado... Os excessos da França revolucionária não foram tanto um castigo quanto o resultado direto dos excessos da França feudal, real e papal. . . .

"Em um de seus aspectos, a Revolução pode ser descrita como uma reação contra os excessos, espirituais e religiosos, da perseguição católica romana ao protestantismo. Assim que a torrente irrompeu, ela se chocou diretamente contra a Igreja Romana e o papado. Os bens da Igreja foram transferidos para o
Estado; o clero francês passou de um corpo proprietário para um corpo assalariado;

os monges e as freiras foram reintegrados ao mundo, tendo os bens de suas ordens sido confiscados; os protestantes passaram a gozar de plena liberdade religiosa e igualdade política. A religião católica romana foi
logo em seguida formalmente abolida.

"Bonaparte desembainhou a espada da França contra o indefeso Pio VI... O Pontífice tornou-se um subordinado... Berthier marchou sobre Roma, instaurou uma República Romana e prendeu o Papa. O soberano pontífice foi levado para o acampamento dos infiéis, de prisão em prisão, e
foi finalmente levado cativo para a França. Lá ele deu
seu último suspiro, em Valence, onde seus sacerdotes haviam sido massacrados, onde seu poder foi quebrado, e seu nome e cargo eram motivo de escárnio e de zombaria, e sob a custódia dos rudes soldados da República, que por dez anos mantiveram em seus lábios um cálice de amargura tão manifesta e extrema. Foi uma sublime
e perfeita *retribuição*, que tanto surpreendeu o mundo no final do século XVIII; essa proscrição da Igreja Romana pela mesma nação francesa que massacrou miríades de protestantes a seu mando; esse fim lamentável do pontífice soberano, naquela mesma Dauphiné tão consagrada pelas lutas dos protestantes, e perto daqueles vales alpinos onde os valdenses haviam sido tão impiedosamente perseguidos pelos soldados franceses; essa transformação dos "Estados da Igreja" na "República Romana"; e essa derrubada do papado territorial pela própria nação francesa, que, há exatamente mil anos, sob Pepino e Carlos Magno, havia concedido esses territórios.

"Multidões imaginavam que o papado estava à beira da morte e se perguntavam se Pio VI seria o último pontífice e se o fim do século XVIII seria marcado pela queda da dinastia papal. Mas a Revolução Francesa foi o começo, e não o fim do julgamento; a França havia apenas *começado* a executar a sentença, uma sentença certa e inevitável, mas longa e morosa, que seria diversificada por muitos incidentes estranhos e, de vez em quando, por uma aparência de fuga, uma sentença que se prolongaria por meio de muita dor e muita ignomínia."

Devemos esperar que as dificuldades que se aproximam sejam

não menos amargas e severas do que esses dois exemplos, mas sim mais terríveis e também mais generalizadas; porque (1) as condições atuais tornam cada membro da estrutura social mais dependente do que nunca, não apenas de novos e maiores confortos e luxos, mas também das próprias necessidades da vida. A interrupção do tráfego ferroviário, por si só, significaria fome em menos de uma semana em nossas grandes cidades; e a anarquia geral significaria a paralisia de todas as indústrias dependentes do comércio e da confiança. (2) O Senhor declara expressamente que a tribulação que se aproxima será *"tal* como nunca houve desde que existe uma nação" — nem jamais haverá daqui em diante. — Dan. 12:1; Joel 2:2; Mt. 24:21.

Mas, embora não haja esperança de que essa tribulação possa ser evitada, há instruções dadas nas Escrituras para aqueles que desejam se proteger da tempestade que se aproxima.

(1) Aos fiéis da Igreja é prometida a libertação antes que a tempestade se abata com toda a sua força. (2) Todos os que amam a justiça e buscam a paz devem diligentemente colocar sua casa em ordem, conforme orientado pela Palavra do Senhor, que diz: "Antes que o decreto seja promulgado, antes que o dia passe como o joio, antes que chegue sobre vós o dia da ira do Senhor, buscai ao Senhor, todos vós, mansos da terra, que cumpristes os seus mandamentos; buscai *a justiça*, buscai *a mansidão*; talvez sejais escondidos no dia da ira do Senhor." – Sofonias 2:2, 3

Para que todos esses sejam despertados para a situação, o profeta Joel exorta aqueles que veem essas coisas a soarem o alarme, dizendo: "Tocai a trombeta, soai o alarme
no meu monte santo [a cristandade – que se professa como o monte santo ou reino do Senhor], que todos os habitantes da terra tremam; pois o dia do Senhor vem, pois está próximo."---
(Joel 2:1) "Sobre os ímpios, diz o salmista,
Deus 'fará chover armadilhas, fogo e enxofre [símbolos de angústia e destruição], e uma tempestade terrível: isso

será a porção do seu cálice; pois o Senhor, que é justo, ama a justiça." – Salmo 11:6-7.

A batalha desse grande dia do Deus Todo-Poderoso será a maior revolução que o mundo já viu, pois será aquela em que todos os princípios da injustiça estarão envolvidos; pois, tão verdadeiramente neste julgamento das nações quanto no julgamento dos indivíduos, "não há nada encoberto que não venha a ser revelado; nem oculto que não venha a ser conhecido." (Mateus 10:26) Eis que, como, mesmo agora, o holofote da inteligência geral está descobrindo as fontes secretas das intrigas políticas, das políticas financeiras, das alegações religiosas etc., e como todas são levadas ao tribunal do julgamento e, tanto pelos homens quanto por Deus, declaradas certas ou erradas, conforme julgado pelos ensinamentos da Palavra de Deus — pela regra de ouro, pela lei do amor, pelos exemplos de Cristo etc., todos os quais estão ganhando destaque notável nas discussões destes tempos.

A batalha do grande dia, como toda outra guerra revolucionária, tem suas etapas de desenvolvimento gradual. Por trás de cada indício de conflito estão as causas inspiradoras, as injustiças nacionais e individuais, reais ou imaginárias; em seguida, vem uma percepção aguda dessas injustiças por parte daqueles que delas sofrem; depois, geralmente, seguem-se várias tentativas de reforma, que, ao se revelarem infrutíferas, levam a grandes controvérsias, guerras de palavras, divisões, conflitos de opiniões e, finalmente, à vingança e ao conflito armado. Tal é a ordem da Batalha do Grande Dia de Deus Todo-Poderoso. Seu caráter geral é o de uma luta da luz contra as trevas, da liberdade contra a opressão, da verdade contra o erro. Sua extensão será mundial — camponês contra príncipe, banco da igreja contra púlpito, trabalho contra capital: os oprimidos em armas contra a injustiça e a tirania de todo tipo; e os opressores em armas para a defesa do que há muito consideram seus direitos, mesmo quando se percebe que se trata de usurpações dos direitos alheios.

O Grande Exército do Senhor

Nos capítulos anteriores, observamos o trabalho de preparação para o conflito deste dia maligno – a organização, o equipamento e o treinamento de imensos exércitos, a construção de grandes frotas navais, a invenção de novas e maravilhosas máquinas de guerra, a fabricação de novos e poderosos explosivos e o esgotamento dos recursos nacionais em todas as nações para fins de equipamento militar; e observamos os murmúrios das nações iradas, todas elas armadas até os dentes, lançando olhares hostis umas às outras.

Ao observarmos esses milhões de guerreiros armados e disciplinados, nos perguntamos: Qual, dentre todas essas poderosas hostes, é o exército ao qual os profetas se referem como o grande exército do Senhor? As referências proféticas poderiam ser a qualquer um deles? E, se for o caso, em que sentido poderiam ser considerados o exército do Senhor, já que nenhum deles é movido pelo seu espírito? Ou será que essa referência se refere ao povo de Deus, os soldados da cruz, cujas armas são descritas pelo apóstolo Paulo como não carnais, mas poderosas, capazes de derrubar fortalezas? (2 Cor. 10:3-5) Será que "a espada do espírito, que é a Palavra de Deus" (Ef. 6:17), nas mãos do povo
de Deus, que estão cheios do seu espírito, realizará a grande obra de derrubar todos os reinos deste mundo e entregá-los a Cristo como possessão eterna?

Quem dera que assim fosse! Mas já vimos que tal não será o caso, tanto pela visão profética quanto pelos sinais dos tempos. Pelo contrário, os protestos e as advertências dos justos são constantemente ignorados pelo mundo, e as nações continuam caminhando nas trevas; consequentemente, todos os fundamentos da terra (da atual estrutura social) estão fora de curso (Salmo 82:5), colocando assim em risco toda a superestrutura social, que agora está sendo terrivelmente abalada. "Gostaríamos de ter curado a Babilônia", diz o profeta, "mas ela não está curada: abandonem-na ['Saiam

dela, meu povo' – Ap. 18:4]; [...] pois o seu julgamento chega até o céu e se eleva até os céus." – Jer. 51:9.

É evidente que não são os santos que constituirão o grande exército do Senhor, mencionado pelos profetas, para a derrubada dos reinos deste mundo; nem as armas de sua batalha são suficientes para esse fim. Suas armas são, de fato, poderosas, como diz o Apóstolo, entre aqueles que são influenciados por elas. Entre o verdadeiro povo de Deus, que dedica diligentemente o coração à instrução, a Sua Palavra é mais afiada do que qualquer espada de dois gumes, verdadeiramente "derrubando as imaginações [raciocínios humanos] e tudo o que se exalta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência a Cristo" (2 Cor. 10:4,5);
mas não é assim que as armas desta guerra funcionam no mundo. O exército dos santos, além disso, não é um "grande exército" – mas um "pequeno rebanho", como o próprio Senhor designou
.– Compare Lucas 12:32; Joel 2:11.

Ouça a descrição profética desse exército:

"Um povo grande e forte; nunca houve outro semelhante, nem haverá outro depois dele, nem mesmo nos anos de muitas gerações. Um fogo devora à sua frente; e atrás deles arde uma chama: a terra é como o jardim do Éden à sua frente, e atrás deles um deserto desolado; sim, e nada lhes escapará. Sua aparência é como a de cavalos; e, como cavaleiros, assim correrão. Como o ruído de carruagens no cume das montanhas [reinos], assim saltarão; como o ruído de uma chama de fogo que devora o restolho, como um povo forte em formação de batalha.

"Diante de sua face, o povo ficará muito angustiado: todos os rostos ficarão sombrios. Correrão como homens valentes; escalarão a muralha como guerreiros; e
marcharão, cada um por seu caminho, e não romperão

suas fileiras. E não se empurram uns aos outros; cada um segue por sua trilha batida: e passam por entre armas de guerra, sem mudar de propósito. Para a cidade eles se apressam; correrão sobre a muralha; escalarão as casas; pelas janelas entrarão como ladrões. A terra [a ordem social atual] tremerá diante deles; os céus [os poderes eclesiásticos] estremecerão; o sol e a lua [as influências iluminadoras do evangelho e da lei mosaica] escurecerão [tendo a infidelidade geral se tornado amplamente prevalente], e as estrelas [as luzes apostólicas (Apocalipse 12:1)] perderão seu brilho [terá chegado a noite escura em que ninguém pode trabalhar – João 9:4; Isaías 21:9, 11, 12]. E o Senhor fará ouvir a sua voz diante do seu exército; pois o seu acampamento é muito grande; pois forte é aquele que executa a sua palavra; pois o dia do Senhor é grande e muito terrível, e quem poderá suportá-lo?" – Joel 2:2-11.

Esse exército do Senhor deve enfrentar as terríveis condições do dia do mal, quando os elementos temíveis que agora se preparam para o conflito — o fogo — tiverem atingido o clímax de sua prontidão. É esse exército que, sob a providência soberana do Senhor, derrubará o trono dos reinos e destruirá a força dos reinos das nações. (Ageu 2:22) Mas onde existe tal exército? Será o exército alemão? O francês, o inglês, o russo ou o dos Estados Unidos? Um exército tão grande quanto o aqui descrito pelo Profeta, e que deve realizar coisas tão maravilhosas — e isso, conforme indicado, nos poucos anos que ainda restam deste notável período de colheita —, provavelmente já existe no momento e está em algum estágio de preparação para a obra de carnificina que se aproxima. A descrição do Profeta não é de uma multidão indisciplinada, que poderia ser facilmente controlada por aqueles versados nas artes da guerra; mas é de um poderoso exército sob um alto

grau de disciplina. Onde, então, perguntamos, existe tal exército, atualmente sob instrução e treinamento? Um exército diante do qual a terra [a sociedade] tremerá e os céus [o clericalismo] estremecerão (Joel 2:10); que se alinhará corajosamente contra as forças conservadoras da cristandade, tanto civis quanto eclesiásticas, e esperará até mesmo enfrentar sua força atual? Onde está o exército que, num futuro próximo, ousará negar as doutrinas consagradas pela tradição da cristandade, sua arte de governar e sua astúcia clerical? Que ignorará com desdém todos os seus anátemas, desprezará suas ordens e repelirá seus raios de autoridade e poder organizado? Que enfrentará o rugido de sua artilharia vesuviana, desafiará seus projéteis de balas e granadas, abrirá caminho através de suas frotas de armamentos navais e, arrancando as coroas das cabeças coroadas, derrubará os reinos no meio do mar? Que incendiará os céus e derreterá a terra com calor ardente, transformando assim a antiga ordem das coisas em uma vasta ruína universal, conforme predito pelos profetas?

Que tal exército está surgindo e se preparando para o conflito desesperado, disso somos assegurados com igual veemência pelos sinais dos tempos quanto pela "palavra segura da profecia". E é o reconhecimento desse fato (sem qualquer referência ou conhecimento da palavra da profecia) que agora está enchendo o coração da cristandade de um pressentimento temível e impelindo os estadistas em todos os lugares a tomar medidas extraordinárias de proteção e defesa.

Mas, nessas mesmas medidas de autodefesa concebidas pelas "autoridades estabelecidas", provavelmente há uma armadilha da qual elas não se dão conta. Os exércitos dos quais dependem para sua defesa, vale lembrar, são os exércitos do povo comum: esses milhões de guerreiros disciplinados têm esposas, filhos, filhas, irmãos, irmãs, primos e amigos nas fileiras do povo comum, aos quais seus próprios interesses estão ligados por laços naturais

; e seu serviço aos tronos e reinos só é garantido por ordens imperativas e tornado suportável por uma remuneração que eles estão rapidamente passando a considerar como uma compensação insatisfatória pelas dificuldades e privações que eles e suas famílias devem suportar, sem falar nos perigos à vida, à integridade física, à saúde e à fortuna. Ano após ano, essas forças armadas estão cada vez menos encantadas com a "glória" da guerra, cada vez mais conscientes de seus sofrimentos e privações e cada vez menos dedicadas aos poderes soberanos que comandam seus serviços, enquanto os exércitos de trabalhadores, do povo comum em casa, estão ficando cada vez mais irritados e insatisfeitos com sua sorte e cada vez mais apreensivos em relação ao futuro.

Todas essas coisas são indícios de, pelo menos, uma possibilidade de que, na crise que se aproxima, as poderosas forças armadas e disciplinadas da cristandade possam voltar seu poder contra as autoridades que as criaram, em vez de defendê-las e preservá-las. O fato de que tal possibilidade não tenha passado totalmente despercebida pelos governantes é atestado pelo fato de que, na Rússia, quando a fome prevaleceu e levou a tumultos entre o povo comum, os fatos a respeito foram diligentemente ocultados de seus amigos e irmãos no exército russo, e os soldados designados para a repressão dos tumultos eram provenientes de distritos remotos.

Exatamente quais condições e circunstâncias serão utilizadas pelo Senhor como sua "voz" de comando para mobilizar esse poderoso exército talvez não possamos agora supor com clareza; mas vivemos em uma época que faz história rapidamente; e, com base em princípios gerais, não seria irracional esperar movimentos nessa direção a qualquer momento. Mas, em nossos estudos anteriores (Vols. II e III), vimos que Deus tem um tempo determinado para cada aspecto de seu plano, e que estamos, neste exato momento, neste "Dia da Vingança", que é um período de quarenta anos; que ele começou em outubro de 1874 e terminará muito em breve. Os anos sinistros já passados deste "dia"

certamente lançaram uma base ampla e profunda na igreja, no Estado, nas finanças e nas condições sociais e nos sentimentos, para os grandes eventos preditos nas Escrituras. Estes já estão ensombrando o mundo e são tão certos de acontecer quanto o fato de terem sido preditos. Poucos anos parecem ser tempo mais do que suficiente para seu pleno cumprimento. Já "os corações dos homens estão desfalecendo de medo e pela expectativa das coisas que estão por vir sobre o mundo".

As profecias trazidas à nossa atenção e proclamadas publicamente desde o início deste "Dia da Vingança" estão culminando rapidamente; e, como mostrado nos capítulos anteriores, todos os homens são capazes de vislumbrar os contornos sombrios da tribulação que se aproxima cada vez mais, até que agora, aparentemente, a sociedade é como um estojo de fósforos pronto para o fósforo — como um paiol de pólvora, pronto para explodir a qualquer momento — como um exército organizado, pronto para o ataque ao som da ordem. Mas Shakespeare escreveu com razão:

> "Há uma divindade que molda nossos destinos, por mais que os esboçemos à nossa maneira."

A humanidade em geral está inconsciente do interesse do Senhor nesta batalha: e quase todos os contendores vestem a armadura por interesses pessoais e egoístas, nos quais percebem, com razão, que o Senhor não poderia compartilhar; e, portanto, embora todos, de todos os lados, estejam prontos para invocar as bênçãos do Senhor, poucos contam com elas – todos parecem confiar em si mesmos – em sua organização, em seus Números, etc. Ninguém ficará mais surpreso do que os "poderes dos céus", os grandes detentores do controle eclesiástico atual, que, ao tentarem estabelecer um plano próprio para o Senhor, negligenciaram o plano Dele, conforme revelado em Sua Palavra. Para esses, a obra do Senhor nos próximos anos será, de fato, uma "obra *estranha*". Ouça a Palavra do Senhor sobre esse assunto:

"O Senhor se levantará como no monte Perazim, se irará como no vale de Gibeão; para que realize sua obra, sua obra *estranha*; e cumpra seu ato, *seu* ato *estranho*

... Pois ouvi do Senhor, Deus dos Exércitos, uma destruição [um fim, uma consumação] já determinada sobre toda a terra." – Isaías 28:21, 22.

O sistema social, "a terra", "os elementos", "o curso da natureza", não podem ser incendiados até que o Senhor permita que o fósforo seja aceso: a grande batalha decisiva não pode começar até que o grande "Miguel", "o Capitão da nossa salvação", se levante e dê a ordem de ataque (Dn 12:1), mesmo que haja, anteriormente, frequentes escaramuças por toda a linha de frente. E o grande Capitão informa à sua legião real, a Igreja, que a catástrofe, embora iminente, não pode ocorrer até que "os do próprio Rei" – o "pequeno rebanho" – "os escolhidos" – tenham todos sido "selados" e "reunidos".

Enquanto isso, lembremo-nos da descrição inspirada do apóstolo sobre essa tribulação — que será como as dores de uma mulher grávida, em espasmos ou contorções de sofrimento, com intervalos cada vez mais curtos entre eles. Tem sido exatamente assim até agora; e cada espasmo futuro será mais severo, até a provação final em que a nova ordem nascerá nas agonias das instituições atuais.

Visto que o Senhor, de modo geral, permitiu que o mundo seguisse seu próprio curso nos últimos seis mil anos — exceto no caso de Israel —, Sua intervenção agora parecerá ainda mais peculiar e "estranha" para aqueles que não compreendem as mudanças dispensacionais previstas para a introdução do sétimo milênio. Mas, nessa "batalha", Ele fará com que a ira dos homens (e sua ambição e egoísmo) O louvem e O sirvam, e os demais Ele conterá. Com muita longanimidade, Ele permitiu o longo reinado do pecado, do egoísmo e da morte, pois isso poderia ser aproveitado para a provação de Sua Igreja escolhida e para ensinar a todos os homens "a extrema pecaminosidade do pecado". Mas, vendo que o mundo em geral despreza sua lei de amor e

verdade e justiça, ele propõe uma disciplina geral antes de dar a próxima lição, que será uma ilustração prática dos benefícios da justiça, sob o Reino Milenar de seu amado Filho.

Embora o Senhor proíba seu povo de lutar com armas carnais e se declare um Deus de paz, um Deus de ordem e de amor, Ele também se declara um Deus de justiça e mostra que o pecado não triunfará para sempre no mundo, mas que será punido. "A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor. (Rom.
12:19; Dt 32:35) E quando ele se levantar para julgar as nações, vingando-se de todos os ímpios, ele se declara "um homem de guerra" e "poderoso na batalha", e tendo um "grande exército" sob seu comando. E quem pode garantir que as multidões que hoje compõem as hostes mobilizadas da cristandade não constituirão, então, o grande exército que lançará sua poderosa força contra os baluartes da atual ordem social? – Êxodo 15:3; Salmos 24:8; 45:3; Apocalipse 19:11; Isaías 11:4; Joel 2:11.

"O Senhor sairá como um homem poderoso; despertará o zelo como um guerreiro; clamará, sim, rugirá; prevalecerá contra seus inimigos." O clamor e o rugido de seu grande exército, bem como o sucesso deles em cumprir seu propósito de revolução, ele atribui a si mesmo; pois eles estão realizando, ainda que inconscientemente, sua obra de destruição. Ele diz: "Há muito tempo guardo silêncio; permaneci quieto e me contive; agora clamarei como uma mulher em trabalho de parto; destruirei e devorarei de uma só vez." – Isaías 42:13, 14.

Mas nas Escrituras também há indícios de que pode haver outros, além das hostes revoltosas da cristandade, que também farão parte do grande exército do Senhor. E o Senhor, por meio do profeta Ezequiel, referindo-se a este mesmo tempo e às calamidades que se aproximam da cristandade, diz:

"E eu a entregarei nas mãos *dos estrangeiros* como presa, e *aos ímpios da terra* como despojamento; e eles a profanarão. Formem uma corrente [amarrar, uni-los; que eles formem uma causa comum]: pois a terra está cheia de crimes sangrentos, e a cidade [Babilônia, a cristandade] está cheia de violência. Por isso, trarei *os piores dos pagãos*, e eles tomarão posse de suas casas; farei também cessar a pompa dos grandes; e seus lugares santos [seus locais sagrados, suas instituições religiosas, etc.] serão profanados."-----Ez. 7:21-24.

Isso pode ser entendido como significando que a revolta das massas da cristandade em estado de anarquia será, durante o predomínio da ilegalidade, tão extremamente brutal e selvagem a ponto de superar as barbaridades de todas as invasões pagãs — como foi o caso na Revolução Francesa. Ou pode significar uma revolta dos povos da Índia, da China e da África contra a cristandade — uma sugestão já feita pela imprensa pública a respeito do renascimento da Turquia e da revolta de milhões de muçulmanos. Nossa opinião, no entanto, é que "os piores dos pagãos" são aqueles na cristandade que estão "sem Deus" e sem sentimentos ou esperanças cristãs; que até agora têm sido contidos e mantidos sob controle pela ignorância, superstição e medo, mas que, no alvorecer do século XX, estão perdendo rapidamente essas influências restritivas.

O Senhor, por meio de sua providência soberana, assumirá o comando geral desse grande exército de descontentes — patriotas, reformadores, socialistas, moralistas, anarquistas, ignorantes e desesperançados — e utilizará suas esperanças, medos, loucuras e egoísmo, de acordo com sua sabedoria divina, para realizar seus próprios grandes propósitos na derrubada das instituições atuais e na preparação do homem para o Reino da Justiça. Somente por essa razão é que ele é denominado "o grande exército *do Senhor*". Nenhum dos seus santos — nenhum que seja guiado pelo espírito de Deus como filho de Deus — deve ter qualquer envolvimento com essa parte da "batalha".

AS CONDIÇÕES DESTA BATALHA: SEM PRECEDENTES

De acordo com as previsões dos profetas, as condições dessa batalha não terão precedentes históricos. Como já sugerido, essa luta final é retratada de forma vívida por meio de símbolos no Salmo 46. (Compare também Salmos 97:2-6; Isaías 24:19-21; 2 Pedro 3:10.) As colinas (os governos menos elevados e menos autocráticos) já estão derretendo como cera; ainda mantêm sua forma, mas, à medida que a terra (a sociedade) se aquece, elas cedem às suas exigências, descendo pouco a pouco ao nível das demandas populares. A Grã-Bretanha é um bom exemplo dessa categoria. As altas montanhas (representando governos autocráticos) serão "abaladas" por revoluções e, por fim, "levadas para o meio do mar" — perdidas completamente na anarquia. Já "o mar e as ondas rugem" contra as fortificações do atual sistema social: em breve a terra (a atual estrutura social) cambaleará e vacilará como um homem embriagado, tentando em vão se reerguer, manter o equilíbrio e se restabelecer: aos poucos, será totalmente "removida" — para dar lugar à "nova terra (a
nova ordem social), na qual a retidão e a justiça prevalecerão.

Será impossível restabelecer a ordem atual, (1) porque ela evidentemente já esgotou sua utilidade e é injusta nas condições atuais; (2) devido à difusão generalizada do conhecimento secular; (3) porque a descoberta de que a hipocrisia clerical há muito cegou e acorrentou as massas com erro e medo levará a um desrespeito generalizado por todas as alegações e ensinamentos religiosos, considerados parte integrante das fraudes descobertas;
(4) porque as pessoas religiosas em geral, sem perceber que chegou o tempo de Deus para uma mudança de dispensação, ignorarão a razão, a lógica, a justiça e as Escrituras ao defender a ordem atual das coisas.

Será de pouca importância, então, que os céus eclesiásticos (os poderes religiosos, papais e protestantes) tenham se enrolado como um pergaminho. (Isaías 34:4; Apocalipse 6:14) O poder religioso combinado da cristandade será totalmente inútil contra

a maré crescente da anarquia quando a terrível crise for atingida. Diante desse grande exército, "todo o exército do céu [a igreja nominal] se dissolverá, e os céus serão enrolados como um pergaminho [os dois grandes corpos que constituem os céus eclesiásticos; ou seja, o papado e o protestantismo, já que as duas extremidades distintas do pergaminho estão, neste momento, se aproximando rapidamente uma da outra, enrolando-se, como já demonstramos]; e todo o seu exército cairá [se desprenderá, se desintegrará; não de uma só vez, mas gradualmente, ainda que rapidamente] como a folha que cai da videira e como o figo que cai da figueira (Isaías 34:4);
e, finalmente, esses "céus, estando em chamas, se dissolverão, e os elementos [dos quais são compostos] se derreterão com calor ardente." – 2 Pedro 3:12.

"Enquanto estiverem entrelaçados como espinhos [pois o protestantismo e o papado nunca poderão se assimilar perfeitamente; cada um será um espinho no lado do outro], e enquanto estiverem embriagados como bêbados [intoxicados pelo espírito do mundo], serão devorados [serão oprimidos na grande tribulação e, como sistemas religiosos, serão totalmente destruídos] como palha completamente seca"; pois o Senhor "fará um fim total: a aflição não se levantará pela segunda vez. Abençoada
promessa! "Pois eis que vem o dia que arderá como uma fornalha; e todos os orgulhosos, sim, e todos os que praticam a iniquidade, serão como palha; e o dia que vem os consumirá, diz o Senhor dos Exércitos, de modo que não lhes restará nem raiz nem ramo [para desenvolvimento posterior]." – Naum 1:9, 10; Ml 4:1.

"O Tempo da Angústia de Jacó"

Embora a aflição e a angústia desse dia do Senhor recaiam, em primeiro lugar e de maneira especial, sobre a cristandade e, por fim, sobre todas as nações, o golpe final, segundo nos informa o profeta Ezequiel (38:8-12), recairá sobre o povo de Israel reunido novamente na Palestina. O profeta parece indicar uma reunião muito maior de Israel na Palestina durante esse

período de colheita do que já ocorreu até agora. Ele os descreve como reunidos ali, vindos das nações em grande número e, com riqueza considerável, habitando os lugares antes desolados; e todos eles vivendo em segurança na época em que o resto do mundo estiver em sua mais violenta agitação. – Ez. 38:11, 12.

Todos os homens são testemunhas de que tal reunião de Israel na Palestina já começou, mas é bastante evidente que seu Êxodo de outras terras terá de receber algum impulso grande e repentino para que essa profecia se cumpra dentro do tempo determinado. O que exatamente será esse impulso ainda está para ser visto; mas o fato de que ele certamente virá é indicado ainda mais pelas palavras do profeta Jeremias – 16:14-17, 21.

"Eis que vêm os dias, diz o SENHOR, em que não se dirá mais: 'Vive o SENHOR, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito', mas: 'Vive o SENHOR, que fez subir os filhos de Israel da terra do norte [Rússia?] e de todas as terras para onde os havia dispersado'; e eu os trarei de volta à terra que dei a seus pais. Eis que enviarei muitos pescadores, . .
. e eles os pescarão; e depois mandarei chamar muitos caçadores, e eles os caçarão de todas as montanhas e de todos os outeiros, e das fendas das rochas. Pois meus olhos estão sobre todos os seus caminhos: eles não estão escondidos da minha face, nem a iniquidade deles está escondida dos meus olhos. Farei com que
que conheçam a minha mão e o meu poder; e saberão que o meu nome é Jeová."----

Não temos dúvida de que o Senhor é plenamente capaz de realizar isso. Em todas as nações, a questão: "O que se fará com os judeus?"---- é algo desconcertante, o que, em alguma crise do futuro próximo provocada repentinamente pela providência soberana do Senhor, levará sem dúvida, conforme indicado pelo profeta, a alguma ação concertada por parte das nações para transportá-los prontamente à terra

da promessa. E, assim como saíram do Egito às pressas, com seu gado e seus bens, e auxiliados pelos egípcios que disseram: "Levantai-vos e saí do meio do meu povo, [...] Levai também vossos rebanhos e vossas manadas, como dissestes, e parti"; e assim como o Senhor concedeu ao povo graça aos olhos dos egípcios, de modo que lhes deram tudo o que pediam, de prata, ouro e vestimentas (Êxodo 12:31-36), assim também no próximo êxodo, predito pelos profetas, eles não serão mandados embora de mãos vazias, mas, aparentemente, alguma pressão será repentinamente exercida sobre as nações, o que resultará favoravelmente para Israel, cumprindo-se assim a profecia acima de Ezequiel.

Essa raça empreendedora, uma vez restabelecida na terra prometida e, assim, separada — pelo menos por um tempo — da angústia das nações tão prevalente em todos os outros lugares, se adaptará rapidamente à nova situação, e os locais até então desolados voltarão a ser habitados.

Mas ainda mais uma onda de angústia deverá passar sobre aquele povo castigado; pois, segundo o profeta, o conflito final da batalha do grande dia ocorrerá na terra da Palestina. A relativa tranquilidade e prosperidade do Israel reunido, perto do fim desse dia de angústia, bem como sua aparente condição de indefesa, acabarão por estimular a inveja de outros povos e convidá-los à pilhagem. E quando a lei e a ordem forem varridas, Israel será finalmente sitiado por hordas de saqueadores impiedosos, designados pelo profeta como as hordas de Gog e Magog (Ez. 38), e grande será a angústia do indefeso Israel. "Ai de mim!", diz o profeta Jeremias, "pois aquele dia é grandioso, de modo que nenhum se compara a ele: é o tempo da angústia de Jacó; mas ele será salvo dela." – Jer. 30:7.

Como se fossem um só homem, as hordas de Gog e Magog são retratadas dizendo: "Subirei à terra das aldeias sem muralhas; irei contra aqueles que estão em paz, que habitam em segurança, todos eles

morando sem muralhas, e sem trancas nem portões." Tu irás, diz o profeta, "para saquear e tomar como presa; para lançar tua mão sobre os lugares desolados que agora estão habitados, e sobre o povo reunido das nações, que adquiriu gado e bens e que habita no meio da terra." (Ez. 38:11-13) O profeta
, ao predizer esses eventos como se se dirigisse a essas hostes, diz: "Tu virás do teu lugar, das regiões do norte [a Europa e a Ásia ficam ao norte da Palestina], tu e muitos povos contigo, todos montados em cavalos, uma grande multidão e um exército poderoso: E subirás contra o meu povo de Israel, como uma nuvem que cobre a terra; *isso acontecerá nos últimos dias* [aparentemente, a cena final do dia da angústia], e *eu te trarei* contra a minha terra, para que as nações me conheçam, quando eu for santificado em ti [separado, distinguido como teu conquistador], ó Gog, diante dos olhos delas." – Ezequiel 38:15, 16.

Em meio à angústia, Deus se revelará como o defensor de Israel, assim como nos tempos antigos, quando sua graça estava com eles como nação. A situação extrema deles será a oportunidade Dele; e ali a cegueira deles será removida. Lemos: "Pois reunirei todas as nações [representadas nas hostes de Gog e Magog] contra Jerusalém para a batalha; e a cidade será tomada, as casas saqueadas e as mulheres violadas; e metade da cidade será levada ao cativeiro, e o restante do povo não será exterminado da cidade. Então o SENHOR sairá e lutará contra essas nações, como quando lutou no dia da batalha. (Zac. 14:2, 3) Isaías (28:21), referindo-se ao
mesma coisa, cita a libertação de Israel pelo Senhor dos filisteus em Perazim e dos amorreus em Gibeão, dizendo: "Pois o SENHOR se levantará *como* no monte Perazim; ele se irará *como* no vale de Gibeão." Veja 2 Samuel 5:19-25; 1 Crônicas 14:10-17; Josué 10:10-15 — como Deus não dependia da habilidade humana ou da arte da guerra, mas travava suas batalhas à sua maneira. Assim, nesta grande batalha, Deus trará a libertação no seu próprio tempo e à sua maneira.

Na profecia de Ezequiel (38:1-13), o Senhor nomeia os principais participantes do conflito na Palestina; mas não devemos ser muito categóricos em nossas identificações. Magog, Mesec, Tubal, Gomar, Togomar, Javã e Társis eram nomes dos filhos de *Jafé*, filho de Noé — supostamente os primeiros colonizadores da Europa. Sebá e Dedã eram descendentes de *Cam,* filho de Noé — supostamente os primeiros colonizadores do norte da África. Abraão e sua descendência (Israel) eram descendentes de *Sem*, filho de Noé, e supostamente se estabeleceram na Armênia — Ásia Ocidental. (Ver Gênesis 10:2-7.) Isso parece indicar, de maneira geral, que o ataque virá da Europa — os "quartéis do norte" — com povos mistos aliados.

A destruição avassaladora desses inimigos de Israel (que marcará o fim do tempo de angústia e o início do estabelecimento do Reino de Deus) é descrita de forma vívida pelo profeta Ezequiel. (38:18 a 39:20) Isso só pode ser comparado à terrível derrota do Faraó e de suas hostes, quando tentavam retomar o controle sobre Israel, a quem Deus estava libertando. Também nesse aspecto, a libertação de Israel será "conforme [semelhante a] os dias da tua saída da terra do Egito" — "coisas maravilhosas". — Miqueias 7:15.

Depois de descrever que a vinda desse exército vindo do norte contra Israel (reunido novamente na Palestina "nos últimos dias", — "possuindo muitos bens" — e "vivendo em paz") será repentina e "como uma nuvem que cobre a terra" (Ezequiel 38:1-17), a mensagem é: "Assim diz o Senhor Deus: És tu aquele de quem falei desde os tempos antigos por meio dos meus servos, os profetas de Israel, que profetizaram naqueles dias, por muitos anos, que eu te traria contra eles?" O Senhor então declara sua intenção de destruir o exército ímpio; e a descrição parece indicar que isso será realizado por meio de uma explosão de inveja, revolução e anarquia entre os diversos elementos que compõem o grande exército misto: uma revolução e contenda que envolverão o que quer que ainda reste dos governos nacionais dos diversos povos, e

completarão a insurreição e a anarquia universais — o grande terremoto de Apocalipses 16:18-21

O testemunho de todos os profetas aponta para o fato de que o poder de Deus se manifestará de maneira tão maravilhosa na libertação de Israel, ao lutar por eles (aliás, por todos), com armas que nenhum poder humano pode controlar – incluindo pestes e várias calamidades – derramadas sobre os ímpios (os inimigos de Israel e os adversários de Deus) até que, rapidamente, todo o mundo saiba que o Senhor aceitou Israel novamente em sua graça e se tornou seu Rei, como nos tempos antigos; e logo eles, assim como Israel, aprenderão a valorizar o Reino de Deus, que rapidamente se tornará o desejo de todas as nações.

O profeta Ezequiel (39:21-29), como porta-voz do Senhor, fala do glorioso desfecho dessa vitória e dos resultados para Israel e para todo o mundo, dizendo:

"E manifestarei minha glória entre as nações, e todas as nações verão os juízos que executei e a minha mão que pus sobre elas. E a casa de Israel reconhecerá que eu sou o SENHOR, seu Deus, daquele dia em diante. E as nações saberão [...] que foi por causa de sua iniquidade que a casa de Israel foi levada ao exílio: porque transgrediram contra mim [ao rejeitarem Cristo – Rm 9:29-33]; por isso escondi de eles o meu rosto e os entreguei nas mãos de seus inimigos [durante todos os séculos da dispensação cristã]; e assim todos caíram à espada. De acordo com a sua impureza e de acordo com as suas transgressões, eu lhes fiz isso e escondi de eles o meu rosto.

"Portanto [agora que esse castigo está consumado], assim diz o SENHOR Deus: Agora trarei de volta os cativos de Jacó e terei misericórdia de toda a casa de Israel [vivos e mortos, tendo chegado os 'tempos da restauração' – Atos 3:19-21], e zelar-me-ei pelo meu santo nome; depois que eles tiverem [assim] suportado a sua vergonha e todas as suas transgressões

pelo que pecaram contra mim, quando habitavam em segurança em sua terra e ninguém os aterrorizava. Quando eu os trouxer de volta das nações pagãs e os reunir das terras de seus inimigos, e fui santificado neles aos olhos de muitas nações. Então saberão que eu sou o SENHOR, seu Deus, que os fiz exilar entre as nações, mas agora os reúno em sua própria terra e não deixarei mais nenhum deles ali. Tampouco esconderei mais o meu rosto deles; pois derramei o meu espírito sobre a casa de Israel, diz o Senhor Deus." "Assim temerão o nome do SENHOR desde o ocidente e a sua glória desde o nascente do sol. Quando o inimigo vier como uma inundação, o espírito do SENHOR [ao longo da era evangélica — pelas mãos do Israel Espiritual] levantará um estandarte contra ele. E o Libertador virá a Sião [a Igreja, "o corpo de Cristo"] e àqueles que se afastam da transgressão em *Jacó*, diz o SENHOR." – Isaías 59:19, 20. Compare com Romanos 11:25-32.

"O SENHOR é bom, um refúgio no dia da angústia; e ele conhece aqueles que confiam nele." Mas "Quem pode resistir à sua indignação? E quem pode suportar a ferocidade da sua ira? [...] Ele porá fim definitivo [à iniquidade]: a aflição não se levantará pela segunda vez." – Naum 1:7, 6, 9.

Assim, pela batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso, o mundo inteiro será preparado para o novo dia e sua grande obra de restauração. Embora a hora do despertar seja marcada por nuvens e trevas densas, graças a Deus por sua abençoada garantia de que a obra de destruição será "uma obra breve" (Mateus 24:22) e que, imediatamente depois dela,
o glorioso Sol da Justiça começará a brilhar. "A terra [a atual e antiga estrutura social] será [assim]... removida como uma cabana (Isaías 24:19, 20), para abrir caminho
para a nova construção de Deus, os novos céus e a nova terra, onde habita a justiça. – 2 Pedro 3:13; Isaías 65:17.

Visto que o exposto acima é um tipo, um artigo de uma antiga edição *do N. Y. Tribune* (26 de junho de 1897), bastante pertinente, chamou

nossa atenção. Ele está em total concordância com nossas sugestões a respeito do "grande exército do Senhor que está agora em preparação, que
reservamos espaço para um trecho, como segue:

"Coroa ou povo?

O que alguns exércitos da Europa poderão ser chamados a escolher entre, em um futuro próximo

"Há menos de quarenta anos, tropas, em obediência às ordens de seus soberanos, voltaram suas armas contra o povo e atiraram e apunhalaram com baionetas homens, mulheres e até crianças, até que o sangue jorrasse como água nas ruas de Berlim, Viena e muitas outras capitais do Velho Mundo. Não se tratava de uma mera multidão de vagabundos e rufiões com quem os militares foram chamados a lidar, mas de cidadãos abastados e altamente instruídos — profissionais liberais, comerciantes, industriais, políticos e legisladores —, na verdade, todo aquele elemento que compõe o que é conhecido no Velho Mundo como a "burguesia" e as classes médias, que se empenhavam em garantir os direitos políticos que lhes haviam sido solenemente prometidos nos termos das constituições decretadas por seus respectivos governantes, mas que estes se recusavam a colocar em vigor até serem obrigados pelo povo.

"Levados à linha de frente na Itália

"Será que as tropas, se hoje fossem chamadas a atirar contra seus compatriotas, demonstrariam obediência semelhante à ordem do 'Ungido do Senhor'? Essa é uma questão que, no momento, ocupa, em grau muito maior do que as pessoas neste país poderiam estar inclinadas a acreditar, a atenção das cabeças coroadas da Europa, e que, nos últimos dias, foi levada ao conhecimento do público por meio de uma resolução apresentada ao Parlamento italiano, prevendo a substituição da palavra 'nacional' pela de 'real' na designação oficial do exército. Os argumentos apresentados pelos defensores da moção — que acabou sendo rejeitada pelo partido ministerial, detentor da maioria

no Legislativo, não foram apenas lógicos, mas também contundentes, e não podem deixar de encontrar forte ressonância junto ao povo da Itália, bem como junto a todas as outras nações civilizadas, e certamente devem ter proporcionado motivos muito sérios de reflexão ao rei Humbert e a seus irmãos e irmãs monarcas."

[O artigo destaca que, sem grande alvoroço, o comando do exército inglês havia sido transferido, nos três anos anteriores, para o Parlamento, representado pelo Ministro da Guerra, enquanto anteriormente o exército estava diretamente vinculado à coroa, uma vez que seu comandante era um príncipe de sangue real, que exercia seu cargo como representante da rainha. A rainha, ao que parece, e não sem razão, procurou por um tempo considerável manter esse último pilar da soberania, mas sem sucesso. Na França, também, a ânsia do povo pelo controle do exército é demonstrada pelo fato de que a nomeação de um general como comandante-chefe foi recusada, e o controle permaneceu nas mãos de um Secretário da Guerra mutável, que representa o partido levado ao poder pelos votos do povo. O artigo prossegue:]

"Um conflito iminente na Alemanha

"Um conflito desse tipo já não é considerado iminente na Itália. Mas não se pode negar que algo dessa natureza seja temido na Alemanha, e mais especialmente na Prússia, onde o monarca e o povo se distanciam cada vez mais a cada dia. Que o imperador Guilherme antecipa algum tipo de conflito fica evidente em todas as suas declarações recentes, sempre que tem ocasião de se dirigir às suas tropas, notadamente em Bielefeld na semana passada; seu tema favorito é o dever dos soldados de se manterem prontos para defender com o próprio sangue seu soberano e seu trono, não tanto contra o inimigo estrangeiro, mas contra os inimigos dentro das fronteiras do império e do reino. Ao presidir a cerimônia de juramento dos recrutas, ele nunca deixa de lembrá-los de que seu primeiro dever

é para com ele mesmo, e não para com o povo que lhes paga, e nunca se cansa de discorrer sobre o que descreve como a "uniforme do rei"; ou seja, o uniforme, que ele, assim como muitos outros soberanos, opta por considerar como o traje não do Estado nem da Nação, mas do monarca, a quem quem o veste está vinculado por laços especiais de lealdade, fidelidade e obediência cega e inquestionável. Também não se deve esquecer que, em todos os casos de disputa e conflito entre civis e militares, o Imperador sempre defende estes últimos, mesmo quando se comprova que são os agressores, chegando inclusive a perdoar ou comutar as sentenças — sempre brandas — que foram impostas a oficiais que, estando embriagados, feriram gravemente e, em alguns casos, mataram civis desarmados e inofensivos.

"Atitude do Exército Alemão

"Qual será a atitude do exército caso ocorra a esperada luta entre a Coroa e o povo? Nos círculos da corte e oficiais de Berlim, acredita-se que o imperador poderá contar com suas tropas. Mas essa opinião não é de forma alguma compartilhada pelo próprio povo, nem pelos principais políticos alemães da atualidade. A tropa do exército não é mais composta, como antigamente, por camponeses ignorantes, incapazes de ler, escrever ou mesmo pensar por si mesmos, mas por homens reflexivos e bem instruídos, que aprenderam na escola quais são os direitos e as prerrogativas constitucionais pelos quais seus avós e pais lutaram em vão. Eles também conhecem a história o suficiente para compreender que, em todas as lutas entre a Coroa e o povo, é sempre este último que acaba saindo vitorioso."

A IRA DE DEUS

"A ira de Deus é a severidade do Amor
Ao curar o pecado – o zelo da retidão Ao
vencer o mal – o remédio
da Justiça para a reparação do mundo.

"A ira de Deus é o castigo pelo pecado, Na
medida devida a toda transgressão,
Discriminando bem e com justiça entre Pecados
presunçosos e pecados de menor gravidade.

"A ira de Deus não inflige dor desnecessária
Apenas por vingança ou para agradar a si
mesmo;
Mas visa alcançar os fins da misericórdia,
Erradicar o mal e aumentar o bem.

"A ira de Deus é um fogo consumidor, Que
arde enquanto houver mal a destruir
ou o bem a purificar; nem pode se extinguir
até que todas as coisas estejam livres da impureza do pecado.

"A ira de Deus é a vara paternal do Amor,
para castigar e subjugar os desobedientes,
E os submeta à vontade de Deus,
Para que o Amor reine quando todas as coisas forem
renovadas.

"A ira de Deus nunca se abaterá em vão, Nem
deixará de se abater até que o pecado não
exista mais;
Até que Deus alcance seu propósito misericordioso,
E a Terra for restaurada à justiça e à paz."

ESTUDO XII

A GRANDE PROFECIA DE NOSSO SENHOR

Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21:5-36; 17:20-37

A importância desta profecia – As condições e as três perguntas que a suscitaram – Cuidado com os falsos Cristos – Uma breve visão histórica de dezoito séculos – A tribulação no fim da Era Judaica e aquela que encerra a era evangélica, combinadas na linguagem de todos os evangelistas – A abominação da desolação – Fugam para o monte – As grávidas, etc. – Antes do inverno e do sábado – Eis que está aqui! Eis ali! Não acreditem neles – A tribulação daqueles dias – O escurecimento do sol e da lua como sinais – A queda das estrelas – Cumprimentos simbólicos também – O sinal do Filho do Homem – O que as tribos da Terra verão – A figueira – "Esta geração" – Vigiem! – "Como nos dias de Noé, eles não sabiam" – Lembrem-se da esposa de Ló – Um levado e outro deixado – Os escolhidos serão reunidos à verdade – A família de Satanás será desfeita – Provisões para alimentar a família da fé.

NOSSO Senhor proferiu uma das profecias mais notáveis das Escrituras Sagradas a respeito do "tempo do fim" – a época final da era evangélica. Ela foi proferida perto do fim de seu ministério terreno, quando ele se empenhava em preparar gradualmente seus discípulos para a nova dispensação, que seria plenamente introduzida após a tragédia do Calvário. Ele desejava que eles compreendessem que não deveriam esperar imediatamente as honras e glórias do Reino, que ele havia prometido que seriam compartilhadas por seus fiéis. Antes dessas glórias e bênçãos, viriam provações e sofrimentos. Ele, seu mestre, o Rei, deveria ser rejeitado

por Israel e ser crucificado, em conformidade com as declarações proféticas; então, Israel seria entregue aos seus inimigos, e sua cidade sagrada e seu tempeiro suntuoso seriam totalmente destruídos; além disso, seus discípulos não deveriam esperar estar acima de seu mestre, isentos das reprovações e sofrimentos que recaíram sobre ele; mas que a fidelidade a ele e aos seus ensinamentos faria com que fossem odiados por todos os homens por causa dele; mas que, finalmente, embora após muita tribulação, aqueles que fossem fiéis até a morte seriam recompensados, quando ele voltasse para recebê-los para junto de si e para uma parte de sua glória.

Nosso Senhor reservou esse tipo de ensinamento para perto do fim de seu ministério. A princípio, os discípulos estavam dispostos a se ressentir disso e a insistir (como alguns fazem hoje) que a causa do Senhor deveria conquistar o mundo, como resultado de sua pregação; e Pedro chegou ao ponto de expressar sua discordância ao nosso Senhor, dizendo: "Longe de ti, Senhor, isso [a morte e a dispersão do teu povo e o triunfo do mal em geral] não te acontecerá."--- (Mateus 16:22; Marcos 8:31,32) Mas nosso Senhor repreendeu severamente Pedro; e todos os discípulos parecem ter gradualmente aceitado a compreensão de que as glórias do Reino ainda estavam distantes, e que o mestre deveria partir e, ao deixá-los, enviar o Consolador, o espírito santo, para guiá-los e guardá-los até que Ele voltasse na glória do Reino do Pai.

Foi com essa disposição de espírito e com as últimas palavras de nosso Senhor a respeito do templo, ainda ressoando em seus ouvidos, que os discípulos buscaram junto ao mestre informações definitivas sobre esses pontos que ainda não estavam claros em suas mentes.

AS TRÊS PERGUNTAS

"E, enquanto Jesus estava sentado no Monte das Oliveiras, os discípulos aproximaram-se dele em particular, dizendo: 'Diz-nos: (1) quando acontecerão essas coisas [a destruição do Templo, etc.]? E

(2) qual será o sinal da tua presença* e (3) do fim do mundo [era]?" – Mt 24,3.

Sem dúvida, a oportunidade e as perguntas foram fruto da providência divina; pois a profecia certamente se destinava mais à instrução do povo de Deus que vive neste tempo de "colheita" do que àqueles que fizeram as perguntas. Ao estudar essa profecia, é muito importante ter em mente as perguntas às quais ela é a resposta inspirada. A profecia é relatada com grande semelhança por três dos evangelistas: Mateus, Marcos e Lucas; mas, como a versão de Mateus é a mais completa e ordenada, seguimos sua narrativa em geral, destacando quaisquer modificações observadas nos outros relatos.

CUIDADO COM OS FALSOS CRISTOS

"Cuidem para que ninguém os engane. Pois muitos virão em meu nome, dizendo: 'Eu sou o Cristo'; e enganarão a muitos." – Mt 24,4-5.

Gamaliel menciona dois desses falsos Cristos em seu discurso referido em Atos 5:36,37; e a história nos fala de vários outros que enganaram um número considerável de judeus. O mais notável entre eles foi Sabatai Levi, de Esmirna, que se proclamou no ano de 1648 d.C. Sabbathai Levi autodenominava-se "O Filho Primogênito de Deus, o Messias, o Salvador de Israel" – e prometia a restauração do reino e a prosperidade. Sabbathai, diz o historiador, "prevaleceu ali [em Esmirna] a tal ponto que alguns de seus seguidores profetizavam e caíam em estranhos êxtases: quatrocentos homens e mulheres profetizavam sobre seu reino em expansão. O povo agia, por um tempo, como se estivesse possuído por espíritos; alguns caíam em transe, espumavam pela boca, relatavam sua futura prosperidade, suas visões do Leão de Judá e os triunfos de

*A palavra grega *parousia*, aqui empregada, significa invariavelmente *"presença"*, e não *"vinda"*. Veja a Versão Revisada – margem; também o *Diaglott Enfático*.

Sabbathai."---- Esse foi, sem dúvida, o cumprimento falso que Satanás deu à profecia de Joel (2:29) – uma falsificação do espírito santo testemunhada também em avivamentos religiosos de tempos mais modernos. Ao todo, provavelmente já houve cinquenta ou mais falsos Cristos, homens e mulheres, e muitos deles, sem dúvida, dementes – possuídos por espíritos malignos. Mas não se pode dizer que nenhum deles, nem todos juntos, tenham "enganado muitos". No entanto, é contra o tipo que *"enganam* muitos" que nosso Senhor nos adverte aqui e, novamente, mais adiante em sua profecia; nesse contexto, examinaremos particularmente os anticristos que têm enganado muitos.

A HISTÓRIA DE DEZOITO SÉCULOS BREVEMENTE PREDITA

–Mateus 24:6-13; Marcos 13:7-13; Lucas 21:9-19–

"E ouvireis falar de guerras e rumores [ameaças, intrigas] de guerras; vede que não vos perturbeis; pois todas essas coisas devem acontecer, mas ainda não é o fim. Pois se levantará nação contra nação, e reino contra reino; e haverá fomes, pestes e terremotos em diversos lugares. Todas essas são dores preliminares." Mateus 24:6-8

Assim, de forma sucinta, nosso Senhor resumiu a história secular e ensinou aos discípulos a não esperarem muito em breve sua segunda vinda e seu glorioso Reino. E com que acerto: certamente a história do mundo é exatamente isso — um relato de guerras, intrigas, fomes e pestes — pouco mais do que isso. Nosso Senhor distingue a história da verdadeira Igreja e a expõe com igual concisão, assim:

"Então [durante esse mesmo período, a era evangélica] eles vos entregarão para serdes afligidos e vos matarão; e sereis odiados por todas as nações [povos] por causa do meu nome. E então [durante esse mesmo período] muitos se escandalizarão, trairão uns aos outros e se odiarão mutuamente. E muitos falsos profetas [professores] surgirão e

enganarão a muitos. E, por abundar a iniquidade, o amor de muitos esfriará." – Mt 24:9-13.

À luz da história, seria possível descrever o percurso da verdadeira Igreja de Deus em menos palavras? Certamente que não. A semelhança é perfeita. "Quem quiser viver piedosamente sofrerá perseguição", é a declaração do apóstolo; e
quem não a tenha compartilhado tem todos os motivos para duvidar de seu relacionamento com Deus como filho. (Hb 12:8) E assim também com a Igreja como um todo: quando não foi perseguida pela classe de Ismael e Esaú, foi porque havia tanto do espírito do mundo ou tanto de "amor frio" para com o Senhor e sua verdade que ela não era digna de perseguição. Mas, a julgar por esse mesmo padrão e pela profecia de nosso Senhor, houve alguns fiéis até a morte ao longo de toda a era evangélica — um "pequeno rebanho".

O Testemunho do Evangelho, em Todo o Mundo

–Mt 24:14; Marcos 13:10–

"E este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações; então virá o fim."

Mais uma vez, nosso Senhor mostrou claramente aos discípulos que o fim da era estava muito mais distante do que eles supunham; que a mensagem de seu Reino seria uma boa nova, não apenas para Israel, mas para todas as nações. Mas isso não significava que outras nações receberiam o evangelho que Israel havia rejeitado. Pelo contrário, devemos esperar exatamente o que vemos: que, assim como o deus deste mundo cegou Israel, ele cegaria a grande maioria das outras nações e as impediria de ver em Cristo o poder de Deus e a sabedoria de Deus — e foi o que aconteceu. (1 Cor. 1:24) Se apenas um remanescente de Israel (especialmente instruído durante séculos sob a Lei) foi considerado digno de fazer parte do "sacerdócio real", o que mais se poderia razoavelmente esperar de

as nações pagãs, há muito "sem Deus e sem esperança"?

É bom que observemos cuidadosamente as palavras de nosso Senhor — que o evangelho não deveria ser pregado às nações para *convertê-las*, mas como *testemunho para as nações*, e para chamar, aperfeiçoar e reunir de todas as nações "os escolhidos". Mais tarde, "os escolhidos", como o Reino, abençoarão as nações, abrindo seus ouvidos surdos ao evangelho e seus olhos cegos à Verdadeira Luz.

Esse *testemunho* já foi dado: a palavra do Senhor, o evangelho do Reino, foi divulgada a todas as nações da Terra. Nem todos os indivíduos a ouviram; mas essa não é a afirmação da profecia. Devia ser, e tem sido, uma proclamação nacional. E *o fim chegou*! "A colheita *é o fim* da era", explicou nosso Senhor (Mt 13:39). Alguns
têm se inclinado a questionar se essa previsão já se cumpriu ou não, porque os missionários que foram a terras pagãs, em geral, sabiam pouco ou nada das boas novas especificamente mencionadas por nosso Senhor — "as boas novas do *Reino*". Mas respondemos: os evangelhos impressos de Mateus, Marcos, Lucas e João chegaram até eles repletos das boas novas do Reino, exatamente como nós os temos.

Assim, nosso Senhor resumiu brevemente os dezoito séculos de provações e perseguições sofridas por sua Igreja, bem como o fruto de seu trabalho ao testemunhar com sucesso a todas as nações, e passou rapidamente a responder à importante pergunta sobre como os vivos saberiam da época e do fato da *segunda presença*. Ele ignorou a pergunta sobre quando todas as pedras do templo seriam derrubadas, para que não associassem esse evento à sua segunda vinda, e porque desejava associar assim a tribulação sobre o Israel carnal, na derrubada de seu sistema político, à tribulação sobre o Israel espiritual nominal no fim desta era, como tipo e antítipo.

Foi com intenção evidente da parte de Deus, embora desconhecida pelos evangelistas, que o relato da profecia de nosso Senhor sobre

esse ponto seja apresentado aos poucos — aqui uma parte e ali outra; aqui uma referência à tribulação típica sobre o Israel típico no final da colheita típica, ali uma referência à tribulação semelhante, embora mais geral e maior, no fim desta era sobre o Israel antitípico — a cristandade. Na verdade, os profetas declararam a respeito de nosso Senhor que ele abria a boca em parábolas e palavras enigmáticas, e "sem parábola não lhes falava". No entanto, em harmonia com a intenção divina, as palavras enigmáticas e as parábolas estão agora se tornando luminosas para todos cujos olhos são ungidos com o verdadeiro colírio.

A Tribulação no Fim da Era Judaica

O relato de Lucas sobre a tribulação que se abateu sobre o Israel carnal, que culminou no ano 70 d.C., é o mais claro; por isso, apresentamo-lo aqui:

"E quando virdes Jerusalém cercada por exércitos, sabei então que a sua desolação está próxima. Então, os que estiverem na Judéia fujam para as montanhas; e os que estiverem no meio dela saiam; e os que estiverem nos campos não entrem nela. Pois estes são os dias da vingança, para que se cumpra tudo o que está escrito. Mas ai das grávidas e das que amamentam naqueles dias! Pois haverá grande angústia na terra e ira sobre *este povo*. E cairão à espada e serão levados cativos para todas as nações; e Jerusalém será pisoteada pelos gentios, até que se cumpram os tempos dos gentios. – Lucas 21:20-24.

Essa parte da profecia de nosso Senhor evidentemente se referia a eventos relativos ao Israel carnal; e a história nos diz que ela se cumpriu com precisão em todos os detalhes nas cenas turbulentas com as quais a era e o sistema político judaicos chegaram ao fim. "Estes são os dias de vingança sobre esta nação, para que se cumpra tudo o que está escrito na Lei e nos Profetas a respeito deles."----

Mas as palavras de nosso Senhor citadas por Mateus e Marcos diferem

das anteriores e, evidentemente, se aplicam à tribulação sobre o Israel espiritual no fim da era evangélica. Sem dúvida, nosso Senhor proferiu ambas as declarações, mas os evangelistas, por não terem conhecimento das duas colheitas e dos dois tempos de tribulação — considerando-os, na prática, repetições —, não registraram ambas as declarações; o Senhor assim determinou, com o propósito de encobrir ou ocultar os fatos relativos a essa colheita até o tempo devido para revelá-la.

A Tribulação no Fim da Era Evangélica

Os relatos de Mateus e Marcos aqui são quase idênticos. Mateus diz:

"Quando, portanto, virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, estabelecida no lugar santo (quem ler, que entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; quem estiver no telhado não desça para tirar nada de sua casa; nem quem estiver no campo volte para buscar suas roupas. E ai das grávidas e das que amamentam naqueles dias! Mas orai para que a vossa fuga não seja no inverno, nem no dia de sábado; pois então haverá grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, aqueles dias serão abreviados. Mateus 24:15-22; Marcos 13:14-20.

Quatro pontos nesta narrativa mostram que, embora possa ter tido uma aplicação típica à tribulação no fim da era judaica, sua aplicação real ou mais importante diz respeito à tribulação com a qual a era evangélica chega ao fim. (1) A referência à "abominação desoladora" mencionada na profecia de Daniel. (2) A afirmação de que a tribulação será a *mais severa* que o mundo já conheceu ou jamais experimentará. (3) Que, a menos que a matança fosse interrompida,

não haveria *carne salva*. (4) O contexto seguinte descreve, inquestionavelmente, eventos no fim da era evangélica — eventos que não poderiam ser aplicados ao fim ou à colheita da era judaica, e que não se cumpriram ali. Dois desses pontos merecem uma análise especial.

O profeta Daniel (9:27) registrou que, depois que o Messias fosse "cortado" no meio da septuagésima semana da aliança de favor, ele, ao estabelecer os sacrifícios antitípicos de expiação, faria com que os sacrifícios e as oblações da Lei cessassem; e que, então, como *as abominações prevaleceriam, ele derramaria destruição sobre a* nação *desolada* (rejeitada), *conforme Deus havia decretado anteriormente*.

Tudo isso teve seu cumprimento na destruição do sistema político do Israel carnal. Desde o momento em que nosso Senhor disse: "Vossa casa vos será deixada *des*olada" – "não me vereis mais até *aquele dia* em que direis: Bendito aquele que vem em nome de Jeová", a religião deles tornou-se uma abominação, uma forma vazia
forma vazia, um sinal de sua rejeição ao *único sacrifício* pelos pecados que Deus havia providenciado; e, sob a maldição que eles mesmos haviam invocado (cegueira – Mt 27,25), seu caminho rumo à destruição foi rápido, conforme Deus havia decretado e predito.

Mas a profecia de Daniel tem muito a dizer sobre uma *Abominação que causa Desolação* no Israel espiritual nominal; a qual foi estabelecida no poder, representativamente, no Papado, e que exerceu uma grande e nefasta influência de desolação espiritual na casa espiritual ou no templo de Deus, a Igreja de Cristo. Esse sistema abominável de erro deveria continuar até a purificação da classe do santuário; e, além disso, deveria prosperar grandemente e levar muitos no Israel espiritual nominal a repudiar o *sacrifício de resgate*, oferecido de uma vez por todas; e o resultado de sua influência generalizada seria a desolação da cristandade rejeitada. – Veja Daniel 11:31; 12:11; e ESTUDOS NAS ESCRITURAS, Vol. III, Cap. 4.

A grande abominação da desolação, cujo fundamento repousa na doutrina da missa (que substitui o grande sacrifício do Calvário por práticas humanas para a purificação do pecado), está agora sendo complementada por teorias de autoexpiação, e essas abominações generalizadas são apoiadas por influência e sofismas tais que enganarão a muitos – "se fosse possível, até mesmo os escolhidos" – e serão precursoras da destruição da cristandade.

Olhando para trás, vemos nisso mais um paralelismo entre o fim da colheita judaica e o fim da colheita do evangelho. A rejeição, por parte do Israel carnal, do verdadeiro sacrifício pelos pecados e a manutenção dos sacrifícios típicos — que já não eram aceitáveis a Deus, mas sim abominações —, foi um episódio importante relacionado à sua queda nacional e eclesiástica. Assim, aqui, a rejeição da doutrina do *resgate* e a aceitação, em seu lugar, das missas, das boas obras ou das penitências, é abominação aos olhos de Deus e constitui um episódio importante relacionado à queda da cristandade, tanto civil quanto eclesiástica.

Como já foi apontado, *a* abominação da desolação que contaminou o lugar santo de Deus, ou o verdadeiro templo — a Igreja —, foi a papal, cuja pedra angular é a doutrina blasfema da missa. A abominação, a contaminação e a desolação são antigas; mas tão densa era a escuridão do erro durante os séculos passados que poucos, se é que algum, conseguiam enxergá-la. É evidente que a missa não foi reconhecida como a abominação, nem mesmo pelos reformadores: pois, embora a Igreja da Inglaterra, em seus Artigos, negue o poder dos sacerdotes de transformar o pão e o vinho em Cristo, de sacrificá-lo novamente, não temos qualquer indício de que a enormidade dessa prática pecaminosa tenha sido percebida. E Lutero, embora cheio de denúncias contra muitos dos pecados e falsidades do papado, não *percebeu* que a grande abominação da desolação era a missa. Pelo contrário, ao retornar à sua igreja após sua estadia no castelo de Wartburg, ao constatar que a missa, assim como as imagens e as velas, havia sido suspensa,

por não terem autoridade bíblica, Lutero restabeleceu a missa.

Nessa perspectiva, há grande significado nas palavras de nosso Senhor: "Quando, portanto, *virdes* a abominação da desolação estabelecida no lugar santo, conforme predito pelo profeta Daniel (leitor, considere): então, os que estiverem na Judéia fujam para as montanhas". Aqui devemos lembrar do paralelismo entre as duas colheitas, os dois tempos de angústia e as duas fugas; e devemos considerar que a Judéia representaria a cristandade de hoje.

A palavra grega traduzida como "montanhas" pode, com igual ou maior propriedade, ser traduzida no singular – montanha: e é assim traduzida na maioria dos casos na Versão Comum. De fato, fugir *da Judéia* (literalmente) para uma montanha ou para muitas montanhas parece estranho, já que a Judéia era, na verdade, "uma região montanhosa", e Jerusalém é descrita como situada no cume das montanhas. Mas aplicar as palavras de nosso Senhor ao tempo presente e ao seu povo na cristandade, que agora, à luz da verdade atual, *vê* a Abominação erguida onde não deveria estar — no lugar santo — no lugar do verdadeiro sacrifício, é uma questão muito simples. Eles devem fugir imediatamente da influência da abominação e do sistema que falsamente se autodenomina o reino (montanha) de Cristo, para a verdadeira montanha ou Reino, que, neste momento, Cristo voltou para estabelecer em glória e poder.

Mas deixar a cristandade, repudiando seus templos, suas formas de piedade, seus encantos sociais, suas lisonjas e honras, e enfrentar suas denúncias e anátemas e seus diversos poderes de boicote, e fugir para o Senhor e para o verdadeiro Reino, repudiado, ignorado e negado pelos sábios e bons do mundo, é certamente uma grande fuga, uma grande jornada; e poucos, além dos "santos", sequer pensarão em partir nela. Os perigos do caminho são retratados por nosso Senhor de uma maneira que pareceria exagerada e contrária ao seu costume

costume, se se aplicassem apenas aos sofrimentos físicos dos crentes que fugiram da Judéia no final da colheita judaica: mas suas palavras são manifestamente apropriadas à fuga espiritual e às provações deste tempo de colheita. Em suma, essa ordem para fugir e a descrição de suas provações só podem ser devidamente compreendidas em conexão com a ordem do Apocalipses (18:4): "Saiam dela, meu povo, para que não tenham parte nos pecados dela e não sofram as suas pragas."

"SAIAM DELA, MEU POVO!"

"Quem estiver no telhado não desça para tirar nada de sua casa; nem quem estiver no campo volte para pegar suas roupas." – Mateus 24:17, 18.

Essas declarações indicam a necessidade de pressa na fuga de "Babilônia", assim que cada um vir a abominação da desolação. A palavra do Senhor é que toda hesitação, negociação ou raciocínio humano será perigoso: não se deve perder tempo em *obedecer* assim que Ele nos fizer ver a abominação de Babilônia e sua relação com todos os que invocaram o seu nome. Ai de nós! Quantos, por não darem ouvidos à palavra do mestre, permitiram que fossem amarrados de pés e mãos, de modo que agora a fuga é quase impossível. Mas o mestre diz: "Minhas ovelhas ouvem a minha voz e me seguem."

Há outra lição nesses versículos: eles mostram que parte do povo do Senhor está em um lugar ou condição, e outra parte em outro. Alguns estão no "campo"; isto é, no
mundo fora de todas as organizações humanas: esses não devem considerar adequado primeiro se filiar às igrejas nominais; mas, valendo-se de sua liberdade, devem fugir de sua posição no mundo, para se tornarem um com o Senhor como membros de seu Reino – a montanha.

Alguns do povo do Senhor estão nas casas ou nos

de Babilônia — mas, como aqui se sugere, são geralmente os santos dos telhados, que possuem uma vida, uma experiência e uma fé mais elevadas do que os meros membros nominais da igreja. Esses, em sua fuga, não devem descer à casa (sistemas eclesiásticos nominais) para tentar levar consigo seus "bens"; seus objetos de valor na estimativa humana, tais como títulos, dignidades, respeito, elogios por boa conduta e reputação, etc., mas devem *abandonar tudo* por Cristo e fugir para o verdadeiro Reino.

Dificuldades da Fuga

"Ai das grávidas e das que amamentam naqueles dias!" – Mt 24:19.

Existem "bebês" espirituais, assim como bebês carnais, e filhos ilegítimos, assim como filhos legítimos. O apóstolo Paulo descreve seu interesse pela obra do evangelho como o de uma mãe em trabalho de parto. Ele diz: 'Meus filhinhos, [por causa] dos quais estou novamente em trabalho de parto até que Cristo seja formado em vocês' (Gálatas 4:19) Da mesma forma, todos os servos fiéis de Cristo, todos os trabalhadores zelosos pelas almas, são descritos neste texto como estando "grávidos". Dar à luz espiritualmente, seguindo o exemplo apostólico, é um serviço da mais alta honra e atrai a atenção de alguns dos filhos mais devotos de Deus. Mas, infelizmente! Assim como o desejo de Abraão e Sara de ajudar a cumprir as promessas de Deus levou a um *método* não autorizado e produziu uma classe de Ismael, que, nascida segundo a carne, perseguiu a semente nascida legitimamente, o mesmo ocorre com muitos desses que agora estão "grávidos"; eles estão ajudando a produzir "filhos de Deus" ilegítimos. Todos devem lembrar, no entanto, que somente meios legítimos devem ser empregados: todos os filhos de Deus são gerados pela palavra e pelo espírito da verdade, e não pela teoria humana e pelo espírito do mundo.

Visões falsas do plano divino (a suposição de que todos, exceto os escolhidos, serão atormentados eternamente)

estimularam em alguns tanto o desejo de gerar "filhos" que recorreram a vários artifícios humanos para concebê-los — ignorando o fato de que todos os que não são "gerados por Deus", todos os que não são gerados "pela palavra da verdade (não meramente pela letra da Palavra, mas "gerados do espírito da verdade), são espúrios e não são considerados de Deus nem tratados como filhos. (Hb 12:8) Como consequência, a Igreja nominal de hoje apresenta "uma boa aparência na carne" — numericamente, financeiramente, intelectualmente — e possui muito da "*forma* da piedade", sem seu verdadeiro espírito e poder para controlar o coração. Ela está cheia de "bebês", alguns de fato bebês em Cristo, mas muitos, muitos bastardos, não filhos de Deus; gerados do erro em vez da verdade – "joio". E o esforço constante é gerar ainda *mais* dessa prole espúria – na esperança de, assim, salvá-los do tormento eterno, a sentença injusta de um suposto Deus impiedoso.

Ai de mim! Quão difícil é para essas queridas crianças de Deus, que estão assim, figurativamente, nas palavras de nosso Salvador, "grávidas", fugir do sistema eclesiástico nominal com sua maquinaria multifacetada para a geração falsa e rápida, da qual aprenderam a se gloriar e a se vangloriar. Sim, será difícil para elas deixarem tudo e fugirem para o Senhor e seu monte (Reino). Será difícil para elas acreditarem que o Senhor é realmente bom, justo e misericordioso, e que Ele tem um plano gracioso que provê plenamente para cada membro da raça de Adão — todos redimidos pelo grande "resgate para todos".

A classe que "amamenta" nestes dias também contém muitos filhos de Deus nobres, bons e bem-intencionados. Ela inclui muitos ministros e professores da Escola Dominical — cujo trabalho religioso consiste em distribuir "leite"; nem sempre o "leite puro da Palavra", porém, pois geralmente o diluem e adulteram com tradição, filosofia e opiáceos da sabedoria mundana, que mantêm

seus "bebês" dóceis, sonolentos, "bons"; e impedem *o crescimento* deles *no conhecimento* e na graça, que passaram a considerar perigosos.

Alguns poucos desses professores, de fato, se esforçam para dar o "leite puro da palavra", para que seus "bebês" possam crescer por meio dele e aprender a comer e assimilar o alimento sólido e chegar à maturidade em Cristo; mas afirmam que experiências repetidas lhes *provam* que mesmo o "leite puro da palavra" — não é adequado para a maioria de seus "bebês"; —— e, por isso, consideram seu dever adulterar o leite, para que seus "bebês" não adoeçam e morram. Ah! Eles não reconhecem que a maioria de seus "bebês", não tendo sido gerados pelo o espírito da verdade, nunca serão capazes de assimilar o "leite" *espiritual*; porque "o homem natural não recebe as coisas do espírito de Deus, nem pode apreciá-las, pois são de apreciação espiritual. (1 Cor. 2:14, 12) Tampouco percebem que essa incapacidade de discernir está *matando de fome*, atrofiando e envenenando os verdadeiros "bebês" espirituais sob seus cuidados — que "já deveriam, há muito, ser mestres". — Hebr. 5:12.

Muitos dessa classe, que são verdadeiros filhos de Deus, ouvirão o chamado: "Saiam dela, meu povo", e também enfrentarão grandes dificuldades neste dia. À medida que perceberem a verdade atual, não apenas temerão transmiti-la àqueles sob seus cuidados, mas também temerão agir de acordo com ela, para que isso não os separe de seus pupilos. Temerão fugir neste dia; percebendo que apenas poucos de seus "bebês" seriam capazes ou estariam dispostos a se juntar à fuga; e na verdade, somente os espirituais serão capazes de suportar a provação. Alguns passarão pela crise em segurança como "vencedores"; enquanto outros, cheios de medo, serão deixados para enfrentar a grande tribulação.

FUJAM ANTES DO INVERNO

"Mas orai para que a vossa fuga não seja no inverno (nem no dia de sábado) — porque então haverá grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne seria salva; mas, por causa dos escolhidos, aqueles dias serão abreviados." — Mt 24:20-22.

Essa reunião da Igreja ocorre no que é chamado de época da "colheita", no final de um verão de graça. Nosso Senhor explicou (Mateus 13:30, 37-43) que, nessa colheita, Ele recolheria Seu trigo e queimaria o joio em um grande tempo de angústia que se seguiria. Ainda é costume, nas regiões rurais, deixar a queima dos resíduos para o inverno. Entendemos, então, que Nosso Senhor quer dizer que devemos buscar ajuda e força para escapar de Babilônia antes que o inverno de sua angústia se abata sobre ela.

Devemos lembrar que haverá duas classes de trigo salvas nesta colheita — por mais que isso seja contrário à natureza. (1) Os "vencedores" – os fiéis e prontamente obedientes que saem antes do "inverno" e são "considerados dignos de escapar de todas as coisas que hão de acontecer" (Lucas 21:36) (2) Aqueles filhos de Deus leais, mas não prontamente obedientes, sobrecarregados por um zelo que não é segundo o conhecimento e mais ou menos contaminados pelo espírito do mundo. Estes serão ajudados a sair de Babilônia quando ela estiver caindo e fugirão no inverno, dizendo, nas palavras do Profeta: "A colheita já passou, o verão terminou [o inverno chegou], e não fomos salvos." — (Jer. 8:20) O Senhor, com grande graça, indica que todos os verdadeiramente leais dentre eles acabarão por "sair da grande tribulação e estar diante do trono (não no
o trono com o 'pequeno rebanho' que herda o Reino como co-herdeiros com Cristo), tendo lavado suas vestes no

o sangue do Cordeiro. (Ap. 7:14, 15) Oremos e nos empenhemos para que tenhamos concluído nossa fuga antes que chegue o "inverno" das tribulações.

Devemos orar e nos esforçar para que nossa fuga não ocorra nem mesmo no dia de sábado. Que dia de sábado? Não o sétimo dia da semana, nem o primeiro dia; pois "novas luas e sábados" certamente não seriam um obstáculo para os cristãos em qualquer fuga física. (Col. 2:16) O sábado a que se refere é o grande sábado antitípico — o milênio, o sábado de sete mil anos. Se iniciarmos nossa fuga antes que ele comece cronologicamente, tanto melhor; e quanto mais avançarmos nele, mais difícil será nos libertarmos e abandonarmos Babilônia, justamente no momento em que ela mais precisa e implora por nossa ajuda para se sustentar. Mas Deus declarou que Babilônia deve cair, e nenhum poder pode sustentá-la; e ninguém que perceba quão imperfeita é a obra dela, e quão boa e graciosa será a obra do Senhor depois que ela for removida e a verdadeira Igreja glorificada, poderia desejar impedir a obra do Senhor nem que fosse por um momento.

A grande tribulação deste tempo de "inverno" será sem precedentes; e a garantia de nosso Senhor é de que nada comparável a ela já aconteceu ou jamais acontecerá no mundo. Isso identifica claramente suas palavras com a tribulação no fim da era evangélica, sobre a qual o profeta diz: "Naquele tempo, Miguel [Cristo] se levantará [assumirá o controle]... e haverá um tempo de tribulação como nunca houve desde que existe uma nação." (Dn 12:1) Isso identifica
também com o período mencionado em Apocalipses (11:17, 18), quando "as nações se iraram, e a tua ira chegou, e chegou o tempo de os mortos serem julgados". Tão
grande será essa tribulação que, sem algum poder interveniente para abreviá-la, toda a raça humana acabaria por ser exterminada. Mas Deus preparou o poder interveniente — Seu Reino, Cristo e Sua Igreja — "os escolhidos".

Os escolhidos intervirão no momento oportuno e trarão ordem à confusão da Terra.

Falsos Messias e Falsos Professores

"Se alguém vos disser *então*: 'Eis que o Messias está aqui' ou 'está ali', não acrediteis. Pois surgirão falsos messias e falsos mestres, e farão grandes sinais e prodígios; a tal ponto que, se fosse possível, enganariam até mesmo os escolhidos. Lembrai-vos de que eu vos avisei." – Mateus 24:23-25.

Os enganadores aqui descritos certamente não são os fanáticos que, de tempos em tempos, afirmaram ser Cristo e enganaram apenas alguns poucos dotados de algum grau de bom senso e discernimento. Já apontamos *o* anticristo, o grande enganador, o Papado*, que por séculos se assentou no templo espiritual, apresentando-se como o único representante de Cristo – seu vice-regente –, a respeito do qual nosso Senhor predisse corretamente que todo o mundo se maravilharia com ele, *exceto* aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro. (Apocalipse 13:8) Da mesma forma, a Igreja da Inglaterra não é meramente uma igreja ou "corpo", mas tem uma cabeça terrena no soberano civil, a rainha. A Igreja Católica Grega, de maneira muito semelhante, embora não tão específica, tem como cabeça o czar da Rússia – que, no entanto, *exerce* mais poder. Se o papado é o anticristo, um pseudo-Cristo ou falso Cristo, os outros corpos falsos com cabeças falsas não são também falsos Cristos, ou anticristos – independentemente de quantos, muitos ou poucos, sejam os verdadeiros santos de Deus neles?

Várias denominações protestantes, embora não reconheçam nenhuma cabeça exceto Cristo, na prática transformam seus sínodos, conferências e concílios em *cabeças*, das quais extraem suas leis, costumes e confissões de fé, em vez de se submeterem à única cabeça da única Igreja verdadeira.

Por um longo período e em maior ou menor grau, essas

*Vol. II, Cap. 9.

sistemas criados pelos homens têm falsificado de tal forma o verdadeiro Messias (cabeça e corpo) a ponto de enganar parcialmente muitos. Mas, há já um século, esses enganos vêm fracassando. Poucos presbiterianos, se é que há algum, acreditam hoje que *a* sua seja a única Igreja verdadeira; nem os metodistas, batistas, luteranos e outros pensam assim a respeito de seus sistemas; e até mesmo os anglicanos, gregos e católicos romanos estão se libertando da ilusão de que a sua é a única Igreja, fora da qual não há nenhum dos escolhidos. Mas, na profecia em questão, nosso Senhor nos adverte sobre o perigo dos falsos Cristos "naquele tempo" — isto é, *agora*. Em consonância com isso, encontramos em Apocalipses (13:14-18) uma profecia sobre uma combinação especial de influências pela qual as denominações protestantes serão unificadas e, embora separadas, serão levadas a cooperar com o papado, de uma maneira que dará a ambos poderes ampliados e enganará muitos, levando-os a supor que a nova combinação será o instrumento de Deus para realizar a obra predita do Messias – e que, portanto, é sua representante.

"O SOL DA JUSTIÇA NASCERÁ"

"Portanto, se vos disserem: 'Eis que ele está no deserto'; não saiais; ou: 'Eis que ele está no aposento secreto'; não acrediteis. Pois, assim como o brilhante [o Sol] nasce no Oriente e resplandece até o Ocidente, assim também será a *presença* [grego: *parousia*] do Filho do Homem." – Mateus 24:26, 27.

O fato de que grandes ilusões, "ilusões poderosas" de Satanás, estão prestes a se manifestar, é atestado não apenas pelas palavras de nosso Senhor aqui, mas também pelo apóstolo Paulo. (2 Tess. 2:10-12) Se tivesse sido predito com precisão que forma esses enganos assumiriam, isso teria, de certa forma, diminuído seu poder de ilusão. Deus permite esses enganos com o propósito exato de *separar* os "vencedores" de todos os demais e apenas nos garante que os "escolhidos" serão preservados de cair. E, no entanto, é bem possível que algumas dessas provações, peneirações

e ilusões possam atingir *mais de perto* aqueles que possuem o maior grau da luz da verdade presente. Quão importante é que nos "mantemos no amor de Deus"; que tenhamos não apenas o conhecimento da verdade — que, *por si só*, poderia apenas nos envaidecer —, mas que, além disso, tenhamos o espírito de Cristo, que deve produzir: amor a Deus e uns aos outros, e compaixão por todos os homens; pois "o amor edifica" o caráter à semelhança de nosso Senhor.

A afirmação: "Eis que ele está na câmara secreta", já está sendo feita pelos espíritas — de que podem ter entrevistas cara a cara com o Senhor em algumas de suas sessões espíritas; e que todos os que simpatizam com suas visões podem ter o mesmo privilégio, etc. E se a advertência de que, se isso fosse possível, enganaria até mesmo os escolhidos, vier a significar que "os próprios escolhidos serão submetidos às mais severas provações neste dia mau? 'Quem poderá permanecer de pé?' (Ap. 6:17) A resposta, por meio do Profeta, é: "Aquele que tem mãos limpas [uma vida honesta] e um coração puro [uma consciência isenta de ofensa para com Deus e para com o homem]; ele subirá
à montanha [Reino] do Senhor e permanecerá no
lugar santo." – Salmo 24:3, 4.

Mas como o povo de Deus saberá com certeza que essas manifestações não são genuínas? Ele nos instruiu que seu dia virá como um ladrão na noite, que ele estará *presente*, invisível ao mundo, supervisionando a obra da colheita — reunindo seus escolhidos, etc. Como sabemos que ele não se manifestará ao seu povo vigilante, como afirmam os chamados espiritualistas cristãos, nos "apartamentos secretos" — em suas sessões espíritas?

Sabemos que ele não se manifestará assim para nós, porque (1) suas instruções são de que seremos "transformados" — tornados "semelhantes a ele" e, *assim,* "o veremos como ele é"; e (2) ele nos advertiu contra esses enganos que se propõem a mostrá-lo a nós em nosso estado inalterado ou carnal

, dizendo: “Se disserem que ele está em um lugar deserto ou em aposentos secretos, *não acreditem* nisso”; porque de forma alguma ele se manifestará assim. Pelo contrário: “Assim como o brilhante [o Sol] surge do Oriente [e não pode ser confinado a um lugar solitário nem a um aposento privado], mas brilha [*por toda parte*] até mesmo no [distante] Ocidente, assim será a *presença* do Filho do Homem”.

A revelação de Nosso Senhor na sua segunda presença não ocorrerá em um cômodo, nem a uma comunidade no deserto ou em lugar ermo; nem mesmo a uma única nação, como no primeiro advento; mas será uma manifestação geral em todo o mundo: “O sol da justiça nascerá com cura em seus raios.” É o raio penetrante da verdade, proveniente do grande Sol da Justiça, que já causa tanta confusão entre os homens, ao brilhar nos lugares escuros e revelar erros e corrupção de todo tipo. Tudo o que torna manifesto é luz. E é a grande Luz do mundo, Cristo (e, em última instância, também sua Igreja associada), que abençoará a humanidade, trazendo à luz todas as coisas ocultas das trevas; pois nada está oculto que não venha a ser manifestado. “O *dia* o revelará”; e não poderia haver dia sem que o Sol brilhasse do Oriente até o Ocidente. “Esta é a verdadeira luz que ilumina [no tempo devido] todo homem que vem ao mundo.”

(Examinaremos Mateus 24:28, como conclusão do versículo 41, para fazer com que o relato de Mateus corresponda aos de Marcos e Lucas.)

O Escurecimento do Sol e da Lua como sinais

“Imediatamente após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências dos céus serão abaladas.” – Mateus 24:29; Marcos 13:24, 25.

A tribulação *“daqueles* dias” deve ser claramente

distinguida da tribulação no fim daqueles dias, na qual esta era e colheita chegarão ao fim: mas isso não fica tão claramente manifesto nos relatos de Mateus e Marcos quanto quando comparamos o relato de Lucas — que parece resumir brevemente os eventos da era evangélica e, omitindo a "tribulação daqueles dias", refere-se apenas à outra tribulação com a qual a era será encerrada. Ele diz:

"E eles [os judeus] cairão à espada e serão levados cativos para todas as nações; e Jerusalém será pisoteada pelos gentios, até que se cumpram os tempos dos gentios. E haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e na terra, angústia das nações em perplexidade; o mar e as ondas rugindo; os corações dos homens desfalecendo de medo e pela expectativa das coisas que estão por vir sobre a terra." – Lucas 21:24-26.

O fato é que toda a era evangélica tem sido um período de tribulação mencionado em Mateus 24:9-12 e agora no versículo 29. A Igreja primitiva foi perseguida pela Roma civil, enquanto mais tarde, quando a Roma papal assumiu o controle, todos os que se recusaram a aprovar suas abominações foram perseguidos por ela (Jezabel) diretamente, ou indiretamente pelos poderes civis aos quais ela estava ligada (Acabe). E eles foram entregues ao seu poder, e ela afligiu os santos do Altíssimo por um tempo, tempos e meio tempo — 1.260 anos — até o ano de 1799 d.C. E essa longa perseguição, na qual "muitos foram purificados, branqueados e provados, e
na qual a Mãe das Prostitutas estava "embriagada com o sangue dos santos e dos mártires de Jesus" (Apocalipse 17:6), terminou, como já
já demonstramos, praticamente em 1776 e efetivamente em 1799, quando o Papa e sua autoridade foram humilhados diante do mundo.*

Compreendendo claramente, então, que são os sinais que se seguirão à tribulação *"daqueles* dias" aos quais nosso Senhor se refere, investigamos os sinais descritos de forma muito precisa – os

*Vol. II, cap. 9 e Vol. III, cap. 4.

escurecimento do sol e da lua e a queda das estrelas. Esses sinais devem ser considerados literais ou simbólicos? E eles já se cumpriram?

Respondemos que eles tiveram um cumprimento literal e estão agora tendo um cumprimento simbólico muito mais significativo.

Em 19 de maio de 1780 (ainda "naqueles dias, os 1.260 anos do poder papal, mas depois que esse poder havia começado a declinar e o pior da tribulação já havia passado), ocorreu um escurecimento fenomenal do sol, para o qual os cientistas daquela época e desde então nunca conseguiram encontrar uma explicação. Que isso não foi um acontecimento comum fica suficientemente comprovado pelo seguinte testemunho competente –

O renomado astrônomo Herschel afirma:

"O dia escuro na América do Norte foi um daqueles fenômenos maravilhosos da natureza sobre os quais sempre se lerá com interesse, mas que a filosofia não consegue explicar."

O Dicionário Webster, edição de 1869, na seção "Vocabulário de Nomes Notáveis", afirma:

"O dia escuro, 19 de maio de 1780 — assim chamado devido a uma escuridão notável que se estendeu por toda a Nova Inglaterra naquele dia. Em alguns lugares, as pessoas não conseguiam enxergar o suficiente para ler letras comuns ao ar livre por várias horas seguidas. Os pássaros entoaram seus cantos noturnos, desapareceram e ficaram em silêncio; as aves foram para seus poleiros; o gado procurou o curral; e velas foram acesas nas casas. O escurecimento começou por volta das dez horas da manhã e continuou até o meio da noite seguinte, mas com variações no grau de duração em diferentes locais."

A Assembleia Legislativa de Connecticut estava em sessão naquele dia e encerrou os trabalhos. O *Diário da Câmara* registra o ocorrido da seguinte forma:

"Uma sombria penumbra de escuridão incomum antes das dez horas –

uma nuvem ainda mais escura avançando sob a cortina negra vinda do norte e do oeste antes das onze horas – bloqueou a luz de tal forma que ninguém conseguia enxergar para ler ou escrever na Câmara, nem mesmo junto às janelas, nem distinguir pessoas a curta distância, nem perceber qualquer diferença nas vestimentas do círculo de assistentes; por isso, às onze horas, a Câmara encerrou a sessão até as duas da tarde. Sexta-feira, 19 de maio de 1780."

Um ministro da época e testemunha ocular, o reverendo Elam Potter, ao pregar no dia 28 deste mês, nove dias depois do ocorrido, teria usado as seguintes palavras:

"Mas menciono especialmente aquela *escuridão maravilhosa do dia 19 de maio* deste mês. Naquele momento, assim como em nosso texto, o sol se escureceu; uma escuridão como provavelmente nunca se viu antes desde a crucificação de nosso Senhor. As pessoas abandonaram seus trabalhos em casa e no campo; os viajantes pararam; as aulas foram encerradas às onze horas; as pessoas acenderam velas ao meio-dia; e o fogo brilhava como à noite. Algumas pessoas, segundo me disseram, ficaram consternadas e se perguntaram se o dia do juízo final não estaria se aproximando. Grande parte da noite seguinte também foi singularmente escura. A lua, *embora cheia, não emitia luz*, como em nosso texto."

O folheto nº 379, publicado pela American Tract Society – *A Vida de Edward Lee*, diz:

"No mês de maio de 1780, houve um dia de escuridão terrível, em que todos os rostos pareciam envoltos em trevas, e as pessoas estavam tomadas pelo medo. Havia grande angústia na vila onde Edward Lee morava; os corações dos homens desfaleciam com o medo de que o Dia do Juízo Final estivesse próximo; e todos os vizinhos se reuniram em torno do homem santo, pois sua lâmpada estava acesa e brilhava mais forte do que nunca em meio à escuridão sobrenatural. Feliz e alegre em Deus, ele lhes indicou o único refúgio contra a ira que se aproximava e passou as horas sombrias em oração fervorosa pelas multidões angustiadas."

Citamos a seguir o juiz R. M. Devins, em *"Our First Century"*;

"Quase, se não totalmente, isolado como o fenômeno mais misterioso e até hoje inexplicável de seu tipo na diversificada gama de eventos da natureza durante o século passado, destaca-se o dia sombrio de 19 de maio de 1780; um escurecimento totalmente inexplicável de todo o céu visível e da atmosfera na Nova Inglaterra, que causou intenso alarme e angústia a multidões de pessoas, bem como consternação entre os animais – as aves fugindo, desorientadas, para seus poleiros, e o gado para seus estábulos. De fato, milhares de pessoas de bem daquela época ficaram plenamente convencidas de que o fim de todas as coisas terrestres havia chegado; muitas abandonaram, por enquanto, suas atividades seculares e se dedicaram às devoções religiosas. Foi um dia escuro e maravilhoso."

O juiz Samuel Tenney, LL.D., escreveu sobre esse "dia sombrio à
Sociedade Histórica em 1785, dizendo:

"Vários cavalheiros de talento literário se empenharam em explicar o fenômeno, mas acredito que vocês concordarão comigo que ainda não surgiu nenhuma solução satisfatória."

Noah Webster, LL.D., escreveu em 1843, no New Haven *Herald*, a respeito desse dia sombrio, e disse: "Fiquei parado observando o fenômeno. Nenhuma causa satisfatória foi atribuída até o momento."

O reverendo Edward Bass, D.D., primeiro bispo episcopal de Vermont, em seu diário de 19 de maio de 1780, escreveu: "Este dia é o mais notável na comemoração da humanidade por causa da escuridão."

O escurecimento da lua cheia na noite seguinte parece ter sido pouco menos notável do que esse escurecimento do sol; uma testemunha, o juiz Tenney, de Exeter, N. H., é citada da seguinte forma:

"A escuridão da noite seguinte foi provavelmente tão densa quanto jamais se observou desde que o Todo-Poderoso criou a luz pela primeira vez. Não pude deixar de pensar, naquele momento, que, se todos os corpos luminosos do universo tivessem sido envoltos em escuridão impenetrável ou eliminados da existência, a escuridão não poderia ter sido mais completa. Uma folha de papel branco

segurada a poucas polegadas dos olhos era tão invisível quanto o veludo mais negro."

Este dia inexplicável, a não ser como um sinal do Senhor, estima-se que tenha se estendido por 320.000 milhas quadradas — uma área cerca de vinte e cinco vezes maior que a Palestina, à qual se limitaram os sinais da primeira vinda. De fato, o fato de esses sinais terem se restringido principalmente à Nova Inglaterra e aos Estados do Meio não precisa nos surpreender, quando nos lembramos de que o primeiro movimento entre as "virgens * (Mt 25,1–
5) ocorreu principalmente na mesma região. E o fato de Deus ter usado a "terra da liberdade" para enviar a mensagem desses sinais ao mundo não é mais surpreendente do que o fato de Ele ter se agradado em enviar, da mesma região, muitas das bênçãos, invenções e lições modernas, reconhecidas por todo o mundo e simbolizadas por os emblemas do presente do grande artista francês Bartholdi ao porto de Nova York – a estátua da "Liberdade Iluminando o Mundo".

As Estrelas Cadentes

Meio século se passou antes que o próximo *sinal* aparecesse: a queda das estrelas do céu, como quando uma figueira lança seus frutos verdes ao ser sacudida por um vento forte. As palavras de Nosso Senhor encontraram seu cumprimento (embora não seu cumprimento completo e único, como veremos mais adiante) nas maravilhosas chuvas de meteoros da madrugada de 13 de novembro de 1833. Aqueles que tendem a cavilar, alegando que "as estrelas *fixas* não caíram", devem lembrar-se de que nosso Senhor nada disse sobre a queda das estrelas fixas, e que as estrelas *fixas* não poderiam cair: sua queda provaria que elas não eram *fixas*. As Escrituras não fazem distinção entre estrelas e meteoros, como é comum em nossos dias.

Estrelas cadentes e até mesmo chuvas de meteoros não são incomuns todos os anos, sendo mais frequentes em alguns anos do que em outros. Calcula-se que 400 mil pequenos meteoros caiam na Terra anualmente. Mas isso não é nada em comparação com a grande chuva de 13 de novembro de 1833,

---

na qual milhões e milhões caíram.

*Vol. III, páginas 87-90.

O Prof. Kirkwood, em sua obra intitulada *Meteorologia*, afirma: "Até o final do século passado, elas [as chuvas de meteoros] nunca atraíram a atenção dos cientistas."---

O Prof. D. Olmstead, LL.D., da Universidade de Yale, escreveu:

"Aqueles que tiveram a sorte de testemunhar o espetáculo das estrelas cadentes na manhã de 13 de novembro de 1833 provavelmente viram a maior exibição de fogos de artifício celestiais já vista desde a criação do mundo, ou pelo menos nos anais registrados pelas páginas da história. Isso não deve mais ser considerado um fenômeno terrestre, mas sim celestial, e as estrelas cadentes não devem mais ser vistas como fenômenos casuais das regiões superiores da atmosfera, mas como visitantes de outros mundos ou dos vazios planetários." New Haven *Press*

O Sr. Henry Dana Ward, na época um comerciante de Nova York, mais tarde escritor e pastor episcopal, escreveu:

"Nenhum filósofo ou estudioso relatou ou registrou um evento, suponho, como o da manhã de ontem. Um profeta, há mil e oitocentos anos, predisse isso exatamente, se nos dermos ao trabalho de entender que estrelas cadentes significam estrelas cadentes. De fato, as estrelas do céu caíram
sobre a Terra como no Apocalipse. A linguagem do Profeta sempre foi interpretada como metafórica; ontem ela se cumpriu literalmente." – *Journal of Commerce*, 14 de novembro de 1833.

Citamos o seguinte relato da **The American Cyclopaedia**, vol. XI, página 431:

"O ano de 1833 é memorável pela mais magnífica exibição já registrada. Isso ocorreu na noite de 12 de novembro e foi visível em todo o território dos Estados Unidos, bem como em parte do México e das Ilhas das Índias Ocidentais. Juntamente com as estrelas cadentes menores, que caíam como flocos de neve e produziam linhas fosforescentes ao longo de sua trajetória, havia grandes bolas de fogo intercaladas, que disparavam em intervalos, descrevendo em poucos segundos um arco de 30 ou 40 graus. Elas deixavam rastros luminosos, que permaneciam visíveis por vários minutos e, às vezes, meia hora ou mais. Uma

delas, vista na Carolina do Norte, parecia ter tamanho e brilho maiores do que a lua. Alguns dos corpos luminosos tinham forma irregular e permaneciam estacionários por um tempo considerável, emitindo jatos de luz. Em Niágara, o espetáculo foi especialmente brilhante, e provavelmente nenhum espetáculo tão terrivelmente grandioso e sublime jamais foi contemplado pelo homem como aquele do firmamento descendo em torrentes de fogo sobre a catarata escura e rugidora. Observou-se que as trajetórias de todos os meteoros, se traçadas de volta à origem, convergiam para um quarto do céu, que era *a constelação de Leão Maior*; e esse ponto acompanhava as estrelas em seu movimento aparente para o oeste, em vez de se mover com a Terra em direção ao leste. A fonte de onde os meteoros provinham revelou-se, assim, independente da posição da Terra e exterior à nossa atmosfera."----

O Prof. von Humboldt dedica quinze páginas de sua obra, **Personal Narrative**, a esse fenômeno; e declara que ele foi visível em uma área de onze milhões de milhas quadradas.

M. Beupland, um sábio francês que testemunhou o fenômeno na companhia de Humboldt, diz a respeito: "Não havia um espaço no firmamento equivalente à extensão de três diâmetros da Lua que não estivesse preenchido a cada instante com bólidos e estrelas cadentes."

O fenômeno repetiu-se, em menor escala, em 1866, mas o evento de 1833 parece ter cumprido o propósito do *sinal*; e, de fato, em conexão com o sinal anterior, ele evidentemente teve um papel considerável no primeiro despertar das Virgens para encontrar o Noivo, profetizado no próximo capítulo. – Mateus 25:1-5.

Os Cumprimentos Simbólicos

Embora esses sinais literais tenham cumprido o propósito a que se destinavam ao chamar a atenção geral para o tempo do fim, acreditamos que os cumprimentos simbólicos não são menos impressionantes e são ainda mais interessantes para aqueles cujas percepções mentais e espirituais

estão despertas a ponto de lhes permitir apreciá-los.

O *sol*, como símbolo, representa a luz do evangelho, a verdade — e, portanto, Cristo Jesus. A *lua,* como símbolo, representa a luz da Lei Mosaica. Assim como a lua é um reflexo da luz do sol, também a Lei era a sombra ou o reflexo antecipado do evangelho. As *estrelas,* como símbolos, representam os mestres inspirados da igreja — os apóstolos. Os *céus*, como já foi mostrado, representam os poderes eclesiásticos da cristandade. Uma combinação desses símbolos é encontrada em Apocalipses (12:1), onde a "mulher", simbolizando a Igreja primitiva, é representada como revestida do *sol*, ou seja, resplandecente na luz plena e clara do evangelho imaculado. A *lua* sob seus pés representa que a Lei, que a sustenta, não é, contudo, a fonte de sua luz. As doze estrelas em torno de sua cabeça, como uma coroa, representam seus mestres divinamente designados e inspirados – os doze apóstolos.

Com esse esboço do significado desses símbolos em mente, examinemos novamente esse aspecto da grande profecia de nosso Senhor sobre os sinais que indicarão o fim desta era.

Para onde quer que olhemos, podemos reconhecer o fato de que, embora o povo consagrado de Deus esteja sendo especialmente alimentado e iluminado no momento presente, com a igreja nominal não é assim. Seu sol está escurecendo; sua lua está se transformando em sangue; e suas estrelas estão caindo. O centro da luz do evangelho tem sido, desde o início, *a cruz* de Cristo, o *resgate*; e por mais ousadamente que o papado tenha instituído o sacrifício concorrente da missa, os santos de Deus sempre se apegaram firmemente a esse centro abençoado de todas as promessas de Deus e de todas as esperanças de seu povo. Eles se apegaram a ele, mesmo que sua filosofia tenha ficado quase inteiramente oculta aos seus olhos.

É verdade que, ao longo do tempo, houve alguns que, por não compreenderem o resgate e por serem incapazes de harmonizá-lo com outras verdades,

e especialmente com seus erros, o rejeitaram. Esses, no entanto, foram raras exceções à regra. Mas desde 1878 — o ponto exato do tempo de provação indicado nas Escrituras —, paralelo ao tempo da rejeição de Cristo na primeira vinda, quando a cruz de Cristo se tornou para os judeus uma pedra de tropeço —, o tropeço aqui tem avançado consideravelmente, até que hoje apenas uma pequena minoria dos ministros professos da cruz *reconhece* seu valor ou o *prega*. Pelo contrário, grande parte do ensino atual visa negar e refutar que fomos *"comprados* por um preço, a saber, o precioso sangue de Cristo", e substitui isso pela teoria da evolução, alegando que o valor de Cristo para o pecador consiste *meramente* em suas palavras e exemplo.

Assim, a luz do evangelho está se tornando cada dia mais e mais obscurecida; e embora essa negação do valor do precioso sangue como nosso preço de redenção não tenha se espalhado de maneira tão generalizada do púlpito para os bancos da igreja, ainda assim, falsas doutrinas há muito consideradas sagradas, juntamente com a reverência por líderes e pelo saber, tornaram o caminho tão fácil que a grande maioria de todos aqueles que despertam o suficiente para considerar o assunto se tornam presas fáceis dessa doutrina da evolução, que nega a doutrina bíblica da queda primitiva e do resgate dela. As Escrituras nos alertam de várias maneiras sobre esse grande afastamento, bem como sobre esse obscurecimento da fé da Igreja *neste* tempo; de modo que, quando o Filho do Homem vier, encontrará *a fé* muito escassa na terra. (Lucas 18:8) Um salmo que descreve esse período declara: "Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita; mas isso não se aproximará de ti [os santos fiéis, membros do corpo de Cristo, cujo número de escolhidos em breve estará completo]." – Salmo 91:7.

À medida que a luz do *sol do resgate* se obscurece, também a luz da lua da Lei Mosaica, que em seus sacrifícios prenunciava o resgate, necessariamente se obscurece. Já não é incomum que professores públicos

se referirem aos sacrifícios *sangrentos* de Israel, exigidos por sua Lei, como bárbaros. Antigamente, quando viam à luz verdadeira da Palavra de Deus, eles apreciavam a afirmação do apóstolo de que os sacrifícios de Israel eram prenúncios de "melhores sacrifícios pelo pecado"; mas agora, rejeitando o antítipo,
o resgate, e negando o pecado original e, portanto, toda a necessidade de sacrifícios por ele — os sacrifícios típicos também são repudiados e considerados bárbaros. Assim, o obscurecimento da luz do sol do evangelho resulta no obscurecimento do brilho da lua. 'A lua se transformará em *sangue*.' E Joel (2:10) acrescenta que 'as estrelas retirarão o seu brilho', o que significa que
quando a luz do evangelho for obscurecida e a Lei passar a ser considerada meramente como uma cerimônia de sangue sem sentido e bárbara, então os ensinamentos das doze estrelas da Igreja (os apóstolos), ordenadas por Deus, também desaparecerão de vista — deixarão de ser reconhecidos como guias ou luzes.

Como vimos, Deus reconheceu ou designou doze estrelas apostólicas para a Igreja. Dessas, juntamente com a lua e o sol, deveria emanar toda a iluminação da Igreja. E delas emanou a verdadeira luz, que abençoou a verdadeira Igreja. Mas o papado, assumindo o domínio eclesiástico sobre a terra, colocou ou "ordenou" várias estrelas, luzes, "autoridades" e "teólogos" em seu firmamento; e as diversas denominações protestantes fizeram o mesmo, até que o número total se tornou incontável. Mas Deus, ao prover ajudas, evangelistas e mestres para sua verdadeira Igreja, não os ordenou com a autoridade de *luzes* ou *estrelas*. Pelo contrário, todos os seus fiéis seguidores são instruídos a aceitar como luz apenas aqueles raios de verdade que se vêem emanar do sol, da lua e das doze estrelas *ordenadas para esse fim*.

Todos os demais do povo de Deus devem, nesta era, ser lâmpadas acesas e brilhantes, e não devem colocar suas lâmpadas debaixo do alqueire, mas brilhar de modo a glorificar seu Pai no céu. A palavra *estrela* (em grego, *aster*) não é usada em relação a

nenhum dos fiéis (além dos apóstolos) ao se referir a eles nesta vida presente; mas é usada com referência àqueles que se desviam da verdade e se tornam "presunçosos", falsos mestres, "vanhidos", aspirando a serem considerados *autoridades* no mesmo sentido que os apóstolos, e que são chamados de "estrelas errantes", "falsos apóstolos".– 2 Cor. 11:13; Ap. 2:2; Judas 13.

Pelo contrário, as Escrituras, em toda parte, apresentam a promessa de que os fiéis e humildes portadores da luz da lâmpada deste tempo presente serão, em breve, com Cristo, a semente gloriosa e honrada de Abraão — "como as estrelas do céu". Mas não nos "céus" atuais, que em breve passarão com grande agitação, é que estes brilharão — não, mas nos "novos céus" — o novo reino eclesiástico da Era Milenar. Da mesma classe, e daquele mesmo tempo de ressurreição, o profeta Daniel (12:3) diz: "Os sábios brilharão como o brilho do firmamento; e aqueles que converterem muitos à justiça, como *as estrelas*, para todo o sempre". O apóstolo Paulo também fala da glória futura da Igreja na primeira ressurreição, dizendo que suas glórias diferirão "como *uma estrela* difere de *outra* em glória".

Ora, se Deus designou apenas doze estrelas como luzes para sua Igreja, conforme representado em Apocalipses (12:1), não é um grande erro que papas e bispos se considerem sucessores dos apóstolos — estrelas também? E não é um fato que certos dos chamados "críticos superiores" se considerem e sejam considerados por outros como iguais ou, na verdade, superiores aos apóstolos, como portadores de luz, estrelas? E não demonstram eles e outros isso, ao pregarem *suas próprias ideias*, irradiando sua própria luz sobre diversos assuntos, sem considerar necessário consultar ou apresentar como *prova* as palavras dos apóstolos inspirados? E se citam ou se referem de alguma forma à luz das verdadeiras estrelas, os ensinamentos dos doze apóstolos, não é antes para que estes *confirmem*

suas opiniões ou luz, em vez de mostrar que o ensinamento é a luz das estrelas apostólicas? E, de fato, a luz dessas falsas estrelas, "estrelas errantes", costuma ser tão oposta à dos doze inspirados, que mal conseguem encontrar um texto adequado em seus escritos.

Na profecia de nosso Senhor, essas verdadeiras luzes estelares são consideradas parte da Luz do Sol do Evangelho, obscurecidas, impedidas de brilhar; enquanto as falsas estrelas, os sábios do mundo, luzes estabelecidas pelo homem nos céus atuais, são representadas como fazendo grande alarde ao descerem às condições terrenas — abandonando sua eminência outrora um tanto espiritual e, em seus ensinamentos, rebaixando-se ao nível dos moralistas e filósofos terrenos — ao nível da cidadania cristã e da política.

O *abalo* dos céus eclesiásticos simbólicos mencionado no mesmo contexto tem, de certa forma, a ver com essas luzes da cristandade descendo a um plano inferior de ensino público. Esse *abalo* significaria exatamente o que vemos por toda parte – uma sacudida nos credos e dogmas da cristandade, que, devido à mistura de erros, geram confusão sempre que mencionados – como, por exemplo, a doutrina das crianças escolhidas e não escolhidas; a doutrina do tormento eterno de todos aqueles que não são os santos, os vencedores, etc.

Como consequência, muitos dos homens experientes do mundo que estão em destaque diante do público já estão envidando todos os esforços para desviar a atenção de todos esses assuntos. Que outros assuntos eles podem encontrar além da doutrina verdadeira ou falsa da eleição; e da ideia verdadeira ou falsa da provisão de Deus para a vida futura da humanidade? Sem conhecer o verdadeiro plano divino das eras e sem desejar despertar controvérsias em torno do inferno e da condenação infantil, o que esses pregadores famosos podem pregar que atraia para si a atenção do mundo?

Eles podem abandonar totalmente os temas espirituais e descer

ao plano do homem natural, para questões de reforma moral e política. Podem ir "visitar as favelas" e pregar o evangelho contra a miséria. Podem participar de cruzadas pela cidadania cristã, etc. E essas coisas envolverão cada vez mais essas estrelas do púlpito; enquanto outros causarão sensação ao superar os infiéis mais célebres em declarações sobre aquilo em que não acreditam; ao zombarem do relato bíblico da queda adâmica no pecado e da ideia de ser salvo de algo que é um mito, de acordo com sua teoria evolucionista.

Quem não consegue ver esses sinais se cumprindo por toda parte hoje! Mas o sol, a lua e as doze estrelas ainda estão apenas parcialmente obscurecidos; no entanto, muitas das falsas estrelas caíram de toda pretensão de brilhar com o evangelho para o nível de compreensão das massas para as quais brilham.

Coincidentemente, Lucas (21:25, 26) acrescenta outros sinais deste tempo: "Na terra, angústia das nações em perplexidade; o mar e as ondas [os elementos inquietos e sem lei] rugindo; os corações dos homens desfalecendo de medo e pela expectativa das coisas que estão por vir sobre a terra [sociedade]; pois os poderes dos céus serão abalados."

O mar e as ondas rugindo simbolizam as massas inquietas da humanidade, contidas, mas não totalmente restringidas, pelas leis e regulamentos da sociedade. Todos já ouviram algo desse "rugido" nos últimos vinte anos, com surtos tempestuosos ocasionais que se abatem como maremotos contra a terra [ordem social] e procuram engoli-la. Contidas por um tempo, essas ondas estão ganhando força e intensidade; e, como profeticamente mostrado, é apenas uma questão de alguns anos até que todas as montanhas [reinos] sejam "removidas e levadas para o meio do mar", em anarquia. (Salmo 46:1, 2) Todos os jornais, que não estão sob o controle da riqueza, dão voz ao rugido do "mar" inquieto

; e os demais, ainda que contra a vontade, precisam ecoar esse rugido como notícia. É isso que, em um período de paz relativa, está causando "angústia às nações com perplexidade".

E é à medida que os homens começam a perceber que o rugido do mar e a inquietação se devem, em grande parte, ao declínio da superstição e da influência eclesiástica, e à medida que veem cada vez mais os poderes do céu (credos e sistemas sectários) abalados, que seus corações desfalecem de medo — na apreensão das coisas que estão por vir sobre a terra (sociedade); mas os esforços árduos que agora estão sendo feitos para restabelecer e unificar o poder e a influência sectários terão sucesso, em grande medida, apenas por um curto período; pois certamente se desintegrarão completamente.

"E então [naquele mesmo momento] aparecerá o sinal [evidência, prova] do Filho do Homem", a prova ou evidência da segunda vinda do Filho do Homem.

Não devemos perder de vista o fato de que toda essa profecia é dada em resposta a certas perguntas, uma das quais foi: *"Qual* será o *sinal* da tua presença" na segunda vinda? Tendo em mente o fato de que poucos reconheceram o Messias em sua primeira vinda, e que eles próprios tiveram dúvidas e temores sobre o assunto por um tempo considerável, eles desejavam saber como teriam certeza de reconhecê-lo. Na primeira vinda, nosso Senhor se revelou e foi atestado por sinais — por suas palavras e obras maravilhosas, e por João Batista. *Que sinal* deveriam esperar para indicar a segunda *presença*? Essa foi a pergunta direta que fizeram.

A resposta de Nosso Senhor assegurou-lhes que seu povo não ficaria sem um *sinal* adequado e suficiente; mas, quanto à sua natureza, Ele nada disse. "Então aparecerá *o* sinal do Filho do Homem." Será suficiente para o povo fiel e vigilante de Deus, mas *não* se *destina aos demais*.

foi esse grupo que viu e compreendeu os sinais ou provas de sua primeira vinda, enquanto as massas do Israel nominal *não conseguiram discernir os sinais de seus tempos*, e Deus não desejava que outros os discernissem; por isso, muitas das maravilhosas palavras de vida foram proferidas em parábolas e ditos enigmáticos, para que, vendo, não *vissem*, e ouvindo, não compreendessem, sendo indignos da luz que, naquele momento, era reservada apenas aos fiéis. E assim será no que diz respeito ao *sinal* ou à *evidência* da segunda presença do Senhor. Ela não será manifestada a toda a humanidade: só poderá ser reconhecida pelos verdadeiros israelitas, e estes devem ser honestos — sem malícia.

A palavra *"sinal"* (versículo 30) é, em grego, *seemion* e tem o significado de *prova* ou *evidência,* conforme ilustrado nos seguintes casos:

"E Jesus fez muitos outros *sinais*. – João 20:30.

"O Senhor concedeu que *sinais* e maravilhas fossem realizados pelas
[de Paulo e Barnabé]. – Atos 14:3.

"As línguas são um *sinal* para os que não crêem." – 1 Cor. 14:22.

"Na verdade, os *sinais* de um apóstolo foram realizados entre vós com toda a paciência, por meio de *sinais*", etc. – 2 Coríntios 12:12.

Portanto, "Vereis o *sinal* do Filho do Homem" não significa que os discípulos do Senhor então vivos *o* verão, mas que terão uma indicação ou evidência de sua *presença* naquele momento. Os *sinais* da segunda presença de nosso Senhor estarão em harmonia com o testemunho dos profetas* e serão corroborados por ele, assim como aconteceu na primeira vinda. – Lucas 24:44-46.

"*No céu*": O sinal ou prova de sua *parousia* será dado *no céu*. Não no céu da presença do Pai e diante dos anjos santos, mas no céu simbólico, o céu eclesiástico, o mesmo céu que o anterior

*Vol. II, Cap. 5, 6, 7.

versículo nos diz que será tão terrivelmente abalado a ponto de sacudir suas estrelas. É *nesse* céu — a classe que se professa espiritual — que o sinal ou *a evidência da presença de nosso Senhor* se tornará aparente pela primeira vez. Alguns "verão" — o cumprimento das declarações proféticas a respeito desse dia da segunda presença, no maravilhoso desdobramento do plano divino das eras, e o reconhecerão como um dos *sinais de sua presença*. (Lucas 12:37) O *julgamento* de Babilônia, a cristandade, tanto social quanto eclesiástica, é outro sinal de que o Juiz chegou e está fazendo as contas, em primeiro lugar, com aqueles a quem, como administradores, Ele confiou Seus bens. (Mateus 25:19; Lucas 19:15) "O julgamento deve começar pela casa de Deus"; e isso significa confusão e consternação entre os doutores e sumos sacerdotes da atualidade, à medida que tentam conciliar suas doutrinas, práticas e crenças, assim como aconteceu com os fariseus, sacerdotes e doutores da Lei na primeira vinda de nosso Senhor — mesmo que a *vinda tenha sido negada* naquela época, assim como agora.

Mas, na primeira vinda, os humildes israelitas, a quem Deus considerou dignos, não ficaram confusos, mas iluminados, de modo que nosso Senhor pôde dizer-lhes: "Bem-aventurados são os vossos olhos, porque vêem; e os vossos ouvidos, porque ouvem; pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvis, e não o ouviram." (Mateus 13:16, 17) Assim, agora, na segunda *presença* do Filho do Homem, a revelação da Palavra divina, o discernimento do plano divino — revelando também os tempos e as estações divinas — e a confusão que se abate sobre "Babilônia" são provas satisfatórias da presença do Rei.

"Então todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do Homem vindo nas nuvens do céu." – Mateus 24:30.

As tribos da terra não verão o *sinal* ou *a prova* da *presença* do Senhor, concedida apenas entre os "céus" — pelo menos

nominalmente espirituais — as igrejas — e apreciadas apenas pelos inocentes dentre elas. Nem jamais verão o próprio Senhor com a visão natural, pois ele não é mais *carne* e não pode ser visto pelos carnais.* As palavras de nosso Senhor devem ser lembradas: "Ainda um pouco, e o mundo *não me verá mais*. (João 14:19). E as palavras do apóstolo à Igreja também devem ser mantidas na comemoração — de que todos nós devemos ser "transformados" e tornados seres espirituais como nosso Senhor, antes que possamos *"vê-lo como ele* é" (1 Coríntios 15:51-53; 1º João 3:2). As tribos da Terra, ao ao contrário, verão as *nuvens de angústia* e confusão decorrentes do abalo dos "céus" e perceberão que se trata de uma tempestade que abalará "também a terra" (ver Hb 12:26, 27.) E, naquela época, haverá também um luto geral de todos, próprio daquele grande tempo de angústia; e, por fim, toda a humanidade, ao término da tempestade, *discernirá* e reconhecerá o novo Rei com os olhos do entendimento e chorará por ele, lamentando terem sempre, em cegueira, rejeitado-o — os judeus em primeiro lugar. — Veja Zacarias 12:10-12.

"E ele enviará seus anjos com uma grande trombeta e reunirá seus escolhidos dos quatro ventos, de uma extremidade do céu à outra. (*O manuscrito do Sinai* omite "som."----) – Mateus 24:31.

Essa obra estará em andamento nesse intervalo, a "colheita". Os anjos (mensageiros do novo Rei da terra) realizarão uma obra de separação, não entre a igreja e o mundo, mas uma obra de separação na igreja nominal — entre os professos nominais, os atuais "céus". Essa obra é representada por meio de várias descrições simbólicas – é a colheita do trigo do joio para o celeiro (Mateus 13:30); é a coleta dos peixes bons nas cestas e o lançamento de volta ao mar dos peixes impróprios capturados na rede do evangelho (Mateus 13:47-49); é a coleta de suas joias (Malaquias 3:17); é o chamado de "meu povo" –para fora de Babilônia (Apocalipse 18:4); é o clamor da meia-noite às virgens, que separa as sábias das insensatas (Mateus

*Vol. II, Cap. 5.

25:6); e, nesta profecia, é a reunião dos "escolhidos" dentre todos os não escolhidos da cristandade, dos quatro ventos — de todos os cantos.

Não devemos esperar que anjos do espírito apareçam com asas e voem pelo ar tocando uma grande trombeta, levando aqui e ali alguns dos santos — assim como não devemos esperar nos tornarmos peixes literais e sermos colocados em cestas literais, ou grãos de trigo literais a serem colocados em um celeiro literal. Os anjos ou mensageiros utilizados por nosso Senhor nesta colheita serão, acreditamos, os mesmos mensageiros que Ele tem usado a seu serviço ao longo desta era — servos terrenos, gerados pelo seu espírito santo — "novas criaturas em Cristo Jesus".----

Entendemos que a "grande trombeta" é a "trombeta do Jubileu" antitípica,---- a "sétima trombeta, assim como simbólica
como as seis anteriores (Ap. 11:15-18), nenhuma das quais jamais emitiu qualquer som literal. Ela vem soando simbolicamente desde outubro de 1874 e continuará até o fim do milênio. Com o início desta trombeta, teve início a "colheita" e a separação, que devem continuar até que os "escolhidos", o "trigo", sejam todos reunidos dos céus atuais (sistemas eclesiásticos) – para o Senhor. Os "anjos" (mensageiros) são aqueles que levam a
mensagem da Palavra do Senhor, que produz a separação e reúne seus escolhidos a si mesmo.

É privilégio do fiel povo de Deus, que agora é transladado das trevas para a luz maravilhosa — a quem é permitido *ver* e *ouvir* aquilo que outros não veem nem ouvem — ser colaborador com seu Senhor como seus anjos — mensageiros ou servos — nesta, bem como em todas as outras facetas da obra, ao longo da era. Por Sua graça, tais pessoas araram, semearam, gradaram e regaram, e *agora* essa mesma classe também pode colher com o Ceifeiro-Chefe.

A proximidade do Reino de Deus

"Aprendei, pois, a parábola da figueira: quando o seu ramo ainda está tenro e brota folhas, sabeis que o verão* está próximo; assim também vós, quando virdes todas essas coisas, sabei que ele (o Reino de Deus – Lucas 17:21) está próximo, bem à porta. Em verdade vos digo que esta geração não passará até que todas essas coisas se cumpram. O céu e a terra [a atual ordem eclesiástica e social] passarão; mas a minha palavra não passará." – Mateus 24:32-35.

Os incrédulos se aproveitaram dessa passagem, alegando que ela manifestamente não se cumpriu e, portanto, prova que nosso Senhor foi um falso profeta. Eles aplicam a profecia inteiramente às tribulações relacionadas à queda do sistema político nacional de Israel no ano 70 d.C. e observam com desdém que *aquela geração* e muitas outras passaram sem ver o cumprimento de "todas essas coisas". Nossa resposta a isso, é claro, é que a profecia de nosso Senhor não foi compreendida — que ela se referia apenas em parte às tribulações sobre Israel que culminaram no ano 70 d.C.

Mas, para responder à objeção, certos escritores cristãos foram levados a afirmar que as palavras "esta geração" realmente significavam que *esta raça*, os judeus, não passaria até que todas essas previsões se cumprissem.

No entanto, devemos discordar dessa interpretação por várias razões:

(1) Embora as palavras "geração" e "raça" possam ter origem em uma raiz comum ou ponto de partida, elas não são a mesma coisa; e, no uso bíblico, as duas palavras são bem distintas.

Observe que, no Novo Testamento, quando a palavra *"geração"* é usada no sentido de "raça" ou "posteridade", ela é

*Os Hebreus dividiam seu ano em duas estações: verão e inverno.

sempre do grego *gennema* (como em Mt 3,7; 12,34; 23,33; Lucas 3,7) ou de *genos* (como em 1 Pe 2,9). Mas nos três relatos diferentes dessa profecia, atribui-se ao nosso Senhor o uso de uma palavra grega totalmente diferente (*genea*), que não significa "raça", mas tem o mesmo significado que nossa palavra "geração". Outros usos dessa palavra grega (*genea*) *comprovam* que ela não é empregada com o significado de "raça", mas em referência a pessoas que vivem na mesma época. Citamos como prova: Mateus 1:17; 11:16; 12:41; 23:36; Lucas 11:50, 51; 16:8; Atos 13:36; Colossenses
1:26; Hb 3:10.

(2) Nosso Senhor não poderia ter se referido à raça judaica, e teria sido impróprio usar uma palavra grega que significasse *raça*, pois a raça judaica não era o objeto da indagação dos apóstolos nem da profecia de Nosso Senhor em resposta. Israel é apenas mencionado de passagem na profecia, e ter dito: "Esta *raça* não passará até que tudo se cumpra", teria deixado em aberto a questão de qual ou a que raça se referia, pois nenhuma raça específica é indicada. Seria, portanto, se a palavra significasse *raça*, tão correto dizer que se referia à *raça humana* quanto dizer que se referia à *raça judaica*.

Mas, ao entendermos *"genea"* aqui, assim como em outros lugares, no sentido de *"geração"*, e ao reconhecermos que as palavras de nosso Senhor eram uma profecia que abrangia toda a era evangélica, não temos dificuldade em compreender que a afirmação significa: "Esta geração [que testemunhará os sinais sobre os quais os apóstolos perguntaram e que acabaram de ser enumerados por nosso Senhor — a saber, o escurecimento do sol e da lua e a queda das estrelas] — *esta geração* não passará até que todas essas coisas se cumpram." Em outras palavras, os sinais mencionados ocorrerão dentro de uma época-geração no fim da era.

O brotar da figueira pode ter sido apenas uma observação casual, mas tendemos a acreditar que não foi. A circunstância peculiar narrada sobre a maldição de nosso Senhor sobre uma figueira que não dava frutos e que murchou imediatamente (Mt 21:19,20) nos leva a acreditar que a figueira nesta profecia pode ser entendida como simbolizando a nação judaica. Se for assim, ela está se cumprindo de maneira notável; pois não apenas milhares de israelitas estão retornando à Palestina, mas o movimento sionista, como todos sabem, assumiu agora proporções tais que justificam a realização de convenções de representantes de todas as partes do mundo, que se reúnem ano a ano para concretizar a proposta de reorganização de um Estado judeu na Palestina. Esses brotos crescerão, mas não darão frutos perfeitos antes de outubro de 1914 — o fim completo dos "Tempos dos Gentios".

Uma "geração" pode ser considerada equivalente a um século (praticamente o limite atual) ou a cento e vinte anos, a duração da vida de Moisés e o limite estabelecido nas Escrituras. (Gênesis 6:3) Contando cem anos a partir de 1780, data do primeiro sinal, o limite chegaria a 1880; e, segundo nosso entendimento, todos os itens preditos haviam começado a se cumprir nessa data; a "colheita" ou tempo de reunião, que começou em outubro de 1874; a organização do Reino e a assunção, por nosso Senhor, de seu grande poder como Rei, em abril de 1878; e o tempo de angústia ou "dia da ira", que começou em outubro de 1874 e cessará por volta de 1915; e o brotar da figueira. Aqueles que assim o desejarem podem, sem contradição, afirmar que o século ou a geração poderia ser calculado tanto a partir do último sinal — a queda das estrelas — quanto a partir do primeiro — o escurecimento do sol e da lua; e um século que tivesse início em 1833 ainda estaria longe de chegar ao fim. Muitos ainda estão vivos que testemunharam o sinal da queda das estrelas. Aqueles que caminham conosco à luz da verdade presente não estão esperando por coisas *futuras* que já estão aqui, mas aguardam a consumação

dos acontecimentos já em andamento. Ou, visto que o mestre disse: "Quando virdes *todas* estas coisas", e visto que "o sinal do Filho do Homem no céu", a figueira que brota e a reunião dos "escolhidos" são contados entre os sinais, não seria inconsistente contar a "geração" de 1878 a 1914 — 36 anos e meio —, o que corresponde aproximadamente à *média* da vida humana hoje.

"Mas daquele dia e daquela hora ninguém sabe, nem mesmo os anjos do céu, nem o Filho, mas somente meu Pai." (Mateus 24:36, Manuscrito do Sinai. Compare com Marcos 13:32, 33.) "Tende cuidado, vigiai e orai; pois não sabeis quando será o tempo."

Para muitos, essas palavras parecem implicar muito mais do que expressam: eles as interpretam como se elas colocassem um cadeado e tornassem inúteis todas as profecias da Bíblia — como se nosso Senhor tivesse dito: "Ninguém *jamais* saberá", quando, na verdade, ele simplesmente disse: "Ninguém [*agora*] sabe", referindo-se apenas às pessoas que o ouviram — às quais os tempos e as épocas exatas não deveriam ser revelados. Quem pode duvidar de que os "anjos do céu" e "o Filho" *agora sabem*, plena e claramente, assuntos que já avançaram tanto a ponto de estarem prestes a se cumprir? E se eles não estão *agora* impedidos de saber pela afirmação deste versículo, tampouco os santos de Deus estão impedidos ou restringidos por este versículo de buscar a compreensão de toda a verdade "escrita anteriormente para nossa instrução". De fato, foi em grande parte porque não era a vontade do Pai que seu povo *naquela época*, nem até o momento em que os "selos" fossem quebrados*, soubesse a data, que nosso Senhor delineou o curso dos acontecimentos e lhes assegurou que, se vigiassem e orassem e, assim, permanecessem fiéis, eles, no tempo certo, não seriam deixados nas trevas, mas veriam e saberiam.

Deus, por meio de seu profeta Daniel, indicou que, *nesse* momento, "os sábios compreenderão" a visão e

*Vol. II, Cap. 2 e 3.

profecia, e simplesmente que "nenhum dos ímpios compreenderá'---- (Dn 12:9, 10) A isso o apóstolo Paulo acrescenta seu testemunho: "Vós, irmãos, não estais nas trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão", embora ele venha assim sobre todo o mundo. "Vigiai, portanto [para que, no *tempo devido*, *possais saber*], e orai sempre para que sejais considerados dignos de escapar de todas essas coisas que hão de acontecer."

COMO NOS DIAS DE NOÉ, "ELES NÃO SABIAM"

"Mas, assim como foram os dias de Noé, assim também será a presença [grego: *parousia*] do Filho do Homem. Pois, assim como nos dias que antecederam o dilúvio, comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e *não sabiam... assim também será a presença do Filho do Homem*." – Mateus 24:37-39.

O verdadeiro sentido dessa ilustração é ignorado por muitos que pressupõem, sem qualquer fundamento nas palavras do mestre, que a semelhança aqui apontada é a *maldade* dos dias de Noé e a dos dias da presença de Cristo. Mas, embora tal comparação pudesse ter sido justificada e adequada, o fato é que tal comparação não foi feita, mas evitada. A comparação feita é *a semelhança da ignorância*. Somente Noé e sua família *sabiam*; o povo *não sabia*, mas continuava como de costume — casando-se, plantando, construindo, comendo e bebendo. Da mesma forma, *durante o tempo da presença* de *Cristo* no fim desta era, e enquanto o grande tempo de angústia se aproxima, os únicos que saberão de sua *presença* ou terão uma compreensão clara do que está por vir, do motivo ou do desfecho, serão o povo do Senhor. Os demais *"não saberão*".

Em Lucas (17:26-29) a mesma lição é ensinada; e mostra-se que tanto os vizinhos de Noé quanto os de Ló ignoravam as tribulações iminentes *nos dias* de Noé e *nos dias* de Ló, assim como as pessoas aqui ignorarão a tribulação que se aproxima

nos dias do Filho do Homem — depois que ele tiver vindo e estiver presente. Vemos isso claramente se cumprindo ao nosso redor hoje. O mundo está com medo e perplexo; mas não tem conhecimento da *presença* do Filho do Homem, nem do julgamento da "colheita" que está em andamento. Mesmo que possam supor, de forma aproximada, a tribulação que se aproxima, não conseguem adivinhar a bênção que está além dela.

"Assim será... quando o Filho do homem [já *presente*] for revelado [manifestado — primeiro às suas 'virgens' vigilantes, depois, durante a tribulação, a todos os homens]. Naquele dia, quem estiver no telhado e tiver seus pertences dentro de casa, não desça para levá-los; e quem estiver no campo, também não volte para trás. Lembrem-se da esposa de Ló. Quem tentar salvar a própria vida [por meio de concessões de consciência e permanecendo na Babilônia] a perderá; e quem perder a própria vida [sacrificar os interesses da vida presente] a preservará" – para sempre. – Lucas 17:30-33.

Assim, o Evangelho de Lucas aplica essas palavras (já consideradas anteriormente) ao fim da era evangélica – "o dia em que o Filho do Homem for revelado".

"Lembrem-se da esposa de Ló!" – é a advertência incisiva de nosso Senhor. Quão insignificante seria a pertinência dessa exortação, se aplicada àqueles que fugiram da Judéia em 70 d.C.; mas quão intensamente contundente ela é como advertência ao povo de Deus aqui, no fim da era evangélica. Quando ficamos sabendo que Babilônia está condenada e ouvimos a mensagem do Senhor: "Saiam dela, meu povo, para que não sejam participantes de seus pecados e não sofram suas pragas", isso é de fato como a voz dos mensageiros que apressaram Ló e sua família a sair de Sodoma, dizendo: "Não permaneçam em toda a planície; fujam para salvar a vida; fujam para a montanha, para que não sejam consumidos; não olhem para trás."– Gênesis 19:17.

A ilustração ganha ainda mais significado quando nos lembramos de que a cristandade é "aquela grande cidade [Babilônia] que espiritualmente é chamada de Sodoma". – Apocalipse 11:8.

A esposa de Ló, depois de começar a fugir conforme as instruções, "olhou para trás" — cobiçando as coisas que deixara para trás; e o mesmo ocorre com alguns que agora fogem de Babilônia para a montanha (o Reino) do Senhor; eles se identificam mais com as coisas que deixaram para trás do que com as que têm pela frente. Somente aqueles que fixarem suas afeições nas coisas do alto, e não nas coisas da terra, correrão a corrida até o fim. A perseverança dos santos brota de uma consagração total do coração; todos os outros falharão em correr de modo a obter o grande prêmio.

Um Levado e Outro Deixado

"Eu lhes digo que, naquela noite, haverá dois na mesma cama; um será levado e o outro será deixado." – Lucas 17:34 – omitido por Mateus.

O Senhor, por meio do Profeta, nos informa que, embora a manhã milenar se aproxime, uma noite também se aproxima. (Isaías 21:12) Será uma noite de tribulação, no início da qual os santos serão reunidos para fora de Babilônia. A "cama", aqui, em harmonia com o uso que Isaías faz dessa palavra (Isaías 28:20), pode ser interpretada como simbolizando os credos humanos, que são longos o suficiente para os "bebês" em Cristo, mas curtos demais para que um "homem" maduro possa se esticar nela. Isso se aplica às diversas "doutrinas dos homens", que substituem, mas são muito diferentes das doutrinas da Palavra de Deus, cuja extensão e profundidade ultrapassam o conhecimento humano. Por exemplo, a doutrina da Eleição, conforme ensinada por nossos amigos calvinistas, é uma "cama" bastante suficiente – para acomodar muitos que são apenas "bebês em
Cristo, cujos sentidos nunca foram muito exercitados; mas, à luz do conhecimento atual, à medida que os bebês despertam e crescem na graça e no conhecimento, todos certamente acharão a velha cama do credo curta demais para oferecer conforto; e, à medida que cada um tenta envolver-se nas promessas de Deus, limitadas por uma teologia errônea, não consegue cobrir-se satisfatoriamente; dúvidas se insinuam para arrefecê-lo com o medo de que, afinal, ele não tenha certeza de que ele e todos os seus amigos sejam dos "escolhidos"; e,

e por isso, cristãos mais maduros sentem alívio ao sair dessa situação difícil; e a esses Deus geralmente envia a luz da verdade atual para guiá-los a um "lugar espaçoso" de verdadeiro descanso, provido de coberturas abundantes para todos os que buscam conhecer e fazer a vontade do Pai. Outros, porém, a grande maioria, permanecem bastante satisfeitos e confortáveis em seus diversos pequenos berços, porque são "bebês" e não "homens" no conhecimento e na experiência cristãos. "Um será levado e o outro deixado."

"Então, dois estarão no campo; um será levado, e o outro deixado." – Mt 24:40.

"O campo é o mundo", explicou nosso Senhor; e, nesse discurso, representa uma condição fora da 'casa' nominal – fora de Babilônia. Assim, nos é ensinado que nem todos os que 'saíram' — serão 'reunidos' —, mas que as 'joias serão serão procuradas onde quer que estejam – 'o Senhor conhece os que são seus', e, nessa colheita, ele está reunindo suas joias – reunindo seus 'escolhidos' – para serem co-herdeiros em seu Reino.

"Duas pessoas estarão moendo no moinho; uma será levada e a outra deixada." – Mt 24:41; Lucas 17:35.

Um moinho é um lugar onde se prepara o alimento: os ministros e as escolas teológicas se encarregam de moer o alimento espiritual para "Babilônia" e produzem um produto muito pobre – não "alimento puro". Há uma reclamação cada vez maior de que o alimento fornecido consiste em grande parte de cascas e palha, que não sustentam a vida e a força espirituais; e cada moedor é obrigado a preparar o que lhe é dado por sua própria denominação, e não pode manter sua posição e, ao mesmo tempo, fornecer o "alimento na época certa", o "forragem limpa", para a família da fé. Por isso, a "verdade presente" reúne alguns dos moedores e deixa outros — um é levado e outro deixado para trás. Aqueles que são leais a Deus e ao seu rebanho serão levados; todos os outros serão deixados para trás. Enquanto o mundo e a igreja nominal declaram que este

ser um tempo de união e "confederação", Deus declara que é um tempo de separação. – Isaías 8:12.

PARA ONDE SÃO REUNIDOS – A ATRAÇÃO

"E eles [os discípulos] responderam e disseram-lhe: 'Onde, Senhor?' [Para onde serão *levados*?] E ele lhes disse: 'Onde quer que esteja o corpo [a carcaça, o alimento], para lá se reunirão as águias.'" – Mateus 24:28; Lucas 17:37.

A lição é que, *naquele dia*, quando o Senhor estiver reunindo seus "escolhidos" dos quatro ventos do céu — de todos os cantos da Igreja —, ele os atrairá assim como as águias são atraídas pela comida, pela qual têm uma visão aguçada e um apetite intenso; que, no tempo devido, o Senhor providenciaria o alimento adequado, e seu verdadeiro povo o reconheceria e seria reunido a ele — os prontos e dignos seriam levados, e os demais deixados para trás.

O alimento da "verdade presente", agora providenciado por nosso Senhor, e a reunião de seus santos por meio dele e para ele, se encaixam exatamente na descrição dessa profecia. O chamado atual não é de um "moinho" para outro "moinho"; nem de uma "cama" para outra de aproximadamente o mesmo tamanho. Não se trata da reunião por um homem ou por muitos homens, para ele ou para eles, em uma nova denominação; mas de uma reunião em torno do próprio Cristo, o verdadeiro e único Mestre e Professor. Onde e quando, antes, já houve tal reconhecimento público de todos os que confiam no precioso sangue de Cristo e que estão consagrados a ele, como a única família da fé — todos irmãos — e o único e exclusivo Legislador, Cristo, independentemente de credos e dogmas humanos sobre outros assuntos? Nunca e em lugar algum desde os dias dos apóstolos, tanto quanto podemos julgar.

Além disso, vale a pena notar que grande habilidade humana, oratória etc. têm estado notavelmente ligadas a outros movimentos, mas não a este atual encontro com o Senhor. Aqui, a *verdade*, o alimento espiritual que o Senhor está fornecendo,

é toda a atração: o floreio humano e a oratória encontram pouco espaço para se manifestar aqui; eles estão ausentes, mas não fazem falta. Os que estão reunidos e os que se reúnem vêm juntos porque "têm fome e sede de justiça; e estão encontrando a porção satisfatória que o próprio Senhor providenciou; e cada um, por si mesmo, está se alimentando dela.

VIGIEM, SE QUEREM SABER

"Vigiai, pois, pois não sabeis a que hora virá o vosso Senhor. Mas sabei isto [a razão pela qual o tempo está tão oculto sob símbolos e parábolas]: que, se o dono da casa soubesse em que vigília o ladrão viria, ele teria vigiado e não teria permitido que sua casa fosse arrombada." – Mateus 24:42, 43.

O "mestre da casa" ou "chefe da família" da presente dispensação não é *nosso* Senhor, mas *nosso* adversário, o diabo, "o deus deste mundo", "o príncipe do poder do ar", "o príncipe deste mundo", que agora reina sobre os filhos da desobediência, cegando as mentes de todos os que não crêem — cujos olhos do entendimento não foram ungidos com o colírio do Senhor. (2 Cor. 4:4; Ef. 2:2; Ap. 3:18) O adversário é astuto e muito sagaz; e qualquer conhecimento que tenha dos tempos, épocas e disposições divinas, ele não hesita em usar para se opor ao plano divino, como nosso Senhor declara na afirmação anterior.

A conduta do Pai Celestial em relação a Satanás tem sido a de deixá-lo seguir seu próprio caminho, exceto quando isso entraria em conflito com o plano divino, e assim anular seus artifícios malignos a ponto de usá-los para o avanço do plano divino. Por isso, Satanás, embora conheça a Bíblia há muito tempo, compreendeu muito pouco dela, pela mesma razão que o homem não a compreendeu; porque está escrita em parábolas, símbolos e figuras de linguagem. E agora que *é chegado* o tempo de compreendê-las, a compreensão delas está restrita àqueles que têm a orientação do espírito santo, o qual, como nosso Senhor prometeu, *"vos* guiará a toda a verdade", mas que o mundo não pode receber. Satanás não possui o espírito santo e não é guiado por ele; consequentemente, grande parte da

Palavra divina é loucura para ele. Mas ele sem dúvida aprendeu, assim como o mundo, em certa medida, aprendeu, que – "O segredo do Senhor está com aqueles que o temem" (Salmo 25:14). Podemos supor, portanto que seus representantes, os anjos caídos, estejam frequentemente presentes nas pequenas reuniões e nos Estudos Bíblicos, etc., do povo verdadeiramente consagrado a Deus, para aprender algo sobre o plano divino.

De que maneira Satanás teria conduzido seus assuntos de forma diferente se tivesse sabido mais cedo sobre o plano divino, só podemos supor; mas temos o testemunho positivo de nosso Senhor de que tal conhecimento por parte de Satanás teria tornado necessário um desfecho diferente da era evangélica e um início diferente da era milenar, do que Deus havia proposto e declarado. Mas, em vez de saber e colocar sua casa em ordem, ele foi pego de surpresa pela *parousia* do Senhor em 1874, e o trabalho da "colheita" então teve início: de modo que, com todas as suas artimanhas e enganos, todas as suas simulações da verdadeira luz, etc., sua "casa" — as instituições atuais — sofrerá colapso total. Ao perceber isso, ele empreende os esforços mais intensos para enganar — chegando até mesmo a recorrer, por meio de seus servos iludidos, a milagres de cura física, embora ele seja o príncipe da doença, da enfermidade e da morte. (Hb 2:14) Mas uma casa assim dividida contra si mesma certamente cairá: e grande será a queda de Babilônia; ela cairá como uma grande mó lançada ao mar. – Ap 18:21.

"Portanto, estejam vocês também prontos, pois, na hora em que menos esperarem, virá o Filho do homem." – Mt 24:44.

Aqui, *"vocês também"* – os crentes, os fiéis do Senhor — são mencionados em contraste com Satanás e sua casa. O tempo da presença do Senhor não podia ser conhecido de antemão, nem mesmo pelos santos. Nem o fato da presença do Senhor foi reconhecido até quase um ano depois de outubro de 1874, quando sua batida, por meio da palavra dos profetas e apóstolos, foi reconhecida. Desde então, há sinais externos abundantes, evidências da presença do Filho do Homem; e seus devotos, à medida que são reunidos dos quatro ventos do céu, são levados para a sua casa de banquete e convidados a sentar-se para desfrutar de um banquete como o mundo não conhece, sendo servidos, em primeiro lugar, pelo próprio mestre e, incidentalmente, uns pelos outros. – Ver Lucas 12:37.

DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS À FAMÍLIA

–Mateus 24:45-51; Lucas 12:42-46–

"Quem, então, é o servo fiel e prudente, a quem o mestre colocou à frente de sua casa para lhes dar alimento na hora certa? Feliz aquele servo a quem o mestre, ao chegar, encontrar assim ocupado! Em verdade vos digo que ele o colocará à frente de todos os seus estoques de provisões." – Mateus 24:45-51; Lucas 12:42-46.

A sugestão aqui parece ser que, no momento específico indicado pela profecia — a saber, durante a *presença* do Senhor e no momento da reunião dos escolhidos —, nosso Senhor, o grande Servo de seu povo, escolherá *um único canal* para distribuir o alimento na época certa, embora outros canais ou "co-servos" sejam utilizados para levar o alimento à "casa". Mas o servo é meramente um administrador e está sujeito a ser destituído a qualquer momento, caso deixe de reconhecer plena e devidamente, em todos os aspectos, o mestre — o grande Servo de Deus e de seu povo — "o Mensageiro da Aliança" — Cristo.

A fidelidade por parte do referido administrador (tanto para com o "mestre" – quanto para com "seus co-servos" – e "a família" –) será recompensada com a permanência dele como administrador; enquanto servir fielmente, ele poderá continuar e servir à família da fé com coisas novas e antigas — alimento na época certa — até o fim; trazendo à tona todas as coisas preciosas da provisão divina. Mas, se for infiel, ele será destituído por completo e lançado nas trevas exteriores, enquanto, presumivelmente, outro ocuparia o lugar, sujeito às mesmas condições.

A nosso entender, isso não implicaria que "aquele servo" ou mordomo, usado como canal para a circulação do "alimento na época certa", seria o *criador* desse alimento, nem *inspirado*, nem *infalível*. Muito pelo contrário, podemos ter certeza de que quem quer que o Senhor utilize dessa forma, como agente distribuidor da verdade, será muito humilde e modesto, bem como muito zeloso pela glória do mestre; de modo que ele não pensaria em reivindicar a autoria ou a propriedade da verdade, mas simplesmente a dispensaria com zelo, como dom de seu mestre, aos "servos" de seu mestre – e à "família" dele."----

Qualquer outro espírito e conduta certamente levariam à troca do administrador. Isso é detalhado por nosso Senhor da seguinte forma:

"Mas, se aquele servo se tornar perverso e, perdendo a fé, disser em seu coração: 'O meu mestre demora a vir'; e ferir seus companheiros servos, e comer e beber com os intemperantes [de suas falsas doutrinas], o mestre daquele servo estará presente num dia em que ele não espera, e numa hora da qual ele não tem conhecimento, e o destituirá [de ser seu servo] e lhe designará sua parte entre os hipócritas: ali haverá choro e ranger de dentes."–Mateus 24:48-51.

* * *

Nosso Senhor foi o maior de todos os profetas, e sua profecia, da mesma forma, a mais marcante. As profecias de Moisés, Jeremias e outros tratam principalmente da rejeição e da reunificação do Israel carnal. As profecias de Isaías, além de tratarem do Israel carnal, mostram Jesus Cristo como aquele que sofreu por nossos pecados, bem como uma luz para os gentios e, por fim, a abertura de todos os olhos cegos da humanidade para "aquela verdadeira luz". Daniel prediz a vinda e a eliminação do Messias, a unção do Pentecostes do Santíssimo, a história dos poderes gentios até seu fim e o estabelecimento do Reino do Messias sob todo o céu. Ele também mostra o poder perseguidor do "chifre pequeno" papal, seu desgaste dos santos ao longo da era e os dias de espera pelo Reino, etc. Mas nenhum outro profeta, a não ser nosso Senhor, nos deu os detalhes necessários sobre esse tempo de "colheita", conectando-os aos eventos proeminentes mencionados pelos outros profetas.

A profecia de nosso Senhor, assim como as dos outros, está velada em linguagem simbólica e parabólica, e com o mesmo propósito: para que "nenhum dos ímpios compreenda", mas apenas os mansos, honestos e fiéis do povo de Deus — no tempo e da maneira determinados por Deus.

"A *vocês* foi dado conhecer os mistérios do Reino de Deus; mas aos outros, em parábolas ["palavras obscuras"]; para que, vendo, não vejam, e ouvindo, não entendam." – Lucas 8:10.

ESTUDO XIII

O ESTABELECIMENTO DO REINO E COMO ELE SE MANIFESTARÁ

Andando pela fé – Quem constitui o Reino – Estabelecimento do Reino espiritual – Nomeação de "príncipes em toda a terra" – O desejo de todas as nações – A comunicação íntima entre o Reino e seus ministros ou "príncipes" – A escada de Jacó – O véu de Moisés – Grande
Mudanças Inauguradas – Haverá perigo em tanto poder nas mãos do novo potentado? – O governo com vara de ferro: por quanto tempo? – A conversão do mundo – Uma nação nascida em um dia – "Todos os que estão nos túmulos" – O crescimento de seu reino – A renúncia à vice-regência – A vontade de Deus feita na Terra.

"E o desejo de todas as nações virá." "Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes."

"Naquele tempo chamarão a Jerusalém o trono do SENHOR; e todas as nações se reunirão a ela, em nome do SENHOR, em Jerusalém; e não andarão mais segundo a teimosia do seu coração perverso." – Ageu 2:7; Miqueias 4:1, 2; Jeremias 3:17.

TENDO, em nossos estudos sobre o plano divino, chegado ao fim da aflição do grande "Dia da Vingança" e visto como a indignação divina arderá contra o pecado e o egoísmo, temos agora a tarefa mais agradável de examinar, à luz da Bíblia, como o Reino de Deus será estabelecido, pelo qual todas as famílias da terra serão abençoadas, e uma ordem de coisas nova, permanente e muito melhor será estabelecida, em lugar daquela reconhecidamente falha do presente e do passado.

Se os terríveis acontecimentos do futuro próximo já estão lançando suas sombras e causando medo e apreensão no mundo, aqueles que olham do "lugar secreto do Altíssimo" veem um raio de esperança entre as nuvens de aflição, o que pode muito bem levá-los a erguer os olhos, levantar a cabeça e regozijar-se porque sua libertação se aproxima, e também o alívio para todos os que foram resgatados com o precioso sangue, quando "o Sol da justiça nascerá com cura em suas asas". – Ml 4:2.

Muitos dos assuntos tratados anteriormente são tão abertamente evidentes que até mesmo o homem natural pode ficar consideravelmente impressionado com eles. Mas agora nos aproximamos de uma parte que requer uma visão mais clara, um estudo mais cuidadoso da Palavra do Senhor e um domínio mais firme da fé; pois trata de coisas ainda não visíveis, exceto aos olhos da fé. No entanto, espera-se que o povo de Deus ande pela fé e não pela visão, e confie que o que Deus prometeu, Ele é plenamente capaz de cumprir. – Rom. 4:18-21.

Nenhuma dessas coisas alguém poderia conhecer por meio de seu próprio conhecimento ou sabedoria; mas todos os que têm a unção do Santo têm fé no poder de Deus para dizer: "Nenhuma palavra de todas as suas boas promessas falhou (1) (2 Reis 8:56); e esses podem esperar com paciência e confiar implicitamente nas coisas boas que estão por vir.

Em nossos estudos anteriores sobre o assunto*, aprendemos que os "Tempos dos Gentios", que ocupam o intervalo de tempo entre a remoção do Reino típico de Israel e o pleno estabelecimento do verdadeiro Reino Messiânico sobre as ruínas dos reinos atuais, terminarão em outubro de 1914 d.C. Vimos que o período da *presença* de nosso Senhor, de 1874 a 1914, é um tempo de "colheita": a parte inicial para reunir sua noiva escolhida e a parte final, um tempo de angústia, para a derrubada dos atuais

*Vol. I, caps. 13 e 14; Vol. II, cap. 4.

instituições, em preparação para o novo Reino. Examinemos agora, à luz da lâmpada profética (Salmo 119:105; 2 Pedro 1:19), alguns dos detalhes relacionados ao estabelecimento desse Reino do Altíssimo, que será o quinto império universal da Terra e não terá fim; e que trará bênçãos a todos os seus súditos, enquanto todos os outros reinos, em grande medida, trouxeram decepção e opressão à "criação que geme". Não é de se admirar que, simbolicamente, seja declarado que ele será inaugurado com a trombeta do Jubileu (Lev. 25:9); e não é de se admirar que o profeta Ageu (2:7) nos assegure que, por fim, ele será reconhecido como o "Desejo de todas as nações".

Como isso tem implicações práticas sobre a maneira como será estabelecido "o Reino de Deus", o "Reino dos Céus", tenhamos em mente a comemoração do que já aprendemos nas Escrituras* a respeito da realeza desse Reino e daqueles que o constituirão.

(1) É o Reino de Deus no sentido de que o Pai Celestial é o Grande Rei e traçou o plano de salvação do qual o Reino Milenar fará parte. É também o seu Reino no sentido de que será estabelecido e perpetuado pelo seu *poder*. (1 Cor. 15:24-26) É o seu Reino ainda, na medida em que o representará como o grande governante supremo, bem como suas leis, seu amor e sua misericórdia, por meio do mediador que ele designou.

(2) É também o Reino de Cristo — o Reino do amado Filho de Deus —, na medida em que Cristo, como mediador da Nova Aliança, será o governante ativo desse Reino milenar, como representante do Pai, com o propósito de subjugar o mal, destruir o pecado e levar à obediência plena e sincera ao Pai e às suas leis toda a raça redimida disposta a ser totalmente restaurada à semelhança divina, ao favor divino e à vida eterna.

*Vol. I, pp. 288-300.

(3) Será o Reino dos santos, na medida em que eles, como "um sacerdócio real" (Ap. 5:10), reinarão, julgarão e abençoarão o mundo em conjunto com seu Senhor, Jesus. – Rom. 8:17, 18.

A classe do Reino propriamente dita consistirá apenas em nosso Senhor e seus "escolhidos" da era evangélica, aos quais ele disse: "Não temais, pequeno rebanho, pois é do agrado do Pai dar-vos o Reino." Sobre esses, também, o Senhor disse ao profeta Daniel: "O Reino e o domínio, e até mesmo a majestade do Reino sob todo o céu, serão dados ao povo dos santos do Altíssimo, cujo Reino é um Reino eterno, e todos os governantes o servirão e lhe obedecerão." – Dn 7:27.

Mas estes, lembre-se, serão todos "transformados" em sua ressurreição (a primeira ressurreição – Ap. 20:4, 6; 1 Cor. 15:42-46, 50-54; João 3:5, 8) e, a partir de então, não serão mais seres humanos, mas "participantes da natureza divina", e tão invisíveis para a humanidade quanto Deus e os anjos celestiais. Consequentemente, haverá a necessidade de algum meio de comunicação entre essa Igreja gloriosa e aqueles a quem ela julgará* e elevará da degradação do pecado e da morte. Tal comunicação entre seres espirituais e a humanidade, no passado, foi realizada por meio da aparição desses seres espirituais em corpos de carne, comunicando-se assim com certas pessoas importantes a respeito dos arranjos divinos. Assim, os anjos apareceram a Abraão, Sara, Ló, Gideão, Daniel e Maria, a mãe de Jesus, entre outros. Tal comunicação foi feita por nosso Senhor aos apóstolos após sua ressurreição, como espírito — porque era necessário transmitir-lhes certas instruções, e "o espírito santo ainda não havia sido dado, porque Jesus ainda não havia sido glorificado". — João 7:39.

---

*Veja 1 Coríntios 6:2; e Vol. I, Cap. 8.

Mas não esperamos que a comunicação entre os governantes espirituais e seus súditos terrenos ocorra dessa maneira durante o milênio; pois constatamos que Deus providenciou para que uma certa classe da humanidade, já provada (durante o período anterior à era evangélica) e considerada digna de perfeição e vida eterna, sirva, ao longo do milênio, como *intermediária* entre o Reino espiritual, os santos e seus súditos, a humanidade.

(4) Esses intermediários, embora não sejam o Reino no sentido estrito da palavra, serão tão plenamente seus representantes entre os homens que serão reconhecidos como o Reino pelos homens: eles representarão o Reino diante dos homens e serão seus únicos representantes *visíveis*. Por isso, denominamos a isso "a fase terrena do Reino", visível entre os homens. – Lucas 13:28.

Estes, "Abraão, Isaque e Jacó e todos os profetas" – e os dignos da antiguidade mencionados por nosso Senhor e pelos apóstolos (Mateus 8:11; Hb 11:4-40), tendo passado por sua provação, serão despertados da morte em perfeição — totalmente restaurados à perfeição humana; e não necessitarão de uma "ressurreição pelo julgamento" – com duração de mil anos, como acontecerá com o restante da humanidade. E essa perfeição lhes permitirá comunicar-se *diretamente* com os Reis e Sacerdotes do espírito, sem que os seres do espírito precisem assumir corpos carnais com o propósito de comunicar as leis, etc., ao mundo. Assim como Adão, enquanto *perfeito*, antes de sua transgressão, podia comungar diretamente com os poderes celestiais, assim também esses dignos comungarão, quando restaurados ao mesmo estado de perfeição.

Mas os governantes terrenos não serão os "reis e sacerdotes"; sim, por nomeação do Rei, serão "príncipes em toda a terra" — os proeminentes ou chefes — governantes, instrutores.

COMUNICAÇÃO ÍNTIMA ENTRE O REINO E SEUS REPRESENTANTES

É evidente que a fase terrena do Reino se dará em termos de comunhão íntima, companheirismo e cooperação com o Reino propriamente dito, os governantes espirituais. Eles se relacionarão entre si como pai e filhos, e como departamentos cooperativos do mesmo governo celestial: sendo o celestial o departamento legislativo ou legislador, e o terreno o departamento executivo ou responsável pela aplicação da lei. Conforme está escrito: "De Sião [o Reino espiritual] sairá a lei, e a palavra do Senhor [as mensagens divinas, por meio dos 'príncipes'----] de Jerusalém. Isa.
2:3.

ESTABELECIMENTO DO REINO

"O Reino de Deus está sendo pregado, e todo homem [que aceita o testemunho como uma mensagem de Deus] se esforça para entrar **nele**." – (Lucas 16:16) Por mais de dezoito séculos, essa mensagem, essa oferta do Reino, vem realizando a obra a que se destina: selecionar os "escolhidos" e os "vencedores" do mundo. Durante toda esta era, esses têm aguardado o tempo do Pai para seu estabelecimento ou exaltação ao poder, como seus reis e sacerdotes, para governar e ensinar o povo redimido da Terra e, assim, proporcionar-lhes a oportunidade da vida eterna por meio da fé e da obediência. No entanto, durante todo esse tempo, essa classe do Reino tem sofrido violência nas mãos da classe de Ismael e Esaú, e nas mãos de Satanás, o príncipe deste mundo, e de seus servos cegos. Como nosso Senhor expressou: "O Reino dos Céus sofre violência, e os violentos o tomam à força." (Mt 11,12) Nosso Senhor, o
chefe do Reino, sofreu até a morte; e todos os seus seguidores sofreram alguma perda terrena como consequência de terem sido transferidos do poder das trevas para o Reino do Filho amado de Deus. – Col. 1:13.

Essa *submissão,* por mais de dezoito séculos, à violência do mal dominante não se deveu à falta de poder por parte de nosso Senhor ressuscitado, ascendido e glorificado para proteger seu povo; pois, após sua ressurreição, ele declarou: "Todo o poder me foi dado no céu e na terra." (Mateus 28:18)
O exercício desse poder está adiado por um propósito. No plano do Pai, havia um "tempo determinado para que o grande sacrifício
para que os pecados fossem expiados, e outro tempo determinado para que o Reino fosse estabelecido em poder e grande glória para governar e abençoar o mundo: e esses momentos estavam suficientemente distantes um do outro para permitir o chamado e a preparação da 'Igreja escolhida' para ser o co-herdeiro do
Reino com Cristo. As influências malignas e a oposição dos pecadores foram *permitidas* para a purificação, o teste e o aperfeiçoamento daqueles "chamados" para serem membros da classe do Reino. Assim como acontece com a Cabeça, o mesmo ocorre com o corpo: é o desígnio de Deus que cada membro, como a nova criatura, seja "aperfeiçoado pelo sofrimento". – Hb 5:8, 9.

Mas agora estamos no fim da era evangélica, e o Reino está sendo estabelecido ou erigido. Nosso Senhor, o Rei designado, está presente desde outubro de 1874 d.C., de acordo com o testemunho dos profetas, para aqueles que têm ouvidos para ouvir; e a posse formal de seu ofício real data de abril de 1878 d.C.; e a primeira obra do Reino, conforme mostrado por nosso Senhor em suas parábolas e profecias (a reunião de "seus escolhidos"), está agora
em andamento. "Os mortos em Cristo ressuscitarão *primeiro*", explicou o Senhor por meio do apóstolo; e a ressurreição da Igreja ocorrerá num instante.* Consequentemente, o Reino, tal como representado em nosso Senhor, e os santos adormecidos já aptos, preparados e considerados dignos de serem membros de "seu corpo", a "noiva", foi *estabelecido* em 1878; e tudo o que resta a ser feito para sua conclusão é a "reunião para o Senhor" daqueles dos "escolhidos" que estão vivos e permanecem — cuja provação ainda não está completa.

*Vol. III, Cap. 6.

No entanto, em vez de o Reino esperar que os membros vivos concluíssem sua jornada, a obra do Reino começou imediatamente; e os vivos deste lado do véu têm o privilégio de conhecer "os mistérios do Reino" e de se envolver na obra do Reino antes de sua "transformação"; e, ao morrerem (não "adormecerão", — mas) serão "transformados no momento da morte, ressuscitarão como parte da abençoada e santa primeira ressurreição: como está escrito – 'Bem-aventurados os mortos que*, doravante,* morrem no Senhor; sim, diz o espírito, eles *descansarão de seus trabalhos*, enquanto suas *obras continuarão*.' – Ap. 14:13.

Tudo isso está em harmonia com a declaração bíblica de que o Reino de Deus deve primeiro ser estabelecido antes que sua influência e obra resultem na destruição completa dos "poderes que existem" deste "mundo maligno presente" — políticos, financeiros, eclesiásticos — por volta do fim dos "Tempos dos Gentios", em outubro de 1914 d.C. Observemos algumas passagens bíblicas a esse respeito.

Ao descrever os eventos sob a Sétima Trombeta, observa-se esta ordem: (1) o poder é assumido pelo Senhor como Rei da Terra, e seu reinado tem início; (2) como consequência, a grande tribulação do julgamento recai sobre o mundo. É-nos dito, profeticamente, que o reinado começa antes do tempo de angústia e antes da ressurreição dos santos e dos profetas; mas que continuará por muito tempo depois disso (por mil anos), até que tenha "julgado toda a humanidade, recompensando aqueles que têm reverência ao Senhor e destruindo aqueles cuja influência é corruptora". Observe estes pontos na citação a seguir:

"Nós te damos graças, ó Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, que eras e que hás de vir; porque assumiste o teu grande poder e reinaste. [Representado em Cristo – "Todas as coisas são *do* Pai" e "todas as coisas são pelo Filho", seu honrado representante.] E [como consequência do reinado iniciado] as nações se irritaram, e a tua ira chegou, e o tempo dos mortos, para que fossem julgados, e para que tu

dê recompensa aos teus servos, os profetas, os santos e àqueles que reverenciam o teu nome, pequenos e grandes; e destruas aqueles que corrompem a terra." – Ap. 11:17, 18.

Lemos de forma semelhante que o reinado do Reino começará antes que "Babilônia" caia; e que Babilônia cairá como resultado dos julgamentos do Reino — percebidos posteriormente por alguns dentro dela, que são representados como recebendo luz e liberdade por meio de Cristo após sua queda. Eles dizem:

"Verdadeiros e justos são os seus julgamentos; pois ele julgou a grande prostituta que corrompeu a terra com sua fornicação e vingou o sangue de seus servos das mãos dela." – Apocalipse 18; 19:2-7.

O profeta Daniel foi divinamente inspirado a relatar e explicar ao rei Nabucodonosor sua visão do poder gentio, representado por uma grande imagem. A visão mostrava uma pedra que golpeava a imagem nos pés e, como resultado, a ruína total do poder gentio; e essa pedra então se expandia até preencher toda a terra. A explicação dada mostra que o Reino de Deus será estabelecido e plenamente fortalecido, e que a ruína dos governos terrenos será o resultado direto da energia desse Reino. O testemunho inspirado de Daniel é o seguinte:

"Nos dias desses reis [os últimos do poder gentio — representados nos dedos dos pés da imagem], o Deus do céu *estabelecerá* um Reino [presente de forma representativa ao longo da era evangélica, mas não reconhecido pelo mundo como um reino]; ele [ao contrário dos reinos gentios mutáveis representados na imagem] nunca será destruído; e o reino não será entregue a outro povo [como o poder da imagem passava de um povo para outro], mas *esmagará e consumirá* todos esses reinos, e permanecerá para sempre." – Dan. 2:44, 45.

Nosso Senhor assegurou aos seus fiéis que, no momento do estabelecimento de seu Reino e da derrubada do poder gentio, a Igreja que venceu estaria com ele e *teria participação* nessa obra. Suas próprias palavras são:

"Ao que vencer e guardar as minhas obras até o fim, a ele darei autoridade sobre as nações; e ele as governará com vara de ferro; serão quebradas em pedaços como os vasos de um oleiro; assim como eu recebi de meu Pai." – Ap. 2:26, 27. Compare com Sal. 149:8, 9.

Talvez não sejamos capazes de julgar com precisão quais aspectos da grande obra estão sendo realizados atualmente pelo Senhor e seus santos glorificados além do véu; mas podemos ter certeza de que eles são participantes ativos na obra designada aos membros da mesma classe do Reino, cujo percurso e serviço ainda não terminaram deste lado do véu – a obra da colheita (1) de reunir os "escolhidos" vivos; (2) de dizer aos
Sião: "Teu Deus reina" – o Reino está sendo estabelecido; e
(3) anunciando o Dia da Vingança do nosso Deus.

Estabelecimento do Governo Terrestre

Somente após o fim completo dos Tempos dos Gentios (outubro de 1914 d.C.) devemos esperar a fase terrena do Reino de Deus; pois, ao conceder aos gentios o domínio até essa data, Deus não cometeu nenhum erro e seus planos não se alteram. A fase terrena do Reino de Deus, quando estabelecida, será israelita; pois tal é o compromisso ou aliança de Deus com Abraão e sua descendência natural. Até mesmo a graça principal, o Reino espiritual, foi oferecida primeiro ao Israel carnal e teria sido concedida a eles se estivessem dispostos de coração a recebê-la nas condições a *ela* associadas — *sofrer com Cristo* e, posteriormente, ser glorificados com ele. (Rm 8:17) Israel, de fato, desejou e buscou o *melhor* que Deus tinha a oferecer; mas "Israel não obteve o que buscava; mas os escolhidos [o 'pequeno rebanho selecionado tanto

tanto judeus quanto gentios] o obteve, e *os demais foram* cegados" — não para sempre, mas até que a escolha da semente espiritual, o Reino propriamente dito, seja concluída. — Rom. 9:31-33; 11:7, 23, 25-32.

Embora os israelitas em vários estágios de incredulidade sejam reunidos de volta à Palestina sob o favor divino, conforme a promessa, nenhum deles será, em qualquer grau, considerado parte, nem mesmo como apoiador ou associado à fase terrena do Reino, a menos que primeiro reconheçam Cristo Jesus como o Filho de Deus, o único Redentor e Libertador de Israel e do mundo.

O início da fase terrena do Reino, no final de 1914 d.C., consistirá, segundo entendemos, inteiramente nos santos ressuscitados dos tempos antigos — desde João Batista até Abel — "Abraão, Isaque, Jacó e todos os santos profetas". (Compare Mt 11:11; Lucas 13:28; Hb 11:39, 40.) Embora esses dignos da antiguidade não tenham parte nem sorte no Reino espiritual, por não terem sido "chamados" para ele — já que esse chamado elevado ou "celestial" só se tornou possível após o resgate ter sido pago por nosso Senhor Jesus —, eles ocuparão, no entanto, uma posição de destaque acima do mundo, tendo demonstrado sua fé e amor durante o reinado do mal, de uma maneira aprovada por Deus. Assim, eles foram preparados e se mostraram dignos de ser os ministros e representantes terrenos do Reino espiritual. Em harmonia com isso, está escrito nos Salmos, dirigindo-se ao Cristo: "Em vez de [serem mais consideráveis] teus pais, [eles] serão teus filhos, a quem tu poderás tornar príncipes [líderes, capitães] em toda a terra." – Salmos 45:16.

Esses antigos dignos serão diferentes do restante da humanidade, não apenas pelo fato de que sua provação já terá passado, enquanto a provação do mundo em geral estará apenas começando; mas serão diferentes deles também pelo fato de que terão alcançado a *recompensa* de sua fidelidade — eles

serão *homens perfeitos*, tendo-lhes sido completamente restaurado tudo o que se perdeu em Adão em termos de semelhança mental e moral com Deus, bem como a perfeição das faculdades físicas. Assim, eles não serão apenas os "príncipes ou chefes da terra (os representantes terrenos representantes do Reino Celestial — Cristo e sua Igreja), mas, individualmente, serão representantes do que todos os que se submetem voluntariamente à obediência poderão alcançar sob a Nova Aliança.

Quando Abraão, Isaque, Jacó e todos os anciãos dignos tiverem participado da ressurreição e aparecerem entre os israelitas reunidos, por volta do fim do tempo da aflição final de Jacó com Gog e Magog, seus poderes mentais superiores os distinguirão rapidamente dos demais. Além disso, suas mentes perfeitas compreenderão rapidamente o conhecimento e as invenções da atualidade; e eles serão singulares em muitos aspectos, assim como o homem Cristo Jesus, de quem o povo dizia: "Como é que este homem conhece assuntos literários, sem nunca ter estudado?" (João 7:15) E assim como Jesus ensinou ao povo de maneira positiva, definitiva, clara e sem dúvidas nem confusão — ao contrário dos escribas —, assim será com os antigos dignos aperfeiçoados, quando aparecerem entre os homens. Além disso, esses dignos, "príncipes", terão comunhão direta com o Reino espiritual (Cristo e a Igreja), assim como nosso Senhor tinha com os anjos, e como Adão desfrutava de comunhão pessoal semelhante antes de ser submetido à sentença divina como transgressor. Esses "príncipes" da nova terra (a nova ordem da sociedade) estarão estarão plenamente qualificados para a honrosa posição que lhes for designada.

Assim, vemos que, quando chegar o tempo de Deus para a inauguração de seu Reino entre os homens, todos os seus agentes estarão amplamente preparados para o serviço; e suas jogadas mestras de política sábia, sua moderação e autocontrole digno, bem como sua exemplificação pessoal de toda graça e virtude, atrairão os homens e rapidamente os recrutarão — temperados sob

grande tribulação — à cooperação ativa. Mesmo antes da revelação de sua identidade, sem dúvida o povo de Israel terá percebido sua preeminência sobre os demais homens.

Além disso, lembremo-nos de que o próprio propósito do grande tempo de angústia, que agora se aproxima de seu clímax, é quebrar os corações endurecidos de todo o mundo, humilhar os orgulhosos até o pó e revolver o solo em pousio com sulcos profundos de dor, angústia e tristeza, preparando assim o mundo para as grandes bênçãos do Reino Milenar. E isso cumprirá o propósito pretendido: como declara o Profeta: "Quando os teus juízos [Senhor] se espalharem pela terra, os habitantes do mundo aprenderão a justiça." (Isaías 26:9) Nessa época, todos terão aprendido que os esquemas egoístas e todos os planos que podem ser concebidos e executados por homens caídos são falhos e levam apenas a vários graus de tribulação e confusão. E todos, nessa época, estarão ansiando por um reinado de justiça — mas desesperados por ele — sem perceberem o quão próximo ele está.

Enquanto isso, as esperanças há muito acalentadas por Israel a respeito do Reino estarão renascendo entre aqueles que, por respeito às promessas, se tiverem reunido na Palestina. Quando, a esses, os antigos homens de virtude anunciarem sua ressurreição e a forma de governo justo a ser estabelecida, o plano será, sem dúvida, prontamente reconhecido como proveniente do Senhor; e quando souberem que o verdadeiro Reino sobre eles é o espiritual, e que Jesus, o crucificado, é o Rei, e mentalmente, com os olhos da fé, "contemplarem aquele a quem traspassaram" — então, "chorarão por ele, como se chora pelo único filho, e se entristecerão por ele como quem se entristece pelo primogênito. Naquele dia haverá grande luto em Jerusalém. E Deus
'derramará sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém o espírito de graça e de súplica'. Zac.
12:10, 11.

A notícia da derrota das hostes de Gog e Magog e da maravilhosa libertação de Israel de seus inimigos será rapidamente seguida pela notícia do aparecimento de seus renomados "pais", que sofreram a ressurreição, e do estabelecimento de um governo com eles à frente, bem como da conversão geral de Israel ao Messias há muito rejeitado. E, sem dúvida, muito disso será considerado uma fraude entre os gentios: os judeus serão ridicularizados por serem crédulos, e os antigos dignitários serão classificados como impostores astutos.

Mas a bênção que acompanhará a reorganização do governo sob os novos auspícios na Palestina provocará mudanças tão maravilhosas e rápidas no bem-estar de Israel que surpreenderão o mundo, então anárquico e desanimado, e levarão muitos a pensar e a dizer — sejam eles impostores ou não, a obra desses homens que afirmam ser os profetas da ressurreição é exatamente aquela de que o mundo precisa! Quem dera que eles assumissem o controle do mundo inteiro e trouxessem ordem e paz em meio à nossa desordem universal. E então eles enviarão esses maravilhosos "príncipes" para estender por toda parte seu governo, seu jugo de justiça, que se mostra tão benéfico para Israel. Isso é afirmado pelo Profeta nas seguintes palavras:

"Acontecerá nos últimos dias que o monte [Reino] da casa do Senhor será estabelecido no cume dos montes [como um Reino que se eleva acima de todos os reinos ou que os domina], e será exaltado acima das colinas [os picos mais altos]; e todas as nações afluirão a ele. E muitos povos irão e dirão: 'Vinde, subamos ao monte [Reino] do Senhor, à casa do Deus de Jacó; e *ele nos ensinará os seus caminhos*, e andaremos nas suas veredas; pois de Sião [o Reino espiritual — o Cristo glorificado, cabeça e corpo] sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém [a sede do governo representativo terreno nas mãos dos "príncipes"].

E [anteriormente — no grande tempo de angústia] ele julgará entre as nações e repreenderá muitos povos; e [como resultado das repreensões do Senhor e, posteriormente, de sua lei e Palavra] transformarão suas espadas em arados e suas lanças em podadeiras; nação não levantará espada contra nação, nem aprenderão mais a guerra."– Isaías 2:2-4; Miqueias 4:1-4.

A INTIMIDADE ENTRE O REINO E SEUS "PRÍNCIPES" TERRENOS

Como seria de se esperar, a comunicação entre as duas fases ou partes do Reino será fácil e direta; e, assim, a supervisão e a instrução da humanidade serão completas — sendo os "príncipes" os canais da comunicação divina. Isso parece ser o que as palavras de nosso Senhor a Natanael sugerem: "Daqui em diante vereis o céu aberto, e os anjos de Deus [os mensageiros de Deus, os 'príncipes' da nova dispensação] subindo e descendo sobre o Filho do homem." (João 1:51) Não foi
o sonho de Jacó sobre a escada entre o céu e a terra, e o vaivém dos mensageiros, uma profecia, além de um sonho, prenunciando a futura comunicação íntima entre o Reino Celestial e o mundo, obra na qual, como um dos mensageiros comunicadores, o próprio Jacó teria parte na bênção do mundo? Acreditamos que essa era a intenção. – Gênesis 28:10-12.

O fato de Moisés, o mediador da Aliança da Lei, ter sido um tipo de Cristo, o Mediador da Nova Aliança, é claramente ensinado nas Escrituras e amplamente reconhecido pelos estudiosos da Bíblia; mas nem todos reconheceram que Moisés era um tipo do Cristo completo — cabeça e corpo — e que, nesse sentido, toda a era evangélica tem sido o período da exaltação de Cristo. Essa, no entanto, é a única aplicação do tipo que se encaixa em vários casos: por exemplo, em Atos 3:22, 23.

Na instituição da Aliança da Lei, no Monte Sinai, Moisés parece ter sido um tipo do Cristo completo (cabeça e corpo) na introdução da Era Milenar, quando a Nova Aliança será apresentada ao mundo — após "o som da grande [sétima] trombeta", e as trevas densas e o "grande terremoto", etc., do Dia da Vingança tiverem aterrorizado a humanidade e a deixado pronta para ouvir a voz do Grande Mestre, e disposta a aceitar sua Nova Aliança. Isso é claramente apontado pelo Apóstolo (Hb 12:18-22), que parece marcar cada etapa do paralelismo. Israel vinha se aproximando e finalmente havia chegado ao Monte Sinai, que podia ser tocado e do qual emanavam visões e sons tão temíveis que todos temiam e tremiam; mas nós estamos nos aproximando do Monte Sião e de suas glórias e bênçãos maravilhosas, muito superiores às do Sinai; mas, acompanhando essas bênçãos maiores, virão a trombeta mais terrível, a escuridão e o terremoto — o abalo final de tudo o que pode ser abalado (tudo o que é pecaminoso e contrário à vontade divina), para que apenas o que é verdadeiro e duradouro permaneça. A solução de toda a questão está nas palavras: "Portanto, nós [que assim antecipamos] o recebimento de um reino que não pode ser abalado, tenhamos graça, pela qual possamos servir a Deus de maneira aceitável." – Hb 12:28.

Continuando a análise dessa ilustração, observamos que, depois disso, Moisés subiu ao Monte (Reino) e foi glorificado simbolicamente; isto é, a pele de seu rosto resplandecia de tal forma que Israel não podia olhar para ele. Isso parece simbolizar a consumação da Igreja (Cristo, cabeça e corpo) na glória. E o *véu* que Moisés usava posteriormente diante do povo, mas que tirava quando estava com o Senhor no Monte, parece simbolizar a fase terrena de seu Reino, os "príncipes em toda a terra" por meio dos quais Cristo falará ao povo e será representado, estando a glória oculta. Isso parece ser uma ilustração marcante

ilustração da relação íntima que existirá entre os "príncipes" terrenos e os Reis e Sacerdotes celestiais. A subida de Moisés ao monte para comungar com Deus, enquanto a montanha estava envolta em nuvens brilhando com relâmpagos e a terra tremia ao som do trovão, representava o fato de que o Corpo de Cristo será completado, os últimos membros "transformados" e recebidos no Reino no momento em que a ordem atual das coisas estiver sendo alterada, em meio a um grande tempo de angústia como a Terra ainda nunca experimentou.

Assim como as primeiras tábuas da Lei, que foram quebradas, representavam o fracasso da Aliança da Lei em razão da "fraqueza da carne", as segundas tábuas representam a Nova Aliança, da qual Cristo é o mediador e que não falhará. Essa Nova Aliança funcionará para o *mundo* depois que o "Corpo de Cristo" estiver completo. Enquanto isso, continua a escolha dos membros do Grande Profeta semelhante a Moisés. (Atos 3:23) Observe agora o fato de que foi quando as segundas tábuas da Lei (representando a Nova Aliança) foram entregues que Moisés sofreu *uma transformação*, de modo que, a partir de então, usava um véu diante do povo, porque seu rosto resplandecia.

A inauguração do Reino será acompanhada por cenas tão inspiradoras de reverência que farão com que o mundo inteiro trema de medo e reconheça de bom grado o Ungido do Senhor como Rei de toda a terra. Assim como Israel suplicou que o Senhor não lhes falasse mais — devido às terríveis visões e sons testemunhados no Sinai —, assim também aqui todos os povos desejarão que o Senhor Jeová deixe de lhes falar em sua ira e de os atormentar em seu ardente e justo descontentamento, e ficarão felizes em ouvir, em vez disso, o grande mediador, para reconhecê-lo como o Rei que Jeová estabelece sobre eles — Emanuel; o grande antítipo de Moisés — o Profeta, Sacerdote e Rei velado (oculto). — Compare Hb 12:19 e Sl 2:5,6.

Israel estará disposto, ansioso pelo novo Reino; como está escrito: "Teu povo se apresentará de bom grado no dia do teu poder." (Salmos 110:3) Será exatamente o que Israel tem esperado
(cegos para o chamado espiritual mais elevado da era evangélica): só que será muito mais grandioso e duradouro do que qualquer coisa que eles jamais tenham concebido. Então, um grande número de crentes parciais em Cristo, tristemente mal informados, dirá: "Não profetizamos [pregamos] em teu nome? . . . e em teu nome fizemos muitas obras maravilhosas?" (Mateus 7:21,22)
Esses não serão reconhecidos como a noiva de Cristo, mas serão deixados para participar do choro e do ranger de dentes do grande tempo de angústia, e sem dúvida se tornarão o povo de Deus em vez de sectários, e estarão "dispostos no dia do seu poder". E, de fato, muito em breve, como declara nosso texto, o Reino de Deus será reconhecido como "o desejo de todos os povos".

REFORMAS MORAIS E SOCIAIS

A Lei do Senhor, que então partirá do Monte Sião, o Reino, e será promulgada a todos os povos a partir de Jerusalém, a Nova Capital do mundo, como a Palavra do Senhor por meio de seus "príncipes", abordará imediatamente o que já é reconhecido como "males gritantes". Reformas morais serão instituídas em todas as esferas; questões financeiras, sociais e religiosas serão todas reformuladas em harmonia tanto com a Justiça quanto com o Amor. O julgamento será medido com a régua, e a justiça com o prumo (Isaías 28:17); todos os assuntos da Terra serão alinhados e medidos com a justiça — e serão levados à estrita conformidade com ela.

Quão significativo isso será no que diz respeito à supressão de todos os tipos de negócios que tentam a humanidade, seduzindo-a por meio das fraquezas de sua natureza caída e do desequilíbrio de suas qualidades mentais e morais!

As destilarias, as cervejarias, os bares, os bordéis, as salas de bilhar — todos os negócios que desperdiçam o tempo e corrompem o caráter serão interrompidos; e aos seus funcionários será dado algo para fazer que seja benéfico para si mesmos e para os outros.

Da mesma forma, a construção de navios de guerra, a fabricação de munições de guerra e de defesa cessarão, e os exércitos serão dissolvidos. O novo Reino não terá necessidade disso, mas disporá de poder abundante para executar justiça sumária na punição dos malfeitores, quando estes tiverem decidido agir, mas antes que causem dano a outros — pois ninguém causará dano ou destruição em todo o santo Reino (Isaías 11:9), exceto quando os Juízes competentes e justos fizerem com que a segunda morte recaia sobre os incorrigíveis. — Isaías 32:1-8; 65:20-25; Salmos 149:9;
1 Coríntios 6:2.

Os negócios bancários e de corretagem, bem como outras ocupações semelhantes, muito úteis nas condições atuais, não terão mais lugar; pois, sob as novas condições, a raça humana será obrigada a tratar uns aos outros como membros de uma mesma família, e o capital privado e o dinheiro para emprestar e para ser necessário serão coisas do passado. Proprietários e imobiliárias também encontrarão novas ocupações, porque o novo Rei não reconhecerá como válidas as patentes e escrituras atualmente registradas. Ele declarará que, quando no Calvário resgatou Adão e sua raça, *resgatou* também o domínio de Adão, a Terra (Efésios 1:14); e Ele a distribuirá, não apenas aos egoístas, avarentos e gananciosos, mas seus melhores lugares serão dados aos "mansos", de acordo com Sua promessa no Sermão da Montanha – Mateus 5:5.

É sobre esse grande Rei e Juiz (cabeça e corpo), simbolizado por Moisés, que o Senhor declara:

"O espírito do Senhor estará sobre ele: o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de poder, o espírito de conhecimento e de temor a Jeová. E ele o tornará perspicaz no temor de Jeová; e não julgará segundo o que virem seus olhos, nem repreenderá segundo o que ouvirem seus ouvidos; mas com absoluta retidão julgará os pobres e defenderá com equidade os mansos da terra; e ferirá a terra com a vara de sua boca, e com o sopro de seus lábios matará o ímpio. A justiça será o cinto de seus lombos, e a fidelidade, o cinto de suas entranhas." – Isaías 11:1-5.

Para alguns, pode parecer que esse programa divino tornará a terra um paraíso para os pobres, mas um lugar de angústia para aqueles que hoje estão acostumados ao luxo e a ter vantagem sobre a maioria, seja por sorte, por talentos e oportunidades superiores, seja por práticas desonestas. Mas tais pessoas devem lembrar-se das palavras do Juiz, proferidas há dezoito séculos: "Ai de vós, os ricos! Pois já tendes o vosso consolo. Ai de vós, os que estais saciados [satisfeitos]! Pois tereis fome [ficareis insatisfeitos]."---(Lucas 6:24, 25) A princípio, esses estarão dispostos a lamentar a perda de suas vantagens; e assim como hoje os ricos piedosos têm dificuldade em alcançar o estado de coração e de vida que será recompensado com uma parte no Reino de Cristo, assim também, naquela ocasião, aqueles anteriormente acostumados às riquezas encontrarão dificuldades não experimentadas por aqueles previamente disciplinados na escola da adversidade.

Mas o inevitável nivelamento da sociedade, que será realizado pela anarquia do Dia da Vingança, deve ser aceito; e, aos poucos (mais lentamente para alguns, mais rapidamente para outros), as vantagens do reinado do Amor serão reconhecidas e amplamente apreciadas. Ver-se-á que, sob o arranjo divino, todos podem, se assim o desejarem, ser abençoados, ser verdadeiramente felizes e "subir" pela estrada

da santidade rumo à grandiosa perfeição humana (à imagem de Deus) e à vida eterna. (Isaías 35:8) O que já é geralmente admitido se revelará absolutamente correto; a saber, que, com as conveniências atuais, se todo o povo fosse colocado a trabalhar de forma sistemática e sábia, não seriam necessárias mais do que três horas de trabalho para cada indivíduo. E, sob a orientação do Reino celestial, as horas de descanso do trabalho árduo não causarão danos morais nem físicos, como certamente causariam nas condições atuais, com o mal e a tentação por todos os lados, prontos para tirar proveito das fraquezas herdadas.

Pelo contrário, quando Satanás for amarrado (o mal contido) e as tentações externas removidas, as horas de descanso serão dedicadas, sob a orientação da Igreja glorificada, a estudos que se tornarão cada vez mais atraentes e interessantes — estudos da Natureza e do Deus da Natureza, e de seus gloriosos atributos — sua Sabedoria, Justiça, Amor e Poder. E assim, com prazer, poderão progredir em direção à perfeição humana — o fim de sua jornada ou provação; pois, lembre-se, o novo governo não apenas se ocupará dos grandes assuntos e interesses de seus súditos, mas também de seus menores assuntos. Será um "governo paternal" no sentido mais pleno do termo.

Seria bem provável que as pessoas contemplassem com grande apreensão o estabelecimento do governo mais autocrático que o mundo já conheceu, no qual as vidas, os bens e todos os interesses da humanidade repousariam absolutamente nas mãos do Rei, sem possibilidade de recurso, se não fosse pelo fato de termos as provas mais absolutas e convincentes de que cada regulamento e disposição do Reino foi concebido para o benefício de seus súditos. O Rei desse Reino Mediador amou tanto aqueles sobre os quais ele reinará que deu a própria vida como *preço de resgate*, a fim de garantir a eles o direito a um julgamento individual para a vida eterna; e o próprio objetivo de seu reinado milenar é auxiliá-los nesse

essa prova. O que mais se poderia pedir? Como o redentor, ele tem, com toda justiça, o direito de controlar absolutamente aquilo que adquiriu com seu próprio sangue; e todos os que apreciam o amor que ele manifestou, se a questão fosse submetida ao seu voto — o que, no entanto, não acontecerá —, de bom grado lhe concederiam todo o poder e autoridade e prontamente se submeteriam à sua vontade justa.

Mas os "santos que serão co-herdeiros no Reino,
e juízes associados — será que se pode confiar-lhes com segurança o poder absoluto e autocrático?

Ah, sim! Assim como Cristo Jesus provou que possuía o espírito do Pai Celestial e é "a imagem expressa da pessoa do Pai" – assim também todos os que farão parte daquele "pequeno rebanho, seus co-
no Reino, terão provado possuir "o espírito de Cristo" — o espírito santo do Amor. É uma das condições de seu "chamado" que se tornem *"cópias* do amado Filho de Deus, e ninguém mais será aceito como
tendo assegurado seu chamado e sua eleição. De fato, é para que possam ser capazes de simpatizar com aqueles que estarão então sob seus cuidados e instrução que esses estão sendo selecionados dentre os fracos e imperfeitos, e estão sendo ensinados o que é travar o bom combate pelo bem e pela verdade contra o erro e o pecado. Sim, tanto os sub-sacerdotes quanto o Sumo Sacerdote do Sacerdócio Real merecem confiança sem medo algum. Deus confiará o poder a eles, e essa é a melhor garantia de que ele será usado com justiça, sabedoria e amor – para a bênção do mundo.

O Governo da Vara de Ferro

As nações serão governadas pela força, uma força irresistível, até que a ordem justa seja estabelecida por meio de uma submissão geral; todo joelho se dobrará, toda língua confessará o poder e a glória divinos, e a obediência exterior será obrigatória. Como está escrito: "Ele governará as nações com uma vara de ferro, e

como os vasos de um oleiro, serão despedaçados em cacos." (Apocalipse 2:27) Esse castigo e essa destruição pertencem propriamente ao Dia da Vingança e, embora o poder e a vara ainda permaneçam ao longo da Era Milenar, seu uso provavelmente será desnecessário, pois toda oposição aberta será completamente reprimida no grande tempo de angústia. Conforme o Profeta apresenta a questão, Deus, nesse tempo de castigo, dirá à humanidade tagarela, clamorosa e arrogante: "Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus. Serei exaltado entre as nações, serei exaltado na terra." (Salmos 46:10)
será, no entanto, a obra de toda a Era Milenar "aplicar a justiça como régua e a retidão como prumo em
todos os assuntos, grandes e pequenos, de cada indivíduo da raça humana, todos os quais serão, assim, 'ensinados por Deus' por meio de seu Servo 'escolhido' da aliança, o grande Profeta, Sacerdote e Rei (cabeça e corpo): Profeta no sentido de mestre, Rei no sentido de governante, Sacerdote no sentido de mediador que, tendo sido redimido, é o advogado do povo e o dispensador do favor divino. Os ofícios estão unidos: "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" – que era sacerdote em seu trono. – Hb 7,17; Zc 6,13; Atos 3,22; Dt 18,15.

Como personificação da sabedoria, o novo Rei declara: "O conselho é meu, e a sabedoria sólida; eu sou o entendimento; tenho força. Por mim reinam os reis e os príncipes decretam justiça. Por mim governam os príncipes e os nobres: sim, todos os Juízes da terra [a fase terrena do Reino]. Amo aqueles que me amam; e aqueles que me buscam desde cedo me encontrarão. Riquezas e honra estão comigo; sim, riquezas duradouras e justiça. Meu fruto é melhor do que o ouro, sim, do que o ouro fino; e minha renda, melhor do que a prata escolhida. Eu conduzo pelo caminho da justiça, no meio das veredas do juízo: para que eu faça com que aqueles que me amam herdem uma possessão duradoura; e encherei seus tesouros. Quem me encontrar
encontra a vida e obterá o favor do Senhor; mas aquele que

pecar contra mim prejudica a própria alma; todos os que me odeiam amam a morte." – Prov. 8:14-21, 35, 36.

ISRAEL: UMA ILUSTRAÇÃO

Aparentemente, o mundo terá tempo para ver em Israel a operação do governo divino e seus benefícios práticos, em contraste com a anarquia então predominante, de modo que a maioria de todas as nações "desejará o governo do Reino". Isso é retratado de forma contundente nas palavras proféticas dirigidas a Israel naquela época:

"Levanta-te, resplandece, pois a tua luz chegou, e a glória do Senhor se levantou sobre ti. Pois eis que as trevas cobrirão a terra, e densas trevas os povos; mas o Senhor se levantará sobre ti, e a sua glória será vista sobre ti. E as nações *virão à tua luz*, e os reis [os principais da terra] ao brilho do teu nascer. [Isso se aplicará ao Israel espiritual, o Sol da Justiça, mas também aos seus representantes terrenos — o Israel carnal restaurado à graça.]

"Levanta os teus olhos ao redor e vê: todos eles se reúnem, vêm a ti; teus filhos virão de longe, e tuas *filhas* serão amamentadas ao teu lado. (Compare Ez. 16:61.) Então *verás e te encherás de luz*, e teu coração ficará maravilhado e se expandirá; porque a abundância do mar [as massas anarquistas – veja Apocalipse 21:1] se converterá a ti, assim como os melhores dos gentios virão a ti. E eles proclamarão os louvores do Senhor." – Isaías 60:1-6, 11-20.

Verdadeiramente, esse será um dia glorioso de abertura dos olhos cegos e de conversão de muitos à justiça! Será um dia de conversões e avivamentos baseados na verdade, e não no medo e na deturpação. Será o tempo mencionado pelo Profeta, quando "uma nação nascerá em um dia" (Isaías 66:8). Israel será essa nação; (1) o Israel espiritual, a "nação santa"; (2) o Israel carnal, seu representante terreno.

E de Israel brilhará a luz que fará o mundo castigado se ajoelhar; e dará início ao prometido derramamento do espírito santo do Senhor *"sobre toda a carne*, *depois daqueles* dias", assim como tem sido derramado sobre seus verdadeiros servos e servas *durante estes dias*. – Joel 2:28.

Este é o dia da salvação sobre o qual o profeta Davi cantou (Salmo 118:18-27):

> "Este é o dia que o Senhor fez;
> Vamos nos alegrar e regozijar-nos nele!
> A pedra que os construtores rejeitaram
> *Tornou-se* a pedra angular!
> Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor.* Salva-
> nos agora, eu te imploro, ó Senhor!
> Ó Senhor, eu te imploro, envia agora
> prosperidade. O Senhor me castigou
> severamente:
> mas não me entregou à morte. Abre-me as
> portas da justiça:
> Entrarei por elas e louvarei ao Senhor.
> Esta é a porta que conduz a Jeová;
> por ela entrarão todos os justos.
> Eu Te louvarei, pois Tu me ouviste
> *e te tornaste a minha salvação:*
> Deus é o Senhor, que nos mostrou a luz."

Assim, vemos que as reformas educacionais e as orientações do futuro terão início nos corações das pessoas: elas começarão com a lição: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria."--- - (Provérbios 9:10) Uma das grandes dificuldades da educação atual, que tende ao orgulho, à arrogância e ao descontentamento, é a falta dessa sabedoria elementar. Toda obra de graça sob as normas do Reino será devidamente iniciada e plenamente realizada.

Nenhuma criatura da raça redimida será tão humilde a ponto de a graça divina não alcançá-la, por meio da agência onipotente e abençoada do Reino. Nenhuma degradação causada pelo pecado será tão profunda a ponto de a mão da misericórdia não poder alcançá-la, para resgatar a alma comprada pelo sangue; nenhuma escuridão da ignorância e da superstição será tão densa

*Compare com Mt 23,39.

em qualquer coração a ponto de que a luz da verdade e do amor divinos não penetre em sua escuridão e lhe traga o conhecimento da alegria e do regozijo do novo dia, bem como a oportunidade de compartilhar isso por meio da obediência. Nenhuma doença que possa atacar e contaminar o organismo físico estará além do controle imediato do Grande Médico. E nenhuma deformidade, monstruosidade, excesso, redundância ou imbecilidade mental será capaz de resistir ao seu toque curativo.

TODOS OS QUE ESTÃO NOS TÚMULOS SURGIRÃO

A grandiosa obra de restauração, assim iniciada nas nações vivas, em breve se estenderá a todas as famílias adormecidas da Terra; pois está chegando a hora, sim, não está longe, em que todos os que estão nos túmulos ouvirão a voz do Filho do Homem e ressuscitarão: "quando a morte e o Hades [o túmulo] entregarem os mortos que neles estão; e o mar entregar seus mortos". (João
5:28, 29; Apocalipse 20:13). Sim, até mesmo as hostes de Gog e os pecadores de Israel que terão perecido na batalha do grande dia ressurgirão no tempo devido; não mais como um exército devastador de fora-da-lei, mas como indivíduos castigados e arrependidos, cobertos de vergonha e confusão no rosto à luz daquele dia, mas a quem será assim demonstrada misericórdia e dada a oportunidade de ressurgir para a honra e a virtude.

A ressurreição dos antigos homens de mérito, juntamente com as frequentes curas dos enfermos em resposta à oração da fé, provavelmente, quando os homens tiverem tido tempo para refletir e se recuperar das devastações do grande tempo de angústia, lhes sugerirá a possibilidade da ressurreição de outros — seus amigos e parentes — da morte e do túmulo, em cumprimento à promessa de Cristo de que *todos* os que estão nos túmulos ouvirão a voz do Filho do Homem, e sairão. E não é uma sugestão irracional que isso possa ocorrer em resposta à oração da fé

pela restauração de amigos falecidos que essa grande obra possa começar e progredir. Vemos uma razoabilidade nesse método, o que parece recomendá-lo acima de outros que poderíamos imaginar. Por exemplo, ele traria de volta os mortos gradualmente, e na ordem inversa daquela em que partiram, e assim proporcionaria lares, boas-vindas calorosas e os confortos necessários da vida para os ressuscitados assim que retornassem à vida; e assim eles se familiarizariam com as línguas, os costumes e os hábitos daqueles ao seu redor; enquanto que, se a ordem fosse invertida, os ressuscitados estariam totalmente despreparados nesses aspectos para as novas condições e seriam completos estranhos e incompatíveis com a geração no meio da qual seu novo destino seria traçado. Essas objeções, no entanto, não se aplicariam aos profetas e outros homens ilustres da antiguidade, que, tendo cumprido seu período de prova, serão ressuscitados como homens perfeitos e, como tais, serão intelectualmente, moralmente e fisicamente superiores a todos os outros homens.

Não é provável que todas as orações pela restauração de amigos falecidos sejam prontamente atendidas; pois o Senhor terá planos definidos para a restauração deles, com os quais alguns desses pedidos podem não estar em harmonia. Sua ordem será provavelmente, como claramente indicado na ressurreição da Igreja e dos anciãos, a ordem da aptidão — a aptidão tanto dos sujeitos da ressurreição quanto dos amigos e das condições em meio às quais sua nova vida terá início. Isso exigiria uma certa preparação por parte daqueles que fizessem tais pedidos — uma preparação do coração e da vida, bem como de condições favoráveis ao seu avanço na estrada da santidade. Assim, tais restaurações se tornariam recompensas pela fidelidade aos vivos e também garantiriam condições favoráveis para os que despertaram.

A Perspectiva Gloriosa

Que perspectiva gloriosa a nova dispensação apresentará quando for plenamente inaugurada! As mudanças de uma dispensação para outra no passado foram marcantes e proeminentes, mas essa mudança será a mais marcante de todas.

Não é de se admirar que a ideia de tal espetáculo — de toda uma raça retornando a Deus com cânticos de louvor e alegria eterna sobre suas cabeças — pareça quase boa demais para acreditar; mas aquele que prometeu é capaz também de realizar tudo o que lhe agrada. Embora a tristeza e os suspiros pareçam quase inseparáveis de nosso ser, ainda assim a tristeza e os suspiros *fugirão*; embora o choro em cilício e cinzas tenha perdurado ao longo da longa noite do domínio do pecado e da morte, ainda assim a alegria aguarda a manhã milenar, e todas as lágrimas serão enxugadas de todos os rostos, e beleza será dada em vez de cinzas, e o óleo da alegria em vez do espírito de tristeza.

O Crescimento do Seu Reino

O Reino de Deus se espalhará ou crescerá, em suas várias partes ou divisões, assim como os governos terrenos, até que se torne "uma grande montanha [Reino] e encha toda a terra" (Dn 2,35). Para ilustrar isso: o Reino
da Grã-Bretanha é, em primeiro lugar, apenas o soberano reinante e sua família; em um sentido secundário, inclui o Parlamento e os diversos ministros do governo; em um sentido ainda mais amplo, inclui todos os britânicos e todos os soldados que juraram lealdade a esse reino; e, de forma ainda mais remota, inclui todos os súditos conquistados do reino, na Índia e em outros lugares, que não desafiam abertamente as leis desse reino.

O mesmo ocorre com o Reino de Deus: em primeiro lugar, é o Reino do Pai, que governa sobre tudo (Mt 13,43; 26,29); mas o Pai propôs-se voluntariamente a colocar o domínio

da Terra, por mil anos, sob a plena responsabilidade de um vice-rei, um vice-regente — Cristo e sua noiva exaltados à natureza divina e à majestade divinas — para subjugar e destruir o mal e elevar todos aqueles que alcançarem plena harmonia com o Pai, sob as condições graciosas da Nova Aliança. Em um sentido secundário, incluirá os ministros terrestres ou "príncipes" que serão seus representantes visíveis entre os homens. Em um sentido ainda mais amplo, incluirá todos aqueles que, ao reconhecerem seu estabelecimento, lhe prestarão leal submissão e devoção — tanto judeus quanto gentios. No sentido mais amplo, incluirá gradualmente todos os súditos que obedecerem às suas leis, enquanto todos os demais serão destruídos. — Atos 3:23; Apocalipse 11:18.

Essa será a situação do Reino vice-real de Deus ao término de seu reinado designado de mil anos — prevalecerá uma paz conquistada e um reinado de justiça imposto, tendo todos os oponentes obstinados sido destruídos sob o governo da vara de ferro (Apocalipse 2:27); conforme está escrito pelo profeta Isaías ao descrever esse período: "O pecador de cem anos será amaldiçoado [exterminado]"; embora, ao morrer nessa idade, ele não passasse de uma criança; pois, mesmo que apenas obedecesse externamente aos arranjos razoáveis e justos do Reino, ele poderia viver pelo menos até o fim do milênio. – Isaías 65:20; Atos 3:23.

Mas tal paz — uma paz e obediência conquistadas e impostas —, embora adequada para fornecer uma ilustração que comprove as bênçãos e vantagens de um governo justo e equitativo, está longe de ser o ideal de Deus. O Reino ideal de Deus é aquele em que cada indivíduo é livre para fazer sua própria vontade, *pois* cada um possui uma vontade que está em estrita conformidade com o padrão divino — amando a justiça e odiando a iniquidade. Esse padrão deve, em última instância, prevalecer em todo o universo; e será introduzido no que diz respeito à humanidade no final do Reino milenar vice-real.

Assim, nos é mostrado (Apocalipse 20:7-10) que, no fim da era milenar, haverá um tempo de "colheita", para peneirar e separar entre os bilhões de seres humanos então vivos, cada um dos quais terá desfrutado de plena oportunidade de alcançar a perfeição. Isso será semelhante à atual peneiração de "Babilônia", a "Cristandade", neste tempo de "colheita"; e semelhante também ao trabalho de peneiração na "colheita" da era judaica. A colheita da era milenar
testemunhará a separação completa dos "bodes" das "ovelhas" do Senhor – conforme representado na parábola de nosso Senhor. – Mt 25:31-46.

Mas, embora os resultados das "colheitas" judaica e do evangelho—— cada uma mostra apenas um pequeno rebanho reunido e as grandes massas indignas, porque até o presente momento Satanás engana e cega as massas da humanidade, não podemos esperar, sem razão, que os resultados da "colheita" da era milenar mostrem resultados invertidos — as massas sendo "ovelhas" leais a serem conduzidas à vida eterna, e a minoria comparativa de "cabras" a ser destruída. No entanto, não são os Números, mas a qualidade, que constitui o teste do Senhor. Sua garantia é que o pecado, os pecadores e aqueles que simpatizam com o mal não irão além do milênio, a fim de não colocar em risco a felicidade, a paz e a bem-aventurança da grande eternidade que se segue — onde "não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem haverá mais dor; pois as coisas anteriores já passaram." — Apocalipse 21:4.

Assim virá o Reino de Deus, e sua vontade será feita na terra como no céu. Assim reinará o Cristo como vice-regente do Pai até que tenha subjugado toda autoridade e poder antagônicos e feito com que todo joelho se dobre e toda língua confesse a Sabedoria, a Justiça, o Amor e o Poder de Deus, o Pai. E, finalmente, tendo manifestado, por meio da última prova crucial no fim do milênio, todos aqueles que nutrem sequer uma simpatia pelo pecado, ainda que externamente obedientes; e tendo destruído esses de

entre os povos (Apocalipse 20:9), ele entregará ao Pai o domínio vice-real. Assim, o Apóstolo expressa a questão:

"Ele deve reinar até que tenha subjugado todos os inimigos sob seus pés. O último inimigo a ser subjugado é a morte [adâmica]. Então chegará o fim [de seu reinado; tendo este cumprido seu objetivo], quando ele [Cristo] tiver entregue o Reino a Deus, o Pai; quando ele [Cristo] tiver derrubado todo governo [oposto], toda autoridade e todo poder. Quando todas as coisas lhe forem submetidas
a ele [o Pai], então também o próprio Filho se sujeitará a ele [o Pai], que sujeitou todas as coisas a ele [pelos mil anos]." – 1 Cor. 15:24-28.

A vontade de Deus deixará de ser feita na terra como no céu quando o Reino Milenar de Cristo chegar ao fim? Oh, não! Muito pelo contrário, essa condição só será alcançada então, como resultado do reinado de Cristo. Nessa época, todos os homens não apenas serão perfeitos, como Adão era quando foi criado (tendo os pecadores obstinados sido destruídos), mas, além disso, terão conhecimento da bondade da justiça e da extrema pecaminosidade e nocividade do pecado; e terão passado com sucesso por sua provação e demonstrado que formaram, de maneira plena e definitiva, caracteres em total harmonia e semelhança com o caráter divino.

O Reino de Deus estará então entre os homens como agora está no céu entre os anjos; as características especiais do Reino mediador de Cristo, com suas provisões de misericórdia, sob a Nova Aliança, para as fraquezas dos pecadores, chegarão ao fim; serão desnecessárias, pois não haverá mais seres fracos e imperfeitos para se beneficiarem delas.

Podemos facilmente supor, no entanto, que mesmo quando todos forem perfeitos e à imagem de Deus, a ordem ainda será mantida; pois, assim como "a ordem é a primeira lei do céu" – assim também deve ser

a primeira lei da Terra. E isso implicará em principados e potestades justos. Lá, haverá a primeira República totalmente bem-sucedida. As tentativas atuais de reconhecer cada homem como um rei, e igual a todos os outros homens, e o representante escolhido ou presidente como um servo de seus colegas reis, em vez de um senhor, revelaram-se fracassos em graus variados; porque os homens não são iguais mentalmente, fisicamente e moralmente, nem em aspectos financeiros e outros; e porque nenhum é realmente apto a ser soberano, mas, devido às fraquezas, todos agora precisam estar sujeitos a leis e restrições.

Mas quando o que é perfeito tiver sido alcançado para a humanidade, por meio do Reino Mediador, todos serão reis, como Adão era antes de pecar. E a esses reis, em união, será entregue o Reino de Deus pós-milenar; e todos reinarão harmoniosamente sob a lei do Amor, e seu presidente os servirá e representará. Ó Senhor, oramos: Venha o Teu Reino! Pela causa dos Teus santos atuais e pela causa do mundo.

ESTUDO XIV

O ESCADOTE DE JEOVÁ GLORIFICADO

O escabelo de Deus profanado e abandonado por causa do pecado – O renascimento prometido de sua glória – A posse adquirida a ser restaurada – Sua joia mais resplandecente – O restabelecimento dos pés de Jeová "no Monte das Oliveiras" – As bênçãos resultantes – O escabelo finalmente glorioso de fato.

"Assim diz Jeová: O céu é o meu trono, e a terra é o escabelo dos meus pés." "E farei glorioso o lugar [escabelo] dos meus pés." "E os pés dele [de Jeová] estarão naquele dia sobre o Monte das Oliveiras." – Isaías 60:13; 66:1; Zacarias 14:4; Mateus 5:35; Atos 7:49.

O escabelo de DEUS tem sido tudo menos glorioso nos últimos seis mil anos: pecado, dor, choro, sofrimento mental e físico e morte transformaram-no em um vasto ossuário no qual, segundo estimativas conservadoras, pelo menos cinquenta bilhões de seres humanos aguardam a chegada do tempo em que a maldição da justiça divina será levantada; e a luz do favor divino, resplandecendo no rosto de Jesus Cristo, nosso Senhor, surgirá como o Sol da Justiça –

> "Afaste as sombras sombrias do pecado, Ilumine a escuridão com raios curativos."

Para esse fim, Deus providenciou abundantemente. O *resgate* por Adão e por todos os que sofreram perda por causa dele, como seus filhos, comprou o mundo inteiro e garantiu a cada membro de nossa raça uma oportunidade de provação para a vida eterna em condições favoráveis; mas fez mais do que isso: comprou

o lar paradisíaco de Adão (perdido por sua transgressão) e seu domínio como rei da Terra, representante de Deus, seu Criador e Pai.

Por isso lemos: "E tu, ó Torre do rebanho [Cristo], fortaleza da filha de Sião, a ti virá o *primeiro domínio*." (Miqueias 4:8) O apóstolo Paulo também fala da "redenção da *herança* adquirida". (Ef 1:14) Nosso Senhor, em uma de suas parábolas, referiu-se a isso também, mostrando que ele resgatou não apenas a humanidade, o tesouro, mas também o campo, o mundo, a Terra, tirando-a da maldição; e que todos os que se unirem a ele, como membros da classe do Reino, participam dessa aquisição do campo e do tesouro. – Mateus 13:44.

Toda a obra do milênio consistirá em reorganizar e tornar glorioso o escabelo de Deus. O Paraíso, quando perdido por causa do pecado, era apenas um "jardim" em um canto da terra; mas, visto que a raça de Adão se multiplicou para encher a terra, de acordo com a intenção divina (Gên. 1:28), e visto que todos foram redimidos, será necessário providenciar um Paraíso suficientemente grande para acomodar a todos: e isso implicará que toda a terra se tornará como o Jardim do Éden em termos de fecundidade, beleza e perfeição. E tudo isso está prometido como a grandiosa consumação futura do plano divino. – Atos 3:20, 21; Apocalipse 2:7; 2 Coríntios 12:4.

Mas a joia mais preciosa do escabelo glorificado do Senhor no final do milênio será a humanidade, em cuja perfeição, liberdade e semelhança com Deus, em graças morais e intelectuais, se refletirá a própria imagem da Divindade. E, de maneira gloriosa, o homem perfeito refletirá honra sobre seu Criador e seu maravilhoso plano para sua criação, redenção e restauração. E a esse maravilhoso plano estarão sempre intimamente identificados, em primeiro lugar, o Senhor Jesus, a "Palavra" de Jeová, e, em segundo lugar, a Noiva,

a esposa do Cordeiro e o co-herdeiro na distribuição das bênçãos garantidas pelo resgate.

Esse embelezamento e glorificação do "escabelo" do Senhor — não será *concluído* até que nosso Senhor Jesus, como agente honrado do Pai, "tenha subjugado todo domínio [contraditório], toda autoridade e todo poder. Pois ele deve reinar até que tenha subjugado todos os inimigos sob seus pés", antes de entregar o Reino no final do milênio. – 1 Cor. 15:24-28.

O período do reinado do Pecado e da Morte é representado como o tempo em que Deus "não se lembrou do seu *escabelo* no dia da sua ira" — (Lm 2:1); mas, após o início do milênio, o povo é profeticamente exortado a — "Exaltem o Senhor, nosso Deus, e adorem diante do seu *escabelo*, pois ele é digno." (Sl 99:5) E essa
pensamento, de que o estabelecimento da Nova Jerusalém, a Igreja de Deus glorificada, como o novo governo na Terra, significará o início da restauração do favor divino ao estrado de Jeová, é claramente exposto pelo profeta Zacarias (14:4, 5).

Os pés de Jeová no Monte das Oliveiras

Essa profecia é geralmente mal interpretada e aplicada aos pés de nosso Senhor Jesus, em sua segunda vinda; e, de fato, aqueles que assim se enganam geralmente vão além e afirmam que serão os pés de carne, perfurados pelos pregos do Calvário — sem perceber que nosso Senhor entregou sua natureza humana, completa e para sempre, como nosso resgate; e que ele ressuscitou dentre os mortos, pelo poder do Pai, como um espírito glorioso — "a imagem expressa da pessoa do Pai".*

Mas uma rápida olhada no versículo anterior (3) mostra que a referência do Profeta é ao retorno dos pés de Jeová; pois o

*Ver Vol. II, Cap. 5.

A declaração (referindo-se à tribulação pela qual o Reino será estabelecido) é: "Então *Jeová* sairá e lutará contra essas nações, como quando lutou no dia da batalha [nos tempos antigos por Israel]. E *seus pés* se firmarão naquele dia sobre o Monte das Oliveiras, que fica a leste de Jerusalém. E o Monte das Oliveiras se dividirá no meio, de leste a oeste, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se deslocará para o norte e a outra metade para o sul."

Assim que alguém reconhecer que os pés mencionados são os pés de Jeová, não contestará que essa linguagem é simbólica e se refere ao restabelecimento, pelo Senhor, de seu domínio na Terra, que há muito tempo vem sendo comparativamente abandonada ao "deus deste mundo", Satanás — exceto na medida em que o Senhor foi representado, em primeiro lugar, pelo Tabernáculo típico; em segundo lugar, pelo Templo em Jerusalém; e, por fim, pela atual condição de tabernáculo da Igreja de Cristo, durante a era evangélica. Certamente, ninguém se enganará a ponto de pensar que Jeová literalmente repousa seus pés sobre esta terra como um "escabelo".

E se o ato de Jeová colocar e repousar seus "pés" é simbólico e significa o retorno do favor e do domínio divinos à Terra, então, podemos ter certeza de que outros elementos relacionados à mesma profecia também são simbólicos: o Monte das Oliveiras, sua divisão peculiar, seu vale, a fuga do povo, as águas da vida de Jerusalém (Compare o versículo 8 com Ez. 47:1-9.), etc., são todas declarações simbólicas — imagens de grandiosas verdades espirituais.

A *oliveira* é um símbolo repleto de significado: nos tempos antigos, era a fonte de luz artificial, sendo seu óleo geralmente utilizado para esse fim. (Êxodo 27:20) De fato, em hebraico, a oliveira era chamada *de shemen,* ou árvore do óleo. O azeite de oliva também era usado como base de muitos dos preciosos unguentos da antiguidade — tais como o utilizado na unção dos sacerdotes e reis, simbolizando o espírito santo sobre o "sacerdócio real" antitípico. (Êxodo

30:24) E, desde tempos imemoriais, o ramo de oliveira tem sido usado como símbolo de paz. – Gên. 8:11; Ne. 8:15.

Se, portanto, a oliveira é o símbolo da *luz*, *da paz* e *da bênção divina* por meio do espírito santo, e se uma montanha é considerada, como em outros lugares, o símbolo de um Reino, o significado aqui do termo Monte das Oliveiras é facilmente percebido como sendo — o Reino da Luz, da Paz e da Bênção Divina. E o fato de Jeová "pilar os pés nele" significa que o favor e a lei divinos serão
serão restabelecidos na Terra por meio do santo Reino.

Essa aplicação do termo "Monte das Oliveiras" está em total concordância com a declaração do apóstolo (Rom. 11:17, 24), na qual ele compara o Israel carnal à oliveira cultivada original e os convertidos gentios aos ramos de oliveira selvagem enxertados no lugar onde os ramos naturais haviam sido quebrados. (Compare Jer. 11:16, 17.) E ele explica que a raiz da árvore está na promessa de Deus — a promessa a Abraão, de que a semente de Abraão acabaria por abençoar todas as famílias da Terra, etc. Por fim, a mesma raiz ou promessa dará dois tipos de ramos — os ramos de oliveira brava enxertados e os ramos naturais reenxertados: quando o Israel carnal tiver sua cegueira removida e olhar com os olhos da fé para o Salvador crucificado e traspassado há dezoito séculos — um sacrifício pelo pecado. Lembramos também que o Israel carnal foi, por muito tempo, o Reino típico de Deus ou a montanha, e que o Israel espiritual da era evangélica é chamado a ser o verdadeiro Reino de Deus, conforme declarou nosso Senhor: "Não temais, pequeno rebanho, pois é do agrado de vosso Pai dar-vos o Reino".

Além disso, desses *dois* Reinos (mesmo antes que *a glória* de Jeová repouse sobre eles, para torná-los seus canais de bênçãos para todo o mundo da humanidade) provém toda "a *luz* do mundo" durante toda a

escuridão do passado: pois não são estes os representantes do Antigo e do Novo Testamentos, da antiga e da nova aliança? Não correspondem estes às duas testemunhas do Senhor e às duas oliveiras de Zacarias (4:3, 11, 12), mencionadas distintamente também no Apocalipse (11:4)? — na medida em que essas duas partes do monte simbolizam o desfecho dessas alianças, os resultados do testemunho — o Reino em suas fases celestial e terrena?

Vemos aqui, então, que as *duas metades* do Monte das Oliveiras significam as *duas partes* do Reino de Deus, distintamente separadas de acordo com uma ordem ou disposição divina. A separação não indica oposição entre as duas partes do Reino. Pelo contrário, tem como objetivo criar o "Vale da Bênção" entre elas — para o qual todos os que desejam ajuda divina possam refugiar-se e encontrar socorro sob a proteção abençoada tanto da fase celestial quanto da fase terrena do Reino.

O profeta Davi (Salmo 84) parece ter recebido uma visão antecipada desse grande "Vale das Bênçãos", próximo aos "pés, -- quando canta, primeiro, sobre os santos da era evangélica e depois daqueles abençoados na era seguinte, dizendo:

"Quão amáveis são as tuas moradas, ó
Jeová dos Exércitos!
Minha alma ansiava, sim, até desfalecia
pelos átrios de Jeová.
Meu coração e minha carne exultam de
alegria perante o Deus vivo.
Assim como o pardal encontrou uma casa, e a
andorinha um ninho para si,
onde possa criar seus filhotes: (assim eu encontrei) teus altares, ó
Senhor dos Exércitos.
Meu Deus, meu Rei. Felizes são aqueles que habitam na tua casa; eles
te louvarão continuamente. Selá.

"Feliz é o homem cuja firme confiança está em ti,
cujo coração se concentra (inteiramente) nos caminhos da (retidão).
Ao passar pelo vale do luto,

eles o transformam em um lugar de fontes de
(alegria) – [Vale das Bênçãos].
A chuva de outono lhes traz bênçãos [Joel 2:28]: Eles
vão de força em força
Para que cada um deles seja apresentado
(perfeito) Diante de Deus em Sião."

O Salmo 85 também retrata o retorno da clemência e da bênção divinas sob o Reino Milenar – a Montanha da Oliveira (Reino) de duas partes.

A remoção de uma parte da montanha para o norte e da outra para o sul é significativa; o norte é a direção do aglomerado das Plêiades, o centro celestial do universo, a suposta sede do império divino.* Isso parece indicar a "mudança" da Igreja do Evangelho neste momento, de condições humanas para condições do espírito, como "participantes da natureza divina"; e a remoção da outra metade da montanha parece significar a restauração completa, às condições humanas perfeitas, daqueles antigos dignos considerados aptos a constituir os representantes terrestres do Reino de Deus.

O vale assim formado seria repleto de luz — livre de sombras: pois o sol o atravessaria de leste a oeste. Isso simboliza o Sol da Justiça e sua luz plena de verdade divina e bênção, dissipando as sombras do pecado, da ignorância, da superstição e da morte, e curando e restaurando os dispostos e obedientes da humanidade que fugirão para este vale de bênçãos, o vale da misericórdia.** O vale da misericórdia, *situado entre* e sob os cuidados das fases espiritual e humana do Reino da Luz e da Paz (o estabelecimento dos pés de Jeová), será certamente um "Vale das Bênçãos" para todos os que nele entrarem com corações quebrantados e contritos.

Devemos lembrar, além disso, que, embora seja apenas para

Israel

*Ver Vol. III, p. 327.
**A palavra hebraica que significa *misericórdia* é *elaios* e deriva de *elaia,* que significa *azeitona*.

que está escrito: "Fugireis para o vale das montanhas" — no entanto, como nome, Israel significava "O povo abençoado pelo Senhor" — "O povo de Deus" — "O povo do Senhor" — (2 Crôn. 7:14) E embora, como vimos, a primeira bênção — a espiritual — do Reino venha para o Israel espiritual, e a segunda — a terrena — comece com o Israel segundo a carne, isso não se deterá por aí; pois quem quiser poderá tornar-se israelita: ao exercer a fé e a obediência de Abraão, toda a humanidade poderá tornar-se verdadeiramente israelita — "o povo de Deus". E, por isso, o profeta Isaías declara que, quando Israel for chamado de volta ao favor divino, no estabelecimento do Reino, isso incluirá *"todo aquele que é chamado pelo meu [de Jeová] nome*; pois eu o criei para a minha glória; eu o formei, sim, eu o fiz." (O nome Israel se aplicará então a todos
que são o povo de Deus.) – Isaías 43:7; Romanos 9:26, 33; 10:13.

"E [assim] Jeová, meu Deus, entrará, e todos os santos estarão [assim] [unidos] a ele. (Zac. 14:5)
Quando o tempo de Deus tiver chegado plenamente, quando o prazo do poder concedido aos gentios tiver expirado, quando o sacrifício do grande Dia da Expiação (a era evangélica) tiver cessado, quando o Sumo Sacerdote tiver concluído a expiação, não apenas por seu próprio "corpo", a Igreja, mas também por sua "casa" e por "todo o povo", e ele vier a abençoar todo o povo, então a maldição de Jeová, ou sentença de morte, será retirada da terra, seu tabernáculo, o escabelo de seus pés, será novamente reconhecido, e seu embelezamento em justiça e verdade e no espírito santo do amor terá início e progredirá, até que, no fim do milênio, todos os justos por vontade própria tenham alcançado a perfeição, ou tenham sido reunidos com Jeová, e todos os que não quiserem tenham sido destruídos.– Atos 3:23; Apocalipse 20:9.

Levando a imagem adiante, o Profeta declara, a respeito daquele dia em que, gradualmente, a terra será tornada gloriosa como o escabelo de Jeová:

"E acontecerá naquele dia que a luz não será brilhante nem a escuridão densa; mas o dia será aquele de antemão conhecido pelo Senhor — nem dia inteiro nem noite: mas acontecerá que, ao seu fim [à noite], haverá luz [clara]." — Zac. 14:6, 7.

Alguns confundiram o "dia" aqui descrito com o "dia da Vingança", que é "um dia de nuvens e trevas densas, sem luz alguma" (Joel 2:2; Sofonias 1:15), e os tradutores, ao que parece, em geral tentaram harmonizar as traduções. Mas não é assim; o dia aqui referido por Zacarias como apenas parcialmente claro é o Dia milenar, embora nele o Sol da Justiça surja e brilhe, para dissipar o miasma de pecado, superstição e morte da Terra. No entanto, será apenas parcialmente claro, porque estará, durante todo o tempo, lidando com geração após geração da raça caída, trazida do túmulo e em vários estágios de restauração rumo à perfeição. Mas quão revigorante é ter a certeza de que, naquele dia do restabelecimento dos pés de Jeová sobre o seu escabelo, não haverá mais "escuridão densa"; e que, ao final desse Dia Milenar, em vez de ficar mais escuro, o mundo terá apenas atingido o meio-dia de sua "luz do conhecimento de Jeová"; e que seu sol nunca se porá.

A referência aos rios de águas vivas que fluem de Jerusalém, durante esse Dia Milenar do restabelecimento dos pés de Jeová sobre o seu escabelo (Zac. 14:8, 9), nos lembra do testemunho correspondente de Ezequiel (47:1-12) e do Apocalipse de João (22:1, 2), que, sob esse mesmo símbolo das águas vivas que procedem do trono do Reino Milenar, nos mostram as bênçãos da restauração sob os símbolos das "águas da vida", às quais quem quiser pode vir e beber livremente, e das árvores frutíferas da vida eterna, cujas folhas curarão os povos arrependidos da Terra de todas as imperfeições.

Ah, sim! "Naquele dia, o Senhor será Rei sobre toda a terra"; seu Reino terá chegado, conforme seus fiéis há muito oravam; e, ao fim daquele dia, sua vontade será feita na terra assim como é feita no céu. O escabelo de Deus será então verdadeiramente glorioso, como está escrito:

"Tão verdadeiro quanto eu vivo, toda a Terra será preenchida com a glória de Jeová." – Nm 14,21; Is 11,9; Hb 2,14.

"Não haverá lugar naquela nova terra
para tudo o que corrompe este
universo;
Nenhum mal manchará o segundo
nascimento — não haverá mais
maldição.
Vós, de coração quebrantado, cessai
vossos lamentos; O dia da promessa
amanhece para vós;
Pois aquele que está sentado no trono
diz: 'Farei novas todas as coisas'.

"Lamentamos os mortos, mas eles despertarão!
Os perdidos, mas serão restaurados!
Ó! Como nossos corações humanos
poderiam se partir sem essa palavra
sagrada!
Olhos ofuscados, ergam-se! Corações
tristes, regozijem-se! Vendo o arco da
promessa de Deus,
Ao som daquela voz profética:
'Farei novas todas as coisas'."----

ÍNDICE DE CITAÇÕES BÍBLICAS
DE
ESTUDOS BÍBLICOS, SÉRIE IV

Gênesis
1:28 648
6:3 604
8:11 651
10:2-7 556
11:9 26
19h17 607
25:30-34 14
28:10-12 629
36:1 14

Exodo
12:31-36 554
15:3 549
23:2 524
27:20 650
30:24 651

Levítico
25:9 617

NUMEROS
14h21 656
20:18,20,21 14

DEUTERONOMIO
8:18 426
18:15 637
32:35 ..... 73.549

Josué
10:10-15 555

Juizes
7:19-23 ..... p.i

1º Samuel
31:1-6 ..... p.i

2º Samuel
5:19-25 555

1º Reis
8:56 616
18:21, 22 190

2º Reis
9:30-37 ..... p.i

1º Crônicas
14:10-17 555

2º Crônicas
7:14 654
35:22-25 ..... p.i

NEEMIAS
8:15 651

Salmos
2:1-5 ..... 52.239
2:5,6 631
2:12 ix
2:8 12
2:10-12 52
11:3-7 541
17:6, 8 29
24:3,4 582
24:8 549
25:14 612
34:14-16 68
45:3 549
45:16 625
46 ..... 46.158
46:1,2 ..... 551.596
46:3 45
46:10 637
50:1,4,7,16-22 ... 75
51:10 450
82:1-4 53
82:5 ..... 55.542
84 652
85 653
91 .. 43, 66, 158, 242
91:1,14-16 158
91:7 592
96:13 519
97:2-6 551
97:8 158
98:1 18
99:5 649
110:3 632
118:18-27 639
119:105 617
132:13-16 158
149:8,9 624
149:9 633

Eclesiastes
1:4 iv

Provérbios
8:14-21, 35, 36 .. 638
9:10 639

ISAIAS
2:2-4 629
2:3 620
2:17-21 148
2:19 55
8:9,10 239
8:12 ..... 481.610
8:20 66
11:1-5 634
11:3 519
11:4 ..... 18.549
11:9 ..... 633.656
13:1,2 40
13:1-13 22
13:4 528
13:11,12 149
13:12 45
13h19 24
14:4 24
14:4-7 473
21:9,11 544
21:12 ..273.544.608
24:19,20 558
24:19-21 551
26:9 519
26:13,14 370
28:2 529
28:12, 13, 21, 22, 273
28:17 ..... 22.536.632
28:20 608
28:21 ..... 548.555
28:22 ..... 272, 548
29:13 64
29:14 ..173.239.473
29:18-20 519
30:26 519
32:1-8 633
33:14 23
34:1 13,20
34:2 ..... 13, 20, 70
34:4 ..... 551, 552
34:6 17
34:7 20
34:8 ..... 11, 9, 20
35:8 635
42:13,14 549
43:7 654
47:1-9 42
56:11 ..... 61, 62
59:18 39
59:19,20 558
60:1-6, 11-20 638
60:13 647

61:3 30
63:1-6 14
63:4 11,19
65:17 558
65:20 ..... 6po43
65:20-25 633
66:1 647
66:8 638

JEREMIAS
3:17 615
6:14 238
6:13-15 156
7:9 24
8:20 578
8:22 469
10h10 13
11:16,17 651
16:14-17,21 553
19:5 24
25:26-38 527
25:31 20
25:31-33 13
30:7 554
49:17 14
50:46 28
51:1-3,6,24 39
51:1, 6, 8, 9, 45 43
51:7-9 469
51:9 543
51:24-26, 42, 63, 64.37
51:44,58 40
51:49 28
51:61-64 111

Lamentações
2:1 649

Ezequiel
7:12-18, 19, 21, 25-27 45
7:13-24 550
7:17-19 148
7:19 ..... 274.329
7:19 473
16:49,50 295
16:61 638
21:27 12
22:4 72
34:2-16 62
38 554
38:1-17 556
38:18-20 556
38:8-12 553
38:11-13,15,16 555
38:18 556
38:21,29 557
39:20 556
39:21-29 557
47:1-9 650
47:1-12 655

DANIEL
2:35 642
2:44,45 ..... 429.623
5:25 42,76
7:1-8 vi
7:22,27 429
7:26 37
7:27 ..... 12.618
9h27 571
11h31 571
11h32-35 31
12:1 ..... iii, xv
12:1 11.540.548.579
12:1-4 414
12:3 594
12:4 ..... ,312
12:9,10 606
12:11 571

Oseias
4:1-3 19

Joel
2:1 ..... 241.540
2:2 ..... 11.540.655
2:2-11 544
2:10 ..... 545.593
2:11 ..... 543.549
2:28 ..... 518.639.653
2:29 566
3:9-11 142
3:10 141

Amós
3:2 190
5:20 11
6:1 23
8:4-8 308

Miqueias
4:1,2 615
4:1-4 629
4:8 648
6:1,2 ..... 20.186
7:15 556

Naum
1:3 238
1:3,6,7 528
1:4,5,8 528
1:6,7,9 558
1:9,10 552
1:10 267

Habacuque
2:14 ..... 195.656

Sofonias
1:15 655
1:18 ..... 329.385.473
2:2,3 540
2:3 68
3:8 ..... 13.28.528
3:8,9 13.269.370.519
3:9 ..... 13.519

AGEU
2:7 ..... 615.617
2:22 544

Zacarias
2:8 29
4:3,11,12 652
6:13 637
8:9-11 530
9:10 238
12:10-12 ..... 600.627
14:2,3 555
14:4,5 649
14:4 647
14:5 654
14:6-9 655
14:8 650

Malaquias
3:17 600
4:1 ..... 11.528.552
4:2 616

Mateus
1:17 603
3:7 603
5:4 30
5:5 633
5:35 647
7:21,22 632
7:22,23 170
8:11 619
10:26 541
10:37 268
11h11 625
11h12 620
11h16 603
12h34 603
12h41 603
12h41,42 72
13:16,17 ..... —
13:30 30,61,578,600
13:37-43 578
13:39 568
13h43 642
13h44 648
13h47-49 600
15:6 64
16:22 564
19:23,24 304
21:19,20 604
23:6-12 61
23:8,9 160
23:31,32 27
23:33,36 603
23:34-36 47
23:39 639
24 563

24:3 565
24:4,5..... 565
24:9-13 567
24:6-13 566
24:9-12,29 584
24:21 ..... iii, xv
24:14 .....169.567
24:15-22 570
24:17-18 574
24:19 575
24:20-22 578
24:21 ..... 11.540
24:22 ..... 11.558
24:23-25 580
24:26,27..... 581
24:28 .....583.610
24:29 583
24h30 .....598.599
24:31 600
24:31,32..... 72
24:32-35 602
24:35-36 606
24:36 605
24:37 296
24:37-39 606
24:40,41..... 609
24:42,43..... 611
24:44 612
24:45-51 613
24:48-51 614
25:1-5 .....588.590
25:1-13 ii
25:6 601
25:14-28 480
25:19 599
25:31-46 644
26:29 642
27:25 571
28:18 621

MARK

8:31,32..... 564
8:34,35..... 268
13 563
13:7-13 566
13:10 567
13:14-20 570
13:24,25..... 583
13:32,33..... 605

LUCAS

3:7 603
3:15 167
3:38 310
6:24,25..... 634
8:10 614
11:50,51.....47.603
12h15-20 273
12h32 543
12h37 .....599.612
12h42-46 613
12h48 72
13h28 .....619.625
14:26,27..... 268
16:8 603
16:16 620
17:20-37 563
17h21 602
17:26,28..... 296
17:26-29 606
17:30-33 607
17:34 608
17h35 609
17h37 610
18:7,8 ..... 39.592
19:12-24 480
19:15 599
19:22 157
21:5-36 563
21:9-19 566
21:20-24 569
21:22,25-27 113
21:24-26 584
21:25 13
21:25,26..... 596
21:26 413
21:36 46,68,481,578
24:44-46 598

JOÃO

1:9 238
1:51 629
3:5,8 618
3:19 238
5:28,29 640
5:44 61
7:15 626
7:39 618
7h48 65
9:4 .....273.544
10:11-14 62
11:47, 48, 53 164
12:48-50 66
14:19 600
19:27 480
20:30 598

Atos

2:44-47 474
3:19-21 558
3:20,21 648
3:21 311
3:22 637
3:22,23 630
3:23 520, 631, 643, 654
4:12 190
4:15-18 164
5:36-37 565
7:5 427
7h49 647
8:1,4 481
11:19 481
13,36 603
14:3 598
15:14-17 169
17:11..... 66, 67, 161
17:23-31 190
17:26..... 310
17:31..... 519

ROMANOS

1:16..... 188.232
1:18-32 68
2:24..... 71
3:1,2..... 71
4:18-21 616
6:2-8 476
8:17.....624
8:17,18.....618
8:19,22.....424
8:19-23 376
8:23.....516
9:8.....22
9:26,33.....654
9:28.....272
9:29-33 557
9:31-33 625
10:13.....654
11:7, 23, 25-32 625
11:17,24.....651
11:25-32 558
12:1.....522
12h19..... 73.549
13:1.....77

1º CORÍNTIOS

1:24.....567
1:26.....515
2:6-10 190
2:12,14.....577
3:1..... 17
6:2.....519.618.633
9:27.....476
10h18.....22
14h22.....598
15:24-26 617
15h24-28..... 645.649
15:42-46 618
15:50-54 618
15:51-53 600
16:2.....480

2º CORÍNTIOS

4:4..... 611
4:6.....238
10:3-5 542
10:4,5.....543
11:13.....594
12:12.....598
12:4.....648

GALATAS

1:8.....242
4:19.....575
5:16,17.....476
6:16.....22

Efésios
1:14 .....633.648
2:2 611
2:3 242
5:6-17 44
5:11 173
6:5-9 480
6:13 66
6:17 542

FILIPENSES
2:10,11..... 520

COLOSSENSES
1:13 620
1:26 603
2:16 579
2:20 476
3:3 476
3:22-25 306
4:1 306

1º Tessalonicenses
5:3 284
5:3,5,6..... 242
5:21 66

2º Tessalonicenses
2:3,7-10 31
2:7,8 32
2:10-12 .....217.581

1º TIMÓTEO
5:8 480
6:1 480
6:9 524
6:9,10..... 283

2º TIMÓTEO
1:7 .....326.534
2:19 158
3:17 190

Tito
2:13 517

HEBREUS
2:14 612
3:10 603
5:9 621
5:12 577
6:19 517
7:17 637
11:4-40 619
11:39,40..... 625
12:8 567,576
12:18-22,28 630
12:19 632
12:26 528
12h26,27..... 600
12h26-29 .....22.113
12:27 55
12:28 630

Tiago
1:25 307
2:5 516
4:4 183
4:13,15 480
5:1-6..... 11
5:1-9..... 392.411
5:3,5 274
5:5 301

1º Pedro
1:13 517
2:9 603

2º Pedro
1:19 ..... ,617
3:7 271
3:8-13.....iv
3:10 551
3:10,12 528
3:12 552
3:13 558

1º João
3:2 600

Judas
3..... 173
13..... 594

APOCALIPSE
1:1 v
2:2 594
2:7 648
2,20 ii
2:26 268
2:26,27 .... 12.296.624
2:27 ..... 12.429.518, 637.643
3:14-22 41
3:17 210
3:18 ..... 42.611
3:21 268
5:10 .....425.618
5:13 viii
6:14 .....258.551
6:15-17 45
6:17 582
7:9,14 268
7:14 17
7:14,15 578
8:7 35
11:3 258
11:4 652
11:8 608
11:15-18 601
11:17-18 ..... 579, 623, xvii
11:18.....643
12:1.....544, 591, 594
13:2..... vi
13:5.....x
13:7.....xi
13:8.....580
13:14-18 .....,581
14:13.....622
14:18-20 18,51
14:19,20..... 311
15:3.....526
16:13..... vi, xi
16:13-16 .....v,i
16:14.....22
16:14,18.....528
16:16.....xv
16h18..... 528.557
16h18-21.....557
16:18,19..... xv
16:19.....38
17:1-6 ..... 25, 27, 35
17:2.....265
17:2-6 35
17:3-6 43
17:5.....,23
17:5,6,18 35
17:6..... 25.584
17:16.....38
18 623
18:1-5 43
18:4..... 4.158.267.543, 574.600
18:5-7 38
18:7.....35,43
18:8..... 37, 39, 43
18:9-19 73
18:9, 11, 17-19 186
18:21..... 37, 111, 612
19:1,2.....40
19:2.....38
19:2-7 623
19:11.....549
19:11-16 17
19:15..... 18, 19, 296
20:2.....519
20:4.....52.263.618
20:6..... 425.618
20:7..... vii
20:7-9 520
20:7-10 644
20:9..... 645.654
20:12.....66
20:13.....640
21:1.....638
21:4.....644
21:9,10.....25
22:1,2.....655